

*Uma viagem maravilhosa através dos
mundois reais e fantásticos da Idade Média.*

Richard H. Rorty

*Uma reflexão sobre ser um frágil humano em
movimento por terras estranhas e exóticas.*

João Azeiteiro

UM GUIA DE



VIAGEM PELA



IDADE MÉDIA



*Uma viagem única pela mente medieval. Bale revela uma biblioteca inteira de
ideias, saberes e terríveis, e faz com eles um desfile vivo.* — *Marcus Pôr*

ANTHONY BALE



Índice

[Título](#)

[Conteúdo](#)

[Lista de Ilustrações](#)

[Prefácio](#)

[A rosa dos ventos de um marinheiro medieval](#)

[1. A forma do mundo em 1491: ou, um preâmbulo com Martin Behaim
Posso pagar isso em plapparts?](#)

[2. O Ponto de Partida, com Beatrice, Henry e Thomas
Encantos e prognósticos para viajantes cristãos](#)

[3. De Aachen a Bolzano
Uma conversa na hora de dormir entre dois viajantes](#)

[4. Uma estadia em Veneza e depois em direção a Roma
Delicie-se!](#)

[5. Através do Grande Mar: De Veneza a Chipre
Um poema sobre viagens marítimas](#)

[6. Um passeio a pé por Constantinopla
Alguns custos dos viajantes no Egito e na Terra Santa](#)

[7. Pela Terra Santa até a Babilônia
Como atravessar o deserto](#)

[8. Um passeio a pé por Jerusalém
Você pode repetir isso, por favor? Frases para viajantes](#)

[9. Um desvio para a Etiópia
Conselhos médicos para viajantes](#)

[10. Nas Rotas da Seda
As criaturas da Índia](#)

[11. Da Pérsia à Índia
Dicas para viajantes de negócios de Tana a Khanbaliq](#)

[12. Todos os caminhos levam a Khanbaliq
Comer fora na China Mongol](#)

[13. Visitando o Ocidente
Como encontrar a Fonte da Juventude](#)

[14. Um guia aproximado para os antípodas e o fim do mundo](#)

[15. Coda: Fim da Jornada](#)

[Fontes](#)

[Referências e leituras adicionais](#)

[Uma nota sobre citações](#)

[Uma nota sobre ilustrações](#)

[Agradecimentos](#)

[Índice Locorum](#)

[Índice Geral](#)

[Elogios para Um guia de viagem para a Idade Média](#)

[Direitos autorais](#)

Conteúdo

[*Lista de Ilustrações*](#)

[*Prefácio*](#)

[*A rosa dos ventos de um marinheiro medieval*](#)

[1. A forma do mundo em 1491; ou, um preâmbulo com Martin Behaim](#)

[*Posso pagar isso em plapparts?*](#)

[2. O Ponto de Partida, com Beatrice, Henry e Thomas](#)

[*Encantos e prognósticos para viajantes cristãos*](#)

[3. De Aachen a Bolzano](#)

[*Uma conversa na hora de dormir entre dois viajantes*](#)

[4. Uma estadia em Veneza e depois em direção a Roma](#)

[*Delicie-se!*](#)

[5. Através do Grande Mar: De Veneza a Chipre](#)

[*Um poema sobre viagens marítimas*](#)

[6. Um passeio a pé por Constantinopla](#)

[*Alguns custos dos viajantes no Egito e na Terra Santa*](#)

[7. Pela Terra Santa até a Babilônia](#)

[*Como atravessar o deserto*](#)

[8. Um passeio a pé por Jerusalém](#)

[*Você pode repetir isso, por favor? Frases para viajantes*](#)

[9. Um desvio para a Etiópia](#)

[*Conselhos médicos para viajantes e*](#)

[10. Nas Rotas da Seda](#)

[*As criaturas da Índia*](#)

[11. Da Pérsia à Índia](#)

[*Dicas para viajantes de negócios de Tana a Khanbaliq*](#)

[12. Todos os caminhos levam a Khanbaliq](#)

[*Comer fora na China Mongol*](#)

[13. Visitando o Ocidente](#)

[*Como encontrar a Fonte da Juventude*](#)

[14. Um guia aproximado para os antípodas e o fim do mundo](#)

[15. Coda: Fim da Jornada](#)

[*Fontes*](#)

[*Referências e leituras adicionais*](#)

[*Uma nota sobre citações*](#)

[*Uma nota sobre ilustrações*](#)

[*Agradecimentos*](#)

[*Índice Locorum*](#)

[*Índice Geral*](#)

Lista de Ilustrações

1. Uma rosa dos ventos
2. Globo de Behaim
3. O Menino Jesus, segurando o orbe do mundo
4. Catedral de Aachen
5. Emblemas dos peregrinos: Santa Úrsula e suas virgens; uma vulva ambulante
6. Os pilares de São Marcos e São Teodoro em Veneza
7. Constantinopla
8. Os animais da Terra Santa
9. A Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém
10. O poço frio da Etiópia e um ciápode
11. A mesquita quiosque no caravanseraï de Sultanhan
12. A deusa Varahi
13. O autômato e a fonte em Karakorum
14. Um mapa-múndi islâmico
15. Os homens que caminharam ao redor do mundo

Prefácio

Ao estudar a história e a cultura das viagens medievais, passei muitos anos vagando na companhia de viajantes do passado, pessoas que se moviam por um mundo aparentemente diferente. Por meio dos guias de viagem e relatos de pessoas medievais, pude acompanhar os aspectos práticos, os prazeres e os perigos de fazer uma viagem naquela época. Sentei-me em bibliotecas silenciosas em mosteiros e palácios, de Oxford a Istambul, lendo manuscritos medievais sobre as jornadas dos viajantes. E fiz as malas e segui os itinerários dos viajantes medievais pelas ruas e igrejas de Roma e Jerusalém. Fiquei encharcado na chuva de Aachen e Ulm e me perdi à noite em Pequim. Lutei contra intoxicação alimentar, suei de exaustão pelo calor, entrei em pânico por causa de uma picada de carrapato e trabalhei com o coronavírus em lugares que mal conheço. Senti-me abandonado e desanimado ao perder o último barco de um atol nas Maldivas. Paguei taxas e sobretaxas, cheguei a portos durante greves, tive inúmeros planos alterados de última hora e tive que comprar várias autorizações, documentos e certificados para viajar.

Neste livro, tomo guias de viagem medievais e relatos de viajantes como minhas fontes. O leitor encontrará uma ampla gama de viajantes medievais, que entram e saem das páginas seguintes; como as pessoas que encontramos quando viajamos, eles podem causar uma impressão, mas não permanecer por muito tempo. No que se segue, evoco o mundo como as pessoas medievais pensavam sobre ele, evocando locais sobre os quais se escrevia com frequência, mas nem sempre se visitava. Os viajantes que encontramos podem nem sempre ser simpáticos aos nossos gostos, mas isso geralmente é verdade para aqueles que encontramos quando estamos na estrada.

No imaginário cristão europeu, a noção de viajar pelo mundo era fundamental. Vemos isso refletido nos *mappae mundi* (mapas-múndi) feitos em claustros de catedrais, em peregrinações a santuários de santos, na ideia da busca da alma pelas Jerusalém Terrena e Celestial e na virada dos primeiros globos. Viajar é expor-se a novos conhecimentos, e ainda assim viajar torna soberana a perspectiva do viajante. Muitas vezes ansiamos por viagens e terras distantes quando estamos em casa, e é em casa que os prazeres e recompensas da viagem parecem mais aparentes. Viajar é infinitamente sedutor, mas a realidade raramente pode corresponder às histórias que contamos sobre os lugares.

Escrever sobre viagens na Idade Média cruza gêneros: autobiografia, escrita sobre a natureza, enciclopedismo, confissão, história, diário, etnografia e muito mais. Essas obras também costumam ter uma dose de autoestima e contêm mal-entendidos, incluindo criaturas fantásticas (formigas do tamanho de cachorros, mulheres com joias nos olhos, grifos — metade águia, metade leão — fortes o suficiente para carregar um cavalo) e lugares (a Fonte da Juventude, a Ilha das Amazonas, até mesmo o próprio Paraíso Terrestre) dos quais se ouvia falar, mas nunca se via ou visitava. Viajar, na Idade Média, era transitar entre a verdade e a ficção. Além desses elementos, os relatos de viagem são necessariamente altamente subjetivos, em parte porque as viagens geralmente envolvem

encontros com o sem precedentes e em parte porque os autores vêm com todos os erros e retratos negativos de outros legados por suas suposições culturais e individuais.

Viagem, como fenômeno cultural, é imbuída de muito mais do que movimento pelo espaço. O termo "viajante" pode abranger qualquer pessoa em movimento: um viajante, um vagabundo, uma pessoa transitória ou um peregrino. Migração forçada; expulsão de uma cidade ou país; ser mandado em uma jornada para um empregador; recrutado para uma batalha distante: tais coisas são movimento ou mobilidade, não viagem. Viajar geralmente envolve um senso de lugar e envolve uma viagem proposital ou escolhida, um encontro com a diferença que é desejado, mobilidade que é voluntária ou considerada. Viajar é fazer uma jornada da qual se planeja ou espera retornar para casa, escolher se desenraizar (temporariamente) do próprio mundo, desejar algum tipo de conhecimento da jornada.

O *Codex Calixtinus* (c. 1138–45) é um dos primeiros guias de viagem identificáveis, uma antologia de conselhos para peregrinos a Santiago de Compostela: quais relíquias o peregrino deve visitar, onde encontrarão água doce, como evitar vespas e moscas, como rezar corretamente nos santuários dos santos. Guias de viagem escritos estavam bem estabelecidos em Europa por volta de 1200, e conforme a peregrinação se tornou generalizada, a partir de cerca de 1350 o gênero (às vezes chamado de *Ars apodemica*, o gênero da literatura de conselhos de viagem) se tornou uma forma dominante de escrever sobre o eu inquisitivo. A escrita de viagem medieval foi um dos lugares onde o "eu" do narrador emergiu, onde a curiosidade sobre o mundo foi formada em histórias sobre lugares observados e experiências individuais. A escrita de viagem não era, na Idade Média, um gênero estabelecido; em vez disso, surgiu hesitantemente ao lado da crescente prática de viagem, mas era principalmente dirigida àqueles que não viajavam ou não podiam viajar. Os textos de viagem eram para aqueles que tinham apetite pelo exótico e anômalo, por cantos distantes e não visitáveis do mundo.

As viagens são frequentemente veículos para intensa autorreflexão ou, como o escritor de viagens Alain de Botton as chama, "as parteiras do pensamento". Por um lado, os pensamentos são fomentados nas conversas internas que vêm à mente enquanto nos sentamos em uma carruagem ou um barco, no tempo de espera introspectivo da viagem, os longos momentos suspensos entre a partida e a chegada. Por outro lado, a viagem estimula o pensamento por meio dos encontros que desfrutamos, ou sofremos, que nos desafiam em sua novidade e estranheza, sua falta de familiaridade. Nos capítulos seguintes, viajaremos pelo mundo medieval, vendo os valores, prazeres, medos e desejos enraizados na viagem. Veremos o desenvolvimento intelectual e espiritual oferecido pela viagem e como as pessoas responderam ao estímulo familiar para escrever e registrar suas viagens para as gerações futuras considerarem.

Mesmo no século XXI, quando tantas pessoas frequentemente se aventuram em grandes distâncias – às vezes por necessidade, às vezes por desejo – viajar nunca é uma transação direta, mas geralmente dança entre excitação e exaustão. Além disso, todos os viajantes existem em relacionamentos desequilibrados com os lugares para os quais vão, por causa das diferenças na interdependência financeira, estruturas de racismo e exploração e incompreensão geral. Como Elizabeth Bishop escreve em seu poema 'Questions of Travel':

Continente, cidade; país, sociedade:
a escolha nunca é ampla e nunca é livre .

Levamos a nós mesmos, nossos valores e nossas exigências conosco, aonde quer que vamos, e eles nos limitam e constroem, mesmo quando buscamos a liberdade.

No que se segue, convido você a uma jornada pelas paisagens que aguardavam o viajante medieval. Às vezes, são lugares físicos, localizáveis, identificáveis, alguns visitáveis hoje e, às vezes, paisagens da mente. Eu transliterei principalmente nomes, incluindo nomes de lugares, de acordo com suas formas mais comuns. Dei nomes entre parênteses quando o nome medieval é significativamente diferente do moderno - por exemplo, o moderno Azov (Rússia) em oposição ao medieval Tana veneziano. Não padronizei algumas distâncias relatadas, dado que havia uma ampla gama de medidas de uma "milha". Espero que o leitor permita alguma inconsistência a esse respeito, à medida que viajamos por margens de poder e variedade mutáveis. Para os propósitos deste livro, recorri a fontes do "final da Idade Média", aproximadamente 1300-1500, um período de eflorescência dinâmica em tecnologias e culturas de viagem. Em particular, este foi um período em que a viagem se tornou profundamente conectada com a leitura e a escrita. Em outras palavras, uma *cultura* de viagem se desenvolveu junto com a história vivida das viagens.

Começando com um foco na cultura da Europa Ocidental, *A Travel Guide to the Middle Ages* então fragmenta, diversifica e cria raízes em todo o mundo como era conhecido pelos europeus medievais, da Inglaterra aos Antípodas. Não pretendo oferecer um itinerário completo do mundo medieval: poderíamos ter embarcado para outros destinos – para Compostela, Salamanca e Toledo, Novgorod e Samarcanda, Zanzibar e Grande Zimbábue – mas sempre é preciso escolher uma rota. No que se segue, como costumava ser o caso, uma peregrinação a Roma e Jerusalém dá lugar a uma viagem de curiosidade e exploração. Convido você a vagar pelo espaço e lugar, pelos escritos desses viajantes, que tanto perturbam quanto expandem noções de humanidade, experiência e conhecimento.

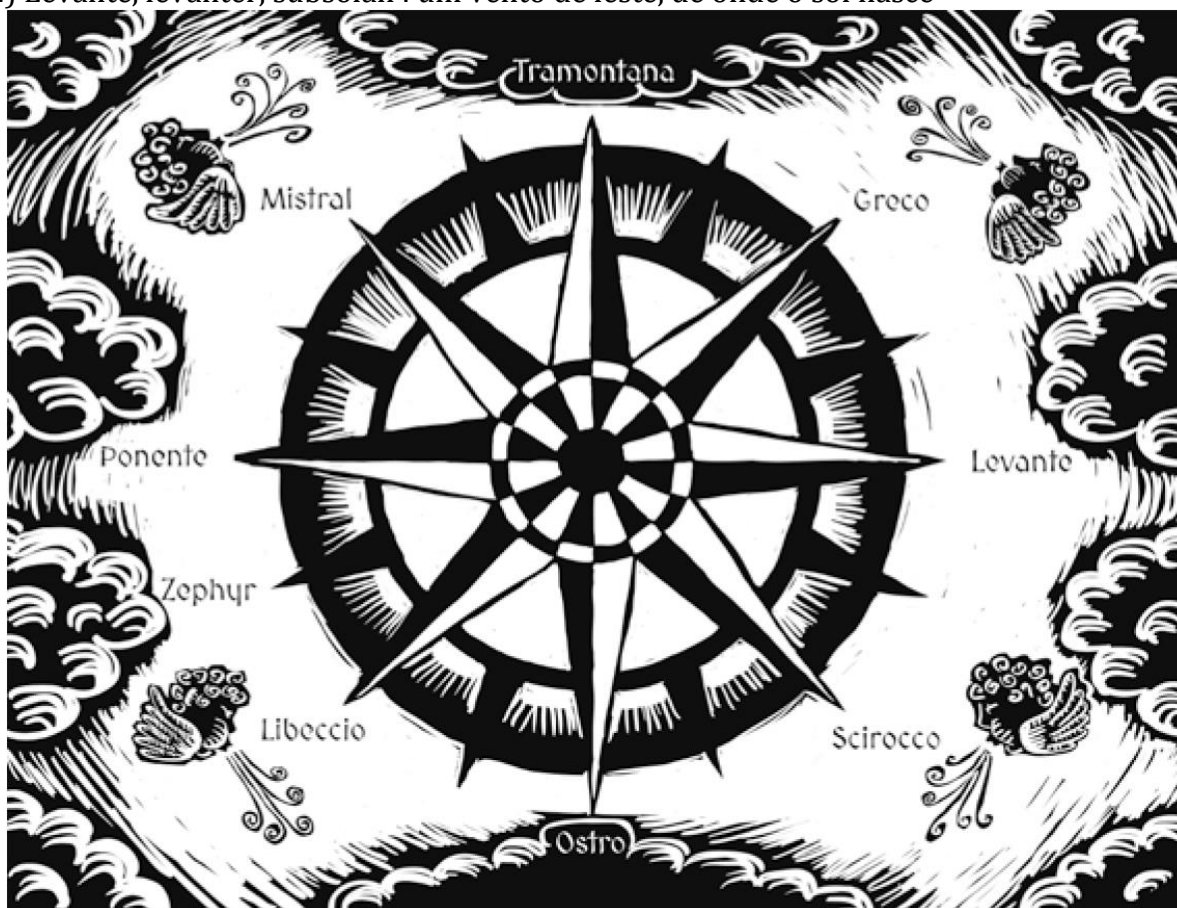
A rosa dos ventos de um marinheiro medieval

A rosa dos ventos se desenvolveu como uma espécie de bússola, para prever o clima e navegar corretamente no mar. Os nomes dos ventos eram geralmente dados a partir da posição do Mar Jônico, entre a Sicília e a Grécia, na encruzilhada da Europa marítima.

(N) Tramontana, tramontane : o vento norte, de além das montanhas

(NE) Greco, gregale : o forte vento nordeste, da Grécia

(E) Levante, levanter, subsolan : um vento de leste, de onde o sol nasce



(SE) Scirocco, sirocco, siroc : um vento quente e forte, soprando do norte da África

(S) Ostro, auster, mezzogiorno : o vento sul fraco, portador da chuva

(SW) Libeccio , garbino : o vento forte do sudoeste, da Líbia

(WSW) O zéfiro , um vento suave do oeste

(W) Ponente : o vento seco do oeste, de onde o sol se põe

(NW) Mistral, maestro : um vento forte e frio do noroeste que sopra do sul da França, seguindo a rota marítima principal de Veneza para a Grécia

1.

A forma do mundo em 1491; ou, um preâmbulo com Martin Behaim

Nuremberg

Vigas de ferro. Arcos de madeira. Baldes de papel de linho amassado. Um molde de argila. Tintas e tintas em muitas cores. As mãos e o suor de mestres artesãos – ferreiros, impressores e um fundidor de sinos. Destes materiais, uma esfera emerge, com cerca de dois pés de largura. É o ano de 1491, na cidade alemã de Nuremberg, e o trabalho está em andamento em uma magnífica e incomum peça de escultura.

Os artesãos estão industriosamente engajados em fazer um globo: um modelo do mundo inteiro como eles o conhecem. Seu trabalho é guiado por um mapa que foi impresso especialmente para esse propósito.

Uma vez que a esfera oca é concluída, ela é coberta com gesso branco, uma cola calcária. Tiras de pergaminho são colocadas na concha esférica. Então, um mapa-múndi, baseado no mapa impresso, é desenhado e pintado no globo por um ilustrador local ao longo de um período de quinze semanas. Tudo é pago pelo tesouro da cidade de Nuremberg, incluindo vinho e cerveja para jantares durante o processo de pintura. Uma vez concluído, o Globo é colocado em uma das salas de recepção da Rathaus de Nuremberg, a magnífica prefeitura gótica no centro da cidade, para o deleite e a edificação dos governantes da cidade. O Globo promete riquezas futuras, pois pretende identificar onde pedras preciosas, colheitas de pérolas, madeiras exóticas e as melhores especiarias podem ser encontradas: todo um mundo de comércio para o povo de Nuremberg explorar.

O responsável por esse laborioso empreendimento é Martin Behaim (1459–1507), um comerciante, viajante e navegador. Desde o final da década de 1480, ele é geógrafo da corte do rei português, João II (m. 1495). O rei João está ansioso para impulsionar o comércio de Portugal e seu império nascente no Atlântico, na África e no leste, e Behaim se vê como crucial para esta empreitada. De fato, Behaim é famoso em Nuremberg por ter, de acordo com sua própria ostentação, 'circunavegado um terço do mundo'.

O Globo de Behaim é uma das primeiras tentativas europeias sobreviventes de representar o mundo inteiro em um globo físico. Ele nos mostra como um grupo de viajantes, artesãos, acadêmicos e mercadores conceberam o mundo no início da década de 1490, na véspera do encontro da Europa com as Américas.

O Globo de Behaim, agora exposto no Museu Nacional Alemão em Nuremberg, parece um globo moderno. Ele é intrincadamente decorado em muitas cores, com países, rios, povos, nomes de lugares, montanhas, animais e texto elaborado. O Globo tem cerca de 2.000 nomes de lugares, com ilustrações e mais de cinquenta longas descrições, então é tanto uma escultura do planeta Terra quanto uma espécie de enciclopédia para ser lida. O Globo foi desgastado e escurecido com o tempo (e foi sujeito a várias restaurações desajeitadas). No começo é difícil distinguir o que está na superfície. Mas, conforme os

olhos se ajustam, continentes e ilhas e mares e pequenos desenhos surgem e se tornam vívidos: um mundo cheio de detalhes e destinos.



Martin Behaim nasceu em Nuremberg, e seu Globe é um produto daquele tempo e lugar em particular. Como Behaim supervisionava a fabricação do Globe, Nuremberg era uma das maiores capitais mercantis da Europa e um lugar de imensa riqueza. O dinheiro da família Behaim vinha do comércio de mercadorias — têxteis de luxo — uma linha de negócios que era internacional em sua essência: algodões, sedas, fitas e tapeçarias, damascos e tabbies, do Oriente Médio, Pérsia e até mesmo da China, comercializados via Veneza pela Europa. Nuremberg — como Augsburg, Bruges, Colônia, Florença, Frankfurt, Londres, Lübeck e Paris — era uma das cidades de entreposto de rápido crescimento da Europa medieval, voltada para o exterior e bem conectada. O rico pai de Martin, também chamado Martin, era um comerciante em Veneza, então a cidade mais cosmopolita da Europa; o sobrenome da família significa "da Boêmia". A riqueza medieval de Nuremberg vinha de seu status como o principal mercado da Europa central; seus mercados incluíam produtos vindos do leste, especialmente especiarias, e a cidade era o foco do comércio europeu de açafrão altamente valorizado e caro – usado não apenas em alimentos, mas também em medicina, tingimento e fragrância. Os mercadores de Nuremberg eram ativos em uma área enorme, da Escócia à Crimeia, e tinham relações comerciais com os genoveses de Constantinopla e os tártaros de Tana.

Não é surpresa então que a vida de Behaim tenha se afastado muito de Nuremberg também. No início de sua carreira, ele adotou o costume europeu de fazer um *Wanderjahr*

(um "ano errante"). O jornaleiro (pago por dia, por *journée*) se mudava de cidade em cidade antes de se estabelecer, uma vez que um ofício havia sido adquirido, em uma guilda. Esta não era uma forma de viagem sem objetivo, mas um aprendizado itinerante. Quando jovem, de uma das famílias patrícias de Nuremberg, Martin entrou no comércio de tecidos, trabalhando entre uma rede de grandes cidades comerciais, em Mechelen, Antuérpia e Frankfurt; ele visitou Lisboa também, e Portugal se tornou a base para grande parte de sua vida posterior. Ele se casou com uma mulher flamenga-portuguesa, Joanna, que havia crescido na ilha do Faial, nos Açores, onde seu pai era o governador-colonizador .

No final da década de 1480, Martin viajou muito pelo mar, em expedições à Guiné, no oeste da África, e a Cabo Verde, e talvez além, e viveu por muitos anos nos Açores. Ele morreu em Lisboa em 1507. Ele visitou alguns dos cantos mais remotos do mundo conhecido, lugares que aparecem em seu Globo.

Behaim e seu Globo estão posicionados no centro da Europa, entre o leste e o oeste: voltados para o leste no comércio que enriqueceu Behaim, sua família e sua cidade, e voltados para o oeste em suas atividades em Portugal e suas pretensões de navegar pela costa africana e pelo Oceano Atlântico ao redor dos Açores.

As informações escritas no Globo de Behaim combinam fatos do comércio internacional com folclore fofoqueiro. O Globo nos conta que em Seilan (Sri Lanka) as pessoas andam nuas. Lemos que nas Ilhas Neucuran (Nicobar) a leste da Índia as pessoas têm cabeças caninas. Aprendemos que o povo da Islândia é formado por pessoas brancas e bonitas que vendem cães a um preço alto, que abandonam seus filhos a comerciantes estrangeiros para controlar a população, que comem peixe seco em vez de pão (já que milho não cresce na Islândia) e podem viver até os oitenta anos sem nunca provar pão. Dizem-nos que são eles que pegam o bacalhau que chega às mesas de jantar da Alemanha. Como sabemos qual dessas coisas é verdadeira ou falsa, boato ou fato? Se nós — como a maioria das pessoas em Nuremberg do século XV — nunca fomos ao Sri Lanka, Índia ou Islândia, temos apenas relatos de outros para nos dizer o que há lá.

Nos capítulos que se seguem, visitaremos muitos dos lugares mencionados no Globo de Behaim e seguiremos vagamente o itinerário dado por uma de suas principais fontes, o *Livro de Maravilhas e Viagens* atribuído a Sir John Mandeville (c. 1356). Mandeville continua sendo uma figura obscura cuja identidade real não é conclusivamente conhecida, mas seu *Livro* foi um dos relatos de viagem medievais mais populares, traduzido para uma ampla gama de idiomas e circulando em muitos manuscritos e edições impressas. Ele descreveu uma jornada que começou como uma peregrinação da Inglaterra a Jerusalém, mas se tornou uma viagem de curiosidade e descoberta, até o Extremo Oriente; seu espírito percorre os capítulos que se seguem. Além de ser popular, seu relato de sua jornada variada representa algumas facetas-chave da viagem medieval. Talvez a maioria importante, ele narrou uma jornada que era frequentemente lida, mas que não tinha acontecido. Sir John diz que viajou da Inglaterra para a China e alegou que seu livro tinha sido ratificado como "verdadeiro" pelo papa. Mas nenhuma ratificação desse tipo tinha ocorrido. O livro de Mandeville, escrito em uma biblioteca monástica em vez de na estrada, é um repositório de histórias maravilhosas que estendem a credulidade muito além do ponto de ruptura; o principal lugar de onde ele partiu foi o reino da verdade. Isso não é para desacreditá-lo como uma fonte para entender o que significava viajar. Para Mandeville e para seus leitores como Behaim, o mundo inteiro era um livro de histórias enciclopédico

de paisagens e sociedades diversas, um atlas vivo de fantasia do qual lições antropológicas, científicas e morais poderiam ser aprendidas.

"Muitas pessoas sentem grande prazer e conforto" em ouvir e ler sobre coisas desconhecidas, escreveu Mandeville. Contemplar terras distantes tinha a intenção de inspirar admiração pela variedade da criação de Deus e pela maravilha do mundo (assim como admirar o mundo é outra maneira de dizer que não se entende completamente o que se viu). Viajar era ler, ler era viajar: lugares e narrativas de viagem eram compreendidos por meio da agência intermediária de livros mais antigos ou relatos de outros viajantes ou testemunhas remotas que há muito tempo escreveram algo sobre o mundo. Na escrita de viagens medievais, a verdade era misturada com a mentira, depoimentos de testemunhas oculares ao lado de fantasias antigas. Tanto *o Livro de Mandeville* quanto o Globo de Behaim permitiam ao leitor/espectador a chance de "visitar" lugares, por meio de narrativas e imagens. Para os artesãos de Nuremberg e para a família de Behaim — como suas irmãs Elsbeth e Magdalena, enclausuradas nos conventos de Nuremberg — o Globo de Behaim seria a única maneira possível de ver o mundo e, portanto, se seus lugares eram "reais" ou não era menos importante do que como eles falavam com seu público.

O formato da Europa no Globo de Behaim é reconhecível hoje. Inclui os contornos delicadamente desenhados das Ilhas Britânicas, com a Escócia se estendendo quase até o topo do Globo. A França alcança o mar com o longo braço da Bretanha, e a ilha de Jersey aparece, superdimensionada, além de Finistère, apenas um dos muitos lugares que foram chamados de fim do mundo. A Península Ibérica é nitidamente marcada fora, junto com as Ilhas Baleares, os Açores e as Ilhas Canárias, com as bandeiras de seus governantes mostrando quem as controla, como o mapa tático de um general militar. Na Dinamarca, um rei senta-se em um trono com seu cetro. A península italiana alcança o Mediterrâneo, ao lado da Sicília, Córsega e Sardenha. O Báltico e o mar Negro, Chipre e Islândia estão todos presentes. A Escandinávia é malformada, desaparecendo em direção à borda norte do globo, e o que agora é a Rússia parece amplamente vazio, exceto por seus rios.

No entanto, a Europa de Behaim é claramente identificável para alguém do século XXI acostumado a olhar para um mapa. Da mesma forma, os litorais do Oriente Médio e do norte da África ainda são familiares para um observador moderno: o Nilo fluindo pelo Egito, o Mar Vermelho, o Sinai e as penínsulas Arábicas.

No entanto, para Martin Behaim e seus homens trabalhando em seu Globo, a ideia do formato do mundo era bem diferente da nossa. Uma vez que olhamos além da Europa, o Globo de Behaim se separa de nossa visão do mundo.

Mais notavelmente, o Globo tem apenas três continentes: Europa, África e Ásia. Não tem quase nada em seus polos. No norte do Ártico, há mar aberto, fazendo fronteira com a borda norte da Rússia. No sul da Antártida, os artistas de Behaim preencheram o espaço com a águia de Nuremberg, o símbolo da cidade, com a cabeça da Virgem Maria e as bandeiras, armas e insígnias de Nuremberg e da Europa. Além dos limites de Tatory e Cathay (amplamente, Rússia, Ásia Central e China), o mundo de Behaim se fragmenta em uma sucessão de ilhas, muitas delas sem nome, como se os continentes tivessem se tornado destroços, flutuando nos vastos mares do resto do mundo. Existem dois oceanos principais no mundo de Behaim - o Oceano Ocidental, que começa na Europa e alcança 'Cipangu' (Japão); e o Oceano Índico, que começa em algum lugar sob a Arábia e 'Taprobane' (Sri Lanka) e alcança perto de Java. Outro oceano, o Oceano Oriental, começa a leste de Java e ao

sul do Japão, encontrando o Oceano Ocidental (ou seja, onde hoje colocaríamos o Oceano Pacífico).

É fácil inferir de tais "erros" que os europeus tinham pouca compreensão de seu planeta. No entanto, o Globo de Behaim representa o ápice de centenas de anos de descobertas e investigações sobre a forma do mundo e as maravilhas a serem encontradas ao redor dele. Vale a pena declarar muito claramente que, em geral, as pessoas na Idade Média não acreditavam que o planeta fosse plano: elas sabiam que o mundo era esférico, mas ainda não sabiam como circunavegá-lo. Uma obra geográfica conhecida por qualquer europeu ocidental educado foi o *Tractatus de Sphaera* (*Tratado sobre a Esfera*) de John of Holywood (ou Sacrobosco). Este tratado, influenciado especialmente por Aristóteles, Ptolomeu e traduções de astrônomos árabes, foi o livro didático elementar de astronomia mais popular do século XIII (fazia parte do *quadrivium* , o nível mais alto do currículo medieval). Holywood declarou a natureza esférica da Terra, com base na observação de como o sol, a lua e as estrelas aparecem em momentos diferentes para 'orientais [e] para ocidentais'. Ele também descreveu a natureza 'aproximadamente redonda' dos mares. Holywood afirmou a existência dos Antípodas e reiterou a teoria das zonas climáticas, seguindo o modelo influente dado por Macrobius (c. 400). Isso descreveu um mundo dividido em cinco zonas ou círculos: zonas frígidas do norte e do sul (Ártico e Antártico), uma zona equatorial tórrida que era inabitável e quase intransitável "por causa do fervor do sol", e as zonas temperadas do norte e do sul. O Globo de Behaim marca esta zona tórrida com sua Linha Equatorial e uma lenda explicando que "o dia e a noite sempre duram 12 horas ao longo do ano". A África meridional equatorial, de acordo com o Globo, é um "país arenoso e queimado chamado zona tórrida, escassamente povoado". Além desta zona, ao norte ou ao sul, quaisquer massas de terra das zonas "temperadas" seriam, portanto, razoavelmente assumidas como habitáveis. Rumores de terras distantes como aquelas no Globo de Behaim, e suas descrições detalhadas de contatos comerciais com as ilhas e reinos na região de Java e Sumatra, sugeriram não apenas que tal terra era habitável, mas também que era habitada. A redondeza do mundo globular de Behaim e a extensão da habitação humana mostram que seus fabricantes de globos foram educados por um corpo de conhecimento atualizado.

Muitas autoridades augustas em geografia e filosofia antigas especularam sobre a existência de terras habitáveis, um quarto continente, além das zonas tórridas e separado dos continentes conhecidos de África, Ásia e Europa. O 'Sonho de Cipião' de Cícero (54–51 a.C.), que circulou amplamente na Europa medieval com seu comentário de Macróbio, descreveu habitantes das distantes terras do sul do sol nascente ou poente, um mundo humano bem além da pequena porção norte do mundo habitada pelos 'romanos' (ou seja, o Mediterrâneo). No relato de Cícero, o povo da zona sul ('que plantam seus pés na direção oposta à [nossa]') não poderia ter nenhuma conexão com a zona norte da Europa, mas o Globo de Behaim conecta tudo de forma inovadora em uma esfera. Santo Agostinho (354–430), em sua *Cidade de Deus* , aceitou a possibilidade de terra antípoda, mas achou 'ridículo demais sugerir que alguns homens poderiam ter navegado do nosso lado da terra para o outro, chegando lá depois de cruzar a vasta extensão do oceano, para que a raça humana fosse estabelecida lá também pelos descendentes do primeiro homem'.

Muitos geógrafos e cartógrafos presumiram que o Oceano Índico era uma espécie de "lago", cercado por terra, com uma massa de terra ao sul do planeta que circundava o mar.

No século XIV, a *terra incógnita* das zonas do sul era amplamente aceita como existente, contígua a lugares conhecidos e de alguma forma alcançável, embora suas características e localização precisas estivessem sujeitas a debate. Tornou-se entendido que a zona tórrida era até certo ponto transitável. O Globo de Behaim, seguindo Holywood via Mandeville, relatou como a estrela-guia ou Estrela Polar não era visível dos Antípodas, e isso é representado no Globo em "Candyn", uma ilha a leste de Java. Em Candyn e Java e nas ilhas ao redor, o Globo de Behaim aponta que a Estrela Polar ou do Norte não é mais visível, mas outra estrela, "chamada Antártida", a Estrela Polar do sul, é visível. Isso ocorre porque este país está "pé contra pé" com "nossa" terra, ou seja, está nos Antípodas da Europa. * Guillaume Fillastre (m. 1428), um cardeal francês e um geógrafo afiado, escreveu que "aqueles que vivem nas partes mais distantes do leste são antípodas daqueles que vivem nas partes mais distantes do oeste". Assim, na época de Behaim, era amplamente assumido que havia partes do mundo alcançáveis, mas ainda desconhecidas, potencialmente cheias de pessoas esperando que o evangelho cristão lhes fosse pregado e pudessem negociar com o Ocidente.

Ao mesmo tempo, as informações sobre (se não o formato de) o Globo de Behaim seguem o arranjo medieval padrão do mundo, em um orbe de três continentes, essencialmente seguindo o que agora é chamado de mapa 'T & O'. Este arranjo cristão dos continentes – uma letra T definida dentro de uma letra O – foi uma ideia dominante da Terra até por volta de 1500. Ele colocou a Ásia no setor superior, a Europa no canto inferior esquerdo e a África no canto inferior direito. O T era formado por três corpos de água (geralmente o Don, o Nilo, o Mediterrâneo) e o O representava o Grande Oceano que cercava o mundo conhecido, o *ecúmeno* (a comunidade do mundo habitado conhecido). O Globo de Behaim é igualmente dominado pelos três continentes da África, Ásia e Europa, todos conectados pelos oceanos.

O Globo era conhecido em alemão como *Erdapfel* – a Earthapple, tanto 'Orb' quanto 'Apple' do planeta Terra. O nome Earthapple reflete a compreensão medieval do planeta na forma de uma fruta orgânica, um círculo vivo. Esta era a generosidade de Deus em Sua criação perfeita, refletindo um mundo atravessado por rotas que os viajantes – incluindo o próprio Behaim – haviam tomado, e todo o território que os viajantes poderiam esperar encontrar além dos mares. Isto é semelhante à pequena esfera T & O, segurada como uma maçã pelo menino Jesus em um afresco do século XIV em Florença (como Nuremberg, uma 'cidade mundial' de comércio e riqueza na Europa medieval). O menino Cristo tem o mundo inteiro em Sua mão. Aqui o T do T & O é invertido, talvez para sugerir a perspectiva de Deus, olhando para baixo do topo do mundo.

O mapa T & O apresentou o mundo como uma trindade completa, segmentada pela obra de Deus em porções continentais organizadas. Isso seguiu a declaração bíblica de que todas as pessoas descendiam de Adão (Gênesis 9) por meio dos três filhos de Noé. Nessa teoria etnográfica, a progênie de Sem vivia na Ásia, a de Cam na África e a de Jafé na Europa. Se o cristianismo fosse espalhado para "todas as nações", conforme ordenado por Jesus (Mateus 28:16–20), então um globo como o de Behaim era uma maneira de representar e conectar todo o mundo *habitável*, no qual o evangelho e o comércio poderiam alcançar aqueles lugares além das zonas tórridas, antes consideradas inacessíveis.



O recibo do tesouro da cidade de Nuremberg que pagou pelo Globo de Behaim observa que era para o deleite do poderoso conselho da cidade (em Nuremberg, o conselho da cidade, e não as guildas, administrava os negócios da cidade). Ao girarem o Globo, os ricos burgueses de Nuremberg podem ter se lembrado de viagens que eles próprios fizeram. O vereador da cidade de Nuremberg, Georg Holzschuher (m. 1526), que instigou o trabalho no Globo e supervisionou as despesas do conselho com ele, viajou para o Egito e Jerusalém em 1470 como comerciante e peregrino. Georg Glockenthon (m. 1514), que ilustrou o Globo, fez mapas do *Romweg*, a rota para Roma para peregrinos alemães. Alguns teriam pensado em destinos mais intrépidos que visitaram ou desejaram visitar. Eles podem ter pensado sobre as origens dos bens que os tornaram ricos. Eles poderiam ter refletido sobre as notícias das descobertas portuguesas em África que, mês após mês, revolucionavam o conhecimento europeu do mundo (e nas quais vários membros do Behaim e As famílias Holzschuher teriam um papel ativo nos próximos anos). Eles também podem ter pensado em destinos fantásticos, aguçando sua curiosidade, levando-os a lugares em suas imaginações que eles só poderiam conhecer por meio de livros e fotos.

Onde o nome do lugar 'Nuremberg' deveria aparecer no Globo, o rótulo diz 'Behaim'. O Globo era um símbolo de status, onde o conhecimento do navegador de Nuremberg sobre o mundo inteiro poderia estar em suas mãos. O Globo, na verdade, deu a Behaim e aos bons homens de Nuremberg uma visão do mundo do ponto de vista de Deus. Então, o Globo

sugere o domínio passado e futuro do espaço por Behaim, o mundo criado pela perspectiva de um homem em um momento específico no tempo.

Ao olhar para qualquer mapa-múndi, torna-se fácil esquecer a situação atual. Como fotografias de férias, um globo pode ser o ponto de partida para histórias sobre o que alguém viu em suas viagens, sobre onde foi e a rota que tomou. O globo pode ser útil para navegação e exploração, mas seu formato, como um item grande, luxuoso e material, não se presta a viagens físicas. O Globo de Behaim é uma lembrança, uma recordação. Uma de suas funções pode ser tornar os lugares presentes, em miniatura e na mente. O domínio do espaço é sempre mais fácil de imaginar do que o domínio do tempo; as pessoas acreditam que podem possuir o espaço, mas sabem que não podem possuir o tempo. No Globo, o mundo passa rapidamente, sujeito à perspectiva do observador, cidades são feitas pequenas e costas impressionantes se tornam contornos em forma de fita. Naquele momento, o temporal é menos importante do que o espacial, e parece que vemos e sabemos tudo.

O Globo de Behaim surgiu em um ponto de virada histórico fundamental, uma cesura, um dos momentos em que, pelo menos na Europa, o que é frequentemente chamado de "medieval" começa a parecer "início moderno": isto é, na véspera da colonização europeia nas Américas após 1492. Há momentos semelhantes — por exemplo, a Primeira Cruzada de 1096, a captura de Constantinopla pelos otomanos em 1453 ou a promulgação, a partir da década de 1520, de restrições protestantes contra a peregrinação — que pontuam a história medieval das viagens, quando a natureza das viagens mudou significativamente. Mas podemos ao menos definir viagens?

A maior parte da mobilidade medieval era altamente baseada no local: a venda e compra de bens de uma feira específica, ou movimento entre uma rede de mosteiros, ou uma jornada para lutar uma batalha em um local específico. A forma dominante de viagem que surgiu no oeste medieval foi a peregrinação, que geralmente englobava um elemento de turismo. Uma peregrinação envolvia partir, normalmente em uma rota estabelecida, para um destino desejável e estimado e retornar para casa melhorado, renovado, transformado. As razões e os motivos para a peregrinação eram vários - às vezes a peregrinação era voluntária, às vezes era médica, às vezes era imposta como uma punição, às vezes alguém empreendia uma peregrinação em nome de sua comunidade - mas uma peregrinação era sempre uma jornada para um destino especial. Esses destinos incluíam Walsingham, Canterbury, Aachen, Wilsnack, Colônia, Santiago de Compostela, Roma, Bari, Jerusalém. Esses locais, e muitos outros, eram todos imbuídos de uma santidade carismática e eram santuários importantes para os peregrinos cristãos. Mas, por volta de 1350, tais jornadas tinham as armadilhas e a infraestrutura do que hoje podemos chamar de turismo de massa ou mesmo pacotes turísticos: grupos de viajantes pagavam agentes e fornecedores para garantir graus de conforto, segurança e sociabilidade, e em seu nome os operadores de viagens lidavam com obstáculos óbvios como idioma, transporte, câmbio e fornecimento de alimentos. Os viajantes eram reunidos em grupos sociais imprevisíveis, com os atritos e amizades resultantes que surgiam. O desconhecido era abafado por saber para onde se estava indo e, até certo ponto, com quem se estava.

Viajar representa uma busca – por felicidade, por redenção, por riqueza – mas é definido pelas tediosas praticidades de embarque, troca, doença, desconforto, atrasos,

cancelamentos. Viajar tem destinos e é apoiado por indústrias e infraestrutura. Viajar pode ser bagagem e embalagem, barcos e mulas, passaportes e cartas de salvo-conduto, comida desconcertante e bebidas duvidosas, hospitalidade implacável, encontros com arquitetura antiga e contemporânea, banheiros estrangeiros e estradas assustadoras. Viajar envolve ficar boquiaberto com as roupas e costumes de outras pessoas. Viajar coloca a pessoa à mercê do clima e do seu guia. Viajar é momentos repentinos de amizade com pessoas que não falam a sua língua, ou se encontrar acariciando gatos vadios ou pássaros domesticados como se eles se tornassem companheiros para a vida toda. Viajar gesticula de forma chocante em direção ao igualitarismo, nas muitas maneiras pelas quais os viajantes são reunidos ou forçados à intimidade. Isso torna as pessoas dependentes de indústrias que existem para apoiá-las ou extorquir-lhes igualmente. Viajar solicita a excitação injustificada do não-saber, a promessa de mundos ainda não encontrados. Viajar traz ao viajante experiências inesperadas de deslocamento e momentos desconcertantes de déjà vu. Viajar é tentar escapar da responsabilidade, vagando por continentes e línguas, fugindo dos erros e falhas de estar em casa. Viajar é apenas ocasionalmente épico, sempre pessoal, mas contém momentos memoráveis de exaltação, momentos que são difíceis de traduzir em palavras e são lembrados ou recontados como extraordinários. Viajar envolve generalização frenética, observação nada sutil, experiências aleatórias, mas estranhamente previsíveis de miséria, despeito e desejo. Viajar estimula o desejo de ir a lugares sobre os quais se ouviu falar em relatos que são confiáveis, mas não necessariamente verdadeiros. Viajar envolve mente e corpo, embora nem sempre juntos. A viagem exercita a curiosidade ativa do viajante enquanto paradoxalmente envolve períodos prolongados de passividade do viajante: sentado, esperando, atrasado, doente, entediado. A maioria das viagens envolve algum tipo de lucro ou prazer, mas o propósito da viagem frequentemente muda durante a jornada. Quando alguém viaja, frequentemente se esforça para ganhar a experiência "certa" de viajar, os benefícios e bênçãos apropriados da viagem. No entanto, esquecemos o quão pouco nossos passos carregam; a posição real do viajante, ou disposição, frequentemente permanece quase inalterada.

Uma definição de viagem sempre falhará porque, seja por design ou por circunstância, cada jornada é única. Pegar a mesma rota não significa que os viajantes vivenciam a mesma jornada. "Viagem" são as histórias que contamos quando voltamos para casa, não apenas a experiência real de nos movermos deselegantemente, dolorosamente e suamente pela superfície do planeta. Guias de viagem escritos geralmente têm mais do que uma semelhança passageira com manuais de sobrevivência; os lugares são descritos em termos de como melhor serem suportados em vez de apreciados. Mas relatos de desventuras são mais úteis para futuros viajantes do que a ostentação complacente de viagens bem-sucedidas. Como veremos repetidamente, quanto mais suja a jornada, mais rica a prosa.

Sabedoria para viajantes: 'Será considerado um viajante muito tolo aquele que, durante sua jornada, admira um prado agradável e abandona a viagem, tendo esquecido para onde pretendia ir.'

Provérbio, Egberto de Liège, *O Navio Bem Carregado* (c. 1023)

Os ilustradores do Globo de Behaim enfrentaram um desafio que muitos cartógrafos anteriores contornaram: eles precisavam retratar a extensão do mundo Atlântico, alcançando de Portugal ao Japão, em vez de deixar a vastidão aquática do Atlântico para a

imaginação. Em muitos mapas-múndi medievais, o Atlântico era imaginado como o "verso" do mapa, mas um globo permitia a visualização e representação de todos os mares, ainda que em grande parte desconhecidos, conectando a Europa, a Ásia e a África.

No meio do Atlântico, no Globo de Behaim, um pouco a oeste de Cabo Verde, fica a ilha de 'Sant Brandan'. O pequeno texto no Globo de Behaim registra o seguinte próximo à ilha: 'No ano 565 depois de Cristo, São Brandão em seu navio chegou a esta ilha, onde testemunhou muitas maravilhas e, sete anos depois, retornou ao seu país.' O Globo aqui se refere à lendária Ilha de São Brandão, para a qual o santo irlandês Brendan do século VI navegou em busca do Paraíso e da Terra Prometida dos Santos. Quem adicionou isso ao Globo conhecia a lenda de São Brandão, mas também protegeu suas apostas e manteve a descrição da ilha vaga.

Na história amplamente lida de St Brendan (que provavelmente foi escrita originalmente na Irlanda no século IX, mas circulou em latim e outras versões), a Ilha de St Brendan era uma utopia exuberantemente florestada, onde era sempre dia e o sol nunca se punha. Suas árvores davam frutos deliciosos e abundantes. Cada pedrinha era uma joia preciosa, e os rios forneciam água fresca.

Quando Brendan e seus companheiros partiram após quinze dias, a ilha nunca mais foi vista. E ainda assim a Ilha de St Brendan continuou a ser lida em histórias e crônicas de viagem, uma fantasia de um não-lugar que, um dia, ainda poderia ser visitado. No Globo de Behaim, ao norte da Ilha de St Brendan, quatro navios navegam para o oeste, sinalizando Exploração atlântica europeia na época de Behaim. No entanto, navegando ao lado desses navios está um hipocampo, um monstro marinho mítico, parte cavalo, parte peixe, da mitologia grega e romana. O hipocampo viaja para o oeste com os barcos europeus, enquanto os viajantes levam suas ideias do mundo, seus mitos, lendas e preconceitos, com eles em suas jornadas.

Como fica claro pela inclusão da Ilha de St Brendan, o Globo de Behaim mostra mais do que as viagens de testemunhas oculares de Behaim. O Globo compreende informações de guias de viagem medievais e anteriores: reúne os escritos clássicos de Ptolomeu de Alexandria, Plínio e Estrabão, os relatos medievais anteriores de Marco Polo e Sir John Mandeville, e as elaboradas cartas de navegação *portulano* do século XV. Todos eram fontes substanciais para os fabricantes de globos de Behaim. Ao combinar essas diferentes fontes lado a lado, o Globo de Behaim representa a maneira pela qual a viagem medieval deve ser entendida como uma mistura de histórias antigas e relatos de testemunhas oculares, uma variedade sedutora de folclore, história, geografia, antropologia e rumor.

Viajar geralmente envolve alguma transação de poder mundano, conquista e dominação. Para Behaim, lugares como Japão e Sumatra são definidos pela riqueza de seus suprimentos de 'moscat' (noz-moscada) e 'pfeffer' (pimenta), especiarias desejáveis e luxuosas negociadas por Nuremberg para as classes mercantis aquisitivas da Europa medieval. De fato, o Globo inclui um relato detalhado de como as especiarias 'passam por várias mãos' na 'Índia oriental' (Índias Orientais) antes de chegarem ao 'nosso país': de pequenas ilhas a Java, depois ao Sri Lanka e arredores, depois a Áden, Cairo, Veneza, com alfândegas cobradas doze vezes sobre as especiarias enquanto viajavam pelo Globo. O Globo era, portanto, uma maneira de conectar o mundo inteiro em uma cadeia interligada de produção e comércio, mas o Globo de Behaim também é, sem surpresa, eurocêntrico e cristocêntrico. Por toda a Tataria e Ásia, as pessoas são marcadas como 'pagãs' que adoram

ídolos. Na África, homens nus de pele escura governam em suas tendas, diferentemente dos governantes cristãos de pele clara da Europa, que são retratados sentados, vestidos com túnicas, em seus tronos.

É fácil menosprezar, da nossa perspectiva moderna, a época medieval percepções limitadas e mal-entendidos dos viajantes sobre geografia e lugar. Mas o mundo nunca pode ser totalmente conhecido. Enquanto escrevo, erosão, inundações, incêndios florestais, urbanização, terremotos e extinção alteram continuamente o aspecto do planeta. Rios alteram seus cursos e mares secam. Além disso, nosso senso de quais destinos são desejáveis ou importantes muda com velocidade vertiginosa. Como o Globo de Behaim foi feito no sul da Alemanha por volta de 1491, não há indícios das Américas, pois tal lugar era desconhecido em Nuremberg. Colombo só desembarcou no "Novo Mundo" (provavelmente nas Bahamas) em outubro de 1492. Como o dos cartógrafos e escritores de guias de viagem de todos os tempos, o trabalho da equipe de Behaim estava desatualizado antes mesmo de ser concluído. Descobertas portuguesas recentes no sul da África não estão incluídas no Globo e dentro de dez anos um mapa semelhante seria capaz de mostrar a América do Norte e do Sul, o Cabo da Boa Esperança, a costa indiana e as Ilhas das Especiarias do Extremo Oriente.

O Globo de Behaim não estava necessariamente preocupado com a precisão e não é totalmente honesto sobre as próprias viagens de Behaim. O texto no Globo sugere que, durante sua viagem liderando uma caravela portuguesa em 1484-5, Behaim havia mapeado pela primeira vez grande parte do sul da África, descobrindo as ilhas de São Tomé e Príncipe e abrindo a rota para contornar o Cabo da Boa Esperança. Na verdade, a maior parte dessa jornada havia sido mapeada bem antes de Behaim, e o Globo é silencioso sobre as notícias sensacionais, amplamente divulgadas na Europa, de que em 1488 Bartolomeu Dias (m. 1500) havia contornado o Cabo da Boa Esperança.

O Globo fabrica a importância e a fama de Behaim como navegador e explorador, para sua glória individual e para a glória da cidade de Nuremberg. Qualquer relato de viagem encoraja os viajantes a ver o mundo através de seus olhos, em seus termos, e a ajustar suas viagens à sua própria imagem de si mesmos. E quem nunca contou uma mentira sobre o quão intrépidos eles foram em suas viagens? Quem nunca embelezou o quão incrível era o lugar que eles visitaram? A superfície do Globo de Behaim continua sedutora, carregando sobre si traços de muitas gerações de viagens, a tradição dos viajantes e o desejo de viajar. Seu eixo de ferro e aros de madeira prometem girar em uma órbita maravilhosa que revela novos mundos e contrabalança a inércia e o confinamento da vida cotidiana.

Posso pagar isso em plapparts?

A moeda e os sistemas de cálculo variavam muito por toda a Europa. As moedas eram frequentemente altamente locais, específicas de uma cidade ou principado, e usavam vários metais. A partir do século XIII, os florins e depois os ducados venezianos tornaram-se amplamente aceitos, e o sistema bancário internacional começou a se desenvolver. A maioria dos viajantes tinha que depender da troca de suas moedas enquanto viajavam, a taxas de câmbio muito variáveis.

As trocas de dinheiro entre Canterbury e Roma, c. 1470.

Primeiro, deve-se obter uma carta de crédito no banco de Jacopo de Medici em Londres. A taxa é

9 xelins ingleses = 2 ducados romanos

40 xelins ingleses = 11 florins renanos do Ducado da Borgonha.

Também troque dinheiro em Bruges, onde há um banco.

1 florim renano = 21 plaks holandeses

1 plak holandês = 24 ácaros

1 florim renano = 24 pfennigs de Colônia

1 pfennig de Colônia = 12 hellers

1 ducado da Boêmia = 12 feras

1 florim = 21 plapparts

3 plaks de Deventer = 5 pfennigs de Colônia

1 centavo de latão = 2 halfpennies

1 llyard de Bruges = 3 halfpennies

1 groat/grosso velho = meio groat mais meio penn e

3 philippsgulden holandeses = 5 groats

1 stuiver flamengo = 1 plak 11 pence

1 lily-plak = 3 halfpence

1 korte = 2 ácaros

1 novo plak = 4 pence

1 plak velho = 2 pence

1 stuiver = 5 pence

6 pence de Colônia = 5 stuivers

6 plaks = 3 stuivers (portanto, 1 stuiver vale 2 plaks)

1 libra de Colônia = 2½ pence

1 ducado da Boêmia = 3 creuzers ou 1 plappart

1 carlino = 4 besantes

1 grão papal = 4 bolonheses

1 bolognino = 6 feras ou 6 catarinas

1 ducado = 28 sêmolos/grossos venezianos

*Do grego, *anti*, 'contra, oposto' + *pous*, *pod-*, 'pé', pé contra pé.

2.

O Ponto de Partida, com Beatrice, Henry e Thomas

Irnham – Londres – Centeio

No ano de 1350, Dame Beatrice Luttrell (c. 1307–c. 1361) estava em sua mansão em Irnham, no interior de Lincolnshire, fazendo as malas para uma viagem. (Seu título, 'dame', significava tanto sua posição nobre quanto seu papel como dona de sua casa.) Dame Beatrice estava dando instruções e sua empregada Joan estava fazendo as malas. Ou, mais precisamente, Dame Beatrice estava supervisionando e instruindo, sua empregada Joan estava passando as instruções, e Henry, o noivo e servo com menos de quatorze anos, estava fazendo as malas.

O marido de Dame Beatrice, Sir Andrew (falecido em 1390), que havia retornado recentemente da Gasconha e das guerras com os franceses, havia herdado as propriedades da família alguns anos antes. Dame Beatrice havia se acostumado a administrar a casa e a viver muito bem: era um lugar de fartura, perfumado com os cheiros de porco assado e pão assado. Ela havia esperado aqui enquanto a recente praga marchava pela Inglaterra, uma pestilência que havia levado cerca de um terço da população em seu abraço terminal. Padres, servos, até bispos e a filha do rei sucumbiram à pestilência. Dame Beatrice havia eliminado a praga, sua casa havia se tornado um lugar seguro.

Mas sua grande casa no leste da Inglaterra, suas pedras cinzentas agachadas silenciosamente entre bosques solenes na chuva, também era um lugar de constrangimento. Dame Beatrice, com mais de quarenta anos, permaneceu sem filhos. Talvez uma viagem a Roma, por rotas lotadas, cidades cheias de mercadorias e santuários e altares históricos, lhe daria a graça de conceber e dar à luz um herdeiro. Ela deixaria a casa senhorial, onde seu marido barbudo permaneceria com os corvos, os coelhos, os veados, as perdizes e os faisões. Com sua esposa fora, Sir Andrew poderia praticar seu arco e flecha nas pontas, cavalgar com um falcão e uma luva e ter seu sangue sangrado, para restaurar seu humor.

Beatrice e Joana ordenavam que o jovem Henry andasse de um lado para o outro, xingando-o, seu inglês misturado com seu francês inglês cortês, chamando-o de *gareson*, garoto. Havia tanta bagagem para o jovem noivo lidar: bolsas, baús e pacotes, todos abarrotados.

Eles estavam partindo em peregrinação para Roma, mas Beatrice e sua família já tinham feito outras peregrinações antes. Sua família escolhia suas peregrinações dependendo de suas necessidades e da quantidade de tempo que tinham. Quando ela tinha dor de dente, às vezes viajava para a igreja na cidade de Long Sutton (algumas horas de viagem para o leste). O vidro da igreja tinha uma imagem sagrada de Santa Apolônia (que sofreu a tortura de ter seus dentes quebrados com martelos e arrancados com pinças). Dame Beatrice deu um ou dois centavos para a santa. Uma visita a Santa Apolônia sempre parecia curar a dor de dente. Quando seu pai, Lorde Scrope, machucou a mão durante uma partida de justa, a família rezou para São Guilherme de York (um arcebispo do século XII cuja intervenção

milagrosa foi bem documentada e cujo túmulo às vezes exalava os odores mais doces ou do qual fluía um óleo curativo). Graças a São Guilherme, a mão de Lorde Scrope então se curou. Então eles fizeram uma peregrinação juntos para York e levaram uma efígie de cera de abelha da mão de Lord Scrope para o santuário de St William, e fizeram uma oferenda da mão de cera. Seu sogro recentemente falecido, Geoffrey, havia deixado dinheiro para a saúde de sua alma para imagens sagradas em todo o país, em Londres, Canterbury, York, Walsingham e Lincoln, refletindo as jornadas de peregrinação que ele havia feito quando seu corpo estava vivo. Dame Beatrice havia anexado alguns emblemas de liga em sua capa, significando outras jornadas que ela havia feito. Um emblema mostrava o molde intrincado de uma casa de campo, relembrando sua visita à Casa Sagrada em Walsingham (uma estrutura que se diz ter sido milagrosamente transportada de Nazaré para Norfolk).

E agora, no final de 1350, quando os últimos dois anos da grande praga diminuíram, este era um momento urgente para fazer uma peregrinação. As pessoas diziam que a pestilência havia sido enviada como um símbolo da vingança de Deus. O momento havia chegado para peregrinos como Dame Beatrice expressarem remorso, prometerem bom comportamento futuro e fazerem um ato público de penitência por saindo de casa. Eles devem usar a viagem para mostrar sua fé em Deus e nos santos. Contrição, arrependimento, devoção, peregrinação: isso era o que se dizia ser o melhor remédio para a peste.

Henry, o noivo, presenteou Dame Beatrice com seus novos sapatos de couro para caminhada. Ela havia encomendado um estilo moderno de um sapateiro de Lincoln. O estilo era chamado de "bota Krakow", bem alto na perna e com um bico longo e pontudo. Ela também havia comprado uma pequena bolsa de couro com uma delicada fivela de filigrana. Estava lotada, até então, com um lindo rosário novo feito de contas de azeviche brilhantes; uma faca, do tamanho de um dedo; um espelho em uma caixa de marfim decorada com um dos cavaleiros do Rei Arthur a cavalo; e havia muito dinheiro na bolsa também.

Dame Beatrice também tinha um pequeno baú de madeira com fechadura que estava mais do que cheio. Ela sucumbira completamente aos gastos fanáticos com o trivial que é uma marca registrada da preparação para viajar. O baú tinha dois pares de meias de lã, junto com um manto de lã cinza pregueado, um véu novo e impecável do melhor linho com babados, um vestido novo em um carmesim profundo com mangas verde-claras e uma gola feita de miniver macio. Havia também uma tigela de prata, alguns pequenos jarros e um pequeno livro de salmos para o qual ela havia mandado fazer uma linda caixa de prata. Havia um bom barril de vinho francês no baú também, alguns pequenos barris vazios e um pedaço de queijo, embrulhado em linho, além de uma quantidade de bacalhau duro e seco. E alguns quadrados de linho para usar como toalhas, para limpar as coisas. E um pente novo, feito de algum tipo de osso, para manter seu cabelo longo em boa ordem. Havia também, no fundo do baú, uma bolsa bordada de seda azul e verde. Ela continha o anel de ouro de Dame Beatrice em uma fita. O anel mostrava São Cristóvão carregando o Menino Jesus. Isso, foi dito a Dame Beatrice, a protegeria em sua jornada, especialmente de afogamento. A bolsa tinha um conjunto secreto de moedas, para necessidades e desejos imprevistos.

Os três — Dame Beatrice, sua donzela Joan e o noivo Henry — viajariam juntos. Dame Beatrice havia submetido uma petição ao rei pedindo sua carta e selo, permitindo que os três fossem a Roma em peregrinação sem qualquer obstrução ou impedimento. Na

primeira parte de sua rota, ela seria acompanhada por seu capelão (Irmão Robert, um frade sério e confiável em seu vestido preto, seu cabelo louro cuidadosamente tonsurado) e Godfrey, um silencioso e estóico pequeno funcionário da casa dela (um companheiro confiável do marido que poderia atuar como guarda do grupo).

A viagem de Dame Beatrice já era muito cara, e ela nem havia partido ainda.

Ela sabia que sua jornada para Roma seria perigosa e longa. Mas é 1350, um ano de Jubileu em Roma, o segundo evento desse tipo (o primeiro foi em 1300, quando Beatrice nem tinha nascido). O Jubileu era um festival de perdão especialmente para peregrinos, dando a cada peregrino o mais completo dos perdões por seus pecados, quando até mesmo uma vida da mais cruel maldade poderia ser limpa e pura. Ele lembrava o *yovel bíblico*, os anos maravilhosos em que as misericórdias de Deus seriam especialmente manifestas. Agora, Dame Beatrice poderia ser uma das muitas pessoas — algo como um milhão de toda a Europa — que estavam indo para Roma para se tornarem puras aos olhos de Deus e agradecer a Ele pela passagem da praga. O rei havia concordado com o pedido de Dame Beatrice para viajar, e seus nomes estavam em um aviso enviado a todos os portos, dando permissão para que eles fossem para o exterior sem impedimentos; a lista continha dezenas de outros nomes, alguns clérigos, alguns cavaleiros, algumas viúvas, alguns criados, todos eles peregrinos.

Enquanto seu grupo se preparava para partir em sua carroça ajazada, Dame Beatrice deliberou se levaria um animal de estimação com ela. Talvez um cachorrinho ou um gato, talvez um esquilo.

Não se esqueça! Os dois itens mais essenciais para qualquer viajante são um cajado ('bourdon') e uma bolsa ('scrip').

Freixo, resistente, mas maleável, é a melhor madeira para seu cajado. Certifique-se de que seu cajado seja adequado ao seu corpo, de um tamanho confortável para caminhar sobre terrenos rochosos. Seu cajado será seu suporte, mas você precisará dele também para autodefesa.

Sua bolsa deve ser segura para moedas e objetos de valor. A melhor bolsa para viajar terá uma fivela que feche com segurança, pois isso protegerá seus pertences de companheiros de dedos leves. Sua bolsa deve ter uma alça de ombro longa o suficiente para ser usada no peito (para que não possa ser arrancada de você). Para um peregrino, uma bolsa simples de couro é mais adequada. Algumas pessoas têm a aba de sua bolsa decorada com bordados extravagantes ou adornada com emblemas de peregrinos de jornadas anteriores. Os peregrinos devem usar uma capa simples e um chapéu de aba larga, se quiserem ser reconhecidos como peregrinos sinceros.

Se você estiver fazendo uma peregrinação, você pode ter seu cajado e sua escritura abençoados por um padre antes de partir. Esta é uma oração para um peregrino que parte:

'Tome este cajado como apoio durante sua jornada e os trabalhos de sua peregrinação, para que você possa vencer as tropas inimigas e chegar em segurança ao santuário dos santos para onde deseja ir e, concluída sua jornada, possa retornar a nós com boa saúde.' Em Londres, quarenta anos depois, outro grupo de viajantes estava se preparando para partir. Henry Bolingbroke, conde de Derby (1367–1413), primo do rei, decidiu empreender uma cruzada. Ele pretendia ir para a Barbária, para converter – ou fazer guerra contra – o

povo de barbas longas (Henry os chamava de 'sarracenos') que governava a terra lá. Terra que, na mente de Henry, deveria ser legitimamente cristã.

Alternativamente, Henrique considerou fazer uma cruzada para o Báltico, para se juntar aos cavaleiros alemães que lideravam a luta contra os pagãos de lá. Ele tinha ouvido falar que os pagãos ainda adoravam altares de fogo e deuses nas árvores. Ele queria mostrar aos outros príncipes da Europa que, como eles, ou até mais do que eles, ele era um ousado príncipe guerreiro cristão, um novo cruzado.

No entanto, na vanguarda de sua mente, e sua principal motivação para ir para algum lugar no exterior, estava seu desejo de escapar das dificuldades em casa. Apenas três anos antes, ele havia participado de uma rebelião violenta contra seu primo, o rei, Ricardo II. Essa rebelião iniciou um ciclo de assassinatos por vingança cruéis. Era prudente para Henrique buscar outras batalhas, longe de casa. Quando se viaja, erros e falhas não se apegam da mesma forma que em casa.

O conde Henry era um aristocrata rico, um príncipe moderno, assim como completou vinte e três anos. Na corte, eles o chamavam de "jolly robin", um dândi. E então ele viajaria como tal. Sua bagagem não poderia ser contida em uma bolsa ou baú; sua bagagem era um palácio viajante, uma exibição de seu poder de compra, sua sofisticação, sua magnificência e seus amigos poderosos. Ele havia reservado 24.000 florins aragoneses para a viagem, negociados por meio de seu banqueiro florentino, Alberti, em Londres. Henry viajaria como a versão mais bem equipada de si mesmo.

Sua corte itinerante incluía o seguinte:

Vários conjuntos completos de armaduras novas (incluindo botas e meias de aço, cota de malha, couraças e viseiras).

Grandes quantidades de papel, tinta e estiletes (tudo armazenado em uma caixa especial de madeira para documentos, para manutenção de contas).

Seis cavalos novos (um cinza e um branco; um alazão, castanho; um baio, com uma pelagem marrom brilhante e uma longa cauda preta; um "careca", de pelo escuro, mas com um lampejo de branco cobrindo seu rosto; e um pequeno palafrém dócil, o melhor tipo de cavalo para montaria. Sem mencionar selas, cordas, aveia para sua alimentação, suspensórios, rédeas, estribos e cabrestos. Um ferrador, Walter, acompanhava o grupo; com ele ia um enorme saco de couro, cheio de ferraduras).

Seis peles (grandes folhas de couro, para cobrir a bagagem de Henry).

Cinco cofres com fechadura (para dinheiro e objetos de valor).

Quantidades impressionantes de comida e bebida (pão, vinho, peixe salgado, ovos, enguias, cerveja, hidromel, linhaça, manteiga, queijo, mel, esturjão, bacon, mostarda, uma carcaça de boi, algumas carcaças de cordeiro e muito mais).

Bandeiras com o brasão de Henrique (ele pretendia hasteá-las quando cavalgasse para a batalha contra pagãos).

Um novo colchão de penas (para que Henry possa dormir profundamente).

Talheres de prata e metal (incluindo facas novas, uma caixa de melaço para medicamentos, balanças, saleiros, suportes para pendurar painéis e um espeto para assar).

Gamão e dados (para manter os homens de Henrique entretidos e, talvez, ganhar ou perder algum dinheiro, jogando, no caminho).

Potes, sacos e jarros vazios (Henry planejou gastar muito dinheiro e trazer curiosidades e bens preciosos com ele).

As conexões familiares de Henry e a grandeza de seu grupo abrir os portões da cidade para ele e ganhar favores; e a imensa quantia de dinheiro que ele tinha em suas bolsas também não fez mal. Ele estava acompanhado por cerca de vinte nobres escudeiros, três ou quatro servos seniores de sua casa, um padre, arqueiros e soldados de infantaria (a maioria dos quais tinha sido fornecida gratuitamente pelos amigos de Henry), e inúmeros servos, cavaleiros e domésticos.

O arqui-diácono de Hereford foi nomeado para viajar com Henry a fim de manter volumosas contas de todo o dinheiro gasto e coisas compradas. Resmas de contas foram mantidas, do dinheiro que fluía dos cofres reais enquanto o grupo fazia seu caminho bem equipado pela Europa.

Em 1440, no priorado da Santíssima Trindade Aldgate, ao lado do portão leste de Londres, o irmão Thomas Dane estava se preparando para partir na viagem de sua vida – para Roma e, ele esperava, para Jerusalém. Ele havia recebido uma licença de seu superior, o prior John Sevenoke, para ficar fora por 365 dias, e não mais. O irmão Thomas não tinha (ainda) o mesmo tipo de dinheiro que Dame Beatrice Luttrell ou Earl Henry, mas ele não estava (ainda) tão acostumado a uma vida confortável e elegante quanto eles.

Ele planejou viajar com moderação. Sua pesada capa de lã e túnica e seu chapéu de couro de aba larga o protegeriam do clima. Essas vestimentas, e seu cajado de freixo, também demonstrariam às pessoas no caminho que ele era um peregrino simples e sincero, um homem de Deus e um soldado da fé. A única grande despesa que ele teve foi um novo par de sapatos da moda, feitos de couro escuro e cortados no estilo francês, o que o sapateiro chamava de "pata de urso", com um bico arredondado.

Todos os seus outros pertences estavam enfiados em uma bolsa de couro de bezerro: um pequeno barril para bebidas, uma taça de pedra, um pouco de dinheiro, algumas roupas íntimas de lona, uma pequena faca e uma imagem, pintada em um pedaço de pergaminho, da Virgem Maria lamentando a morte de Cristo no Calvário, as torres e muros de Jerusalém ao fundo. O irmão Thomas carregava essa imagem não apenas em sua bolsa, mas também em seu coração e mente.

O irmão Thomas viveu de acordo com a regra agostiniana. Desde sua juventude, ele estava buscando por Deus em todos os lugares, em todos os momentos. Ele não tinha certeza de que deveria deixar seu priorado; ele se perguntava, em particular, se deveria estar olhando para dentro de si mesmo em vez de vagar pelo exterior. Um frade ou freira faria melhor uma peregrinação da mente do que do corpo. Mas a disciplina do mosteiro em si havia se tornado um tanto frouxa, e havia muitos murmúrios sobre a moral do Prior Sevenoke, sua descida a pecados detestáveis de luxúria com as prostitutas que se reuniam nas ruas do lado de fora do priorado. Na licença para deixar o priorado para viajar, o Prior Sevenoke havia chamado o Irmão Thomas de um homem de vida louvável e conversa honesta. O Irmão Thomas pretendia viver sua vida imitando Cristo. Ele ansiava por trilhar os passos de Cristo em Jerusalém, onde as pedras e ruas eram banhadas em Seu doce suor e lágrimas de sangue.

A cidade de Jerusalém seria a maior relíquia que o irmão Thomas já havia tocado. Ele ansiava por sofrer, sedento, sem dinheiro e exausto, naqueles mesmos lugares onde Cristo havia sofrido.

O irmão Thomas viajou mal, escassamente. Ele estava tentando não pensar na jornada que tinha pela frente — sobre os casebres sujos onde ele descansaria a cabeça, as passagens de montanha proibitivas, o enjoo inevitável — mas ele fixou sua mente no destino alegre. Como muitos viajantes, o irmão Thomas estava partindo para confirmar o que esperava encontrar, para ver um mundo que ele já pensava conhecer.

Nem todos os esforços humanos são direcionados para estender a vida terrena de alguém. Uma peregrinação adequada buscava curar a alma. Quando (ou se) ele chegasse a Roma e Jerusalém, o irmão Thomas seria purificado de todos os seus pecados (houve, infelizmente, alguns). Se ele morresse, ele seria capaz de entrar no Céu ainda mais rapidamente.

Bagagem, despesa, aventura, aperfeiçoamento espiritual, risco e prazer. Na Europa do final da Idade Média, as pessoas estavam fazendo as malas (ou tendo suas malas feitas para elas) e se mudando. Os viajantes — pessoas como Dame Beatrice, Earl Henry e Brother Thomas — estavam cheios de expectativa e esperança, misturados com dúvidas. Seus motivos e razões para partir eram muitos. Os destinos eram ambiciosos, mas, para muitas pessoas, realizáveis. Enquanto trancavam seus baús de viagem e fechavam suas portas atrás de si, cada viajante estava docemente intoxicados pelo mundo à sua frente, um mundo esperando para ser encontrado, abraçado, englobado.

Viajar é quase sempre alimentado pela antecipação; o aceno do mundo diante de nós é mais sedutor do que o clique da trava quando partimos. A viagem promete um novo eu. No entanto, fazer as malas para a jornada é desanimador. Fazer as malas nos lembra das realidades da viagem. Nossas necessidades físicas, os desconfortos no caminho, o espectro de coisas que podem dar errado e as inúmeras circunstâncias para as quais precisamos fazer as malas: clima, roubo, perda, quebra, o inesperado, o esperado. Medicamentos. Roupas íntimas, trapos manchados, toalhas pequenas. Palitos de dente. Espelhos de mão arranhados. Pedacos de sabão velho e tocos de velas de cera. Uma agulha e linha. Muitos viajantes medievais embalavam uma espada, antecipando a violência em algum momento do caminho.

E uma vez que a embalagem estava pronta, a pessoa se via sobrecarregada com uma mala tão pesada quanto um boi e quase tão grande. A realidade – na forma de um saco cheio de coisas familiares – superando a imaginação e a antecipação.

Diz-se às vezes que o viajante, especialmente o peregrino, rompe seus laços com o mundo cotidiano, mas sua bagagem o segue em sua rota como uma sombra reprovadora. As pessoas geralmente perdem a paciência quando estão fazendo as malas, ou se sentem desanimadas, desmotivadas e deprimidas pelo ato. Por meio de nossa bagagem, somos lembrados de que estamos sempre levando a nós mesmos – nossos eus caídos e mundanos – conosco em nossas viagens.

O estadista e peregrino milanês Santo Brasca, que viajou para a Terra Santa em 1480, concluiu que um viajante sempre precisa de duas malas: uma cheia de dinheiro e a outra cheia de paciência. Outros viajantes disseram que também era preciso uma terceira mala: uma mala de fé. Mas essa terceira mala parece ter sido a mais fácil de esquecer ou perder.

Para os viajantes medievais, os preparativos para uma jornada dependiam das expectativas do viajante. Preparar-se para viajar não era apenas uma questão de fazer as malas. Havia questões adicionais importantes que precisavam ser cuidadas. Primeiro, era

preciso obter permissões para viajar (permissões do cônjuge, do padre, do governante; e um salvo-conduto escrito para passar pelas terras de outros governantes). esperava-se que o marido tivesse a permissão expressa da esposa, e vice-versa, antes de empreender uma peregrinação. Qualquer um que vivesse em uma instituição fechada – como um mosteiro, um convento, um eremitério – precisava da permissão de clérigos seniores. Alguém se tornava um "estrangeiro" no momento em que deixava sua própria cidade ou vila. Um salvo-conduto, assinado pelo rei e produzido em momentos de dificuldade, ajudaria a garantir a segurança de alguém.

Em segundo lugar, era preciso colocar os próprios negócios em ordem. Todos se certificavam de ter ditado seu último testamento antes de empreender uma longa jornada. Não se podia ter certeza de que algum dia voltaria para as coisas mundanas.

E em terceiro lugar, era preciso organizar as finanças para a viagem: o troco, as coisas que seriam necessárias ao longo do caminho.

Finalmente, muitos viajantes levaram um guia de viagem escrito. Isso incluiria alguns itinerários para destinos importantes, dando as distâncias entre eles. Poderia incluir conselhos sobre onde as melhores relíquias poderiam ser vistas. Teria listas de palavras de vocabulário útil, e até mesmo alguns alfabetos e orações para o viajante. E poderia incluir alguns relatos e fotos de maravilhas e curiosidades imperdíveis.

Um mês em sua jornada, o irmão Thomas tinha visto os lugares na Inglaterra que ele tanto desejava. De Londres, ele viajou para o norte primeiro, para York, para ver as relíquias e o santuário de St William (conhecido como um bom clérigo traiçoeiramente envenenado por rivais cruéis). Então ele viajou para o leste, para a costa, para ver as relíquias e o santuário de St John of Beverley (conhecido como um grande bispo que amava os pobres e renunciou ao mundo). Então ele viajou para o sul, de volta via Londres, para Canterbury, para ver o maravilhoso santuário de St Thomas Becket (conhecido como um santo arcebispo assassinado por cavaleiros ímpios). Depois disso, ele seguiu para a costa sul da Inglaterra, para o porto de Rye, para navegar para a França e daí para Roma e, ele esperava, Jerusalém.

Em Londres, o irmão Thomas havia comprado um guia para viajantes de um livreiro. O guia era escrito em linhas limpas e regulares em tinta marrom sobre pergaminho, e frouxamente encadernado em couro de bezerro. o conselho inicial foi assustador e inútil: 'Primeiro vá para Calais e por Flandres, Alta Alemanha e Baixa Alemanha. Fale educadamente o tempo todo porque muitas pessoas são rudes, e algumas são francamente maliciosas e cheias de argumentatividade.'

O guia transmitiu vários conselhos deprimentes semelhantes. Quando alguém chegava a Bruges, em Flandres, era instruído a planejar sua rota cuidadosamente, buscando conselhos de cambistas, por causa de guerras acontecendo e outros "malfeitores" - criminosos, malfeitores, malfeitores - no caminho. O guia alertava sobre espões na rota. Seu autor disse, sombriamente, que o viajante não deveria deixar ninguém saber qual rota havia escolhido, a fim de evitar homens que se apressassem e depois emboscassem viajantes inocentes e desavisados.

O guia indicava que, no exterior, era provável que se encontrassem bandidos, piratas, ladrões, molestadores e vigaristas em todos os lugares. Ele recomendava contratar um homem chamado "scarceler" (em francês, um *escarcelle*) - uma espécie de guarda, enviado e mensageiro, tudo em um, que acompanharia o viajante e encontraria a melhor

acomodação para o viajante e o cavalo. Ao mesmo tempo, o guia alertava que se deveria ter cuidado para não contratar um bêbado ou um homem imprudente. Qualquer pessoa em quem o viajante confiasse deveria ser "triste, secreta e sábia": fiel, discreta e experiente. O escritor do guia disse ao seu leitor abatido que "os ingleses são pouco amados em muitos lugares" e eram respeitados apenas por seu dinheiro ou sua autoridade. Então o irmão Thomas teve que confiar em seus pequenos sacos de moedas e seu comportamento e ar de autoridade piedosa. Como qualquer viajante, ele se fortaleceria para confiar nas gentilezas de estranhos e na loteria da dependência da vida.

O irmão Thomas leu seu guia enquanto esperava inquieto em seu alojamento no movimentado porto de Rye. Ele havia escolhido ficar na Mermaid, uma das pousadas dos viajantes (ela ainda está lá hoje, mas é uma hospedaria muito mais elegante agora). Seus corredores com galerias e quartos eram dispostos em torno de um pátio estreito e lamacento e estábulos. Era também uma cervejaria, que fazia sua própria cerveja, mas principalmente um lugar para tentar dormir. Por cerca de um centavo por noite, o viajante tinha um lugar para descansar a cabeça, mas não era nem privado nem especialmente confortável. Pagava-se por um quarto compartilhado ou, por um ou dois centavos a mais, seu próprio sótão com uma porta com fechadura; todos, do moço do estábulo ao estalajadeiro, tinham que receber gorjeta. O estalajadeiro podia ser convencido a trazer arenque, pão e cerveja, ou o hóspede podia esquentar sua própria comida em seu próprio aquecedor portátil na lareira. Nas melhores estalagens, a roupa de cama podia ser trocada a cada quatorze dias. Havia uma latrina de pedra, difícil de ver, mas fácil de cheirar, em uma dependência, na penumbra do quintal. No entanto, uma estalagem era um lugar melhor para ficar (embora mais caro) do que as alternativas: um canto sujo do hospício dos peregrinos, a Maison Dieu; ou uma cama pedida no chão de pedra do dormitório de um frade; ou um aconchego furtivo na palha das dependências de alguém.

O nome da estalagem do irmão Thomas, a Sereia, evocava a ladymonster dos mares. A sereia era uma vaidosa, lasciva e bela meia-mulher com uma cauda de cavala, que atraía marinheiros e seus barcos para um sono eterno com sua canção sedutora. O irmão Thomas se perguntou se ele poderia encontrar tal criatura em suas viagens.

Era o início da noite no cais do Strand, onde as águas das marés do estuário do rio batiam contra os muros e cais de Rye. O sol do fim da primavera estava se pondo. Viajantes, marinheiros, agentes de navios e mendigos, junto com vários gatos bem alimentados, se reuniam no cais. Havia ricos prelados, grandes senhores e nobres princesas, com suas comitivas e suas carroças de bagagem. Havia mercadores ingleses, de Londres e outras cidades, viajando para comprar e vender. Havia construtores e artesãos itinerantes. E no cais também estavam reunidos alguns flamengos — sujeitos a olhares hostis e insultos de alguns ingleses — que tinham feltros finos, óculos e livros decorados para vender. Em outros lugares, nos cantos escondidos da cidade, havia "escória", corsários e piratas, homens que ganhavam a vida (alguns legalmente, outros criminalmente) no mar, travando guerras contra navios e confiscando suas cargas.

Outros viajantes na cidade pareciam incertos, trazidos de praias distantes no cosmopolitismo caótico da viagem. Uma viúva galesa e sua filha olhavam ao redor timidamente, com poucas palavras em inglês entre elas. Havia um jovem mancando da Escócia com um pé torto e um rosto varicoso, e quase uma dúzia de crucifixos pendurados ao redor seu pescoço, em uma peregrinação à Espanha. Havia um velho de Devon com uma

corcunda em uma capa remendada que estava tentando fazer amizade com qualquer um que ouvisse. Havia dois jovens estudantes padres da Irlanda, limpos, sóbrios, precisos e silenciosos, a caminho de estudar em Pádua. Havia dois homens da Islândia, vestidos com peles e peles pesadas, com rostos castigados pelo tempo, mas mãos surpreendentemente macias.

Também havia soldados por ali, arqueiros e homens de armas, procurando embarcar em um navio para as guerras na França e outras oportunidades além dela.

No porto fluvial de Rye, havia dezenas de navios de diferentes tamanhos navegando de e para uma galáxia de portos que evocam o mundo. O *Peter* e o *Thomas*, navegando para Bordeaux, para retornar com cargas de vinhos excelentes; o *Katherine*, com destino a Bristol e daí para a Irlanda, levando tecidos e especiarias já vindas da Arábia, Síria e Pérsia; o *Godsknight*, de Hull, sua carga de peixe seco do Báltico sendo descarregada. E havia muitos barcos, os barcos de médio porte que comportavam entre um punhado e mais de cem viajantes, esperando para zarpar pelo Canal, levando sua carga humana com eles, para Flandres, França ou Espanha: o *St Leonard*, o *Trinity*, o *Gabriel*, o *Holyghost*. Os nomes dos navios sugeriam que o espírito de Deus viajaria com todos e cada um dos passageiros. Guindastes, guinchos e amarras corriam acima e ao lado dos barcos.

Das janelas do sótão da Sereia, o irmão Thomas olhou através dos telhados da rua movimentada que levava ao cais. A brisa era boa para velejar. O irmão Thomas murmurou para si mesmo as palavras do salmo: 'Aqueles que descem ao mar em navios, fazendo negócios nas grandes águas: Estes viram as obras do Senhor, e suas maravilhas nas profundezas. Ele disse a palavra, e levantou-se uma tempestade de vento: e as ondas se levantaram' (Salmo 106:23-5).

O navio do irmão Thomas deveria zarpar às dez horas daquela noite e chegaria à terra, se o vento permanecesse favorável, no famoso porto de Dieppe, na costa da Normandia, ao meio-dia do dia seguinte. Gaivotas gritavam no ar salgado. O irmão Thomas leu as linhas finais de seu guia, que tanto inspirou quanto desafiou seu leitor viajante. Pois o livro terminava abruptamente com palavras enigmáticas: 'Não mais! Pois quanto mais você for, mais verá e saberá.'

A partida é um ponto no tempo que sempre guarda um deleite especial, aquele momento emancipatório quando o mundo inteiro vem abraçar o viajante como uma onda. O início de uma viagem. Aqui começa o jogo. O barco saiu do porto de Rye e navegou pelas águas do estuário. Poucos minutos depois, o rio se abriu e o barco estava sendo jogado para todos os lados, enquanto começava seu progresso inquieto. As luzes da cidade, agora muito para trás, tornaram-se minúsculas. Então elas se tornaram invisíveis. A estrada à frente estava vazia de tudo, exceto respingos no mar e estrelas no céu. Alguém gritou as palavras '*Mirabiles elaciones maris!*' – 'Quão maravilhosas são as ondas do mar!' – citando os salmos, embora ao mesmo tempo alguém pudesse ser ouvido vomitando e vomitando no mar.

Lá vamos nós! Pois quanto mais longe você for, mais verá e saberá.

Encantos e prognósticos para viajantes cristãos

Dizia-se que os amuletos protegiam as pessoas em suas jornadas. Um dos amuletos mais comuns era a frase bíblica 'Ihesus autem transiens per medium illorum ibat' (Lucas 4:30) – 'Mas Jesus, passando pelo meio deles, seguiu seu caminho.' As pessoas diziam isso em voz alta e mandavam escrever em moedas, anéis, baús de viagem, livros e fitas. Para viajar bem, era encorajado a consultar o mapa dos céus e inspecionar a disposição da lua e do zodíaco.

Aqui está uma previsão e um encanto lunar, misturando orações e símbolos ocultos, da Inglaterra por volta de 1450:

Quando você for empreender qualquer viagem ou partir de qualquer maneira, observe o sinal que a lua está fazendo em seu curso.

Se você encontrá-la em Áries, você cumprirá sua jornada rapidamente e bem. Se ela estiver em Touro, você sofrerá danos. Se ela estiver em Gêmeos, você ganhará lucro e as pessoas o receberão como um amigo. Se ela estiver em Câncer, não tenha medo de partir se sua jornada for curta. Se ela estiver em Leão, alegre-se na partida, pois você ficará furioso.

Se ela estiver em Virgem, não vá, pois você será oprimido pela sua sorte. Se ela estiver em Libra, tenha medo de partir, pois você encontrará inimigos. Se ela estiver em Escorpião, você se arrependerá, não parta e não embarque em nada. Se ela estiver em Sagitário, faça sua jornada e o que você nobremente cobiça virá até você. Se ela estiver em Capricórnio, não parta como pretendia. Se ela estiver em Aquário, você não estará inclinado a partir, como você terá contrariedade. Se ela estiver em Peixes, se você partir pobre, não voltará pobre.

E quando você partir em qualquer rota, comece dizendo:

Em nome de Jesus, coloco o sinal de Tau τ na minha testa Tetragrammaton $\text{†}+$ Gradiel + Pantassaron + O Filho esteja convosco e o Espírito Santo esteja convosco e entre nós. + Mas Jesus, passando pelo meio deles, seguiu seu caminho + Jesus + de Nazaré + Rei + dos Judeus + Filho de Deus τ tem misericórdia de mim. + Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

† O nome de quatro letras de Deus (Yahweh) em hebraico, frequentemente considerado o maior dos nomes de Deus. 'Gradiel' e 'Pantassaron' são nomes ocultos para anjos. Em cada +, fazia-se o sinal da cruz.

3. De Aachen a Bolzano

Aachen – Colônia – Ulm – Constança – Bolzano

Há apenas evidências ocasionais na Europa medieval de *Wanderlust*, de pessoas consumidas por um desejo insaciável de viajar, de querer viajar por si só. *Wanderlust* é um produto do lazer e da curiosidade. O primeiro era aberto apenas para aqueles com meios; o último era amplamente considerado, na melhor das hipóteses, um desperdício e, na pior, um pecado. Depois que o poeta Petrarca (1304–74) escalou o Monte Ventoux em 26 de abril de 1336 por curiosidade ('nada além do desejo de ver sua altura conspícua foi a razão para esse empreendimento'), ele se repreendeu violentamente por tal divagação mental. Para Petrarca, ver e visualizar a paisagem só poderia ser autorizado por Deus. A visão interna ou autoconhecimento era a verdadeira busca.

Também havia barreiras significativas para viajar. Pessoas com vocação religiosa eram confinadas em mosteiros, conventos ou eremitérios. Servos e servos eram frequentemente obrigados a não deixar o feudo ou propriedade de seu senhor. Cada vez mais, os paroquianos eram encorajados a receber sacramentos como confissão e comunhão em sua paróquia de origem. E ainda assim as pessoas viajavam, motivadas pela religião, comércio, comunicação e busca de conhecimento. Longe do lazer delicioso frequentemente buscado por meio de viagens hoje, a maioria das viagens medievais era industriosa e desgastante (em todos os sentidos) e tinha um objetivo. No entanto, o turismo — geralmente entendido como a mercantilização da experiência de viagem — certamente existia, especialmente nas práticas religiosas de peregrinação e, menos frequentemente, por meio da busca móvel de curiosidade e conhecimento.

À medida que o turismo se desenvolveu em uma indústria em si, a viagem se configurou em torno de não-lugares: limiares transitórios, voltados para a partida, projetados apenas para manter o viajante em movimento. Peregrinos albergues, pousadas, balsas, estações de quarentena e casas de câmbio são o equivalente medieval dos aeroportos e hotéis de hoje, lugares projetados para fazer com que a pessoa se sinta como se estivesse entre lugares, em lugar nenhum (ou em qualquer lugar) em vez de em algum lugar.

Na Europa medieval, a maioria das cidades desenvolveu maneiras de cuidar e hospedar visitantes (ou pelo menos alguns visitantes, dependendo de sua religião e status) e, portanto, de cuidar dos viajantes. Redes de hospitalidade se espalharam pelas rotas comerciais estabelecidas do continente, especialmente na forma de pousadas, tavernas e complexos multifuncionais para comércio e hospitalidade, como o *Kontore* e o *Stahlhöfe* da Hanse, o *fondachi* da Itália e do Mediterrâneo, e as feiras de maidan (bazares em pontos fixos nas rotas comerciais) da Europa central e oriental. Após a grande praga de 1347–50, tornou-se comum que os mosteiros desenvolvessem albergues para peregrinos em edifícios separados dos principais recintos, para que os corpos infecciosos dos viajantes pudessem ser contidos à distância.

Todos os anos, em todas as estações, a Europa era atravessada por rotas renomadas, muitas das quais ainda podem ser rastreadas hoje. Esses caminhos, serpenteando pelo mundo, levaram à transformação de indivíduos, cidades e culturas inteiras. Essas rotas incluem o Caminho de Santiago, especialmente o Caminho Francês de St-Jean-Pied-de-Port, para peregrinos ao santuário de St James em Santiago de Compostela. Essa rota levava o viajante através das montanhas dos Pireneus, através de Burgos e León até Santiago e daí para Fisterra, *Finis terre*, o fim da terra. O *caminho* se conectava com a Via Regia, uma rota comercial e militar através do Sacro Império Romano, que finalmente conectava o norte da Espanha com o norte da Europa, Hrodna, Kiev e Moscou. A Via Imperii conectava o Báltico a Roma via Leipzig e Nuremberg. Parte dessa rota incluía o Passo do Brenner, um dos principais caminhos tomados por viajantes do norte da Europa, de Innsbruck a Bolzano, sobre os Alpes até a Itália e Veneza. Essa rota então se juntou à Via Francigena, popular entre os peregrinos, de Canterbury a Roma, passando por Reims, Lausanne e Pavia.

Ao longo dessas rotas terrestres, grandes rios conectavam cidades. Os viajantes alternavam entre viagens terrestres – por meio de cavalo ou burro, carroças, pés – e viagens em barcos a remo individuais ou barcas maiores. O Reno, o Danúbio e o Pó eram artérias para viagens, muitas vezes mais rápidas do que viajar por terra. Tanto por terra quanto por água, estações de pedágio, pontes, postos de parada (um *relais* para refrescar ou trocar cavalos) e balsas adicionavam custos para o viajante, mas também forneciam serviços confiáveis e estabelecidos. Indo de Nuremberg para a Holanda em 1520, o célebre artista Albrecht Dürer manteve um diário meticuloso das despesas incorridas pelo viajante cross-country: taxas para comboios, para desembarcar seus pertences, hellers para rapazes que carregavam coisas e administravam os cavalos, pfennigs para pedágios, todos os tipos de somas para vinho e refeições de frango assado, caranguejo, ovos, peras, florins para taxas de partida, stuivers para mensageiros, tinta, alojamentos, 3 pfennigs brancos para um banho, pequenas moedas de troca para os homens e meninos que lhe mostravam os retábulos e lhe davam instruções. E Dürer teve sorte – ele recebeu um passe de pedágio do Bispo de Bamberg que o levou a maior parte do caminho sem ter que pagar as quantias geralmente pedidas aos viajantes. Notavelmente, Dürer raramente comentava sobre a paisagem pela qual passava, a qualidade das pousadas e tavernas que visitava, os pontos turísticos das cidades que visitava: em vez disso, o gravador meticuloso se concentrava no dinheiro que fluía de seus fundos tão livremente quanto o Reno fluía pelo campo.

A viagem de Aachen a Bonn, pouco menos de 100 quilômetros, levaria cerca de trinta horas a cavalo (incluindo paradas para descanso ou sono). Era quase o dobro disso a pé. Somente nesta seção, havia seis pedágios para viajantes: um pedágio para o Duque de Brabante para passar pela vila de Weiden, um pedágio para o cavalo na cidade de Birkesdorf ao cruzar o Rio Rör, um pedágio para o Arcebispo de Colônia para viajar pela vila de Blatzheim, um pedágio de ponte em Mödrath, pedágios fluviais no Reno em Colônia e pedágios de escolta em Bonn para garantir a conduta segura dos viajantes. Cidades de fronteira e estações de passagem subsistiam de passantes, mas também tinham como objetivo fornecer serviços aos viajantes. Os pedágios eram pagos em alguns casos ao senhor ou proprietário de terras local, mas frequentemente ao arcebispo local, para quem ter viajantes bem abastecidos passando por sua diocese significava cofres cheios em sua igreja.

A cidade de Aachen era um ponto nodal em várias dessas rotas principais. Ela fica no lado oeste da Via Regia, conectando os portos flamengos de Bruges e Antuérpia com as grandes cidades do norte e centro da Alemanha, de Frankfurt a Cracóvia.

Aachen, que ostenta fontes termais naturais, foi a corte de inverno de Carlos Magno (? 748–814), Rei dos Francos e dos Lombardos e Imperador dos Romanos. Ele foi enterrado lá, na magnífica catedral que ele construiu na década de 790. Aachen era, portanto, uma cidade cerimonial e histórica, e também um lugar de saúde (por conta de suas águas), comércio (devido à sua localização em rotas importantes), religião (por sua catedral, suas relíquias e uma imagem milagrosa da Virgem Maria), na encruzilhada do norte da Europa. O *Aachenfahrt*, a peregrinação a Aachen, foi uma das jornadas mais populares que os viajantes europeus fizeram no final da Idade Média.

Em 1384, um casal, Dorothea (1347–94) e Adalbrecht (ou Albrecht), partiu para Aachen de sua casa na cidade prussiana de Danzig (Gdańsk). Dorothea, nascida na vila de Montau (Mątowy Wielkie) perto de Gdańsk, não era feliz no casamento. Ela deu à luz nove filhos, cada um deles um parto difícil, cada um uma experiência odiosa para ela. Apenas uma ou duas crianças sobreviveram além da infância, mas Dorothea parece ter lamentado sua virgindade mais do que lamentou as crianças mortas.

Adalbrecht, um armeiro em Gdańsk, era um grande bebedor, descuidado com dinheiro. Ele amava controlar sua esposa. Ele cuidava das crianças enquanto ela servia a Deus. Ele era um homem grande e bruto, vinte anos mais velho que sua esposa, e frequentemente a golpeava com seus punhos. Ele era colérico por natureza, seus humores o predispunham a um temperamento ruim, e sua artrite não ajudava.

Em seus trinta e poucos anos, Dorothea passava muito tempo na igreja (embora ela sempre tentasse não negligenciar seus deveres domésticos). Ela experimentou visões religiosas, êxtases e arrebatamentos, conversas chorosas com Jesus Cristo e a Virgem Maria. Ela começou a jejuar, a privar-se do sono e a mutilar seu próprio corpo. Quando ela tinha trinta e oito anos, todos os seus filhos, exceto um, haviam morrido. Ela parou de dormir na mesma cama que Adalbrecht, por causa de seus êxtases religiosos. Adalbrecht considerou por muito tempo a religiosidade de sua esposa como embaraçosa, ridícula e muito pouco atraente. Ela gritava de alegria na igreja. Algumas pessoas na cidade diziam que ela corria o risco de se tornar uma herege e sussurravam que ela deveria ser queimada na fogueira. Adalbrecht tentou acorrentá-la, acorrentar seus pulsos e tornozelos, confiná-la em casa.

Certa vez, ela estava tão absorta em seus flertes extáticos com Deus que se esqueceu de levar o jantar para Adalbrecht. Então Adalbrecht a acorrentou e, entendendo sua devoção como uma espécie de insolência conjugal, pegou uma cadeira e bateu em Dorothea com ela na cabeça. Ele a espancou com tanta força que pensou tê-la matado. Olhando para o corpo mole e quebrado de sua esposa, ele entrou em pânico e descobriu que ainda tinha um pouco de consciência.

Depois que sua esposa se recuperou, Adalbrecht concordou em fazer uma peregrinação para se arrepender de seu comportamento terrível. E então o casal infeliz vendeu sua casa e seus móveis e partiu para Aachen, mais de 1.000 quilômetros a oeste. A jornada levou

mais de nove semanas. Eles viajaram de carroça e às vezes caminharam, indo para o oeste via Magdeburg, Leipzig, Erfurt e Colônia.

Enquanto atravessava o norte da Europa com seu triste marido valentão, Dorothea estava fazendo algo grandioso: convertendo um miserável pecador por meio de uma jornada sagrada.

A penitência e a cura da alma estavam entre as principais motivações para viajar na Idade Média. Uma peregrinação, se feita corretamente, estava longe de ser um feriado, mas sim um ato de autopunição e autorreforma. Adalbrecht pode ter considerado sua jornada para Aachen um empreendimento miserável, como Caim condenado a vagar por seus abusos violentos. Ou ele pode ter sentido que era uma espécie de segundo batismo, um renascimento, o homem adulto de repente se torna humilde diante de Deus. Certamente, foi uma transformação radical da vida de negócios, prazer e intimidação que o sustentava em casa. Para Dorothea, a peregrinação a Aachen foi uma chance de se transformar de dona de casa devota em serva dedicada de Deus, de ser uma mártir para seu marido para demonstrar sua nova vida como noiva mística de Cristo, com quem ela tinha um relacionamento não menos volátil do que com Adalbrecht.

A catedral de Aachen visitada por Doroteia e Adalbrecht foi ainda em grande parte a capela imperial construída pelo Imperador Carlos Magno e consagrada no ano de 805: um octógono claustral único e vasto, erguendo-se através de colunas pesadas e antigas e culminando em tetos de mosaico de azulejos dourados, verde-esverdeados e carmim. Dürer, visitando em 1521, admirou os "pilares bem proporcionados com seus bons capitéis de pórfiro verde e vermelho" trazidos por Carlos Magno da Itália. A dedicação da igreja descreveu suas "pedras vivas... pacificamente unidas em uma", elevando-se pela eternidade no templo sagrado. Para qualquer visitante, esta foi a primeira vez que viram tal edifício, tal arquitetura inspiradora, tal confecção de mármore, tijolo e luz.



Na época da visita de Dorothea e Adalbrecht, a igreja estava cheia de ouro e tesouros pintados. Havia relicários de caixa recheados com pedaços dos santos. Figuras pintadas esculpidas em carvalho mostravam o Cristo bebê rechonchudo sorrindo para sua mãe de

bochechas rosadas. Retábulos retratavam a terrível flagelação e morte de Cristo, ao lado de pinturas em painel mostrando o próprio Carlos Magno, sorrindo por entre a barba, segurando uma miniatura de efígie em forma de tambor de sua igreja imperial que ele havia construído em Aachen.

Assim como os restos mortais de Carlos Magno, a catedral de Aachen adquiriu em algum momento relíquias importantes e íntimas de Cristo e da Virgem. Estas eram o swaddling, um trapézio dobrado de feltro marrom, do menino Jesus; a tanga, um trapo acinzentado, usado por Jesus durante a crucificação; o "pano de decapitação", um pedaço de damasco que supostamente segurava a cabeça de João Batista; e, o mais precioso e famoso de todos, a túnica, um avental pardo sem bolsos, usado pela Virgem Maria na noite da Natividade. Cada relíquia sugeria pobreza e humanidade, a presença tangível da divindade bíblica transportada para Aachen. O interesse de Dorothea em Aachen parece ter sido motivado principalmente por sua devoção à Virgem Maria, a túnica tendo, na década de 1380, se tornado a mais celebrada das relíquias. Os tecidos preciosos estavam alojados em uma magnífica caixa de carvalho de ouro e esmalte, feita em Aachen nas décadas de 1220 ou 1230, que lembrava uma igreja de nave, sugerindo um edifício dourado do Céu, brilhando na sombra opulenta da capela. A luz era lançada sobre as faces douradas esculpidas do relicário a partir do lustre – doado pelo Sacro Imperador Romano Frederico Barbarossa (1122–90) – pendurado no centro do octógono. A capela era como uma caixa de joias dentro de uma coroa dourada dentro de uma lanterna, tudo construído em harmonia e parecendo subir suavemente em direção ao céu.

Viajantes devotos como Dorothea e Adalbrecht faziam parte de um grande movimento de peregrinos para Aachen após a promoção de suas relíquias no início do século XIV. Depois de 1349, quando as relíquias começaram a ser mostradas apenas a cada sete anos, elas foram mantidas em exposição pública em um corredor alto e exposto entre o portal da catedral e a capela principal. Viajantes se aglomeravam para vislumbrar as relíquias, fazendo fila em ondas ininterruptas enquanto os piedosos carrilhões da catedral de Aachen soavam acima. Peregrinos para Aachen são registrados no século XIV como vindos de todos os cantos da Europa, até Königsberg (Kaliningrado) no leste, Estocolmo e Linköping no norte, e Viena, Bistrița e Villach ao sudeste. Como os peregrinos não podiam tocar nas relíquias expostas no alto, eles frequentemente tinham pequenos pedaços de espelho embutidos em seus crachás de peregrino para que o reflexo da relíquia "tocasse" e, assim, abençoasse suas lembranças e, assim, os abençoasse.

Um grupo de peregrinos por volta de 1400 carregava consigo um enorme crucifixo de madeira. Cristo pende tristemente dele, Suas costelas proeminentes através de Seu torso magro, Sua cintura fina como a de uma criança, Seus olhos cheios de decepção cansada. Ele foi colocado na catedral de Aachen e está pendurado lá até hoje, Sua testa dolorida e boca franzida contemplando os visitantes da Capela Nicholas ao lado da igreja principal.

Depois de chegar a Aachen, Dorothea passou um tempo em um eremitério remoto nas margens do Reno e fez outras peregrinações, incluindo a Capela da Santíssima Virgem em Einsiedeln, a centenas de quilômetros de distância nas montanhas suíças, por estradas lamacentas e passagens precárias.

Dorothea e Adalbrecht retornaram a Gdańsk, renovados por sua visita a Aachen, mas Dorothea percebeu que seu apetite por mais resistência espiritual havia aumentado. Comida deliciosa começou a ter um gosto repulsivo. Quando o tempo estava frio e com

neve, ela se debruçava por horas em uma janela aberta, para castigar e mortificar seu corpo. Ela se recusava a dormir, mas orava e andava de um lado para o outro.

O casal tentou novamente, no ano seguinte, retornar a Aachen. Em Brandemburgo, eles foram violentamente roubados por bandidos na rota: perderam suas roupas, seu dinheiro, sua carroça e seus cavalos, e Adalbrecht foi ferido. Dorothea ficou descalça e com apenas uma saia visivelmente curta. Eles recuperaram sua propriedade, a tempo, mas Adalbrecht continuou a bater em Dorothea. Ele também se livrou de seu servo e fez Dorothea conduzir os cavalos. Ela andava com a carroça, às vezes a liderando. Ela a limpava e lubrificava suas rodas. Ela alimentava e dava água aos cavalos e tentava acalmá-los. Uma vez, em um barco enquanto ela cruzava um lago, os cavalos começaram a bater os pés ansiosamente, mas Deus garantiu que as ondas permanecessem calmas.

Adalbrecht, agora absurdamente velho, caminhava penosamente ao lado dela, com uma longa barba grisalha. As pessoas na estrada riam do casal estranho e gritavam para Dorothea: 'Irmã, para onde você está levando seu Joseph? Você está viajando para a Fonte da Juventude?' Eles estavam se referindo a um lugar, que visitaremos mais tarde, onde se pode beber uma água maravilhosa e se tornar sempre jovem.

O casal voltou para a Prússia depois de dezoito meses, em uma jornada igualmente difícil. Adalbrecht continuou a bater e espancar Dorothea. Em uma ocasião, porque ela esqueceu de comprar palha, ele deu um soco em seu peito e ela cuspiu sangue por dias depois.

Por fim, Adalbrecht morreu, enquanto Doroteia estava em Roma, visitando os santos.

Mais tarde ainda, Dorothea mudou-se para Marienwerder (Kwidzyn) perto de Gdańsk e trancou-se numa cela de eremita sem conforto. Sua peregrinação chegou ao fim. Ela se tornou a primeira santa prussiana, famosa por suas revelações místicas e pelos milagres com os quais foi visitada. Sua jornada para Aachen foi o início de sua jornada para a santidade.

Fazer a perigosa jornada para Aachen parece ter sido, para Dorothea, a viagem mais desejável que ela poderia fazer para contemplar e honrar a Virgem, mudar sua vida e tentar transformar seu casamento. Cem anos após a jornada de Dorothea e Adalbrecht, a peregrinação a Aachen se tornou surpreendentemente popular: em um único dia em 1496, cerca de 142.000 peregrinos foram contados pelos portões de Aachen, todos viajando em direção à bênção e à autotransformação.

— — —

Aachen fica entre dois grandes rios, o Maas (Meuse) e o Reno, que vagam pela paisagem do noroeste da Europa. Em direção à sua foz no Mar do Norte, o Reno se divide e subdivide em uma infinidade de riachos. Mas antes de seu delta, o Reno é uma barreira formidável e fronteira natural, sua largura de chumbo e fluxo imponente cortando a paisagem plana. Também foi um dos conectores mais importantes, ligando o norte da Europa aos Alpes. Colônia, na margem ocidental do Reno, foi um dos principais portos do rio, um ponto de trânsito em rápido crescimento e centro de comércio e religião. As águas do Reno conectavam Colônia a outras cidades florescentes, incluindo Bonn, Koblenz, Mainz, Speyer, Strasbourg e Basileia. Fileiras de barcas carregando madeira e esquifes carregados de viajantes desciam o rio.

Dizem que o rio de Colônia trouxe à cidade seus dois maiores tesouros e atrações para os visitantes. Do sul, transferidos (ou furtados) de Milão em 1164, as relíquias dos Três Reis Magos, os reis presentes no nascimento de Cristo em Belém. Do norte, os corpos de Santa Úrsula e seu séquito de 11.000 virgens. ‡

Os Magos foram reivindicados pela enorme obra em andamento de Colônia, a Catedral de São Pedro, um canteiro de obras durante toda a Idade Média. Os tocos de suas torres inacabadas lentamente se erguiam em pedra tão escura quanto as letras de uma Bíblia. Os restos mortais dos Magos eram mantidos em um baú monumental de carvalho, uma espécie de sarcófago decorado. Orações oferecidas aos Magos, sussurradas da boca de visitantes de toda a Europa, flutuavam em direção ao céu através da cantaria e da traceria dos campanários incompletos. Muitas pessoas saíram com um distintivo de estanho, mostrando os três reis coroados sob o dossel do céu e apontando para a estrela de Belém.

Enquanto isso, Santa Úrsula e suas virgens foram reivindicadas pela vizinha Basílica de Santa Úrsula. O culto a Úrsula foi inventado e reinventado em Colônia, usando um esconderijo de ossos romanos tardios encontrados no local da basílica no século XII. Esses ossos foram posteriormente veneradas e distribuídas como relíquias da santa, seu noivo e as 11.000 virgens. Este rebanho de virgens britânicas, todas mulheres, seus rostos pálidos voltados para a mesma direção, havia navegado muitos anos antes pelas águas errantes do Reno, amontoadas em barcas em um magnífico comboio nupcial. Muitas pessoas na Idade Média imitaram as virgens, navegando pelo Reno para visitar seu santuário. A basílica atraía peregrinos com seu enorme relicário, contendo pequenos pedaços dos corpos das virgens mortas, e era um lugar fenomenalmente procurado para se visitar, especialmente porque Úrsula era a santa padroeira de Colônia, Inglaterra e órfãos.

A história, como havia sofrido mutações nos séculos XIII e XIV, foi resumidamente a seguinte. A jovem Úrsula era uma princesa (nobre e bela, é claro), filha de um rei britânico dos tempos antigos. Ela foi casada, relutantemente, com um príncipe. Ela concordou com o casamento, mas com condições: seu pai lhe daria dez servas virgens, e ela e cada uma dessas servas receberiam 1.000 companheiras e servas virgens. Além disso, galeras deveriam ser equipadas e preparadas, para que Úrsula navegasse por um período de três anos para se dedicar inteiramente à sua virgindade antes do casamento.

Seu pai, por mais ansioso que estivesse para que sua filha se casasse, concordou com tudo isso e fez com que acontecesse. A frota de virgens navegou para a Holanda e desceu o Reno até Basileia via Colônia. Durante sua estadia de ida em Colônia, a jovem Úrsula recebeu uma mensagem terrível de um anjo de que sua comitiva seria martirizada em sua viagem de volta em Colônia.

Apesar dessa comunicação, o grupo continuou seu caminho e em Basel eles abandonaram suas barcas e seguiram por terra para Roma, onde todas as virgens foram batizadas pelo papa. A multidão de virgens agora cristãs começou sua jornada de retorno.

Em Colônia, o terrível aviso aconteceu. Úrsula e seu grupo encontraram os hunos, que massacraram e decapitaram cada virgem. No entanto, seu chefe se apaixonou por Úrsula que, como uma virgem piedosa noiva de outro, o rejeitou. Então ela foi morta sendo espetada por uma flecha.

Os visitantes da basílica foram intimados a recitar 11.000 orações pelas virgens assassinadas. E, antes de partirem e embarcarem novamente no rio, os visitantes compravam pequenos emblemas, geralmente feitos de liga de chumbo-estanho. Eles

podiam ser comprados dentro da igreja e ao redor da cidade em barracas. Os emblemas geralmente mostravam um barco, um coracle em miniatura, lotado de pequenas cabeças, as lendárias virgens navegando para a perpetuidade em uma lembrança grosseira. Emblemas de Úrsula e suas 11.000 virgens foram encontrados a milhares de quilômetros de Colônia, atestando sua aceitação bem-sucedida por viajantes. Eles incluem uma pequena placa fundida encontrada na ilha sueca de Gotland, mostrando a coroada Úrsula protegendo sete pequenas virgens sob sua capa; um remendo de pergaminho encontrado no centro da Noruega mostrando 'S. URSULA' em uma moldura floral; e um emblema de liga de chumbo encontrado em Gdańsk mostrando Úrsula, coroada novamente, com um pequeno navio contendo as cabeças de um grupo de virgens. A imagem de Úrsula viajou de Colônia, representando as jornadas bem-sucedidas de seus devotos.

O distintivo dos peregrinos medievais era uma das formas mais comuns de as pessoas se marcarem como viajantes experientes. Suas viagens se tornaram socialmente reconhecidas por meio desses distintivos, geralmente presos ao cado do peregrino ou às suas roupas especiais: a roupa característica do chapéu largo de palmeira ou uma capa. Outros souvenirs vestíveis comuns incluíam contas de rosário, sinos, pequenos apitos (às vezes na forma de um galo), chocalhos, ampolas contendo água benta, óleo ou solo e pedaços de renda e fita. O souvenir vestível mais humilde e comum era a concha de vieira de Santiago de Compostela, costurada no chapéu ou capa de alguém, as linhas da concha convergindo em um ponto como as rotas tomadas pelos viajantes para um santuário.

Tais souvenirs podem ter tido a função de um amuleto, para proteger o portador. O distintivo de peregrino é claramente também um exemplo antigo de souvenir turístico, uma compra em miniatura que visa ajudar alguém a lembrar de uma jornada feita no passado, mas o faz de uma forma impessoal e produzida em massa. Esses distintivos eram frequentemente ridicularizados por satiristas como lembranças baratas que, ao fingir santidade por meio de um pedaço de metal padronizado e banal, difamavam a ideia de que o viajante havia sido interiormente ou espiritualmente transformado por sua jornada.

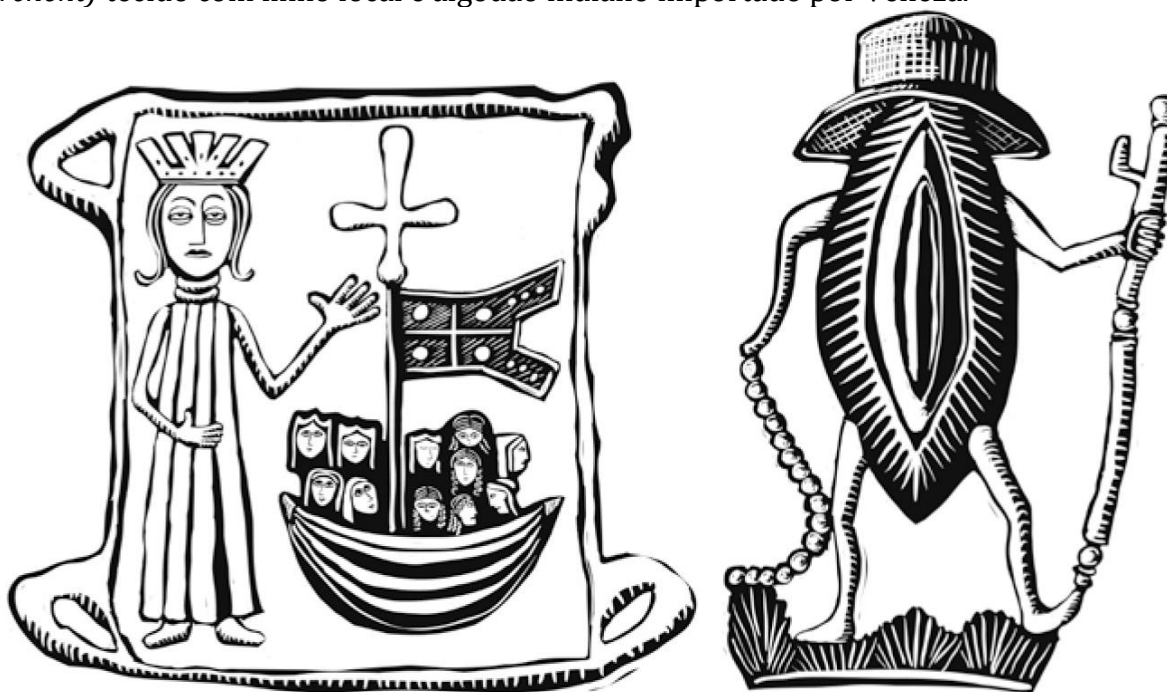
Os distintivos de peregrinos eram extremamente comuns e nos dão uma ideia de quão amplamente as pessoas viajavam. Colônia liderou o caminho na indústria de distintivos de peregrinos e foi um dos primeiros santuários a desenvolvê-los, com emblemas de prata e estanho sendo comprados lá por volta do ano 1200. Emblemas elaborados e vazados, quase como placas, estavam disponíveis, mostrando os Magos a cavalo, ou colocados em losangos floridos, com seus nomes marcados na moldura. Acreditava-se que a invocação dos nomes medievais dos Magos, "Casper, Melchior, Balthazar", tinha propriedades mágicas, para proteger contra a epilepsia e para ajudar a encontrar propriedades perdidas.

Quase tão populares eram os distintivos profanos, mostrando genitais ambulantes ou entronizados, pênis alados, barcos cheios de paus navegando pelos mares, vulvas ambulantes vestidas de peregrinos. Diz-se frequentemente que tais distintivos eram considerados talismãs mágicos, tendo o status de amuletos de boa sorte que afirmam a vida. Mas pode ser igualmente o caso de que eles marcam o ponto onde o dia santo encontra o feriado, onde o carnaval do turismo correu solto entre as bênçãos da peregrinação.

Assim como Santa Úrsula, os viajantes que seguiam para o sul pela Europa tendiam a deixar o Reno em Basileia ou um pouco antes, perto de Speyer. Eles então viajavam por terra, partindo para o sudeste na direção de Constança ou Innsbruck. Através da Renânia e

da Suábia, o interior assumiu uma variedade infinita, às vezes pastagens planas, às vezes vales arborizados, às vezes marcados por cachoeiras drásticas.

A rota era pontuada por belas cidades como Ulm, situada nas estradas que se estendiam de Antuérpia a Veneza, de Lyon a Praga, e conectadas pelo Danúbio ao Mar Negro. Durante o período medieval tardio, Ulm, com suas muralhas segurando o Rio Danúbio, era uma cidade livre líder do Sacro Império Romano. É o último (ou primeiro) grande porto no Danúbio navegável antes de sua nascente. A cidade não estava sujeita a nenhum príncipe ou duque local, mas subordinada apenas ao Sacro Imperador Romano, uma espécie de prefeito ausente que governava à distância. Sua população cresceu rapidamente nos séculos XIV e XV, e era de cerca de 15.000 pessoas em 1450. A cidade controlava o crítico Passo Geislinger através dos Alpes Suábios e era famosa por seu luxuoso tecido fustão (chamado *barchent*) tecido com linho local e algodão indiano importado por Veneza. [§](#)



Ulm, como muitas cidades alemãs semelhantes, era dominada por suas ricas famílias de mercadores patrícios e suas guildas da cidade, que tinham laços estreitos com o governo do Sacro Império Romano. E a cidade era notável por seus poderosos mosteiros, incluindo sua magnífica catedral com seu alto campanário. Mas vamos nos demorar em uma de suas pousadas sobreviventes, calorosas e acolhedoras, onde viajantes de toda a Europa descansavam e bebiam.

Uma estalagem – uma *Gasthaus*, *auberge*, *logis à pied et à cheval* – era algo bem diferente de uma casa pública ou taverna. As estalagens sempre tinham acomodações e estavam abertas a viajantes e visitantes, enquanto as casas públicas e tavernas estavam principalmente envolvidas no fornecimento de bebidas. As estalagens ofereciam uma gama

mais completa de comida (a *table d'hôte original*, a mesa do anfitrião) juntamente com uma cama para a noite. As estalagens eram, como as tavernas, locais abertos de sociabilidade e consumo, mas também eram fundamentais no apoio à movimentação de pessoas pela Europa. O comércio, a diplomacia, a peregrinação e qualquer outro tipo de viagem passaram a depender dessas estalagens como parte essencial da infraestrutura de mobilidade.

As estalagens eram frequentadas por todos os estados da sociedade, não necessariamente por pessoas indesejáveis e desprezíveis. Em uma estalagem, frades piedosos esfregavam ombros com trabalhadores bêbedos (ou talvez vice-versa?), enquanto viúvas de Gales dormiam ao lado de jovens estudantes a caminho de Bolonha ou Pádua. O padrão de alojamentos variava enormemente. Uma história de sermão medieval descreveu como um peregrino encontrou um rato na cesta de pão de uma estalagem – a moral era sobre o Diabo se escondendo nas fendas deliciosas da gula, mas claramente a limpeza da acomodação era uma preocupação autoral. A cidade de Ulm possuía várias estalagens e tavernas bem equipadas e conhecidas, incluindo a Krone (Coroa), fundada antes de 1401 e ainda em uso hoje, a Herrenkeller (Adega dos Cavalheiros) e a Untere Stube (Sala Inferior). Ulm, como uma cidade rica e sofisticada, tinha um sistema de hospitalidade bem regulamentado, porque era do interesse de qualquer cidade (em termos de crime e saúde pública) saber quem estava na cidade e onde estavam hospedados.

Boas maneiras em uma taverna. As regras básicas de jantar são as seguintes: não coce a cabeça ou as costas como se tivesse pulgas. Não fique mal-humorado, pisque muito ou tenha olhos lacrimejantes. Não fungue, nem cutuque o nariz, nem deixe escorrer, nem assoe muito alto. Não torça o pescoço como uma gralha. Não coloque as mãos nas meias nem mexa no tapa-sexo, nem coce, nem dê de ombros, nem esfregue as mãos. Não cutuque as orelhas, não vomite, não ria muito alto ou cuspa muito longe. Fale baixo, não conte mentiras ou fale bobagens, não cuspa, não fique boquiaberto ou faça beicinho. Não lamba o prato. Não tussa, soluçe ou arrote, bata os pés ou monte as pernas. Não cutuque ou ranja os dentes e não exale mau hálito sobre os seus superiores. Sempre tome cuidado para não "disparar suas armas traseiras" (ou seja, peidar).

O Krone foi construído em torno de um pequeno pátio (o *Innenhof*), quase defensivo em caráter. Ele dá a impressão de uma taverna rústica hoje, mas na Idade Média era um estabelecimento luxuoso (três imperadores do Sacro Império Romano, Ruprecht, Sigismund e Maximilian, se hospedaram lá no século XV). Seus proprietários, a família Weiss, eram bem conhecidos em Ulm por sua riqueza e charme. Os estalajadeiros de Ulm (definidos de forma concisa por um cidadão de Ulm como 'aqueles que acolhem hospitaleiramente estranhos por seu dinheiro') estavam na guilda preeminente da cidade, a Guilda dos Merceeiros, ao lado de fabricantes de especiarias, comerciantes, seleiros, fabricantes de botões, luveiros e fabricantes de pergaminhos. A estalagem tinha andares inferiores abobadados, incluindo adegas e um poço, e suítes de quartos para hospedagem nos andares superiores. Havia espaço para prender os cavalos também, e rapazes à disposição para cuidar deles.

É uma fonte incessante de aborrecimento para os viajantes que muitas vezes é difícil ter uma boa noite de sono em uma pousada ou hotel, instituições cujo propósito é fornecer um lugar para dormir. Insônia de boca seca e vigília desorientada são constantes da viagem.

Uma noite em uma pousada de luxo na Ulm medieval envolvia cavalos relinchando, batendo seus cascos no pátio. O barulho dos infernos de bebida continuou até tarde, e então o barulho das casas dos pescadores próximos começou cedo. Vigias nas muralhas da cidade gritavam as horas da noite. Um cão preto amigável no pátio choramingava por companhia. Galinhas cacarejavam até depois da meia-noite. Compartilhando o espaço dos hóspedes havia várias coisas saltitantes e rastejantes: um gato, alguns morcegos, moscas, mariposas, seu silêncio diurno transformado pela noite em mil arranhões e zumbidos. Pulgas e percevejos saltavam para a vida. As vigas rangiam e estalavam como se flexionassem os dedos. Uma picada de carrapato na axila do joelho começou a coçar e latejar novamente, forçando alguém a se levantar para aplicar gordura de ganso no vergão furioso. Outros hóspedes tossiram e chiaram, roncaram e eructaram, rezaram e murmuraram durante a longa noite. O sono veio rapidamente. Pelo menos a pousada forneceria uma boa refeição e bastante vinho ou cerveja no dia seguinte.

Ulm, um vibrante ponto de encontro com muitos mosteiros bem dotados, também foi o cadinho que produziu um dos mais divertidos e loquazes escritores de viagens medievais. Felix Fabri, nascido em Zurique por volta de 1438, passou a maior parte de sua vida adulta em Ulm, em seu convento dominicano. Longe de ser um frade enclausurado, Fabri era um viajante consumado, comprometido com a viagem tanto como uma ideia quanto como uma atividade. A palavra escrita era central não apenas para o próprio senso de Fabri sobre o que era a viagem sagrada, mas também para como ele a vivenciava.

Fabri fez duas viagens importantes quando tinha cerca de quarenta anos: uma peregrinação a Jerusalém e à Terra Santa em 1480 e uma peregrinação à Terra Santa, Sinai e Egito em 1483–4. Ele escreveu quatro relatos dessas viagens. O primeiro foi um poema em alemão, o *Gereimtes Pilgerbüchlein* (*O Livreto dos Peregrinos Rimados*), e um relato em prosa alemão, o *Pilgerbuch* (*Livro dos Peregrinos*), ambos descrevendo a jornada de 1480. Ele então escreveu uma longa prosa *magnum opus* , o latim *Evagatorium* (*O Livro das Andanças*), refletindo a história da Terra Santa e suas experiências nela. Mais tarde, na década de 1490, ele escreveu outro relato em alemão, agora com o título *Die Sionpilger* (*O Peregrino de Sião*), projetado para mulheres presas em conventos que não podiam viajar, mas queriam imaginar a Terra Santa em suas mentes e almas. Fabri levou livros com ele em suas viagens, escrevendo em tábuas de cera, e conheceu vários outros viajantes literários em sua rota. Seus companheiros em uma viagem à Terra Santa incluíam o poeta húngaro János Lászai (1448–1523) e vários escritores de viagens alemães: Bernhard von Breydenbach, cujo relato da viagem se tornou um best-seller; Paul Walther de Güglingen, que escreveu uma descrição pessoal e subjetiva de sua peregrinação; e Georg von Gumpenberg (m. 1515), que escreveu uma descrição curta e impessoal dos lugares sagrados em Jerusalém. Precisamos imaginar uma viagem medieval como uma cena movimentada de leitura e escrita, com algumas pessoas altamente alfabetizadas que pretendiam marcar sua jornada por meio de atos de escrita. Fabri comparou o trabalho que teve em fazer suas peregrinações "de um lugar para outro" com o trabalho que teve em "correr de livro em livro, lendo e escrevendo, corrigindo e correlacionando" o que havia escrito sobre os lugares sagrados. Para Fabri, os livros eram lugares e vice-versa: histórias e histórias fundidas por meio de locais visitados no corpo e na mente de alguém.

Encontraremos Fabri novamente mais tarde em nossas próprias andanças. Neste ponto, nos detemos em uma cena vívida dele partindo em sua rota de Ulm, uma cidade de pessoas

indo e vindo. Ele embarcou em sua primeira jornada na Páscoa de 1480. Em seu *Evagatorium*, Fabri, um pregador comovente, descreve como ele subiu ao seu púlpito na igreja dominicana. Grandes multidões de pessoas estavam lá e, ao terminar seu sermão, ele contou à sua audiência sobre sua iminente peregrinação e pediu suas orações por seu retorno seguro. Então, juntos, eles cantaram um hino para os peregrinos no mar e Fabri cantou o *Kreuzfahrerlied*, uma canção sagrada para aqueles viajando para a Terra Santa. Começava assim: 'Viajamos em nome de Deus, / Sua graça buscamos...' (*In Gottes Namen fahren wir, seiner Gnaden begehren wir...*). A congregação começou a cantar junto com Fabri e repetiu a canção sagrada. Alguns começaram a chorar, soluços altos substituindo o canto. Muitas pessoas estavam ansiosas, diz Fabri, que ele perecesse entre os 'terríveis perigos' das viagens que viriam. Ele abençoou a congregação, concedeu-lhes a absolvição por seus pecados, fez o sinal da cruz e disse adeus. Então ele desceu do púlpito.

O priorado dominicano de Fabri ficava a poucos passos do Danúbio. No início da manhã de 14 de abril de 1480, o irmão Felix beijou e abraçou seus irmãos no mosteiro e saiu de Ulm, seguindo a rota para o sul. Ele estava acompanhado por seu prior, Ludwig Fuchs, e um servo. Fabri teria passado, à sua esquerda, por uma torre sem janelas onde criminosos eram mantidos em cativeiro e às vezes se afogavam, e pela torre da prisão da cidade com seu cadafalso para execuções públicas do lado de fora.

Ele então teria atravessado a muralha da cidade ao lado do Danúbio, ainda em construção em belos tijolos vermelhos e paga pela cidade. No rio, tecidos *de barchent* estavam sendo branqueados e peixes recém-pescados estavam sendo eviscerados e enxaguados. Gansos gingavam ativamente onde quer que escolhessem. Fabri então cruzou a Herdrucker (nomeada em homenagem aos animais pastoreados sobre ela), a ponte da cidade sobre o Danúbio. Ele era observado pelas duas sentinelas sempre postadas ali que, a essa hora do dia, ainda não tinham tocado o toque de alvorada em suas trombetas.

À frente de Fabri havia pastos e vinhedos e a estrada para o sul. Ele passou por um pequeno santuário suburbano para a Virgem, fechado em um lindo jardim, uma bênção final para sua partida.

Fabri, seu prior e seu servo cavalgaram juntos, pela planície plana e seus campos de linho, até a cidade-estação de Memmingen, 50 quilômetros ao sul. Aqui, o irmão Felix se encontrou com um nobre local e governador da Alta Baviera, Apollinaris von Stein, seu filho Georg e um séquito de homens de armas. Eles se comprometeram a partir para Jerusalém na manhã seguinte. Fabri abraçou o prior Ludwig, "com profunda dor e tristeza", ambos chorando e soluçando. Ludwig disse a seu filho espiritual Felix para não esquecê-lo na Terra Santa, para escrever se pudesse e para ter certeza de voltar logo. O prior partiu, retornando com seu servo para Ulm, para seus filhos espirituais, os irmãos de Félix.

Depois de Memmingen, os picos brancos dos Alpes, definitivos e ininterruptos, sobrepujaram o horizonte, aparentemente inatacáveis das planícies doces da Suábia e da Baviera. Na manhã seguinte, os homens tomaram a estrada ascendente em direção a Kempten e Innsbruck.

Fabri amava sua cidade, Ulm. Ele descreveu como, ao partir, seu entusiasmo por ver Jerusalém "morreu dentro" dele. A viagem à frente lhe pareceu "cansativa, amarga, inútil, vazia e pecaminosa". Ele escreveu: "Tive mais prazer em contemplar a Suábia do que a terra de Canaã, e Ulm me pareceu mais agradável do que Jerusalém". Fabri estava experimentando aquele tipo especial de desejo miserável e narcótico que agora

identificamos como saudade de casa, a maldição do viajante. Pode aparecer em qualquer lugar, uma surpresa sem alegria, uma dor desesperada, uma sensação de estar completamente no lugar errado.

O irmão Felix mal havia saído de casa. Apenas a vergonha quente do embaraço o impediu de se virar e correr de volta para o Prior Ludwig.

Mais ao sul, na cúspide dos Alpes, o Rio Reno deságua no vasto e longo lago conhecido como Bodensee (Lago de Constança) na cidade de Constança (Konstanz). Na Idade Média, ele era constantemente movimentado com barcos de tábuas de carvalho, alguns deles com até 20 metros de comprimento. Alguns carregavam barris, outros eram carregados com peles, madeira ou peixes; e outros transportavam viajantes que seguiam em todas as direções pela Europa.

O movimento incessante e o tedioso empacotar e desempacotar envolvidos na viagem quase invariavelmente significam perder coisas. Evidentemente, as pessoas nos barcos que cruzavam o Bodensee frequentemente perdiam ou descartavam objetos ao mar: uma estatueta de alabastro de uma Virgem Maria sem cabeça segurando um menino Jesus amamentando; um par de pinças de chumbo; alfinetes e agulhas; uma pequena efígie de um peregrino esculpida em uma concha; uma tigela de estanho; um cadeado de metal resistente; uma ferradura; dezenas de crucifixos, distintivos e broches. Todas essas coisas e muitas outras serão, centenas de anos depois, recuperadas por arqueólogos do fundo do lago.

Esses objetos perdidos no trânsito agora estão expostos no Museu Estadual de Constança Museu Arqueológico, e lembra a inveterada viajante inglesa Margery Kempe (c. 1373–c. 1439), que chegou à cidade em 1414 e perdeu (ou foi roubada) várias coisas em suas viagens: um anel precioso com um lema de amor a Jesus, uma bengala que ela havia comprado em Jerusalém e, perto de Constança, um lençol e uma bolsa de dinheiro roubados dela por seus companheiros de viagem.

Kempe, uma mãe de quatorze filhos do porto de Lynn, no leste da Inglaterra, não era diferente de Dorothea de Montau: ambas esposas de classe média que se dedicavam a visões místicas e à peregrinação. Kempe ditou corajosamente sua própria história de vida, conforme escrita em *The Book of Margery Kempe* (1436–8). Um momento decisivo em sua vida foi sua difícil jornada da Inglaterra para Jerusalém e Roma em 1413–14, e seu relato nos dá uma perspectiva única sobre as viagens de uma pessoa pela Inglaterra e Europa.

Por volta do ano de 1412, quando tinha cerca de quarenta anos, Kempe recebeu uma ordem de Deus de que deveria visitar Jerusalém, Roma e Santiago de Compostela. Para ela, viajar era obra de Deus, a fim de ganhar os perdões ou indulgências disponíveis nos locais sagrados e, assim, aprofundar seu relacionamento com Deus para o lucro de sua alma. Tendo obtido permissão para fazê-lo de seu marido e de seu bispo, Kempe partiu para Jerusalém no final de 1413, navegando de Yarmouth para o porto holandês de Zierikzee. Ela então seguiu para Constança, cerca de dois terços do caminho para Veneza.

Kempe teve uma jornada muito difícil. Ela, por algum tempo, começou a chorar abundantemente, "por seus próprios pecados, e às vezes pelos pecados de outras pessoas também". Ela derramava lágrimas sempre que pensava na crucificação de Cristo, e pensava nisso com muita frequência. Quando recebia a comunhão (pelo menos todo domingo), ela sucumbiu a "grande choro e soluços barulhentos". O choro de Kempe a acompanhava em

suas jornadas, e a tornava impopular entre seus companheiros de viagem. Ela nos conta em seu *livro* que seus companheiros estavam "muito descontentes que ela chorasse tanto e falasse constantemente do amor e da bondade de Deus, tanto na mesa de jantar quanto em outros lugares". Os outros viajantes a repreendiam e a avisavam que não a tolerariam.

Até a própria criada de Kempe, que viajou com ela desde A Inglaterra não conseguia mais suportar sua companhia. Apenas um homem apoiou Kempe e a encorajou a ficar com o grupo até que ele chegasse a Constança.

À medida que o bando de viajantes se dirigia para Constança, a intimidação de Kempe se tornou aguda. Eles a castigavam, abusavam dela e a envergonhavam em todos os lugares. Eles cortavam seu vestido curto, de modo que chegava logo abaixo do joelho, e a faziam usar um ridículo avental de lona branca, para que as pessoas pensassem que ela era uma louca e não lhe dessem crédito. No jantar em cada taverna ou estalagem, eles a faziam sentar na ponta inferior da mesa, abaixo até mesmo das criadas, dos cavaleiros e de outras pessoas humildes, e diziam para ela ficar em silêncio.

Um dia, em uma capela à beira da estrada em algum lugar na região da Suábia, Kempe foi rezar, chorando tanto que suas lágrimas correram para o chão de pedra. E Deus falou com ela, em sua mente, 'Não tenha medo, filha, seus companheiros não serão prejudicados enquanto você estiver na companhia deles.' E então ela ficou com eles e – 'louvado seja!' pensou Kempe – o grupo chegou a Constança em segurança.

Viajar sozinha era perigoso, especialmente para as mulheres. As mulheres viajavam com frequência, mas geralmente com seus maridos, irmãos ou filhos, e geralmente em grupo. Em vários pontos, Margery Kempe menciona suas preocupações sobre bandidos na rota e sobre estupro e assédio sexual por estranhos. Também deduzimos de seu relato que viajar sozinha significava que alguém perderia informações e recomendações de seus companheiros de viagem — quando as marés estavam favoráveis para a navegação, ou a hospedaria mais confiável da cidade, ou as melhores relíquias para ver, ou o fornecedor mais confiável de colchões e roupas de cama para a próxima etapa da jornada. E assim os viajantes raramente iam sozinhos e se alguém se encontrasse viajando com pessoas de quem não gostasse, não havia muito o que fazer a respeito. As viagens formam comunidades, mas nem sempre harmoniosamente.

O relato de Kempe sobre sua curta estadia em Constança em 1414 descreve uma cidade de pessoas em movimento. Poucos meses após sua visita, Constança sediou um conselho da igreja extremamente significativo – uma reunião ecumênica de representantes de todo o mundo cristão – que durou quatro anos. Visitantes de lugares distantes, da Etiópia à Irlanda, convocado para discutir questões-chave enfrentadas pela Igreja, incluindo o fim do cisma papal (havia papas rivais em Roma, Avignon e Pisa), as heresias em andamento na Boêmia e na Inglaterra, a ratificação de novos santos, a conversão de pagãos no Báltico e o desejo de se unir contra o islamismo. Um dos momentos terrivelmente climáticos do Concílio foi a execução do teólogo e reformista boêmio Jan Hus (1369-1415). Ele próprio havia se hospedado na pousada Krone em Ulm a caminho de Constança. Ele havia recebido uma carta de salvo-conduto do imperador, mas isso não o salvou. Ele foi queimado ao lado do Reno e suas cinzas foram jogadas no rio, junto com o resto do lixo descartado do dia.

Quando Kempe estava em Constança, as pessoas estavam começando a afluir para a cidade do mundo inteiro. Ela ficou cheia, com as pessoas encontrando alojamentos onde quer que pudessem, em estalagens e sobrados marcados com placas mostrando uma

colorida coleção de nomes: no Roten Adler (Águia Vermelha), Gelben Schaf (Ovelha Amarela), Schwartzten Bock (Veado Preto), Goldenen Lamm (Cordeiro Dourado), Regenbogen (Arco-Íris). Embaixadas e cortes tomaram conta de sobrados inteiros (os ingleses no Goldenen Schwert, a Espada Dourada). Jan Hus ficou em um ambiente mais humilde, hospedando-se com a viúva de um padeiro chamada Fida Pfister.

Kempe ouviu falar de um frade inglês na cidade, um legado da corte papal. Ela tinha um talento de viajante para encontrar estranhos amigáveis em terras distantes, e em Constança ela aproveitou ao máximo a oportunidade apresentada ao encontrar esse clérigo. Ela descreveu toda a sua história de vida para ele e contou a ele sobre o presente de doces revelações que recebeu de Deus. O frade confirmou a ela que essas revelações eram obra de Deus, não do Diabo, e ele também confirmou que a apoiaria contra seus companheiros de viagem.

Então Kempe convidou o frade para jantar com ela e seus companheiros em seus alojamentos, e ele falou a favor dela. Os outros viajantes ficaram absolutamente furiosos e disseram que não queriam mais nada com ela. O legado deu a ela algum dinheiro (£ 20, £ 16 dos quais foram roubados pelos outros) e Kempe orou para que Deus lhe enviasse um novo companheiro de viagem. E de repente, como se enviado pela graça divina, um gentil inglês apareceu, uma alma de barba branca chamada William Weaver, e eles viajaram juntos, de Constança para Bolonha. O relato de Kempe dá uma forte sensação de pessoas em movimento para, de e através da Constança medieval, e os tipos de encontros casuais que poderiam fazer ou quebrar uma jornada.

Ulrich von Richental, um homem local abastado, escreveu um relato muito detalhado do Concílio conforme ele aconteceu, nos dando muitas informações sobre como era visitar Constança em 1414. Richental descreve o número surpreendente de pessoas que desceram sobre a cidade (o antipapa pisano João XXIII veio com um grupo de 600 homens). Ainda mais surpreendente foi o número de cavalos pelos quais os delegados do Concílio foram acompanhados. O duque Luís II de Brzeg, na Silésia, veio com 200 cavalos e quatro carroças carregadas. Pipo, Senhor de Ozora na Hungria, tinha 150 cavalos e três carroças. Cada cavalo tinha sua própria bagagem de focinheiras, freios, rédeas, bolsas nasais, esporas, sacos, rédeas e caparisons.

Embaixadas vieram da África e da Ásia e de todos os cantos da Europa, pelo menos 5.000 pessoas pela contagem de Richental. Então, vários tipos de pessoas apareceram para apoiar os participantes do Conselho: boticários, sapateiros, alfaiates, ourives, peleiros, merceeiros, escribas, fabricantes de cintos, açougueiros e barbeiros, todos eles montando tendas e barracas pela cidade. Setecentas prostitutas vieram para a cidade e alugaram suas próprias casas ou ficaram em estábulos ou onde quer que pudessem. Richental estimou que a população da cidade, geralmente em torno de 10.000 pessoas, foi aumentada por mais de 70.000 visitantes durante o Conselho.

Aqui estava uma oportunidade perfeita para o povo de Constança ganhar dinheiro com pessoas de fora. Os alojamentos para essa multidão enorme eram rigorosamente regulamentados pelo conselho municipal de Constança. Enquanto os nobres alugavam ou se hospedavam em casas de burgueses ricos, e alguns clérigos ficavam nos mosteiros da cidade, a maioria dos visitantes ficava à mercê dos estalajadeiros de Constança. Então o conselho fez uma portaria: uma cama para duas pessoas não deveria custar mais do que 1½ florim por mês, e os proprietários eram obrigados a fornecer roupa de cama, almofadas

e travesseiros, todos os quais deveriam ser lavados pelo menos uma vez por mês. O estábulo para um cavalo era fixado em dois pence por noite. Mais tarde, o preço da comida também teve que ser regulamentado, porque havia muitas bocas para alimentar e muito lucro a ser tinha. Os preços do trigo, aveia, vinho, especiarias e carnes eram todos controlados de perto, para garantir que os visitantes não fossem enganados.

Havia um bufê luxuoso em jantares e festas, mas os viajantes também podiam comprar fast food, vendido por padeiros que chegavam à cidade com fornos em carrinhos ou pequenos carrinhos de mão: eles vendiam anéis de pão e pretzels em postes, e biscoitos, tortas e pastéis quentes recheados com peixe, carnes temperadas ou ovos. Alguns padeiros italianos vieram à cidade e venderam um novo tipo de pão achatado fino assado com coberturas saborosas.

Quando os viajantes deixaram Constança, eles enfrentaram a perspectiva de cruzar os Alpes. O entendimento medieval geral das montanhas era que a Terra havia sido formada plana e redonda, mas que as montanhas eram então feitas por rios que escavavam as partes mais macias da Terra, deixando as partes duras como montanhas. Também se sabia que as montanhas podiam ser formadas por terremotos. As montanhas, nesse entendimento, eram entendidas não como belas ou sublimes, mas como duras e duráveis, conectadas à Terra, mas alcançando os céus. Suas propriedades benéficas incluíam a atração de umidade, as origens das fontes, suas veias de metais nobres e seu ar limpo no cume.

As rotas se tornaram mais íngremes e o ar mais rarefeito. Viajantes pelos Alpes tiveram que fixar suas mentes mais do que nunca em seu destino. É raro para viajantes medievais mencionarem sítios naturais como montanhas, geleiras ou vales, mesmo que eles devam ter tido uma árdua passagem por chuva suspirante e trovões gemendo, e seus cavalos e jumentos tittupping devem ter lutado com as subidas vertiginosas.

A caminho do Concílio de Constança no final do outono de 1414, o antipapa João XXIII – um dos três pretendentes ao título papal na época – viajou de Lodi, perto de Milão, pelos Alpes, através do Passo de Arlberg, na Áustria, para se aproximar de Constança pelo leste. Um viajante elevado como um aspirante a papa não precisava sofrer as indignidades de caminhar penosamente pela neve ou andar em uma montaria escorregadia: ele era transportado em uma carruagem de madeira com rodas pintada de vermelho com remates dourados e puxada por dois cavalos brancos. Mas, ao tentar passar pelos trilhos nevados perto do vilarejo alpino de Klösterle, a charrete papal tombou. O antipapa, em seus vestidos esvoaçantes e um ouro cambaleante coroa, foi atirado de sua carruagem na neve e lama, xingando, blasfemamente, em nome do Diabo. Ele saiu ileso, mas foi um começo desfavorável para sua descida a Constança, onde, com o tempo, ele seria destituído de seu título papal e teria que fugir, disfarçado de mensageiro.

Os Alpes podiam ser atravessados por passagens estabelecidas – redes de estradas através de vales e ao longo de encostas mais suaves – e a mais popular era a passagem do Brenner, a principal rota do norte para o sul da Europa. De Constança, partia-se para Nassereith, Innsbruck, Vipiteno. Viajando em sua segunda viagem em 1483-4, Felix Fabri descreveu a má qualidade da estrada após um dia de chuva e uma noite de neve. Seu cavalo estava "afundado até a barriga a cada passo", e Fabri estava com água até os joelhos. Ele achou a passagem do Brenner intensamente fria, "pois mesmo no verão sempre há gelo, neve e geada". Em uma pousada em uma vila alpina, Fabri conseguiu seu próprio quarto

com uma porta com fechadura. Mas dois mensageiros em outro quarto esqueceram de trancar a porta, e foram roubados de suas bolsas cheias por um grupo de mineiros de prata bêbados que Fabri tinha visto, na noite anterior, jogando na taverna.

Uma vez que se chegava à cidade florescente de Bolzano, as montanhas eram cruzadas. Havia uma bela igreja aqui, um hospital bem equipado dedicado ao Espírito Santo, lojas, boticários, suprimentos frescos, bom vinho tirolês.

Havia até bordéis licenciados pela cidade (que forneciam receita de impostos para a cidade). No bordel, um visitante do sexo masculino (homens casados, homens judeus e clérigos eram excluídos) era servido com comida e bebida e então apresentado às trabalhadoras do sexo. Tais estabelecimentos, como veremos, eram parte da crescente infraestrutura de viagens.

Deixando Bolzano, a temperamental paisagem alpina de penhascos ficou para trás do viajante. O interior mais suave do norte da Itália surgiu, e Veneza estava ao alcance.

Uma conversa na hora de dormir entre dois viajantes

William e Perot estão em um "albergue" à beira da estrada, 1396 (de *La Manière de langage*, um guia para aprender francês para viajantes ingleses)

'Cara, eu imploro, por favor, cubra o fogo agora, e tire aquelas toras e brasas de uma vez. E junte as cinzas e as marcas, colocando cinzas por cima. E então podemos ir para a cama.'

Depois disso, eles sobem para o quarto. E quando chegam lá, um pergunta ao outro: 'Onde está Beaglet, o cachorrinho, e Florette, a cadela?'

'Não sei para onde Beaglet foi, mas de qualquer forma Florette foi dormir lá embaixo, sob os carvalhos do jardim.'

'William, tire suas calças rápido e lave suas pernas, então limpe-as com um pedaço de pano e esfregue-as bem, por causa das pulgas. Você não quer que elas pulem em suas pernas: há muitas delas na poeira sob aquela esteira de junco.'

Então ele vai para a cama. Então ele diz para o outro: 'Vai lá, tá? Você está com tanto frio que eu não consigo suportar que você me toque! E vamos dormir, pelo amor de Deus; eu realmente preciso, pois estou acordado há duas noites sem dormir.'

'Que diabos?! Você está com muito calor, está suando muito!'

'Oh, essas pulgas estão picando fundo e me causando tanta dor e desconforto, que cocei muito minhas costas está escorrendo sangue. Está me deixando toda cheia de crostas, e estou coçando por todo o corpo. Então amanhã vou tomar um banho de vapor sem mais demora, eu realmente, realmente preciso disso.'

'Oh, mas William, você tem um corpo tão macio! Por Deus, eu queria ser tão macio e limpo quanto você!'

'Não, não, Perot, não me toque, eu imploro! Eu tenho tanta cócegas!'

'Haha! Vou fazer cócegas em você todo!'

'Agora, pelo amor de Deus, meu chapa, pare com isso! Já passou da hora de dormirmos!'

'Tudo bem então, pelo amor de Nossa Senhora, com certeza, de qualquer forma.'

'Agora, vamos parar de falar, dormir bem e apagar a vela.'

'William, que Deus lhe dê uma boa noite e que eu também descanse bem!'

'O quê? Não vamos fazer nossas orações como normalmente fazemos?'

"Eu esqueci completamente."

'Agora, vamos dizer um *De Profundis*, em louvor a Deus e à bem-aventurada Virgem Maria, Sua doce Mãe, e a todos os santos do Paraíso. E pelas almas dos que partiram que estão esperando a misericórdia de Deus entre as punições do Purgatório, para que possam ser mais rapidamente libertadas de suas dores graças às nossas orações, e chegar à alegria eterna, que é a alegria de Deus, que está na Trindade sem fim naquele lugar delicioso, e que nos redimiou com Seu precioso sangue, que Ele em Sua grande misericórdia e piedade nos conceda alegria no fim, se assim Lhe aprouver! Amém.'

[±](#) O número 11.000 é provavelmente um exemplo antigo de erro de digitação, derivado de 'XI M', onde o M significava *martyrum*, 'mártires', mas foi mal interpretado como *milium*, 'mil', ou talvez seja uma leitura incorreta de um dos nomes da Virgem, ou alguma convolução semelhante na lenda.

[§](#) A palavra inglesa 'fustian' deriva de Fustat, a cidade mameluca no Cairo; o nome alemão *barchent* vem de um termo árabe para lã de pelo de camelo.

4.

Uma estadia em Veneza e depois para Roma

Praça de São Marcos – Fondaco dei Tedeschi – Basílica de São Marcos – Rialto e mercados – Lazzaretto – Roma

Veneza se tornou famosa por sua beleza, seu cenário incrível em mais de cem ilhas dentro de uma lagoa em forma de meia-lua e sua pátina única de venezianidade. No entanto, os visitantes frequentemente vivenciam Veneza como úmida, fétida, cara, muito quente ou muito fria, arrogante, nada sexy e moribunda. E isso sem nem mesmo considerar sua subjugação inteira ao turismo; como é frequentemente observado, a Veneza turística *é* a verdadeira Veneza. A cidade inteira tem, por muito tempo, sido moldada, mercantilizada e subserviente a pessoas que vão ou vêm de outros lugares.

O frade Niccolò da Poggibonsi viajou por Veneza a caminho da Terra Santa em 1345. Ele descreveu Veneza como uma cidade diferente de qualquer outra, onde todas as estradas, 'pequenas e grandes, são canais na água'. Assim, andava-se de barco. Niccolò achou que era o melhor dos portos porque de Veneza um homem poderia encontrar um navio para navegar para qualquer lugar do mundo onde houvesse comércio. Ele descreveu uma paisagem urbana cheia de belas casas e muitas torres de sino, algumas delas curvadas e agachadas em direção à água, como se estivessem defecando, por causa de suas fundações ruins. Ele reconheceu que, por causa de seu cenário pantanoso no mar, Veneza apresentava dificuldades únicas na construção de uma cidade.

Às vezes, Veneza parece uma miragem estranha, como se na verdade fosse feita de água e pudesse desaparecer em uma enxurrada de luz e sombra.

A maioria das cidades medievais tinha portões e pontos de entrada estabelecidos. Não Veneza. A cidade, à medida que os visitantes se aproximavam, era uma confusão para os olhos. Balsas e pequenas embarcações deslizavam pela lagoa para vários pontos da cidade. Felix Fabri, que visitou Ulm na década de 1480, observou, enquanto seu grupo navegava pela lagoa em direção a Veneza, seu espanto com 'tanto peso e tais estruturas altas com suas fundações na água'. O destino mais central era a Praça de São Marcos, o local do governo ducal (o Palazzo Ducale, reconstruído a partir de 1340 com arcos góticos e galerias) e a antiga Basílica de São Marcos. Isso ficava perto do outro ponto focal principal de Veneza, o Rialto, o local da lendária fundação da cidade. O Rialto, onde desde pelo menos a década de 1170 uma ponte de pedestres cruzava o Grande Canal, era o coração comercial da cidade e o ponto de encontro de comerciantes de todo o mundo. A própria abertura da cidade forçou Veneza a inovar na administração de viagens: a República de Veneza do século XV liderou o mundo no desenvolvimento de passaportes, guias de viagem e escritórios de turismo, quarentena para viajantes, regulamentações de saúde pública e supervisão e policiamento de pousadas, restaurantes e embarques. Longe de ser uma cidade aberta como parecia à primeira vista, a Veneza do final da Idade Média estava cheia de barreiras invisíveis, regulamentações e burocracia.

No entanto, quando os visitantes sentiram que Veneza finalmente os acolheu em seus segredos, a cidade pareceu um presente encantado da história. Algumas pessoas até disseram que Veneza foi construída com as pedras de Troia.

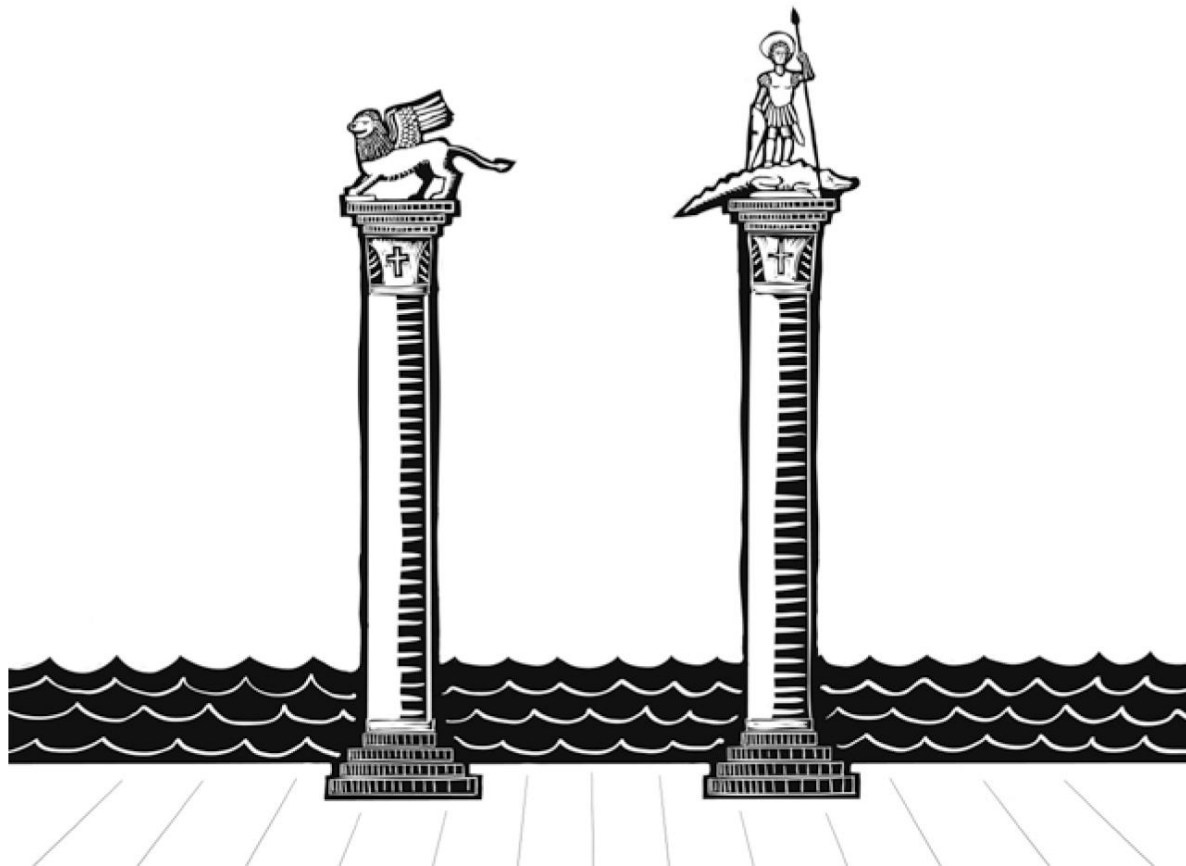
Tenha cuidado! Ao chegar em Veneza (ou, às vezes, até mesmo antes de chegar, enquanto navega pela lagoa em direção à cidade), você será cercado por guias (os locais os chamam de *tolo-mazi*) – eles lhe mostrarão o lugar, traduzirão todos os idiomas diferentes e até mesmo reservarão sua passagem para a Terra Santa. Mas alguns são extorsionários e mentirosos, trapaceiros e vigaristas. Você deve escolher um guia licenciado, que você pode encontrar todas as manhãs do lado de fora do Palácio Ducal e no Rialto.

Simon Fitzsimon, um frade a caminho de Clonmel, na Irlanda, para Jerusalém em 1323, ficou impressionado com a beleza e a limpeza da cidade, pensando que ela poderia estar entre as estrelas do firmamento em vez do mar. Fitzsimon descreveu como um terço da cidade é "pavimentada com tijolos cozidos", enquanto dois terços são ruas navegáveis e líquidas pelas quais "o mar flui e reflui continuamente e incansavelmente". Ele observou que no Palácio Ducal vivem leões o tempo todo eram cuidadas, para a glória do palácio e 'para a magnificência de seus cidadãos'.

Visitantes nobres eram anunciados na corte do doge por um servo, sentado sob a bandeira veneziana, batendo batidas rítmicas no chão com um pesado bastão pintado. Alguém poderia ter visto meninos em trajes multicoloridos tocando rabeca, e mulheres em sapatos precariamente altos para manter os pés secos, e cães com coleiras sentados pacientemente para seus donos. Havia malabaristas, anões e pregadores. Arautos anunciavam, e às vezes cantavam, as notícias do mundo todo.

Ao lado disso, na entrada da Praça de São Marcos, perto das ondas da lagoa, ficavam as duas colunas de granito magras, erguidas por volta de 1200, dedicadas aos santos padroeiros da cidade, São Marcos Evangelista e São Teodoro (conhecido localmente como San Todaro). A estátua de Teodoro era composta por pedaços de esculturas antigas, a cabeça de um imperador romano no corpo de outro imperador. Ele estava no topo de sua coluna, montado em um crocodilo-dragão adicionado por volta de 1300, representando a vitória. No topo da coluna de São Marcos estava um antigo leão alado de bronze (o símbolo do evangelista), que se tornou o emblema da cidade e seria encontrado em todo o Mediterrâneo em portões, portais e torres, onde quer que La Serenissima governasse as ondas e os mercados. Teodoro está de costas para o mar, olhando para a cidade, observando as pessoas. O leão de São Marcos olha para o leste, para fora da cidade em direção à lagoa, Lido e os mares além.

Ondas atingiam incessantemente as estacas de madeira e as fundações de mármore da cidade. Veneza era um lugar em constante movimento: migrantes, mercadores, escravos, marinheiros, peregrinos, refugiados e o resto do mundo chegavam e partiam aqui. Uma das coisas que definiam uma cidade medieval como Veneza era que ela permitia e aumentava a mobilidade: não apenas a mobilidade através e entre lugares, mas também a mobilidade social e financeira. Veneza era realmente um centro de comércio, onde fortunas podiam ser feitas e destinos mudados. Dizem que até mesmo o santo padroeiro da cidade, São Marcos, já buscou abrigo na cidade, um evangelista transportado do Levante para o território marítimo (e, no século IX, a viagem de Marcos aconteceu novamente, pois seus ossos santos foram roubados de Alexandria e consagrados em Veneza).



Muitos viajantes por Veneza eram comerciantes – como Marco Polo – enquanto outros eram missionários (como Odorico de Pordenone, um franciscano que cruzou a Ásia de 1318 a 1329). Outros partiram para conquistar o mundo em nome de Veneza: por exemplo, Marino Sanudo, o Velho (m. 1343), que visitou o Levante muitas vezes e fabricou um plano para ocupar e anexar o Egito. Ou Nicolò Conti que, na década de 1420, navegou pelo Golfo Pérsico e todo o caminho até a Índia e rio Ganges acima. Ou Pietro Querini que, em 1432, foi desviado do curso e naufragou nas Ilhas Lofoten, no norte da Noruega. Veneza e os venezianos pareciam conectados à versão mais ampla possível do mundo – tecidos da Pérsia e da China, farinha do Levante, navios e seus passageiros de todos os portos, de Gibraltar à Crimeia, peregrinos da Islândia, Escócia, Suécia, França, Portugal, Polônia, Armênia. Os povos do mundo se reuniram ali, neste improvável conjunto de ilhas baixas.

Pietro Casola, visitando Milão em 1494 a caminho da Terra Santa, disse: 'Não creio que haja qualquer cidade à qual Veneza, a cidade fundada no mar, possa ser comparada.' Casola acrescentou que 'parece que se todo o mundo se reunir lá, e que os seres humanos concentraram lá todas as suas energias para o comércio.' O embaixador francês Philip de Commines, visitando no mesmo ano que Casola, ficou surpreso com a situação da cidade 'toda na água', e concluiu que Veneza 'é a cidade mais triunfante que já vi'. O viajante inglês Thomas Larke, visitando em 1506 e escrevendo para seu patrono Sir Richard Guylforde, ficou impressionado com Veneza: 'a riqueza, os edifícios suntuosos e a organização de suas justiças e conselhos, junto com todas as outras coisas que tornam uma cidade gloriosa, prevalecem em Veneza acima de todos os outros lugares que já vi.' Para Larke, como para

muitos outros visitantes, Veneza era um paraíso de edifícios monumentais construídos em ilhas. Ela cristalizou uma ideia linda e impressionante do que uma cidade poderia ser.

Casola dedicou páginas para elogiar as mercadorias e os mercados de Veneza, vendo a beleza na abundância, deslumbrado pela fartura. No entanto, seu relato de Veneza vacila repetidamente em torno de uma questão com a qual os viajantes frequentemente lutam: como alguém faz um relato de um lugar maravilhoso e ainda assim o torna crível para aqueles que não estiveram lá? "Eu sei que é difícil para qualquer um que não tenha visto essas coisas acreditar no que eu digo, porque eu mesmo caí no mesmo erro — isto é, eu não costumava acreditar no que me diziam sobre elas!", ele escreveu. Viajantes testemunhas oculares frequentemente acham difícil convencer seus leitores de que o que viram é confiável. Afinal, acreditava-se que o mundo era um jardim enciclopédico e sempre surpreendente de prodígios e milagres.

Imperdível! No Dia da Ascensão, há uma grande feira em São Marcos. Há também uma cerimônia, o *Sposalizio del Mare* ('Casamento do Mar'), na qual o Doge de Veneza navega na barca cerimonial, o *Bucintoro*, e lança uma aliança de casamento no mar. Isso mostra a união indissolúvel entre Veneza e as águas nas quais ela flutua e prospera.

Muitos viajantes estavam em Veneza para navegar até a Terra Santa. A cidade era o porto de partida para Jaffa, então o porto-chave para Jerusalém. A República de Veneza era a principal potência naval de todo o Mediterrâneo oriental. O enorme Arsenale (fundado em 1104), suas muralhas, vislumbradas pelos visitantes que navegavam pela cidade e às vezes visitadas como um espetáculo à parte, eram o estaleiro para transporte militar e civil. Suas centenas de barcos navegavam diariamente pelo mundo. A República de Veneza abrangia uma galáxia de territórios pela Dalmácia e o Mediterrâneo oriental, até Alexandria, Beirute e além da Crimeia. Isso incluía um importante posto comercial em Tana (hoje Azov) e o porto de Caffa (Feodosia), de onde os genoveses e venezianos negociavam milhares de escravos, principalmente tártaros e circassianos, muçulmanos e cristãos. A república marítima de Veneza prosperou em todos os tipos de negócios, apoiada pela indústria de peregrinação do turismo sagrado.

Os viajantes permaneceram em Veneza por algum tempo. Eles estavam à mercê dos clientes e capitães de galera, que esperavam até que o tempo estivesse bom (ou até que tivessem forçado os viajantes a gastar muito dinheiro em Veneza). Margery Kempe ficou por treze semanas na primavera de 1414, Pero Tafur por mais de trinta dias em 1436, Thomas Larke por sete semanas de maio a julho de 1506. Viajantes como eles pagaram um depósito para agentes de navegação: se seu barco partisse sem eles, como poderiam chegar a Jaffa? Para Felix Fabri, depois de algumas semanas em Veneza, os encantos da cidade começaram a enfraquecer. "Começamos a ficar extremamente cansados de Veneza e ansiamos por nossa partida", escreveu ele. Ele suspeitava que o capitão de sua galera havia mentido para ele sobre a data de partida. Muitos viajantes como Fabri se viram presos em Veneza, esperando para ouvir sobre a partida de seu navio, gastando muito dinheiro e ansiosos para deixar a cidade superregulamentada para a próxima etapa de sua jornada.

Todo o negócio era regulado e controlado pelos vários oficiais da República Veneziana. Os *tholomarii* constituíam uma espécie de escritório de turismo, supostamente para auxiliar os viajantes a encontrar um lugar para ficar e negociar sua passagem marítima. Os alojamentos da cidade também eram rigorosamente regulados e inspecionados pelo

Senado Veneziano. Enquanto isso, a partir de 1292, os Ufficiali al Cattaver supervisionavam as leis e condições relacionado a viagens marítimas. Acidentes, roubos, disputas e decepções eram ruins para o comércio de viagens da república. Viajantes (se sobrevivessem à viagem) podiam reclamar com o *cattaveri* na viagem de volta, então um bom atendimento ao cliente e viajantes satisfeitos eram do interesse da república.

Viajantes medievais costumavam carregar certificados de salvo-conduto, um *guidaticum* ou cartas patentes. Em Veneza, a certificação do viajante tornou-se uma exigência, um dever. Veneza desenvolveu um sistema avançado de certificação individual na forma da *bolletta del passaggio* (ou *bullétta*, *bollettino*, *polizza*), um documento que em diferentes épocas era um recibo para o pagamento de pedágios de trânsito, um conhecimento de embarque, um certificado de boa saúde ou um passaporte. Qualquer passaporte é um meio de regular o movimento do indivíduo, e a *bolletta veneziana* fazia exatamente isso: estrangeiros desembarcando em Veneza eram obrigados a obter uma *bolletta* por uma taxa, estabelecendo sua identidade e certificando sua rota pretendida e, às vezes, que o lugar de onde vinham estava livre de peste. Tornou-se mais importante do que qualquer distintivo de peregrino para provar as credenciais do viajante e garantir sua capacidade de viajar. Peregrinos e comerciantes poderiam então ser obrigados a mostrá-lo durante toda a sua jornada de Veneza a Jerusalém ou Constantinopla. A *bolletta* tinha um tempo limitado e podia ser fornecida pelos *tholomarii* ou pelo patrono de uma galera. Além disso, a partir do final do século XIV, muitas outras cidades italianas, como Florença e Livorno, exigiam que os viajantes tivessem uma *bolletta di sanità*, um atestado de saúde, mostrando que não estavam carregando a peste. No final do século XV, os visitantes que viajavam sozinhos ou sem uma *bolletta* eram rotineiramente suspeitos de serem portadores da peste. Por meio da *bolletta*, o viajante se tornava dependente da administração de sua jornada e de sua legitimação por meio de papelada. O passaporte, sempre um documento indutor de ansiedade, começou a se tornar a manifestação literal da identidade de cada viajante *como um viajante*.

A indústria de hospitalidade bem desenvolvida e regulamentada em Veneza significava que encontrar um lugar para ficar era relativamente simples, desde que o viajante tivesse bastante dinheiro. Havia *ospedali* (refúgios ou enfermarias) básicos e antigos para viajantes, onde os peregrinos que vinham e vinham da Terra Santa se hospedavam ao lado dos pobres e doentes. *Tholomarii* também direcionou viajantes internacionais para *ospizi* (hospícios de peregrinos), como o Ospizio Celsi (fundado em 1409) na Riva degli Schiavoni, a uma curta caminhada de São Marcos. Um grande número de albergues públicos e *locande* e *osterie* (pousadas) particulares se aglomeravam ao redor da Ponte della Paglia, perto do Rialto, e ao redor da Praça de São Marcos. Para os europeus do norte, as pousadas favoritas incluíam a San Zorzi (a George, administrada na década de 1480 por uma certa Margarita, que levantou as sobranceiras de Felix Fabri ao se casar com seu servo Nicholas Frig).

A maioria das estalagens venezianas tinha espaço para cerca de vinte a quarenta hóspedes. Essas estalagens estavam sujeitas a todos os tipos de regulamentação pelo governo da república. Elas eram agrupadas para que as autoridades onipresentes da cidade pudessem ficar de olho no comportamento ali, lutando uma batalha perdida contra sodomia, roubo, brigas e embriaguez. Como em outros lugares, as estalagens não eram as mesmas que as tavernas, que existiam para beber. Assim como as tavernas, Veneza tinha *furatole rude*, barracas informais que vendiam peixe frito e vinho ilícito. Em estalagens e

tavernas, beber álcool era estritamente regulamentado, policiado pelos *Signori di Notte* (os Vigilantes Noturnos ou 'Senhores da Noite') que também aplicavam regulamentações nos bordéis e, segundo seus procedimentos, empregavam tortura no *curlo* (cremalheira).

Palácios familiares recebiam hóspedes e muitas enfermarias religiosas também cuidavam de peregrinos. Algumas enfermarias eram de um único sexo, outras estavam localizadas em suas próprias ilhas na lagoa. O sinal mais grandioso e visível das boas-vindas de Veneza aos estrangeiros era o Fondaco dei Tedeschi, uma magnífica casa de comércio para mercadores alemães construída em 1228 (reconstruída em 1318 e 1505). # Era um armazém, albergue, taverna, showroom, refeitório e centro comunitário em um enorme complexo de oitenta cômodos. Aqui, mercadores e emissários do sul da Alemanha estabeleceram uma colônia poderosa ao lado do Rialto, no melhor cenário para o comércio, na curva central do Grande Canal. Com o passar do tempo, o Fondaco dei Tedeschi acolheu visitantes austríacos, húngaros e todos os visitantes do norte da Europa em Veneza. Vários estrangeiros comunidades – albaneses, armênios, borgonheses, gregos, eslovenos, turcos e muitos outros – também tinham assentamentos na cidade, muitas vezes refletidos nos nomes de ruas de hoje. Leo de Rozmital, um nobre boêmio, e seu escudeiro Wenzel Schasek (Václav Šašek) visitaram o Fondaco em 1467. Schasek escreveu que qualquer homem 'de todas as principais cidades de todos os países cristãos pode ter sua própria mesa, onde pode obter qualquer comida e bebida que desejar'. No Fondaco, havia 'amplos suprimentos de tudo'.

Além desses lugares bem estabelecidos para ficar, Veneza também tinha *albergarie* (casas de hospedagem), muitas sem licença, espalhadas pela cidade e de má reputação. O Conselho de Saúde Veneziano (o Provveditori alla Sanità, fundado na década de 1480) parece ter se preocupado particularmente com o risco de contágio nessas pensões, que eram populares entre os visitantes, parte das preocupações mais amplas das autoridades da cidade sobre doenças em tal lugar de mobilidade.

Enquanto os visitantes estavam detidos em Veneza esperando sua passagem, havia muitas relíquias, santuários e grandes igrejas para ver. Ogier d'Anglure, visitando em 1395, ficou particularmente impressionado com uma relíquia do dente de Golias que viu na capela de um dos hospitais de caridade de Veneza. William Wey, visitando em 1458, notou em várias igrejas o corpo inteiro do pai de João Batista, São Zacarias, e os corpos de Santa Lúcia, Santa Sabina, São Pancrácio e Santa Marina, bem como o braço esquerdo de São Jorge e o fêmur de São Cristóvão. Além desses corpos e membros sagrados, ele viu uma estátua da Virgem Maria feita da mesma rocha atingida por Moisés no deserto. E na Basílica de São Marcos, uma estátua de Jesus teria sido esfaqueada por um visitante judeu cinco vezes e pingava sangue de verdade. Por meio desses locais, Veneza se tornou um destino de peregrinação, permitindo que os viajantes justificassem seus atrasos ali com turismo sagrado.

A incomum Basílica de São Marcos tendia a deslumbrar seus visitantes. Do lado de fora, parecia atarracada e baixa, um pavilhão exótico, bem diferente das torres altas e voltadas para o céu das catedrais góticas. Servia como capela do doge, bem como igreja estatal de Veneza. Consagrada em 1094 no local de uma basílica mais antiga, a Basílica de São Marcos tem uma fachada em estilo bizantino que consiste em cinco portais encimados por cinco arcos, todos decorados em mármore e pedras pluteus leves. Quatro cavalos antigos fundidos em liga de cobre erguiam-se acima do pórtico; eles podem ter vindo como espólio

do saque de Constantinopla por Veneza em 1204. Acima dos cavalos, o edifício era coberto por cinco domos.

No interior, a igreja da nave cruciforme era sombria em contraste com a pedra clara do exterior. Mas o interior era definido e iluminado por seus tetos dourados ornamentados, decorados com milhões de mosaicos brilhantes. A novidade das tesselas de mosaico incrustadas de São Marcos atraiu comentários particulares, "pequenas pedras e pedaços de vidro de um quarto do tamanho da unha do dedo mindinho", como Jean de Tournai os descreveu quando os visitou em 1488. Grande parte do trabalho em mosaico foi feito pelos famosos vidreiros de Murano. A basílica de São Marcos era menos um local de peregrinação — embora reivindicasse o corpo do evangelista — e mais um palco para o espetáculo veneziano e as demonstrações de poder do doge. Na basílica, em 1462, o peregrino inglês William Wey viu a cerimônia da Véspera de São Marcos acontecendo, com 'doze coroas de ouro cheias de joias preciosas' colocadas no altar do santo, com cálices, turíbulos e castiçais 'extremamente ricos'. O altar-mor era feito de prata dourada. Para Wey, a Basílica de São Marcos o lembrava da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém. No Dia de São Marcos, ele viu as fraternidades da cidade desfilando ao redor da igreja, segurando velas de cera em uma mão e flagelos na outra para se baterem.

O irlandês Simon Fitzsimon disse que St Mark's era "uma igreja suntuosa, construída incomparavelmente de mármore e outras pedras valiosas", e do outro lado ficava a praça pública, a St Mark's Square, "que, considerando tudo, não tem igual em lugar nenhum". Konrad Grünemberg, visitando Constance em 1486, descreveu a basílica como "uma maravilha que faz você se perguntar", impressionado com o vidro, ouro, mosaicos de mármore e lustres. Adjacente à basílica estava o magnífico *campanário*, um campanário-torre de vigia, que atraía os olhos dos visitantes para o céu, sua torre com ponta metálica como uma estrela acolhedora guiando os viajantes que chegavam.

Deixando de lado tais questões de fé, a principal prioridade em Veneza para a maioria dos viajantes eram as compras para a viagem que tinham pela frente. A cidade era, no século XV, uma espécie de supermercado de viajantes, voltado para certificando-se de que as pessoas estavam bem abastecidas para suas árduas jornadas. Um inglês, que provavelmente pode ser identificado como Geoffrey Caldwell de Londres, visitou Veneza no final do século XV a caminho da Terra Santa e escreveu um guia de viagem para outros com base em suas experiências. Sua principal preocupação era com o que comprar, e seu conselho era que em Veneza 'primeiro, é preciso providenciar para si mesmo uma cama' e 'uma gaiola para galinhas' (as próprias aves podiam ser compradas ao longo da rota para Jaffa).

Então, para o resto de seu conselho, Caldwell voltou-se para o que parece ter sido uma preocupação para os viajantes: o gerenciamento dos intestinos durante a jornada à frente. Em Veneza, Caldwell aconselhou comprar um balde coberto para defecar e um frasco de urina. Deve-se, ele disse, também obter barris de água e seu vinho preferido (acrescentando que um pouco de água limpa deve sempre ser adicionada ao vinho). Isso, ele alertou, é porque a água das cisternas ao longo da rota causava constipação, enquanto a água doce poderia ser um laxante prejudicial. Ele aconselhou estocar em Veneza (no mercado dos merceiros, mas com o conselho de um médico) um kit de enema, com supositórios ('como o dedo de um homem feito de sabão branco ou uma vela de sebo fina'). A outra coisa crucial a comprar era um pouco de semente de erva-doce e anis, para ajudar

com peidos excessivos. A escrita de viagem moderna geralmente evita cobrir a vida privada dos viajantes; não tanto a escrita de viagens medievais, na qual as intimidades e necessidades do corpo do viajante eram abordadas tanto quanto o cuidado com sua alma.

Konrad Grünemberg aconselhou que manter o estômago aquecido ajudaria na evacuação diária e protegeria contra diarreia. Por esse motivo, ele disse que muitos viajantes compravam roupas íntimas em Veneza feitas de *scarlatto*, um tecido de lã caro pelo qual a cidade era famosa.

Visitantes de Veneza relataram sobre os alimentos que se deve comprar lá e armazenar para a próxima viagem marítima, como lastro para o estômago. *O biscoito de panela em forma de anel assado duas vezes* era especialmente adequado para pessoas que iam para o mar porque durava muito tempo. Sardinhas, anchovas e enguias eram peixes básicos e eram frequentemente conservados para durar mais e viajar melhor. O esturjão era salgado e defumado, ou transformado em uma espécie de salame (*morona*). O bacalhau salgado (*baccalà*), comido em toda a Europa, também era comum em Veneza e popular entre os viajantes para a jornada que se aproximava. Esperava-se que as galeras fornecessem refeições quentes diárias aos passageiros, embora a qualidade fosse imprevisível. Os viajantes planejavam usar seus próprios estoques de comida, abastecendo-os nos portos que visitavam ao longo do caminho.

A comida de Veneza refletia os ingredientes que vinham para a cidade de todo o mundo conhecido e a capacidade de consumo de sua população. A mercadoria disponível lá era a causa da excitação da maioria dos visitantes. Pero Tafur se maravilhou que as frutas espanholas eram tão baratas em Veneza quanto na Espanha, e acrescentou que em Veneza se podia comprar "tudo o que vinha da Síria e, se alguém quisesse, da Índia, já que os venezianos navegam por todo o mundo": Veneza oferecia ao visitante um mercado global. Pietro Casola dedicou páginas para descrever os mercados de Veneza, perguntando: "Quem poderia contar as muitas lojas tão bem mobiliadas que pareciam armazéns?" Ele viu uma variedade extraordinária de tecidos - tapeçarias, brocados, cortinas, tapetes, sedas de todos os tipos - e muitos armazéns cheios de especiarias, mantimentos e drogas, "e tanta cera branca linda!" Ele disse que essa abundância poderia "estupefata o observador" e desafiava ser totalmente descrita.

Para Casola, tal abundância material era uma visão de beleza encantadora. Ele se encantava com as padarias de Veneza, "incontáveis e de beleza incrível", vendendo pão inigualável que fazia um homem saciado querer continuar comendo. Grãos eram importados para a cidade do Oriente Médio e os fabricantes de massa e padeiros se tornaram bem regulamentados; o peso e o preço do pão eram fixados diariamente, e os produtos refletiam as necessidades dos viajantes. Casola amava a abundância de pássaros e peixes comestíveis, embora caros, a abundância de frutas e vegetais ("parecia que todos os jardins do mundo deviam estar lá!") e os vinhos quase incríveis - malvasia, moscatel, vinhos gregos, vinhos brancos, vinhos tintos, garrações e barris em tal fartura. O relato de Casola parece que ele estava bêbado com a própria cidade.

A única coisa que deixou Casola chateado foi o estado miserável do mercado de carnes no Rialto, e isso o fez desistir de comprar lá. Esses cheiros ruins – como entranhas putrefatas e lixo podre de açougueiro – estavam indelevelmente conectados à peste e à doença.

Como uma cidade que se reabastecia constantemente com pessoas em movimento, Veneza era particularmente suscetível a contágios e pragas. Pero Tafur notou a limpeza das ruas, lavadas pelas águas da lagoa, e acrescentou que os venezianos queimavam perfumes nas ruas, 'e as pessoas carregam consigo aromas e especiarias, que são moídos nas ruas e exalam um cheiro muito agradável'. Uma rua agradavelmente perfumada equivalia a uma paisagem urbana saudável, e mascarava os vapores fétidos que ameaçavam chegar à cidade com suas multidões de visitantes.

Os canais de Veneza, cercados por vielas estreitas, eram povoados com variedade, de estranhos imaginando um milhão de coisas uns sobre os outros. Os habitantes judeus ainda não estavam confinados ao gueto, mercadores turcos negociavam com os negócios da cidade, e mouros do norte da África se moviam pelos mercados. Mulheres jovens solteiras entravam nos conventos e contrabandeavam seus amantes – homens e mulheres – para os claustros. Prostitutas de todas as idades, gêneros e tipos de beleza trabalhavam por toda a cidade; pousadas e tavernas eram proibidas de deixar prostitutas trabalharem lá, e em vez disso, a partir de 1358, bordéis licenciados foram estabelecidos primeiro perto do Rialto, mas eventualmente por toda a cidade (o Grande Conselho de Veneza decretou em 1360 que prostitutas eram "absolutamente necessárias nesta cidade"). Em 1600, todos esses grupos seriam regulamentados em instituições da cidade, para contê-los por meio de cuidados cívicos, como se para conter o movimento constante de pessoas ao redor da lagoa hospitaleira de Veneza.

Em 1348, quando a peste se espalhou pela Europa, o Grande Conselho de Veneza contratou vigias noturnos para verificar os viajantes que chegavam, que eram suspeitos de trazer a doença para a cidade. Veneza, como um centro de viagens, não podia deixar de ser visitada pela peste. Então a cidade desenvolveu proativamente *lazzaretti* na lagoa, ilhas de quarentena nas quais enclausurava pessoas doentes (ou pessoas consideradas propensas a estarem doentes). A quarentena de pessoas doentes nos *lazzaretti de Veneza* foi um prenúncio do hábito veneziano posterior de enclausurar pessoas para limpar o corpo político da cidade. **

Em 1377, a antiga posse de Veneza de Ragusa (Dubrovnik) do outro lado do Mar Adriático começou a colocar em quarentena os navios que chegavam, mantendo-os por um mês em uma ilha desabitada, Mrkan, a uma distância do próspero porto de Dubrovnik. Mas foi em Veneza que o primeiro *lazzaretto* ou hospital de peste do mundo foi estabelecido, na ilha de Santa Maria di Nazareth em 1423. Uma segunda ilha, o Lazzaretto Nuovo, foi estabelecida como uma estação de quarentena em 1456 (e totalmente operacional em 1471). A ideia da ilha de isolamento rapidamente pegou, com *lazzaretti* sendo estabelecidos em outras estações importantes de viajantes nessa época, incluindo os vizinhos e colônias de Veneza em Pádua, Chioggia, Split e Corfu. Os *lazzaretti venezianos* eram usados para indivíduos já doentes com a pestilência, para pessoas que tinham entrado em contato com os doentes, para as cargas e tripulações de navios que chegavam para serem colocadas em isolamento antes de chegarem à cidade, e para aqueles convalescentes da peste. Os *lazzaretti* nem sempre eram considerados paisagens infernais dos condenados: as pessoas às vezes os descreviam como o Paraíso, um jardim murado, às vezes como Cuccagna (a Terra de Cockayne, o mundo mítico da abundância), às vezes como

um Purgatório do qual alguém emergiria purificado. Borboletas prosperavam lá, e garças brancas vadeavam assertivamente pelas águas pantanosas.

O ar no *lazzaretti* estava pesado com os aromas purificadores de zimbro e alecrim fumegantes. Isso era para combater os miasmas podres e pegajosos pelos quais se acreditava que a peste entrava no corpo e desequilibrava os humores com muito calor e umidade.

O Lazzaretto Vecchio é uma pequena ilha, a quase 3 quilômetros a leste da Praça de São Marcos, perto do Lido, o banco de areia que abriga Veneza. Os visitantes eram recebidos pelos edifícios murados de um antigo mosteiro, incluindo um claustro, um poço e uma capela. Havia jardins, com árvores frutíferas, e a casa do prior, separada dos alojamentos para os doentes, e áreas de depósito para a desinfecção de mercadorias. Os pacientes, muitos deles peregrinos, marinheiros e comerciantes de toda a Europa e do Levante, eram cuidados em dormitórios de um único sexo. Ricos e pobres suavam, gemiam e expiravam lado a lado. Os miseráveis inválidos eram alimentados com alimentos considerados restauradores e saudáveis: ovos cozidos, frango, vitela, açafraão e vinho .

Durante um surto de peste, as galeras ao longo da Praça de São Marcos foram substituídas por jangadas improvisadas. As pintadas de preto transportavam para longe da cidade os cadáveres pútridos daqueles que já tinham sucumbido. Os barqueiros, nas jangadas pintadas de branco para desinfetá-las, transportavam os doentes para os *lazzaretti* . Lá, os indivíduos, que tinham sido instruídos a trazer nada além de suas roupas de cama, eram registrados por funcionários do Conselho de Saúde (ao contrário de outros serviços de saúde medievais, em Veneza esta era uma instituição cívica e financiada pelo estado, em vez de religiosa). Sinais da extensão de sua doença eram registrados, e aqueles que pareciam muito doentes recebiam confissão, para prepará-los para a morte. Embaixadores e diplomatas estrangeiros, comerciantes turcos e judeus e peregrinos temporários eram todos enviados para o *lazzaretto* junto com milhares de venezianos, muitos deles para nunca mais sair.

A principal característica dos *lazzaretti* eram seus cemitérios. Milhares de cadáveres eram colocados em longas trincheiras paralelas ou, às vezes, em valas comuns. Corpo empilhado sobre corpo. Os túmulos raramente eram marcados.

A investigação de esqueletos do Lazzaretto Vecchio mostra que pessoas morreram lá da bactéria *Yersinia pestis* , o patógeno viajante que causa a peste bubônica, pneumônica e septicêmica. Houve pelo menos dezesseis grandes irrupções da peste em Veneza entre 1347 e 1528. Em outras palavras, a peste fez uma visita significativa à cidade aproximadamente a cada década. A cada surto, a pestilência parecia rasgar violentamente este lugar construído para a mobilidade. As pragas eram desastrosas para a população de uma cidade tão densamente povoada: em alguns anos de peste, um quarto a um terço da população de Veneza pereceu. A cada surto, grupos ascéticos flagelantes desfilavam pela cidade aflita, chicoteando suas costas em ritmo veemente, seu sangue chorando pelas ruas e nos canais enquanto sinalizavam sua abjeta humildade diante de Deus.

Havia uma confraria veneziana, fundada em 1478 e dedicada a São Roque (Rocco), para aqueles afligidos pela peste. Em 1485, o dedo de São Roque foi trazido da Alemanha para Veneza para ajudar a dar proteção à cidade (o resto do corpo do santo seguiu alguns anos depois). O próprio Roque foi um viajante precoce, um francês que deu todas as suas riquezas aos pobres e partiu como um peregrino sem dinheiro para Roma. Na Itália, ele foi

Diz-se que cuidou dos doentes durante um surto de peste e que foi a causa de inúmeras curas milagrosas. Quando o próprio Roch desenvolveu a doença, ele foi cuidado por um cão leal, que lambeu e curou suas feridas. Roch é frequentemente retratado em trajes de peregrino, puxando sua túnica para apontar ou tocar sua coxa pustulosa. A Igreja Veneziana de St Roch era às vezes visitada por viajantes quando seus companheiros contraíam a peste. Em 1483, Felix Fabri, acreditando que o senhorio de sua pousada veneziana havia morrido de peste, correu para St Roch para oferecer orações. Os companheiros de Fabri, enquanto isso, já haviam se dirigido para o oeste, para Pádua, fugindo dos vapores de Veneza.

De Veneza, os mercadores podiam pegar um barco para todos os portos do Mediterrâneo e do Mar Negro. Os peregrinos em geral seguiam para o sul por terra até Roma ou pegavam um barco para o leste até Jaffa para Jerusalém.

Dame Beatrice Luttrell em 1350 escolheu Roma como seu destino porque era o ano do Jubileu. O Jubileu de Roma era essencialmente um festival de peregrinação, uma oportunidade para qualquer cristão devoto o suficiente para fazer a jornada para preparar sua alma para um futuro de pureza espiritual. A Igreja reconheceu que a grande praga, que atingiu a Europa em 1347 e por vários anos depois, deu uma nova urgência à peregrinação. Os devotos queriam demonstrar seu arrependimento e agradecer por terem saído da terrível pandemia. Quando Dame Beatrice chegasse a Roma, ela, sua criada Joan e seu noivo Henry teriam recebido absolvição plenária por seus pecados: em outras palavras, por meio da viagem, a pecaminosidade de uma vida inteira poderia ser expurgada.

Roma naquela época não era uma cidade grande; depois da peste, sua população em queda era de cerca de 17.000 pessoas. Suas ruas precárias eram visitadas pelas igrejas em ruínas contendo os corpos dos santos. Muitas das ruínas clássicas da cidade foram ignoradas ou foram abandonadas fora da cidade medieval, que era muito menor do que a antiga capital imperial. Palácios aristocráticos, casas papais, complexos de mercadores e novas basílicas surgiram e desapareceram na cidade. Alguns restos antigos eram entendidos como maravilhas estranhas, como a pinha gigante de bronze do primeiro século que ficava no pátio da Old St. Peter's, ou a engenhosamente redonda Igreja do Panteão (chamada St Mary Rotunda) com sua enorme cúpula que desafiava a compreensão humana. John Capgrave, escrevendo em 1450, repetiu um mito comum em seu guia de viagem de que a cúpula do Panteão, uma "maravilha" sem pilares, havia sido construída construindo um monte gigante de terra cheio de dinheiro; a cúpula foi construída sobre a colina e então os moradores da cidade foram convidados a levar a terra embora e ficar com o dinheiro que encontrassem como pagamento por seu trabalho.

A história de Roma era indivisível de seu bispo, o papa, com suas grandes riquezas derivadas em parte de propriedade e impostos. Ele tinha as armadilhas de um rei em vez de um monge (embora de 1309 a 1376 os papas não residissem em Roma, e tivessem abandonado o Palácio de Latrão – por muito tempo a principal residência papal – em favor de Avignon).

Depois de visitar os vários altares ao redor de Roma, o ponto alto da jornada para uma peregrina como Dame Beatrice seria uma visita a duas grandes basílicas: São Paulo Fora dos Muros e São Pedro no Vaticano. Essas eram estações obrigatórias e imperdíveis para qualquer peregrino que desejasse receber a indulgência plenária e ganhar todas as bênçãos

de uma peregrinação a Roma. O outro grande santuário, São João de Latrão, no Monte Célio com vista para o Coliseu, era neste ponto um canteiro de obras destruído, após um incêndio catastrófico em 1308.

A vasta Basílica de São Paulo Fora dos Muros, com arcadas, nos arredores da cidade, tinha grandes portas de bronze, feitas em Bizâncio, mostrando cenas da vida de Cristo e das vidas dos santos, seus nomes esculpidos em letras gregas sinuosas. Sua nave levava a um transepto acima da cripta onde o corpo de São Paulo foi sepultado. O santuário acima do altar assumiu a forma de um esplêndido dossel com pináculos – projetado por Arnolfo di Cambio e seu amigo Petrus na década de 1280 – feito de pórfiro escuro e ouro maciço. Combinava arquitetura e pintura delicada para se assemelhar a uma catedral decorada em miniatura, uma igreja dentro de uma igreja, com abóbadas e rosáceas e arcos pontiagudos, todos elevando-se do túmulo de São Paulo.

Abaixo, os peregrinos desceram até uma cripta para visitar o corpo de São Paulo. Em contraste com a elegância altamente decorada acima, havia uma austera, laje simples e antiga com o nome do mártir-apóstolo riscado nela. Buracos foram cortados nesta laje. Os peregrinos colocavam pedaços de pano ou outros objetos nesses buracos para tocar os restos sagrados, e os viajantes e seus trapos se tornariam eles próprios relíquias de contato por meio das quais as bênçãos do santo poderiam viajar adiante.

Havia também uma estátua de madeira em tamanho real de São Paulo, seu rosto sereno. Mas seus braços e pernas foram cortados em um pedaço cortado por peregrinos que arranharam a madeira, pegando lascas e lascas de madeira, cada uma uma relíquia de sua proximidade com o corpo de São Paulo. Do lado de fora da igreja havia um claustro de beleza surpreendente, feito de mármore branco com pilares retorcidos adornados com decoração 'cosmatesca' distinta, de triângulos dourados, marrons e brancos, tessellados no trabalho de mosaico mais moderno.

Enquanto isso, a Basílica de São Pedro no Vaticano ficava em uma posição elevada com vista para a cidade antiga (ainda não era a sede papal palaciana que o Vaticano se tornaria; só se tornou a residência principal após o retorno papal de Avignon no final do século XIV). A Basílica de São Pedro era, no entanto, a igreja preeminente em Roma em 1350 e teria sido um cenário enormemente congestionado. Apesar dos recentes e contínuos estragos da grande peste, as pessoas se misturavam livremente e pareciam imunes a preocupações com o contágio. De fato, pessoas morriam, esmagadas na pressão de peregrinos entusiasmados que vinham de toda a Europa. Podia-se comprar comida, garrafas de água e vinho, roupas e crachás de peregrinos de lata em barracas dentro do átrio da igreja em frente aos largos degraus da basílica. O cenário era barulhento, não especialmente sagrado, e alguns dos odores eram ímpios.

A antiga Basílica de São Pedro, dedicada ao primeiro papa, era antiga mesmo no século XIV. Seus mosaicos tinham então quase 1.000 anos. Os rostos desamparados de Maria e santos há muito mortos e papas passados olhavam das paredes através de delicadas expressões em mosaico. Na nave da enorme igreja construída pelo Imperador Constantino, a decoração rica e vívida que se acumulou ali ao longo dos séculos teria impressionado visitantes como Dame Beatrice. Um dos retábulos, um imponente e suntuoso tríptico de dupla face, foi pintado por Giotto por volta de 1320, três arcos cobertos de ouro e delicadas tintas rosa e azul. No centro da frente do tríptico estava São Pedro em majestade cercado por anjos. À sua direita, o cardeal ruivo Giacomo Gaetani Stefaneschi (m. 1343) oferece ao

santo um modelo do tríptico e à sua esquerda um bispo-papa oferece a Pedro um livro. As duas figuras ajoelhadas demonstraram aos peregrinos uma imagem poderosa, recente e luxuosa da virtude de fazer doações à comunidade de São Pedro em Roma.

A abside principal apresentava um mosaico, instalado no século XIII, de Cristo entronizado entre Pedro e Paulo, com uma procissão de cordeiros convergindo para o trono. Observando essa cena estava a personificação da Ecclesia, coroada com uma tiara imperial, uma declaração ousada da primazia da Igreja sobre qualquer unidade política ou nacional. Nos corredores laterais, estatuetas sagradas de esmalte de Cristo e Seus apóstolos vigiavam peregrinos penitentes confessando seus pecados aos padres. Enquanto se alinhavam para serem consagrados, muitos dos peregrinos acariciavam e beijavam as estatuetas, quase lascivamente. Uma estátua lindamente realista, e muitos diziam antiga, de São Pedro estava na nave, e os peregrinos acariciavam e choravam sobre os pés da estátua, como se seu bronze fosse a pele de um homem vivo.

Dame Beatrice teria rezado em vários altares ao redor de São Pedro, mas o mais importante teria sido o santuário do antigo lenço de Santa Verônica, um pedaço de pano com a marca do rosto de Cristo, mantido em uma moldura quadrada atrás de um vidro grosso. Era como os trapos de linho que os visitantes tinham em sua própria bagagem, mas impresso com um rosto sagrado olhando para fora. Verônica, uma senhora de Jerusalém, teria enxugado o rosto suado de Cristo em Sua agonia enquanto Ele era forçado a ir para o Calvário. Este pano, chamado de Vernicle (*vera icon*) ou *sudarium* (pano de suor) é uma das relíquias de contato originais. Os peregrinos se aglomeravam ao redor do Vernicle, olhando para ele com admiração. O Vernicle olhava de volta, como se o próprio Cristo estivesse olhando nos olhos dos visitantes.

Quase nada da Basílica de São Pedro de 1350 permanece *in situ* , pois a igreja foi completamente demolida para ser reconstruída por volta de 1505. Mesmo na "cidade eterna", a mudança é constante.

A visita de Dame Beatrice Luttrell a St. Peter foi completa. Idealmente, sua jornada a teria deixado revigorada e transformada, mesmo que a viagem tinha sido uma provação. E então chegou a hora dela e seu grupo seguirem para o norte, de volta ao seu mundo inglês de triste fartura.

Nessa época, Roma, junto com a cidade galega de Santiago de Compostela, estava competindo com sucesso com Jerusalém como o principal destino para peregrinos. Guias detalhados estavam disponíveis para cada lugar, listando locais práticos e religiosos de interesse; havia relíquias de prestígio e uma infraestrutura para dar suporte aos viajantes. Jerusalém era distante, cara para chegar e governada por não cristãos, mas ainda era a "melhor" peregrinação que alguém poderia fazer; em alguns lugares, era a única jornada para a qual uma esposa não precisava da permissão do marido. Então, a jornada mais popular e desejável continuava sendo a travessia marítima de Veneza para Jaffa, o "porto de Jerusalém", e essa é a rota que seguimos agora.

Delicie-se!

Uma indulgência, ou perdão, era uma das principais razões pelas quais os cristãos viajavam na Europa medieval. Uma indulgência concedida, após a morte, que o tempo de alguém no Purgatório, devido aos pecados cometidos durante a vida, seria remido (encurtado) ou revogado. As indulgências eram geralmente associadas a viagens ao santuário de um santo ou a um lugar sagrado, e os peregrinos pagariam à igreja ou seus corretores por certificados de indulgência.

Aqui está uma pequena seleção das indulgências disponíveis em Roma para visitantes em 1450, retiradas de um guia de viagem de Roma.

São Pedro no Vaticano (San Pietro in Vaticano)	Vinte e oito anos em cada um dos oitenta e oito altares (no dia da festa do santo em questão) mais sete anos nos sete altares mais importantes Mil anos na Festa da Anunciação Mil anos na Quinta-feira Santa Mil anos no dia da festa de São Pedro Sete mil anos e remissão de um terço de todos os pecados no aniversário da dedicação da igreja Quando o Vernicle (tecido de Santa Verônica) é mostrado, 3.000 anos para os romanos, 9.000 anos para aqueles entre Roma e os Alpes, e 12.000 anos para aqueles além dos Alpes.
São João de Latrão (San Giovanni in Laterano)	Remissão total dos pecados para todos aqueles que entrarem na Capela de São João Batista (somente homens); as mulheres podem obter a indulgência se tocarem na porta
São Paulo Fora dos Muros (San Paolo fuori le Mura)	Vinte e oito anos, com remissão de um terço dos pecados por entrar na igreja pela porta oeste (perto da relíquia da cabeça de São Paulo) Mil anos no dia da festa de São Paulo Cem anos da festa da conversão de São Paulo Quarenta anos da festa dos Santos Inocentes Sete mil anos, com remissão de um terço dos pecados no dia da festa da dedicação da igreja Todos os domingos, recebe-se o mesmo perdão como se fosse a Santiago de Compostela
São Lourenço Fora dos Muros (San Lorenzo fuori le Mura)	Sete anos de perdão, sete Quaresmas e remissão de um terço de todos os pecados Cem anos das festas dos Santos Lourenço e Estêvão Qualquer pessoa que visite esta igreja numa quarta-feira pode libertar uma alma do purgatório

 O nome Arsenale vem do árabe *Dar sina'a*, um lugar para construção, um canteiro de obras.

<#> O similar Fondaco dei Turchi veneziano para comerciantes e embaixadores turcos só assumiu essa função em 1621. A palavra *fondaco* (*fontego veneziano*) veio do árabe *funduq* , um caravanseraí, e, finalmente, do grego *pandocheion* , uma pousada, um lugar para todos.

[**](#) 'Quarentena' (do latim medieval e veneziano *quarantena*) se referia aos quarenta dias e noites em que Jesus jejuou no deserto (Mateus 4:2). O Monte Quarentena, perto de Jericó, o suposto local do isolamento de Jesus e da tentação do Diabo, era frequentemente visitado por peregrinos ocidentais. A palavra 'quarentena' entrou nos dialetos francês e italiano no século XIV para se referir a um estado de isolamento para fins de saúde pública.

5.

Através do Grande Mar: De Veneza a Chipre

No mar – Zadar – Modon – Rodes – Chipre

Viajantes que embarcavam em um navio em Veneza para a Terra Santa podiam esperar uma viagem de vinte e cinco a sessenta dias até chegarem ao antigo porto de Jaffa. Poderia levar muito mais tempo do que isso, mas este não era um cruzeiro de lazer e lazer pelos belos pontos turísticos do Mediterrâneo. Os perigos eram muitos: clima, pirataria, atrasos para pegar e descarregar a carga, peste e doença a bordo, naufrágio em alguma costa estrangeira e/ou ser roubado por um *padrone desonesto*, o patrono do navio. A rota de navegação entre Veneza e Jaffa era uma indústria em si mesma, servindo peregrinos à Terra Santa enquanto conectava Veneza com seu império de ilhas e postos comerciais no Mediterrâneo oriental. Os principais portos de Pola, Zadar e Durrës e assentamentos dentro e ao redor da Grécia, como Corfu, Modon (Methoni), Eubeia, Heraclião e Chipre, eram todas possessões venezianas em algum momento no final da Idade Média.

O oceano crescia com a lua. As águas do mar eram às vezes verdes, às vezes azuis, às vezes agitadas, às vezes serenas, salpicadas de rochas, penhascos e bancos de areia, até mesmo redemoinhos. O mar era compreendido como purificador por seu movimento constante e para expulsar qualquer corrupção ou coisa morta, como muitos sábios haviam observado; mas também causava pavor e medo e podia ser transformado repentinamente por uma tempestade furiosa. O muito citado estudioso e enciclopedista Isidoro de Sevilha (m. 636) descreveu a qualidade distintiva do mar de *fretum*, uma espécie de turbulência nas ondas, um "movimento fervente e forte" com um poder único de afogar homens e engolir navios. Os marinheiros tinham que confiar nas estrelas e na posição do sol, e em sua bússola e em seu astrolábio de marinheiros de latão e prata, um pequeno dispositivo com uma regra traçando a posição de alguém em um mapa gravado das estrelas. Mesmo então o ar ao redor do mar poderia se tornar violento e jogar qualquer embarcação para longe, ou a atmosfera poderia ficar escura e enevoadada, levando o navio a perigos desconhecidos.

O tipo mais comum de barco usado pelos viajantes era a galera veneziana, uma embarcação longa, fina e rasa impulsionada por remadores. Uma galera de peregrinos que partia de Veneza para a "viagem de primavera" (geralmente partindo por volta do início de junho) tinha uma tripulação de várias centenas de homens, incluindo cerca de 200 remadores. O clérigo milanês Pietro Casola, que fez uma peregrinação a Jerusalém em 1494, viajou em uma galera de Veneza com outros 170 peregrinos. A galera era comandada por um *sopra-comito*, uma espécie de capitão, e a tripulação e os passageiros eram cuidados pelo poderoso e importante patrono.

A vida diária a bordo de uma galera era, segundo relatos contemporâneos, sombria. Cada galera era obrigada a ter um gato a bordo, para ajudar a controlar a reprodução de vermes e a correria pelos conveses. Se os bens de alguém fossem danificados por ratos devido à falta de um gato, a pessoa poderia processar a empresa de transporte. Hans von Mergenthal, um peregrino alemão de Veneza a Jerusalém em 1476, descreveu como os

ratos a bordo podiam vagar sobre o corpo de alguém durante a noite. William Wey, que viajou de Veneza a Jaffa em 1458 e 1462, sugeriu conhecer o patrono do navio para evitar ter que ficar nos aposentos inferiores "quentes e fedorentos" do barco. Passageiros ricos podiam alugar espaço na cabine no castelo de proa, o convés elevado acima da proa do navio. Aqui, o isolamento da maioria dos outros passageiros e o ar mais fresco proporcionavam uma experiência relativamente digna. Viajantes judeus eram recomendados a obter sua própria cabine, para evitar o assédio da tripulação do navio.

Passageiros mais humildes ficavam abaixo do convés, enquanto os mais pobres se alojavam no porão abaixo da linha d'água, ao lado do lastro. Este era um espaço escuro e imundo, compartilhado com cargas, marinheiros e inúmeras coisas rastejantes, uma cavidade que fedia a comida e refeições vomitadas, corpos suados e insônia. Companheiros de viagem estavam pressionados aqui de todo o mundo, gemendo e arrotando, unidos em abjeção.

O barco em si tinha que ser bem feito, bem conservado e tripulado por um timoneiro habilidoso. Um capitão preguiçoso ou descuidado poderia fazer até mesmo a galera mais bem equipada encalhar. Muito poucas pessoas estavam capazes de nadar se caíssem no mar. Em cada porto, a transição dos passageiros da cozinha para um pequeno barco ou bote para desembarcar era um momento de grande perigo, especialmente se houvesse algo mais do que uma brisa. Se alguém perdesse o equilíbrio entre a cozinha e o bote, certamente pereceria nas ondas. O florentino Simone Sigoli, refletindo sobre sua jornada a Jerusalém em 1384, pareceu resumir a atitude medieval em relação às viagens marítimas: "Ninguém deve viajar se não desejar dificuldades, problemas, tribulações e o risco de morte."

Sabedoria dos viajantes: A nona onda em uma série de ondas é sempre a mais forte. A nona onda pode enterrar um navio. A força dessa onda fatal só pode ser quebrada com uma prece.

Nicola de Martoni, um peregrino italiano a Jerusalém em 1395, descobriu que o terror de seu barco virar no Mediterrâneo oriental fez com que seu cabelo e barba subitamente ficassem brancos. O diplomata castelhano Ruy González de Clavijo encontrou sua nau presa em uma terrível tempestade perto da ilha vulcânica de Stromboli em julho de 1403. O vento soprou o barco de volta sobre si mesmo, e as velas "da proa à popa" foram rachadas, então a nau teve que suportar a tempestade com varas nuas. O capitão do navio foi até seus passageiros e tripulação e pediu que ladainhas fossem cantadas, "implorando a misericórdia de Deus". Enquanto a nau atravessava a tempestade, luzes bruxuleantes como velas apareceram ao redor dos membros do barco; essas luzes eram acompanhadas por vozes enquanto a tempestade uivava. Essas eram, disse Clavijo, o sinal de São Pedro González Telmo (m. 1246), o salvador dos marinheiros sacudidos pela tempestade. Clavijo é um relato antigo do fenômeno climático conhecido como Fogo de Santo Elmo, no qual brilhos luminosos e sons de zumbido aparecem em um campo elétrico atmosférico. Era considerado um bom presságio que o santo estivesse fornecendo socorro aos marinheiros assustados. A tempestade aterrorizante foi seguida por um período de calmaria.

Enquanto o clima era imprevisível, o enjoo era um perigo totalmente previsível para o viajante. O mar causava reações violentas que podiam deixar uma pessoa infatigável inconsciente. O poeta francês Guillaume de Machaut (1300–77) escreveu sobre o terrível enjoo de Pedro I (m. 1369), rei de Chipre e Jerusalém: "E assim, no mar, ele passou o tempo

todo deitado sob sua colcha, como um cadáver, sem comida, sem bebida, sem sono." Manuais médicos medievais frequentemente davam conselhos úteis sobre como lidar com o enjoo. O popular *Compêndio de Medicina* de Gilberto, o Inglês (c. 1230–60) emitiu uma receita para prevenir náuseas no mar: deve-se jejuar ou comer frutas amargas, como marmelos, romãs e laranjas. Pode-se tentar beber um concentrado de anis ou cerefólio com o estômago vazio. Gilberto também recomendou que os viajantes do mar se sentassem eretos e segurassem firmemente as vigas do navio, que evitassem olhar ao redor e movessem a cabeça apenas com o movimento do navio. Finalmente, ele recomendou chupar doces ou comer sementes para produzir arrotos.

Margery Kempe fez um relato vívido de enjoo durante suas viagens no início da década de 1430. Navegando no Báltico entre Gdańsk e Stralsund, ela se sentiu miserável e aterrorizada por causa das ondas. Mas Deus falou com ela e a confortou com alguns conselhos sensatos e atemporais. Ele disse a ela, 'em sua alma', para deitar a cabeça e evitar olhar para as ondas.

Pouco tempo depois, ao cruzar o Canal da Mancha de Calais para Dover, Kempe rezou a Deus para manter sua dignidade durante uma travessia marítima turbulenta e "dar-lhe a graça de manter sua cabeça erguida e impedi-la de vomitar matéria imunda" na presença de seus companheiros de viagem. Não apenas seu Deus a protegeu, mas todos os outros no barco sofreram de enjoo atroz, "vomitando e vomitando muito violentamente e imundamente", ninguém mais do que outra inglesa que havia menosprezado Kempe anteriormente. O enjoo era uma vingança amarga, de fato.

O Mediterrâneo é um mar de pequenas marés e correntes suaves. Os marinheiros que o atravessavam dependiam dos ventos caprichosos. No entanto, havia uma coisa que os viajantes marítimos temiam acima do enjoo, tempestades violentas, ondas furiosas ou marés estranhas: um período de calmaria total. Uma calmaria total (chamada de *bonaccia* pelos marinheiros venezianos) significava que o viajante não viajava mais. Talvez a pior coisa para qualquer viajante seja ser forçado a uma parada involuntária.

Numa calmaria mortal, o mar parava, parava numa estúpida tranquilidade, suave, embotado. Os barcos definhavam, bloqueados, enervantemente estáveis. Nem mesmo as equipes de remadores conseguiam impulsionar o barco em mares tão pesados. A poeira parecia se acumular em volta dos enfeites inúteis das velas e nos cabos estáticos. O próprio mar havia se tornado uma âncora. O astrolábio permanecia parado, como se estivesse emperrado. Os marinheiros preguiçavam no convés, fazendo música em suas gaitas de fole ou cítaras ou jogando partidas improvisadas de boliche, ou às vezes trictrac e damas com as peças de jogo de chifre de veado do capitão. O vácuo absoluto do tédio ameaçava. Imóvel. Paralisia.

O nobre italiano Roberto da Sanseverino ficou preso em uma calmaria total no inverno de 1458 por um período de vinte e dois dias. Seu barco ficou parado, paralisado, na ilha de Sapienza, no Peloponeso, causando um atraso significativo em seu retorno a Veneza. Atravessar os oceanos há muito tempo envolve atravessar a monotonia de si mesmo.

Felix Fabri – que tinha pouco de positivo a dizer sobre viagens marítimas – escreveu que um período de calmaria total era mais angustiante para os viajantes marítimos do que qualquer coisa, exceto um naufrágio real. Ele descreveu como em uma calmaria o barco inteiro e tudo nele pareciam apodrecer e apodrecer: o vinho se tornava intragável, a carne seca e defumada inchava com larvas, e inúmeras moscas, mosquitos, pulgas, piolhos,

vermes, camundongos e ratos de repente ganhavam vida. As pessoas a bordo perdiam a paciência, ficavam preguiçosas, sonolentas e ainda mais desleixadas. Melancolia, raiva e inveja se espalhavam por toda parte entre os passageiros do barco.

A única coisa que os marinheiros podiam fazer era esperar ou tentar atracar o barco, prendendo-o a uma âncora com um cabo e puxando-o para fora das calmarias pesadas.

A morte no mar também era comum. Em 1446, o navio inglês *Cog Anne* naufragou nas rochas de Modon, no sul da Grécia. Ele transportava cerca de 160 peregrinos, juntamente com sacos de lã para exportação. O barco havia partido de Kingroad, o porto de Bristol, através do Estreito de Gibraltar e Sevilha. Na escuridão tempestuosa de uma noite de dezembro, o *Cog Anne* foi jogado nas rochas. Trinta e sete tripulantes e passageiros se afogaram; o bispo de Modon deu a eles o que ele considerou ser um enterro cristão honroso e consagrou um oratório à sua memória especial.

Em pouco mais de duas semanas, de setembro a outubro de 1518, a galera que transportava Jacques Le Saige, da cidade francesa de Douai, de Chipre para Rodas, ficou infestada de doenças. Pelo menos sete passageiros morreram e outros considerados doentes demais para continuar navegando foram deixados em Rodas, aos cuidados dos Cavaleiros Hospitalários.

Felix Fabri comentou acidamente que, à medida que as privações da viagem cobravam seu preço dos viajantes, sua galera na viagem de volta de Jaffa para Veneza começou a parecer um hospital.

Havia uma ambivalência sobre tal morte, pois acreditava-se que perecer em uma peregrinação trazia suas próprias bênçãos especiais. Se a peregrinação era uma espécie de Purgatório itinerante, uma limpeza da alma, então a morte perto de Jerusalém era um caminho rápido para o Céu. Uma história popular de pregadores medievais contava como um barco cheio de peregrinos retornando de Jerusalém afundou; os corpos dos peregrinos foram levados para a praia, todos marcados com cruzeiros, como se abençoados para sempre em seu martírio pela viagem. Alguns viajantes proferiam orações especiais para a navegação, e liturgias especiais foram desenvolvidas para passageiros marítimos em perigo. As pessoas acendiam velas e rezavam para santos marítimos como São Nicolau de Bari ou Madalena de Marselha ou São Tiago de Compostela. Outros carregavam uma efígie de São Cristóvão, santo padroeiro dos viajantes. Onde marinheiros naufragados foram salvos, novos e muitas vezes transitórios altares surgiram nas costas, suas velas tremeluzindo para os mares escuros. Eles guiavam os pilotos dos navios para a segurança e abençoavam as viagens de seus passageiros. Na cidade costeira de Pola, um ícone da Virgem Maria era adorado pelos visitantes; dizia-se que ele apareceu dentro de uma figueira um dia, durante um surto de peste. O próprio nome da Virgem, Maria, parecia ser uma bênção dos mares plurais (*maria*).

Com esta perigosa passagem à sua frente, as galeras que navegavam de Veneza seguiram para sudeste através do Mar Adriático, por águas calmas em uma rota previsível que se estendia até as costas da Ístria e da Dalmácia. Eles passaram por vários portos e pararam em muitos deles. O leão alado veneziano, esculpido em pedra, repetidamente saudava os viajantes ao longo da costa, um sinal de familiaridade e uma garantia de boa ordem, mesmo que o ar nessas cidades costeiras tendesse a ter um cheiro inteiramente saudável de resina de pinheiro, alho selvagem e excrementos. Em cada estação de passagem, as pessoas

vinham saudar o barco, vendendo produtos locais e encorajando os viajantes a visitar os santuários de suas cidades.

Konrad Grünemberg é um viajante representativo e muito informativo sobre a viagem marítima de Veneza pelo Adriático. Grünemberg, que tinha uma boa educação e muito dinheiro, foi o oficial encarregado da casa da moeda na cidade de Constança. Aos sessenta anos, ele partiu de Constança para Jerusalém, pegando uma galera em Veneza (por uma quantia de 38 ducados, metade a ser paga no local, a outra metade a ser paga ao chegar com sucesso na Terra Santa). Ele escreveu um relato detalhado, ilustrado e muitas vezes tagarela das "coisas estranhas, belas e maravilhosas" que viu em sua jornada, que ocorreu ao longo de trinta e uma semanas, de abril a novembro de 1486. Ele descreveu a si mesmo e seus companheiros de viagem como "aprendizes insaciáveis de costumes estrangeiros e estranhos"; embora não fosse exatamente tolerante, certamente estava interessado na diversidade de povos que encontrou.

Quando sua galera deixou Veneza, Grünemberg ouviu os viajantes se entreterem com histórias sobre Veneza e suas cidades dálmatas. Seu barco coletava gado, ovelhas e cabras em Pirano e continuou para Parenzo, Rovigno e Pola. Ele permaneceu na grande e bela cidade de 'Sara' (Zadar), a principal cidade de 'Schlaffonia' (Eslavônia), uma Veneza oriental em miniatura. Foi-lhe dito sobre sua famosa relíquia do corpo de São Simeão, descansando em uma igreja magnífica com uma torre construída como renda.

Desde cerca de 1204, quando o corpo do santo foi trazido de Constantinopla para Zadar, o túmulo de Simeão era a maior atração da cidade: um baú gigante de cedro (feito no final da década de 1370) decorado com placas de prata finamente trabalhadas retratando a vida e os milagres do santo, incluindo o momento em que Simeão pegou o menino Jesus nos braços e o apresentou no Templo em Jerusalém. Os relevos também mostravam uma cena mais contemporânea: de um barco em uma tempestade, trazendo as relíquias de Simeão para Zadar, com ondas altas ameaçando submergir o navio e marinheiros desesperados jogando fardos de mercadorias no mar; passageiros aterrorizados são mostrados amontoados no centro do navio. Teria sido uma cena que conectava o culto de Simeão com a experiência dos visitantes de seu santuário. Dentro do baú, o corpo de Simeão corpo mumificado, milagrosamente incorrupto, foi mostrado aos peregrinos. Um ovo de avestruz africano foi pendurado acima do túmulo como um símbolo de boa sorte e para representar o globo do planeta Terra.

Em Zadar também estavam partes dos corpos de São Jorge (caveira), São João Batista (dedo), São Crisógono (camisa manchada de sangue) e Maria Madalena (caveira), além de um pedaço sujo da esponja da qual Cristo recebeu o fel no Calvário.

Mas Grünemberg também era fascinado por um ídolo que era adorado ali. Ele descreveu uma coluna alta, talhada em um único bloco de pedra, encimada por um grifo. Foi-lhe dito que o grifo era adorado há muitos anos e realizava milagres e se dirigia aos habitantes da cidade. Quando as pessoas se convertiam ao cristianismo, elas prendiam uma placa com cruzes a ela. No momento em que as cruzes a tocavam, a coluna se partia, de cima a baixo, e o espírito maligno do ídolo fugia dela.

Esta história impressionante mostra a curiosidade incipiente de Grünemberg sobre os ambientes não cristãos e as histórias intrigantes que ele estava encontrando. Ele estava avaliando a história pagã de Zadar, enquanto descrevia o "Pilar da Vergonha", que já foi parte do fórum romano e usado como um local de punição pública na Idade Média. Ele é de

fato coberto com uma espécie de grifo, uma besta alada, um precursor pagão do leão alado veneziano de São Marcos. Era um aviso de que todos os impérios vêm e vão. O interesse de Grünemberg na coluna revela, implicitamente, uma comparação entre os corpos dos santos reivindicados por Zadar e os ídolos pré-cristãos da cidade. A viagem o fez refletir sobre as diferenças entre uma relíquia e um encanto mágico, uma oração e um feitiço, um ícone e um ídolo.

As viagens de Grünemberg pela Dalmácia parecem um relato de férias modernas: belos edifícios, igrejas estranhas e interessantes e encontros com moradores locais charmosos e coloridos. Governadores venezianos o receberam com pratos e doces deliciosos. Em Zadar, ele testemunhou um casamento, admirando a coroa de ouro da noiva cravejada de pedras preciosas e todas as fitas e ornamentos das mulheres. Aveia, trigo e cevada foram jogados sobre o casal, simbolizando o futuro abundante que a noiva e seus filhos teriam aproveite. Grünemberg entrou na igreja para assistir à cerimônia de casamento à maneira eslava, notando os gestos estranhos dos padres, os homens se aproximando para beijar a cruz, as mulheres beijando uma pintura da Virgem e todos segurando uma vela acesa o tempo todo. Mulheres "impressionantemente bonitas" foram observadas; e os costumes locais de húngaros, eslavos, turcos, gregos e italianos foram notados, enquanto Grünemberg, com certo espanto, notou uma grande diversidade de vestimentas e uma grande variedade de idiomas. Sua galera, desde que o tempo estivesse bom, parecia ter uma atmosfera de cruzeiro de festa; em 23 de junho, véspera da Festa de São João, havia entretenimentos especiais a bordo do navio. Os marinheiros colocaram cinquenta lanternas ao redor do barco, dispararam suas armas para o ar e tocaram suas trombetas, enquanto um baterista tocava seu tambor. Os *galiores*, os remadores da galera, cantavam canções e dançavam alegremente uns com os outros ao redor dos conveses. Tudo parecia estar indo bem, exceto pela crescente ansiedade sobre a proximidade dos turcos, que, segundo Grünemberg, maltratavam terrivelmente seus cavalos, exigiam tributos dos cristãos para manter a paz e forçavam as pessoas de cidades como Zadar e Dubrovnik a se preocuparem constantemente com a possibilidade de serem sitiadas.

À medida que o navio seguia para sudeste, o litoral se tornava desafiador em sua liga de familiar com desconhecido. Os passageiros viam vestígios quebrados de pilares antigos e templos estranhos em praias desoladas, e vilas de aparência miserável em meio a bosques melancólicos e torres de pedra selvagens. Ilhas pequenas, pouco maiores que um mercado e pouco habitadas, passavam. Os viajantes de Veneza não tinham certeza de quem vivia nesses lugares: as pessoas eram sábios piedosos ou eram infiéis? Era difícil dizer.

Ao sul da Dalmácia, depois de Corfu, os viajantes passaram ao longo da região que chamavam de Romênia, os Bálcãs do sul. No lado do porto, os passageiros podem ter contemplado os territórios turcos, como Acaia (na área do Peloponeso, na Grécia), tomada pelos otomanos em 1460, onde mesquitas pontilhavam o horizonte, novas fortalezas estavam sendo construídas e mulheres veladas podiam ser vistas caminhando perto da costa. A estibordo, eles podem ter visto igrejas perpendiculares que não teriam parecido deslocadas na Sicília ou na Espanha e campanários que lembravam cidades italianas.

Os viajantes esperavam ansiosamente para chegar à cidade veneziana de Modon, um porto murado que se dizia estar exatamente no meio do caminho entre Veneza e Jaffa.

Modon era famosa por seu vinho rumney (literalmente, "vinho da Romênia", dos Bálcãs), que sustentou os viajantes do Mediterrâneo por muitos séculos.

No ponto médio de Modon, o ar na *terra firme* era quente e seco, estabelecendo-se em um silêncio agitado nas encostas de cor fulvo. Modon, construída em pedra arenosa e cercada por muros e valas, ficava em um promontório rochoso, com um porto raso em seu lado oriental. Moinhos de vento giravam preguiçosamente no lado ocidental do porto de Modon, onde vários barcos grandes estavam atracados. Rochas pretas e horríveis alinhavam-se na base das muralhas da cidade, como se para impedir que invasores indesejados tentassem desembarcar. A cidade inteira tinha uma aparência de inexpugnável: forte, austera, autocontida. O bastião principal tinha um par de janelas semicirculares como dois olhos silenciosos olhando para o mar, atrás dos quais estavam sentinelas armadas, sempre vigilantes.

A cidade, junto com a Moreia, tornou-se parte do império veneziano em 1204 e foi implacavelmente fortificada. Era uma guarnição para os cruzados. Os venezianos então desenvolveram Modon em um importante porto comercial: azeite de oliva, trigo, mel, cera, figos, frutas cítricas, cochonilha, especiarias e carcaças salgadas fluíam pelas mãos de seus mercadores e marinheiros, de e para Alexandria, o Mar Negro e muito além. Os visitantes de Modon também podiam estocar as famosas passas de Corinto (groselhas) da área. [±](#)Em Modon, os dignitários venezianos comiam em louças catalãs e bebiam em copos chineses, com suas refeições salgadas, apimentadas e açafrão com os melhores sabores do mundo.

Modon e sua cidade irmã vizinha de Koroni eram conhecidas como os olhos orientais de Veneza. As cidades foram assediadas pelos turcos ao longo do final do século XV e tomadas por eles em 1500. Há mais de oitenta e cinco relatos sobreviventes de Modon entre 1147 e 1533 e eles revelam muito sobre as maneiras pelas quais os viajantes passavam pela zona litorânea do Mediterrâneo oriental, tensa e contestada .

À medida que cada barco de Veneza chegava, as únicas pessoas que se viam do lado de fora dos muros eram os barqueiros do porto, vestidos de branco sujo, empregados para trazer os viajantes cansados para terra em barcos a remo. Gatos, muitos dos quais tiveram seus narizes comidos por alguma circunstância infeliz, vagavam pelo porto, junto com alguns cães mal-humorados. Algumas mulas totalmente carregadas e picadas por moscas também estavam amarradas lá.

As galeras tinham que ser habilmente conduzidas para o porto de Modon. A água era rasa, com juncos negros do mar balançando nela. Aqui, uma ponte de píer se estendia para o mar, um braço veneziano abraçando barcos em direção a Modon. Esta ponte – uma marca registrada dos portos de Veneza – levava até o Portão do Mar de São Marcos (nomeado em homenagem ao santo padroeiro de Veneza e embelezado, é claro, com o leão alado da cidade). Homens blindados nas defesas da cidade sacavam suas espadas em saudação e gritavam 'Viva Santo Marco!'

Atrás deste portão, os edifícios e campanários compactados da cidade se amontoavam no istmo esbelto. Os muros e portões da cidade eram marcados com os escudos dos governadores venezianos, muitos dos quais eram das principais famílias de Veneza: Bembo, Canal, Corner, Foscolo, Miani, Morosini, Venier.

Além dos muros da cidade, uma dispersão de cabanas se espalhava pelas colinas, onde oliveiras, vinhas antigas e abundantes árvores frutíferas enchiam a paisagem. Alguns

ciprestes altos estavam maravilhosamente imóveis. Mais além, havia uma paisagem montanhosa e arborizada, salpicada de aldeias desconhecidas.

Toda a cidade de Modon parecia perfeita para o viajante visitante no primeiro desembarque. Havia uma pousada alemã ou *funduq*, onde os visitantes podiam obter uma boa refeição familiar; Konrad Grünemberg comia aqui em um caramanchão de videira. Havia padarias voltadas para os viajantes, servindo deliciosos biscoitos secos que eles podiam colocar em suas malas e levar consigo. Havia um grande mercado, a Praça das Armas, onde os homens das galés podiam montar barracas e vender suas mercadorias e comprar produtos locais. Podia-se pagar por tudo em ducados venezianos e *torneselli* (a pequena moeda colonial usada no império de Veneza). E havia até igrejas e santuários maravilhosos, com as relíquias do antigo mártir Santo Atanásio, dois dedos dos Santos Cosme e Damião e o corpo inteiro de um santo chamado Leão.

A maioria dos viajantes nunca tinha ouvido falar desse São Leão antes, mas ele acabou se revelando, como eles, um viajante. Leão tinha sido um peregrino devoto e asceta, veneziano ou calabrês (dependendo de quem contou sua história). Ele tinha vivido como um mendigo sem dinheiro, um peregrino perfeito que viajava descalço e estava vestido apenas com uma túnica escassa. Ele tinha morrido a caminho de Jerusalém, ou talvez a caminho de volta de Jerusalém (dependendo de quem contou sua história), expirando quando viu a cidade de Modon à distância, ou quando pisou em seu cais (dependendo de quem contou sua história). Alguns disseram que sua morte tinha acontecido no passado distante, na época das Cruzadas. Mas outros, perplexamente, pareciam se lembrar de tê-lo conhecido, apenas alguns anos antes, e falavam sobre ele como se fosse um tio ou primo que tinha morrido jovem.

Após sua morte, seja lá quando foi, o santo Leão fez com que muitos milagres acontecessem entre os turcos e os descrentes. Ele foi enterrado primeiro na praia de Modon e depois na catedral da cidade. Ele se tornou reverenciado localmente como um santo padroeiro dos viajantes e peregrinos. Ele era o santo ideal e conveniente para os visitantes de Modon.

O Senado Veneziano governou e regulamentou a vida dentro dos muros de Modon, assim como fazia em Veneza. Em 1389, o Senado declarou que Modon e Koroni eram "dois lugares muito úteis para a *signoria*" (o corpo supremo da República Veneziana), e que era especialmente importante garantir a manutenção adequada de seus portos e arsenais e dos bens armazenados lá. Centenas de registros detalhados sobreviventes mostram como os governadores venezianos de Modon tentaram impor a lei: a polícia noturna patrulhava a cidade, havia regulamentações rígidas sobre subornos e extorsão em cargos públicos, havia vigilância constante sobre os portos menores próximos de Navarino e Zonchio (Pylos), preocupações sobre bloqueios catalães e flamengos, relatos frequentes de invasões dos genoveses e otomanos, contratos para o engajamento de besteiros para defender a cidade (salário mensal em 1403: 18 ducados, comparado a 12 ducados para um remador de navio) e aplicação resoluta sobre licenciamento, preços e tarifas sobre produtos como farinha e azeite de oliva. O leão veneziano podia ver cada transação e cada crime dos habitantes da cidade e visitantes.

O Modon medieval existia, em grande medida, para servir as galeras venezianas, mas sua população grega não se "tornou" veneziana. Muitos os visitantes ficaram surpresos ao saber que o grego era a língua franca e era usado pelas classes educadas.

Visitando Modon em junho de 1453, Peter Rot de Basel ouviu a notícia devastadora de que Constantinopla havia sido conquistada pelos turcos e o imperador cristão assassinado. Muitos viajantes notaram que os turcos estavam se aproximando de Modon. Roberto da Sanseverino, em novembro de 1458, encontrou a cidade quase desprovida de humanos, que haviam fugido ou sucumbido a uma grande pestilência.

Visitando por dois dias em agosto de 1460, o peregrino de Basileia Hans Bernhard von Eptingen ficou feliz em encontrar o excelente vinho rumney que era altamente valorizado em sua cidade natal, mas ficou alarmado com relatos de 100.000 turcos se aglomerando a três horas de Modon. De fato, mais tarde naquele ano, os turcos tomaram a Moreia, o continente ao qual Modon está anexado.

Após um começo promissor, a maioria dos visitantes do Modon medieval começou a expressar desgosto e depois repulsa pela cidade. Os viajantes relataram que seus edifícios eram muito próximos uns dos outros e construídos de forma barata, e que a catedral da cidade era decadente. O padre que mostrou as relíquias parecia mais um sapateiro dissimulado do que um clérigo venerável. Até mesmo a caixa em que ele guardava as relíquias — uma vez que os olhos dos viajantes se ajustaram ao crepúsculo — estava caindo aos pedaços. Os padres cantavam sua liturgia com entusiasmo, mas em tons profundos e desconhecidos, como se proclamassem infortúnios pessoais. O chilrear dos gafanhotos nos arbustos tornou-se incessante a ponto do ridículo. Havia poucos alojamentos bons para visitantes, e os frades miseráveis não recebiam hóspedes em seu convento, então a maioria dos viajantes tinha que voltar para a cozinha para descansar à noite, seu sono interrompido pelas ondas das quais buscavam descanso. Além do excelente vinho e frutas, boa comida era escassa. Pietro Casola, em 1494, encontrou pouco conforto; ele só conseguia obter alguns ovos, e mesmo estes ele tinha que cozinhá-los ele mesmo.

Anselm Adornes, um mercador flamengo-genovês e peregrino de Bruges, observou um incidente particularmente impressionante quando parou brevemente em Modon em novembro de 1470. No porto, um turco estava sendo executado por empalamento, os venezianos enfiando uma lança em seu corpo do fundamento ao rosto. Adornes foi informado de que dois anos anteriormente, esse turco havia cavalgado em alta velocidade em direção às galeras venezianas, seu cavalo ofegante e suando. Ele havia pulado de sua montaria e gritado: 'Aceite-me como um cristão!' Ali mesmo, ele abateu seu cavalo exausto, presumivelmente como um sinal da sinceridade de seu compromisso de permanecer em Modon. Ele viveu, exteriormente, como um cristão perfeito por dois anos, o tempo todo reunindo secretamente informações sobre os venezianos e passando-as de volta aos turcos. Quando isso foi descoberto, ele foi preso. As alegações foram investigadas e verificadas, e o turco eventualmente executado.

Não sabemos o lado turco da história, mas quanto mais para o leste os viajantes ocidentais iam, mais histórias de traição religiosa eles ouviam. De fato, havia tantos contos de renegados que se tornou difícil distinguir amigo de inimigo. A precariedade do status de Modon, com os turcos otomanos governando terras a poucos quilômetros de distância, parecia levar muitos viajantes a experimentar a variedade humana como repulsiva, preocupante e profundamente indesejável.

O mais notável para os visitantes de meados do século XV eram as comunidades judaica e 'Gyppe' ('cigana') de Modon, que tinham seus próprios bairros nos subúrbios, fora dos muros da cidade. Paul Walther, visitando Modon da cidade de Guggingen, no sul da

Alemanha, em 1482-3, notou a população mista de Modon, de 'gregos, ciganos, mouros, pagãos e cristãos'.

Meshullam de Volterra, um peregrino judeu a Jerusalém, visitou Modon em setembro de 1481 e encontrou mais de 300 famílias judias lá: uma comunidade considerável. Eles estavam envolvidos em artesanato e negócios semelhantes. Visitantes cristãos tendiam a ser menos educados: Pietro Casola em 1494 achou os habitantes judeus da cidade como pessoas "imundas", "muito sujas", "cheias de maus cheiros". "A sociedade deles não me agradou", ele escreveu, com desdém. Arnold von Harff, no final da década de 1490, visitou a comunidade judaica em sua própria rua longa, as mulheres fazendo trabalhos em seda e outros armarinhos, alguns dos quais ele comprou.

Enquanto isso, a comunidade 'Gyppe' de Modon fazia parte do significativo assentamento 'cigano' nas colônias venezianas do Peloponeso, pelo menos desde a década de 1440 (esta é a origem de seu nome atual Roma ou Romani: como o premiado vinho rumney, eles eram da província da Romênia, a Moreia ou Peloponeso). Eles viviam especialmente no pequeno porto veneziano de Napoli di Romania (Nafplio), a nordeste de Modon, mas tinham um assentamento significativo, embora improvisado, em Modon no final do século XV. Konrad Grünenberg descreveu cerca de 300 'cabanas feitas de junco e argila' nas quais viviam 'ciganos, também chamados de infieis ali'. Philippe de Voisins, visitando em 1490, encontrou todos os tipos de pessoas vivendo na cidade, incluindo ciganos, que ele descreveu como pobres e vivendo em condições miseráveis.

Jean de Cucharmois, visitando Modon também em 1490, disse que "ciganos" não tomaram seu nome do Egito, mas de uma vila chamada Gipte. De Cucharmois estava repetindo o que muitos viajantes se perguntavam: "de onde essas pessoas vieram?" Os ciganos de Modon podem muito bem ter se perguntado a mesma coisa sobre os vários viajantes que os encararam e então navegaram para longe. Muitos visitantes comentaram sobre os ciganos vivendo abaixo da cidade perto da praia, onde havia um assentamento improvisado de cabanas em contraste com as pedras austeras da cidade veneziana fortificada. Arnold von Harff repetiu um mito de que eles eram de um país chamado "Gyppe" ou "Tzigania" a 60 quilômetros de Modon. Ele os descreveu como "pobres, negros, pessoas nuas" que tinham sido refugiados dos turcos (que ocuparam "Gyppe") e então se tornaram vagabundos no meio dos venezianos.

É aceitável que um viajante seja rude com as pessoas que encontra ao longo do caminho? A escrita de viagem está cheia dessas avaliações maldosas de outros seres humanos. Em Modon, muitos viajantes medievais articularam um julgamento cristão e europeu, um ódio arrogante e compostado, que se tornaria a marca registrada dos turistas ocidentais posteriores. Um viajante reserva-se o direito de não aproveitar um *lugar*, mas que direito um viajante pode ter de se decepcionar com as *pessoas* que ousam habitar aquele lugar? Os comentários arrogantes de viajantes europeus sobre os habitantes judeus e ciganos de Modon sugerem que, no drama da jornada, essas pessoas pobres eram figurantes não roteirizados, como se uma parte do cenário tivesse caído para revelar uma presença improvisada.

Na época em que Sir Richard Guylforde navegou pelo Peloponeso a caminho de Jerusalém, em julho de 1506, Modon já não era um cristão veneziano. cidade. Ela havia sido conquistada pelos turcos em 1500. As fortificações medievais sobrevivem, mas a cidade foi completamente arrasada e agora é uma planície assustadora, cercada por elegantes ameias.

A galera de Guylforde não parou em Modon, com medo do "turco". Ele sabia que havia vinhos excelentes disponíveis na cidade, mas seu barco continuou até a ainda veneziana Heraklion (Candia), na ilha de Creta. Guylforde perdeu Modon, mas seus interesses foram rapidamente despertados pela ilha vizinha de Cyrigo, ou Citheria, um dos lugares onde Vênus teria nascido. Os santuários bizantinos e os movimentados portos venezianos estavam, um por um, caindo para os turcos.

Ao longo dessas margens de poderes mutáveis, havia um reduto firme da cristandade: a ilha de Rodes.

Rodes não era controlada pelos venezianos, mas pelos Cavaleiros Hospitalários, que detinham o controle soberano sobre a ilha e eram organizados como uma força militar e política. Eles eram uma ordem de homens devotos, comprometidos com viagens sagradas: eles existiam para facilitar as viagens para Jerusalém, e seu nome vem de seu patrocínio e administração do hospício dos peregrinos em Jerusalém, o Muristan. Os Cavaleiros Hospitalários foram expulsos da Terra Santa em 1291 pelos mamelucos, a força militar muçulmana que conquistou grande parte do Oriente Médio no século XIII e efetivamente encerrou as Cruzadas na Terra Santa. Os Cavaleiros então estabeleceram uma base de poder significativa primeiro em Chipre e depois cada vez mais firmemente em Rodes. De Rodes, eles construíram um pequeno império de fortificações, torres e fortalezas, incluindo a ilha de Kastellorizo e um forte continental em Halicarnassus (Bodrum).

Os Hospitalários construíram fortificações impressionantes na cidade de Rodes, que continham dentro delas o magnífico Palácio do Grão-Mestre. Os grão-mestres eram quase todos de origem francesa, com ocasionais detentores italianos e aragoneses do título. Eles lutaram contra piratas berberes e, em 1444, repeliram uma invasão mameluca. As décadas após 1453, quando os otomanos tomaram Constantinopla, viram incursões otomanas cada vez mais efetivas nas ilhas do mar Egeu, e em 1480 Rodes foi sujeita a um longo cerco otomano, o que causou um pânico significativo por toda a Europa cristã. Finalmente, em 1523, os otomanos conquistaram a ilha.

Após o fracasso das Cruzadas da Terra Santa, Rodes foi talvez a principal zona de fronteira da Europa, um lugar governado e habitado pela nobreza ocidental como se fosse uma propriedade da Borgonha, mas com vista para a costa turca.

Viajantes de passagem eram uma parte crucial da economia de Rodes e da manutenção do governo hospitaleiro. Cada parte da Europa era representada dentro da organização por uma *langue*, um grupo supranacional. Cada *langue* tinha seu próprio *auberge* em Rodes: aragonês, auvergnat, castelhano e português, inglês, francês, italiano e alemão. Cada *auberge* era como um hotel de luxo e centro médico para os hospitaleiros expatriados e seus hóspedes.

Para visitantes menos augustos, em meados do século XV, os Hospitalários construíram um novo e magnífico hospital de peregrinos na cidade de Rodes. Ele continha uma enfermaria espaçosa, um espaço arejado com luz natural e entre trinta e quarenta leitos com dossel para viajantes doentes, dos quais havia um suprimento infinito. Pequenas cabines foram construídas atrás das arcadas, onde a cirurgia poderia ser realizada e os pacientes poderiam se recuperar, ou expirar, com alguma privacidade. A missa era realizada diariamente. Muitos cavaleiros Hospitalários de toda a Europa morreram lá,

longe de casa. Seus túmulos eram decorados com brasões e emblemas que lembravam suas origens.

O status tenso de Rodes é exemplificado pelo relato dado pelo perspicaz viajante inglês William Wey, em sua jornada a Jerusalém em 1458. Em Rodes, ele foi informado sobre um evento recente: 250 turcos foram trazidos para a ilha pelo mar e foram desfilados pela cidade liderados por meninos cristãos que antes tinham sido presos pelos turcos. Os turcos foram então torturados de várias maneiras espetacularmente cruéis, em um festival de violência. Alguns turcos foram arrastados por cordas presas às narinas furadas, outros com as mãos amarradas atrás das costas. Dezoito prisioneiros turcos foram empalados, com estacas cravadas no ânus até o peito. Dez foram arrastados nus por uma prancha de pontas de ferro. Dois foram batizados e decapitados. Um foi esfolado, sua pele cortada do corpo. Outro foi atirado de uma torre alta e então pendurado pelo pênis. Os demais foram enforcados (alguns pelo pescoço, outros pelos pés), 'seus corpos colocados em ambos os lados da cidade para que estivessem à vista de todos os passantes'. Wey não pareceu surpreso com esse tipo de violência, e comentou que o sultão dos turcos estava na época movendo 30.000 'homens, mulheres e crianças' da Moreia para povoar a recém-conquistada Constantinopla.

Em um dia mais comum, enquanto a galera dos peregrinos navegava de Rodes para Chipre, os passageiros passavam o tempo contando histórias, pregando sermões ou cantando canções. Os marinheiros e seus passageiros viram tijolos e paredes submersos nas águas rasas da água do mar límpida. Uma história bem conhecida sobre a área era assim:

Não muito longe de Rodes, perto da costa, estavam as ruínas submersas de uma cidade antiga conhecida como Cathalia ou Satalia ou Adalia ou Antalya, ninguém tinha certeza do seu nome. Dizia-se que era uma cidade maravilhosa, cheia de edifícios esplêndidos e cidadãos felizes. Tinha sido o centro de um grande império que controlava as terras e os mares ao redor. Mas todo esse território foi perdido pela loucura de um jovem.

Este homem amava uma linda mulher, tanto que era como se seu coração tivesse sido incendiado. No entanto, a jovem morreu repentinamente de peste. Seu adorável corpo foi colocado em um túmulo de mármore finamente trabalhado.

O coração do jovem estava partido. Ele adoeceu e definhou e ainda permaneceu apaixonado pela jovem. Toda noite, e às vezes durante o dia, ele era despertado pelo pensamento dela. Uma noite ele foi até o túmulo dela, abriu-o e rastejou para dentro, onde fez sexo com o cadáver dela.

E então ele foi embora. Nas semanas e meses que se seguiram, ele começou a esquecê-la.

De repente, uma noite, depois de nove meses, o jovem ouviu uma voz berrando, clara como o dia: 'Vá até o túmulo daquela mulher, abra-o e veja o que você criou! E se você não for, será gravemente ferido!'

Então o jovem voltou ao túmulo e, ao se aproximar, lembrou-se do que havia feito na última vez em que esteve ali, mas não sentiu um pinga de desejo por sua antiga amante. Ele abriu o túmulo. De repente, uma cabeça de dragão de aparência horrível e terrível disparou, gritando e berrando, antes de voar ao redor da cidade e sobre a terra. Enquanto voava para as montanhas, uma grande onda surgiu do mar e toda a cidade foi submersa. A água levou as pessoas embora e afogou os prédios. Presumimos que o jovem morreu no dilúvio.

Desde então, as travessias marítimas entre Rodes e Chipre se tornaram perigosas por causa da cidade submersa, das estranhas correntes subterrâneas e dos abismos insondáveis, tudo causado por esse jovem pecador e suas ações terríveis.

Esta história, que foi contada por toda a Europa, repreendeu aqueles viajantes cujos pensamentos, por tédio, luxúria ou impiedade, vagaram para lugares impuros. E a história também os lembrou de que o terreno pode subir e descer, cidades inteiras podem ser afundadas, costas podem ir e vir. Eles podem ter refletido sobre o dilúvio que Deus enviou a Noé para limpar a terra corrupta, ou as cidades de Sodoma e Gomorra que foram devastadas e permaneceram sempre estéreis graças ao vício.

Alguns podem ter ouvido falar das ondas gigantescas diabólicas em 1303 que devastaram Creta e varreram prédios e pessoas em Alexandria e Acre. Aconteceu depois de um imenso terremoto que foi sentido até mesmo em Veneza. Em Heraclião, a prefeitura, o arsenal, igrejas e castelos caíram. O porto afundou no mar, com centenas sendo levados pelas ondas implacáveis. Essas histórias fizeram os viajantes se sentirem ainda mais enjoados. Que mundo incognoscível eles atravessaram! Que profundezas ocultas se escondiam nas águas do mundo e no movimento contínuo das ondas!

Alguns dos peregrinos já estavam tendo pensamentos impuros sobre sua próxima parada, Chipre, um suposto local de nascimento da deusa Afrodite, a divindade da beleza e do desejo sexual. Em Chipre, uma ilha fértil governada pela dinastia Lusignan de príncipes franceses (e depois deles, a partir de 1489, pelos venezianos), eles ficaram aliviados por pisar em terra firme. Aqui, o leão Lusignan – coroado e desenfreado – substituiu seu primo veneziano alado nos relevos e lintéis das cidades fortificadas. No interior, Nicósia (Lefkosia) era o principal centro eclesiástico e governamental da ilha. Limassol, Pafos, Kyrenia (conhecida como Dieu-d'Amour) e Larnaca (Salino) também eram regularmente chamadas como lugares para atracar as galés. Famagusta, no lado oriental da ilha, tinha o melhor porto. Nessas cidades viviam cristãos latinos – que olhavam para o papa em Roma – ao lado de gregos, armênios, coptas e outros cristãos (em suas múltiplas seitas de caldeus, jacobitas, maronitas, melquitas), devotos judeus e alguns muçulmanos, todos com suas igrejas, templos, tumbas e diferentes línguas, mas frequentemente compartilhando espaços e rituais sagrados.

Cuidado! Sereias e sereias são lindas e muito raras. Marinheiros relatam que elas são terrivelmente perigosas. A sereia pode aparecer nas ondas, com um espelho e um pente, se enfeitando e se adorando. A sereia pode cantar, dedilhar uma harpa ou soprar uma trombeta, fazendo com que o marinheiro adormeça, perca a razão ou comece a chorar. Marinheiros podem muito bem chorar ao relembrar as sereias e sereias de antigamente, que atraíam marinheiros para a praia para fornicar com elas. Se o marinheiro recusasse, a sereia o rasgava em pedaços e o comia.

Chipre ficava a apenas um dia de navegação, em um dia bom, da costa da Terra Santa. A proximidade da Bíblia podia ser sentida nesta ilha cheia de santuários milagrosos e relíquias dos santos. Os peregrinos gostavam especialmente de visitar um local, a "Prisão de Santa Catarina" (ou às vezes "Túmulo de Santa Catarina") em Salamina, que eles acreditavam ter desempenhado um papel fundamental na vida da santa Santa Catarina de Alexandria (dizem que seu tio foi governador de Chipre). A cela/túmulo da prisão era, na

verdade, um monumento megalítico e câmara funerária, milhares de anos mais velha até do que Catarina, mas um altar rudimentar, decorado com ícones, havia sido construído lá na Idade Média. Se eles não venerassem Catarina aqui, os visitantes poderiam fazê-lo na magnífica e extravagante catedral construída em sua homenagem em Nicósia (agora a Mesquita Haydar Pasha), outro local do túmulo da santa. Os peregrinos vinham a este local em grande número, e aqui eles podiam obter um distintivo de peregrino mostrando metade da roda quebrada na qual Catarina havia sofrido. Sem nos preocuparmos muito sobre qual momento histórico da vida curta, porém movimentada, de Catarina estava sendo comemorado, era muito mais fácil venerar a santa aqui do que ir até seu santuário principal no Sinai.

Outra visão impressionante para os visitantes medievais era o mosteiro de São Nicolau dos Gatos, ao lado dos grandes lagos salgados em Akrotiri. De acordo com a lenda local, o mosteiro foi fundado na época de Constantino, com a condição de que cem gatos fossem mantidos lá para destruir as cobras nocivas da área. Felix Fabri achou uma tradição encantadora quando visitou em 1480. Durante o dia, os gatos vagavam pela floresta ao redor do mosteiro e, na hora do jantar, um monge tocava um sino. Todos os gatos residentes corriam para serem alimentados. Para Fabri, os gatos representavam os anjos bons, as cobras caçadas, os maus.

O lugar sagrado mais popular para visitantes de Chipre era a Colina da Santa Cruz em Stavrovouni, entre Larnaca e Nicósia. Depois de passar por uma paisagem de pomares de frutas cítricas e amoreiras exuberantes em seus cavalos e burros alugados, eles encontraram um antigo mosteiro no topo de uma montanha. O ar lá era rarefeito e puro, e os visitantes ganhavam vistas notáveis de todo o sul da ilha.

No mosteiro, os visitantes viam a Cruz do Bom Ladrão. Dizia-se que nessa Cruz estava pendurado o corpo do bandido penitente Dysmas, que sofreu ao lado de Jesus e pediu a Ele que se lembrasse dele enquanto morriam juntos. Além disso, dizia-se que havia um prego da própria Cruz de Cristo, trazido aqui pela própria arqueóloga santa Santa Helena, pregado na Cruz de Dysmas.

Dizia-se que a Cruz em Stavrovouni às vezes pairava, suspensa, sem suporte, no ar, sustentada pelo Espírito Santo; Daniil de Kiev, um peregrino que a visitou em 1107, disse que ele mesmo tinha visto essa coisa milagrosa com seus próprios olhos. O mosteiro era um local de peregrinação por direito próprio para aqueles a caminho de Jerusalém, e marinheiros doentes eram especialmente encorajados a visitar a Cruz, seja para um remédio para sua doença ou para preparar suas almas para a morte.

Em 1426 o mosteiro foi atacado pelos mamelucos, durante uma tentativa de ocupação da ilha, e sua estrutura danificada. A cruz milagrosa foi desmontada; de acordo com o vizir do sultão Khalil, os mamelucos levou-o embora e descobriu que ele parecia flutuar no ar apenas graças às "molas engenhosamente concebidas" escondidas em seu interior.

Stavrovouni continuou sendo um lugar que os peregrinos cristãos visitavam, mas, no final do século XV, sua Cruz havia sido incrustada em ouro e prata e não flutuava mais. Às vezes, ela era pendurada em cordas em uma janela e podia ser balançada para frente e para trás, como uma lembrança de seu antigo milagre aéreo. A relíquia da Cruz era guardada por um único monge, um sacristão, que havia sido abandonado por seus irmãos e estava sentado, sozinho, guardando este pedaço de madeira sagrada de cipreste. Felix Fabri, visitando Stavrovouni em 1480, acreditava que a Cruz ainda estava pendurada sem

nenhum suporte visível, mas não queria examiná-la muito de perto, caso ofendesse a Deus. "Subi esta montanha para honrar a Cruz", escreveu o irmão Felix cuidadosamente, "não para encontrar um milagre ou tentar a Deus".

Embora a paisagem de Chipre fosse salpicada de santidade, a cidade portuária de Famagusta certamente não era um lugar sagrado. Famagusta era uma cidade próspera de viagens medievais, transformada de uma vila por refugiados cruzados após a Queda de Acre em 1291. A cidade foi governada pelos Lusignans da década de 1290 até ser ocupada pelos genoveses em 1372 e, então, em 1489, pelos venezianos, que fizeram dela sua capital. Os Lusignans a organizaram com uma grande catedral, um palácio episcopal, várias igrejas, três mosteiros e uma rua comercial, e começaram suas magníficas fortificações. No porto, havia um saguão movimentado com comerciantes e peregrinos. Famagusta rapidamente se tornou o principal porto de Chipre, seus arredores empoeirados o destino para o prazer e o vício.

O padre e peregrino alemão Ludolph de Suchem, visitando por volta de 1337, disse que Famagusta era "a mais rica de todas as cidades, e seus cidadãos são os mais ricos dos homens". Tinha um porto muito profundo e, localizada como estava no lado oriental da ilha, tornou-se seu principal entreposto com o leste. Ervas aromáticas da Índia, tecidos de camelote e damasco do Levante e escravos turcos e circassianos eram comercializados pela cidade. Os viajantes ficavam surpresos e impressionados com as roupas luxuosas e exóticas dos famagustanos: os homens usavam longos vestidos de seda enfeitados com tranças douradas e pérolas, e botas com os dedos virados para cima, do tipo visto no império mameluco; as mulheres eram amplamente cobertas de preto, mantos decorados e plissados, com mantos bordados cobrindo a maior parte de seus rostos.

A cidade ostentava um grande número de tavernas, muitas delas de propriedade de italianos expatriados, que atendiam moradores locais, marinheiros, peregrinos e piratas. Os registros legais da época nos dão uma sensação de uma noite de viajante em uma taverna na Famagusta medieval. Uma noite, em 1428, um padre chamado Antonio Mansour estava visitando a cidade de Pera, o enclave genovês em Constantinopla. Mansour estava em uma taverna com amigos, para comer e beber. Em um canto próximo da taverna estava um famagustano chamado Bisarra com seus próprios companheiros, e os dois grupos começaram a conversar, beber e festejar juntos, jantando pão e macarrão e despejando vinho grego goela abaixo. Mansour estava segurando a faca de pão quando, "inteiramente acidental", sua mão escorregou e ele esfaqueou Bisarra no peito, ferindo-o mortalmente. Antonio foi preso e, uma vez que deixou claro que era padre, foi entregue ao bispo latino de Famagusta. Ele foi colocado na prisão do bispo. Antonio escapou e conseguiu entrar em um barco para Roma, onde buscou absolvição e foi inocentado de todas as acusações contra ele.

Em outra ocasião, uma briga irrompeu na taverna de Antonio Cogio em Famagusta entre o senhorio e um Bartolomeu de Pera. No decorrer da briga, Cogio atingiu outro hóspede, Azar de Caffa, que estava visitando a Crimeia, na cabeça com uma jarra de vinho. O crânio de Azar foi aberto e ele teve que ficar de cama por um mês, antes de perder mais dezessete dias de trabalho; ele também teve várias despesas com medicamentos e, como ele reclamou às autoridades, teve que pagar por cabeleireiro extra também.

Essas brigas de taverna entre visitantes nos dão uma ideia do que pode dar errado longe de casa, especialmente quando há vinho envolvido.

Famagusta também era infame por suas trabalhadoras do sexo. Ludolph de Suchem notou as cortesãs incrivelmente ricas; ele culpou o solo cipriota, que ele disse que provocava os homens à luxúria por meio de sua associação com Afrodite. Da mesma forma, Eneas Sylvius Piccolomini (mais tarde Papa Pio II, m. 1463) descreveu as mulheres de Famagusta como "extremamente devassas". Ele disse que, em nome sagrado de Vênus, elas entregaram seus corpos a marinheiros visitantes. Havia até memoriais de túmulos para Afrodite na catedral de Nicósia e do lado de fora do palácio veneziano em Famagusta, como se a luxúria tivesse se tornado objeto de veneração. À medida que os viajantes iam mais para o leste e para longe de casa, suas mentes pareciam vagar cada vez mais em direção a questões da carne, conduzidas pela sensualidade excitantemente intemperante de partes estrangeiras. Os viajantes corriam o risco de cair sob o feitiço erótico de estar no exterior.

Um poema sobre viagens marítimas

Sir Nicole Louve (também conhecido como Nicolle Lowe) era um cavaleiro rico de Metz, na Lorena. Na primavera de 1428, ele viajou para a Terra Santa em uma galera veneziana. Ele retornou no mesmo ano, com dois papagaios que havia adquirido durante sua viagem. Durante sua viagem de volta em dezembro, ele escreveu este poema satírico sobre as experiências terríveis que sofreu durante sua viagem marítima.

Uma balada de Sir Nicole Louve, cavaleiro, feita no mar ao retornar do Santo Sepulcro no ano de 1428:

Quem deseja embarcar numa galera de peregrinação
Devem ter coragem em ambas as mãos,
Porque eles estarão babando
A partir do momento em que partem do porto de origem.

A bordo,
Você não pode ser muito exigente com relação à alimentação,
Porque você frequentemente terá que comer
Mais do que sua cota de comida pode.

Não há sombra no convés do barco,
E você é torrado pelo sol.
Você come biscoitos podres
E aqui todo mundo tem que beber um vinho ruim e horrível .

Aqui, tudo é feito para estimular seu apetite!
Quando estamos sentados à mesa de jantar comunitária,
Percebemos que tem menos de seis pés
De onde todos esvaziam suas entranhas!

Devo também dizer-lhe:
Você está completamente à mercê do vento.
O vento é o verdadeiro mestre da galera,
E ninguém mais pode ajudar.

O vento acalma o barco como lhe agrada,
Ou faz com que ela avance a toda velocidade.
Não confie no patrono, no comandante ou nos remadores:
Eles também estão sofrendo!

O vento não precisa de violinista para fazer a galera dançar.
Então todos parecem abatidos,
Balançando a cabeça de um lado para o outro,
E vomitando suas entranhas e entranhas.

Quando o vento decide mostrar sua força,
Não há nada a fazer
Mas reze a Deus
Para preservá-lo do perigo.

E tempestades são outra coisa:
Espantoso, muito desagradável e perigoso.
Em ventos fortes, é essencial ancorar
Perto de um porto.

Isso pode durar muito tempo,
Acredite em mim!
À medida que a comida começa a escassear a bordo,
Temos que desembarcar e passear a pé .

Se alguém quiser ir para a cama,
É difícil encontrar relaxamento
Ou bom descanso.
É preciso dormir na terceira classe,

Que fede totalmente a peidos,
Os vapores gasosos, a flatulência
Exalado por entranhas humanas.
É simplesmente nojento!

Aqui as pulgas abundam
E os piolhos são inumeráveis.
Cada um deles persiste em picar e morder os pobres dorminhocos
Que estão tentando descansar um pouco.

Em suma,
Para concluir sobre este assunto,
Ninguém é obrigado a ir à Terra Santa,
Se você não tem os pontos fortes e qualidades que descrevo aqui:

Você deve ser animado por um grande fervor
O que ajudará você a suportar todos esses males.
Você também deve ser jovem,
E tem memória curta para esquecê-los rapidamente.

Ou, como escrevi acima,
Você deve encontrar em si mesmo a força para enfrentar o perigo,
As fortunas do mar,
O cansaço, os maus cheiros e a peste .

No entanto, e quando tudo estiver dito e feito,
Se você realmente quer ver o Santo Sepulcro
E visite a Terra Santa,
Vá sem mais delongas!

*Este poema foi composto e concluído no mar, no ano de 1428,
A bordo de uma galera
Dos 300 passageiros solidários,
Mas não há nenhum deles eles que conseguiam terminar uma garrafa de vinho francês
barato!*

[++](#) Como o francês *raisin de Corinthe* , o alemão *Korinthe* , o russo *korinka* , o espanhol *pasa de corinto* , o sueco *korint* .

6.

Um passeio a pé por Constantinopla

Pera – Bucoleon – Hagia Sophia – Hipódromo – Estátua equestre – Igreja de Cristo Pantocrator – Igreja dos Santos Apóstolos – Palácio de Blachernae

Saquear e conquistar continuam sendo dois estímulos duradouros para viajar. Em 1204, um exército um tanto improvisado de europeus ocidentais, liderado por venezianos, lançou um ataque à cidade de Constantinopla. Este ataque, agora conhecido como o "Saque de Constantinopla", viu os venezianos arrancarem o controle da cidade de seus governantes gregos. Constantinopla foi descrita por seus conquistadores em termos ofegantes de admiração e reverência. O cavaleiro cruzado e cronista Geoffrey de Villehardouin escreveu que aqueles que nunca tinham visto Constantinopla antes a encaravam seriamente "pois nunca pensaram que poderia haver em todo o mundo uma cidade tão rica". Eles admiravam os altos muros e as torres fortes que a cercavam, os palácios e igrejas "dos quais havia tantos que ninguém acreditaria se não a tivesse visto com seus olhos". Para Villehardouin, Constantinopla era uma joia surpreendente a ser possuída, uma cidade superlativa. Podemos chamar o ataque de 1204 de cruzada, mas era tanto sobre comércio e privilégios comerciais quanto sobre fé — sobre quem controlaria o Mar Negro, quem pagaria melhor os venezianos e quem teria acesso aos mercados que entravam e saíam da cidade. Durante a Idade Média, as pessoas visitavam Constantinopla porque queriam conquistá-la ou, na falta disso, porque queriam uma parte de sua grande riqueza.

A cidade anteriormente conhecida como Bizâncio havia se tornado uma megacidade fervilhante entre a Europa e a Ásia. Constantinopla era a maior cidade do oeste medieval, com uma população de aproximadamente 80.000 pessoas por volta de 1350 (ainda muito diminuída, por guerras, pestes, terremotos e migração do pico da cidade de talvez até 500.000 residentes no século VI). Situada em uma vasta área murada sobre sete colinas em uma península tricorniana, Constantinopla era um lugar onde, para muitos visitantes, um passado augusto colidia com um presente precário. Os mapas de Constantinopla do viajante florentino Cristoforo Buondelmonti da década de 1420 mostram antiguidades clássicas e colunas decoradas entre ruínas em ruínas, moradias domésticas espalhadas pela paisagem entre basílicas gigantescas e palácios imperiais, defesas e muros rígidos, moinhos de vento e vários portos ao redor da península. Nos séculos XIV e XV, a população de Constantinopla era composta por uma maioria grega cristã com comunidades estabelecidas de albaneses, amalfitanos, armênios, búlgaros, catalães, genoveses, húngaros, pisanos, ragusanos, turcos e venezianos, juntamente com uma grande população judaica. A cidade estava em contato e diálogo constantes com a cristandade latina e o islamismo, uma verdadeira *cosmópolis*, uma cidade mundial, o mundo em uma cidade.



A cidade é definida em todos os lugares por sua relação com o mar, especialmente o Bósforo, o canal que liga o Mar Negro ao Mar de Mármara e, finalmente, o Egeu e o Mediterrâneo. Durante o dia, a paisagem marinha parece refletir a luz de volta para as colinas arejadas da cidade e seus ciprestes, cedros, carvalhos e figueiras. À noite, o mar se torna vastamente preto, as pedras claras das ameias da orla beijadas pelos ventos vindos das ondas.

Visitando a cidade na década de 1330, quando a cidade não estava mais sob controle veneziano, mas era novamente governada por gregos bizantinos, o peregrino alemão Ludolph de Suchem fez uma descrição detalhada e assombrada de Constantinopla, "uma cidade extremamente bela e muito grande". Ele descreveu seus muitos quilômetros de muralhas, o formato triangular de sua península principal e seus "diversos e diversos ornamentos, construídos pelo Imperador Constantino, que a chamou de Constantinopla". Ele listou as igrejas impressionantes da cidade e a abundância barata de pão, carne, peixe, as muitas nações diferentes que moravam lá, o clima frio da cidade (em novembro, Constantinopla costuma ser mais fria do que a Saxônia nativa de Ludolph) e a imensa quantidade de rodovalho a ser pescada lá, exportada para todas as partes da Ásia.

E ainda assim, apesar de toda a sua maravilha, Constantinopla foi definida por Ludolfo pelo que havia sido perdido. "O leitor deve saber", ele escreveu, "que o Imperador dos Gregos e o povo grego já governaram toda a Ásia, tanto a maior quanto a menor". Por "maior e menor" Ásia, Ludolfo quis dizer Ásia Menor (a península da Anatólia) e Ásia Maior (a terra além da Anatólia a leste, cobrindo o que hoje podemos chamar de Ásia Central). O poder de Constantinopla havia sido enormemente diminuído, "dividido da Igreja de Roma pelo cisma" e por perdas territoriais. Apesar de seus grandes monumentos, a Constantinopla medieval posterior foi repetidamente representada como um lugar de desapropriação e precariedade, uma sombra isolada de seu antigo eu, atormentada por uma espécie de melancolia imperial.

Nas páginas seguintes, faremos um tour pelos principais locais de Constantinopla, conforme eles foram vistos por um visitante do início da década de 1430, Bertrandon de la Broquière, que descreveu a cidade com um olho em suas glórias passadas e o outro em sua futura conquista.

Bertrandon era de uma família nobre de Labroquère, uma vila no Rio Garonne, ao norte dos Pireneus Franceses. Quando jovem, Bertrandon entrou para o serviço da corte da Borgonha em Dijon. Ele ganhou o papel de entalhador do Duque da Borgonha, supervisionando a apresentação de carnes em banquetes. Em 1425, Bertrandon tinha uma generosa pensão anual de 160 francos do duque, Filipe III, "o Bom" (1396–1467). Ele se tornou parte do círculo interno do duque e, em 1428, recebeu a cidade e senhorio da Borgonha de Vieux-Château.

Bertrandon se tornou um diplomata-espião de confiança do duque Philip. Em 1432, ele recebeu 200 libras para empreender 'uma certa viagem de longa distância'. Esta foi uma missão de reconhecimento ao Oriente Médio. Bertrandon foi convidado a relatar o estado dos turcos otomanos enquanto eles anexavam constantemente o território cristão bizantino. O duque Philip abrigava ambições românticas de ser um herói cruzado cavalheiresco como os príncipes de antigamente, para expulsar os muçulmanos da Terra Santa e repeli-los em suas novas tentativas de invasão da cristandade. Ele também queria

vingar a fracassada 'Cruzada de Nicópolis' (1396), na fortaleza de Nicópolis no Danúbio. Aqui, seu pai Philip II ('o 'Ousado') e seu irmão João ('*Jean sans peur*' , 'João Destemido'), lutaram sem sucesso contra os turcos.

Ao completar sua missão secreta de dezoito meses, Bertrandon recebeu mais 800 libras do duque Philip. O relatório escrito de Bertrandon sobre sua jornada é cheio de detalhes pessoais sobre suas viagens, revelando-o como um turista interessado e independente que dependia de moradores e estranhos para ajudá-lo. Às vezes, ele viajava como emissário ou diplomata, mas em outras ocasiões ele usava disfarces de trajes locais, para visitar mesquitas e viajar incógnito. No geral, ele recebeu uma recepção calorosa como representante da corte da Borgonha (e, mais tarde em sua vida, ele desfrutou de uma carreira movimentada como diplomata da Borgonha na corte francesa). Bertrandon era um pesquisador de campo e descobridor de fatos, viajando para fornecer um relato em primeira mão do estado do Mediterrâneo oriental.

Bertrandon partiu em fevereiro de 1432 e seguiu a rota dos peregrinos via Veneza, Dalmácia e Chipre. Depois de visitar Jerusalém, a Terra Santa e o Sinai, Damasco e Síria, Bertrandon seguiu para Constantinopla. Durante essa jornada, ele fez amizade e foi protegido por um egípcio chamado Maomé. Ao longo de seu relatório escrito, Bertrandon nos conta muito sobre novos alimentos que encontrou (caviar era aceitável "quando não havia mais nada para comer"), roupas (na Síria, ele comprou "botas vermelhas até o joelho, como é o costume do país") e idiomas (por exemplo, em um ponto, um judeu amigável de Caffa fez uma lista de palavras para ele em italiano, tártaro e turco de "tudo o que eu poderia precisar na estrada, para mim e para meu cavalo"). Viajar é ganhar conhecimento, mas o conhecimento é frequentemente de um tipo inesperado e extrínseco.

O relato de Constantinopla de Bertrandon fornece um passeio valioso por esta cidade fervilhante, conflituosa e fatídica. Começamos nosso passeio não em Constantinopla propriamente dita, mas no distrito suburbano de Pera (hoje Beyoğlu), cujo nome significa simplesmente "além" em grego, e sua "grande cidade" murada Galata (Karaköy); os nomes Pera e Galata eram frequentemente usados de forma intercambiável para a área. Pera fica do outro lado do canal ('nada largo, mas muito profundo') do Corno de Ouro, ao nordeste da península histórica de Constantinopla. Bertrandon descreveu Pera como habitada em 1432 por mercadores genoveses, que governavam a cidade, junto com Colegas gregos e judeus. Estavam todos sob o senhorio de um administrador, o 'potestat' ou *podesta* , que também era o embaixador genovês na corte do imperador bizantino e foi nomeado pelo duque de Milão, que também assumiu o título de Senhor de Pera.

Pera tinha suas próprias muralhas e defesas. Mais visivelmente, a partir de 1349, a Torre de Gálata, uma estrutura redonda de tijolos românicos que substituiu uma torre anterior, chamava aqueles que chegavam pelo mar, um farol de aparência familiar aos olhos ocidentais. A torre era um bastião cônico bonito e delicado, adornado com arcos, lembrando os tipos de edifícios pintados nos manuscritos iluminados apresentados à corte do duque Filipe. Bertrandon achou o porto de Pera "o mais bonito de todos que já vi" e se encontrou com o embaixador do duque de Milão lá, para conspirar contra os venezianos. Pera foi o primeiro porto de escala para muitos visitantes do oeste, efetivamente uma colônia bem desenvolvida para viajantes europeus e expatriados. Bertrandon esbarrou em um velho conhecido, um comerciante catalão chamado Bernard Carmer, que ele tinha visto pela última vez na cidade flamenga de Bruges. Carmer reconheceu Bertrandon e pediu que

ele deixasse Pera para 'ficar em seus alojamentos com ele em Constantinopla' e visitar a cidade 'à vontade'. Bertrandon aceitou seu convite, incapaz de resistir a um passeio turístico com um expatriado residente.

Conselho: Entrar em Constantinopla é como entrar em uma grande floresta: é impossível se locomover sem um bom guia. Se você tentar se locomover de forma mesquinha ou barata, não conseguirá ver ou beijar o corpo de um único santo, a menos que seja o dia sagrado daquele santo (quando se pode ver e beijar as relíquias).

Em seguida, Bertrandon cruzou para a península ('em forma de um escudo de três pontas') de Constantinopla propriamente dita. Pera foi então ligada à cidade por balsas (não havia ponte) cruzando os 500 metros da hidrovia chamada Corno de Ouro (cuja foz era geralmente bloqueada por uma enorme corrente de ferro, para que os constantinopolitanos pudessem controlar a navegação). De Pera, Bertrandon avaliou as sete colinas sobre as quais Constantinopla é construída. Ele observou que Roma e Antioquia também são construídas sobre sete colinas; como muitos viajantes, ele procurou o que torna uma cidade semelhante a outras, não única. Bertrandon se maravilhou com o tamanho da cidade, que ele afirmou ter seis milhas de largura e dezoito milhas de circunferência. Em sua opinião, não era tão grande e construída quanto Roma (na verdade, a população de Constantinopla era quase o dobro da de Roma).

Ele descreveu primeiro 'La Blaquerne', o Blachernae, um palácio fortificado na extensão norte das muralhas da cidade. Este era um complexo de salões luxuosos elegantemente construídos em tijolos claros em uma série de terraços; as ruínas ainda podem ser vistas. O Blachernae era o centro da autoridade imperial, para onde o imperador (então João VIII Paleólogo) e a imperatriz (Maria de Trebizonda) recorriam e onde dignitários visitantes eram recebidos. Bertrandon notou os fossos 'bastante profundos' defendendo o palácio, mas identificou isso como um potencial ponto fraco, pois 'é aqui que o ataque [de 1204] foi bem-sucedido'. Como tantos visitantes da época, enquanto admirava a cidade, ele ponderou como ela poderia ser mais facilmente capturada.

Memórias de conquista e derrota marcaram o próximo lugar que Bertrandon visitou, o porto de Bucoleon, nas margens do Mar de Mármara. Ele não descreveu o palácio imperial de Bucoleon que ficava aqui. Nessa data, o palácio já estava em ruínas. Em vez disso, sua curiosidade foi despertada por um local de sepultamento que lhe foi mostrado, "um monte de ossos de cristãos que estavam deixando Jerusalém, a Terra Santa e Acre" na época da Primeira Cruzada (década de 1090). Bertrandon foi informado de que os gregos haviam transportado um grande número desses cristãos para este lugar, "fora da vista de outras pessoas", e matado todos eles. Outros cruzados ouviram sobre isso e fugiram para as margens do Mar Negro. Então, Bertrandon afirmou, apareceram circassianos, ávaros, mingrelianos e outros povos cristãos na área. Seu relato não é historicamente preciso; as comunidades cristãs caucasianas são muito anteriores à década de 1090 e o local estava, de fato, cheio de túmulos de venezianos expulsos da cidade pelos gregos em 1261. No entanto, ele revela impressões ocidentais populares dos governantes gregos da cidade e a maneira de Bertrandon de vincular toda a história da região às Cruzadas: uma tentativa de dar sentido, em seus termos, à complicada história de conflitos e identidades múltiplas da área.

Bertrandon então seguiu para 'a mais notável e principal' das muitas igrejas de Constantinopla. Esta era a Igreja de Santa Sofia ('a igreja mãe onde o patriarca está

localizado') no cume da primeira colina de Constantinopla, perto de onde o triângulo da cidade gesticulava para o Bósforo em direção a Pera e à Ásia.

Dedicada a Hagia Sophia (Santa Sabedoria), mas muitas vezes entendida como dedicada a uma santa chamada Sophie, esta enorme igreja circular sempre inspirou admiração nos visitantes. Dedicada pela primeira vez no ano 537 e ainda de pé apesar de sua posição acima de uma grande falha geológica, a igreja era conhecida por sua grandeza estupenda e enorme cúpula. Foi construída em um planalto elevado acima dos principais portos e distritos comerciais da cidade bizantina, e dá ao mesmo tempo uma sensação de altura elegante e permanência sólida. É construída como uma série de edifícios abobadados, subindo e culminando em sua cúpula, a maior do mundo, além do Panteão de Roma. Bertrandon comentou sobre o mármore branco esculpido da igreja e os pilares em várias cores. De fato, os mármore padronizados da igreja vieram de todo o mundo, dos Pireneus franceses à Ásia Menor. Os mármore alternam entre painéis vermelhos com veios rosa grossos e painéis cinza claro marcados com triângulos cinza escuro, interpostos com belos lintéis redemoinhos de carmesim e branco-sujo.

O interior da igreja foi então decorado com mosaicos dourados mostrando Cristo, os santos e os imperadores bizantinos em poses sensíveis e realistas. Um desses mosaicos sobrevive no vestíbulo da porta sul, retratando o Imperador Justiniano, sua bela cabeça curvada respeitosamente, entregando uma versão em miniatura da igreja abobadada à Virgem Maria enquanto Constantino entrega a ela uma versão minúscula da enorme cidade murada. Na galeria sul, sob a cúpula, um mosaico posterior mostra o Imperador João II Comneno (reinou de 1118 a 1143) apresentando uma bolsa de dinheiro a Cristo e à Virgem. Grafites abundantes foram riscados nas paredes pelos visitantes, em línguas do eslavo antigo glagolítico ao nórdico e mostrando santos, navios, pássaros, anjos e animais, vestígios duradouros da diversidade de pessoas que se aglomeraram ali.

Hagia Sophia, depois de ter sido saqueada no assalto de 1204, continha menos relíquias do que antes, e em particular a sua Lança Sagrada tinha iniciado uma migração e multiplicação para o oeste, comprada no meados do século XIII por Luís IX da França por meio de corretores venezianos. No entanto, Bertrandon foi informado de que a igreja ainda tinha a ponta da lança que perfurou o lado de Cristo, uma relíquia que também era venerada em Paris (John Mandeville disse que viu as duas, mas foi reticente em dizer qual, se alguma, ele acreditava ser mais autêntica). Hagia Sophia também reivindicou as vestes de Cristo e outra esponja na qual Cristo recebeu fel (também reivindicada por Zadar), bem como o junco que foi colocado na mão de Cristo na história da Paixão. Bertrandon conseguiu ver a grelha na qual São Lourenço foi grelhado até a morte (uma relíquia também reivindicada pela Basílica de San Lorenzo in Lucina, em Roma) e uma pedra semelhante a uma bacia na qual Abraão serviu comida aos anjos que vieram destruir Sodoma e Gomorra (Gênesis 18:1–15).

Em Hagia Sophia, a curiosidade de Bertrandon o levou a ficar e assistir a um serviço divino oficiado pelo patriarca. Ele estava evidentemente interessado tanto nos costumes religiosos locais quanto na beleza reputada da Imperatriz Maria (Maria Megale Komnene, 1404–39). Ele assistiu a uma espécie de peça dramática, representando a história bíblica de Nabucodonosor e os três meninos na fornalha (Livro de Daniel 3:1–30), uma performance também notada por outros visitantes. Então ele passou o dia inteiro, sem comer e beber, esperando pela imperatriz, pois queria vê-la de perto e vê-la montando em seu cavalo.

Quando ele finalmente teve uma visão completa dela, ele a achou "tão bonita", jovem e justa e uma amazona confiante. Seus brincos eram, aos olhos de Bertrandon, especialmente notáveis: eles eram feitos com grandes fechos de ouro e decorados com pedras preciosas, incluindo rubis.

Em seguida, em frente a Hagia Sophia, Bertrandon permaneceu no Hipódromo, "uma praça grande e bonita, cercada por muros como um palácio, onde jogos eram realizados nos tempos antigos". O Hipódromo, uma grande arena do século III com 400 metros de comprimento, tinha áreas de observação curvas e arcadas ao redor de uma grande pista oval. Ainda era usado como um campo de esportes para hipismo durante a Idade Média. O médico seljúcida Sharaf al-Zaman al-Marwazi (falecido em 1125), que visitou Constantinopla no início do século XII, viu "cães atacando raposas, depois chitas atacando antílopes, depois leões atacando touros" enquanto o imperador, a imperatriz e uma multidão de espectadores assistiam e festejavam. Logo depois, o viajante judeu Benjamin de Tudela descreveu-o como "um lugar de diversão pertencente ao rei", onde um grande entretenimento era realizado a cada Natal com shows acrobáticos e de malabarismo e lutas de animais com leões, leopardos, ursos com jumentos selvagens acontecendo lá. "Nenhum entretenimento como este pode ser encontrado em nenhuma outra terra", escreveu Benjamin maravilhado. O Hipódromo foi descrito por John Mandeville na década de 1350 como "uma bela quadra para justas" com "assentos em camadas nos quais se pode sentar e assistir sem impedir a visão de outras pessoas". Um único muro de contenção e um banco de pedra solitário do Hipódromo sobrevivem até hoje.

Bertrandon observou o irmão do imperador, Thomas Paleólogo (1409–65), Déspota da Moreia, se exercitar e se divertir no Hipódromo. A cavalo no recinto, Thomas e sua comitiva de "vinte ou trinta cavaleiros" praticavam arco e flecha, competindo com um arco e flecha para perfurar um chapéu atirado à frente de seus cavalos galopantes. Este exercício, observou Bertrandon, havia sido aprendido com os turcos.

Na época da visita de Bertrandon, ele teria visto pelo menos três monumentos antigos impressionantes na *spina*, o muro baixo que descia pelo centro do Hipódromo. Esses eram o obelisco egípcio de Teodósio (erguido em 390 d.C.), uma antiga coluna de bronze de três serpentes entrelaçadas que havia sido colocada ali, c. 330 d.C., por Constantino, e a monumental coluna de calcário de Constantino Porfirogênito (imperador 913–59 d.C.), colocada na extremidade sul do estádio no século X. Embora Bertrandon não tenha comentado sobre esses monumentos incomuns, ele teria caminhado por esse estranho parque de memoriais a impérios caídos e poderes passados. Visitando dez anos antes de Bertrandon, Zosima, um diácono da Moscóvia, repetiu a crença folclórica de que a coluna da serpente continha veneno de cobra e que a coluna poderia ser tocada para curar os efeitos de uma picada de cobra. As cabeças das serpentes foram quebradas por volta de 1700, mas a coluna continua sendo um talismã estranho e eloquente que testemunhou a história tumultuada da cidade.

Bertrandon então descreveu brevemente a 'belíssima igreja de St George', situada 'de frente para a Turquia' (ou seja, em frente ao que é agora o lado asiático da cidade). Ele estava aqui descrevendo a Igreja de St. George of Mangana, uma importante igreja a leste de Hagia Sophia construída em uma escala luxuosa no século XI. Ela reivindicou várias relíquias, incluindo alguns dos pelos da barba de Cristo. Nada sobreviveu da igreja agora.

Bertrandon então se mudou para a área entre Hagia Sophia e o Hipódromo para descrever uma das vistas mais celebradas de Constantinopla: "uma coluna muito alta de pedras quadradas com letras inscritas nela". Esta estátua equestre enfeitiçou os visitantes da cidade, e quase todos eles tentaram interpretar seu significado. Ela ficava na praça, a Ágora, do lado de fora de Hagia Sophia, e era cercada por vendedores de comida e bebidas, perfumes, ícones e souvenirs.

Os viajantes muitas vezes têm que confiar em informações de segunda mão para interpretar seus arredores, ou são forçados a aceitar as descrições de seus guias sem questioná-los. De acordo com o que Bertrandon foi informado, no topo da coluna estava o Imperador Constantino (reinou de 306 a 337), fundido "em metal em um grande cavalo segurando um cetro em seu punho fechado e ... seu braço direito estendido com uma mão aberta, em direção à Turquia e à rota terrestre para Jerusalém". Bertrandon foi informado de que esse gesto era um sinal de que todo o território até Jerusalém costumava estar sob seu controle. Nessa leitura, a estátua era um monumento notável à autoridade imperial perdida.

Robert de Clari, um cavaleiro cruzado que visitou a Picardia em 1204, descreveu a estátua de forma um pouco diferente. Ele viu uma coluna grossa, três vezes mais grossa que o braço de um homem adulto, com cinquenta *toises* de altura (cerca de 22,2 metros). No topo da coluna havia uma pedra, com cerca de 1,5 metro quadrado, com o imperador em seu cavalo, ambos fundidos em cobre; o imperador "estendeu a mão em direção às terras pagãs". A estátua trazia uma lenda de que "os sarracenos" nunca teriam paz com o imperador. Os gregos identificaram a figura como o imperador Heráclio (que reinou de 610 a 641). Na garupa do cavalo e em volta de sua cabeça, dez garças fizeram seus ninhos.

As 'garças' de Robert (possivelmente cegonhas) acrescentam um toque agradável de observação individual. As letras na estátua, na leitura de Robert, declaravam que os sarracenos nunca deveriam ter uma trégua com o imperador bizantino, uma atualização anacrônica da mensagem que convinha às Necessidades e preocupações dos cruzados. Robert também disse que a efígie segurava um globo ou orbe de ouro com uma cruz (um símbolo de dominação global).

Apesar de toda a sua importância, os visitantes parecem ter interpretado a estátua de várias maneiras e até mesmo visto coisas diferentes. O que levanta a questão: o que os turistas veem? E quem lhes diz o que estão vendo? Muitos visitantes, e a maioria dos relatos locais, identificaram a estátua como a de outro imperador, Justiniano (reinou de 527 a 565). A efígie pretendia, de fato, representar Justiniano, mas provavelmente era uma estátua reutilizada do imperador anterior, Teodósio (reinou de 379 a 395). O cartógrafo florentino Cristoforo Buondelmonti, visitando por volta de 1420, observou que a estátua era de Justiniano segurando "em sua mão esquerda uma maçã dourada enquanto com a mão direita ele ameaça o leste e a Turquia". A altura da coluna varia enormemente entre os relatos dos visitantes, mas eles viram principalmente a estátua, como muitas estátuas, unindo autoridade imperial com ansiedade imperial: o imperador era uma visão impressionante, mas o significado de sua estátua tendia a cruzar fantasias de poder imperial com apreensão sobre o colapso imperial.

Bertrandon se maravilha: "Não tenho ideia de como a estátua foi colocada ali, dado seu tamanho e seu peso". Tinha cerca de 30 metros de altura, a efígie sozinha em cima dela tinha mais de 8 metros de altura; era uma das colunas autônomas mais altas do mundo e

uma das maiores estátuas do oeste. O nariz do imperador-cavaleiro tinha 23 centímetros de comprimento, de acordo com um visitante do século XVI que o mediu furtivamente depois que a figura foi desmontada. Mostrava o imperador em traje de batalha com um spray de penas em seu capacete (em vários pontos enquanto ainda estava de pé, enormes penas de bronze caíram da estátua, causando alarme entre os moradores da cidade).

Por volta de 1317, a cruz do orbe caiu no chão. Então, na década de 1420, o próprio orbe caiu. Sempre que pedaços da estátua caíam, era entendido que estava emitindo um comentário político ou profecia. John Mandeville escreveu que a figura "costumava segurar uma maçã [ou globo] em sua mão, mas a maçã caiu da mão da efígie". Isso, "as pessoas dizem", era "um símbolo de que o Imperador perdeu uma grande parte de seu império". Mandeville acrescentou que qualquer tentativa de colocar a maçã de volta a mão da estátua falharia, e que sua outra mão estava erguida em direção ao oeste, 'como um símbolo para ameaçar pecadores'. Johann Schiltberger, um aventureiro escondido em Constantinopla no início da década de 1420, disse que a maçã dourada uma vez indicou que o imperador tinha poder sobre 'cristãos e infiéis', mas 'agora ele não tinha mais esse poder, então a maçã desapareceu.'

Quase todos os visitantes de Constantinopla acharam a estátua equestre um testemunho de tirar o fôlego do passado, presente e futuro imperial da cidade. Para os visitantes, a coluna parecia quase estar viva em sua capacidade de mudar e em sua habilidade prognóstica de segurar o futuro precário da cidade em sua mão maciça.

Visitantes de Constantinopla olhavam para a estátua com admiração: admiração por seu tamanho, seu significado. Não havia uma única lista medieval das "maravilhas do mundo", embora historiadores cristãos anteriores como Gregório de Tours (m. 594) e Beda (m. 735) tivessem sugerido tais listas de lugares tanto bíblicos (Arca de Noé, o Templo de Salomão) quanto clássicos (o Colosso de Rodes, o Capitólio em Roma). A estátua equestre em Constantinopla alcançou o status de uma maravilha medieval, uma coisa singular e especial que não podia ser totalmente compreendida, uma visão para ver, um objeto histórico que solicitava admiração e curiosidade.

Bertrandon também notou os plintos vazios próximos dos "cavalos dourados" que encontramos antes empinando-se na frente da Basílica de São Marcos em Veneza. Até 1204, esses cavalos (Bertrandon diz três, mas na verdade quatro) foram exibidos aqui, ao lado do Hipódromo. A paisagem urbana foi ainda mais marcada por sua localização em uma falha tectônica: houve vários grandes terremotos aqui, incluindo em 1346, quando a cúpula de Hagia Sophia rachou.

Bertrandon então visitou duas igrejas proximais e importantes na quarta colina de Constantinopla: a Igreja de Cristo Pantocrator (o Todo-Poderoso) e a enorme Igreja dos Santos Apóstolos ('a Igreja de Santa Apostola'). O Pantocrator, construído pela Imperatriz Irene no século XII, era um mosteiro que desfrutava de um panorama esplêndido de Constantinopla, Pera e o Corno de Ouro, e incluía um grande hospital (com pelo menos cinquenta leitos), uma biblioteca e *scriptorium*, uma farmácia e um poço curativo. O que mais atraiu a atenção de Bertrandon aqui foi uma relíquia das lágrimas da Virgem Maria. Isso tomou a forma de uma laje de pedra na qual o corpo de Cristo havia sido colocado. "É algo muito sagrado, pois você pode ver todas as lágrimas que Nossa Senhora chorou." As lágrimas pareciam a Bertrandon como cera, mas, após uma inspeção mais detalhada, mais como água congelada. Ele garantiu ao seu leitor que "muitas pessoas viram isso."

A relíquia que Bertrandon viu foi a "Pedra da Unção". Dizem que a pedra foi levada para Constantinopla no século XII, e foi descrita na época como uma laje de mármore vermelho com a característica única das lágrimas da Virgem em sua superfície. Esta era uma relíquia diretamente paralela à Pedra da Unção na porta da Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, que Bertrandon havia visitado em sua peregrinação lá e que estava *in situ* por mais de cem anos. Viajantes medievais frequentemente viam a mesma coisa em lugares diferentes e não pareciam se importar; as coisas podiam fazer sentido religioso, em vez de mostrar veracidade histórica, e ainda ser tão significativas.

Bertrandon visitou em seguida a vizinha Igreja dos Santos Apóstolos, construída por Constantino como seu mausoléu. Os Santos Apóstolos, que foi o modelo para São Marcos em Veneza, foi descrito por Roberto de Clari em 1204 como sendo ainda mais suntuoso do que Hagia Sophia. Bertrandon viu aqui o eixo da coluna à qual Cristo foi amarrado para ser espancado, sob as ordens de Pôncio Pilatos. Bertrandon observou, com aprovação, que era do mesmo tipo de pedra que relíquias semelhantes que ele tinha visto em Roma e Jerusalém. Ele também viu caixões de madeira abertos que continham os corpos incorruptos de santos e, confundindo os Santos Apóstolos com o Pantocrator, viu o túmulo de Constantino e sua mãe, Santa Helena, erguido em colunas de 2,5 metros de altura.

A igreja Pantocrator sobrevive como Mesquita Zeyrek, mas sua Pedra da Unção não. A Igreja dos Santos Apóstolos foi completamente destruída e a Mesquita Fatih construída no local entre 1463 e 1470.

Passando os Santos Apóstolos, no canto nordeste da cidade, Bertrandon seguiu para a (supostamente pequena e mal coberta) Igreja de 'La Blaquerne', parte do complexo do Palácio de Blachernae. Aqui ele notou os maravilhosos adornos da igreja, 'pavimentados, pintados, apainelados e decorados de todas as maneiras possíveis'. Esta era a magnífica Igreja de Santa Maria de Blachernae, reconstruída principalmente por Alexis I por volta de 1100, e o principal santuário da cidade de sua santa padroeira e defensora, a Virgem Maria. Esta igreja continha um ícone da Virgem, coberto por um véu que milagrosamente, na maioria das sextas-feiras, subia lentamente para revelar o rosto da Virgem. Então, ele caiu novamente lentamente ao longo do dia seguinte. Bertrandon, como a maioria dos outros visitantes não gregos, não parece ter visto este ícone. A igreja queimou em 1434, alguns anos após a visita de Bertrandon. Isso não foi, pela primeira vez, pela violência da conquista, mas por um incêndio acidental iniciado por crianças.

Uma dica: Em Constantinopla, há um ícone famoso da Virgem e do Menino chamado Hodegetria ('Aquele que mostra o caminho'), pintado pelo próprio São Lucas. É um ícone grande e decorado maravilhoso, mantido pelo Convento de Hodegon perto de Hagia Sophia. É exibido toda terça-feira. O ícone é colocado nos ombros de homens vendados e os empurra e os vira, para um lado e para o outro, pois eles confiam que através do ícone ela, a Virgem, realmente mostra o caminho.

Tendo visto todas essas igrejas gregas, Bertrandon notou que os mercadores latinos tinham sua própria igreja situada no local onde se pegava a balsa para Pera e onde uma missa diária era celebrada em latim. Ele parece ter descrito a Igreja de São Nicolau no mercado de alimentos Basilike, perto da costa do Corno de Ouro, no lado nordeste de Constantinopla com vista para Pera. A Igreja de São Nicolau era essencialmente uma igreja veneziana e havia um ícone de São Nicolau ao qual os marinheiros vinham rezar para se

proteger contra afogamento ou para agradecer se tivessem sido salvos durante um naufrágio. Alguns disseram que o braço de São Nicolau havia se estendido para fora da pintura realista e dado moedas de ouro aos fiéis.

Bertrandon ficou entediado, saciado pelas igrejas da cidade. Ele escreveu, 'há outras igrejas nas quais não entrei', articulando o cansaço do turista diligente que viu e disse o suficiente. Ele passou a tratar de assuntos seculares e dos diversos comerciantes da cidade, principalmente os venezianos e os turcos.

Os mercadores catalães mostraram o local a Bertrandon. No dia da Candelária (2 de fevereiro), eles o levaram para um "serviço solene" com capelães "estranhamente vestidos" cantando no palácio imperial. A imperatriz Maria assistiu de uma janela em um apartamento superior. Quando o imperador João soube pelos catalães que Bertrandon era da corte da Borgonha, ele enviou um mensageiro pedindo notícias da captura da Virgem de Orleans, Joana d'Arc (executada em maio de 1431, pouco antes de Bertrandon chegar a Constantinopla). É um retrato elegante de como as notícias dos assuntos atuais viajavam de boca em boca do oeste para o leste por meio de viajantes como Bertrandon.

Poucos dias depois, os catalães levaram Bertrandon para ver as festividades de casamento de um dos parentes do imperador, onde ele assistiu a um estranho tipo de torneio. Um grande poste foi colocado no meio da praça e uma grande tábua – um metro de largura e um metro e meio de comprimento – foi presa a ele. Cerca de quarenta cavaleiros sem armadura vieram galopando um após o outro, cada um com um pequeno bastão na mão e fazendo todo tipo de truques. Então, depois de cerca de meia hora dessa exibição de acrobacias a cavalo, sessenta ou oitenta bastões foram trazidos. O noivo montado pegou um dos bastões e atacou o mais rápido que o cavalo podia, como se estivesse em uma justa. Ele acertou o alvo, com força total, de modo que quebrou seu bastão ('sem muito choque'). Então alguns dos homens começaram a gritar e tocar instrumentos, tocando tambores 'à moda turca'. Então cada homem pegou seu bastão e cavalgou em direção ao alvo, cada um quebrando seu bastão. O noivo terminou com dois gravetos amarrados e os quebrou no alvo "sem se machucar". Bertrandon disse que foi bem feito, evidentemente tendo gostado da exibição. O imperador assistiu de uma janela, com a imperatriz também, a quem Bertrandon continuou a achar uma mulher muito bonita. Assim que a justa a cavalo terminou, "a festa acabou, sem ninguém ferido, e todos voltaram para seus alojamentos".

Bertrandon viu um espetáculo curioso, uma exibição de equitação com música, um torneio sem violência, uma festa de casamento em que ninguém se machucou. Este foi um entretenimento em que a luta com espadas mortais poderiam ser substituídas por frágeis 'varas'. O noivo 'provou' a si mesmo aos olhos do imperador em uma justa simulada. Era como se essa celebração de casamento fosse um ensaio para os homens de Constantinopla lutarem uma batalha que sabiam ser inevitável.

Não está claro exatamente quanto tempo Bertrandon ficou em Constantinopla, mas sua estadia lá foi prolongada. Ele deixou a cidade em 23 de janeiro de 1433 e, mais tarde, em suas viagens, conheceu o sultão otomano (Murad II, 1404–51) na então capital Adrianópolis (Edirne). Seu relato do encontro é de olhos arregalados de admiração e exotismo, comentando sobre as 300 mulheres e trinta meninos que o sultão tinha à sua disposição para seu prazer sexual. O sultão, de acordo com Bertrandon, podia beber grandes quantidades (pelo menos 'seis ou sete quartos') de vinho. Bertrandon relatou a

Filipe da Borgonha que sentia que os otomanos seriam facilmente derrotados, por conta de seu armamento precário.

Bertrandon, durante sua vida, seria provado errado. O sucessor de Murad, o sultão Mehmed II ('o Conquistador'), capturou Constantinopla para os otomanos em 1453. A cidade rapidamente se tornou a capital próspera de um extenso império islâmico que mudou fundamentalmente o equilíbrio de poder e o acesso ao Mediterrâneo oriental. A cidade visitada por Bertrandon foi transformada. À medida que os monumentos da Constantinopla bizantina foram reaproveitados ou erradicados, seu relato da cidade passou a se referir a um mundo em ruínas.

Alguns custos de viajantes no Egito e na Terra Santa, 1392

Viajantes na Terra Santa eram obrigados a pagar por todos os serviços que recebiam. Os preços eram fixados pelos mamelucos e franciscanos, e eram altos.

Segue abaixo uma seleção de alguns preços de atrações e serviços na Terra Santa:

Ao guarda do porto de Alexandria na saída: 1 ducado por pessoa

A um dragomano para a viagem ao Cairo: 6 ducados por grupo

Para cada camelo transportar alimentos para a galera no Rio Nilo (viagem de um dia): ½ ducado

Para passagem de galera no Rio Nilo até o Cairo: 12 ducados por grupo, mais despesas com alimentação do dragomano

Para a permissão do sultão para viajar: ½ ducado cada

Pela permissão do Senhor do Deserto Árabe para viajar: 5 grossi [±]cada

Ao Mestre dos Camelos, para que faça o seu melhor: 3 ducados por grupo

Para cameleiros para o Sinai de Santa Catarina: 6 grossi cada

Para os carregadores que trazem as suas coisas de 2 milhas de Gaza para Gaza: 3 ducados de todos

Homenagem ao sultão em Gaza: ½ ducado cada

De Gaza a Jerusalém: 16 grossi por milha

Para ir ao Rio Jordão: 3 grossi cada

^{±±} Grossi eram altamente variáveis em valor. Na moeda veneziana, um ducado de ouro era avaliado em 18 grossi no século XIII. Em 1440, o ducado era 28 grossi (de acordo com William Brewyn), e em 1496 o ducado era igual a 80 grossi. Para uma comparação aproximada, uma vaca custaria cerca de 2 ducados (10 xelins na Inglaterra) e um bom cavalo cerca de 44 ducados (200 xelins na Inglaterra). A inflação era baixa, mas muitas cobranças para turistas podiam mudar sem aviso prévio.

7.

Pela Terra Santa até a Babilônia

Jaffa – Acre – Gaza – Saidnaya – Belém – Sinai – Materea – Cairo – Gizé

O destino da maioria dos viajantes do leste no Mediterrâneo medieval era a Terra Santa, *terra sancta* : não um país, mas uma paisagem de memória e emoção, construída a partir das histórias da Bíblia. Ela poderia se estender do Egito de hoje até a Síria e a Jordânia, das terras associadas à Tribo de Naftali no Líbano até aquelas associadas à Tribo de Judá no Deserto de Negev, abrangendo Sinai, Jerusalém e a costa do Mediterrâneo de Sidon a Gaza e além. A terra era sagrada para muitas religiões, que frequentemente compartilhavam e competiam pelos mesmos espaços. Os cruzados tendiam a chamar a região de 'Outremer' - além-mar. Após o fracasso das Cruzadas, 'Filastin' (Palestina) se referia a uma das subdivisões mamelucas da região, que foi, de 1260 a 1517, governada principalmente de Damasco. Mais tarde, os europeus frequentemente usavam o termo 'Síria' para toda a região. Dependendo do viajante e de seus motivos, a Terra Santa prometia vitória, lucro ou a salvação da alma.

O guia de viagem europeu mais popular, *o Livro de Maravilhas e Viagens de Mandeville* , tornou-se uma das fontes de conhecimento mais difundidas sobre a Terra Santa. Foi traduzido para muitas línguas diferentes e, por muitos anos, foi usado como um guia. Isso ocorreu apesar de, ou talvez por causa do fato de que o autor não havia escrito um guia de testemunhas oculares. Em vez disso, ele construiu uma enciclopédia de histórias de viajantes, uma miscelânea de escritos anteriores, alguns "históricos", alguns "geográficos". Mandeville abriu seu *Livro* com um elogio lírico e apaixonado à Terra Santa, "a Terra Prometida". Esta terra, ele diz, é "como a mais excelente dama e é soberana sobre todas as outras terras, é abençoada e santificada pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo". Sua comparação com a dama é adequada: como uma dama em um romance cortesão medieval, a Terra Santa era super-representada, algo a ser amado de longe com ardor frustrado, possuído em espírito, mas, principalmente, não de fato.

De acordo com Mandeville, Jesus escolheu esta terra para 'tomar carne e sangue' e viajar sobre ela em 'Seus pés abençoados', realizando milagres, pregando e ensinando, e finalmente sofrendo 'tanta desgraça e zombaria por nós'. Por estas razões, 'todo cristão decente que é capaz' deve, ele disse, 'fortificar-se para conquistar' aquela terra, a 'melhor entre todas as outras terras, a mais virtuosa, a mais digna do mundo' – evidenciada por sua localização no meio do mundo.

O elogio de Mandeville à Terra Santa é representativo de como viajar para lá era discutido na Europa medieval como o propósito mais elevado que uma vida humana poderia atingir. Ir à Terra Santa era atingir a retidão, a glória, a alegria, o conforto e o prazer. Ou pelo menos essa era a ideia.

Durante grande parte da viagem por mar, os viajantes se tornaram frustrantemente passivos, renunciando à sua agência, testemunhas e observadores de uma jornada além de seu controle. Os peregrinos — de toda a Europa — se comunicavam mal uns com os outros

em vários dialetos, confiando em sinais, gestos, latim improvisado e língua franca, uma mistura de veneziano, genovês, catalão e provençal, usada principalmente para comércio e transações. Por mais que pensemos que viajar nos ajuda a ver o mundo de novo, uma grande parte da viagem é sobre mal-entendidos.

Depois de Chipre, os passageiros ansiosamente olharam para o horizonte para um primeiro vislumbre do litoral da Terra Santa. No mar, o horizonte oferece a imensidão, mudando constantemente com a passagem do barco. O termo "horizonte" entrou nas línguas da Europa Ocidental nos séculos XII e XIII, derivado do grego *horos*, uma fronteira, divisão, separação. ^{ss} Acreditava-se que o horizonte – um limiar em vez de uma linha – marcava a divisão entre a visão terrestre do viajante e a abóbada celeste acima. No entanto, os limites do conhecimento geográfico e os limites da visão do viajante eram geralmente carregados de significado e perigo. Se viajar é ampliar os horizontes, isso pode ser melhor pensado como uma jornada arriscada até o limite, em vez de uma perspectiva de possibilidades ilimitadas.

Por fim, e surpreendentemente de repente, o horizonte deu lugar aos contornos verticais irregulares das torres e fortificações da costa da Terra Santa: as cidades de Jaffa, Acre, Ashkelon, Gaza e outros lugares renomados, meio lembrados da Bíblia. A primeira pessoa a avistar terra deu um grito, e os passageiros e a tripulação do barco se reuniram no zelo tônico da chegada para proferir uma oração. Com lágrimas e suspiros, eles geralmente cantavam o hino *Te Deum laudamus*, 'Deus, nós te louvamos', um hino de alegria pública e afirmação espiritual.

O mar rolando em direção a Jaffa estava cheio de desejo de chegar, desejo de ser abraçado pela Terra Santa. Jaffa foi descrita por Mandeville como "a cidade mais antiga do mundo", pois acreditava-se que foi construída antes do dilúvio de Noé. O porto aparece como o ponto de entrada para os grandes cedros transportados "em bóias pelo mar" do Líbano para a construção do Templo em Jerusalém (2 Crônicas 2:16), e é onde Jonas foi para encontrar um navio e pagar sua passagem, antes de seu encontro com a baleia (Jonas 1:3–4). Por volta de 1300, após a retirada dos cruzados, Jaffa foi o principal porto para barcos da Europa (alternativamente, os peregrinos vinham via Alexandria e Sinai); os mamelucos regulamentavam todos os visitantes da Terra Santa processando-os por meio de instalações rudimentares no porto de Jaffa. Mas o porto de Jaffa era raso, um ancoradouro irregular e às vezes perigoso com um recife natural de arenito que formava um quebra-mar, com rochas inóspitas espalhadas entre as ondas. Passageiros europeus desembarcavam nas praias arenosas ao pé da cidade.

Pero Tafur, um nobre castelhano que viajou na década de 1430, fez um resumo representativo de como era chegar em uma galera veneziana à Terra Santa. Primeiro, em Jaffa, a chegada do navio foi divulgada, 'quase imediatamente', ao Prior do Monte Sião, o chefe dos franciscanos na Terra Santa. Ele então enviaria 'dois ou três frades' para ver 'o Governador de Jerusalém' (um oficial administrativo mameluco, um capitão militar), que emitiria o salvo-conduto do sultão aos frades para os recém-chegados. Os peregrinos então se preparariam para desembarcar e dariam seus nomes por escrito ao governador, e eles mesmos manteriam outra lista; isso era para impedir qualquer tipo de 'impostura' - subterfúgio e espionagem - ocorrendo. Quando os viajantes deixaram o barco, havia 'mouros' esperando, 'prontos com jumentos que os peregrinos montam o tempo todo que estão na Terra Santa'. O preço fixo para alugar os animais era de 2 ducados, 'e isso não pode

ser aumentado ou diminuído.' O governador e os frades viajaram com os peregrinos para a cidade vizinha de Ramla, 'um ótimo lugar, a cinco léguas [20 quilômetros] de Jaffa, onde há um hotel fundado para peregrinos'. Havia apartamentos para homens e mulheres, e peregrinos como Pero passavam seu primeiro dia e noite na Terra Santa em seus alojamentos seguros.

É notável o quão ordeira e organizada foi a chegada, com a administração franciscana-veneziana trabalhando lado a lado com os oficiais do sultão mameluco (os mamelucos ocuparam Jerusalém e seus arredores a partir de 1250). As prioridades eram evitar espionagem prejudicial e extrair dinheiro dos viajantes. A regulamentação burocrática dos viajantes, iniciada a sério em Veneza, continuou aqui, com os "nomes por escrito" dos visitantes sendo registrados na eficiente máquina do governo mameluco.

Ao desembarcar em Jaffa, os recém-chegados viram as ruínas do assentamento vencido dos cruzados e da conquista fracassada. No topo da colina íngreme em que a cidade está localizada, ficavam as ruínas da outrora grande Igreja de São Pedro, construída logo após a conquista da cidade pelos cruzados em 1099. Ela foi dedicada a São Pedro, pois foi aqui que ele teria ressuscitado Tabita dos mortos e onde passou muitos dias com Simão, o Curtidor (Atos 9:36-43). A igreja reivindicou várias relíquias, incluindo a cabeça de São Jorge. Mas seus tetos abobadados foram destruídos em 1197, esmagando os habitantes da cidade que se abrigavam ali das forças invasoras aiúbidas. A igreja foi reparada na década de 1220, mas depois deixada em ruínas em 1268 pelos mamelucos, que roubaram algumas das relíquias e queimaram outras. Depois disso, os destroços da igreja ficaram com vista para o porto, um sinal da derrota dos cruzados. Meshullam de Volterra, visitando em 1481, descreveu Jaffa como "um lugar todo em ruínas". Igrejas quebradas e casas abandonadas se erguiam acima do porto, longe das torres altas e dos becos movimentados que já foram.

A maioria dos viajantes não teve a mesma sorte que Pero Tafur em deixar Jaffa rapidamente. Konrad Grünenberg descreveu em 1486 como, em sua chegada, os mamelucos mantiveram seu barco ancorado por dezesseis dias fora de Jaffa, durante os quais alguns passageiros morreram. As provisões dos viajantes mal os sustentavam e podem muito bem ter sido o que os matou: biscoitos de semanas, ovos estragados, uvas verdes, maçãs maduras demais, vinho azedo de qualidade variável, água impura. Oficiais mamelucos vigiavam o barco das torres de Jaffa e, eventualmente, hastearam uma bandeira vermelha como um sinal de paz e enviaram ao patrono do barco uma grande tartaruga como um presente de saudação. Só então Grünenberg e seus infelizes companheiros de viagem puderam desembarcar.

Outros visitantes tiveram que esperar nas cavernas desoladas perto do porto marítimo de Jaffa ou, no caso de Bertrandon de la Broquière, em "algumas tendas cobertas de juncos", para se abrigar do sol. Para muitos, a chegada a Jaffa foi nada menos que terrível, uma descida ao Inferno em vez de uma ascensão em direção à Jerusalém Celestial. Thomas Larke, escrivão e capelão do cortesão inglês Richard Guylforde, descreveu em 1508 como, na chegada, seu grupo foi "recebido por mamelucos e sarracenos, e colocado em uma caverna velha, por nome e posição". O escriba mameluco escreveu seus nomes, e eles foram deixados na caverna, "no chão nu e fedorento" noite e dia, e foram "tratados realmente horivelmente pelos mouros". Da mesma forma, Konrad Grünenberg explicou como cada passageiro (todos homens) em sua cozinha desembarcou com uma pequena bolsa em volta do pescoço com pão, uma pequena garrafa de vinho, alguns ovos cozidos, queijo, um pente

e coisas para barbear. Cerca de 300 mamelucos armados ('cristãos hereges' e 'infiéis... não tão negros quanto os mouros') se aglomeraram em torno de seu grupo. O governador de Jerusalém perguntou a cada passageiro seu nome, e isso foi registrado em um livro com uma pena de junco. Grünemberg e seus companheiros de viagem foram então levados a duas cavernas antigas, cheias de esterco de burro fedorento, onde permaneceram por dois dias em um punhado de palha, pelo qual foram cobrados vários *marchetti*. Durante o dia, as pessoas tentavam vender coisas para seu grupo: panquecas mal cozidas, contas, rosários e 'algum tipo de mingau'. Durante a noite, Grünemberg foi cobrado 4 *marchetti* para usar a latrina de buraco no chão do lado de fora. Um cavaleiro do grupo de Grünemberg foi espancado violentamente por se recusar a pagar para usar a latrina. Ele morreu devido aos ferimentos no dia seguinte.

A estranheza dos viajantes era marcada por suas roupas, sua postura e sua atitude. De fato, viajar frequentemente envolve a estranheza de alguém parecendo se tornar o elemento crucial do seu caráter. A desconfiança entre os viajantes e os moradores locais da Terra Santa era recíproca. Ao chegar em Jaffa, visitantes como Grünemberg eram imediatamente visíveis sob o sol forte, o ambiente desconfortável e o calor intenso. Dinheiro era exigido deles por cada coisa. Moedas pareciam desaparecer como se dinheiro não tivesse valor. Ao longo de sua jornada na Terra Santa, o viajante incorria em uma ladainha de custos que estavam totalmente além de seu controle; taxas para passagem segura e "cuidar" de seus pertences afetavam seu senso de vulnerabilidade. O desconforto do viajante, uma espécie de choque cansado em resposta à situação à qual eles se renderam, tornou-se óbvio.

Uma maravilha: No norte da Terra Santa, em algum lugar entre Tel Arqa e Raphanea, há um rio maravilhoso chamado Sabbathory ou Sambation. Ele mostra o quão sagrada é a Terra Santa. As pessoas dizem que ele tem atributos diferentes. Alguns dizem que ele seca completamente todo sábado, o shabat, e flui vigorosamente pelo resto da semana. Outros dizem que ele flui apenas aos sábados; na semana seguinte, ele fica parado e não flui de forma alguma (ou quase nada). Alguns dizem que é a fronteira para uma tribo judaica perdida, suas águas espumantes, uma fronteira que será atravessada apenas no fim dos dias. Quem sabe? Muitas pessoas partiram para encontrar o Sabbathory. Mercadores e peregrinos ouvem falar dele com frequência. Mas é muito difícil de encontrar.

Todo o litoral era marcado por altares quebrados e ameias marcadas como as de Jaffa. A rodovia em direção ao leste para Ramla e Jerusalém serpenteava pela planície costeira, as estradas empoeiradas sombrias com as memórias de batalhas, conquistas e refugiados. Mas antes de tomarmos essa rota, vamos perambular um pouco na Terra Santa, pois ela oferecia ao viajante medieval uma terra maravilhosa de experiências desafiadoras, mas cativantes.

Jaffa mudou de mãos muitas vezes entre 1187 e 1268, quando foi conquistada pelo sultão mameluco, Baybars (1223–77). Dada essa turbulência, os francos desenvolveram energeticamente uma nova capital no porto de St Jean d'Acre, a pouco mais de 100 quilômetros ao norte de Jaffa, na costa do Mediterrâneo. Rapidamente se tornou uma das cidades mais deslumbrantes do Oriente Médio medieval. Durante o período dos cruzados, Burchard do Monte Sião, que escreveu um guia de viagem inicial para a Terra Santa na década de 1280, descreveu Acre como fortemente defendida por "torres e os muros mais fortes". Burchard disse que os defensores residentes de Acre, o Rei de Jerusalém, os

Cavaleiros Templários e os Cavaleiros Hospitalários, poderiam superar todos os "sarracenos", "se agradasse a Deus". A população da cidade murada no final do século XIII pode muito bem ter sido na região de 60.000 pessoas. Crusader Acre foi um grande projeto: fortificações imponentes, um farol, hospitais, um sistema de esgoto e cisterna e cerca de quarenta igrejas, projetadas tanto para receber o viajante na Terra Santa quanto para garantir a posição do oeste latino nela. Os cruzados desenvolveram a cidade como um centro de importação e exportação de açúcar, azeite de oliva e especiarias. Variedades de árabe, italiano e francês eram amplamente faladas em Crusader Acre, e a impressão é de um ambiente profundamente multicultural - havia Templários e Hospitalários, cujos enormes projetos de construção sobrevivem até hoje, bem como distritos genoveses, alemães, pisanos, provençais e venezianos na Cidade Velha, e uma área inglesa e irlandesa no subúrbio ao norte de Montmusard, ao lado da costa do Mediterrâneo. Havia habitantes judeus e muçulmanos, bem como armênios, gregos e samaritanos, e contato constante com Chipre. O geógrafo muçulmano ibérico Ibn Jubayr visitou em 1183 e observou como uma pequena mesquita era permitida. O sábio judeu Moses Maimonides passou pelo porto em 1165, e o proeminente estudioso judeu Moses Nahmanides residiu lá na década de 1260. Há até um registro, de 1111, de judeus alexandrinos bebendo cerveja nas tavernas de propriedade dos cruzados de Acre .

Como outros portos, Crusader Acre tornou-se um destino desejável por si só; de fato, seus cidadãos eram frequentemente considerados na Europa como chafurdando no luxo. Um passeio circular a pé pela cidade, começando no portão de terra, foi o tema de um poema medieval, 'The Pardons of Acre'. Ele ordena que os viajantes visitem a cidade para o bem de suas almas: entre outros benefícios, eles receberam a promessa de 1.500 dias de remissão do pecado apenas por se aproximarem dos limites da cidade, 1.135 dias para visitar a maior igreja da cidade, a Catedral da Santa Cruz, e 40 dias para cada vez que alguém visitasse os doentes definhando no Hospital de São João Batista.

Em 1288, o chefe dos Hospitalários sabia que a vida de luxo em Acre estava chegando ao fim. Os Hospitalários mudaram seu Capítulo Geral da cidade para Limassol, em Chipre. Em 1291, Acre foi violentamente conquistada pelos mamelucos. Ficou devastada e se tornou uma ruína enorme marcada pelo cerco. Os vencedores mamelucos tinham pouco interesse em portos marítimos e abandonaram sistematicamente as cidades costeiras dos cruzados para evitar tentativas de reconquista. Jacopo de Verona, visitando Acre em 1335, encontrou-a "despedaçada e derrubada, uma habitação apenas para cobras e animais selvagens". Outros visitantes disseram que o ancoradouro havia sido estragado pelos mamelucos, que colocaram grandes pedras nas águas rasas para evitar futuras reconquistas.

Os mamelucos produziam e vendiam várias mercadorias altamente desejadas pelo ocidente – especiarias, sedas, pedras preciosas, vidro e alúmen (usado como fixador de tinta), por exemplo – e a cultura mameluca era frequentemente admirada, cobiçada até. Ao mesmo tempo, a maioria dos visitantes ocidentais estava, na melhor das hipóteses, relutante em relação aos mamelucos que controlavam a Terra Santa. Muitos eram rudes com eles, horrorizados com a ideia de os muçulmanos terem controle das terras da Bíblia.

John Poloner foi um peregrino alemão que visitou a Terra Santa em 1422 – ou seja, 130 anos após Acre ter sido conquistada. Em Jaffa, Poloner 'não viu nenhum homem vivo' e escreveu que 'muitas das cidades ao longo da costa marítima foram destruídas pelo sultão

quando ele soube que Acre havia sido conquistada pelos reis da França e da Inglaterra [ou seja, os cruzados francos]'. A cidade de Cesareia, ele acrescentou, foi completamente destruída. Perto de Ashkelon, na costa ao sul de Jaffa, ele viu as ruínas de um forte cruzado construído em meados do século XII para 'controlar a insolência' dos asquelonitas, mas agora ele via que a cidade de Ascalão havia sido inteiramente subjugada pelos 'sarracenos' daquela terra. Mais ao norte, em Sidon (um feudo cruzado de 1110–1260), Poloner disse, 'as ruínas até hoje dão testemunho de sua grandeza.' Sarepta (hoje Sarafand, Líbano) tinha apenas algumas casas, ele escreveu, mas 'suas ruínas mostram que já foi uma cidade nobre.' Batroun, um senhorio cruzado de 1104 a 1289, foi 'uma cidade rica, mas agora completamente destruída'. Em suma, a experiência de Poloner foi como a de muitos visitantes da Terra Santa pós-Cruzados: o fracasso das Cruzadas e a vitória do Islã estavam gravados em todos os lugares no ambiente construído (ou em ruínas), mesmo que santuários e capelas não oficiais continuassem a atestar a santidade com a qual a terra estava impregnada. Todo o litoral emitia uma sugestão de violência apenas temporariamente suspensa.

Era mais comum que os visitantes da Terra Santa seguissem para o sul em vez do norte. De Jaffa e Ashkelon, viajando pela estrada costeira, chegava-se ao porto de Gaza, descrito por John Mandeville c. 1356 como "excepcionalmente bonito e cheio de pessoas e perto do litoral"; Gaza era um assentamento-chave na estrada principal que ligava Damasco, Jerusalém e Cairo.

Gaza não tinha muros, mas ostentava uma igreja magnífica no centro da cidade. Esta foi construída após a década de 1150 pelos colonos cruzados, entre os bairros muçulmano e cristão de Gaza, provavelmente no local de um antigo templo filisteu que também tinha sido uma igreja bizantina e uma mesquita. Os cruzados usaram os *spolia* (restos saqueados) de vários edifícios antigos (incluindo igrejas e uma sinagoga). Sua igreja era uma estrutura elegante com arcadas, sua nave se elevando em abóbadas aparentemente sem peso. Seu portal de mármore era esculpido com folhas, e uma rosácea decorava a fachada oeste. As arestas, contrafortes, pilastras e pilares da igreja não estariam fora do lugar em Paris ou na Provença. Os cruzados foram expulsos de Gaza em 1187, após apenas quarenta anos de ocupação, pelas forças de Saladino (m. 1193), fundador da dinastia aiúbida e líder das reconquistas muçulmanas contra os cruzados. A igreja mais uma vez se tornou a Grande Mesquita (como permanece até hoje).

Alguns visitantes posteriores comentaram sobre a desolação de Gaza, uma paisagem de "casas desabitadas em ruínas", como Guillebert de Lannoy escreveu em 1421. Visitantes posteriores a Gaza a conheciam como um lugar assustador no qual os mamelucos aprisionavam visitantes desavisados. Felix Fabri descreveu capitães de mar venezianos sendo ameaçados de prisão e Arnold von Harff foi amarrado em ferros lá por três semanas. Fabri e seus companheiros tomaram um maravilhoso banho quente em 1483 no hammam de mármore abobadado, onde um "mestre do banho" local os esfregou, lavou e ungiu "da forma mais gentil e cortês".

Outros se preocupavam com os bandidos do deserto ao redor de Gaza e os corsários na costa; visitando em julho de 1481, o viajante judeu-italiano Meshullam de Volterra descreveu como os viajantes tinham que transitar em comboio. No *funduq* de Khan Yunis, ao sul de Gaza, Meshullam pensou que a cidade era um "lugar fino e renomado", celebrado

por suas frutas, mas não encontrou outros visitantes lá, porque na noite anterior "sessenta homens" foram capturados em "quatro barcos de pesca que vieram de Rodes". Todos os outros fugiram do *funduq* pela segurança de Gaza. Quando chegou à cidade, Meshullam descobriu que os ladrões ainda estavam nas proximidades, roubando as mercadorias dos camelos carregados dos viajantes. Foi-lhe dito que não seria seguro partir "até que tivéssemos uma caravana de quatro a cinco mil homens". Ele estimou que 7.000 homens e 10.000 camelos estavam esperando em Gaza até que fosse seguro partir na rota para o norte, para Damasco.

Da mesma forma, Felix Fabri testemunhou o fechamento da cidade quando uma hoste de "muitos milhares" de soldados mamelucos do Egito entraram e ameaçaram saquear os mercados. Fabri esperou, e quando os mercados de Gaza reabriram, ele comprou enormes quantidades de coisas para equipar a si mesmo e seus companheiros enquanto cruzavam o Sinai: sacos de pão, jarra de vinho e odres; uma cozinha inteira, incluindo tripé, grelha e espeto; três galinheiros de aves e "um grande galo branco que ficava em pé no galinheiro" e marcava o tempo com seu canto no deserto; várias cestas, penduradas em ganchos na sela, e sacos de e carnes salgadas, queijo, manteiga, óleo, vinagre, milho, cebola, amêndoas, remédios, velas, sapatos, ovos.

No devido tempo, esse enorme carregamento causou uma disputa com o dragomano de Fabri, que disse que a maior parte era "supérflua" e exigiria três camelos extras para transportar através do deserto. E, além disso, grande parte acabou sendo roubada no caminho enquanto Fabri e seus companheiros dormiam.

O conhecimento do islamismo no ocidente permaneceu fragmentário. O Alcorão foi traduzido pela primeira vez para o latim em 1141, pelo inglês Robert de Ketton, um padre e astrônomo que se tornou diácono na cidade espanhola de Pamplona. Robert traduziu várias obras islâmicas para auxiliar na conversão de muçulmanos ao cristianismo, promovendo o conhecimento do islamismo para refutá-lo. Ao mesmo tempo, uma variedade de invectivas anti-islâmicas circulou na Europa, revelando a ansiedade da cristandade sobre a rivalidade do islamismo. Podemos supor que o contato com a Terra Santa trouxe uma melhor compreensão do islamismo contemporâneo, mas nem sempre foi esse o caso.

O peregrino Konrad Grünemberg estava interessado no conteúdo teológico do islamismo, e ele usou sua jornada de 1486 para descobrir mais sobre ele. Ele e seu grupo perguntaram a alguns muçulmanos sobre "a essência de sua fé e costumes gerais", que ele escreveu em seu guia com alguns detalhes. Os muçulmanos explicaram seus principais profetas (Maomé principalmente, e Moisés, Davi e Jesus) e o presente para toda a humanidade, enviado por Deus através de Maomé, do Alcorão. Grünemberg foi informado de que os muçulmanos eram obrigados a rezar cinco vezes ao dia, e que em sua igreja (ou seja, mesquita) ninguém ousaria "conversar com seu vizinho" ou "contar uma piada": eles seriam ridicularizados e multados.

Grünemberg relatou que o dia sagrado dos muçulmanos era sexta-feira, quando eles ouviam orações e depois distribuíam esmolas. Eles se lavavam assiduamente para se preparar para a oração e raspavam seus corpos (exceto barbas de homens e cabeças de mulheres). Eles cortavam suas unhas das mãos e dos pés cuidadosamente também, como uma forma de limpeza. Eles tomavam banho após evacuar seus intestinos e passar gases,

lavavam cuidadosamente narinas e olhos e praticavam jejum. No final de seu longo jejum (Grünemberg's versão do Ramadã) ele diz que eles se abraçaram e desejaram um ao outro uma 'feliz Páscoa' (claramente, ele estava mapeando suas próprias práticas diretamente no Islã!). Grünemberg estava particularmente interessado nas proibições do Islã, especialmente no vinho. Ele explicou isso com base em que 'o vinho nesta região é muito forte' e os 'infiéis' ficam bêbados imediatamente e começam a agir 'totalmente irracionalmente'. No caso dele, ele não pareceu perguntar aos muçulmanos qual era a base teológica para a abstenção de álcool, culpando, em vez disso, o vinho local que ele havia provado e o comportamento dos moradores, que ele repetidamente disse que achava errático.

Grünemberg certamente estava curioso sobre o significado do islamismo. Na Terra Santa, ele disse que um judeu falante de árabe traduziu para ele as palavras do chamado para a oração de um minarete. No entanto, seu relato do islamismo é cheio de invenções e mal-entendidos ocidentais. Por exemplo, ele escreve que os muçulmanos fazem peregrinações, junto com turcos e tártaros, para 'Al-amegga' (Meca) 'onde Muhammad está enterrado ou, assim dizem, seu corpo voa em um caixão de ferro'. Embora Muhammad tenha morrido em Meca, ele foi de fato enterrado em Medina. A história do caixão voador era da literatura ocidental e tinha uma longa linhagem como uma transposição anti-islâmica do cristianismo. A história datava do século XII e do crescente contato do cristianismo latino com o islamismo por meio de cruzadas, comércio e tradução intelectual. Originário da *Vida de Maomé* de Embrico de Mainz (c. 1100), vários textos cristãos popularizaram a história do caixão de Maomé "suspense no ar" (não muito diferente do maravilhoso crucifixo encontrado anteriormente em Stavrovouni, em Chipre), pairando entre o chão e o teto em um mausoléu em Meca. De acordo com Embrico, isso foi conseguido por meio de um truque envolvendo ímãs no teto. O caixão voador parece um objeto misterioso da imaginação do viajante, um símbolo da magia aterrorizante de outras religiões, mas pode ser melhor compreendido como uma imagem de uma ascensão fracassada ao Céu. Dessa forma, a ideia do caixão no ar como um objeto de veneração representava uma espécie de antiperegrinação, um sepulcro profano, Meca como uma Jerusalém errônea.

Grünemberg repetiu a calúnia ignorante de que "sarracenos, turcos e Infiéis praticam relações indecentes com animais e entre si", e isso fica impune porque 'um homem precisa se livrar de sua semente'. Por sua própria admissão, Grünemberg comparou o que aprendeu sobre o islamismo na Terra Santa com o que leu em seus próprios livros ao retornar à Alemanha. Muitas das informações adicionais que ele deu claramente não são de seus encontros reais com muçulmanos, mas da literatura cristã antimuçulmana, o tipo de coisa que saturou crônicas medievais, sermões e tratados teológicos. É um estudo de caso útil dos limites dos encontros com testemunhas oculares, pois Grünemberg evidentemente não confiava ou acreditava no que havia aprendido em sua peregrinação e, em vez disso, pesquisou novamente o islamismo, preferindo a 'autoridade' e o conhecimento ocidentais à experiência.

Como muitos comentaristas do islamismo, Grünemberg também incluiu uma descrição da ideia islâmica de Paraíso; as ideias de outras pessoas sobre outros mundos eram uma fonte constante de especulação. De acordo com Grünemberg, o Paraíso Islâmico era uma terra "ilimitadamente vasta" de prados verdes e campos floridos, riachos cheios de leite e

vinho, lagos cheios de peixes, videiras caídas com cachos pesados de uvas, uma temporada de colheita sem fim. Ele comparou este Paraíso a outros paraísos não cristãos famosos, como o pomar da deusa grega Hera, o Jardim das Hespérides, onde "as florestas abundam com gado domesticado e com caça fácil de capturar, e os pássaros têm um sabor tão delicioso quanto seu gorjeio é delicioso". Mas o Paraíso Islâmico era ainda melhor do que esses jardins de prazer: pois aqui todos os "desejos voluptuosos" de alguém poderiam ser satisfeitos, com parceiros dispostos. Neste Paraíso, Deus enviaria anjos como servos, como rápidos e atentos tapters, entregando tudo o que alguém deseja.

É impressionante que um viajante como Grünemberg, cuja peregrinação à Terra Santa foi para o benefício de sua própria alma, tenha pensado profundamente sobre outras definições de vida após a morte. Ele era formidavelmente rude com os árabes e principalmente crítico sobre a fé islâmica "escandalosa e perversa", mas também se viu sendo educado em religião comparada. Como tantos outros, ele viajou para a Terra Santa para encontrar a salvação; mas viajar abre a mente de maneiras imprevisíveis. Curioso e facilmente distraído, ele se viu pesquisando outros valores, outros ideais e outros mundos além.

Longe da costa, toda a área da Terra Santa continha uma série de locais sagrados oficiais, semioficiais e não oficiais, que surgiram e desapareceram ao longo do tempo. Também continha vários castelos impressionantes, muitos deles legados da ocupação dos cruzados.

A principal atração para viajantes mais engenhosos na região norte da Terra Santa era o remoto mosteiro de Saidnaya, a nordeste de Damasco. No topo de um pináculo rochoso, o mosteiro tinha um notável ícone pintado, cuidado por uma pequena comunidade de freiras e monges. O ícone, mostrando a Virgem Maria, exalava um maravilhoso óleo doce, uma espécie de suor que podia curar todas as doenças. Além disso, o ícone às vezes se encarnava, assumindo uma espécie de carnalidade como se ganhasse vida, a palavra se fez carne. O próprio peito e estômago da Virgem se tornaram semelhantes a um corpo vivo, e as pessoas tocavam o ícone carnal e o confirmavam com a prova de seus próprios dedos. Frascos do maravilhoso óleo eram coletados e levados para longe. As pessoas diziam que até mesmo o óleo do ícone podia se transformar em carne e sangrar, como havia sido provado por um ímpio cavaleiro cruzado que havia levado sua faca a um frasco do sagrado líquido encarnado.

Destinos mais visitados incluía Belém, Nazaré, Monte Quarentena e o Rio Jordão. Todos eles estavam firmemente estabelecidos nos itinerários dos cruzados e pós-cruzados. Em Belém, a poucos quilômetros ao sul de Jerusalém, havia dezenas de pontos turísticos para serem vistos, agrupados em torno da Igreja da Natividade. Um inglês anônimo que escreveu um relato de suas viagens para lá em 1344-5 disse que a Igreja da Natividade era uma igreja "maravilhosamente bela e grande" com mosaicos nas paredes ("e em todo o mundo", ele disse, "não há nenhuma mais bela"). A capela da gruta na igreja, marcando o local da Manjedoura ("o curral da vaca e do jumento", como escreveu o inglês anônimo) onde Jesus nasceu, era quase uma reflexão tardia nos relatos de muitos viajantes. O local sagrado "original" da Natividade há muito era apenas um entre muitos afetando e lugares deslumbrantes para ver, pois tradições inventadas e novos espaços refletiam tendências atuais e necessidades dos visitantes.

Quando o inglês anônimo de 1344–5 deixou Belém, ele teve um confronto que tanto minou quanto confirmou a santidade de sua experiência. Ele e seus companheiros de viagem beberam "muito vinho bom" lá (Belém, como uma cidade cristã, não tinha as mesmas restrições ao vinho, ou produzia o vinho de baixa qualidade, sobre o qual os peregrinos reclamavam nas cidades muçulmanas). Tendo viajado alguns quilômetros para fora de Belém, o inglês e seu grupo bem oleado foram subitamente cercados por quatro soldados do sultão ("assistentes de Satanás", como ele os chamava) na caça para apreender suas cabaças de vinho. Eles pousaram em uma inglesa que estava bêbada (por não ter misturado seu vinho com água, como era o costume). Encorajada pelo álcool, como os viajantes costumam fazer em lugares desconhecidos, ela atingiu um dos cavalos dos soldados mamelucos com seu cajado de peregrino. Os soldados retaliaram, tentando espancá-la com seus chicotes de aço. E ainda assim, assim disse o Inglês Anônimo, seus chicotes eram completamente incapazes de tocar até mesmo a bainha da inglesa encharcada, devido à proteção da Virgem Maria. O Inglês Anônimo escreveu que os mamelucos "ficaram mudos, fixos na terra", e ele aduziu as palavras do profeta Habacuque: "Na tua ira, pisarás a terra sob os pés: na tua ira, espantarás as nações" (Habacuque 3:12). Até o guia do grupo ficou atordoado. O grupo conseguiu seguir seu caminho, entendendo o incidente como mais uma prova de seu direito dado por Deus à terra pela qual tropeçaram.

Ao sul, além de Gaza, a estrada atravessava o deserto da península do Sinai. Os viajantes e seus animais marchavam penosamente pelas mesmas areias quentes sobre as quais Moisés e Arão haviam conduzido os filhos de Israel, conforme relatado no livro do Êxodo. Os visitantes eram mostrados a locais — pouco mais do que cruzeiros de palmeiras na areia ou pilhas de pedras — que marcavam momentos íntimos dessa história sagrada.

Bernhard von Breydenbach, um clérigo da cidade alemã de Mainz, atravessou este deserto em 1483. Breydenbach era um homem ambicioso e educado, um peregrino dedicado e um editor inovador. Ele viajou para e ao redor da Terra Santa como uma espécie de tutor e conselheiro do nobre Johann zu Solms (fl. 1482), e seu grupo incluía um artista talentoso, Erhard Reuwich (1445–1505). Seu projeto compartilhado era produzir um novo tipo de guia de viagem, combinando leitura enciclopédica sobre a região com as observações e experiências de Breydenbach e as ilustrações de testemunhas oculares de Reuwich sobre as pessoas e lugares que encontraram. O livro resultante, o *Peregrinatio in Terram Sanctam* (*Peregrinação à Terra Santa*) se tornou um dos best-sellers da era inicial dos livros impressos na Europa.

Nós nos juntamos a Breydenbach e seus companheiros enquanto eles atravessam o deserto do Sinai até o famoso, mas isolado, Mosteiro de Santa Catarina no Monte Sinai. Este grupo (que também incluía Felix Fabri de Ulm) decidiu estender suas viagens, adicionando a parte mais intrépida da jornada depois de terem visto Jerusalém. Acompanhados por um guia local, eles deixaram Belém em 27 de agosto e viajaram via Hebron e Gaza e então para o sul através do deserto. Em 16 de setembro, eles finalmente viram o Monte Horeb, então acreditado ser a parte superior do Monte Sinai, onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos. Eles passaram dez dias no mosteiro que abriga as relíquias de Santa Catarina e partiram em 27 de setembro.

O Mosteiro de Santa Catarina ficava atrás de paredes muito grossas perto do sopé da montanha. Originalmente, era dedicado à Virgem Maria, mas por volta de 1300 as relíquias

de Santa Catarina se tornaram a atração principal. Durante o período das Cruzadas, era uma instituição rica, mas na época em que Breydenbach o visitou, estava isolado e sua propriedade era uma questão de disputa. Alguns monges gregos mantinham o mosteiro, servindo os peregrinos de várias denominações que chegavam lá.

Alguns visitantes esculpiram seus nomes nas paredes, portas e móveis do mosteiro: 'Swinburn' (Thomas Swynburne, mais tarde prefeito de Bordeaux, que visitou em 1392, com seu escudeiro Thomas Brygg), 'Wilhelm von Diesbach 1466' (registrando a visita do prefeito de Berna), 'Anselmus Adournes' (Anselm Adornes, comerciante de Bruges, que visitou em 1470 com seu filho, deixando um relato eloquente de sua visita), 'Lambert Vande Walle' (um parente de Adornes em Bruges), um 'Dertlot' que visitou em 1332. O grafite no Sinai registra dezenas de visitantes internacionais de várias classes e níveis, pois viajar para lugares tão intrépidos se tornou um significativo desejável de devoção e cultivo. Esculpir o próprio nome era se tornar parte da santidade única do local e deixar um testamento pessoal de que a jornada valeu a pena.

Havia alojamentos confiáveis e razoavelmente confortáveis para peregrinos. Um visitante na década de 1330, Antônio de Cremona, descreveu caldeirões venezianos, trabalhados em cobre, que os monges usavam para alimentar 400 pessoas por vez. Mas, no final do século XV, cristãos latinos como Breydenbach e Fabri foram excluídos da missa na igreja principal do mosteiro. Eles tiveram apenas um rápido vislumbre do túmulo de mármore de Santa Catarina e, em vez disso, foram levados a uma "Capela dos Francos", uma sala estreita com um altar decorado de Santa Catarina; o grupo de Breydenbach teve a sorte de ver as relíquias da santa pelo abade. Quando Breydenbach visitou, as relíquias parecem ter sido a cabeça e as mãos de Catarina, bem preservadas e reverenciadas pelos muçulmanos locais e pelos peregrinos cristãos, embora não exalassem mais o óleo sagrado observado por visitantes anteriores. Cada membro do grupo de Breydenbach recebeu um pequeno pedaço do envoltório de algodão em que as relíquias de Catarina eram mantidas.

Fabri descreveu como sua viagem a St. Catherine foi liderada por condutores de jumentos georgianos que guiavam destemidamente os peregrinos de Jerusalém para o Egito. Ele os achou "homens bonitos, civilizados, corteses e frios de maneiras, não sujeitos a explosões de paixão" e, portanto, concluiu, "especialmente adequados para cruzar o deserto", assim como os jumentos gentis e confiáveis que o transportaram e seus companheiros pela poeira e areia. Quando chegou ao Sinai, a alegria de Fabri teve várias sombras lançadas sobre ela. Primeiro, muitos de seus companheiros peregrinos estavam gravemente doentes. Mais urgentemente, ele estava preocupado com a presença de árabes famintos, que acamparam do lado de fora do mosteiro. Ele presumiu que eles estavam lá para roubar a vasta quantidade de bagagem de seu grupo, talvez para extorquir "dívidas injustas" dele. Esses árabes não fizeram nada a Fabri e seus companheiros, "nem do bem nem do mal", mas "a espera deles lá foi dolorosa" para ele. As viagens de uma pessoa são frequentemente assombradas pelos seus medos.

Depois houve outra discussão mal-humorada sobre quem iria carregar sua bagagem, o que ameaçava impedir Fabri de subir o Monte Sinai em paz.

Após seus trabalhos e despesas na travessia do deserto, Fabri queria sentir a alegria transcendente de chegar ao destino dos peregrinos. Mas narrativas concorrentes, fatos no terreno e os rigores da viagem através de montanhas "terríveis e íngremes" continuaram se reafirmando. O guia de Fabri que falava italiano, um certo Irmão Nicodemo, deu sentido à

paisagem para ele, narrando lendas e milagres que ocorreram lá. Não importa quão boa fosse sua experiência no lugar, Fabri se preocupava constantemente com "o número de árabes... aumentando continuamente" dentro e ao redor dos recintos do mosteiro. Ele estava cheio de excitação e alegria em comungar com o corpo de Santa Catarina e seguir os passos de Moisés, mas estava mais preocupado com os "maus hábitos e erros graves" dos monges do mosteiro e dos "cães ingratos", os árabes, cuja presença o oprimia e estimulava uma espécie de medo arrogante a cada passo. Tal azedume é a nota dominante do tempo de Fabri em Santa Catarina.

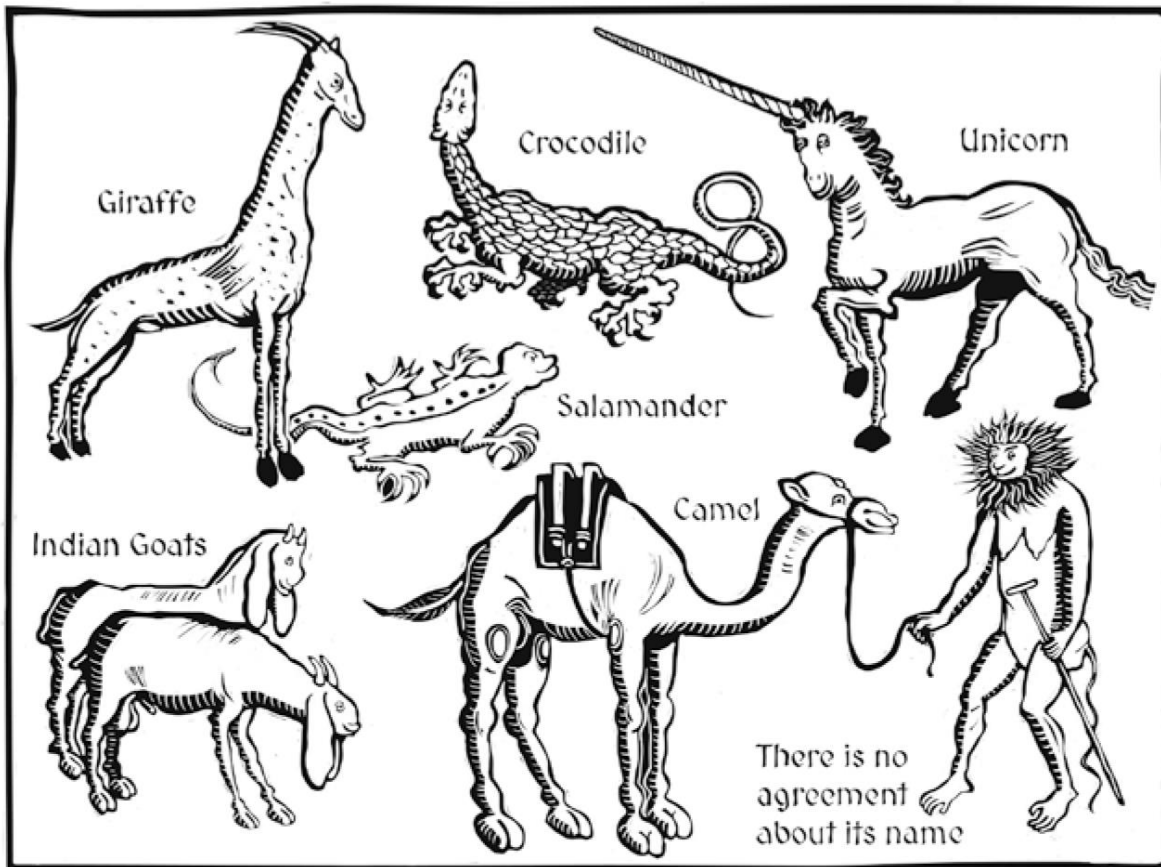
Sua estadia chegou a um fim ignominioso quando um de seu grupo foi acusado de lascar um pedaço do caixão do santo "com uma ferramenta de ferro". O grupo de Fabri viu que o caixão havia sido realmente danificado (o próprio Fabri havia descrito anteriormente a "curiosidade cruel" dos peregrinos lascando pedaços de pedra no Santo Sepulcro em Jerusalém). Eles foram ameaçados de serem entregues aos árabes. Secretamente, o culpado substituiu o pedaço de pedra. O assunto foi esquecido, mas apenas quando Fabri e seu grupo pagaram um "presente" de despedida em dinheiro. Foi uma humilhação final que mostrou, inequivocamente, que lugares como o Sinai não eram de Fabri para possuir.

Após cruzar o Sinai para o oeste, a paisagem se transformou, do deserto montanhoso para o exuberante delta do Nilo. Breydenbach registrou a grande fertilidade da terra, plantada com oliveiras, palmeiras e outras árvores. Sua fecundidade foi anunciada pela atração turística dos jardins de Materea, cerca de 14 quilômetros a noroeste do Cairo.

Materea era originalmente um santuário cristão, onde uma árvore, que ficou conhecida como "a Árvore da Virgem", se curvou à Virgem Maria e abrigou a Sagrada Família durante sua fuga para o Egito. (Mateus 2). Uma história posterior disse que a Virgem havia enxaguado as roupas do jovem Jesus em água de nascente aqui, e as águas fizeram os jardins frutíferos prosperarem. Na Idade Média, uma espécie de parque de lazer se desenvolveu no local, com um poço fluindo com águas doces e um bosque de famosas árvores de bálsamo (bálsamo). Os turistas eram cobrados, em 1392, a pequena quantia de 2 grossi para entrar. Essas árvores emitiam uma resina aromática calmante altamente valorizada, usada em medicina e perfume e como conservante (daí 'embalsamamento'). Os jardins de bálsamo em Materea eram considerados produtores do melhor bálsamo do mundo, porque brotavam do solo onde a própria Virgem Maria havia descansado e das águas tocadas pelas roupas de seu filho. Bálsamo, misturado com água de rosas, era vendido aos visitantes, mas o bálsamo falso abundava, e muitos guias de viajantes alertam o visitante para ter cuidado com o bálsamo falsificado feito com terebintina (resina de pinheiro).

No século XV, os jardins parecem ter sido configurados em torno de uma antiga figueira, celebrada como a árvore sob a qual a Virgem havia descansado. Breydenbach escreveu que, após "o horror da imensa solidão e aridez do deserto", seu grupo ficou "cativado pelo delicioso frescor desses jardins e pela fertilidade do sol". Eles ficaram lá por alguns dias, relaxando. Um de seu grupo, Conrad, o alaudista, ensinou seu dragomano local a tocar alaúde. O jardim era como uma atualização de dois dos espaços mais celebrados da cultura medieval: o *hortus conclusus* (um jardim murado, ele próprio símbolo da Virgem) e o *locus amoenus* (um 'lugar agradável' idealizado de recreação e edificação). Como a Sagrada Família, o grupo de Breydenbach saciou sua sede em Materea, maravilhando-se com o fato

de a paisagem hostil do Sinai ter se transformado tão repentinamente neste acolhedor jardim de prazer.



Mas havia algo ainda mais notável ali, sobre o qual muitos europeus tinham lido, mas que não tinham visto: uma árvore que dava frutos chamados de "maças do paraíso", ou "mose" (uma tradução do árabe *mawz*, banana/banana) pelos moradores locais. Ela tinha folhas enormes ('15 a 16 pés de comprimento', quase 5 metros, disse Breydenbach). Ainda mais notáveis eram os cachos de frutas doces e oblongas. Muitos, incluindo Breydenbach, relataram que quando a fruta madura era cortada, cada fatia revelava a imagem de uma cruz com todas as características de um crucifixo. Era como se a santidade tivesse transfundido todos os seres vivos na Terra Santa. Se alguém pensa na jornada como uma peregrinação, o sagrado pode aparecer em qualquer lugar. Essa fruta estranha - que ganharia o nome de "banana" apenas no século XVI, de uma palavra da África Ocidental - também apodrecia em uma semana, tornando sua suculenta delícia ainda mais preciosa. Mas seu imprimatur com uma cruz sugeria a viajantes como Breydenbach que a reconquista cristã de tais terras não era de forma alguma improvável, dados os sinais, irrompendo pela natureza, de que sempre foi a mais sagrada das terras. Mais tarde, Breydenbach escreveria um guia de ervas, *O Jardim da Saúde* (*Gart der Gesundheit*), no qual descreveu como sua viagem ao Egito e à Terra Santa o ajudou a identificar plantas úteis e a ver sua cor e forma corretas: a viagem religiosa era história natural e vice-versa.

Antes de deixarem Materea, Breydenbach e seu grupo celebraram uma missa solene no poço da Virgem. Alguns mergulharam várias vezes na fonte, esperando encontrar nova saúde em suas águas. Mas era hora de seguir para a atração principal: a magnífica cidade da Babilônia. Não era a cidade bíblica da Babilônia (hoje Iraque), mas a grande cidade mameluca de Fustat, que estava sendo absorvida pela grande Cairo.

Babilônia (mais tarde chamada de "Cairo Velho") se desenvolveu ao redor da cidadela romana da cidade (frequentemente chamada de "Forte Babilônia"), a leste do Nilo. Fustat então cresceu, adjacente ao Cairo Velho, colonizada pelos árabes a partir do século VII, e a cidade do Cairo (Qahira), a nordeste, foi colonizada a sério pelos fatímidas nos séculos XI e XII. Na década de 1170, Saladino construiu uma cidadela magnífica em uma colina entre Fustat e o Cairo fatímida, e durante o período mameluco a cidade atingiu seu apogeu - novos palácios elaborados e edifícios cívicos surgiram e a população da cidade tornou-se provavelmente a maior cidade a oeste da China (cerca de meio milhão de pessoas viviam lá por volta de 1300). Minaretes, domos e frontões de uma variedade surpreendente dominavam o horizonte. A cidade oferecia inúmeras atrações para viajantes intrépidos - oportunidades de comércio, santuários maravilhosos e a chance de ter uma audiência com o sultão mameluco, que mantinha sua capital lá.

Breydenbach entrou no Cairo em 9 de outubro de 1483. Ele ficou surpreso com o tamanho da cidade e encontrou suas longas ruas repletas de pessoas do mundo inteiro; ele escreveu que era "constantemente assediado, puxado e vaiado pelos 'pagãos'". Mas ele foi levado direto para um palácio magnífico, ricamente decorado com cortinas e pinturas, e pôde descansar lá e parece ter conseguido se sentir em casa. Ele vagou pelo palácio, vendo as muitas posses de seu anfitrião: esposas e eunucos, despojos de guerra e armaduras, selas, cavalos, móveis elegantes. No dia seguinte, ele e seus companheiros de viagem foram levados aos seus quartos no palácio por seu guia, um judeu convertido que primeiro se tornou cristão e depois se tornou muçulmano. Breydenbach chegou no meio do Ramadã e ficou maravilhado com a maneira como a cidade se iluminava ao pôr do sol e se enchia de banquetes barulhentos e festas luxuosas.

O tempo de Breydenbach no Cairo envolveu uma série de encontros com pessoas que se moviam entre religiões, nem sempre harmoniosamente. Vinte e quatro horas após chegar à cidade, ele foi abordado por um homem cristão algemado, implorando por dinheiro. Este homem tinha sido preso por dois anos por ter comprado duas crianças muçulmanas de um homem em Alexandria; o homem cristão pretendia criá-las em sua fé, contrariando a lei islâmica. No dia seguinte, Breydenbach ouviu falar de um homem húngaro que se convertera externamente ao islamismo, mas "carregava um coração fiel sob o disfarce de um sarraceno". Então ele viu três cristãos cativos, algemados e quase nus, lamentando sua má sorte e pedindo esmolas; descobriu-se que os mamelucos estavam acostumados a enviar seus prisioneiros às ruas três vezes ao dia para mendigar.

Em 13 de outubro, Breydenbach visitou os mercados da cidade; seu grupo foi dividido em grupos de três ou quatro, cada um com um guia. Ele diz que não conseguia acreditar em seus olhos quando viu a mercadoria ali, o número de pessoas e suas riquezas. Ele comprou armaduras, sedas e animais curiosos. Mas seu status como cliente e turista foi subitamente questionado no mercado de escravos. Aqui ele assistiu, fascinado e simpático, enquanto crianças eram colocadas à venda. Mas então um comerciante se virou para o guia de

Breydenbach e perguntou quanto custariam os escravos que andavam com ele.

Breydenbach foi subitamente transformado de cliente em mercadoria, de espectador em observado. Seu guia sorriu e, após receber 10 ducados por pessoa, deixou claro que Breydenbach e seus companheiros não estavam no mercado.

No relato de Breydenbach, a escravidão estava em todos os lugares dentro e ao redor do Cairo. Nas margens do Nilo, ele viu um enorme grupo de pessoas escravizadas assando tijolos, e eles lhe trouxeram à mente os israelitas forçados a trabalhar para o faraó e libertados por Moisés. Breydenbach viu a cidade com uma espécie de espanto horrorizado. Sua população parecia maravilhosa para ele: ele imaginou que fosse maior do que toda a Itália. A cidadela sozinha, ele disse, ocupava um espaço maior do que toda a cidade de Ulm ou cerca de metade do espaço de Nuremberg. Os vários animais que ele viu também eram indescritíveis. Ele notou as casas de Cairene, feitas de barro e tijolos, pouco atraentes por fora, mas cheias de elegância ornamentada por dentro. As pessoas o assediavam e seu grupo constantemente na rua, mas ele parece ter ficado curioso o suficiente, ou suficientemente confiante em seu grupo e guia, para continuar seu passeio.

Breydenbach foi finalmente, em 16 de outubro, recebido pelo sultão, um dos homens mais poderosos do mundo. Breydenbach ficou impressionado com a cidadela do sultão, repleta de muitos atendentes e um número incrível – 'impossível de descrever' – de cavalos, estábulos e apartamentos espaçosos. Mas a recepção foi um espetáculo, e não uma entrevista. Breydenbach e seu grupo foram conduzidos por um conjunto de portas e viram o sultão em seu trono, cercado por silenciosos guardas mamelucos, 'em uma atitude de profundo respeito'. Breydenbach não registra nada do que foi dito ou feito, mas depois de uma hora seu grupo foi escoltado para fora e mostrado a um grande mercado onde camelos, burros e cavalos estavam sendo vendidos. Eles então receberam almoço antes de irem para os banhos, elegantemente ornamentados com mosaicos e vários mármore. Eles viram lá a 'maravilhosa arte' da massagem.

O relato estendido de Breydenbach sobre o Cairo está equilibrado entre o passado sagrado da Terra Santa e o presente político-mercantil de uma megacidade mameluca. Ele estava, no Cairo, repetidamente sem palavras diante das maravilhas mundanas que via. Lá ele estava emergindo, mas ainda investido em, uma paisagem que era inteiramente compreendida por suas origens bíblicas. As seduições do presente estavam se tornando evidentes, e desafios confusos à identidade de alguém aconteciam diariamente.

Distintamente visíveis das alturas da cidadela mameluca estavam as pirâmides de pedra dourada colocadas nas areias de Gizé, além da cidade. Na verdade, as pirâmides eram bem conhecidas pelos moradores do Cairo medieval: elas foram saqueadas por seu elegante revestimento de calcário branco na construção de vários projetos de construção medievais da cidade.

Simon Fitzsimons, o frade irlandês que escreveu na década de 1330, e John Mandeville, que escreveu na década de 1350, ambos repetiram a visão medieval comumente mantida de que as Pirâmides foram construídas como celeiros para o bíblico José. Eles acreditavam que José armazenou milho aqui durante os sete anos estéreis, como no sonho do Faraó (Gênesis 41).

Neste relato, as Pirâmides 'extraordinariamente engenhosamente feitas' eram estruturas esquecidas da Bíblia, o sonho do Faraó manifestado maciçamente em pedras

antigas inscritas em diferentes línguas. Duas das Pirâmides, disse Mandeville, eram 'surpreendentemente altas e largas', e estavam totalmente cheias de cobras. Ele repetiu a ideia de que as As pirâmides eram 'túmulos de grandes pessoas dos tempos antigos, mas a opinião geral é que são celeiros de José'. Por que, ele se perguntava, alguém construiria uma estrutura tão alta para um túmulo em qualquer caso? Simone Sigoli, visitando em 1384, escreveu que as pirâmides estavam 'entre os maiores edifícios a serem vistos' e eram 'construídas com pedras muito grandes, longas e grossas e em forma de diamante'. 'Imagine', ele acrescentou, a 'quantidade muito grande' de milho que poderia ser colocada lá dentro.

Como era verdade em toda a Terra Santa, alusões bíblicas foram traduzidas em locais altamente literais e materiais, ou neste caso o oposto – um monumento interessante transformado no sonho do faraó. O significado espiritual ou exegético de Mandeville imbuíu locais ambíguos como as Pirâmides com um significado mais elevado e implicitamente reivindicou o local como judaico-cristão (em vez de, digamos, egípcio antigo ou mameluco do século XIV). De fato, Simon Fitzsimons se esforçou para argumentar que "não é provável" que fossem tumbas, pois isso teria desviado sua origem bíblica. Esta era uma curiosidade turística sem exotismo; pelo contrário, o tratamento dos peregrinos às Pirâmides era uma espécie de familiarização inquisitiva.

O companheiro de viagem de Sigoli, Giorgio Gucci, era mais cético sobre esses "celeiros... de estrutura gigante". Disseram-lhe que eles foram "feitos pelo Faraó na época da grande fome" na era de José, mas eles lhe pareciam mais provavelmente feitos para "memória perpétua do que celeiros". Em quase todo turismo, desenvolve-se um espaço para dúvida: os viajantes se perguntam: estou realmente vendo o que me disseram que estou vendo? Valeu a pena a viagem? Estou olhando para algo real?

Bernhard von Breydenbach acreditava que as Pirâmides eram santuários e sepulturas pagãs e a Esfinge (um rosto de homem sobre ancas felinas) um "grande ídolo de Ísis". Em um mapa em xilogravura que acompanhava seu livro, as Pirâmides aparecem como pequenos pináculos no deserto, ao lado do Nilo fluindo para o Cairo. Outro peregrino alemão, Arnold von Harff, aproximou-se das Pirâmides em 1497. Ele as descreveu como "edifícios muito estranhos", construídos com grandes pedras pesadas. Ele e seu grupo levaram três horas para subir até o topo, aparentemente da Grande Pirâmide, e eles apreciaram a vista do campo até Alexandria e o Mediterrâneo. Eles descansaram no cume e comeram uma refeição que trouxeram com eles, e então desceram novamente, apenas para terem flechas disparadas contra eles por alguns moradores locais hostis. Harff deu as duas origens possíveis para as Pirâmides: 'eles dizem' que o Faraó as construiu como celeiros, mas 'alguns dizem' que eram os túmulos dos antigos reis egípcios, e Harff ficou intrigado com a falta de uma entrada.

As Pirâmides são um exemplo impressionante de um destino turístico surgindo. Elas solicitaram um impulso quase arqueológico e histórico em seus visitantes. Sua beleza, sua imensidão, suas inscrições sedutoras, tudo sugere o olhar indagador do turista em vez do peregrino devoto (embora, como já vimos, os dois raramente estivessem longe um do outro). A maioria dos visitantes cristãos, que visitavam as Pirâmides a caminho de ou para Jerusalém ou Sinai, eram circunspectos sobre a ideia de que eram celeiros de José. Dessa forma, as Pirâmides sugerem os impulsos seculares e humanísticos do turismo posterior,

onde a investigação da testemunha ocular do viajante supera a necessidade de justificar sua curiosidade por meio de interpretação piedosa.

Agora retornamos à nossa rota e pegamos a estrada para Jerusalém, o lugar mais representado – na verdade, enormemente super-representado – no imaginário medieval europeu.

Como atravessar o deserto

Dicas do relato de Meshullam de Volterra sobre sua viagem através do Sinai, 1481

1. Cada homem deve carregar em seu animal dois sacos, um de biscoitos e o outro de palha e forragem.
2. Você também deve levar odres de água, porque não é possível encontrar água doce no deserto, somente salobra.
3. Você também deve levar limões para afastar insetos.
4. Você deve viajar em uma caravana grande, por causa dos ladrões que frequentam o deserto.
5. Você deve ir devagar por dois motivos: primeiro, porque há muita poeira no deserto e os cavalos afundam até os joelhos; segundo, se a poeira subir e entrar na boca de um homem e deixar sua garganta seca, ela pode matá-lo de sede (e se ele beber água quente e salobra, ele terá ainda mais problemas).
6. Um homem que não sabe árabe deve se vestir como um turco, para não ser confundido com um visitante judeu ou franco (e depois ser feito prisioneiro e mantido como resgate); usar um véu branco na cabeça, como os turcos e os muçulmanos.
7. Leve um pedaço longo e pontudo de ferro com você, para enfiar no chão e prender seu cavalo ou jumento para ele, pois não há mais nada onde prendê-los, nem mesmo um arbusto.
8. É costume não alimentar os burros, nem dar-lhes nada para beber, exceto na caravana, quando todos estão juntos; os moradores locais dizem que é um grande pecado que os outros cavalos ou pequenos burros vejam outro deles comendo, porque isso machucaria aqueles que não estão comendo, e isso é crueldade com os animais.

[SS](#) Em inglês antigo, a palavra usada era 'eaggemearc', literalmente um 'limite de olho', uma borda fixada pela visão humana, o propósito ou intenção de alguém conforme enquadrado pelo olho. Em outras línguas, a palavra para horizonte sugere uma retenção do círculo do mundo, ou gesticula para terras além deste mundo ou evoca lindamente a linha costeira do céu, por exemplo, o norueguês *himmelleite* ('visão do céu') e *himmelsyn*, ('visão do céu'). Igualmente poeticamente, o hebraico *ofek*, 'horizonte', deriva, em última análise, de um termo antigo para 'o lugar de onde os rios fluem' (*afek* ; 'os transbordamentos do mar [*afki yam*] apareceram', 2 Reis 22:16).

8.

Um passeio a pé por Jerusalém

Monte da Alegria – Portão de Jaffa – Muristan – Igreja do Santo Sepulcro – Via Dolorosa – Monte das Oliveiras – Cúpula da Ascensão

A rota dos peregrinos de Jaffa a Jerusalém, a *via marítima* da costa, era um fio de poeira pela paisagem. Depois de um tempo, a planície costeira inchou em colinas e vales, depois em montanhas. Árvores estranhas e arbustos secos ladeavam a rota, suas panículas espinhosas prendendo as roupas e pernas dos peregrinos. Algumas casas abandonadas foram passadas, algumas com cabras vivendo nos quartos em ruínas. Cada grupo de peregrinos era acompanhado por um par de escoltas mamelucas descalças, armadas com arcos e flechas. Os peregrinos tinham que depender e fingir polidez com tradutores locais até mesmo para as coisas mais simples. Eles cavalgavam juntos em jumentos cansados e camelos cuspidores, usando cacarejos, advertências e insultos políglotas para fazer os animais seguirem em frente. E cada coisa — cada bênção, indulgência, gole de vinho aguçado — continuava a custar dinheiro. Não havia uma pessoa em Jerusalém que não tivesse lucrado — seja em sua alma ou em seu bolso — com a morte de Cristo.

Durante o dia, o calor era espantoso. O chão assava. O ar fazia com que a pessoa se sentisse como se estivesse respirando dentro de um forno de pão. As bocas dos peregrinos estavam ofegantes e secas, e o sol alcançava tudo. Até a luz era quente. E então, à noite, toda a atmosfera ficava violentamente fria, de repente tão fria quanto um inverno da Pomerânia.

Os peregrinos frequentemente progrediam à noite e se abrigavam do clima escaldante durante o dia. Se dormissem, eles se deitavam nos alojamentos mais rudimentares, em tendas ou cavernas e às vezes simplesmente em tábuas ou colchões cheios de algodão. Dizia-se que havia escorpiões, crocodilos e dragões na área. Moradores locais de turbante, não-cristãos acompanhados por camelos recalcitrantes, passavam por eles na rota. Garotos locais zombavam, e os peregrinos se preocupavam constantemente com bandidos, assaltantes e ladrões.

Para os cristãos medievais, cada coisa na criação de Deus era essencialmente boa, especialmente na Terra Santa; mas era difícil para muitos peregrinos se lembrarem disso enquanto avançavam, com dificuldade, pelo que parecia ser um terreno hostil.

Visitantes europeus tiveram sua primeira vista de Jerusalém da colina conhecida como Monte Joy (hoje Nabi Samwil), cerca de 9 quilômetros a noroeste da Cidade Velha de Jerusalém. Aqui, no topo de um pico rochoso, eles encontraram o túmulo do profeta bíblico Samuel. O túmulo ficava em um pequeno edifício de pedra que era, e continua sendo, ao mesmo tempo igreja, mesquita e sinagoga. História e cultura sedimentadas, camada sobre camada de sacralidade e conquista, acumulando-se em um cume tensamente compartilhado.

Aglomerados em torno do túmulo e da igreja-mesquita-sinagoga, havia uma vila, seus habitantes judeus e muçulmanos. Peregrinos judeus e muçulmanos de todo o mundo fizeram seu caminho, ao lado dos cristãos, até o topo do Monte Joy, para adorar Samuel lá.

Os peregrinos cristãos estavam mais interessados na vista de Jerusalém, o objetivo final de sua jornada, brilhando à distância. Seus guias os encorajaram a desmontar e a realizar um ritual informal: eles tiraram os sapatos, se viraram para a cidade sagrada, ajoelharam-se no chão e choraram de alegria por terem visto Jerusalém, a alegria que deu ao Monte Joy seu nome. Dali, a paisagem sagrada ressoou com as palavras bíblicas 'Grande é o Senhor, e extremamente digno de ser louvado na cidade do nosso Deus, em seu santo monte' (Salmos 47:2).

Por volta de 1107, logo após a conquista de Jerusalém pelos cruzados, o abade Daniil de Kiev, visitando como peregrino, descreveu como no Monte Joy todo o grupo desmontou e colocou pequenas cruzeiras no chão. Eles então se curvaram para a Igreja da Ressurreição (ou seja, o Santo Sepulcro). "Ninguém pode conter as lágrimas ao ver aquela terra desejada", escreveu Daniil, onde "Cristo, nosso Deus, sofreu sua Paixão por nós, pecadores". Há dezenas de relatos, do período dos cruzados ao século XVII, de visitantes realizando um ritual semelhante no Monte Alegria. Margery Kempe, ao ver Jerusalém pela primeira vez durante sua peregrinação de 1414, ficou tão tomada pela "alegria e doçura" que quase caiu do chão. Ela teve que ser confortada com especiarias medicinais por dois companheiros alemães. Eles a achavam gravemente doente, em vez de emocionalmente ou espiritualmente sobrecarregada. Para viajantes como Kempe, que há muito imaginavam Jerusalém e já a visitavam com os olhos da mente e do coração, Jerusalém era um daqueles lugares onde nunca se está presente pela primeira vez.

Da mesma forma, o secretário do Duque de Milão, Santo Brasca, em visita em 1480, chorou sobre a vista do Monte Joy enquanto se ajoelhava no chão. Ele cantou em lágrimas um hino, 'Cidade abençoada de Jerusalém, chamada de "visão de paz"'. Ele então fez uma curta oração que listava os abusos que o próprio Jesus Cristo havia sofrido naquela mesma cidade.

Mas talvez os peregrinos chorassem menos de alegria do que de alívio por sua árdua jornada tê-los levado ao seu destino. Dada a longa, suada e incerta viagem que eles empreenderam, com suas entranhas revirando e seus nervos desgastados, é de se admirar que a visão de Jerusalém fosse um conforto?

Do Monte da Alegria, Jerusalém parecia minúscula sob o olhar elevado dos viajantes. Divinos, eles ignoraram o mapa vivo de seu destino, pelo qual caminhariam algumas horas depois. O ritual dos peregrinos medievais de apreciar uma vista alegre de Jerusalém oferece uma experiência análoga à chegada de avião, pois a paisagem se tornou parte de seu panorama. A questão sobre uma vista distante da cidade é que não se vê os detalhes da cidade ou suas muitas imperfeições: sua sujeira imunda, suas ruínas dilapidadas, os ratos, as pessoas brigando entre si, as crianças indisciplinadas tagarelando em línguas estrangeiras, a comida assustadora sendo servida nos mercados de rua, as pilhas de merda de camelo nas ruas sombrias, os leprosos aglomerados do lado de fora da cidade.

Uma vista (do italiano *visto*, algo visto) é mais frequentemente sobre *não* ver; pois a vista permite que o olho deslize sobre a paisagem, alisando os escombros, tornando confusos os detalhes da realidade. Isso é especialmente verdadeiro com lágrimas nos olhos, como foi o caso da maioria dos viajantes que viram Jerusalém pela primeira vez. Para o viajante devoto, 'visão' era mais sobre sentir do que sobre ver.

Pisar na Jerusalém terrena era pisar no lugar mais desejado e mais representado do mundo. Jerusalém era tanto o centro do mundo quanto seu cume. A cidade era às vezes

chamada de umbigo do planeta, seu *umbigo* : o ponto de origem, o nó central, o eixo da roda do mundo, a junção de onde toda a vida parte. A peregrinação a Jerusalém era a viagem mais preciosa que alguém poderia fazer, valia todo o seu dinheiro, até mesmo a sua vida: morrer em Jerusalém, imitando Jesus Cristo, era considerado a melhor das mortes. De fato, há muitos relatos de peregrinos morrendo antes ou logo depois de chegarem a Jerusalém. Os peregrinos eram frequentemente enterrados em Aceldama, o "Campo de Sangue" nos arredores da Cidade Velha, onde Judas se enforcou, uma tradição que surgiu porque o campo é mencionado na Bíblia como o "local de sepultamento para estrangeiros" (Mateus 27:7). O inglês anônimo que visitou em 1344-5 foi um dos muitos visitantes que descreveram os arranjos funerários únicos ali, uma estrutura com "dez aberturas redondas nas quais os corpos dos mortos são jogados para o fundo, sobre aqueles já mortos". Visitando da Pomerânia, no norte da Alemanha, em 1486, Sir Jan Branborken morreu em Ramla e outro cavaleiro alemão, Dietpold von Habsberg, também morreu nas proximidades, e seus corpos tiveram que ser carregados com grande despesa em macas de Ramla para Jerusalém para sepultamento no priorado franciscano no Monte Sião. Da Inglaterra em 1506, Richard Guylforde e seu companheiro de viagem Prior John Whitby de Guisborough em Yorkshire ficaram "gravemente doentes" perto do Monte Joy. Camelos tiveram que ser alugados, "com grande dificuldade e despesa absurda", para levá-los rapidamente para a segurança em Jerusalém. Em uma semana, eles estavam mortos, enterrados no Monte Sião. Enquanto Guylforde definhava e morria, seu escrivão, Thomas Larke, realizava ansiosamente suas peregrinações aos locais sagrados da cidade.

A maioria dos visitantes europeus medievais a Jerusalém tinha pouco conhecimento da cidade real em que estavam entrando, mas tinham uma memória profunda e coletiva dela. Era uma cidade que os visitantes conheciam por meio de histórias, guias e polêmicas escritas, por meio de uma forma de geografia que é o verdadeiro significado das origens gregas dessa palavra: *geo* + *graphia* , escrever sobre o mundo. Mas, no século XIV, essa memória coletiva havia se solidificado nas pedras dos próprios edifícios, como a paisagem de Jerusalém foi reconfigurada em torno das necessidades, desejos e memórias bíblicas dos peregrinos, seus visitantes mais fervorosos.

A Jerusalém da Idade Média era amplamente restrita a uma área compacta, cerca de 1 quilômetro quadrado, a Cidade Velha. No período mameluco (1250–1517), os muros de Jerusalém estavam em ruínas, exceto no lado ocidental, por onde os viajantes europeus entravam. Eles chegavam à cidade pelo Portão de Jaffa (também conhecido como Portão de Davi, Portão dos Peregrinos, Portão dos Peixes ou Portão dos Mercadores), o portão ocidental. Isso é adjacente à Torre de Davi, uma cidadela mameluca que já foi uma fortaleza dos cruzados (e, muito antes disso, o Palácio de Herodes), guardando as abordagens ocidentais da cidade. A Torre de Davi, suas pedras pálidas decrépitas e bronzeadas, mas bonitas, ficava como uma sentinela superada encarregada de vigiar o portão da cidade e as muitas ondas de pessoas que fluíam por ele.

Jerusalém está sempre mudando, mas o layout da Cidade Velha perdura, independente das fés e impérios que a reivindicaram. Suas ruas principais ainda traçam os eixos da cidade romana. O lado oriental é dominado pela área elevada e plana conhecida como Monte do Templo, outrora o local do Templo Judaico e na Idade Média o local do Domo da Rocha (onde Abraão foi sacrificar Isaac no cume do Monte Moriá). O Domo da Rocha era, durante a ocupação cruzada de Jerusalém, uma abadia conhecida como Templo de Nosso

Senhor. A vizinha Mesquita de Al-Aqsa, também no Monte do Templo, era a sede dos Cavaleiros Templários. A partir de 1244, após a perda de Jerusalém pelos cruzados, os cristãos foram definitivamente excluídos de todo o Monte do Templo, e seus edifícios foram rededicados ao culto islâmico. Em 1340, Ludolph von Suchem repetiu algo que foi evidentemente dito a muitos visitantes ocidentais: os cristãos que entram no Monte do Templo "devem morrer ou renunciar à sua fé". Os peregrinos se colocaram em uma zona de contato perigosa, mas emocionantemente exótica.

O canto nordeste da cidade era um labirinto de ruas associadas à Via Crucis ou Via Dolorosa, a rota que Jesus foi obrigado a seguir de Sua traição no Getsêmani até Sua Crucificação no Calvário. Essas vielas atravessavam mercados, mesquitas e madrassas e, perto do Monte do Templo, passavam pelas principais latrinas da cidade .

O lado ocidental da cidade era dominado por suas igrejas, incluindo a Igreja do Santo Sepulcro, a Catedral Armênia de St James, assim como a Torre de David. Perto dali, no sudoeste, do lado de fora dos muros da cidade do século XI, estava o Monte Sião. Esta era a sede dos franciscanos e de todos os cristãos ocidentais na Terra Santa. Entre o Monte Sião e o Monte do Templo estava o foco do assentamento judaico, onde viviam judeus locais e da Europa, geralmente em casas alugadas de muçulmanos. Todas essas partes da cidade eram conectadas por becos e passagens de uma complexidade desconcertante.

Bernhard von Breydenbach, visitando em 1483, estipulou que não se deve entrar em Jerusalém a cavalo, mas sim a pé. Muitos dos peregrinos abandonaram seus sapatos ao chegar à cidade, para entrar em Jerusalém humildemente – e literalmente – nos passos de Jesus. No momento de pisar dentro da cidade, Breydenbach diz, a pessoa recebia o perdão total de todos os seus pecados, uma indulgência plenária. Este era um dos lugares espiritualmente mais valiosos do mundo. Quando os pés de alguém tocavam as pedras, a pessoa ficava aterrada, enraizada, no tecido da cidade.

Se os viajantes medievais encontraram alimento espiritual ao entrarem em Jerusalém pela primeira vez, teria sido apesar, e não por causa, do ambiente em que se colocaram. A primeira coisa registrada pelo inglês William Wey, ao entrar na cidade em 1458, é que meninos atiraram pedras nele. Felix Fabri de Ulm, em 1480, descreveu como os jovens locais se reuniram em volta e riram dele e de seus companheiros. Meshullam de Volterra, visitando em 1481, estava doente, "às portas da morte", desde o momento em que chegou a Jerusalém até deixar suas "ruínas". A primeira impressão de Pietro Casola, visitando a Itália em 1494, foi que ele estava "quase morto de calor e sede". Enquanto andava pela cidade, ele notou as casas feias, o longo mercado de rua abobadado (o *suq*) vendendo todos os tipos de comida muito barata, os rostos das mulheres cobertos por véus pretos e os homens bonitos e bem vestidos em trajes brancos ou de seda como colchas.

Fabri também notou os cristãos orientais sentados escandalosamente ao redor jogando jogos como dados, 'por superstição', nas abóbadas dilapidadas de antigas igrejas. Quase todos os visitantes mencionaram a desordem da cidade: igrejas em ruínas, altares quebrados, monumentos cruzados surpreendentemente entregues ao islamismo. Pilhas de alvenaria de calcário pálido cobriam as ruas. Talvez os melhores dias da Jerusalém cristã tenham sido nos primeiros anos da ocupação dos cruzados, depois de 1099; enquanto a euforia se misturava à arrogância, a tarefa à frente era a construção de uma nova

Jerusalém, completa, unificada e recém-arranjada. Os cruzados pensavam, como tantos outros, que a cidade seria deles para sempre.

Jerusalém é uma cidade de projetos inacabados. No século XV – 250 anos depois de Saladino capturá-la dos cruzados – era um monumento vivo ao fracasso das Cruzadas. Bertrandon de la Broquière, visitando em 1432, descreveu Jerusalém como "uma cidade grande e bela que parece ter visto dias melhores". E ainda assim esse mesmo estranhamento, uma espécie de maravilha decepcionada de que a cidade não era como a "Jerusalém" que os peregrinos tinham sido levados a acreditar que encontrariam, caracterizava um lugar completamente diferente do mundo de onde tinham vindo. Eles agora tinham pisado na cidade da vida e morte de Jesus Cristo; eles não podiam voltar para casa inalterados.

Os peregrinos eram conduzidos do Portão de Jaffa por seus guias franciscanos primeiro para o Hospital Muristan, o principal local de hospedagem para visitantes ocidentais, ou diretamente para a Igreja do Santo Sepulcro. Ambos ficavam a apenas alguns minutos de caminhada, pelos becos estreitos do *suq*. O Muristan (seu nome vem de uma palavra persa para hospício) era algo entre um hospital ocidental e um caravanseraí oriental, um salão gigante com algumas salas menores anexadas a ele. Ele havia sido construído na era das Cruzadas pelos Cavaleiros Hospitalários, mas, no final do século XV, estava praticamente em ruínas, simplesmente um endereço que os peregrinos podiam dar e um lugar onde eles podiam se enrolar no chão e tentar dormir.

O Muristan era, por todos os relatos, um lugar nojento para se hospedar. Parece não ter tido quase nenhuma facilidade, suas paredes e teto mal intactos. Os dormitórios ficavam de costas para as lojas de alimentos do *suq*, o que significava que era barulhento e fedorento. Os visitantes tinham que comprar sua comida e água de vendedores ambulantes locais que se aglomeravam ao redor da entrada. Hóspedes receberam um pequeno espaço para dormir no chão, em um tapete ou colchão de palha. Felix Fabri estimou que cerca de 400 peregrinos se alojaram lá, em condições "sórdidas e ruinosas". Outros visitantes comentam sobre a sujeira, o fedor e o barulho constante dos moradores locais. Depois de pagar uma pequena taxa de entrada (meio ducado em 1392, de acordo com o peregrino inglês Thomas Brygg), os peregrinos podiam ficar no Muristan pelo tempo que precisassem, ou pelo tempo que pudessem suportar. Encostado a uma parede do Muristan estava o Zawiyat-Darja, uma pequena mesquita e hospício para dervixes visitantes, a seita de místicos sufis que fizeram um voto de pobreza. Isso teria demonstrado vividamente aos peregrinos cristãos que eles não eram os únicos a visitar Jerusalém em busca de santidade.

Alguns peregrinos parecem ter ficado no Muristan por apenas alguns dias, outros por até seis semanas. Embora os visitantes cristãos de Jerusalém estivessem lá para imitar o sofrimento de Jesus, hospedar-se no Muristan era um passo longe demais para alguns. Outras opções de acomodação em Jerusalém incluíam ficar com os frades franciscanos em sua casa no Monte Sião (disponível apenas para clérigos e nobres visitantes) ou alugar um quarto de um membro das comunidades judaica, muçulmana ou cristã oriental local. Bernhard von Breydenbach ficou na pequena casa de seu intérprete local. Gabriele Capodilista, visitando Pádua em 1458, viu o estado do Muristan e imediatamente se recusou a ficar lá, escolhendo, em vez disso, encontrar acomodação privada em outro lugar da cidade.

A maioria dos visitantes gastava um tempo mínimo para encontrar um lugar para ficar, pois estavam ansiosos para ir direto para a Igreja do Santo Sepulcro. O guia de viagem predominante de c. 1283 por Burchard do Monte Sião fala pela maioria dos visitantes cristãos quando diz que a Igreja do Santo Sepulcro ocupava o "primeiro lugar" entre todos os locais sagrados de Jerusalém. A igreja é um complexo de capelas e santuários, originalmente construído pelo Imperador Constantino no século IV. Os cruzados, ao tomar Jerusalém em 1099, encontraram-na em um estado seriamente danificado, o califa al-Hakim tendo ordenado sua destruição e queima em 1009. Foi gradualmente reconstruída e significativamente ampliada pelos cruzados, que uniu seus vários locais sob um teto. Sua igreja, que em grande parte permanece de pé hoje, foi dedicada em 1149. Ela abriga tanto o Túmulo de Jesus Cristo quanto o local do Calvário/Gólgota onde Jesus foi crucificado, e uma panóplia de outros santuários e altares. É uma espécie de museu sagrado, notoriamente decadente, de tradições antigas e novas.

Diferentes denominações e grupos há muito tempo lutam pelo solo sagrado da igreja. Foi o mesmo nos séculos XIV e XV: a partir da década de 1350, os visitantes da igreja teriam encontrado uma mistura de grupos cristãos lá, com altares separados cuidados por armênios, etíopes, georgianos, gregos, jacobitas, núbios e melquitas sírios. Alguns dos padres desses grupos até tinham esposas e filhos, vivendo juntos dentro do recinto da igreja, no andar de cima, ao redor de seus telhados e galerias. As chaves da igreja eram mantidas por uma família muçulmana local. A jornada ao local mais sagrado da cristandade também foi uma jornada a um local dinâmico de multiculturalismo. Teria ficado claro para os visitantes europeus que a primazia do papa em Roma não estava de forma alguma garantida. Esta não era uma coexistência harmoniosa: por exemplo, em 1510, os cristãos georgianos ocuparam a capela do Calvário Latino e vandalizaram seu altar.

Imperdível: Se visitar na Páscoa, a cerimônia do Fogo Sagrado na Igreja do Santo Sepulcro, na qual uma lâmpada acesa pendurada em frente ao Sepulcro se acende milagrosamente.

A Igreja do Santo Sepulcro é um edifício sombrio, barulhento, carregado e confeccionado. Mas quando se cruza seu limiar, sente-se algo final, a sensação de uma chegada. Andar na penumbra da igreja é como pisar no tecido construído de um palácio da memória. Se há um lugar para sentir déjà vu, é aqui na Igreja do Santo Sepulcro, um lugar onde memórias insinuadas e simulacros ultrajantes se fundem com a experiência real de estar lá. A igreja é cheia de altares, santuários e pedaços de alvenaria, uma atmosfera de bricabraque culto emergindo através de arcos escuros e degraus de pedra desgastados.

Muitos peregrinos passaram a primeira ou a segunda noite trancados dentro da igreja, em vigília. A vigília – o ato religioso de vigilância – é uma espécie de espera deliberada. Durante uma vigília religiosa, observava-se atentamente, avidamente, para garantir a aparição do divino. Na Igreja do Santo Sepulcro, isso era essencialmente vinte e quatro horas de oração forçada, vigília e jejum, uma espécie de tempo suspenso, quando o peregrino parava de viajar e, em vez disso, dirigia toda a sua atenção para este lugar. Felix Fabri descreveu a vigília como o ato "mais delicioso" de aprisionamento: "quão doce é o aprisionamento, pelo qual o cristão é trancado e aprisionado no sepulcro de seu Senhor!" A vigília incluía uma procissão solene ao redor da igreja, liderada por frades, com cada peregrino segurando uma vela de cera acesa. Hinos, hinos e salmos latinos eram cantados em cada local sagrado.



Thomas Larke, viajando para lá em 1506, maravilhou-se com os muitos corredores, criptas e abóbadas, capelas e divisórias, altas e baixas, em tão grande número' e se maravilhou com os muitos 'lugares secretos' dentro da igreja. Depois de pagar uma taxa (6½ ducados em 1392) para entrar, o primeiro local sagrado, logo após a porta principal, era (e é) a Pedra ou Laje da Unção: um retângulo de calcário simples, com cerca de 6 metros de comprimento e um metro de largura, onde se diz que o corpo de Jesus foi colocado após a crucificação e preparado para o sepultamento. Como muitas relíquias, havia várias versões e peças da laje na Europa medieval, incluindo a laje equivalente que já encontramos em Constantinopla.

Felix Fabri, em sua primeira peregrinação à igreja em 1480, descreveu como ele deu cerca de dezessete passos para dentro do prédio. Ele ficou boquiaberto com as janelas superiores da igreja e o teto abobadado. Então, uma peregrina alemã chamada Hildegarde de repente caiu, chorando, aos pés de Felix e começou a beijar o chão. Hildegarde disse a Felix que ele estava de pé na mesma pedra em que Jesus havia sido ungido e envolto em

uma mortalha. O irmão Felix deu um passo para trás horrorizado, repreendendo a si mesmo por seu "descuido estúpido" e irreverência, e ele próprio caiu no chão, fazendo um apelo elaborado e abjeto a Deus por perdão. Ele confundiu admiração com santidade; ele estava muito ocupado olhando para cima para perceber que seus pés estavam em solo sagrado. Os peregrinos a Jerusalém frequentemente tinham que fazer tais ajustes. Coisas que pareciam mundanas acabaram sendo sagradas. Solo sagrado pode parecer assustadoramente comum, especialmente quando se está de pé nele.

O Calvário, ou Gólgota, onde Jesus teria sido crucificado e onde morreu, em si não se parece em nada com a colina verde bem fora do muro da cidade representada na arte ocidental. Na verdade, é um pequeno e atarracado penhasco de calcário, projetando-se cerca de 5 metros do nível do pátio, dentro da igreja. Ao redor dele não havia uma, mas duas capelas, em um arranjo semelhante ao encontrado lá hoje: no nível térreo está o Gólgota inferior (também conhecido como Capela de Adão), uma capela grega e armênia. Acima disso, o Calvário Latino era decorado com antigos mosaicos da era dos cruzados, aparentemente sempre em estado de abandono.

Visitando em 1395, Ogier d'Anglure descreveu o Calvário como o primeiro lugar que seu grupo visitou. Como muitos visitantes, ele registrou os degraus – dezoito deles – subindo a 'colina sagrada' e notou as duas capelas. Ele focado no encaixe redondo ou encaixe na rocha, no qual a Cruz havia sido colocada. Ele também comentou sobre as rochas rachadas, consoantes com as rochas rachadas do relato bíblico (Mateus 27:51). Ogier diz que o Calvário era decorado como uma bela capela, 'o topo dela sendo todo coberto com mármore... abobadado e mais nobre e ricamente trabalhado, pintado e concebido: consequentemente, é um lugar mais belo e reverente'. Seu grupo se reunia ali, ouvia missa, fazia confissão e tomava comunhão.

O outro local-chave dentro da igreja era o próprio Santo Sepulcro, uma estrutura (a edícula) como uma pequena casa, situada abaixo do centro da rotunda do século XI. Dizem que o corpo de Jesus foi colocado aqui após Sua morte no Calvário e, também aqui, o anjo desceu do céu e rolou a pedra do sepulcro na ressurreição (Mateus 28:2-7). Este era um local de imensa santidade, mas – ou portanto – pedaços do Santo Sepulcro eram frequentemente pegos pelos visitantes como lembranças. Em 1125, uma freira, Herderviga, levou suas lascas do sepulcro de volta para a abadia de Schaffhausen, na Suíça, onde se tornaram relíquias célebres. O costume de lascar o túmulo tornou-se tão difundido que uma barreira protetora foi colocada pelos muçulmanos no século XIV, e os superintendentes tinham que vigiar os peregrinos para verificar se eles não causavam mais danos ao local que tinham vindo ver e desejavam transportar de volta com eles. Como Ludolph von Suchem relatou em 1340, uma cobertura de mármore foi colocada ao redor do sepulcro com três furos, para que os peregrinos pudessem tocar e beijar a "pedra verdadeira" que outrora continha o corpo de Jesus. O sepulcro medieval foi destruído em 1555, quando o atual foi construído, então não podemos mais ver o que os visitantes medievais viam. Desenhos do túmulo sobreviveram e várias cópias foram construídas por toda a Europa; elas mostram um pequeno edifício, no formato de uma letra U, com uma cúpula elaborada. Havia uma pequena porta em uma extremidade, uma ou duas janelas minúsculas, e a parte de trás do edifício era semicircular. Lá dentro, havia um túmulo escavado em pedra, vazio, claro, que dizem ter sido onde o corpo de Cristo foi colocado. Era uma câmara pequena e escura, e os peregrinos gostavam de entrar um por um.

Em geral, a paisagem da Jerusalém medieval respondeu à necessidades de seus visitantes ao se tornarem cheios de *visibilia* : lugares e símbolos visíveis, muitas vezes tangíveis, instalações que se referiam a milagres passados, produzindo uma cidade que parecia alegórica. Isso era especialmente verdadeiro na Igreja do Santo Sepulcro, onde tradições íntimas, mas duvidosas, da vida e morte de Cristo abundavam. Os visitantes podiam ver uma rocha de cor clara, perto do Calvário, com veias vermelhas correndo por ela: eles foram informados de que esse vermelho era a mancha do sangue de Cristo que havia escorrido durante a crucificação. Os visitantes podiam ver colunas de pedra, sustentando a igreja, mas pingando constantemente com água; essas pedras, eles foram informados, estavam constantemente chorando pela morte de Jesus. Os visitantes não podiam apenas visitar a 'Prisão de Cristo', na parte de trás da igreja, um dos muitos lugares onde Jesus teria sido mantido durante Suas provações, mas também podiam adorar as próprias correntes com as quais, eles foram informados, Suas mãos estavam amarradas, nas 'Capelas dos Laços' ao lado da prisão. Essas eram invenções medievais, não locais bíblicos. No entanto, eram preciosos para muitos milhares de visitantes. Alguns guias de viagem eram desdenhosos sobre eles: essas eram as crenças de "pessoas comuns", disse Burchard do Monte Sião, mas ele, no entanto, notou tais lugares e a santidade a eles associada.

Inúmeros visitantes marcaram sua visita à Igreja do Santo Sepulcro de uma forma turística atemporal: com arranhões na pedra, uma espécie de grafite. Na escadaria que desce para a Capela de Santa Helena, onde Helena alegou ter desenterrado a Verdadeira Cruz, há milhares de cruzes nas paredes. Os peregrinos parecem ter pago para que elas fossem esculpidas ali, registrando silenciosamente, mas eloquentemente, sua presença física. A poeira retirada da escultura na pedra pode ter sido trazida para casa pelos peregrinos como uma lembrança - Felix Fabri, escrevendo na década de 1480, disse que quaisquer "pedaços de pedra" trazidos de volta da Terra Santa, ou qualquer coisa que tivesse tocado os lugares sagrados, deveriam ser tratados com "grande devoção" e "colocados entre as principais relíquias das igrejas". Essas marcas não são exatamente subjetivas (o que poderia ser mais genérico do que assinar com uma cruz?), mas são duradouras.

A Igreja do Santo Sepulcro foi o local de maravilhas e prodígios sobrenaturais também. Aqui, no centro do mundo, o sol dizia-se que não projetava sombra. Aqui, a cada Páscoa, na cerimônia do Fogo Sagrado, uma lâmpada em frente ao sepulcro acendia milagrosamente no Sábado Santo, um símbolo da presença do Espírito Santo e um eco de como Jesus ressuscitou da morte para a vida. Aqui, uma coluna trazia as marcas de picadas de escorpião, tendo sido dito que as criaturas foram colocadas no corpo sofredor de Jesus.

Visitantes ocidentais em Jerusalém não eram de forma alguma livres para vagar pela cidade. Eles estavam sujeitos a constantes regulamentações de seus anfitriões mamelucos e eram conduzidos de um lugar para outro por frades franciscanos. Cada vez mais, os visitantes se sujeitavam a uma rota ritual, a *ordo peregrinationis* – uma espécie de itinerário de locais sagrados. Com o tempo, isso se tornou as Estações da Cruz e a Via Dolorosa.

A Igreja do Santo Sepulcro – que continua semelhante ao que era no século XIV – foi o ápice da 'nova' tradição da Via Dolorosa, 'o caminho da tristeza', uma rota pelos sofrimentos finais de Cristo, pontuada pelas Estações da Cruz. Na verdade, as últimas estações são

dentro da própria igreja, não na *via*. Longe de ser uma rota bíblica, a Via Dolorosa foi amplamente inventada como um itinerário por Jerusalém por viajantes medievais e seus guias. Ela ajudou (e continua a ajudar) o turista a ver a cidade através de uma lente idealizada e muito parcial.

A ordem franciscana dos frades era parte integrante da experiência de cada visitante cristão ocidental na Terra Santa. São Francisco de Assis (m. 1226), o fundador carismático dos franciscanos, visitou a Terra Santa no início do século XIII para pregar e converter os muçulmanos de lá. Para esse fim, Francisco teve uma audiência com o sultão diretamente. O sultão ficou, segundo a maioria dos relatos, impressionado com São Francisco, mas não o suficiente para se converter do islamismo. Nos séculos subsequentes, o papel dos franciscanos se tornou o de uma agência de viagens sagrada, administrada em cooperação com os mamelucos governantes. Na década de 1320, o sultão concedeu aos franciscanos uma série de privilégios, o que os tornou representantes da cristandade ocidental na Terra Santa. Suas atividades mudaram de tentar retomar a Terra Santa para permitir que viajantes europeus visitassem as cenas da vida e morte de Cristo. Eles vendiam aos peregrinos pequenos livretos, livros sagrados guias, às vezes chamados de 'processionais', que marcavam as orações, salmos e indulgências para todos os lugares sagrados em Jerusalém e na Terra Santa. Dessa forma, a própria paisagem sagrada se tornou lida e vivenciada por meio de um roteiro. A Via Dolorosa exemplifica a maneira como a cidade era navegada como um itinerário por meio da memória, em vez da experiência.

A Via Dolorosa foi formalizada apenas no final do século XV, indo do canto nordeste, fora da Cidade Velha, para o oeste, através dos mercados da cidade (agora o Bairro Muçulmano) até a Igreja do Santo Sepulcro. Ela compreendia "estações" no sentido latino da palavra: um lugar para ficar de pé, um lugar para ficar estático. As estações da Via Dolorosa são, em sua maioria, lugares indistintos na rua: elas são marcadas com pequenas tábuas de pedra, mas os visitantes preenchiam esses lugares com narrativas invisíveis e lembradas. Em cada estação, o visitante era convidado a rezar e a receber uma indulgência: geralmente uma "indulgência plenária", uma absolvição completa da culpa ou punição no Purgatório. A Primeira Estação agora marca a condenação de Jesus por Pôncio Pilatos, mas na Idade Média a rota, o número e a narrativa das estações não eram fixos. As estações subsequentes seguem, morro acima, os julgamentos e degradações de Jesus. As estações conduzem implacavelmente o peregrino-turista pela cidade e de volta no tempo, saindo da rotina suja da Jerusalém urbana e entrando em seu cenário bíblico.

De fato, a maioria das Estações da Cruz exige um ato desafiador de imaginação e anacronismo criativo para transportar o visitante a qualquer lugar. A Sexta Estação, a cerca de 300 metros a leste da Igreja do Santo Sepulcro, é um bom exemplo. Ela comemora o lugar onde uma mulher local, Verônica, enxugou o rosto suado de Jesus enquanto Ele era forçado a carregar a Cruz até o Calvário. O rosto de Jesus, em agonia, foi impresso no *ícone vera* do véu ou lenço de Verônica.

Mas, em seu cenário urbano, a Sexta Estação é decepcionante. A rua estreita e sobe aqui. Na Idade Média, esta era uma área de lojas, mesquitas e madrassas, como é hoje. O local, que anteriormente abrigava uma igreja cruzada dedicada aos santos cirurgiões Cosme e Damião, só foi geralmente associado a Verônica a partir do século XV. Na rocha, há uma antiga (mas não de 2.000 anos de idade), com as palavras 'a sexta estação onde a devota Verônica enxugou o rosto de Cristo com um véu' esculpidas em latim. Provavelmente data

do período medieval posterior. Para a maioria dos cristãos que visitam a cidade, eles tiveram que pensar na Europa – especialmente na famosa relíquia do véu de Verônica que encontramos anteriormente sendo adorada na Basílica de São Pedro em Roma – para preencher a cena da rua com significado.

A Via Dolorosa partia de – ou levava para, pois a maioria dos peregrinos não seguia uma ordem definida – o Monte das Oliveiras, aos pés do qual fica o Jardim do Getsêmani, onde Jesus foi traído. O Monte das Oliveiras é uma colina seca a leste da Cidade Velha. Ele se ergue do Vale de Josafá (ou Jeosafá), o leito do rio que circunda Jerusalém oriental e meridional, que por sua vez faz parte do Vale do Cedrom que corre de Jerusalém para a poeira árida do Deserto da Judeia. É o Vale de Josafá que distingue a cidade de Jerusalém de seus arredores e, quando alguém está no vale, dá ao Monte das Oliveiras sua altura. O vale era desabitado, provavelmente inabitável. Mas era bem conhecido pela Bíblia como o lugar onde todas as nações serão reunidas para julgamento (Joel 3:12).

Túmulos antigos, atribuídos de forma confusa, ficavam no vale, deixados pelas várias tradições religiosas que surgiram ali: o Túmulo do próprio Josafá, agora chamado de Túmulo de Absalão; o Túmulo de Zacarias e Simeão, agora chamado apenas de Túmulo de Zacarias; o Túmulo de São Tiago Menor (agora chamado de Túmulo do Filho de Hezir); e, mais valorizado na Idade Média, o Túmulo da própria Virgem Maria, descendo uma escadaria escura nas profundezas da rocha, com uma igreja construída sobre ela. A maioria dos visitantes da Jerusalém medieval tardia parava e se perguntava sobre esses lugares ao começar seu passeio pelo Monte das Oliveiras.

O Monte das Oliveiras medieval tinha algumas oliveiras (de fato, visitantes medievais comentavam sobre elas) e algumas das oliveiras que ainda estão lá são medievais. As oliveiras no Getsêmani podem muito bem ter sido plantadas e cultivadas pelos cruzados, que se comprometeram a restaurar a paisagem cristã da Terra Santa.

Encantadoramente, Felix Fabri, na década de 1480, descreveu a visita à "fazenda em Getsêmani" e sentou-se lá, "à sombra sob as oliveiras", e "tomou café da manhã alegremente" com seus companheiros de viagem. O Monte também estava repleta de túmulos judeus, pois foi durante centenas de anos a principal necrópole da cidade para a comunidade judaica (e continua sendo até hoje).

Escalar as encostas do Monte das Oliveiras não é uma subida difícil; os peregrinos levariam de quinze a vinte minutos para caminhar. Mas o Monte havia se tornado uma paisagem movimentada com santuários e maravilhas informais: o peregrino prussiano John Poloner relatou em 1422 ter visto vários locais apócrifos no Monte, como as rochas onde Jesus suou sangue em Sua agonia e o local onde a árvore que fez a Cruz uma vez fez a ponte sobre o Rio Cedrom. Na rota até o Monte, os visitantes passaram pela Igreja dos Cruzados de Dominus Flevit (onde Jesus teria chorado por Jerusalém) no caminho para o cume, onde muitos peregrinos pararam e, continuando sua imitação de Jesus, choraram novamente sobre a vista da cidade.

No cume do Monte das Oliveiras, os peregrinos visitavam o Domo da Ascensão. Aqui, diz-se que Jesus Cristo também terminou Sua excursão pela cidade e deixou a Jerusalém terrena para a Jerusalém Celestial. Na tradição cristã, Jesus era o protótipo do viajante. Ele estava frequentemente em movimento, desde Sua fuga na infância para o Egito (Mateus 2), Seus quarenta dias vagando no deserto (Mateus 4) e Sua entrada em Jerusalém em um jumento (Mateus 21) até Sua caminhada para Emaús (Lucas 24), Sua jornada definitiva

para Deus na Ascensão (Lucas 24:51; João 3:13) e a exortação aos seguidores de Cristo para se verem como 'estrangeiros e peregrinos' em uma jornada para a Jerusalém Celestial (1 Pedro 2:11). E aqui, no cume do Monte das Oliveiras, o planalto no qual Jerusalém é construída cai dramaticamente na extensão ondulada do deserto suave, mas implacável da Judeia. Pode-se olhar para o oeste e ver Jerusalém, desta vez em sua vista icônica, com as igrejas e torres da cidade se erguendo acima do Domo da Rocha. Mas também se pode olhar para o leste e ver o estranho vazio do deserto e, brilhando à distância, o ponto mais baixo da Terra, o Mar Morto, e além dele as Montanhas de Moabe (agora na Jordânia). Então o Domo da Ascensão é um bom lugar para terminar um passeio por Jerusalém, porque é uma espécie de dobradiça ou pivô na paisagem. Afinal, se os peregrinos cristãos estivessem participando de uma *imitatio Christi*, este também era seu ponto de partida; os viajantes mediram sua jornada em pés, subiram as escadas do Calvário e caminharam pela Via Dolorosa, seguindo em seus corações e mentes as pegadas salpicadas de sangue de Jesus Cristo. Aqui, no Domo da Ascensão, seu Cristo deu Seu último passo.

A Capela da Ascensão no Monte das Oliveiras foi abandonada pelos cruzados em 1187 e em 1212 foi convertida em uma mesquita. O edifício é um pequeno santuário abobadado, datado da era dos cruzados, mas reconstruído pelos muçulmanos usando *spolia dos cruzados* – alvenaria e escultura reaproveitadas. A substituição do cristianismo pelo islamismo foi tornada palpável.

O guia de viagem do século XIV de Mandeville nos conta que foi neste lugar que Jesus ficou "quando ascendeu ao Céu, e Seu pé esquerdo parece ainda estar impresso na rocha". Então este foi o lugar onde Jesus deixou a última manifestação de Sua encarnação humana: os peregrinos podiam ver uma pegada divina, mas humana, a marca do pé descalço de um homem. Muitas vezes pensamos em pegadas como transitórias, que desaparecem, mas uma pegada é sempre um lembrete de que alguém já esteve em um lugar. Ou, para colocar de outra forma, pegadas são frequentemente usadas como prova de evidência de propriedade, ocupação anterior e conhecimento humano. Isso era verdade no Domo da Ascensão, um local tenso na junção entre o leste e o oeste, cristão e muçulmano, na borda externa do que poderia ser chamado de Europa cristã.

A pegada sagrada no Domo era adorada desde pelo menos o século VII, em uma igreja grega bizantina. Os cruzados, no século XI, frequentemente adotaram costumes locais (especialmente aqueles que focavam na humanidade de Jesus) e construíram a Igreja da Ascensão. Eles abrigaram a pegada sagrada em uma pequena torre de mármore. A pegada se tornou um objeto de veneração e peregrinação. Como o prepúcio de Jesus, que era adorado várias vezes na Europa, a pegada era uma relíquia extremamente importante, pois oferecia evidência física tanto da encarnação de Cristo como homem quanto da ascensão de Seu corpo ressuscitado.

A pegada então se multiplicou, na forma de pedras depositadas em igrejas por toda a Europa, em Arles, Poitiers e Westminster. A relíquia da pegada de Westminster, apresentada por Henrique III em 1249, mostra como a geografia sagrada da Terra Santa foi reimportada para o ocidente em uma interação infinita entre cópias e originais, lembranças e souvenirs.

A relíquia da pegada dos cruzados foi levada para a Mesquita de Al-Aqsa no Monte do Templo. O Domo da Ascensão permaneceu, e continua sendo, uma mesquita, mas foi restabelecido, não oficialmente, como um local de culto cristão ao qual a maioria dos

visitantes cristãos europeus de Jerusalém faziam uma visita. Burchard do Monte Sião, na década de 1280, disse que havia uma pedra onde as pegadas de Cristo estavam e que era possível tocá-las, "mas não vê-las". Curiosamente, na década de 1350, novas pegadas apareceram no Domo. Os peregrinos relataram ter visto vários tipos de pegadas: alguns foram informados de que viram o pé esquerdo de Cristo, alguns o pé direito de Cristo, alguns dizem que eram as marcas dos dois pés de Cristo. Ogier d'Anglure, visitando em 1395, viu uma pedra quadrada com a pegada direita de Cristo no Domo da Ascensão, e outra pedra, escondida atrás de um pilar, que mostrava a pegada esquerda. Da mesma forma, John Poloner em 1422 viu uma pedra cristã impressa com a pegada esquerda (medindo em comprimento 'uma palma e duas juntas do dedo médio') e muçulmanos devotos adorando uma pedra separada. Richard de Lincoln, viajando na década de 1450, descreve o 'antigo templo' onde Cristo ascendeu, onde 'pode-se ver as pegadas na pedra', acrescentando que é preciso pagar 2 xelins para visitar. Outros peregrinos mencionam uma pegada ainda mais sagrada, dita ser o pé direito de Cristo, na casa de Simão, o Leproso (Mateus 26:6) em Betânia, muito perto do Domo da Ascensão. No entanto, outros viajantes dizem que viram, nas pedras duras do pavimento perto do Portão Dourado, as pegadas do jumento com que Jesus entrou em Jerusalém no Domingo de Ramos. Os peregrinos estavam literalmente, embora arqueologicamente duvidosamente, caminhando nas pegadas da Bíblia, as pedras da cidade vivas com a marca da história. Em algum momento, uma nova relíquia de pegada foi colocada no Domo da Ascensão, a relíquia que agora pode ser visitada na mesquita (é uma reentrância vagamente em forma de pé em uma placa de mármore de aparência macia).

Aqui, no Domo da Ascensão, não só a cidade agitada começa a ceder ao deserto extraordinário, mas a viagem se torna excedente às exigências religiosas. Para o visitante, a peregrinação poderia termina aqui. Se a jornada para Jerusalém fosse a melhor jornada que alguém poderia fazer para a saúde da alma, por que continuar para o leste?

Do outro lado do Monte das Oliveiras, peregrinos cristãos determinados podiam fazer excursões opcionais para destinos mais difíceis, mas não menos preciosos no deserto: as aldeias de Betânia e Betfagé; mais longe, o Monte Quarentena, onde se diz que Jesus passou quarenta dias e noites e foi tentado pelo Diabo; o Mar Morto e os restos chamuscados de Sodoma e Gomorra; o Rio Jordão e o local do batismo de Cristo. Mas muitos peregrinos não se incomodavam com essas saídas difíceis. Muitos deles tinham comprado souvenirs em Jerusalém: talvez um pedaço de fita ou pergaminho mostrando a medida da pegada de Cristo ou de Seu túmulo, ou um cajado de madeira como o de Moisés, ou um rosário trabalhado em madeira de oliveira (cultivada em solo sagrado!) ou pelo de camelo, ou um crucifixo de cera de cores vivas. Henrique de Derby, que conhecemos em Londres preparando sua bagagem, foi de Jaffa para Ramla para Jerusalém. Seu grupo comprou velas de cera e Henrique fez uma oferta de 6 ducados no Santo Sepulcro; então eles parecem ter retornado, aparentemente passando apenas um tempo muito curto na cidade sagrada antes de retornar para Chipre e Rodes.

Os mamelucos não tinham desejo algum de que visitantes cristãos transformassem viagens de fé em viagens de descoberta. O diplomata flamengo Guillebert de Lannoy, escrevendo um relato do Egito e da Síria para o rei inglês Henrique V em 1422, escreveu que o sultão não permitiria que nenhum cristão viajasse da Terra Santa para a Índia pelo

Mar Vermelho. Aparentemente, o sultão temia que cristãos itinerantes fizessem alianças com outros governantes, como o Preste João, onde quer que ele estivesse.

No entanto, para alguns viajantes, havia a atração do além, o reino da curiosidade, de povos, prodígios e lugares fantásticos. Alguém poderia se converter de peregrino em turista, deixando a lógica rígida da peregrinação para algo mais solto, mais livre, mais estranho. Para alguns, a viagem definidora a Jerusalém não era o fim de suas viagens, mas um aguçamento do apetite para ir mais longe, o chamado de um desejo terreno de saber mais e mais e ainda mais sobre o mundo além.

Você pode repetir isso, por favor? Frases para viajantes

Quase todos os guias de viagem medievais incluíam algumas informações sobre alfabetos estrangeiros ou frases úteis para viajantes. Eles mostram o desejo do viajante de se fazer entender, bem como o medo de ser mal compreendido. Eles também refletem – ou imaginam – os tipos mais comuns de interação entre viajantes e seus anfitriões. Aviso: listas de palavras podem não representar com precisão os idiomas que afirmam!

Alguns gregos para viajantes, c. 1462

Bom dia – Calomare

Bem-vindo – Calosertys

Diga-me o caminho – Dixiximo strata

Sente-se! – Catase!

Me dá isso – Doys me tutt

Vá embora – Ame

Traga-me – Fer me

O que você está dizendo? – Os leys?

Eu não entendo você – Apopon kystys

Deus esteja com você – Estas metasana

Onde fica a taverna? – Elle canawte?

Mulher, você tem um bom vinho? – Geneca, esse colocrasse?

Cara, você tem um bom vinho? – Antropos, esse colocrasse?

Alguns albaneses para viajantes, 1496

boike – pão

vene – ganhar e

oie – água

mische – carne

taverna – taverna

criste – Deus

dreck – Diabo

laff ne kammijss! – lave minha camisa!

Contagem em turco para viajantes, c. 1498

1 – dois

2 – equi

3 – ug

4 – faça

5 – bex

6 – alto

7 – Yedi

8 – zaquiz

9 – cão

10 – em

Alguns árabes para viajantes, 1496

ckayesch – bonito

nem – dormir

nyco – casar

marrat nyco? – Mulher, devo dormir com você?

marca beba – De nada

Hebat olla – Que Deus nos dê um bom vento

A tzismo ede? – Como se chama isso?

9. Um desvio para a Etiópia

Aghmat – Rio del Oro – Malsa – Barara

Ao sul da Terra Santa e além do Egito ficava a Etiópia, um vasto terreno conectado ao Mediterrâneo pelo Rio Nilo. O reino medieval da Etiópia era um tanto isolado da Europa por desertos, distância e guerras com governantes islâmicos. Historicamente, era um império cristão combativo e às vezes expansionista com uma minoria muçulmana significativa. O reino, disputando a supremacia com os sultanatos muçulmanos no Chifre da África, estava focado no planalto central, indo de norte a sul do arquipélago de Dahlak no Mar Vermelho até o Lago Shalla no vale do Rift etíope. A Igreja Etíope, estabelecida no século IV e unida à Igreja Copta, construiu elaboradas basílicas-salão por todo o país. Isso inclui os edifícios únicos do século XIII de Lalibela, uma "Nova Jerusalém" de onze elaboradas igrejas escavadas na rocha viva. O complexo inclui seu próprio Gólgota e Monte Sinai. Lalibela pode muito bem ter sido fundada como uma resposta à conquista muçulmana de Jerusalém em 1187, o que tornou a jornada até lá ainda mais difícil. Com o tempo, viajar para Lalibela como peregrino tornou-se obrigatório para os cristãos etíopes medievais.

Os cristãos etíopes tinham comunidades na própria Jerusalém e no Egito e em Chipre, onde os europeus tinham maior probabilidade de entrar em contato com eles.

No entanto, para as mentes europeias, as fronteiras da Etiópia eram completamente indefinidas e o termo "Etiópia" era usado para grande parte da África. Em uma definição comum, a Etiópia se estendia das Montanhas Atlas até o fim do Egito, do Atlântico ao Mar Vermelho. A África era, nos relatos europeus, notável porque era enorme, como se houvesse simplesmente muito para ser contabilizado. No famoso mapa de c. 1450 de Fra Mauro, um monge e cartógrafo veneziano, a Etiópia e seu reino relacionado de 'Abassia' (Abissínia) ocupam quase metade do continente africano, parecendo se estender da ponta sul da África até sua borda noroeste.

Quando Martin Behaim foi despachado pelo rei português em uma "viagem de descoberta" para a "Etiópia" em 1484, ele navegou ao redor da África Ocidental, encontrando "outro mundo", antes desconhecido para os europeus, nas proximidades do que são hoje as costas do Gabão e Angola. Quando ele veio para fazer seu Globe, menos de dez anos depois, ele confiou nos relatos de Ptolomeu e Marco Polo para sua descrição da Etiópia, mostrando o "Imperador" de "Abassia" em seu trono com um súdito devoto ajoelhado diante dele. O povo deste imperador é cristão, diz o Globe, "e negocia ouro e marfim".

Acreditava-se que a Etiópia medieval era o lar de humanos maravilhosos (ou monstruosos). Homero havia chamado os etíopes de "os mais distantes dos homens", morando em uma terra distante além dos mares. Mandeville, escrevendo em seu guia de viagem de 1350, disse que a Etiópia, "um vasto país", era habitada no sul por pessoas "completamente negras" (o nome *Aithiopes* deriva do grego para "rostos queimados").

Como muitos escritores medievais, Mandeville via a geografia como fundamentalmente ligada à fisiologia; a definição dos etíopes pela cor da pele revela a percepção de que isso era uma consequência de sua localização nas terras quentes das zonas tórridas do mundo. Mandeville também disse que a Etiópia era o lar dos ciápodes, humanos com apenas um pé muito grande que podiam pular a uma velocidade maravilhosa. Os ciápodes usavam seus pés como uma sombra contra a luz do sol de diamante do céu etíope escaldante. Outros disseram que um povo humanoide chamado *archapites* ou *artabatitae* vivia lá, que só conseguia se arrastar pelo chão com as mãos e os pés, ou sobre quatro patas, vagando como animais selvagens.

Mandeville afirmou que na Etiópia havia uma fonte da qual a água, de dia, corria insuportavelmente fria e, de noite, corria insuportavelmente quente. A natureza aqui era invertida, bizarra, estranha, mas ainda reconhecível. Toda a água corrente na Etiópia era "turva e um pouco salgada", por causa do calor intenso, e as pessoas tinham pouco apetite, bebiam facilmente e tinham disenteria; 'eles não vivem muito', concluiu Mandeville. Terreno, água limpa, costumes estranhos e as vicissitudes do clima: as preocupações perenes do viajante.



A Etiópia também era conhecida na Europa como o lar do "lobo etíope", uma fera com uma juba multicolorida que podia "pular tão alto que parecia ter asas". A Etiópia era onde se dizia que os dragões nasciam, por conta do calor escaldante durante todo o ano. Era

também o lar da hiena diabólica, uma fera perversa que, segundo rumores, se alimentava de carne morta e podia imitar as vozes dos homens para atraí-los para a morte.

E ainda uma Etiópia mais positiva também era familiar na cultura religiosa europeia, como um lugar de graça e herança cristã. A própria Rainha de Sabá era de lá, ela que viajou para o Rei Salomão em Jerusalém com uma luxuosa caravana de camelos carregada de especiarias, ouro e pedras preciosas (1 Reis 10:2). Histórias apócrifas medievais da Os magos que saudaram o menino Jesus definiram um desses três homens sábios como sendo da Etiópia. O Mago Negro se tornou um marco das imagens religiosas europeias, frequentemente retratado como jovem e mais distante do santo menino, um representante do emergente e distante continente da África, mas uma parte integrante do *ecúmeno cristão*. Além disso, desde o início do século XIV, a Etiópia era considerada o reino do lendário rei Preste João (literalmente "João, o Sacerdote"), um poderoso (mas fictício) senhor cristão que se esperava que ajudasse os governantes europeus contra os infiéis. Em seu mapa, Fra Mauro disse que o governante local Preste João presidia 120 reinos, seu enorme poder sendo tido em alta conta por causa do número quase infinito de povos que ele controlava. A maioria dos europeus envolvidos na produção de representações da Etiópia não estava lá; em vez disso, seu interesse no lugar era como um repositório de mitos, rumores e lendas que esboçavam uma versão maravilhosa ou moralmente instrutiva do mundo. No entanto, apesar de toda a sua prodigiosa estranheza, por volta do século XIV a Etiópia havia se tornado o objeto intensamente desejado das missões religiosas, diplomáticas e comerciais europeias. O país, onde quer que estivesse, tornou-se uma espécie de costura na qual fantasias antigas encontravam realidades políticas, convocando uma terra improvável de perigo e piedade, esterilidade e fertilidade, proximidade e distância.

Agora faremos um desvio para a Etiópia, com alguns dos viajantes medievais incomuns que fizeram – ou disseram que fizeram – seu caminho até lá e escreveram sobre suas jornadas.

Não perca! A especialidade da madressilva defumada seca ao sol: os moradores locais vivem dessa comida. No entanto, aqueles que vivem de madressilva defumada seca ao sol dificilmente viverão além dos quarenta anos.

Em meados da década de 1340 ou por volta dela, um franciscano de meia-idade deixou seu convento no reino de Castela. Não sabemos seu nome, ou muito mais sobre ele, mas ele escreveu mais tarde um *Livro do Conhecimento* descrevendo uma jornada notável que o levou a "todos os reinos, países e senhorios que existem no mundo". De acordo com seu relato, ele começou sua odisséia indo da Espanha pela França, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Noruega e contornando as Ilhas Britânicas.

A primeira parte europeia de sua viagem tem o toque de uma jornada empreendida apenas na mente: há poucos detalhes locais, e consiste principalmente de nomes de lugares espanhóis ('Artuz' para Aarhus na Dinamarca, 'Estocol' para Estocolmo, 'Guinsa' para a cidade real inglesa de Windsor) ao lado de ilustrações das bandeiras e insígnias de cada território. É essencialmente uma lista heráldica da Europa. É mais do que provável que parte ou todo o relato do franciscano espanhol tenha sido obtido de mapas e livros, não de visitas a esses lugares.

No entanto, o relato do franciscano se torna mais animado e detalhado quando ele deixa a Europa para a África. Depois de visitar a Itália e a Terra Santa, ele viajou pelo Egito e pela costa norte do continente africano, via Benghazi, Sirte, Sousse e Ceuta. Ele finalmente chegou à "muito antiga" cidade marroquina de Aghmat, um importante posto comercial berbere e, às vezes, capital do reino muçulmano berbere almorávida do Marrocos. Aghmat, hoje deserta, era então uma próspera cidade muçulmana e judaica, com belos muros de tijolos, uma casa da moeda e um grande palácio. Estava situada no exuberante Vale Ourika, uma passagem importante que cortava a terra vermelha das Montanhas Atlas. Tropas de macacos de rosto minúsculo saltavam entre os freixos que cresciam no ar vital do vale. Viajantes, mercadores e sábios cambaleavam em trilhas estreitas, às vezes em precipícios, às vezes em caminhos largos através de pedras vulcânicas, às vezes rangendo entre paredes de rocha estreitas, às vezes ao longo de margens verdes de rios ao lado de canais brilhantes fluindo com água doce.

Em Aghmat, o franciscano espanhol soube do túmulo do rei al-Mu'tamid (que havia sido exilado da cidade espanhola de Sevilha para a África em 1091, depois que seu reino caiu para a dinastia Almorávida). Ele encontrou as Montanhas Atlas e suas perigosas passagens, e traçou a história dos berberes almóadas na paisagem marroquina. Ele encontrou a região do Atlas "bem abastecida com provisões e água, mas muito fria". Seus habitantes ele considerou "pessoas muito decentes". Ele então navegou ao longo da costa ensolarada do sul do Marrocos, "uma terra desértica com pessoas más e cruéis que vivem no shore", viajando em um *panfillo*, uma pequena galera de dois mastros. Mais ao sul, no Cabo Bojador, ele encontrou judeus e mouros locais e viu ouro sendo levado ao Rei da Guiné por camelo. Esta jornada é tão incomum e tão precisa em seus detalhes, que é tentador lê-la como uma viagem que ele realmente empreendeu.

Após sua visita ao Marrocos, as viagens do franciscano espanhol nos fornecem alguns dos primeiros relatos das ilhas atlânticas a oeste da África: as Canárias, a Madeira e os Açores. Naquela época, essas ilhas não estavam normalmente nas cartas marítimas europeias, embora fossem bem conhecidas pelos geógrafos árabes. Ele navegou em um barco de madeira para a ilha de La Graciosa e daí para Lanzarote, Isla de los Lobos, Roque del Este e Tenerife. Ele sabia de dezenas de outras ilhas atlânticas, incluindo a Madeira, embora não esteja claro se ele as visitou.

Apesar de todos os lampejos de verossimilhança em partes do livro do franciscano espanhol, seu relato de sua jornada subsequente pela África é marcado por sua dependência de fábulas sobre o continente que circularam em livros europeus medievais. Ele descreve, na área do Senegal, as formigas do tamanho de gatos do Rio del Oro (Rio do Ouro), um rio lendário. Dizia-se que essas formigas gigantes construíam formigueiros nos quais ouro era encontrado. O franciscano espanhol estava apenas repetindo um antigo mito europeu da ilha de Orelle, onde formigas do tamanho de cães mineravam ouro o dia todo em um imenso monte.

Em algum lugar perto do Rio Nilo, o franciscano se encontrou com mercadores de Gênova, que há muito tempo tinham um tratado com os sultões do Egito para conduzir o comércio rio acima e rio abaixo. Aqui ele também afirma ter visto presas de marfim ('dentes') sendo negociadas, então ele entrou em uma região 'muito quente' de 'montanhas muito altas', às vezes chamadas de 'Montanhas da Lua' e às vezes de 'Montanhas de Ouro'. Ele parece estar descrevendo as míticas Montanhas de Kong, uma grande cordilheira que

divide a costa oeste da África de seu interior. As Montanhas de Kong, que se acredita estarem além da fonte do Nilo Branco, apareceram em muitos relatos e em muitos mapas (até o século XIX), mas nunca foram encontradas e existiam apenas nas mentes de cartógrafos e escritores de viagens. Em qualquer caso, o franciscano espanhol mudou-se para território lendário, descrevendo a localização do Paraíso Terrestre, frequentemente posicionado no extremo sul, 'abaixo' do interior africano. Em um assentamento que ele chamou de Graçiona, ele encontrou um império cristão povoado por 'negros... homens inteligentes com bons cérebros, e eles têm entendimento e conhecimento'. Eles bebiam água doce 'excelente' que fluía do Polo Antártico, saindo do Paraíso Terrestre. E o imperador local era um defensor de um certo 'Preste Juan', ou Preste João, o Patriarca da Núbia e Etiópia.

O franciscano espanhol foi um dos primeiros escritores a localizar a figura do Preste João na África. Em seu relato, o Preste João era um imperador cristão com sua capital em uma cidade chamada 'Malsa' nas margens de um rio africano chamado 'Eufrates'. Ele escreveu que o emblema do Preste João era uma bandeira branca com uma cruz preta e um báculo dourado de cada lado, simbolizando seu domínio sobre os imperadores cristãos vizinhos de 'Graçiona' e 'Magdasor'. O franciscano não descreveu a capital Malsa, mas imagens medievais do Preste João o mostram em um grande trono esculpido em meio a acampamentos de tendas em uma paisagem montanhosa. Aqui o franciscano parecia estar fundindo ou confundindo a palavra mandinga da África Ocidental *mansa* - 'governante' ou 'monarca' - e o império islâmico do Mali com uma fantasia europeia e cristã da Etiópia do Preste João.

Em Malsa, o franciscano espanhol "via e ouvia" coisas maravilhosas diariamente. Os moradores locais e os "homens sábios" lhe disseram que o Paraíso Terrestre próximo consistia em montanhas tão altas que quase tocavam a lua. Eles dizem que essas montanhas eram cercadas por um grande mar de onde corriam os quatro rios bíblicos do Paraíso (Tigre, Eufrates, Giom e Phison, descritos em Gênesis), irrigando toda a Núbia e Etiópia. Foi-lhe dito que esses rios fluíam em torrentes tão furiosas que as pessoas que viviam ao lado deles eram surdas, e que nessas montanhas os seres vivos não podiam se decompor ou morrer. Foi-lhe dito ainda que de um lado das montanhas havia luz o tempo todo, e do outro estava sempre escuro, porque as montanhas estavam exatamente no "horizonte", ou uma versão do equador. Na verdade, esse material veio de textos europeus, mas mesmo assim foi repetido como verdade de testemunha ocular.

A crença evidente do franciscano espanhol no Preste João representa uma ampla compreensão europeia medieval posterior de um império cristão além do Egito que foi sobreposto ao império real da Etiópia. O Preste João tinha, desde o século XII, sido discutido como um governante cristão obscuro, mas poderoso, um descendente direto do mago africano, com um império em algum lugar no leste - talvez na Síria ou na Índia. No Globo de Behaim, o Preste João aparece em pelo menos dois lugares - no leste da Ásia e no hemisfério sul africano - refletindo uma incerteza sobre quem ele era e onde estava localizado. Por volta da época do relato do franciscano espanhol, quando eles começaram a viajar em maior número para a África além do Egito, os europeus tendiam a localizá-lo na Etiópia. Alguns europeus disseram que o Preste João governava um terreno bem organizado e vasto e que ele tinha a fonte do Nilo em seu império e, portanto, poderia fechar o rio mais importante do mundo árabe.

Por volta de 1400, os viajantes europeus estavam preocupados em fazer contato com o Preste João, forjar uma aliança com ele e enriquecer-se com os tesouros e prazeres de seu maravilhoso império.

Quando estava no subúrbio de Pera, em Constantinopla, em 1431, Bertrandon de la Broquière conheceu um homem chamado Pietre, de Nápoles. Pietre era o agente latino em Constantinopla para o imperador etíope Takla Maryam (reinou de 1440 a 1443) da dinastia salomônica governante (uma casa real cristã que alegava descendência direta do rei Salomão e da rainha de Sabá). Pietre disse a Bertrandon que havia se casado na Terra do Preste João e encorajou Bertrandon a visitá-la com ele. Bertrandon estava cético e questionou Pietre extensivamente sobre o Preste João e seus territórios. O napolitano disse a ele que a Terra do Preste João ficava na Etiópia, uma jornada de quinze dias no Nilo seguida de uma travessia marítima, e que o povo do Preste João estava pronto e preparado para se juntar a uma aliança ocidental e confrontar os turcos.

Pietre tinha muito mais a contar. Primeiro, o Preste João era um bom cristão que era obediente à Igreja de Roma, mas celebrava a missa no rito grego. Quando ele saiu, ele tinha a cruz carregada antes dele. Ele controlava um território gigantesco e podia levantar um exército de quatro milhões de homens. Seus homens eram de grande estatura e sua pele não era "nem preta nem branca, mas sim marrom-avermelhada". O povo da Etiópia era "virtuoso e sábio" e estava constantemente em guerra com um senhor oriental, chamado Chinemachin, também chamado de grande khan. Na Etiópia, ouro e gengibre cresciam abundantemente. As montanhas mais altas do mundo estavam lá. A terra estava cheia de animais estranhos - leões, elefantes, girafas e um animal chamado gorila ('como um homem, exceto com uma cauda de dois pés e meio de comprimento que é metade preta e metade branca'). As pessoas também descreveram cobras de 90 metros de comprimento, tão grossas quanto o mastro de um galeão.

O que faltava ao Preste João eram navios e construtores navais. E então ele enviou Pietre de Nápoles a Constantinopla para encontrar alguém que construísse navios para ele, em sua guerra constante contra Chinemachin. E foi assim que Bertrandon ouviu sobre a Etiópia do Preste João. Ele estava cético: "Não sei se ele estava dizendo a verdade ou não. Eu simplesmente relato e não garanto os fatos." O viajante frequentemente pega esses rumores mal compreendidos. O próprio Bertrandon não viajou para a Etiópia para descobrir se eram verdadeiros ou não.

O encontro de Bertrandon com Pietre é representativo de como, por centenas de anos, os europeus descreveram uma Etiópia que existia e não existia, uma África feita para navegar em vez de conhecer conclusivamente. Os europeus disseram que tinham visitado um lugar e conhecido um soberano e seus súditos e, ainda assim, o que eles relataram era amplamente mítico.

Em 1480, Battista de Imola empreendeu uma viagem incomum para a Etiópia. Battista era um homem bastante humilde, um frade franciscano da cidade de Imola, perto de Bolonha. Ele partiu de Jerusalém, carregando cartas, presentes e esmolas, e foi acompanhado por um colega frade chamado João da Calábria. Os dois homens foram encarregados por Giovanni de Thomacellis, o prior franciscano em Jerusalém, de estabelecer contatos com os etíopes como parte de um esforço missionário, para abraçar os etíopes no mundo latino (para

trazer 'ovelhas perdidas de volta ao rebanho'). Battista fez um relato de sua viagem ao retornar a Jerusalém em 1483, contando a outro frade italiano, Francesco Suriano (m. 1529), tudo sobre suas experiências; Suriano então as escreveu em seu *Tratado sobre a Terra Santa*.

O relato de Battista mostra como as condições locais intervêm repentinamente na viagem. Ele foi forçado a ficar na cidade egípcia de Naqada, na margem oeste do Nilo, por trinta dias porque as estradas não eram seguras (ele não diz o motivo, mas podemos presumir que devido a conflitos ou banditismo). Quando Battista finalmente chegou à cidade portuária de Suakin, com suas luxuosas casas construídas com corais do Mar Vermelho, ele teve que dar ao governador vários presentes seguindo o costume local: uma tapeçaria multicolorida, um pano escuro e cinco pedaços de sabão. Ele estava meio morto quando chegou ao "território do Preste João": Etiópia. Ao encontrar uma estrutura política alienígena, Battista notou como várias cidades eram habitadas por um grupo, mas sob a suserania de outro, e observou que "todos os homens importantes naquele país se autodenominavam "Soldans", isto é, governantes". Um governador abissínio chamado Syonsirave forneceu-lhe vacas e ovelhas e um guia através de seu território, mas Battista foi forçado a gastar dinheiro mais liberalmente em cada uma das cidades de Syonsirave. Seu camelo ficou exausto e teve que ser vendido; em vez disso, ele pegou um jumento, que poderia lidar melhor com as grandes chuvas que começaram a cair. Ele foi detido em outra cidade, 'Chiapeg' no Nilo, por causa das inundações causadas pela chuva.

Questões locais – clima, conflito, política – se intrometem de maneiras imprevisíveis nos viajantes enquanto eles vagam em um estado onírico e irreal por províncias atingidas e eventos atuais que eles apenas apreendem vagamente. Durante sua jornada, Battista foi levado a uma igreja onde 'o rei' – que ele tinha vindo conhecer – tinha sido enterrado recentemente (este era o Imperador Baeda Maryam I (m. 1478)). Battista finalmente chegou 'à corte do grande rei Preste João', em uma cidade chamada Barara, a capital etíope do século XV situada em um topo de colina alto, fresco e acidentado, repleto de fontes de água doce. ¹¹Ele então esperou em Barara por uma audiência com o monarca, o imperador-criança Eskender ou Kwestantinos II (1471–94). Não sabemos se tal audiência foi concedida, mas aqui, na 'corte do Preste João', Battista encontrou muitos europeus, alguns dos quais estavam lá há mais de vinte e cinco anos. Havia venezianos e napolitanos, borgonheses e catalães. Havia homens cujas famílias eram bem conhecidas de Battista, incluindo o pintor veneziano Nicolò Brancalone (c. 1460–c. 1526) que havia emigrado para lá. De certa forma, era um lar longe de casa, uma terra remota que era estranhamente familiar. Em uma igreja próxima, Battista viu um órgão grande e ornamentado "no estilo italiano", para seu espanto. Os europeus na corte do Preste João disseram que tinham vindo a esta terra estranha para buscar joias e pedras preciosas, mas o rei não os havia permitido sair. No entanto, eles gostaram do "intercurso educado e civilizado" na corte do Preste João e da maneira como o rei os recompensava, cada um de acordo com sua posição. Os europeus disseram a Battista que viviam em casas construídas com junco e rebocadas com lama. O país do Preste João era cheio de ouro, mas carecia de grãos e vinho. A grande população era bruta, 'áspera e inculta', 'cheia de piolhos', 'um povo fraco com pouca energia ou aplicação, mas orgulhoso' e mais ardentemente cristão. Battista foi informado muito mais sobre o reino do Preste João, mas seu fervoroso escriba Suriano não escreveu, 'por medo de cansar meus leitores' e porque ele queria retornar aos assuntos espirituais,

seu assunto principal. Ele havia demonstrado o suficiente da atração da curiosidade e redirecionou sua atenção para Deus.

Battista de Imola era um frade, mas também um mensageiro. Ele foi enviado de Jerusalém para a Etiópia uma segunda vez em 1484, com uma carta adicional de seu novo prior Paolo da Canneto. Esta carta se dirigiu a Eskender diretamente, instando a Igreja Etíope a se unir à Igreja Romana; "não procrastine", ele escreveu, "pois na demora há perigo". Não sabemos se esta carta chegou ao trono etíope, ou se teve algum sucesso em ajudar os frades italianos a fazer contato com os governantes etíopes.

Quase todos que foram à Etiópia, ou disseram que estiveram lá, confirmaram a existência do Preste João. O franciscano espanhol em 1350, Pietre de Nápoles em 1431 e Battista de Imola c.1480–81 todos acreditavam que tinham visitado o reino do Preste João. Para os europeus medievais, o Preste João estava em todo lugar e em lugar nenhum, e seu reino era confusamente chamado de "Índia", mesmo quando identificado com a Etiópia. A Etiópia estava definitivamente em algum lugar, não em lugar nenhum ou em qualquer lugar, mas permaneceu apenas vagamente definida na imaginação europeia. A Etiópia do Preste João era remota e acessível, distante, mas glamorosa, um lugar de sonhos europeus. Era uma África forjada a partir de sua utilidade para as formas cristãs e europeias de ver o mundo. "Preste João" tornou-se um termo genérico para o imperador etíope: uma maneira de reconhecer a Etiópia sem vê-la. Viajantes europeus visitaram a Etiópia cristã e colocaram nela uma camada de suas fantasias pré-existentes do Preste João. Maravilha e exotismo passaram a existir lado a lado com a impressão de que a Etiópia era um reino cristão receptivo, simplesmente esperando por exploração estrangeira.

No verão de 1402, o Imperador Dawit (m. 1413) da Etiópia enviou uma embaixada a Veneza, incluindo presentes de quatro leopardos vivos, pérolas gigantes e resinas aromáticas. Ainda assim, nos documentos venezianos relacionados à embaixada, Dawit é referido como Preste João ('Prestozane' ou 'Prete Jane'). Os embaixadores do Imperador Dawit — a quem os venezianos continuaram a chamar de 'Preste João' durante toda a visita — retornaram à Etiópia com um grupo de artesãos e artistas venezianos, juntamente com vários bens de luxo. Embora a corte etíope certamente tenha hospedado artesãos e artistas italianos e de outros países europeus, as tentativas europeias de formar uma aliança cristã anti-islâmica com o 'Preste João' parecem ter feito pouco progresso.

Sabemos que o verdadeiro reino etíope não era governado por um Preste João, que embaixadores, monges e peregrinos etíopes eram visitantes frequentes em Jerusalém, Roma, Veneza e outros lugares, que os etíopes frequentemente enviavam embaixadas para a Europa e que, às vezes, eles por sua vez imaginavam um rei europeu que salvaria seu reino cristão de seus inimigos. Em 1479, o Papa Sisto IV estabeleceu um hospício de peregrinos em Roma para os etíopes visitantes em Santo Stefano degli Abissini, um refúgio copta no Vaticano, a poucos passos da Basílica de São Pedro.

As ideias europeias medievais sobre a Etiópia são um microcosmo da noção europeia medieval do mundo inteiro: o globo como uma montagem lúdica de histórias, fantasias e meios-fatos, uma geografia feita de fantasias narrativas em vez de fatos da paisagem. Então, retornamos agora à nossa rota convencional, indo para o leste da Etiópia e Jerusalém em direção às maravilhas da Ásia.

Conselhos médicos para viajantes, retirados de *The Rose of Medicine*, de John of Gaddesden, médico de Londres, c. 1314

Aqueles que vão viajar, viajar para o exterior, ir para a guerra, ou em peregrinação, ou para estudar em uma universidade, ou para um mercado, ou para ver amigos ou conhecidos, ou para visitar os doentes devem fazer o seguinte:

- Como instrução geral aplicável a todos os viajantes, é bom começar com uma sangria ou jejum, para que o corpo possa ser disciplinado de forma limpa, caso contrário, há risco de febre, inchaço, disenteria ou ruptura de um vaso sanguíneo.
- Para aqueles que partem na primavera, a loucura e a melancolia são especialmente temidas.
- Em climas quentes, é melhor se proteger da sede e do calor da seguinte maneira: leve açúcar de rosas, açúcar de violeta ou xarope de nenúfar, ou uma flor de chicória e conserva de açúcar, ou então leve açúcar cristalizado, tamarindo, bérberis ou azeda e leve-os com frequência na viagem.
- Se você bebeu muito, o homem deve lavar os testículos com sal e vinagre, a mulher deve lavar os seios e comer a folha, o talo ou o suco de um repolho com açúcar.
- Se o ar estiver quente ou com cheiro ruim, o viajante deve cheirar cânfora, rosas ou violetas, e em clima muito quente ele ou ela deve cheirar almíscar ou sálvia de madeira, ou resina da planta barba de cabra, ou camomila, folhas de louro ou manjerona. Eles devem tapar o nariz se houver mau hálito ou odor corporal; ao sair da cama, eles devem comer um pedaço de pão torrado em vinho aromático ou castanhas assadas com vinho aromático.
- Depois de viajar muito em clima quente, os pés devem ser lavados com água fervida com camomila, erva-doce e urtiga. Absinto também deve ser sorvido, o que fará com que a fadiga e o cansaço desapareçam quase completamente.
- O viajante deve levar consigo um pouco de absinto e um talo de agnocasto (ou árvore de pimenta-do-monge); isso significa que ele não tropeçará no caminho ou ficará cansado durante o dia em que fizer isso. E antes que o viajante parta pela manhã, ele deve se esfregar com estragão e pomada *de marciaton* (feita de azeite de oliva, cera de abelha e louro). Ele deve comer carne assada e alho com vinho ou vinho temperado.
- Pessoas pobres devem tomar três grãos de olíbano e pimenta, ou seis folhas de hortelã, e devem cheirar agnocasto e olíbano para ajudar com coriza ou catarro.
- Os pés devem ser sempre lavados com água quente e salgada, secos e depois esfregados com gordura de cabra ou carneiro, e o mesmo deve ser feito com o períneo, por conta de todo o atrito que pode ter ocorrido durante a viagem.
- Aqueles que viajam no inverno devem usar uma vestimenta feita de duas camadas de tecido, acolchoadas com algodão ao lado da camisa, forradas com peles de raposa, cordeiro ou coelho. Na cabeça, devem usar um boné forrado com pele de carneiro grossa. Eles também devem ter um capuz descendo até os

ombros, ou um lenço fino na cabeça. Eles devem manter os pés aquecidos e secos o máximo possível, e secá-los cuidadosamente antes de ir para a cama.

- Tenha cuidado para evitar febres que podem surgir de flatulência e de queimaduras solares. Não se aproxime do fogo quando estiver com muito frio, mas esfregue um pouco os membros, não muito longe do fogo.
- Nunca se deve beber água durante uma viagem, de forma alguma, porque isso causa febres, abscessos e bloqueios.

 O local não foi identificado de forma conclusiva, mas ficava na região da atual Adis Abeba.

10. Nas Rotas da Seda

Castelo do Gavião – O caravançarai – Tabriz – O Velho da Montanha – Gog e Magog

Como escravo, soldado, prisioneiro, peregrino e mercenário, Johann Schiltberger visitou grande parte do Oriente Médio, viajando por desertos áridos e cidades com minaretes. No entanto, ele nunca conseguiu ver um lugar sobre o qual tinha ouvido falar tanto: o Castelo Sparrowhawk.

Schiltberger nasceu em uma pequena cidade da Baviera em 1380. Aos dezesseis anos, ele deixou sua família nobre para lutar na comitiva do nobre Leinhart Richartingen contra os turcos otomanos. Eles logo se envolveram em um confronto violento no qual Richartingen foi morto e Schiltberger ferido e feito prisioneiro. Por trinta e um anos, ele serviu — às vezes como prisioneiro, às vezes como criado doméstico — primeiro nos exércitos do sultão otomano e depois sob os sultões timúridas. ##Seu império cobria grande parte da Ásia central, de Aleppo no oeste até Herat, Samarcanda e Tashkent no leste. Schiltberger mais tarde serviu a um príncipe tártaro chamado Chekre ao redor da Armênia e Sibéria. Ele finalmente escapou no porto georgiano de Batumi, navegando pelo Mar Negro até Constantinopla, e voltou para casa na Baviera em 1427, onde escreveu um relato de suas viagens e das muitas coisas que viu no que chamou de suas "aventuras interessantes e estranhas".

Schiltberger era um jovem prático, adaptável e curioso, e aproveitou a oportunidade de seu cativeiro itinerante para ver o mundo. Ele começou a notar maravilhas e milagres onde quer que fosse levado. No cerco da cidade portuária de Samsun, na costa norte da Turquia, ele viu inúmeras cobras e víboras descenderem sobre a cidade, algumas das mar e alguns das florestas. Eles não tinham interesse em prejudicar as pessoas ou mesmo o gado; mas as serpentes entraram em guerra umas contra as outras por onze dias. No décimo primeiro dia, as serpentes do mar foram vencidas pelas cobras da floresta. Os corpos sem vida de 8.000 víboras foram recolhidos e enterrados. Isso foi tomado como um presságio divino de que o sultão também logo teria domínio dos mares, assim como ele tinha domínio da terra.

Schiltberger escreveu que viu 9.000 virgens sendo levadas ao cativeiro em uma batalha empoeirada na Cilícia. Ele viu elefantes treinados com presas irem para a guerra em Tatory, suas trombas transportando canhões entre as tropas. Ele viu cidades inteiras arrasadas, com seus habitantes ainda vivos enquanto suas casas eram arrasadas ao redor deles. No deserto, ele conheceu aldeões que tinham uma quantidade infinita de especiarias, mas nenhum gado e pouca água. Ele viu reis negociarem territórios inteiros por joias e ouro. Ele conheceu uma princesa tártara viúva que mantinha uma comitiva de 4.000 mulheres, todas as quais sabiam montar cavalos de guerra e atirar com arco e flecha tão bem quanto qualquer homem. Em Isfahan, com suas pontes elegantes, arcos e recintos sombreados, Schiltberger testemunhou os polegares de 12.000 arqueiros serem cortados e uma torre feita com os crânios de milhares de crianças assassinadas dos moradores vencidos (o

embaixador castelhano, Clavijo, viu uma torre semelhante, feita de crânios tártaros, em Damghan, a leste de Teerã).

Embora tivesse visto tais coisas, coisas que nenhum outro bávaro jamais viu, Schiltberger ansiava por ver o Castelo Sparrowhawk. As pessoas diziam que ficava a uma curta distância da cidade de Trebizonda (Trabzon), ou talvez em algum outro lugar na costa nos territórios dos Lordes de Corycus, ou talvez mais profundamente na Armênia e seus muitos reinos que apenas relutantemente entregavam seus segredos ao viajante. Todos conheciam a história do Castelo Sparrowhawk. Schiltberger até tinha lido sobre ele quando jovem e tinha ouvido falar dele ao longo de suas viagens.

Então ele pagou um guia para levá-lo até lá, e o guia o levou por trilhas escondidas através de florestas densas e por colinas de formas estranhas, assadas pelo sol. Eventualmente, eles chegaram a uma montanha cujo topo era o Castelo Sparrowhawk (ou pelo menos o que o guia disse a ele que era o Castelo Sparrowhawk).

No Castelo Sparrowhawk, dizia-se que morava uma princesa, a mulher mais bonita do mundo. Os homens a descreviam como parte divindade, parte sedutora. Ela era tão esbelta quanto um arminho, e tinha as sobrancelhas mais delicadas e arqueadas e uma boca tão doce quanto hidromel.

As pessoas contavam como dentro deste palácio a princesa vivia sozinha, com apenas um gavião como companhia. O gavião estava sentado com suas garras amarelas enroladas em um poleiro de madeira de nogueira decorado com ônix. Seus olhos brilhantes e vigilantes pareciam sempre abertos, sem piscar, sem dormir. O gavião vibrava silenciosamente com conhecimento e sabedoria. Uma vez por dia, ele descia de seu poleiro e caçava diligentemente vermes, insetos e presas selvagens, limpando assim o castelo de sua senhora.

A princesa, apesar de seu comportamento sedutor e vestimenta imodesta, era considerada virgem e uma cristã devota. Ela estava mantendo sua virgindade até que um bravo cavaleiro pudesse aparecer e ficar de guarda por três dias e três noites sem dormir. Se eles pudessem fazer isso, eles poderiam pedir à princesa o que quisessem, desde que fosse puro.

Um príncipe da Armênia conseguiu ficar acordado a noite. Depois de três dias e noites, seu corpo balançava, sua bexiga estava quase estourando e seus joelhos estavam trêmulos como um pudim de leite. A princesa o parabenizou por sua conquista e perguntou que coisa pura ele queria.

O príncipe armênio disse que a coisa mais pura que ele queria era tomá-la como esposa. Mas, ao dizer isso, ele sentiu uma luxúria poderosa pelo corpo da princesa e percebeu que suas partes íntimas se agitavam por ela.

A princesa imediatamente entendeu os motivos impuros por trás do pedido do príncipe. Ela o banuiu, gritou insultos e reprovações vergonhosas para ele e amaldiçoou todos os seus parentes também.

Então a castelã do Castelo Sparrowhawk permaneceu pura e casta, expondo os pensamentos sujos dos homens que lá chegaram. Como seu fiel gavião, ela limpou o mundo ao revelar a corrupção interna daqueles que rastejam por sua superfície.

Schiltberger olhou para as paredes do castelo para onde fora levado, com seu portão de pedra em forma de laje e sua temível grade levadiça. À distância, ele pode ter vislumbrado o castelo mais bonito, todos os pináculos delicados com telhados de ardósia cor de rosa e

dezenas de chaminés elegantes e remates dourados e cata-ventos de cobre, janelas com parteluzes filigranadas, ogees e lancetas e colunatas arqueadas altas. Mas talvez isso fosse um miragem. Os portões estavam trancados e ninguém parecia estar lá. Nenhuma princesa, nenhum gavião: uma jornada desperdiçada.

Os padres locais disseram que a coisa toda era obra do Diabo, não de Deus. Então eles voltaram. O guia que tinha pegado o dinheiro de Schiltberger, prometendo mostrar-lhe o castelo, logo desapareceu.

Infelizmente, nós nos desviamos da nossa rota, viajando para o noroeste de Jerusalém quando deveríamos estar viajando para o leste. Fomos distraídos com histórias de gaviões, donzelas e cavaleiros priápicos. É exatamente isso que todos dizem que acontece com o viajante: se não estiverem vigilantes, os viajantes se desviam, se desviam e se encontram perdidos. E ser um viajante perdido é quase tão ruim quanto ser um viajante entediado.

Então, como o Castelo Sparrowhawk não fica na rota para lugar nenhum, podemos deixá-lo de lado e não ir a lugar nenhum com Schiltberger, em vez disso, continuar nossa jornada para nos juntarmos à(s) Rota(s) da Seda.

O que hoje chamamos de Rota da Seda (em grande parte um termo do século XX) não é uma estrada, mas sim um substantivo coletivo para as rotas leste-oeste, por terra e mar, através da Eurásia, do Egito à China, da Turquia à Índia. Não apenas seda, mas muito mais era comercializado ao longo dessas rotas: especiarias para medicina e culinária, joias, bebidas, animais. Há registros abundantes do comércio da rota da seda em peles e couros, pedras preciosas, corantes, sebo, sabão, óleos, vinho, enxofre, arroz, alúmen, açúcar, cerâmica, âmbar, mercúrio, caviar, hena. Os produtos nas Rotas da Seda viajavam tanto de leste a oeste quanto de oeste a leste: lã inglesa e escocesa, cortinas francesas, vidro e aço italianos, por exemplo, eram comercializados para o leste. As Rotas da Seda também eram o veículo para trocas humanas, por meio de missões, escravidão, trabalho sexual e hospitalidade.

Por volta de 1300, as Rotas da Seda se estendiam por uma área enorme e se tornaram uma rede bem organizada que alcançava a Europa e a Ásia, com guias para comerciantes em italiano e catalão. Um exemplo disso é *Pratica della mercatura* (*A Prática do Comércio* , c. 1340). Pegolotti era um comerciante florentino e seu manual foi projetado para permitir que os europeus (especialmente os europeus de cidades mercantis em crescimento como Florença) praticassem negócios no leste. A *Pratica* foi uma precursora direta de um manual moderno de viagens de negócios, focado na agilidade do mercado internacional, em vez de curiosidade ou religião.

A cronologia da vida de Pegolotti é difícil de reconstruir com precisão, mas ele passou grande parte de sua vida conectado à grande empresa bancária e comercial Bardi de Florença. Ele foi para Antuérpia no início do século XIV para garantir privilégios para os florentinos de lá, e então passou alguns anos em Londres, onde se tornou diretor do escritório inglês do Bardi e fez negócios com o papado e com a monarquia inglesa. Ele navegou de Londres em 1321 para o então porto inglês de Libourne na Gasconha e, via Toscana, passou cerca de cinco anos em Chipre, como representante Bardi em Famagusta. Ele retornou intermitentemente a Florença, onde teve períodos de sucesso no governo local florentino, mas também parece ter passado um tempo na Armênia, provavelmente

morando em Ayas (agora Yumurtalık), novamente representando os interesses comerciais florentinos.

As Rotas da Seda foram configuradas em torno do mercantilismo, e isso se reflete na *Pratica della mercatura*. Pegolotti estava parcialmente preocupado com a segurança e as culturas locais, mas a maior parte de seu guia é sobre pesos e medidas, conversão de moeda e casas da moeda, taxas de trânsito e pedágios, e hospedagens: as praticidades emergentes das viagens de negócios. Por meio das Rotas da Seda, podemos ver o surgimento do "homem de negócios" e do "viajante de negócios" - uma pessoa que viaja motivada não pela religião ou *pelo desejo de viajar*, mas pelo lucro. No entanto, as Rotas da Seda também foram o palco para encontros pluralistas, a troca de ideias e engajamentos com novidades curiosas. Lá, os viajantes entraram em contato com outras pessoas e com situações que desafiaram sua postura ética e exigiram novas maneiras de se envolver com o mundo mais amplo.

O guia de Pegolotti é, entre outras coisas, um glossário fascinante da língua-chave que o viajante precisava em uma jornada pelos mundos diversos e fluidos das Rotas da Seda. Por exemplo, ele deu listas de palavras em uma ampla gama de línguas, do flamengo ao armênio, para termos como "costumes" e "mercado", e traduziu valores de moedas. Ele deu instruções sobre como refinar ouro encontrado na natureza, e conselhos muito detalhados sobre como evitar ser enganado por comerciantes estrangeiros ao comprar especiarias e outros bens.

É improvável que Pegolotti tenha ido até a China, embora seu livro faça um gesto para as rotas pela Ásia. O que está quase totalmente ausente em seu livro é uma sensação de que ele viajou por lugares interessantes ou distrativos. Ele era um comerciante diligente e comprometido, e as Rotas da Seda, para ele e seus leitores comerciantes, eram um palco para transações e lucros, não curiosidade. O vasto espectro de commodities que ele comercializava incluía água de rosas persa, aloés de Socotra, vairo búlgaro, cânfora de Sumatra, sedas de tiro de Tataria, linho egípcio, gengibre da Arábia e da Índia, ruibarbo asiático e nardo indiano. Seu senso de lugar era o do mercado.

O livro de Pegolotti revela uma ansiedade sobre fraude e desonestidade em mercados estrangeiros, mas também pressupõe uma grande dose de confiança, especialmente em suposições sobre segurança ao viajar. Ele assumiu amplamente que os comerciantes italianos tinham o direito de negociar e viajar pelo Oriente Próximo, e sua preocupação era fornecer detalhes completos sobre quais impostos deveriam ou não ser pagos. Em Tana, um entreposto veneziano crucial entre o Mar Negro e o Volga, ele deu um relato claro de quais impostos eram devidos: por exemplo, ouro, prata e pérolas não atraíam impostos, nem o imposto mongol 'tamunga' (*tamgha*) que era cobrado sobre a movimentação de bens e pessoas, nem o imposto 'comerchio', um imposto alfandegário ou de vendas. Vinho, peles de boi, selas e peles de cavalo atraíam um imposto de 5 por cento, exceto para genoveses e venezianos, que pagavam 4 por cento. A cobrança de alfândega era uma forma de proteger os negócios e manipular os preços, mas também era uma forma de atrair receita, que poderia então ser gasta na melhoria das instalações para os comerciantes. Pegolotti deixa claro que "pactos", barganhas especiais, poderiam ser feitos com os *doganieri*, agentes da alfândega, e geralmente havia espaço para negociação.

Saúde e segurança! Se você acha que tem lepra, ou se conhece um leproso, precisa saber sobre o maravilhoso poço de Urfa. Suas águas curam leprosos, desde que sigam esta prescrição: eles devem jejuar por cinco dias, e em cada dia devem beber a água do poço e se lavar nela. Após cinco dias, eles devem parar de se lavar com ela, mas ainda bebê-la até o décimo ou décimo segundo dia .

Assim como os viajantes na Europa, aqueles que viajavam pelas Rotas da Seda eram frequentemente obrigados a provar suas credenciais. Os comerciantes italianos carregavam cartas de apresentação, cartas de troca e salvo-condutos, e eles confiavam em contratos escritos. Pegolotti tinha uma carta de salvo-conduto do Rei da Inglaterra quando ele deixou as Ilhas Britânicas em 1321. Ele até deu informações ilustradas sobre as marcas dos comerciantes estampadas em pães de açúcar para proteger a propriedade e a qualidade.

Pegolotti incluiu informações sobre todos os intermediários cruciais da viagem pela Rota da Seda: o *calamancio* (intérprete), *alzatori* (guinchos, que carregavam e descarregavam mercadorias), *bastagori* (carregadores), *currattiere* e *sensali* (corretores), *scarsellieri* (correios), *scrivani* (escriturários e escrivães), *vetturali* (carreiros) e *tantaulli* (guardas). No segundo quarto do século XIV, as viagens de negócios eram apoiadas por indústrias que permitiam, protegiam e lucravam com as pessoas e os espaços das Rotas da Seda.

Da mesma forma, desde o início do século XIII, oficiais, mensageiros e mercadores mongóis carregavam um "passaporte" de metal, uma *paiza* , um selo carimbado de autoridade dado pelo preceptor imperial da corte mongol. A *paiza* representava um decreto do líder supremo dos mongóis, o grande khagan ou khan, de que o portador deveria ter permissão para viajar livremente, com inscrições implacáveis como "Aquele que não tem respeito será culpado" ou "Eu sou o emissário do Grande Khan: se você me desafiar, você morre". O testamento de Marco Polo se refere a tais tábuas, apresentadas a ele por Kublai Khan (reinou de 1260 a 1294) para garantir sua livre circulação pelas Rotas da Seda. Polo as guardou até sua morte, aparentemente como troféus materiais preciosos do privilégio de viajar livremente.

A principal pontuação da jornada de um viajante nas Rotas da Seda era fornecida pela instituição do caravanseraí (às vezes chamado pelo seu nome turco, *han*). Um caravanseraí era semelhante ao Hanse *Kontor* , ao *fondaco veneziano* e ao Muristan de Jerusalém que visitamos antes. Era, antes de tudo, um lugar para a hospedagem de uma caravana: ***um grupo de viajantes, que poderia incluir mercadores, peregrinos, estudiosos, servos, escravos, vagabundos e animais. Alguns caravanserais eram monumentais, elegantes, construídos para durar, embora as condições dentro deles não fossem necessariamente luxuosas. Cada caravanseraí, geralmente colocado a um dia de viagem de distância nas rotas principais, continha enormes quantidades de mercadorias e suprimentos; o historiador do século XII Geoffrey de Vinsauf descreveu o conteúdo como incluindo tudo, desde especiarias e sedas e 'almofadas caras' até armaduras, remédios, jogos de xadrez e cevada.

Um caravanseraí era geralmente fortificado ou defensivo, construído com paredes grossas, poucas ou nenhuma janela e apenas uma única entrada alta o suficiente para permitir que animais carregados – camelos, jumentos e cavalos exaustos – entrassem. Uma

vez lá dentro, havia um pátio ou salão central, uma espécie de centro, no qual as pessoas socializavam e comiam, os animais dormiam e descansavam, e pequenas barracas eram montadas para vender coisas entre os viajantes: não apenas especiarias e sedas, mas também itens essenciais para os viajantes, como ferraduras, roupas e calçados novos, recipientes para bebidas. Eles também vendiam comida para a viagem seguinte – melões, queijo, todos os tipos de frutas. Provavelmente também havia um poço, onde todos podiam obter água fresca, se ousassem. E havia mensageiros, mensageiros e profissionais do sexo para alugar. Alguns caravanserais tinham pequenos quartos individuais ao longo de corredores com arcadas, talvez em um segundo andar, mas era comum que os viajantes dormissem no chão, como no Muristan em Jerusalém, em paletes e colchões montados às pressas em cabines laterais semelhantes a celas.

Pegolotti listou cada caravansera (ou *gavazera* como ele chamava) em que as taxas alfandegárias eram cobradas, e o caravansera pode ser visto como o precursor de escritórios do governo local, redes postais e áreas de descanso na estrada. O caravansera também antecipou de certa forma uma rede internacional de hotéis, na qual o hóspede poderia ser confortado pela natureza previsível de sua hospedagem. Mas longe de ser como um palácio de luxo ou shopping internacional, um caravansera medieval era frequentemente mais como um celeiro ornamentado. Em seus corredores e recintos, os espaços eram reservados para os donos dos animais e seus servos humanos, onde as pessoas podiam se deitar em um colchão, não muito longe dos burros zurrando e do esterco maduro. Na verdade, os animais de carga podem muito bem ter sido considerados mais importantes do que muitos dos hóspedes humanos, pois os animais eram o principal meio de transporte e também representavam um investimento significativo. Em Aruch, na Armênia, o belo caravansera era construído ao redor de um salão central para abrigar os animais, com cochos trabalhados na alvenaria para seu feno e água. As criaturas que possibilitavam as jornadas estavam, portanto, no centro do caravansera.

Nos melhores caravanserais, os humanos podiam encontrar alojamento nas arcadas superiores. Nos vários pilares e salas laterais, às vezes havia latrinas, banhos, mesquitas e capelas, talvez um matadouro ou uma lavanderia, alojamentos para um médico, um veterinário, um atendente de banho, um imã, um carregador ou até mesmo uma pequena guarnição, depósitos cheios de mel, óleo, velas, hidromel, grãos, às vezes uma seção separada para hóspedes do sexo feminino. Cada caravansera tinha gatos para impedir que os ratos infestassem os depósitos de grãos.

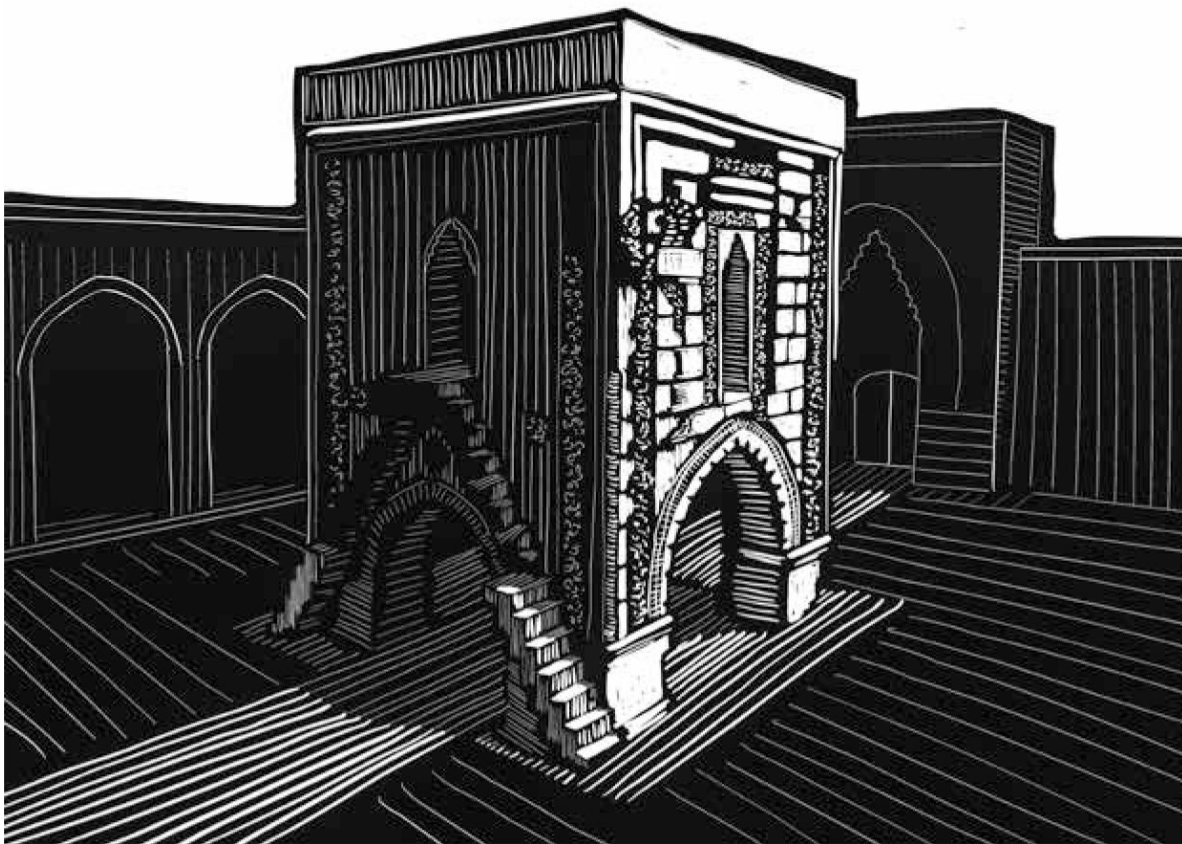
Restos de caravanserais podem ser encontrados ao longo das Rotas da Seda, de Chipre à China, mas especialmente na atual Turquia, Armênia, Geórgia, Iraque, Irã e Uzbequistão. Era comum que um caravansera fosse fundado por um príncipe ou bispo local, um ato de magnificência comercial e bem-estar social, tanto melhor para atrair pessoas e seu comércio para a área e conectar seu território a lugares muito além. No caravansera Orbelyan, construído em 1332 no alto do Passo Vardenyats armênio, uma besta alada e um touro esculpido decoravam a porta de tufo, ao lado de inscrições devotas misturando armênio, persa e turco, implorando àqueles que passavam para se lembrarem da caridade daqueles que o construíram. Apoiar as viagens poderia cumprir a injunção bíblica de dar comida aos famintos e beber aos sedentos, e acolher o estrangeiro (Mateus 25:35). Ou, como São Paulo alertou, nunca se esqueça da hospitalidade para com os hóspedes, porque

alguns, "sem saber, hospedaram anjos" (Hebreus 13:2). Nunca se sabia quem poderia estar na próxima caravana.

Pegolotti descreveu vários caravanserais na rota entre Ayas (Yumurtalık) e Tabriz e seu itinerário incluiu uma estadia no que ele chamou de 'Gavazera del Soldano', o 'Caravanseraí do Sultão'. Este era o luxuoso Tuzhisar Sultanhan, em uma antiga rota de Kayseri a Sivas. Foi um dos vários fundados, como seu nome sugere, pelo sultão seljúcida Kayqubad I (m. 1237). O exterior era decorado com padrões geométricos esculpidos e estrelas entrelaçadas sinuosas. Leões expressivos cabeças franzidas das bicas. Uma porta de coroa impressionante sugeria que alguém estava passando para o cuidado e conforto do sultão. Abóbadas elaboradas davam as boas-vindas ao visitante em um dossel de ordem celestial.

Ao entrar, havia dezenas de salas e fontes também. Então, passando pela seção de abertura, o visitante entrava em um grande pátio, parcialmente coberto, decorado com dragões se contorcendo em fitas de pedra ao redor dos arcos elaborados. Havia uma mesquita de quiosque elevada – um pequeno salão adornado sobre arcos – em frente à entrada. As alas abobadadas leste e oeste eram usadas para armazenamento e carregamento, e havia um balneário extremamente bem equipado com áreas quentes e frias.

Tudo no caravanseraí era configurado para viagens e mobilidade. Normalmente, ele poderia abrigar entre 50 e 200 hóspedes. Em sua transitoriedade, ele não era enfaticamente um destino, mas um posto de parada para outro lugar. Como tantas instituições para viajantes, o caravanseraí era um espaço imprevisível de mistura social, combinando costumes locais com pessoas de toda a Europa e Ásia. Não era caro; na verdade, se alguém não tivesse dinheiro, muitas vezes poderia ficar de graça por até três dias e, portanto, o tipo de pessoa que se encontrava lá era eclético, até mesmo aleatório.



Os diplomatas mercadores Giosafat Barbaro e Ambrogio Contarini descreveram em detalhes como era viajar nas Rotas da Seda do final da Idade Média. Tanto Barbaro quanto Contarini eram embaixadores venezianos em 'Ussuncassan' (Xá Uzun Hassan, falecido em 1478), governante do estado de Aq Qoyunlu (que cobria a maior parte do que é hoje o Irã e o Iraque). Barbaro fez várias viagens pela Pérsia e pelo Cáucaso, primeiro como comerciante (de 1436 até cerca de 1452) e mais tarde na vida como embaixador veneziano na Pérsia (de 1472 até 1479). Contarini viajou pela Pérsia e Turquia em 1474-7. Como embaixadores, sua tarefa era, em última análise, aliar o estado veneziano aos persas contra os turcos. Cada um deixou relatos detalhados de suas viagens. Seus escritos revelam a infraestrutura bem desenvolvida para viagens pelas Rotas da Seda, mas mostram como o progresso pode ser lento, árduo e perigoso.

Barbaro descreveu como ele e seu grupo viajaram do porto de Tana, no Mar Negro, usando uma espécie de trenó ('zena', do russo *sani*), com o qual navegaram pelos rios congelados. Era novidade para ele que os tártaros preferiam viajar no inverno, quando o solo estava congelado, em vez do verão, quando eram atacados por insetos que picavam. A jornada de Barbaro com os tártaros incluiu rebanhos de camelos e bois, e um grande número de cavalos (ele diz que uma caravana que encontrou na Pérsia incluía 4.000 cavalos). Em seu relato, as Rotas da Seda estavam movimentadas: 'cada rota estava cheia de

peessoas e animais seguindo seu caminho.' Cada viajante, ele disse, trouxe uma carroça de duas rodas com eles, coberta com esteiras de junco; viajantes mais ricos tinham coberturas de feltro ou tecido. Em algumas dessas carroças, os viajantes carregavam uma "casinha" com arcos de madeira, uma yurt, coberta com juncos, feltro ou tecido, "para que, quando se hospedassem, desmontassem essas casas para se hospedar". As mulheres na caravana usavam máscaras de crina de cavalo, "para defendê-las do sol escaldante em tempo claro". Algumas carregavam bebês de colo, a mão esquerda embalando o bebê e segurando o freio do cavalo, a mão direita conduzindo o cavalo, "batendo nele com um chicote preso ao dedo mindinho". Barbaro descreveu batedores na rota, viajando em qualquer lugar entre quatro e vinte dias antes do caravana. Eles carregavam odres de pele de cabra cheios de farinha seca à qual eles adicionavam um pouco de água para fazer uma pasta sustentável, suplementada por caça de caça na rota ou, na falta disso, comendo quaisquer ervas e raízes que pudessem ser encontradas.

Barbaro ficou em caravanserais e *fondachi*, em casas de hospedagem e em yurts portáteis quando viajou com uma caravana tártara. Em Yazd, ele visitou o *fondaco*, onde os mercadores se hospedavam e vendiam suas sedas e outras mercadorias em pequenas lojas, cada uma com cerca de 6 pés quadrados. Particularmente notável para ele eram as etiquetas de preço de papel nas mercadorias, pois o papel na Europa ainda era amplamente usado para luxos como livros.

Durante sua jornada, na cidade de Mardin, no topo da colina, famosa por suas sedas e fustões, Barbaro ficou em um albergue de viajantes fundado pelo irmão do senhor local. As pessoas aqui recebiam comida e "se pareciam pessoas de alguma estima, tinham tapetes colocados sob seus pés". Barbaro ficou surpreso com essa prodigalidade, pois os tapetes sozinhos pareciam valer mais do que a grande soma de 100 ducados cada.

Sentado sozinho no albergue um dia, ele foi repentinamente confrontado por um homem nu. De sua bolsa de pele de cabra, o homem, um sábio local, tirou um pequeno livro e começou a ler orações.

Ele se aproximou de Bárbaro e perguntou: "O que é você?"

Bárbaro respondeu: "Sou um estranho."

A isso o homem respondeu: 'Eu também sou um estranho neste mundo, e todos nós também; e por isso o deixei para me comportar desta maneira até o meu fim.'

Ele disse a Barbaro para desprezar o mundo, confortando-o com 'palavras boas e eloquentes'. Barbaro chamou a conversa mística de um 'evento estranho' e registrou-a como um encontro memorável. No caravanseraí e em outros alojamentos da Rota da Seda, tais encontros enigmáticos podiam ocorrer, pois mundos diversos eram reunidos em uma comunidade transitória, mas íntima.

Em Antalya, Barbaro ficou em um caravanseraí que funcionava como uma alfândega (o que não era incomum). Aqui ele tentou se manter distante, esperando a caravana partir, mas foi abordado por um homem que exigiu 5 ducados dele, como um imposto alfandegário, porque ele acreditava que Barbaro estava indo até Jerusalém. Barbaro tentou explicar que não iria até Jerusalém, e uma briga começou entre o homem que exigiu o pagamento e outro homem que havia garantido Barbaro. Xingamentos e socos foram lançados, e o homem que havia exigido o pagamento de Barbaro gritou para ele: "Seu idiota, você será um idiota para sempre!" enquanto Barbaro pegava seu cavalo e fugia do caravanseraí. Ele seguiu para Beirute, daí para Chipre e de volta para casa, para Veneza.

Todo o infeliz encontro tem o ar de um infeliz conjunto de mal-entendidos, onde confusões sobre idioma e cultura aumentam rapidamente, e o viajante de repente deseja estar em qualquer outro lugar que não aquele em que se encontrou.

Assim como Barbaro, Contarini ficou em alojamentos convencionais como caravanserais. Mas Contarini, um viajante menos resistente e menos contente que Barbaro, também descreveu a grande variedade de acomodações que teve que suportar. Em algum lugar perto de Zhytomyr, ele não conseguiu encontrar alojamento e foi obrigado a dormir em uma floresta perigosa, "infestada de homens descontentes", e sem comida para comer. Na Geórgia, ele também teve que dormir frequentemente na floresta.

Em uma pensão em Astrakhan, todas as joias e mercadorias de Contarini foram confiscadas e uma grande soma de dinheiro foi extorquida dele.

Em Qom, ele foi obrigado a passar duas noites em uma tenda, sofrendo com o frio extremo, enquanto tentava alugar uma pequena casa para se hospedar. Em outra ocasião, em Qom, Contarini e seu grupo ficaram doentes no caravanseraí com febre acompanhada de delírio, o que os fez dizer "muitas coisas insanas" e colocou sua segurança em risco.

Contarini também se queixava repetidamente da comida que tinha que comer nas Rotas da Seda: rabo de ovelha salgado em Astrakhan, uma omelete desesperada feita de ovos de pato e um pouco de manteiga em Derbent no Mar Cáspio, carne de cavalo rançosa em vários lugares, uma ceia desagradável com pão, nabos e um pouco de carne em Kutaisi e "leite de égua fedorento" em um acampamento tártaro. Visitantes ocidentais em Tataria frequentemente representavam os mongóis (frequentemente chamados de tártaros, especialmente na parte ocidental) como glutões vorazes. Contarini odiava a bebedeira forçada que ele encontrava, onde as pessoas bebiam estranhas bebidas alcoólicas e as impunham seus convidados. A hospitalidade – a recepção e o cuidado de estranhos – pode muitas vezes parecer se transformar em hostilidade, o estranho recebido como um inimigo.

No final de sua jornada, quando chegou a Derbent, Contarini estava esfarrapado: sua jaqueta forrada de pele de cordeiro estava toda rasgada, e por cima dela ele usava uma "pelisse muito lamentável" e, na cabeça, um gorro de pele de cordeiro. As pessoas que o viam se perguntavam se ele tinha dinheiro para comprar carne. Seus companheiros diziam que ele parecia ter acabado de sair de uma prisão de devedores.

Os relatos de Contarini e Bárbaro deixaram claro que os escravos e a escravidão eram características onipresentes das rotas da seda de Veneza à China. ⁺⁺⁺No porto de Poti, no Mar Negro (conhecido pelos venezianos e genoveses como Fasso), Contarini ficou em três ocasiões distintas na casa de uma mulher circassiana chamada Marta, escravizada por um genovês. Enquanto Marta lhe dava uma recepção calorosa, sua cama, ele reclamou, consistia em uma "miserável colcha" emprestada e ele ficou doente; Marta cuidou dele com um cataplasma de óleo e ervas. Barbaro recebeu oito russos escravizados em Tana pelo cunhado do imperador local, pelos quais ele fez um presente recíproco de algumas de suas mercadorias. O destino desses russos não é claro. Mais tarde, em Veneza, enquanto comprava vinho no Rialto, Barbaro viu dois homens tártaros acorrentados que haviam sido escravizados por catalães. Ao tentar escapar, eles foram "levados" pelo vinicultor veneziano. Barbaro reclamou com o notório *Signori di Notte*, que libertou os homens. Barbaro os acolheu por dois meses e descobriu-se que eles conheciam pessoas em comum do tempo que passaram juntos em Tana; um dos homens libertos chegou a afirmar que Barbaro inadvertidamente salvou sua vida durante um incêndio ali. Os homens

relembrou suas viagens e as repentinas reviravoltas da fortuna e extremos de cativeiro e liberdade que caracterizaram suas viagens. Barbaro eventualmente os enviou para casa, em um barco para Tana.

Naquela época, a escravidão era endêmica na região, apoiada e apoiada pelo comércio com o oeste. Barbaro descreveu como um franciscano chamado Thermo de Tana usou o dinheiro que ganhou pegando pássaros para comprar um garoto circassiano, o chamou de Petriche e o transformou em um frade. Em Poti, Contarini foi avisado por um certo Bernardino, um italiano, para não voltar para Tana, porque ele próprio seria escravizado. Em Tabriz, Contarini conheceu dois eslavos escravizados que se tornaram muçulmanos e que formaram uma amizade próxima com os servos de Contarini e deram ao próprio Contarini informações privilegiadas sobre os movimentos do xá. Meninos escravos, eunucos, escravos reais, escravos sexuais, presentes humanos entre governantes e prisioneiros de guerra escravizados, todos aparecem nas narrativas da Rota da Seda dessa época; Barbaro estima que em um acampamento tártaro havia 1.500 "escravos, pastores, mensageiros e semelhantes". A viagem é muitas vezes apoiada pela servidão, e viajar não é necessariamente ser livre.

A jornada através das Rotas da Seda envolveu grandes distâncias em terrenos inóspitos. Wadis crescendo com tamargueiras, giestas e oleandros deram lugar a planícies áridas pontuadas por pegadas de cascos, depois montanhas, depois desertos. Mas ao longo das Rotas da Seda havia cidades e vilas distintas, das quais uma das mais cativantes era Tabriz (também chamada de Tauris) no atual Irã. Situada na borda das Montanhas Aladaglar, onde encostas de óxido coloridas encontravam picos nevados, era uma cidade georgiana e azeri de rápido crescimento na Idade Média. Tornou-se a capital da dinastia mongol Ilkhanate em 1299 e mais tarde a capital do que os visitantes ocidentais chamavam de "Pérsia". [+++](#) Tabriz era extremamente rica, maravilhosa em sua arquitetura, seus jardins e as mercadorias em seus bazares.

O pai e o tio de Marco Polo eram parceiros comerciais, em parte baseados em Tabriz, pois procuravam expandir o alcance de seus negócios mercantis. empreendimentos. O próprio Marco visitou a cidade na década de 1270 a caminho da China e passou nove meses lá em sua viagem de volta; ele a encontrou "cercada por pomares lindos e exuberantes" e frequentada por genoveses, que a visitavam "para comprar os produtos que chegavam de terras estrangeiras": da Índia e Bagdá, Mosul e Ormuz. Mandeville, na década de 1350, descreveu Tabriz como a "mais conhecida" das muitas cidades "adoráveis" nas proximidades da Armênia.

Tabriz foi reconstruída por Mahmud Ghazan (m. 1304), o governante do Ilcanato Mongol que cobria o que é hoje o Irã, Iraque e a maior parte da Síria. Tabriz foi mobiliada com elegantes banhos, mercados e um caravanseraí nos portões de entrada e saída da cidade, bem como uma alfândega adjacente. A cidade foi, portanto, reconfigurada em torno da hospitalidade para comerciantes visitantes e para maximizar a eficiência com que o dinheiro era retirado deles por essa hospitalidade.

O diplomata espanhol Ruy González de Clavijo fazia parte da embaixada de Henrique III de Castela ao conquistador mongol Timur ('Tamberlaine', 1336–1405). Clavijo passou quase três meses na corte de Timur em Samarcanda em 1404, e deixou uma longa descrição de suas viagens, via Tabriz. Ao entrar em Tabriz, ele ouviu uma história sobre um

grupo de mercadores genoveses. Eles haviam comprado uma das colinas com vista para a cidade para construir um castelo e um posto comercial lá. Mas assim que começaram a construir sua fortaleza, o então sultão, Jalayir, renegou e disse a eles que eles eram bem-vindos para comprar e remover quantas mercadorias quisessem, mas os mercadores não tinham permissão para construir ou comprar seus próprios castelos. Os mercadores genoveses vieram apelar ao sultão, que ordenou que todos fossem decapitados.

Clavijo parece ter mantido um diário enquanto viajava e deu descrições detalhadas de muitas cidades na Pérsia. Ele achou a grande cidade de Tabriz encantadora e encantadora. Seu suprimento de água, por meio de canais de irrigação e condutos, era de particular interesse para ele. Ele notou os bebedouros e bebedouros públicos que, mesmo no verão, eram resfriados com pedaços de gelo (historicamente, a região realmente tinha magníficas casas de gelo com câmaras superiores e inferiores; o gelo era coletado no inverno, embalado em palha e mantido no subsolo durante os meses de verão). Os caravanserais eram construídos ao longo de 'estradas finas, com espaços bem dispostos'; por dentro, eles tinham apartamentos separados e lojas com escritórios. Nos mercados, sedas maravilhosas eram vendidas no 'imenso concurso de mercadores e mercadorias'. Ele descreveu as mulheres que vinham às lojas para comprar perfumes e unguentos; elas usavam um 'lençol branco' com o rosto coberto por máscaras pretas, então sua identidade era completamente desconhecida. Clavijo observou isso como um costume interessante, mas não fez nenhum comentário sobre isso e não o associou ao islamismo. Em vez disso, ele ficou impressionado com as mesquitas luxuosas, 'lindamente adornadas com azulejos em azul e dourado'.

Ao mesmo tempo, ele observou que muitos dos belos edifícios cívicos estavam em um estado dilapidado, demolidos sob o comando de Miran Shah (1366–1408), o imperador timúrida que havia conquistado Tabriz (e que, em 1408, após a visita de Clavijo, perderia a cidade e teria sua cabeça empalada em frente aos muros de Tabriz). Após nove dias em Tabriz, Clavijo teve uma impressão favorável da cidade e partiu com um grupo de cavalos dado pelo próprio Timur. Ele foi informado sobre o sistema confiável de retransmissores e casas de correios estabelecidos por Timur, cada um com um dia ou meio dia de intervalo, cada um deles contendo dezenas de cavalos para servir a estrada principal até Samarcanda. A infraestrutura de comércio e diplomacia conquistou espaço, entre barreiras geográficas, políticas e religiosas.

Algumas décadas depois, em 1474, Giosafat Barbaro ficou no caravansera em Tabriz durante sua visita ao 'Rei Assambei' (novamente, Xá Uzun Hassan). No caminho para lá, Barbaro foi atacado duas vezes: primeiro por alguns curdos, que mataram quatro de seus companheiros e roubaram suas mulas sumpter (animais de carga especialmente criados); Barbaro fugiu em seu cavalo. Pouco depois, um homem apareceu na estrada entre Khoy e Tabriz e exigiu ver as cartas de apresentação de Barbaro. Quando ele recusou, esse homem o atingiu com 'um golpe no rosto' que causou dor a Barbaro por cerca de quatro meses depois. Mas na corte real em Tabriz, Barbaro foi recebido cortesmente pelo monarca que, por meio de um intérprete, prometeu reparar suas perdas inteiramente.

Aproximava-se do alojamento do "rei" — a sala de recepção do sultão — através de um jardim fechado, um prado com paredes de barro cheio de belos enfeites, incluindo uma fonte sempre cheia de água. O 'rei' sentou-se em uma almofada feita de tecido de ouro, sua cimitarra ao lado dele, e todo o alojamento estava enfeitado com tapetes. Também estava decorado com mosaicos finamente trabalhados de cores diferentes. O 'rei' estava cercado

por seus conselheiros, cantores e músicos, tocando harpas, alaúdes, rabecas, címbalos e gaitas de fole, fazendo um som 'agradável'. Ele presenteou Barbaro com algumas vestimentas luxuosas: um vestido de pele, uma jaqueta, um cinto de seda e um capacete de bombazina. Barbaro foi então instruído a ir ao Tabriz maidan, o mercado principal, para assistir aos jogos semanais, onde lobos selvagens eram trazidos para lutar com homens. Mais tarde, em sua estadia em Tabriz, ele viu vários grandes felinos exóticos, elefantes, uma girafa e civetas. A corte parece ter sido repleta das maravilhas do oriente: rubis, sândalo, porcelana elegante e jaspe, pérolas, camafeus astutos, tendas bordadas com fios de ouro, pães de açúcar e deliciosos doces. O tempo de Barbaro em Tabriz, definido por seu refinamento, prazer e entretenimento, lembra os falsos paraísos que eram lidos avidamente em escritos de viagem europeus.

A estadia de Contarini em Tabriz pouco tempo depois não poderia ter sido mais diferente e mostra como os viajantes frequentemente vivenciam o mesmo lugar de maneiras radicalmente variadas. Ele achou a cidade perigosa e cara. No caravanseraí, ele foi recebido com sussurros abusivos e chamado de "cachorro". As pessoas diziam que ele tinha vindo para criar um cisma entre os muçulmanos.

O anfitrião disse a Contarini para se manter escondido e se esconder no caravanseraí. Quando seu grupo ficou com fome e precisou de provisões, Contarini, seu intérprete ou um companheiro de viagem chamado Agustino de Pavia teve que sair furtivamente para pegá-los. Contarini vislumbrou 'muitos bazares' cheios de sedas, 'e mercadorias de quase todos os tipos'. No entanto, ele foi reconhecido e abusado e disseram que ele deveria ser 'cortado em pedaços'. Eventualmente, ele deixou o caravanseraí de Tabriz, pois ele foi envolvido em um conflito local, e buscou refúgio na igreja armênia na cidade, onde obteve alojamento para seus grupos e seus cavalos.

A busca pelo Paraíso Terrestre estava no fundo da mente da maioria dos viajantes, embora muitos relatos do Paraíso sustentassem que era inacessível à humanidade. A escrita de viagem e a fantasia andam de mãos dadas, pois viajar é sempre sobre estar em outro lugar, um mundo que poderia ter sido na próxima esquina ou através da próxima passagem na montanha. Mandeville – que frequentemente descrevia lugares que não havia visitado e, além disso, que não existiam – escreveu laconicamente: "Não consigo descrever o Paraíso corretamente, porque não estive lá, e isso me entristece". Quando os escritores descreviam o Paraíso, às vezes era um jardim exuberante (as tradições edênica e islâmica), às vezes uma ilha (como na viagem de São Brandão), talvez um pico de montanha alta (como vimos na descrição da Etiópia) com uma nascente de onde corriam os grandes rios. Dizia-se que em uma jornada ao Paraíso era provável que se encontrasse a Tentação, à espreita em algum bosque ou cerca viva, e seria preciso esperar que a Esperança e a Perseverança aparecessem no caminho, para dar força e coragem para chegar ao destino final. Alguns pensavam que o Paraíso estava localizado em direção ao "fundo" do mundo - além da Etiópia e em direção à Antártida - enquanto outros sustentavam que ele estava no leste, além de Catai. No entanto, de escritores bíblicos a Cristóvão Colombo, é difícil encontrar um acordo sobre onde o Paraíso Terrestre deveria ser encontrado. Por exemplo, nos mapas "Beatus" que circularam amplamente na Europa dos séculos XII e XIII, o Paraíso é um recinto próximo ao Monte Líbano, no "topo" (leste) do mapa na borda da Ásia. No mapa-múndi Borgia, feito no sul da Alemanha ou Boêmia por volta de 1430, o Paraíso é um lindo

jardim no extremo nordeste (canto superior esquerdo), passando pela China. No mapa veneziano de Giovanni Leardo de 1442, o "paradoxo teresto" está em direção ao topo do mapa, a leste da Índia, e retratado como uma cidade magnífica - uma cidade não muito diferente da própria Veneza em aspecto.

Tão vividamente evocado quanto o Paraíso Terrestre era seu oposto: o falso paraíso que poderia seduzir o viajante descuidado.

O antigo geógrafo grego Estrabão (63 a.C. –23 d.C.) localizou um paraíso perdido ou falso na Índia. Ele escreveu que Alexandre, o Grande, foi informado sobre esta obscura terra de prazeres, que era uma coisa firmemente do passado. Ela tinha uma colheita permanente, fontes borbulhando com água, leite, mel, vinho e azeite de oliva. 'Por causa da abundância e do luxo', o povo se tornou preguiçoso e ímpio, e então o deus Zeus varreu tudo os prazeres, transformou-os em pó e fez as pessoas trabalharem para sempre. Muitas vezes é um consolo para os viajantes que aqueles lugares que fornecem prazeres transitórios também estão fadados à pobreza e ao conflito: um falso paraíso pode ser um lugar para ser visitado, mas ninguém gostaria de viver lá.

A partir do século XIII, a terra de Cockayne (Cockaigne, Cuccagna) era o falso paraíso mais amplamente representado. Cockayne ficava em uma costa distante, em algum lugar. O trabalho era proibido, sexo livre com parceiros dispostos estava disponível para todos e riachos sinuosos corriam com bebidas que davam juventude. O sol nunca se punha e as roupas estavam livres de piolhos. Porcos assavam-se voluntariamente enquanto tortas saborosas voavam pelo ar. As telhas da linda igreja de Cockayne eram feitas de bolos de trigo, e era possível arrancar a alvenaria doce e comer, comer e comer. Era uma terra de sonhos de fartura. Cockayne era um lugar apenas na poesia, um produto da imaginação ocidental, e histórias sobre isso frequentemente circulavam entre o público monástico: a Terra de Cockayne era uma fantasia para aqueles que não podiam viajar, para pessoas confinadas em um claustro. Cockayne zombou do mundo simples e austero em que um monge medieval tinha que viver, um mundo em que se esperava que alguém evitasse os pecados mortais da gula e do luxo o tempo todo. A fantasia de Cockayne virou isso de cabeça para baixo, com a ideia de que em algum lugar, no exterior, havia um lugar onde todos os apetites poderiam ser satisfeitos e até saciados: o derradeiro, mas pecaminoso, resort.

As Rotas da Seda abundavam em paraísos falsos semelhantes. O mais famoso deles era o jardim de prazer construído por Hassan Ibn Sabbah (m. 1124), que, nos mitos escritos sobre ele, era chamado de "o Velho da Montanha" e liderava sua seita de Assassinos. Historicamente, os "Assassinos" eram uma seita islâmica (um ramo dos Ismaili), mas foram representados fantasiosamente nos séculos subsequentes como hereges isolados cujos membros empreenderam missões suicidas em nome de seu líder semideus. Marco Polo, enquanto viajava pela Pérsia até a Índia, foi um dos primeiros europeus a relatar sobre o Velho da Montanha, dizendo que a história lhe havia sido contada "por muitas pessoas". Polo acrescentou o detalhe historicamente realista de que o "Xeque da Montanha" foi derrubado no ano de 1262 por um câ da parte sudoeste do império mongol, Hülegü (m. 1265), que sitiou o falso paraíso por três anos inteiros. Acreditava-se geralmente que este lugar era em algum lugar na Síria ou Pérsia e agora é identificada com a fortaleza Nizari Ismaili de Alamut no norte do Irã (destruída em 1256 por forças mongóis). A seita foi responsável pelas mortes de califas, cruzados, emires e atabegs, e por pelo menos duas

tentativas de assassinato de Saladino, mas também foi um sofisticado centro de aprendizado e espiritualismo.

O Velho e seu falso paraíso alpino assumiram suas próprias características imaginárias e macabras, que foram amplamente relatadas por viajantes e vieram a suplantar a realidade histórica de Alamut. Descrições do jardim do Velho revelam ideias de abundância e luxo paradisíacos: o mundo como um paraíso para tolos. O historiador alemão das Cruzadas, Arnold de Lübeck (m. 1212), localizou o Velho "no território de Damasco, Antioquia e Aleppo". Aqui, Arnold escreveu, o Velho, um príncipe, construiu muitos palácios lindos, cercados pelos muros mais altos. "Muitos filhos de seus camponeses foram criados desde o berço nesses palácios, e eles aprendem várias línguas, a saber, latim, grego, romance, árabe e muitas outras", instruídos pelos professores do príncipe até atingirem a idade adulta. Então eles estavam totalmente convencidos de que deveriam obedecer a cada palavra e comando do príncipe da terra e em troca lhes foi prometido um lugar no paraíso. No relato de Arnold, o falso paraíso era uma espécie de campo de treinamento militar secreto, que também era uma universidade nas montanhas, um lugar onde mentes jovens eram voltadas para os propósitos do Velho.

No jardim do Velho, os jovens recebiam narcóticos (geralmente haxixe, daí o nome da seita, Assassinos, os comedores de haxixe). Este narcótico os fazia cair em uma espécie de estupor atordoado de total flexibilidade. Neste ponto, o Velho garantiria a lealdade dos jovens, prometendo a cada homem que se ele concordasse em morrer, ele entraria neste paraíso eternamente e teria as jovens virgens para sempre (e tanto sexo com elas quanto possível e elas ainda permaneceriam virgens). E então cada jovem que viesse visitar faria uma promessa de ser leal ao Velho e eles se tornaram destemidos da morte, porque o lindo paraíso os esperava. Através deste truque, o Velho enviaria os jovens para os territórios de seus rivais. Os jovens leais e servis, entorpecidos com as poções mágicas do Velho e agora sem medo de morte e ansiosos por uma vida póstuma de sexo sem fim no paraíso, matariam os rivais do Velho, saqueariam suas riquezas, muitas vezes sacrificando-se no processo.

Mandeville, escrevendo por volta de 1356, delineou um 'castelo suntuoso e bem fortificado em uma montanha' que incluía 'o jardim mais bonito'. Este continha as ervas mais doces e as flores mais adoráveis, ao lado de 'fontes finas e também muitos salões e câmaras agradáveis decorados com ouro e azul-celeste'. Mandeville também incluiu o detalhe de que o Velho havia inventado 'vários entretenimentos, animais e pássaros que cantavam e se moviam em virtude de máquinas mecânicas como se estivessem vivos', sugerindo tanto engenhosidade técnica quanto os perigos da falsa aparência.

Na descrição do jardim feita por Mandeville, havia três moças virgens, ainda com menos de quinze anos, e três rapazes de bochechas rosadas da mesma idade. Todos usavam roupas douradas e eram apresentados aos visitantes como anjos. Eles se sentavam ao redor de três fontes agradáveis conectadas a um conduto subterrâneo, 'de modo que sempre que [o Velho] desejasse uma fonte corria com vinho, outra com leite, outra com mel. E ele chamou esse lugar de Paraíso.'

A história do Velho da Montanha e seu falso paraíso mostra uma desconfiança da civilização, violência espreitando por trás do artifício sedutor do jardim. A história reconhece o desejo dos viajantes tanto pelo Paraíso Terrestre quanto por seus falsos equivalentes. Viajantes medievais identificavam paraísos atuais ou antigos nos pomares

exuberantes, caramanchões suntuosos e bordéis atraentes que encontravam em sua rota. O peregrino flamengo Joos van Ghiste, viajando pelo Egito em 1481, vislumbrou ricos comerciantes se entregando em casas de veraneio e pavilhões de prazer perto do Cairo. Esses homens afortunados desfrutavam de banquetes e festas orgiásticas com belas mulheres. Van Ghiste comentou que era como se o Paraíso Terrestre e o Paraíso Celestial se unissem em um só. Como um mero viajante de passagem, ele podia olhar admirado, aliviado por ser excluído de seus encantos enganosos.

O Velho da Montanha não prosperou. Em algum momento, todos os outros senhores locais souberam de sua artimanha. Eles marcharam juntos em seu castelo, com seus exércitos de arqueiros e elefantes, e o mataram e destruíram seu falso paraíso. .

Viajantes posteriores não tinham certeza sobre onde exatamente o castelo do Velho tinha estado, mas, ao seguirem pelas Rotas da Seda, eles frequentemente passavam por restos e ruínas, escombros atraentes que falavam de consequência perdida e poder desbotado. Isso fez com que alguns se perguntassem se eles tinham tropeçado nos últimos vestígios do falso paraíso do Velho da Montanha.

Durante suas viagens pelas Rotas da Seda, Giosafat Barbaro soube de um certo frade dominicano chamado Vincent, um nativo de Caffa, sobre violentas derrotas no ano de 1486 dos povos locais por muçulmanos fervorosos. Um desses lugares que havia sido atacado era 'o país de Gog & Magog', em algum lugar perto das Montanhas Cáspias. Esta era uma nação, Vincent lhe disse, de cristãos que seguiam o rito grego e tinham sido violentamente assassinados. Barbaro parece ter aceitado que havia uma terra chamada 'Gog & Magog', um lugar e um povo repetidamente mencionados por viajantes, mas também sem coordenadas fixas ou mesmo uma religião fixa.

Na Bíblia, há uma menção enigmática de 'Gog & Magog', ao mesmo tempo uma pessoa ou povo, uma tribo e um lugar. No Apocalipse está escrito que, após 1.000 anos de tranquilidade, Satanás será solto para 'seduzir as nações ... sobre os quatro cantos da terra, Gog e Magog', reunindo-os todos juntos em batalha (Apocalipse 20:7-9). Então Gog & Magog se espalharão sobre 'a largura da terra', abrangerão 'o acampamento dos santos' e a 'cidade amada' (Jerusalém). E um fogo descerá do céu e os devorará. Aqui Gog & Magog foram entendidos como representantes das forças de Satanás em uma última tentativa de vencer a cristandade, e foram uma pedra angular do pensamento milenar, da batalha épica que viria após 1.000 anos.

Na Idade Média, Gog e Magog passaram por muitas transformações. Como um lugar (geralmente uma cadeia de montanhas) ou como um povo, Gog e Magog eram considerados como estando localizados em algum lugar nas Rotas da Seda: nas Montanhas do Cáucaso ou "além" da China. Às vezes, dizia-se que Gog e Magog estavam em Derbent, no Mar Cáspio. O nome de Derbent vem do persa *dar-band*, "portão trancado": Alexandre, o Grande, teria aprisionado as tribos de Gog e Magog aqui atrás de portões ou muros fechados, impedindo-os de impor seus desígnios ao resto do mundo. O franciscano espanhol de c. 1350, que alegou ter estado na Etiópia, também disse que residiu no "castelo de Magog", uma fortaleza maravilhosa construída de ferro magnético acima do Rio Magog. Tinha um castelo equivalente de Gog do outro lado do vale, e 10.000 homens podiam residir em cada um. Entre os dois havia um conjunto de portões de ferro, fechando a entrada para Tataria.

Em um conjunto complicado e elaborado de transformações, essas tribos fechadas se moveram para o leste na imaginação ocidental, parecendo refletir os medos crescentes de incursões dos grupos tribais pela Ásia. Os portões do Cáspio de Alexandre até se tornaram a Grande Muralha da China em alguns relatos do século XIV. Ibn Battuta, um viajante infatigável de Tânger, no noroeste do Marrocos, escreveu que a Grande Muralha de Gog e Magog ficava a sessenta dias da China. "Este território", disse ele, "é ocupado por tribos errantes de pagãos, que comem as pessoas que conseguem capturar, e por essa razão ninguém entra em seu país ou tenta viajar para lá." Ele disse que só tinha ouvido falar sobre isso de pessoas que nunca tinham estado lá.

O povo de Gog e Magog foi representado igualmente de várias maneiras – seja como um grupo de canibais judeus de língua hebraica que estariam presos dentro dessas montanhas (esperando que o Anticristo os libertasse e os levasse para a cristandade, como no relato bíblico) ou como tártaros. Às vezes, eles eram considerados gigantes ou praticavam incesto ou amor livre ou envenenavam poços em um esforço para espalhar a praga. Uma tradição intimamente relacionada se desenvolveu, especialmente na Alemanha, de um grupo chamado de "judeus vermelhos", que habitavam uma terra no leste e um dia invadiriam a Europa, durante o Apocalipse, buscando dominar a cristandade.

O guia de viagem do século XIV de Mandeville apresentou uma descrição reveladora de Gog e Magog. Segundo ele, o povo judeu de dez tribos bíblicas perdidas vivia lá, limitado por muros, montanhas e o Mar Cáspio. Eles escolheram não escapar pelo Cáspio porque não sabiam para onde ele os levaria. No relato de Mandeville, eles falavam uma língua secreta que nenhum outro homem conhecia, e por essas razões "os judeus não têm terra própria adequada", exceto esta espaço fechado entre as montanhas; e mesmo por isso eles tinham que pagar tributo à Rainha da Armênia. A descrição de Mandeville de Gog & Magog traz à tona uma questão crucial para o viajante: 'terra' ou 'nação' é uma questão de linguagem? Ter uma 'terra própria' é o que torna um povo um povo? As definições medievais de 'nação' tendiam a unir linguagem, costumes e religião. Gog & Magog pode ser visto como uma tentativa de pensar sobre o que significa ser uma diáspora, ser um povo sem uma 'terra própria', em um mundo em que a identidade cultural era derivada de terra e linguagem.

A representação mutável de Gog e Magog exibe muitas características das culturas de viagem medievais. Os lugares eram frequentemente extrapolados de vagas referências bíblicas ou históricas. Esses lugares eram altamente móveis, atendendo às necessidades do visitante em vez das especificidades da geografia. Gog e Magog representavam um lugar vagamente apreendido, mas claramente moralizado; era uma paisagem moral esperando que o mundo a reivindicasse. As fantasias de Gog e Magog eram impregnadas de fantasias de chegar ao fim dos tempos e aos confins do mundo. Gog e Magog também representam o antissemitismo completo de muitos viajantes cristãos medievais que, mesmo quando curiosos e receptivos a novas culturas e maravilhas no exterior, reservavam um ódio cruel ao povo judeu onde quer que fossem encontrados. Era como se viajar pelas Rotas da Seda dependesse da conjuração de adversários guerreiros, cujas mentes estavam voltadas para a conquista da Europa. Ao longo da história ocidental da escrita de viagem, assim como ao longo da literatura medieval, os residentes e visitantes judeus tendem a funcionar como estranhos primitivos, representados como inimigos da cultura cristã e fundamentalmente ameaçadores. Nessa forma de conhecimento, a dinâmica de poder real da Europa cristã, na

qual as comunidades judaicas formavam uma minoria minúscula e combativa, foi invertida, com uma fantasia que via os cristãos como exploradores perseguidos e dava uma agência ameaçadora a agressores judeus imaginários, nas profundezas dos limites secretos das Rotas da Seda.

As criaturas da Índia

Aqui seguem alguns tipos de criaturas monstruosas da Índia:

- Cobras tão grandes que sua dieta consiste principalmente de veados.
- Um animal chamado leucrocota, com corpo de jumento, ancas de veado, peito e pernas de leão, cascos de cavalo, um chifre bifurcado e um rosto quase humano.
- Touros tawny cujos pelos ficam em pé de uma forma hedionda. Eles têm uma cabeça imensa e sorriem de boca aberta de orelha a orelha. Eles podem estender seus chifres para a batalha, e qualquer míssil ricocheteia em suas peles duras. Eles não podem ser domados.
- A besta chamada manticora também é encontrada na Índia: tem um rosto humano, três fileiras de dentes, um corpo de leão com uma cauda de escorpião e olhos ardentes. É de cor vermelho-sangue e sibila como uma cobra. Alimenta-se de carne humana e pode correr mais rápido que um pássaro voando.
- O unicórnio também é encontrado lá, com corpo de cavalo, cabeça de veado, pés de elefante e rabo de porco. No meio de sua testa há um único chifre, de quatro pés de comprimento, brilhante e incrivelmente afiado. O unicórnio é muito feroz e tem um rugido terrível; ele transfixa qualquer coisa em seu caminho com seu chifre. Ele pode ser morto, mas não pode ser domado.
- Há caranguejos também, com pinças de seis côvados de comprimento. Eles podem agarrar elefantes e afogá-los debaixo d'água.
- O Oceano Índico produz tartarugas, com cujas carapaças as pessoas constroem casas espaçosas para si mesmas.

Timur (1336–1405), Shah Rukh (1377–1447) e Miran Shah (1366–1408).

*** 'Caravanserai' vem do termo persa para *saray*, 'palácio, recinto', para uma caravana.

+++ Em muitas línguas (por exemplo, inglês, francês, alemão, italiano, português, espanhol, sueco), a palavra medieval e moderna "escravo" deriva de eslavo: onde e quando isso se originou permanece um debate, mas reforça o contexto histórico no qual o comércio de escravos europeu medieval extraiu a maior parte de sua fonte humana da Europa Oriental e do Cáucaso, especialmente circassianos. Broquière, viajando pelo Oriente Médio, ficou incomodado com a escravidão que viu, incluindo em Damasco a venda de uma jovem negra, de não mais de quinze ou dezesseis anos, conduzida pelas ruas quase nua.

+++ Os impérios Jalayirid, Qara Qoyunlu e Aq Qoyunlu dos séculos XIV e XV.

11. Da Pérsia através da Índia

Ormuz – Calicute – Cochin – Maldivas – Terra dos Brâmanes

Agora seguimos a rota para sudeste, seguindo os ventos quentes e cruéis até o grande porto de Ormuz, no Golfo Pérsico. Esta era uma rota popular da vastidão do Deserto Árabe para as ricas maravilhas da Índia. Se alguém não viajasse para a Índia e a China por terra, poderia pegar a rota mais rápida e sem dúvida mais segura pelo mar. Por volta de 1400, a passagem marítima se tornou mais estabelecida do que a rota terrestre, com a viagem para o leste começando no Estreito de Ormuz, onde o Golfo Pérsico se abre para o Mar Árábico.

Os portos do lado persa do estreito – especialmente o próprio Ormuz – eram os principais refúgios para comércio e troca entre a Índia, a Arábia e o Oceano Índico. Por causa das incursões contínuas dos exércitos mongóis, toda a cidade de Ormuz foi realocada por volta de 1300 do continente para a pequena ilha de Djarun, um pico áspero feito de areias vermelho-ocre brilhantes e sal. Mais tarde, a 'Nova Ormuz' medieval era uma cidade marcadamente multicultural, com mercadores e navegadores da China, Gujarat e Armênia se misturando com corretores, advogados e missionários venezianos e genoveses. Cerca de 50.000 pessoas viviam densamente aglomeradas em cerca de cinco milhas quadradas. Ormuz tinha bazares magníficos e centenas de embarcações atracavam em seus portos, galeras italianas balançando ao lado de dhows feitos de cascas de coco presas por fios e pinos de madeira. Marco Polo, visitando Ormuz após viajar pela Pérsia na década de 1270, notou que 'todos os tipos de especiarias, pedras preciosas e pérolas, tecidos de seda e ouro, presas de elefante e muitos outros produtos' estavam sendo vendidos lá. Mas ele ficou perturbado pelo clima 'tórrido' escaldante e pelo costume local de mergulhando até o pescoço na água para escapar do calor dos ventos do deserto de verão. Polo chamou Hormuz de um lugar "insalubre".

Outros visitantes também achavam que era melhor evitar Hormuz: seu clima escaldante parecia refletir uma corrupção mais ampla. Odoric de Pordenone foi um dos escritores de viagens mais importantes da Idade Média europeia. Ele era um missionário franciscano intrépido e loquaz, descrito por contemporâneos como de pequena estatura e barba vermelha bifurcada; ele viajou com outro frade, James da Irlanda, sobre quem muito pouco se sabe. O mundo de Odoric abrangia a vila friulana de Pordenone, onde ele cresceu, 75 quilômetros a nordeste de Veneza, e uma estadia de três anos na corte do grande câ na China. Seu relato de suas viagens se tornou muito lido e muito imitado. Ele visitou Hormuz em 1318 e disse que o calor lá era "incrível" e "perigoso", e que não havia árvores nem água doce. Ele descreveu como o calor fazia os testículos dos homens penderem pelas pernas até os joelhos. Na década de 1350, John Mandeville elaborou o relato de Odoric, dizendo que o calor fazia 'os testículos dos homens caírem até as canelas'. Isso era 'devido à sua considerável degeneração física'. Os moradores locais sabiam como amarrar os testículos, untando-os 'com uma pomada especial para mantê-los eretos'. Caso contrário, esses homens morreriam. Alguns manuscritos do guia de viagem de Mandeville incluem fotos dos

homens de Ormuz, seus vastos testículos caindo pelas pernas como membros extras e disformes.

Tais rumores testiculares podem simplesmente refletir aquela licença milenar, por meio de viagens, de rir dos absurdos e da falta de confiabilidade do corpo humano. Mas a ideia de que o calor de Ormuz fazia os testículos dos homens caírem até as canelas veio do encontro de viajantes com diferentes versões da "natureza", incluindo o clima. Enquanto os primeiros geógrafos acreditavam que a zona equatorial tórrida era inabitável, na época de Odoric e Mandeville entendia-se que, embora as pessoas vivessem lá, os trópicos existiam em uma espécie de justaposição bizarra às terras temperadas e civilizações "equilibradas" da Europa. A natureza fazia coisas estranhas aos habitantes e o calor escandaloso de Ormuz se refletia nos corpos dissolutos de seus homens.

Odoric chamou Hormuz de 'porta de entrada para a Índia'. A cidade também era então a porta de entrada para o estranho, o maravilhoso e o assustador. As coisas em seu bazar seguiriam para os mercados e lares da Europa Ocidental. No entanto, em Ormuz, o viajante europeu havia deixado a Terra Santa para trás e também a cristandade. Costumes, clima, comida, até mesmo corpos humanos, haviam se tornado desconhecidos e surpreendentes.

De Ormuz, os navios atravessavam o Mar Árábico e o Oceano Índico, seguindo a principal rota marítima leste-oeste. Essa rota conectava a Europa e o Oriente Médio ao grande território da Índia, nomeado em homenagem ao rio Indo que descia das montanhas no lado noroeste do subcontinente.

A terminologia medieval da Índia abrangia todo o subcontinente, do que é hoje o leste do Irã até Mianmar e além. A Índia era convencionalmente dividida em três partes. De acordo com a definição de Mandeville, essas eram a Índia Menor, uma região temperada; a Índia Maior, uma região escaldante; e o norte da Índia, uma região montanhosa e gelada. O viajante veneziano Nicolò Conti descreveu a primeira parte da Índia como sendo da Pérsia ao rio Indo (hoje Afeganistão e Paquistão); a segunda parte do Indo ao Ganges (ou seja, a seção norte da Índia, hoje Gujarat, Rajastão, Punjab, Uttar Pradesh e Nepal); e a terceira parte, "tudo o que está além": o sul do subcontinente indiano, incluindo Sri Lanka, e o que são agora Bangladesh e Mianmar. Para Conti, esta terceira parte era a mais suntuosa, rica, elegante: as pessoas aqui, ele disse, "levam uma vida mais refinada, afastada de toda barbárie e grosseria". Os homens eram extremamente humanos e os comerciantes muito ricos.

Cada viajante para a Índia tinha sua própria ideia de como a geografia teórica do subcontinente se encaixava nos lugares que eles estavam visitando. A própria Índia era frequentemente descrita como compreendendo milhares – talvez 5.000 – 'ilhas' ou territórios, uma paisagem de variedade e diversidade quase infinitas. Apesar da familiaridade dos produtos indianos nos mercados europeus, a 'Índia' – como uma ideia – era relatada como um lugar de abundância e estranheza, maravilhas, ídolos e prodígios naturais, com muito a ensinar ao viajante atento. Os viajantes europeus leram sobre a enorme riqueza e os jardins de prazer indutores do nibbana eles provavelmente encontrariam lá. E algumas experiências de viajantes na Índia pareciam ecoar ou confirmar isso: eles encontraram frutas estranhas e especiarias picantes quase livremente disponíveis, palácios incríveis forjados em materiais exóticos e príncipes não cristãos que extraíam riquezas deslumbrantes e poder absoluto de enormes populações.

Na Índia, a natureza chocava a cada momento. O ar estava denso de calor; parecia que se estava respirando caldo. Mosquitos gordos pairavam preguiçosamente no ar, incomodando o pescoço, os pulsos e os tornozelos. Cobras reticuladas três vezes mais longas que um homem rastejavam pelas ruas da cidade, enquanto elefantes saíam enfeitados com castelos em cima de suas costas. Macacos sorridentes e astutos e gatos selvagens malhados atacavam os viajantes tolos o suficiente para pegar as estradas depois de escurecer. No céu noturno, o mapa das estrelas era todo diferente, como se o grande pano pintado do firmamento tivesse sido torcido. Odoric de Pordenone, visitando a Índia em 1318, disse, em resumo, "em todo o mundo não há maravilhas como no reino da Índia".

O missionário franciscano Jordan de Sévérac, viajando pela Índia em 1329, repetidamente descobriu que não conseguia descrever o que via lá: o calor "perfeitamente horrível" era "mais intolerável para estranhos do que é possível dizer". A manga, que ele chamava de *aniba* (uma versão de seu nome marata), era "uma fruta tão doce e deliciosa que é impossível expressar em palavras". As árvores da Índia eram tantas e tão diversas que "descrevê-las estaria além da compreensão do homem". Se a escrita de viagem é uma forma de conhecimento, uma maneira de dominar o lugar, então a Índia consistentemente escapou de tal maestria: era impossível descrever.

Especiarias indianas, pedras preciosas, perfumes, linho, até mesmo papagaios e gatos, eram exportados para o oeste, para o Oriente Médio e daí para a Europa, produtos básicos para consumidores ricos em todo o mundo. Os documentos medievais arquivados na *genizah do Cairo* (um depósito de sinagoga) mostram uma gama incrivelmente ampla de objetos sendo comercializados para o oeste, saindo da Índia: odres cheios de peixe em conserva, cocos (e raspadores de coco), tapetes, ratoeiras, equipamentos de pesca, artigos de vidro. Não é de surpreender que as partes da Índia mais conhecidas pelos viajantes do oeste fossem os portos mercantes na costa ocidental da Índia: Khambat no norte, Thane (agora um subúrbio de Mumbai), Calicute (Kozhikode), Cochim e Kollam no extremo sul.

O comerciante veneziano Nicolò Conti deixou dois relatos de suas viagens na Índia: o primeiro ele deu ao viajante espanhol Pero Tafur quando se encontraram no Sinai em 1437 e o segundo ele contou mais tarde ao humanista italiano Poggio Bracciolini (1380–1459) quando se encontraram em Roma. Conti passou muitos anos no Oriente Médio e na Índia, envolvido no comércio de ouro e especiarias. Depois de viajar até Java, ele ficou por meses na Costa Malabar, no sudoeste da Índia, provavelmente em 1419–20. Seu relato, conforme dado por Bracciolini, combina descrições totalmente prosaicas da circunferência de cada cidade com voos de fantasia.

A primeira observação de Conti sobre Malabar foi a riqueza de gengibre, pimenta, pau-brasil e canela. Todas essas eram ricas escolhas para o mercado europeu. Mas ele imediatamente também apontou as enormes cobras ('seis varas de comprimento', quase sete metros), inofensivas a menos que irritadas, e atraídas por crianças pequenas. Embora isso pareça ser uma descrição de uma píton, os outros animais que ele diz ter visto lá são mais difíceis de identificar: gatos voadores (talvez colugos ou lêmures voadores) que voavam 'de árvore em árvore estendendo seus pés e sacudindo suas asas'; uma inofensiva serpente de quatro patas com uma 'cauda oblonga' cuja carne era apreciada 'como o melhor tipo de alimento'; uma serpente alada de sete cabeças que poderia matar um homem apenas com seu hálito, vivendo nas árvores.

Atenção: Nesta região há hipopótamos vivendo tanto na terra quanto na água. Eles são meio homem, meio cavalo e adoram comer nada mais do que homens quando conseguem.

Conti ficou particularmente impressionado com a importante cidade portuária de Calicute. Calicute era um lugar familiar para viajantes ocidentais, mencionado por Plínio e Ptolomeu mesmo nos tempos antigos como uma fonte de pimenta. Conti achou que era "um nobre empório para toda a Índia", vendendo papel, gengibre, canela, laca (resina de goma-laca), ameixas cereja e o precioso zedoary (raiz de açafrão branco, usada para remédio estomacal no oeste medieval). Calicute foi o principal porto ocidental da Índia no século XII a séculos XIV (e deu ao Ocidente o tecido de algodão cru 'calico').

Foi em Calicute em 1498 que o navegador português Vasco da Gama desembarcou, quando uma "multidão de pessoas, todas morenas e nuas, afluíram à praia, cobertas apenas com panos até a metade da coxa, com os quais escondiam sua nudez". O biógrafo de Da Gama, Gaspar Correia (1492–1563), afirmou que, para os moradores locais, os portugueses eram algo "que eles nunca tinham visto antes". Esse tom de admiração e a pose autoengrandecedora de serem os primeiros a chegar são difíceis de conciliar com a história medieval da Costa do Malabar, cujos portos tinham uma longa história de boas-vindas a estrangeiros. Em 1400, a área era profundamente cosmopolita. É inconcebível que os moradores locais não tivessem visto comerciantes estrangeiros antes, já que a cidade foi por muitos anos central para as rotas das especiarias e da seda.

A partir da década de 1340, Cochim começou a rivalizar com Calicute como o principal porto ocidental. Cochim, um promontório em uma ilha, foi transformado por uma enchente em 1341, que destruiu o antigo porto próximo de Kodungallur (Cranganore) e criou um profundo porto natural ao lado do promontório. Cochim sempre teve uma população diversificada, incluindo muitos budistas, hindus e muçulmanos, bem como cristãos que seguiam o rito siríaco oriental ('nestorianos') e adoradores judeus que fundaram uma sinagoga em Cochim em 1344. Em 1405, a família principesca Perumpadappu Swaroopam mudou sua capital para Cochim e a cidade floresceu. Os portugueses desembarcaram lá em 1500 e a ocuparam em 1503; em 1524, Vasco da Gama seria enterrado lá, na Igreja de São Francisco, frequentemente chamada de primeira igreja cristã fundada por europeus na Índia. Os produtos comercializados a partir de Cochim e da Costa do Malabar eram muito valorizados no oeste e tornavam a área incrivelmente rica: a abundância ali seduzia os visitantes ocidentais, embora eles estivessem mais preocupados com os costumes e religiões locais.

Ao desembarcar em Cochim por volta de 1400, o visitante teria sido recebido por enormes estátuas de pedra, de barriga redonda e guirlandas, de Krishna e Shiva, ao lado de relevos seculares de dançarinos nus. Os edifícios ornamentados de vários andares eram guardados por legiões de animais esculpidos, e até mesmo as moedas locais tinham pequenos animais estampados nelas. O local as estátuas tinham um nível de delicadeza e complexidade, e eram esculpidas em materiais preciosos que eram amplamente desconhecidos na Europa. Os templos eram trabalhados em madeira escura local, vivos com tigres saltadores esculpidos. Os frontões eram coroados com um majestoso elefante sentado, o pacífico e sábio deus Ganesha, simbolizando sabedoria, compreensão e remoção de obstáculos. Outras estátuas lembravam os santos da Europa, esculpidas com seus atributos simbólicos, mas na Índia elas eram frequentemente ousadamente nuas, mamilos e falos orgulhosamente exibidos, e com partes de animais. À primeira vista, figuras da

deusa-mãe Varahi, de pé segurando um bebê em seu peito, pareciam semelhantes à Virgem Maria. Mas Varahi tinha uma cabeça de porca, às vezes presas, e um aspecto de vingança em vez de mansidão.

Conti advertiu fortemente Pero Tafur, quando se encontraram no Sinai, contra ir para a Índia. De acordo com Tafur (cujo relato sobre Conti difere um pouco do de Bracciolini), Conti havia passado cerca de quarenta anos na Índia e a conhecia muito bem: na verdade, ele havia se casado com uma mulher indiana, um casamento feito por um príncipe local, e teve três filhos, todos nascidos na Índia. Conti alertou sobre a rota "longa e problemática" entre a Índia e a Europa (ele próprio foi forçado a se converter ao islamismo em Meca). Na Índia, o visitante teria que lidar com raças estranhas sem leis ou governantes, o ar incomum, a comida e bebida diferentes, as pessoas bestiais (ele alegou ter visto canibalismo) que, segundo ele, eram incapazes de se governar. Conti parecia estar dizendo que a Índia não era um destino para o turista curioso (o próprio Tafur ansiava por ir à Índia apenas por curiosidade). De acordo com Tafur, Conti disse a ele: "Você verá montes de ouro, pérolas e pedras preciosas, mas de que elas lhe aproveitarão, já que as pessoas são bestas que as usam?"



Depois de ouvir as histórias de Conti sobre a Índia, Tafur desistiu de seus planos de visita. Ele escreveu resignadamente: "Concluí que se eu não voasse para lá, seria impossível fazer a viagem."

Afanasiy Nikitin era um comerciante bem relacionado da cidade de Tver, a oeste de Moscou. No final da década de 1460, Nikitin deixou sua cidade natal para viajar para a área ao redor do Cáucaso e da Pérsia ocidental com uma caravana de comerciantes, buscando novos mercados com a permissão de Mikhail (m. 1505), o jovem Grão-Príncipe de Tver. Nikitin partiu com um grupo misto de comerciantes russos e persas, viajando pela rota comercial estabelecida do baixo rio Volga. Mas, como aconteceu com muitos viajantes na época, as circunstâncias intervieram: depois de se esconder em uma passagem iluminada pela lua para Astrakhan, Nikitin foi perseguido e baleado, seu barco encalhou em armadilhas para peixes, sua bagagem foi saqueada, ele naufragou em uma tempestade e foi roubado novamente. E assim, incapaz de pagar por sua passagem para casa e levado pela providência infeliz e pela necessidade de recuperar múltiplas perdas, ele se afastou de sua rota pretendida e deixou seus companheiros de viagem. Ele visitou Baku, onde se maravilhou com o combustível de nafta queimando no solo com fogo inextinguível. Ele viajou pela Pérsia por alguns anos. Em Jahrom, ele se maravilhou com o gado alimentado com tâmaras. Ele chegou a Ormuz na primavera, provavelmente de 1469; ele celebrou a Páscoa lá.

Familiarizado com as florestas frias e os invernos nevados do oeste da Rússia, Nikitin achou o calor de Ormuz surpreendente. Lá, ele disse, "o sol é escaldante e queima os homens". Mas ele também notou que a cidade era "uma vasta empório de todo o mundo; você encontra lá pessoas e bens de toda descrição, e qualquer coisa que seja produzida na terra você encontra em Ormuz". Ormuz era uma espécie de encruzilhada dos oceanos. Nikitin, sozinho e inseguro, mas engenhoso e empreendedor, se viu em bazares sedutoramente cheios de mercadorias.

De Ormuz, Nikitin embarcou em uma jornada épica e surpreendente que foi muito além do escopo mercantil de seu projeto inicial e foi registrada por ele em uma narrativa desordenada que compreende várias notas e reminiscências. Ele navegou pelo Mar Árabe, milhares de quilômetros, até a Índia. Chegando à Índia no final do ano, ele se estabeleceu lá por três anos, trabalhando como negociante de cavalos. Ele passou um tempo em Junnar, uma cidade antiga a um dia de viagem da costa, situada em um penhasco rochoso cercado por florestas infestadas de gatos selvagens. Ele observou como o Khan de Junnar tinha elefantes e cavalos para montar, mas às vezes escolhia montar seus assistentes masculinos, homens que haviam sido capturados ou comprados das tribos da Ásia Central de Khorasan. Nessa época, Junnar fazia parte do sultanato Bahmani, um poderoso reino muçulmano que cobria grande parte da região oeste e central do subcontinente indiano.

No início, os indianos seguiam Nikitin para onde quer que ele fosse, paralisados pela brancura de sua pele e pelas roupas que cobriam todo o seu corpo. Por outro lado, Nikitin descreveu as pessoas de pele escura da Índia, chocadas e excitadas por sua nudez, pelos seios nus das mulheres e pela prostituição "perversa" das mulheres Bahmani.

Ele descreveu o tipo de pousada indiana (às vezes chamada de *dharmasala*, *sarai* ou *sattra*) para comerciantes estrangeiros. Hospícios e abrigos com comida e uma cama eram frequentemente gratuitos para viajantes, pois apoiavam o comércio. Nikitin diz que a senhoria preparava a comida, arrumava a cama e depois fazia sexo com o hóspede. Ele acrescentou que as mulheres locais pareciam gostar de homens brancos. Elas faziam sexo com seus maridos durante o dia e à noite iam até os homens estrangeiros, trazendo doces e condimentados para o estrangeiro e às vezes até oferecendo dinheiro ao homem para fazer

sexo com elas, "porque gostam de estranhos e pessoas brancas". Em um local de peregrinação e feira comercial dedicado à deusa hindu Parvati, Nikitin observou o preço "barato" das mulheres e deu ao seu leitor uma tarifa: 2 moedas de prata *jital* para relações sexuais com uma mulher; 4 moedas de ouro *varaha* para relações sexuais com uma mulher bonita; 5 *varaha* para relações sexuais com o que Nikitin parecia considerar a mulher mais atraente: uma moça bonita, de pele escura, "toda preta com mamilos pequenos e bonitos". Viajar é refletir sobre sexo e descoberta sexual: agora chamamos isso de turismo sexual, mas uma grande parte do turismo contém um elemento de luxúria. O turismo sexual supre os desejos dos viajantes e coloca o viajante em um conjunto íntimo de relacionamentos financeiros, eróticos e exóticos com as pessoas entre as quais viaja. Pagar por sexo, ganhar dinheiro com sexo e ter tipos de sexo não disponíveis em casa há muito tempo fazem parte da cultura de viagens. O "romance" da viagem é frequentemente simplesmente um sinônimo para ter um novo tipo de sexo ou se sentir sexualmente vivo em novos lugares.

Há uma forte sensação de que Nikitin ampliou seus próprios horizontes sexuais durante sua jornada, em vez de apenas relatar os costumes que observou. Conforme suas viagens continuaram, ele se tornou menos censor dos moradores locais, menos correto em seus valores cristãos e menos seguro de seus modos ocidentais e russos. "Aquele que viaja por muitos países cairá em muitos pecados e se privará da fé cristã", refletiu ele, autoacusando-se, sobre seu tempo (provavelmente em 1472) na corte muçulmana em Bidar, a elegante capital do sultanato Bahmani.

Podemos ver Nikitin como um exemplo antigo do viajante independente que "se torna nativo", ou para quem viajar assumiu elementos de assimilação e autotransformação. No início, ele tentou evitar comer a comida local, sobrevivendo com pão e água, mas depois comeu faminto com hindus, budistas e muçulmanos locais. Ele se admirava com os temperos do país, sua pimenta, gengibre, cravo, canela, raízes aromáticas, tudo barato, saboroso e facilmente disponível. Ele conheceu bem os costumes e a teologia de outras religiões. Tendo sido roubado de seus livros de orações no início de sua jornada, ele começou a esquecer quando eram os festivais cristãos, ele não sabia quando era Páscoa ou Natal e começou a perder a noção de que dia da semana era. Ele passou a maior parte do tempo com muçulmanos e, em um ponto, um muçulmano local, Melikh, o converteu à força ao islamismo. Nikitin parece ter escondido seu cristianismo e começou a usar roupas islâmicas; ele assumiu um nome muçulmano, Khoza Issuf Khorossani, e declarou-se estar "entre as duas fés" do cristianismo e do islamismo. Seu relato termina com uma oração, em seu árabe, para "Allah que tudo ouve e tudo vê", em uma profissão clara e aparentemente voluntária da fé islâmica.

Chega um ponto de virada – podem ser horas ou meses – em cada jornada quando começamos a abandonar a ideia de voltar para casa, ou pelo menos de voltar para casa sem mudanças. Não há um momento em que todo viajante se pergunta: "Qual foi o sentido?" O que se ganha com a jornada? Pode-se simplesmente continuar viajando e nunca mais voltar para casa? Em cada novo lugar que visitava, em cada nova experiência estrangeira, Nikitin encontrava novas versões de si mesmo que não conhecia. A estranheza dos povos e lugares que encontrava era transmutada na estranheza de seu próprio passado. Viajar é frequentemente desejado como uma fuga da banalidade e laboriosidade da vida cotidiana, mas Nikitin foi além disso. Pois se ficamos viajando por muito tempo, muitas vezes

sentimos a necessidade de entender, até mesmo de nos tornarmos, as pessoas entre as quais viajamos.

À medida que aprendemos novas línguas no exterior, às vezes também parecemos assumir novas personalidades, diferentes eus. Nikitin era um viajante inusitadamente intrépido, e sabia que suas jornadas eram mais do que incomuns. Ele enviou seu relato, seu russo pontuado com árabe e turco, de volta à Rússia como um testemunho escrito do que ele havia se tornado na Índia. Não circulou amplamente, mas foi copiado em várias crônicas como o registro de uma experiência notável.

Em 1472, Nikitin começou a retornar para Tver e escreveu mais algumas partes de sua narrativa em Caffa, no Mar Negro. Mas ele encontrou a morte – não sabemos como – perto de Smolensk, no Grão-Ducado da Lituânia. Ele viajou tanto, sobreviveu e se envolveu com uma variedade de experiências e passou por tantas mudanças, mas se tornou outro viajante que nunca voltou para casa.

Um pouco semelhante a Nikitin, mas mais tímido, era o comerciante genovês Jeronimo di Santo Stefano, que fez uma "viagem desastrosa" para a Índia na década de 1490. Santo Stefano partiu com seu parceiro de negócios Jeronimo Adorno no que eles pensavam que seria uma viagem simples e lucrativa: comprar contas de coral e outros produtos no Cairo e vendê-los na Índia, e então trazer produtos da Índia e vendê-los na Europa.

O casal chegou à Índia, navegando em uma frágil *jalba*, uma pequena embarcação baixa feita de tábuas velhas costuradas com cordas e movidas a velas de algodão. Os dois genoveses levaram vinte e cinco dias para ir de El Qoseir, na costa egípcia do Mar Vermelho, até a Costa Malabar da Índia.

Tudo correu bem no início para os dois Jerônimos: eles encontraram cristãos vivendo na área ao redor de Calicut. Eles aprenderam sobre as maravilhosas árvores de pimenta, raízes de gengibre e cocos. Eles viram as devoções dos moradores locais, adorando um boi (o gado é sagrado no budismo, hinduísmo e jainismo) ou o sol (tanto o budismo quanto o hinduísmo têm divindades solares significativas) ou pequenos 'ídolos' caseiros. Eles aprenderam animadamente sobre os costumes nupciais locais, que cada mulher poderia ter 'sete ou oito' maridos, e que nenhum homem desejava se casar com uma virgem.

Eles então navegaram para o Sri Lanka, seus olhos arregalados ao se depararem com mercadorias altamente comercializáveis. Árvores de canela cresceram grandes como louros. Pedras preciosas – granada, jacinto, olho de gato – brilhavam em todos os lugares.

Seguindo para a Costa de Coromandel, no lado sudeste da Índia, eles viram um lindo sândalo vermelho, perfeito para construir belas casas. Depois de sete meses em algum lugar naquela costa, os dois homens decidiram que era hora de vender suas mercadorias. Então eles partiram para um lugar do qual tinham ouvido falar, uma terra chamada Ava (que cobria as partes norte e central do atual Myanmar), onde havia rubis maravilhosos para serem comprados. Mas uma guerra local significava que eles não podiam pegar a rota para Ava, então, em vez disso, eles viajaram para Bago, nos reinos budistas que eles chamavam de "Índia Inferior" (agora a costa sul de Myanmar). As coisas começaram a dar muito errado aqui para os dois genoveses.

Eles concordaram com o Senhor de Bago que receberiam 2.000 ducados por seus bens. Tudo foi finalizado, contratado e compreendido, mas o Senhor de Bago não liberaria o dinheiro. Jeronimo e Jeronimo iam diariamente à sua corte para solicitar o pagamento. A

cada dia eles ficavam mais pobres e famintos, e sofriam mais com os extremos de calor e frio. E então, depois de cinquenta e cinco dias, Jeronimo Adorno morreu: ele nunca foi um homem resistente, e isso o acabou. Ele faleceu em 27 de dezembro de 1496, e não havia nem mesmo um padre presente para administrar os sacramentos. Jeronimo di Santo Stefano mandou enterrar o corpo de seu amigo no terreno de uma igreja em ruínas, um lugar abandonado "frequentado por ninguém". Ele pranteava seu amigo continuamente e rezou por sua alma. Ele pensou que poderia morrer também. Mas ele se recuperou quando finalmente foi pago pelo Senhor de Bago por seus bens. Então ele zarpou novamente.

O Oceano Índico conectava uma vasta rede comercial, abrangendo as costas leste e oeste da Índia, Maurício, Seychelles, Maldivas, Ilhas Andaman e Nicobar e Sumatra. Eles eram conectados pelo comércio de gengibre, sândalo, pimenta e cardamomo, coral, papel, arsênico, perfume de civeta e índigo. Em mapas europeus medievais, a massa terrestre da Ásia se desintegra em uma miríade de pequenas ilhas através do Oceano Índico. Os ventos das monções ligavam toda a área, por distâncias de milhares de quilômetros. Jeronimo di Santo Stefano poderia ter voltado e voltado para casa quando o Senhor de Bago lhe deu o dinheiro que lhe era devido, mas ele decidiu navegar para o sudeste para Sumatra, atraído por suas sedas, resinas e especiarias.

Muitos viajantes estão dolorosamente cientes daquele momento em que uma viagem proposital, bem organizada e muito esperada assume o caráter de partir o coração de uma missão tola: cada despesa incorrida, cada infortúnio encontrado, cada experiência, na melhor das hipóteses, uma decepção. E ainda assim o viajante segue em frente, esperando obter algo de bom da provação voluntária. Desastres continuaram a afligir Jeronimo enquanto ele viajava: sua propriedade foi apreendida (o senhor local a reivindicou como propriedade de Adorno, pois ele havia morrido em sua jurisdição) e grande parte dela confiscada. Ele navegou primeiro para Khambat, em Gujarat, e lá vendeu tudo o que tinha por sedas e resinas que poderia negociar em casa.

Assim, Jeronimo di Santo Stefano navegou para o sul, para as costas orladas de palmeiras das Maldivas, ao sul de Cochim. As Maldivas, atóis de coral que compreendem vários milhares de pequenas ilhas espalhadas por uma vasta área de mar de cobalto, eram na época um sultanato islâmico e um movimentado entreposto em meio às rotas comerciais do Oceano Índico. O arquipélago estava longe de ser remoto, devido à sua localização nas principais rotas marítimas de Java e Sumatra para a Índia, Áden e Ormuz. As ilhas exportavam âmbar-gris, casco de tartaruga e corda de coco, mas também eram um posto de comércio de especiarias e pedras preciosas e sedas e cerâmica chinesas. O mau tempo forçou Jeronimo passar seis meses entre o que ele descreveu como os moradores locais "negros e nus, mas saudáveis e corteses", vivendo de peixe e um pouco de arroz importado.

Os maldivos seguiram o budismo até sua conversão ao islamismo em 1153; a população local acreditava que sua conversão foi graças a um sábio visitante do Magreb que havia banido um demônio. As ilhas permaneceram pontilhadas com resquícios de seu passado budista na forma de montes *hawitta* e templos *stupa*, cujos locais eram frequentemente convertidos em mesquitas. Peixes voadores faziam seu caminho propositalmente sobre as ondas. Caranguejos de vários tamanhos corriam por toda parte em terra. Ao anoitecer,

morcegos-da-fruta pretos gigantes – raposas voadoras aladas, como raposas em voo – circulavam as árvores de fruta-pão.

Ibn Battuta visitou as Maldivas por um período de cerca de oito meses, desembarcando no porto de Kinolhas no final de 1343. Tendo viajado enormes distâncias pela Eurásia, ele pode até certo ponto ser visto como um dos primeiros exploradores; não está claro o que o fez visitar as ilhas, embora ele parecesse seguir um capricho turístico, dizendo simplesmente que tinha ouvido falar delas. As ilhas, lideradas pela capital em Malé, estavam então sob a soberania da Rainha Khadija (m. 1380), filha de um sultão que assassinou seu irmão (e, mais tarde, pelo menos dois maridos). Ibn Battuta foi recebido como um sábio do norte da África e nomeado juiz-chefe, e também se casou com uma mulher da família real das Maldivas. Ele achou o povo "piedoso e honesto" e sincero, mas sua devoção frouxa. Ele notou os trajes das mulheres sem véu, nuas da cintura para cima. Depois que ele se estabeleceu como um juiz sênior, ele tentou e falhou em fazer as mulheres, incluindo a rainha, se cobrirem. Ele levava as pessoas para a mesquita com a equipe de seu policial às sextas-feiras. Ele registrou que sua dieta principal era de coco: polpa de coco, leite de coco, mel de coco e seiva de coco ('óleo'). Tendo se casado com quatro mulheres, tido um filho e feito alguns inimigos nos altos escalões da sociedade das Maldivas, Ibn Battuta partiu em agosto de 1344 para o Sri Lanka.

Os pequenos atóis das Maldivas tinham um longo alcance porque as conchas de cauri colhidas ali e no sul da Índia eram a principal moeda no Oceano Índico; as pequenas conchas também eram usadas para joias e em rituais religiosos. Visitando o sul da China na década de 1280, Marco Polo observou cauris brancos sendo usados como moeda (80 cauris = 2 groats venezianos) ao lado de moedas de ouro. Ibn Battuta observou como os maldivos coletavam as conchas em forma de contas do mar, as deixavam em poços para que a carne desaparecesse, de modo que estivessem prontas para serem usadas como moeda — a uma taxa surpreendente de 400.000 conchas de cauris por 1 dinar de ouro. Ele relatou que os maldivos compravam arroz com as conchas do povo de Bengala e que os iemenitas usavam as conchas como lastro para navios. Ele também lembrou que tinha visto as conchas sendo usadas no Mali e em outros lugares da África Ocidental. Mais tarde, cauris semelhantes foram encontrados por viajantes portugueses no Senegal na década de 1440.

Jeronimo di Santo Stefano passou seis meses nas Maldivas. Eventualmente, as condições pareciam razoáveis para zarpar novamente, mas, depois de apenas oito dias, seu pequeno navio foi inundado pela água. Era impossível esvaziá-lo, e ele afundou. Alguns dos homens a bordo se afogaram. Jeronimo flutuou durante a noite, agarrado a uma prancha de madeira, rezando desesperadamente pela misericórdia divina, perdido no meio da solidão do viajante. Que estranha reviravolta nos acontecimentos: um mercador genovês tímido e materialista à deriva sozinho no Mar Laccadive por uma noite inteira, a água riscada com o prateado do luar e cheia de criaturas impensáveis, arraias voando silenciosamente nas profundezas, enormes cardumes de peixes nublando as ondas.

Eventualmente, um navio veio e resgatou Jeronimo. Ele foi devolvido a Khambat, em Gujarat.

Jeronimo di Santo Stefano fez seu longo caminho de volta para o oeste como parte de uma caravana da Rota da Seda via Ormuz e Isfahan. Esta caravana, de mercadores armênios e persas, foi "atacada e saqueada", mas finalmente Santo Stefano chegou ao porto otomano de Trípoli (agora no norte do Líbano) na costa do Mediterrâneo. Aqui os genoveses

formaram relações amigáveis com os turcos otomanos e havia uma comunidade estabelecida de mercadores genoveses. Jeronimo escreveu para seu amigo Messer Giovan Jacobo Mainier de volta a Gênova, descrevendo suas viagens desastrosas. Ele evidentemente obteve pouco ou nenhum lucro financeiro em suas viagens, então agradeceu a Deus pelo lucro espiritual que obteve, a "grande misericórdia" demonstrada a ele. Ele assinou sua carta, escrita em setembro de 1499, pretendendo retornar para casa.

Nos relatos de viajantes como Nikitin e os dois Jerônimos, toda a Índia aparece como um sonho febril quase incompreensível: estranho, alarmante, uma terra de delícias prometidas e perigos desconhecidos. Se o mundo era uma enciclopédia para o viajante ler, a Índia era seu próprio livro estranho, difícil de ler e entender. Para Nikitin e Santo Stefano, viajar pela Índia confirmava, em vez de negar, sua natureza sempre surpreendente como um sistema geográfico e social incomensurável. A Índia era um lugar quase indescritível de histórias maravilhosas e um falso paraíso onde uma vida de luxo fácil poderia se transformar em uma morte doentia com velocidade surpreendente.

Se alguém viajasse mais para a Índia (pelo menos de acordo com Mandeville), encontraria uma terra onde as pessoas tinham penas em todo o corpo, exceto no rosto e nas palmas das mãos. Essas pessoas podiam se mover pela água tão facilmente quanto pela terra seca. Perto dali, havia outro país onde se encontrariam duas árvores oraculares, a Árvore do Sol e a Árvore da Lua. As árvores falavam indiano e grego e previam o futuro dos visitantes. Era difícil viajar para lá, no entanto, por causa dos animais selvagens – dragões e cobras – no deserto. Na ilha vizinha de Pytan, pessoas minúsculas viviam do cheiro de maçãs selvagens; elas tinham que carregar essas maçãs com elas sempre que viajavam para o exterior e morriam se fossem privadas do cheiro. Havia dezenas e dezenas de outras terras e ilhas indianas: uma onde as pessoas não tinham cabeça, mas sim olhos nos ombros e bocas no peito; uma onde um grupo de pessoas sem olhos e sem cabeça tinha bocas nas costas; outra onde havia pessoas de rosto achatado, sem nariz, olhos ou lábios; outro onde havia pessoas com um lábio enorme, que podiam usar como guarda-sol; outra terra onde havia pessoas que eram homens e mulheres ao mesmo tempo, com os órgãos genitais de ambos. John Mandeville até descreveu um reino onde o rei era nomeado não por sua riqueza ou nobreza, mas por algo chamado de "eleição", de acordo com quem fosse "moralmente superior e mais justo e correto". Que mundo diferente era a Índia: na Europa, os reis geralmente herdavam seus tronos ou os ganhavam por meio de poder e conflito!

Essas pessoas periféricas e desconhecidas no limiar da civilização representam a criatividade fantástica da imaginação, e o amor do viajante pela categorização e categorização incorreta. No entanto, ao retratar constantemente a Índia como uma terra maravilhosa exótica, os visitantes ocidentais frequentemente negligenciavam a humanidade cotidiana de seus habitantes. Os motivos de descoberta e exotismo admirados são maneiras turísticas de *não ver* similaridade, de não pensar realmente que as pessoas que se encontra são totalmente humanas; e de fato o politeísmo do hinduísmo permaneceu escandaloso para a maioria dos visitantes ocidentais. Havia dois pontos marcantes de diferença social que quase todos os visitantes ocidentais da Índia notaram: *sati* (a antiga prática hindu de uma viúva se autoimolar na pira funerária de seu marido) e a seita dos brâmanes.

Sobre Malabar, Odoric de Pordenone disse que se um homem morto deixasse uma viúva, 'eles a queimavam viva com ele, dizendo que ela deveria permanecer com seu marido no outro mundo.' Ele repetiu a observação em Champa (Camboja ou Vietnã), dizendo que após sua morte um homem casado era queimado, 'e sua esposa era queimada viva junto com ele.' Isso, Odoric foi informado, era para que ela pudesse 'fazer-lhe companhia em outro mundo'.

Odoric observou *sati* como uma curiosidade, mas também forneceu a justificativa cultural para isso, as razões sociais e teológicas por trás de um ritual religioso fora do cristianismo. O missionário Jordan de Sévérac também descreveu como as esposas dos nobres seguiam seus maridos para o fogo; "por causa da glória mundana, e pelo amor de seus maridos, e pela vida eterna, elas queimam junto com eles, com tanta alegria como se fossem se casar." Longe de ficar horrorizado, Jordan observou que era "maravilhoso!" Ele tinha visto até cinco mulheres vivas tomando seus lugares na pira de um homem morto.

Nicolò Conti, o mercador veneziano que visitou a Índia na década de 1430, descreveu o *sati* como um costume real: o rei de Vijayanagar (Hampi) tinha, de acordo com Conti, 12.000 esposas, das quais entre 2.000 e 3.000 haviam se casado com a condição de que seriam imoladas com o marido em sua morte. Isso, eles consideravam, era uma grande honra que os colocava acima das outras milhares de esposas. Ele também disse que em Khambat havia uma seita de monogâmicos padres vegetarianos cujas esposas 'por lei' eram 'queimadas com o corpo de [seus] maridos'.

Para Mandeville, *sati* era praticado em um território indiano específico onde a ordem social estava de pernas para o ar. As mulheres de lá ficavam tristes quando seus filhos nasciam e felizes quando eles morriam, quando "eles os jogavam em uma grande fogueira e os queimavam". A razão para isso, elas diziam, era que seus filhos estavam nascendo "neste mundo de trabalho, tristeza e fardos". Essa renúncia à vida pressagiava a prática de *sati* : era um sinal de amar verdadeiramente o marido morto se jogar na pira. Mandeville disse que as viúvas faziam isso para serem purificadas "de toda sujeira e vício, para que fiquem limpas no próximo mundo".

Jeronimo di Santo Stefano e Jeronimo Adorno observaram, para seu espanto horrorizado, vários casos de *sati* durante sua estadia de sete meses na Costa de Coromandel. Eles regularmente viam ou ouviam falar de mulheres locais que se queimavam vivas nas piras funerárias de seus maridos. Ao contrário de viajantes posteriores à Índia, visitantes medievais não tentavam impedir o *sati* quando o testemunhavam. Mas, como visitantes posteriores, eles tinham um fascínio voyeurístico pelas viúvas queimadas, o que reconhecia as diferentes maneiras de acreditar e se comportar (ou, para colocar de outra forma, um tipo de diversidade cultural).

Sati não era tão estranho quanto os visitantes europeus faziam parecer: afinal, eles estavam acostumados com a queima de hereges e criminosos, e frequentemente adoravam imagens e relíquias de santos que voluntariamente sofreram as mortes mais horríveis pelo fogo. São Lourenço foi assado em uma grelha, as chamas de um fogo lento lambendo seu corpo, enquanto ele brincava com seus algozes, "me vire", como se ele fosse um flank de carneiro grelhando. *Sati* foi outro daqueles paralelos estranhos testemunhados pelo viajante: chocante porque, fora do contexto, a violência à qual alguém se acostumava se tornava terrível em sua clareza. *Sati* , com o tempo, se tornaria um pilar da perspectiva colonial sobre a Índia, um costume que evocava horror espetacular e devoção estranha.

Após a conquista portuguesa de Goa em 1510, um dos primeiros atos do primeiro duque de Goa, Afonso de Albuquerque (1453–1515), foi tentar proibir *sati*.

Na Europa medieval, Alexandre, o Grande (m. 323 a.C.) foi um rei, soldado, estudioso e explorador exemplar. Ele conquistou e governou um império da Macedônia à Índia. Ele também foi um exemplar da transitoriedade do poder mundano, tendo morrido de febre (ou, em alguns relatos, envenenado) aos trinta e dois anos após construir seu império global. O poeta inglês Geoffrey Chaucer (m. 1400) escreveu que a história do "digno e gentil" Alexandre era tão conhecida que "toda pessoa" tinha ouvido algo sobre ela. Manuscritos da vida de Alexandre frequentemente incluíam imagens coloridas de suas aventuras, como sua descida em um submarino de vidro durante seu cerco à cidade de Tiro, ou seu voo sobre a Babilônia (Bagdá) em uma caixa aérea atrelada por grifos, ou a morte comovente de seu leal cavalo Bucéfalo durante uma batalha no Punjab.

Histórias e romances do império de Alexandre se tornaram itens básicos das fantasias ocidentais sobre o leste, muitos deles nem mesmo tenuamente conectados a fatos históricos ou realidade geográfica. Mandeville contou uma história sobre a reação dos brâmanes a uma invasão iminente de Alexandre. Na Índia, quando Alexandre veio invadir o território dos brâmanes, o povo gentil escreveu uma carta para ele. Eles perguntaram: "Qual seria o poder suficiente para um homem para quem o mundo não é suficiente? Você não encontrará nada aqui pelo qual valha a pena travar uma guerra contra nós, porque não temos riqueza, e todos os bens e bens móveis em nossa terra são de propriedade comunal." Eles explicaram que sempre desfrutaram de paz até este ponto, e esta era a única coisa da qual Alexandre seria capaz de privá-los.

O guerreiro Alexandre leu esta carta e pensou consigo mesmo que seria terrível perturbar os brâmanes. E então ele respondeu que eles deveriam continuar a observar seus bons costumes e não temê-lo, pois ele não os invadiria ou molestaria.

A história de Mandeville é representativa de como os brâmanes na Índia ofereciam aos visitantes curiosos uma lição cativante sobre a "lei natural" e desempenhavam um papel fundamental nas ideias primitivistas europeias do "bom selvagem". Descendentes do sacerdócio hindu, os brâmanes eram a classe social mais elevada na Índia central e meridional; seus ideais incluíam pobreza voluntária, austeridade e esforço intelectual, não muito diferente de um Ordem monástica cristã. No século XIV, os brâmanes não eram mais apenas um grupo sacerdotal, mas trabalhavam em muitas profissões e ocupavam cargos importantes nas cortes dos sultanatos islâmicos do subcontinente. Escritores de viagens ocidentais como Mandeville os descreveram como "homens bons e honestos que seguem uma boa fé e estilo de vida". Eles não eram, ele observou, cristãos, mas "pela lei natural, eles são cheios de excelentes qualidades". Assim, eles cumpriam os Dez Mandamentos e não davam valor à riqueza material. Em outras palavras, eles eram como monges perfeitos, mas sem religião formal: "eles não são ciumentos, orgulhosos ou cobiçosos, e eles não são lascivos ou glutões, e eles só fazem aos homens o que eles gostariam que fizessem a eles" (Mandeville citando de forma impressionante a "regra de ouro" de Jesus em apoio a um grupo não cristão).

Os brâmanes não eram representados com precisão em tais escritos, mas eram idealizados. Eles eram pagãos virtuosos, exemplares em sua perfeição "natural". Mandeville

os colocou em uma "ilha" indiana chamada "Terra da Fé", uma sociedade bucólica, igualitária e sem crimes. Havia até mesmo ausência de tempestades, trovões, guerra, fome, qualquer tipo de tribulação.

Um longo poema do século XII sobre os feitos de Alexandre no leste, *Roman de toute chevalerie*, de Thomas de Kent, descreveu os brâmanes como veganos ('pessoas de uma doutrina estranha') que comiam 'apenas frutas, ervas e raízes', aquilo que a terra destinava a eles: nada de carne, peixe, pão ou farinha. No relato de Thomas, os brâmanes estavam no limite do mundo. Ele descreveu com aprovação como sua devoção a Deus os levou a se autoimolar, para chegar mais cedo ao Paraíso e à glória divina - uma espécie de contrapartida positiva aos Assassinos enganados cuja busca pelo Paraíso era baseada em uma ilusão. Os brâmanes, por outro lado, eram relatados no oeste como sendo sinceros, os representantes da bondade natural.

Depois de viajar pela Índia em meados do século XIV, o frade franciscano italiano Giovanni de' Marignolli contou uma história sobre a conversão e o batismo de um brâmane. Isso aconteceu quando Giovanni estava hospedado no importante porto marítimo de 'Columbum' (Kollam) na Costa de Malabar. Aqui, um homem 'de estatura majestosa e barba branca como a neve, nu dos lombos para cima', aproximou-se de Giovanni. Ele estava um brâmane de grande austeridade e sinceridade. Ele se prostrou diante dele e foi beijar seus pés descalços. Giovanni objetou. O brâmane então sentou-se no chão e, por meio de um intérprete, deu um relato de sua vida. Surpreendentemente, o intérprete era o próprio filho batizado do brâmane, que algum tempo antes havia sido sequestrado por piratas e vendido a um comerciante genovês.

O homem brâmane veio da extremidade 'mais remota' da Índia. Ele descreveu sua vida vegetariana, seu hábito de jejuar por quatro meses por ano, sua dieta de arroz cozido, frutas e ervas e sua devoção como padre. Ele só teve um filho.

No relato de Giovanni, Deus reconheceu o velho e 'o iluminou com sabedoria interior'. Deus então realizou um milagre, falando através do ídolo do padre. O ídolo lhe disse, contra sua própria vontade, 'Você está agora no caminho da salvação!' Então o instruiu a viajar dois anos pelo mar até Colombo, onde encontraria o mensageiro de Deus. E assim, na mente de Giovanni, aconteceu - e após três meses de instrução, ele devidamente batizou o velho, dando-lhe o nome de 'Miguel', em homenagem ao arcanjo, que era particularmente associado aos marinheiros, à pesagem de almas no Dia do Julgamento e à grandeza pré-cristã da humanidade. 'Miguel' retornou para sua casa, para converter as pessoas de lá.

Na moralização de Giovanni, a história "serve para exemplificar que Deus... não faz acepção de pessoas". Em vez disso, "todo aquele que guarda a Lei... é aceito e é ensinado o caminho da salvação". A história se move perfeitamente do elogio à nobreza e piedade do brâmane para sua conversão - um tipo de missão individual de uma posição de admiração que também resulta na obliteração da "idolatria" do brâmane. A história é ao mesmo tempo crível como um encontro (e prenuncia muitas conversões coloniais subsequentes) e também altamente genérica - o velho sábio, o ídolo repudiado, a viagem marítima pela qual ele é transformado. Os brâmanes e pagãos virtuosos semelhantes ofereciam aos viajantes a possibilidade de que a "natureza" no mundo além da cristandade não fosse hostil. Na escrita de viagens europeia, muito se falava do potencial da Índia - ou "Índia" - de conter dentro de si uma espécie de "natural" perfeição. A Índia era uma espécie de laboratório da imaginação, sedutor, luxuoso, frequentemente receptivo e de uma diversidade quase

infinita. A história de Giovanni sobre o brâmane convertido sugeria que, no mundo além da Europa, havia uma audiência receptiva esperando pelos missionários viajantes do cristianismo latino.

Dicas para viajantes de negócios de Tana a Khanbaliq, c. 1340

1. Você deve deixar sua barba crescer e não se barbear.
2. Em Tana você deve se munir de um dragomano; não tente economizar dinheiro pegando um dragomano ruim em vez de um bom.
3. Será bom que você leve pelo menos dois bons criados, que conheçam a língua tártara.
4. Se um mercador deseja levar uma mulher de Tana com ele, ele pode fazê-lo; se ele não gosta de levar uma, não há obrigação, somente se ele levar uma, ele será mantido muito mais confortavelmente do que se ele não levar uma. No entanto, se ele levar uma, será melhor que ela esteja familiarizada com a língua cumana, assim como os homens.
5. Para viajar de Tana a Astrakhan, leve consigo provisões para vinte e cinco dias, ou seja, farinha e peixe salgado; você encontrará carne suficiente em todos os lugares ao longo da rota.
6. A rota de Tana para Cathay é perfeitamente segura, seja de dia ou de noite, de acordo com os comerciantes que a usaram. Somente se o comerciante, ao ir ou vir, morrer na estrada, tudo o que lhe pertence será sequestrado pelo senhor do país em que ele morrer, e os oficiais do senhor tomarão posse de tudo. E da mesma forma, se ele morrer em Catai. Mas se seu irmão estiver com ele, ou um amigo íntimo e camarada que se autodenomina seu irmão, então a tal pessoa eles entregarão a propriedade do falecido, e assim ela será salva.
7. Nessas regiões, eles chamam todos os cristãos do oeste da Romênia de "francos".

12.

Todos os caminhos levam a Khanbaliq

Karakorum – Khanbaliq – Yangzhou – Cipangu

Nos frescos claustros da Abadia de Santa Maria, na cidade inglesa de York, os monges se edificavam lendo sobre o mundo além de seu recinto. O claustro é agora uma ruína encharcada pela chuva, mas no século XIV havia cerca de cinquenta irmãos morando lá, todos seguindo a regra beneditina. Ler e escrever eram essenciais para suas vidas, parte de seu trabalho para Deus; estudar seus livros preenchia quase todos os espaços entre os serviços em sua grande igreja abobadada. Um dos volumes valiosos em sua biblioteca era um novo manuscrito, a *História dos Mongóis*, escrito em pergaminho em densas letras pretas com iniciais vermelhas e azuis.

Os monges de York leram sobre os mongóis com prazer, admiração e choque. Dizia-se que cada homem tártaro podia ter quantas esposas quisesse, "uma cem, outra cinquenta, outra dez". Eles aprenderam que as mulheres tártaras tinham "uma coisa redonda feita de galhos ou casca" em suas cabeças, que elas usavam sempre na presença de homens e para se distinguirem de outras mulheres. Também foi escrito que "mulheres solteiras e meninas" em Tataria eram quase indistinguíveis dos homens, pois todas se vestiam de maneira idêntica. O povo mongol vivia, dizia-se, em tendas de feltro, construídas com gravetos. Eles adoravam ídolos, a quem ofereciam o primeiro leite de cada vaca e égua. Onde os monges de York encontravam algo particularmente memorável ou digno de nota, eles marcavam uma pequena cruz ou às vezes um dedo indicador (um "manículo") na margem do livro para lembrá-los e aos futuros leitores de prestar atenção especial às informações que valem a pena registrar.

O manuscrito dos monges de York era novo, mas o texto havia sido originalmente composto pelo irmão Giovanni de Plano Carpini, um venerável homem que havia visitado e conhecido o líder dos mongóis, o próprio grande khan, Güyük (m. 1248), cerca de cem anos antes. O irmão Giovanni viajou até a corte mongol em Karakorum, mais de 9.000 quilômetros a leste do palácio do papa em Roma. Ele foi um dos primeiros ocidentais conhecidos a chegar à corte, e escreveu a *História dos mongóis* com base em suas experiências lá. [sss](#) Seu livro trouxe de volta ao Ocidente uma riqueza de conhecimento sobre os mongóis, o povo que governou o mundo a leste da Europa, desde Kiev até Pequim.

O irmão Giovanni viajou com outros dois frades franciscanos: Štěpán da Boêmia e Benedykt da Polônia. No ano de 1245, Giovanni e Štěpán partiram de Lyon, na França, e se encontraram com Benedykt em Wrocław, na Polônia. Eles então viajaram para o leste e, em poucos dias, suportaram fome, sede, extremos de frio e calor e vários ferimentos pessoais leves. Os frades foram ordenados pelo Papa Inocêncio IV a "examinar tudo e olhar tudo cuidadosamente", trazendo de volta um relatório completo sobre as condições dos mongóis. Eles carregavam uma bula papal, solicitando ao Imperador dos Tártaros que "desistisse inteiramente de ataques" às nações cristãs e cessasse a perseguição aos cristãos. Sua missão foi ordenada após as invasões mongóis da Polônia e da Hungria, que, no início

da década de 1240, chegaram ao oeste até Legnica, na Silésia, e Trogir, na costa da Dalmácia. Os frades viajaram assim como embaixadores da cristandade, buscando entender um inimigo que, era amplamente assumido, estava planejando uma campanha para ocupar toda a Europa. Giovanni, Štěpán e Benedykt chegaram apenas até a pequena cidade de Kaniv no Rio Dnieper antes de Štěpán adoecer e não poder continuar.

Por quase meio ano, Giovanni e Benedykt fizeram seu caminho através das terras dos tártaros. Giovanni resumiu sua atitude desolada no início de seu livro: 'Para concluir brevemente sobre este país: é grande, mas de outra forma – como vimos com nossos próprios olhos, pois durante cinco meses e meio viajamos por ele – é mais miserável do que eu posso descrever. possivelmente dizer.' Deixar a Europa não foi, para esses homens, prazeroso. Mas em viagens o 'miserável' é a serva do educativo, e Giovanni repetidamente enfatizou que o que ele tinha visto com seus próprios olhos era verdadeiro e instrutivo.

Giovanni de Plano Carpini e Benedykt da Polônia eram viajantes infatigáveis. Cada um deixou um relato escrito de sua jornada: o de Giovanni é expansivo, opinativo, político, enquanto o de Benedykt (como ditado em Colônia após seu retorno) é breve, descontínuo e menos individualista em sua voz. Ambos os relatos são parte de uma onda, na década de 1240, de embaixadas franciscanas e dominicanas aos mongóis, durante o que foi evidentemente um período de pânico na Europa sobre a força militar mongol. Na verdade, os mongóis estavam lutando em pelo menos três frentes: não apenas contra os príncipes cristãos da Polônia, Morávia e Hungria, mas também contra os seljúcidas da Anatólia e os sultões abássidas do Egito e do Oriente Médio. Vários relatos desse período sobrevivem, quando as Rotas da Seda pela Ásia estavam ocupadas com mercadores, missionários e embaixadores, todos buscando entender a dinâmica de poder de um mundo em rápida mudança. Giovanni e Benedykt eram incomuns, mas não únicos. Eles mencionam como encontraram muitas outras pessoas em movimento: mercadores de Acre, Constantinopla, Gênova e Veneza, enviados de Bagdá e Coreia, e reis e príncipes específicos, como David VI da Geórgia (1225–93), Príncipe Sempad, o Condestável da Armênia (1209–76) e Grão-Duque Yaroslav de Vladimir-Suzdal (1191–1246). Giovanni incluiu um relato de como o Grão-Duque Yaroslav foi convocado para encontrar o grande cão e enviado para casa apenas para ficar roxo e então morrer, tendo sido envenenado pela mãe do cão.

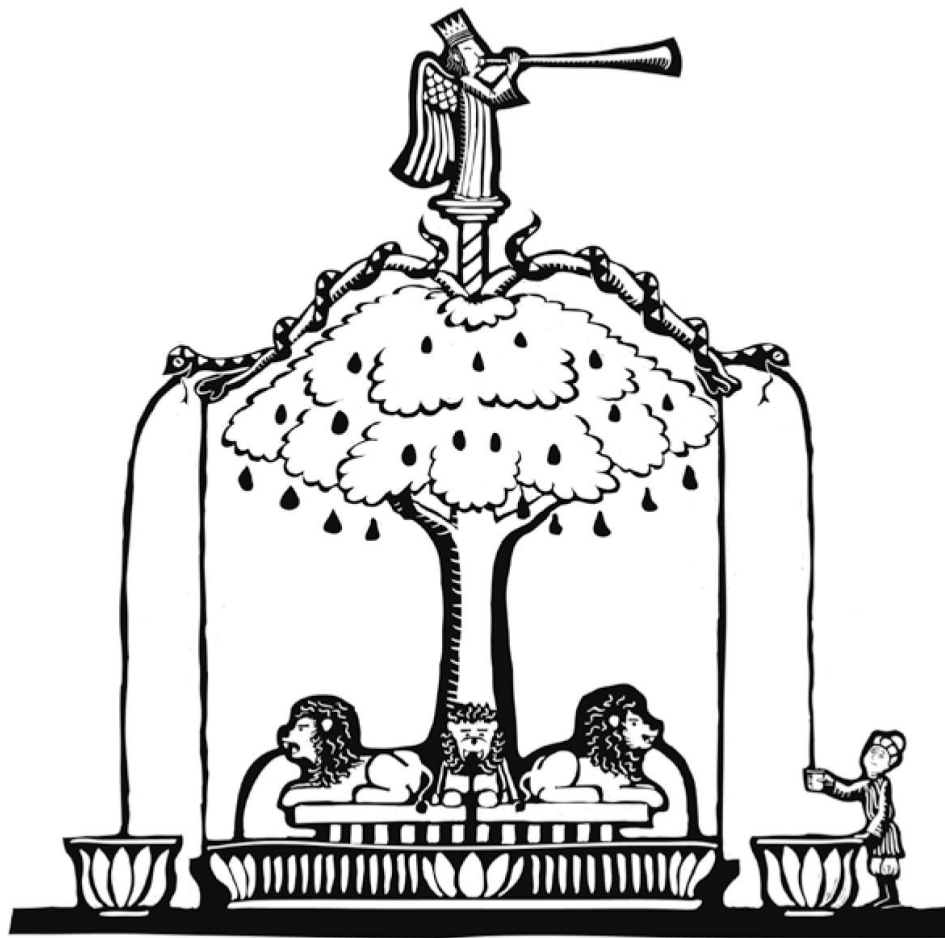
A jornada de Giovanni o levaria primeiro a Batu Khan (falecido em 1255), o fundador mongol do enorme canato conhecido como Horda Dourada e, portanto, governante do que hoje é grande parte da Ucrânia e do sul da Rússia. ¹¹¹Depois de visitar Batu, Giovanni passou pelo Mar de Aral, Lago Ulyungur e as Montanhas Altai para visitar o primo de Batu, o próprio "Grande Imperador" ou cão, Güyük.

Giovanni e Benedykt planejaram a jornada enquanto viajavam, ganhando cartas de apresentação e salvo-condutos dos príncipes no interior da Europa cristã. Esses príncipes também lhes deram suprimentos e peles de castor, pois a dupla havia sido informada de que esperaria demandas por tributos. Em Kiev, os homens discutiram sua rota pretendida com nobres locais. Eles foram aconselhados a não levar seus próprios cavalos, devido à neve profunda e à escassez de forragem; eles abandonaram seus cavalos e, em vez disso, levaram cavalos de carga e uma escolta. Cavalgando pelas longas charnecas de estepe, além do Dnieper e sobre o Don, eles trocavam seus cavalos entre três e sete vezes por dia, viajando do amanhecer até o anoitecer e muitas vezes durante a noite também. Os homens

tiveram que enfaixar seus membros repetidamente, devido à tensão da cavalgada contínua. Eles foram sustentados durante a Quaresma com painço misturado com água e sal. Para obter água, eles derretiam neve em uma chaleira. Nas terras desérticas dos cazaques, eles viram os 'crânios e ossos de homens mortos' espalhados no chão como esterco, os restos de viajantes infelizes que haviam expirado como resultado da escassez de água, ou talvez tivessem encontrado um destino pior. Benedykt nos conta que quarenta peles de castor e oitenta peles de texugo foram exigidas deles em Saray, no Volga. Giovanni, em particular, se ressentia de ser roubado, como ele via, como tributo.

No final desta jornada sem alegria estavam os esplendores de Karakorum, a capital mongol de 1235 a 1260 e a primeira cidade mongol construída no leste. Karakorum não era uma cidade no sentido ocidental, mas um enorme acampamento situado em vales com pastagens exuberantes à sombra dos picos das Montanhas Khangai. Quando Giovanni visitou, Karakorum estava em transição de uma reunião dispersa de yurts para um assentamento urbano mais permanente, com um palácio construído recentemente. A população da cidade não era grande (talvez em torno de 20.000 pessoas), mas o assentamento cobria uma área muito grande (cerca de 1.300 hectares no total) em torno de um setor murado central e seu complexo palaciano adjacente. A população de Karakorum havia sido trazida de outro lugar - era um centro administrativo e político, e seus habitantes incluíam muitos Comerciantes e cativos muçulmanos de todo o império mongol e de lugares que os mongóis invadiram. Havia mesquitas e uma igreja siríaca "nestoriana", onde os cristãos orientais (chamados de cismáticos por Roma) adoravam as pessoas humana e divina de Cristo como essências distintas e separadas.

Por volta dessa época, um ourives francês escravizado chamado Guillaume Boucher, capturado em Belgrado e levado para Karakorum, esculpiu uma fonte de árvore de metal em Karakorum, da qual pendiam frutas e folhas de prata. Para o entretenimento do grande câ, a árvore era adornada com um autômato angelical trombeteiro, que podia soprar seu instrumento ao comando do mordomo do câ. A árvore maravilhosa continha condutos dos quais fluíam bebidas (vinho, *kumiss*, hidromel e vinho de arroz), para serem devoradas em quantidades prodigiosas pela corte bebedora do grande câ. A fonte de Boucher imitava as modas cortesãs europeias para autômatos finamente trabalhados, mas também articulava o senso do poder do grande câ sobre o mundo natural, ao fazer com que uma árvore transborde de bebidas no meio desta terra árida e varrida pelo vento.



À medida que Giovanni atravessava a Mongólia ocidental, seu ritmo acelerava, seu grupo se apressava para chegar a Karakorum a tempo para a coroação há muito planejada de Güyük Khan. Karakorum era a corte principal, e as celebrações para a coroação eram apropriadamente chamativas: Giovanni registra que um enorme pavilhão de veludo branco havia sido erguido, grande o suficiente para comportar "mais de dois mil homens". Era cercado por uma paliçada de madeira decorada com desenhos pintados. Giovanni se maravilhou que todos os cortesãos usassem veludo branco no primeiro dia, veludo vermelho no segundo (quando o próprio Güyük apareceu), veludo azul no terceiro dia e o melhor brocado no quarto. A paliçada tinha dois portões: um somente para o grande câ e o outro para aqueles admitidos por guardas armados. Todos os outros tinham que ficar à distância. O relato de Giovanni sobre as várias cerimônias na corte do câ inaugura uma longa tradição em relatos de viagens ocidentais sobre a China, na qual os cortesãos do governante são vistos como se estivessem agindo em uma espécie de uníssono servil, unidos por um vínculo impessoal de obediência inquestionável.

Ao meio-dia, toda a corte começou a beber uma grande quantidade de *kumiss*. Giovanni e seu grupo recusaram, e em vez disso lhes foi oferecido hidromel, que beberam até se

sentirem completamente enjoados. Quão frequentemente os viajantes se encontram em festas que prefeririam ter perdido.

E que tipo de homem esses viajantes encontraram quando finalmente encontraram o grande khan? A resposta decepciona. Nenhum dos primeiros viajantes descreveu o khan em termos individuais e humanos; em vez disso, eles o viam como uma metonímia para a ordem política e social da corte mongol. Para Giovanni, Güyük Khan tinha '40 a 45 anos' (na verdade, ele tinha cerca de trinta) e 'de altura média'. O resto de sua descrição se concentra em sua personalidade austera: 'muito inteligente e extremamente astuto', 'muito sério e grave em suas maneiras', 'nunca visto rindo por uma causa insignificante nem se entregando a qualquer frivolidade'. Giovanni não oferece nenhuma interpretação moral de sua fisionomia ou tez, como acontecia tão frequentemente quando os europeus encontravam outras pessoas. Em vez disso, ele viu em Güyük o rigor e a ordem que definiam sua corte e seu estado.

Da mesma forma, William de Rubruck, um missionário flamengo tagarela que conheceu o grande khan cerca de oito anos depois de Giovanni, encontrou o sucessor de Güyük, Möngke Khan (reinou de 1251 a 1259). William descreveu Möngke como "um homem de nariz achatado, de estatura média, com cerca de 45 anos". Em vez de avaliar o próprio grande khan, seu olhar caiu sobre sua filha adulta "muito feia", Shirin, que foi dito "era a amante de toda aquela corte". Ele também estudou a suntuosa decoração da tenda do khan, suas paredes de tecido dourado e o próprio traje do khan de uma pele "salpicada e brilhante" como pele de foca. A entrevista de William com Möngke tornou-se uma farsa: seu intérprete ficou completamente bêbado com vinho de arroz e parou de fazer sentido. Em um sinal de sua majestade imperiosa, Möngke ordenou que "falcões e outras aves" fossem trazidos até ele e os visitantes tiveram que assistir, em silêncio e por um longo tempo, enquanto ele os inspecionava.

William teve que pedir permissão a Möngke Khan para ficar no acampamento tártaro até o inverno passar, mas a essa altura o grande khan parecia ter ficado bêbado e o intérprete estava completamente incapacitado, então William e seu grupo partiram. Eles foram interrogados sobre informações sobre o oeste pelos secretários do khan, corroborando ainda mais a sensação de William de que um ataque estava sendo planejado. Möngke finalmente permitiu que William ficasse em Karakorum, onde conheceu e ouviu sobre todos os tipos de pessoas conectadas à sua vida na Europa.

Giovanni de Plano Carpini observou a esplêndida coroação de Güyük Khan, que ocorreu em uma tenda sustentada por colunas folheadas a ouro e vigas de madeira fixadas com pregos dourados (a abundância de ouro brilhante deu a este acampamento o nome de Shira Ordo, o "Acampamento Amarelo"). Um grande número de pessoas se reuniu lá e, depois do meio-dia, todos começaram a beber novamente, sem parar, até a noite. Eles então comeram carne assada sem sal, às vezes com um caldo salgado como molho. Em todo lugar que ele ia, o imperador tinha um pequeno guarda-sol cravejado de pedras preciosas para protegê-lo do clima.

Após a coroação, Giovanni e seu grupo foram efetivamente presos por um mês na casa da mãe do grande câ. Giovanni foi informado de que o câ pretendia "levantar sua bandeira contra todo o mundo ocidental" e desejava manter seus visitantes papais ignorantes de seus planos. Enquanto esperavam, Giovanni (que pagou uma grande muita atenção à quantidade de comida que ele conseguia) e seus companheiros receberam uma pequena

quantidade para comer e beber, 'suportando tanta fome e sede que mal conseguíamos nos manter vivos'. No final, um gentil ourives russo chamado Kosma, um dos vários artesãos europeus na corte do câ, ajudou os visitantes com um pouco de sustento.

Eles foram, eventualmente, libertados e receberam uma permissão para partir e uma carta com o selo do imperador. A mãe do câ deu a eles uma capa de pele de raposa e um rolo de veludo. Seus cortesãos roubaram pedaços do veludo; Giovanni diz: "Isso não escapou à nossa atenção, mas preferimos não fazer alarde sobre isso." Em terras estranhas, o viajante frequentemente tem que deixar coisas irem que, de outra forma, seriam motivo de séria reclamação.

A carta do grande câ, datada de 2 de Jumada, 644 (final de novembro de 1246), foi copiada para o relato de Benedykt. Nela, o câ lembrou ao papa que qualquer Deus estava claramente do lado dos mongóis, pois foram eles que "destruíram toda a terra do leste ao oeste no poder de Deus". Como, ele perguntou, isso poderia ser contrário a Deus? Ele ressaltou que os príncipes cristãos não obedeceram seus predecessores e corajosamente disse ao papa para se comprometer com a paz com ele, uma submissão que ele generosamente entenderia. Se o papa se recusasse a se submeter, o câ ameaçou que o conheceria como um inimigo: "depois disso, não sabemos o que vai acontecer, só Deus sabe", ele alertou. A longa jornada foi um sucesso, na medida em que os frades abriram uma comunicação com a corte mongol. Mas a consequência foram novas ameaças de violência e uma clara articulação de rivalidade imperial.

Viajantes para o leste mongol leram rumores estranhos sobre o que estava fora do caminho batido. Eles foram levados a acreditar que havia canibais e comedores de ratos, povos com cabeça de cachorro e guerreiros empunhando machados, arbustos com lã e framboesas da neve, milhões de ratos, mas uma ausência incompreensível de porcos, diamantes vivos e reprodutores se multiplicando nas rochas, costumes em torno da morte e do enterro que eram inomináveis. Muitas pessoas identificaram em algum lugar desta região uma Fonte da Juventude, cujas águas, em alguns relatos, restauravam a juventude ao bebedor ou davam vida eterna. A Fonte também podia oferecer beleza e, às vezes, era discriminada por raça, tornando a pele escura branca. Mas esses eram apenas contos de viajantes.

Enquanto atravessava a estepe tártara, Benedykt da Polônia notou a enorme quantidade de absinto crescendo ali, suas folhas plumosas se espalhando pelas planícies frias. Enquanto cavalgava, ele se lembrou, de ler muito antes em um claustro gelado em algum lugar da Europa, uma observação de Ovídio em suas *Epístolas*: "O absinto amargo estremece nas planícies sem fim". Parecia falar diretamente com Benedykt através do tempo e do espaço. A verdade da viagem frequentemente irrompe em tais memórias enterradas, onde o passado de alguém se afirma em momentos surpreendentes, enquanto pensamentos de casa aparecem nos confins do mundo.

Giovanni de Plano Carpini e Benedykt da Polônia eram excepcionalmente intrépidos, mas, por volta de 1300, um número significativo de europeus havia se estabelecido e formado comunidades em grandes cidades no que hoje chamamos de China. O emissário papal Giovanni de' Marignolli, que visitou da Itália por volta de 1346, observou três igrejas franciscanas em Zaytun (Quanzhou), bem como um *fondaco* para os comerciantes europeus visitantes. Os europeus na China geralmente estavam lá para comércio ou atividade

missionária. Longe de ser um império desconhecido e incognoscível, a China se tornou o destino de um número surpreendentemente grande de viajantes europeus. Os principais testemunhos incluem os dos missionários franciscanos William de Rubruck em 1253 e Odoric de Pordenone, o comerciante Marco Polo que esteve na China durante grande parte das décadas de 1280 e 1290, as cartas de Giovanni de Montecorvino, às vezes Arcebispo de Khanbaliq, Peregrine, Bispo de Zaytun (1318) e Andrew de Perugia (c. 1313), bem como o relato das maravilhas da China e da Índia pelo missionário Jordan de Sévérac. Como esta lista sugere, escrever e ler sobre o Extremo Oriente se tornou um gênero estabelecido. Esses relatos foram copiados em textos enciclopédicos latinos e histórias do mundo, pois o público ocidental ansiava por conhecimento sobre a magnificência da corte do grande câ e seu poder quase ilimitado.

A China era convencionalmente dividida pelos europeus nas províncias de Cathay e Manzi: Cathay se referia à região norte 'superior' e Manzi à região sul (confusamente, Manzi também era chamada, por alguns europeus, de 'Índia Superior'; era anteriormente governada pela dinastia Song). A partir da década de 1260, o império mongol se fragmentou, com várias dinastias estabelecendo seus próprios canatos rivais. De 1271 a 1368, a maior parte do que é hoje a China e a Mongólia foi governada pelo regime Yuan, uma dinastia mongol que classificou estrangeiros não chineses acima dos chineses e estabeleceu um ambiente favorável para colonos e visitantes europeus. A dinastia Yuan mudou a capital mongol de Karakorum para Shangdu (Xanadu) e depois para Khanbaliq (hoje Pequim). Khanbaliq serviu como capital de inverno e centro administrativo Yuan. ###O budismo era a religião de fato, embora houvesse considerável pluralismo religioso. Em 1368, os Yuan foram conquistados pelos Ming, uma dinastia chinesa Han, e a capital mudou-se para Nanquim ('a capital do sul'), embora esta tenha sido rebaixada a capital secundária em 1403 e a primazia de Khanbaliq/Dadu restaurada. Os Ming renomearam a cidade para 'Bei-ping', que significa 'o norte pacificado'.

Comporte-se como um morador local! Ao entrar em cada senhorio tártaro ou em cada província de Cathay, você deverá fazer um tributo de comida e/ou bebida. *Kumiss* (leite de égua fermentado) e carnes defumadas secas ao vento são geralmente apreciadas. Em todo o Tataria, as pessoas usam peles e peles de animais. Em Cathay, pode ser extremamente frio em abril e maio e você pode querer se vestir como os cortesãos do grande câ, com mantos de pele de carneiro, calças de pele de carneiro e sapatos de pele de carneiro.

Para os viajantes ocidentais, Khanbaliq era mais reconhecível do que Karakorum como uma grande cidade, e seus esplendores eram descritos em termos superlativos. Em contraste com Karakorum, Khanbaliq tinha um centro de cidade identificável. Em seu coração estava o complexo conhecido como a "Cidade Imperial" (o que agora é conhecido como a "Cidade Proibida", construída no século XV, refere-se a parte deste complexo). A Cidade Imperial era um elaborado parque paisagístico de pavilhões, torres, salões, quartéis, templos, armazéns, montes artificiais e palácios residenciais situados ao lado de lagos e pontes cintilantes. Isso era, de acordo com o relatórios enviados de volta ao ocidente, a expressão incomparável do poder e da riqueza do grande câ, da sofisticação tecnológica e do amor pela beleza ordenada.

Talvez o viajante mais famoso da Idade Média, e certamente o visitante mais conhecido da China pré-Ming, foi Marco Polo, o comerciante veneziano volúvel, embora pedante,

prosaico e pouco confiável. Polo não era um explorador (suas viagens famosas ocorreram em redes de comerciantes estabelecidas) e ele era menos um viajante do que um trabalhador migrante expatriado. Ele partiu para a China pela primeira vez em 1271 aos dezessete anos, da casa de sua família em Veneza via Acre, acompanhado por seu pai Niccolò e tio Maffeo, ambos comerciantes experientes que já haviam, na década de 1260, atravessado grande parte da Ásia. A família Polo era representante do mundo veneziano do Mar Negro, negociando joias e outras mercadorias entre Veneza e o ascendente império mongol em direção ao oeste. Os homens Polo passaram cerca de dezessete anos servindo na administração de Kublai Khan. Marco Polo parece ter sido um linguista talentoso, capaz de negociar entre as várias nações que negociavam com os mongóis, e também estava envolvido na indústria do sal. Ele retornou à Europa em meados da década de 1290.

Sabemos sobre Polo principalmente através do livro que ele coescreveu, apropriadamente chamado de *The Description of the World*. Este foi composto em francês em uma prisão genovesa, uma coprodução entre Polo e seu companheiro de cela, o escritor de romances Rustichello de Pisa (dc 1300). Ambos os homens foram mantidos como reféns nas guerras entre Gênova e Veneza. Polo foi libertado e retornou a Veneza por volta de 1299, e viveu seus anos como um rico comerciante e um famoso autor-viajante (ele morreu em 1324, por volta dos setenta anos). Apesar de seu amplo público, *The Description of the World* é uma obra de geografia política mais do que uma narrativa de viagem. Como um guia de viagem, falta-lhe o senso de observação individual ou a voz distinta de outros primeiros viajantes ao Extremo Oriente. Por muitas páginas, as viagens de Polo são apresentadas em termos sérios e literais, listando moedas, commodities, regras burocráticas e milagres de segunda mão. Ainda assim, seu livro foi lido avidamente na Europa em busca de evidências do mundo florescente do leste.

Na década de 1280, quando Polo visitou Khanbaliq, era uma cidade bem estabelecida cidade, onde árabes, persas, nepaleses, tibetanos, uigures e muitos outros trabalharam para a glória (ou em servidão) do grande khan. Polo foi mantido a serviço do khan, um vassalo exaltado, mas Pequim, a cidade que ele chamava de 'Taidu' ou 'Cambaluc', era, para ele, uma terra das maravilhas que estimulava sua capacidade de descrição.

Polo disse que a Cidade Imperial em Khanbaliq era o maior palácio já visto, um lugar "tão imenso e tão finamente trabalhado que não há homem na terra que possa imaginar melhorar seu design e construção, mesmo que tivesse o poder de fazê-lo". Para Polo, o palácio era a articulação suprema do poder e sofisticação do câ, e seu relato reflete a admiração de um turista boquiaberto. O complexo ficava dentro de uma "grande muralha quadrada", com uma milha de comprimento de cada lado, "completamente branca e com ameias". Em cada canto estavam localizados grandes palácios de grande beleza e opulência que eram usados como arsenais para as munições do grande câ. Como em Karakorum, havia um portão que só se abria para o próprio câ. Paredes internas, feitas de mármore com dois passos de espessura, formavam uma espécie de terraço onde as pessoas podiam passear e observar toda a área, observando da Cidade Imperial aqueles que não tinham permissão para entrar. Uma requintada balaustrada com pilares era um ponto de encontro para a corte, e um grande lance de degraus de mármore levava ao palácio do próprio câ.

Este palácio era um banquete para olhos famintos, suas paredes completamente cobertas de ouro e prata e decoradas com relevos elaborados: dragões, pássaros, cavaleiros, batalhas e todos os tipos de animais. O teto era igualmente deslumbrante, com

pinturas feitas em ouro. O palácio foi construído em torno de um salão gigantesco, "tão vasto e largo que mais de 6.000 homens poderiam facilmente comer lá". A extensão do palácio e seus muitos cômodos eram, para Polo, "bastante desconcertantes". Havia tesouros para todas as pedras preciosas e ouro do grande câ, e grandes casas e salões para suas esposas e concubinas. "Tudo", disse Polo, foi organizado para o "conforto e conveniência do câ, e estranhos não são admitidos" (uma sugestão astuta de que o próprio Polo havia se tornado um insider).

Ao redor do palácio havia parques arborizados, onde belos veados e esquilos se divertiam em prados "exuberantes com grama". Estradas pavimentadas atravessavam as clareiras, irrigando e drenando os gramados. Logo depois do palácio era uma colina artificial, com 100 passos de altura (cerca de 75 metros). A colina foi plantada como arboreto do câ; Polo relatou que "sempre que alguém menciona uma bela árvore ao Grande Câ, ele ordena que ela seja arrancada com suas raízes e uma quantidade de terra e transportada por elefantes para este monte". A colina, chamada de Colina Verde, continha "as árvores mais bonitas do mundo" e era sempre verde. Alguns diziam que ela era coberta de lápis-lazúli verde, para torná-la perene. A colina havia sido construída pelo grande câ "por causa da bela vista" que dava da Cidade Imperial, uma visão impressionante para todos que pudessem experimentá-la. Ao redor das colinas havia tanques de peixes e condutos, tudo para o deleite do câ, e cisnes e aves aquáticas. Polo, uma testemunha ocular e visitante frequente da corte, apreciava pouco a natureza, mas amava engenhocas e truques sofisticados: para ele, viajar significava observar novas tecnologias e maravilhas, um relato de tudo o que não estava disponível em casa.

Na extensão norte da nova cidade mongol estavam a Torre do Tambor e a Torre do Sino, construídas por Kublai Khan em 1272. A Torre do Tambor marcava o amanhecer com uma batida rítmica ressoando de seus andares impressionantes. A Torre do Sino soava o fim do dia e marcava o ponto em que um toque de recolher não oficial começava. Ambas as torres – altas, em camadas, engenhosamente decoradas – usavam arquitetura imponente e música pública para manter o tempo e a ordem, e para anunciar o controle do grande khan sobre Khanbaliq e as vidas de seus habitantes.

O relato de Polo é incomum e importante porque também fornece uma breve descrição da cidade fora dos recintos imperiais. Khanbaliq era uma nova cidade planejada, de acordo com Polo, e a população havia sido transferida para lá da cidade velha, exceto aqueles que abrigavam intenções rebeldes. Eles foram deixados para trás. A nova cidade media quase 40 quilômetros de perímetro, construída dentro de um quadrado perfeito de muros ameados. Por dentro, toda a cidade era disposta como uma grade de ruas retas e largas, como um tabuleiro de xadrez. Palácios, pousadas e casas eram construídos em lotes medidos, cada um em um pátio fora das estradas públicas finamente construídas (Polo descreveu aqui as ruas *hutong características* da velha Pequim). Todo o lugar, para Polo, era "tão bonito e habilmente planejado que nenhuma descrição pode fazer justiça". Não há sentido em seu relato de Khanbaliq de qualquer coisa além de admiração pela capital do grande khan, uma articulação de poder e ordem e um lugar além das palavras. No entanto, apesar de toda a sua proximidade com o khan, Polo estava falando para um público ocidental, transmitindo um conhecimento "especialista" baseado na experiência. Seu relato de Khanbaliq contém em si a arqueologia imprecisa, mas vívida, de uma memória vivida. O status da cidade como um centro para "um grande número de comerciantes e estrangeiros"

foi refletido, para Polo, no número de suas "mulheres pecadoras"; ele garantiu a seus leitores que pelo menos 20.000 trabalhadoras do sexo, que viviam discretamente nos subúrbios de Khanbaliq, atendiam homens por dinheiro. "Todas elas são necessárias", ele disse lascivamente, "para satisfazer o grande número de comerciantes e estrangeiros que vêm e vão aqui todos os dias". Além disso, elas não pagavam impostos, em vez disso, ofereciam serviços sexuais a funcionários do estado. O próprio Polo (ao mesmo tempo comerciante, estrangeiro e empregado do grande câ) pode muito bem ter tido experiência em primeira mão com as trabalhadoras do sexo de Khanbaliq.

Algumas gerações depois, relatos da Cidade Imperial se tornaram lendas. John Mandeville resumiu a ideia europeia de Khanbaliq em seu *Livro*, ele próprio baseado na descrição de Odoric de Pordenone de sua estadia de três anos lá na década de 1320. Mandeville chamou a cidade de "Cadom" (uma corruptela de Dadu). Ela tinha, ele disse, muros com 20 milhas de circunferência e continham doze portões. O lugar todo era tão ricamente decorado que desafiava a comparação. Os jardins eram elegantes e continham "uma bela montanha" que era "a mais bonita que se pode encontrar em qualquer lugar". Os muros do palácio eram cobertos com peles de pantera vermelha que exalavam um cheiro agradável e brilhavam ao sol, então "difícilmente se pode olhar para elas"; nunca havia fedores desagradáveis lá e essas peles de pantera eram valorizadas como ouro. As mulheres casadas usavam na cabeça a imagem do pé de um homem habilmente trabalhada em pedras preciosas e penas de pavão; isso significava sua sujeição aos maridos. O trono e o salão do imperador eram enfeitados com joias e pedras preciosas, repetidamente listadas por Mandeville. Ele escreve que a corte mongol era "mais magnífica e esplêndida do que já tínhamos ouvido falar. Nunca teríamos acreditado se não a tivéssemos visto". Há uma provocação aqui, porque ele não a tinha visto, mas os relatos da Cidade Imperial eram tão impressionantes que eram, essencialmente, inacreditáveis. Na época de Mandeville, a organização do palácio imperial foi projetada para refletir a ideia ocidental da grande perfeição potente do câ, uma ordem cósmica na qual o palácio representava o ser supremo do próprio câ.

Alguns anos após a viagem de Giovanni de Plano Carpini e Benedykt da Polônia, em 8 de janeiro de 1305, Giovanni de Montecorvino escreveu uma carta de Khanbaliq ao ministro geral da Ordem Franciscana na Itália. Giovanni também era franciscano, nascido no sul da Itália e com uma longa carreira como missionário na Armênia e Tabriz. Em 1305, ele construiu uma igreja cristã em Khanbaliq, batizou cerca de 6.000 pessoas na fé cristã, educou dezenas de meninos locais em latim e grego e copiou trinta saltérios e dois breviários em manuscrito para que a comunidade local pudesse realizar serviços religiosos. Ele aprendeu a falar a língua dos mongóis (e até traduziu o Novo Testamento para ela). Parece ter sido uma existência amplamente solitária para ele como um cristão latino em Khanbaliq. Em sua carta, ele pediu reforços; ele precisava de mais livros e 'dois ou três camaradas' que pudessem ajudá-lo a missionar. Ele estava confiante de que poderia converter o próprio grande câ, naquela época Temür Khan (falecido em 1307), neto de Kublai Khan e tataraneto de Genghis Khan.

Giovanni de Montecorvino tinha muita experiência como missionário e começou a converter tanto as pessoas quanto o ambiente construído de Khanbaliq. Ele construiu uma igreja com um campanário de três sinos e em 1305 estava ocupado tentando estabelecer

uma segunda igreja. Ele culpou os "trabalhos e tribulações" de suas experiências em Tataria por deixar seu cabelo branco aos cinquenta e oito anos. Ele estava evidentemente comprometido com sua missão, mas sua carta termina com uma nota familiar de admiração: "não há rei ou príncipe no mundo que possa igualar o Grande Khan na extensão de sua terra e na grandeza da população e riqueza". Repetidamente, encontramos em relatos ocidentais uma imagem da China como um império verdadeiramente impressionante, com a Europa e a Igreja Romana sem páreo para ela. Mais tarde, Giovanni de Montecorvino converteu com sucesso um príncipe mongol, George, aparentemente um nestoriano e confucionista que se tornou católico (mas não renunciou ao confucionismo) e ajudou a construir uma igreja cruciforme na cidade perdida de Tenduc. Giovanni não tinha tanto sucesso com Temür Khan, cujo budismo (que Giovanni chamava de "idolatria") estava firmemente estabelecido.

Giovanni recomendou a rota mais segura e rápida para a China: um frade, acompanhado por um mensageiro, poderia fazer a viagem em 'cinco ou seis meses' se viajasse pelas terras dos 'tártaros do norte'. Essa rota começava em Tana, passava pelo Mar Negro e passava pela capital mongol ocidental em Saray, no Volga, e depois pelo que é hoje o Cazaquistão. A rota alternativa, Giovanni alertou, era 'muito longa e muito perigosa', pois envolvia duas viagens marítimas; levaria mais de dois anos e era, ele disse, o equivalente a navegar primeiro de Acre para Provença e depois novamente de Acre para a Inglaterra. A rota marítima era via Ormuz para a Costa de Malabar e depois de St Thomas (Mylapore perto de Chennai) na costa leste da Índia para a China. E ainda assim a rota terrestre que ele recomendou estava fechada 'por um tempo considerável' por causa das guerras que estavam ocorrendo e parece que Giovanni foi obrigado a ir pelo mar. Sua carta faz parte de um conjunto de conhecimentos europeus sobre a melhor forma de, apesar dos rigores da jornada, construir uma ponte entre a Europa e a incrível corte do grande câ.

Poucos anos depois, em 1338, outro frade franciscano chamado Giovanni, Giovanni de' Marignolli, um clérigo florentino de alto escalão na corte papal, foi enviado pelo papa à corte do grande câ. Três anos depois de deixar Avignon, e depois de ter passado pelo deserto de Gobi, Giovanni chegou a 'Cambalec' no verão de 1342. Khanbaliq era indescritível: 'De seu incrível tamanho, população e disposição militar, não diremos nada.' Mas fica claro pela breve descrição que ele deu que ele e seu grupo de trinta e um companheiros de viagem foram tratados extremamente bem pelo grande câ, recebendo quantidades generosas de carne e bebida, 'papel para lanternas' e 'roupas caras'. Giovanni recebeu um pedido pessoal do câ para que ele próprio se tornasse arcebispo de Khanbaliq, na catedral no portão do palácio, construída por Giovanni de Montecorvino em 1305.

Entre os muitos lugares visitados por Marco Polo estava a grande e esplêndida cidade de Yangzhou (frequentemente chamada de Yangchow). Yangzhou, situada em uma planície, prosperou onde o notável Grande Canal, correndo por mais de 1.000 quilômetros de Pequim a Hangzhou, encontrava as águas largas do rio Yangtze. Lagos rasos e canais estreitos serpenteavam pela cidade. Juncos e sampanhas deslizavam rio abaixo, alimentados pelo suor humano. Os canais eram cruzados por pontes esculpidas, cada uma esplendidamente ornamentada. Pagodes budistas em camadas, com seus flancos suavemente afilados, davam à cidade um horizonte elegante e elaborado. De acordo com seu relato, Polo não apenas passou por Yangzhou, mas passou três anos lá. Ele relatou que

os moradores praticavam "idolatria" e falavam a língua persa. Ele então alegou que havia sido nomeado governador da cidade, pela comissão do grande câ. Isso, ele disse, fez dele um dos "doze barões de mais alta patente" do câ.

A ostentação de Polo não é crível. Ele não é atestado em fontes chinesas. É possível que a palavra *sejourna* (ficado) tenha sido corrompida em manuscritos para *seigneur* (governado); não é incomum que viajantes pensem em si mesmos como responsáveis em vez de visitantes de passagem. Deixando de lado a falta de confiabilidade de tais viajantes — todos os viajantes são subjetivos — Yangzhou era um dos principais destinos para visitantes europeus, e Polo provavelmente não era o único europeu lá.

Quando Odoric de Pordenone visitou Yangzhou em 1322-3, a cidade tinha um convento franciscano e três outras igrejas "nestorianas" seguindo o rito cristão siríaco oriental. Havia há muito tempo uma comunidade de comerciantes persas em Yangzhou, negociando entre a China e Ormuz. Ao mesmo tempo, comunidades de comerciantes expatriados genoveses e venezianos foram estabelecidas lá.

Sabemos que uma das famílias que viviam em Yangzhou naquela época era a de Domenico Ilioni. A família Ilioni, de Gênova, havia se estabelecido na Pérsia, provavelmente em Tabriz, no século XIII e depois se mudou para Yangzhou. Duas lápides descobertas na cidade revelam algo sobre as vidas e mortes dos filhos de Domenico, Caterina (m. 1342) e Antonio (m. 1344). A lápide lindamente preservada de Caterina está inscrita em latim em letras góticas, com desenhos de linhas esculpidas do martírio de sua homônima Santa Catarina de Alexandria, ao lado de anjos e uma Madona e o Menino. A pedra menos bem preservada de Antonio também mostra imagens cristãs convencionais, do Juízo Final e do martírio de seu santo padroeiro, Santo Antônio Abade.

Essas imagens parecem, a princípio, expressar memórias familiares da cultura religiosa europeia, importadas da Itália. No entanto, seu estilo não é europeu, mas mais parecido com a arte budista chinesa da época, e é possível que o pedreiro fosse um convertido local ao cristianismo ou simplesmente um artista comercial. Além disso, o carrasco de Santa Catarina está vestido como um guerreiro mongol, retraduzindo a história da santa de oeste para leste. A família Ilioni viajou, fisicamente, quase tão longe da Europa quanto pôde, mas permaneceu intimamente conectada às suas origens por meio do comércio de mercadorias como sedas e especiarias: de Yangzhou a Tabriz, à colônia genovesa em Pera, em Constantinopla, e de volta a Gênova e além. Suas lápides revelam o mundo emaranhado de uma cidade global e sincrética, ligando a Europa Ocidental ao Extremo Oriente, por meio de caravanas-serais das Rotas da Seda e juncos de mercadores através do Oceano Índico. Ao articular suas mortes em monumentos de pedra, Caterina e Antonio Ilioni deixaram um testemunho duradouro do mundo interconectado do qual faziam parte, no qual viagens e contatos por enormes distâncias mantinham o leste e o oeste em constante interação.

E o que havia além da China? A leste ficava o reino de Cipangu ou Japão, apenas vagamente apreendido por viajantes europeus em nosso período. No Globo de Behaim de 1491, Cipangu é um longo arquipélago, ilustrado com uma tenda real (o sinal de um rei) e notas sobre suas florestas de noz-moscada e pimenta. A descrição do arquipélago é mínima: Cipangu tem um rei e sua própria língua; seus habitantes adoram ídolos; há muito ouro lá e uma rica produção de especiarias. Esta informação é retirada de Marco Polo, geralmente creditado como o portador do primeiro relato do império japonês a chegar ao oeste. A

descrição de Polo estabeleceu o modelo para as noções europeias do Japão por cerca de 300 anos.

Nem Polo fingiu ter viajado para o Japão. Ele tinha ouvido claramente sobre o reino durante seu tempo na China Mongol, que lançou ataques significativos, mas malsucedidos, ao Japão em 1274 e 1281. Disseram-lhe que o Japão era habitado por pessoas "brancas, bonitas e corteses", "extremamente ricas em ouro" e 'completamente independente'. Repetindo um rumor que era frequentemente feito por viajantes pela Ásia, Polo disse que as pessoas eram canibais, matando cativos e comendo sua carne cozida para uma refeição familiar. Havia ainda piores 'façanhas desses idólatras' que ele tinha ouvido falar, mas elas eram 'tão bizarras e diabólicas que não são adequadas para serem mencionadas em nosso livro, porque tal maldade seria demais para ouvidos cristãos'. Isso marca o limite das informações de Polo. Ele sabia pouco mais sobre o Japão, e seu relato do país evita especificidades factuais ou culturais. As curiosidades japonesas que ele notou incluíam um enorme palácio inteiramente coberto com ouro fino e um notável costume funerário japonês, segundo o qual os mortos eram queimados ou enterrados, aqueles que eram enterrados tendo uma pérola local colocada em suas bocas.

O restante de seu relato compreende uma história sensacionalista sobre a calamitosa invasão mongol do Japão em 1281, que ocorreu durante seu serviço na corte de Kublai Khan; ele, portanto, estaria em cena quando os relatos da invasão fracassada chegaram a Khanbaliq. É também um dos poucos momentos em seu livro em que Polo fala sobre os aspectos práticos e os perigos da viagem em si.

A frota mongol partiu de Zayton (Quanzhou) e Xingzai (Hangzhou), dois dos mais importantes portos imperiais do leste da China (este último conquistado pelos mongóis em 1276). A frota era liderada por dois capitães rivais, 'Abacan' (o chefe mongol Arakhan) e 'Vonsainchin' (o desertor Song Fan Wenhui), cuja inimizade mútua condenou a expedição desde o início. A frota chegou ao Japão, mas, antes que um único parapeito ou poterna pudesse ser tomado, um vendaval do norte soprou. Vendo que eles seriam destruídos se permanecessem no porto, a frota mongol foi para o mar. Uma vez que estavam nas águas turbulentas, o vendaval se intensificou e os navios começaram a colidir e se despedaçar. Milhares se afogaram, outros escaparam, se seu barco conseguiu navegar pelos mares horríveis. Alguns navios, incluindo aqueles que continham os dois comandantes, conseguiram atracar em uma pequena ilha desabitada.

Depois que a tempestade amainou, os comandantes reuniram todos os oficiais e capitães – ou seja, os nobres seniores da frota – e fugiram de volta para a China. Eles deixaram 30.000 marinheiros abandonados na pequena ilha, naufragados e desolados. Pouco tempo depois, os japoneses invadiram esta ilha, planejando capturar os miseráveis marinheiros cujos próprios comandantes os haviam deixado para morrer. Mas, de acordo com a história contada a Polo, alguns dos homens chineses enganaram os japoneses e conseguiram se esgueirar por uma montanha e abordar a frota japonesa. Eles roubaram os barcos, navegaram para o Japão e foram confundidos com marinheiros japoneses e recebidos na "capital", que eles prontamente capturaram (historicamente falando, esta teria sido Kyoto). Eles "expulsaram todas as pessoas, exceto algumas mulheres bonitas", que eles mantiveram "para servi-los", e mantiveram a cidade por sete meses; eles se renderam apenas quando tiveram a garantia de que suas vidas seriam poupadas. Enquanto

isso, os comandantes chineses que haviam retornado à corte do grande câ foram executados.

A descrição de Polo do Japão como um lugar de mercadorias ilimitadas, prontas para saque, repletas de ouro e pérolas, ecoa as outras maravilhas medievais do Extremo Oriente, um domínio vagamente compreendido de riqueza ilimitada, pronto para o intrépido viajante-mercador fazer fortuna. O relato espirituoso de Polo — apresentado como notícia recente — do ataque mongol fracassado tem em seu centro a imagem mais medieval de mudança de fortuna: a tempestade ou tempestade. A tempestade foi por muito tempo uma imagem preferida para descrever os perigos da rapacidade e as vicissitudes da jornada do homem na vida: a violenta mudança do mar que fez a popa subir e a proa cair, que mergulhou mortais impotentes nas ondas ofuscantes de suas profundezas, que moveu o curso reto da frota para o caos por meio de uma vontade incontável. As rajadas da tempestade pegaram todos, conscientes ou não, e eles só podiam amaldiçoar o poder de seus deuses. No relato de Polo, a tempestade sozinha atrapalhava os chineses, era a niveladora da ambição e a limitadora das viagens e, como tal, era a fronteira — uma fronteira natural — do império do grande câ, onde ventos conflitantes levavam até mesmo as maiores potências mundiais à frustração.

A versão de Polo dos eventos em 1281 não é historicamente precisa; ela reflete a preservação da face por parte dos chineses derrotados, e aspectos de sua história são diretamente contraditos em fontes chinesas e japonesas contemporâneas. Arakhan havia de fato morrido antes de chegar ao Japão, e foi substituído por Ataqai como comandante-chefe. A ocupação de Kyoto é fantástica; a frota mongol assolou Takashima, onde o terrível tufão atingiu. Os japoneses removeram os chineses sobreviventes para Hakata (Fukuoka), onde soldados mongóis, coreanos e han foram executados. Outros foram presos ou escravizados. Três sobreviventes voltaram para Khanbaliq para relatar o que havia acontecido com a frota do grande khan, e seu testemunho foi usado na corte marcial de Fan Wenhui em Khanbaliq, na qual ele foi considerado culpado de abandonar suas tropas nas ilhas ao largo de Kyushu.

Quase todos os escritos de viagem medievais deixam claro que ninguém viu o mundo inteiro. A verdade ou confiabilidade do relato de Polo sobre o Japão pouco importava para seu público europeu porque o Japão era *terra nullius* no que diz respeito à compreensão ocidental. Era mais um lugar abundante entre as estranhas ilhas do leste. Apesar de todas as suas viagens de longa distância e seus muitos anos passados na Ásia, Polo não tinha certeza sobre a extensão do mundo, e tinha certeza de que ainda restavam outros mundos para serem visitados, descobertos e aproveitados.

Comer fora na China Mongol

Marco Polo é frequentemente creditado por trazer uma variedade de alimentos da China para a Itália, mas não há evidências de que ele tenha trazido receitas de volta com ele. Ele notou muitas peculiaridades da dieta e rituais em torno da comida: por exemplo, ele descreveu o excelente vinho de tâmaras temperado em Ormuz, a dieta exclusiva de carne e arroz na Caxemira, o hábito tártaro de comer cavalo, cachorro e mangusto, as oferendas da Ásia Central de gordura e caldo aos deuses, o macarrão de arroz e painço da China e as maravilhosas peras e pêssegos no mercado de Hangzhou. O encontro com outras dietas, convenções gastronômicas e tabus sociais em torno da comida é uma parte perene da viagem. Em geral, os viajantes focavam em curiosidades ou regras de jantar em vez da preparação de alimentos, e ficavam impressionados com a grande abundância de alimentos na China medieval.

Aqui estão algumas regras medievais sobre refeições e hospitalidade em uma *ger* (yurt) na China Mongol.

- Quando um animal for comido, você deve amarrar suas pernas para cima, abrir a barriga e apertar o coração firmemente em sua mão até que o animal morra. Depois disso, você pode comer a carne. Quem abater um animal à moda muçulmana será ele próprio abatido.
- Genghis Khan proibiu que as mãos fossem mergulhadas na água; em vez disso, a água deve ser recolhida com recipientes.
- Genghis Khan proibiu seus súditos de comerem comida oferecida por outro até que aquele que oferecia a comida a tivesse provado, mesmo que você fosse um emir e o outro um cativo. Ele proibiu qualquer um de comer qualquer coisa na presença de outro sem primeiro tê-lo convidado a compartilhar a comida. Ele proibiu qualquer homem de comer mais do que seus companheiros e de pisar em uma fogueira na qual a comida estivesse sendo cozida ou em um prato do qual as pessoas estivessem comendo.
- Quando um viajante passar por um grupo de pessoas comendo, ele deve descer do cavalo e comer com elas sem pedir permissão, e elas não devem impedi-lo de fazer isso.
- Se o *kumiss* não for oferecido ao sedento, você pagará uma multa de uma ovelha.
- Se você se recusar a oferecer abrigo a um viajante durante a noite, poderá ser multado em uma égua de três anos.
- Você não deve usar uma faca para retirar a carne da panela, pois isso fará com que a cabeça da carne se solte do fogo.
- Você não deve urinar dentro de uma yurt. Se fizer isso voluntariamente, será condenado à morte. Se for accidental, você terá que pagar um feitiçeiro para limpar você e a yurt e tudo o que está nela passando por dois fogos, e antes que ela seja purificada ninguém deve ousar entrar ou remover nada dela.
- O roubo de leite de égua, vinho e chá será punido com uma multa de cinco cabeças de gado. O roubo de grãos será punido com uma multa de um cavalo.

- Você não deve derramar leite ou colocar qualquer outro alimento ou bebida no chão.
 - Uma pessoa que se engasgue com comida deve ser expulsa da yurt e morta imediatamente.
 - Se um pedaço de comida for dado a alguém e ele o colocar na boca, mas não comer e cuspir, um buraco será feito sob a tenda e ele será arrastado para dentro do buraco e morto sem piedade.
 - Se você não consegue parar de beber álcool, fique bêbado apenas três vezes por mês. Se você exceder isso, será punido. Ficar bêbado duas vezes por mês é bom, e uma vez por mês é ainda melhor. O que poderia ser melhor do que não beber nada? Mas quem na Terra pode fazer isso? Se tal pessoa fosse encontrada, ela seria digna do maior elogio.
-

§§§ O Irmão Lourenço, um frade português, havia partido em uma missão semelhante um pouco antes, mas seu destino é desconhecido.

ᠬᠣᠷᠳᠠ O nome Horda Dourada se refere à riqueza e magnificência do *ordo do cã* (mongol: 'acampamento').

O nome turco mongol Khanbaliq significa algo como "assentamento urbano permanente", mas também era chamado de Dadu, de Ta-tu, o mandarim para "grande capital".

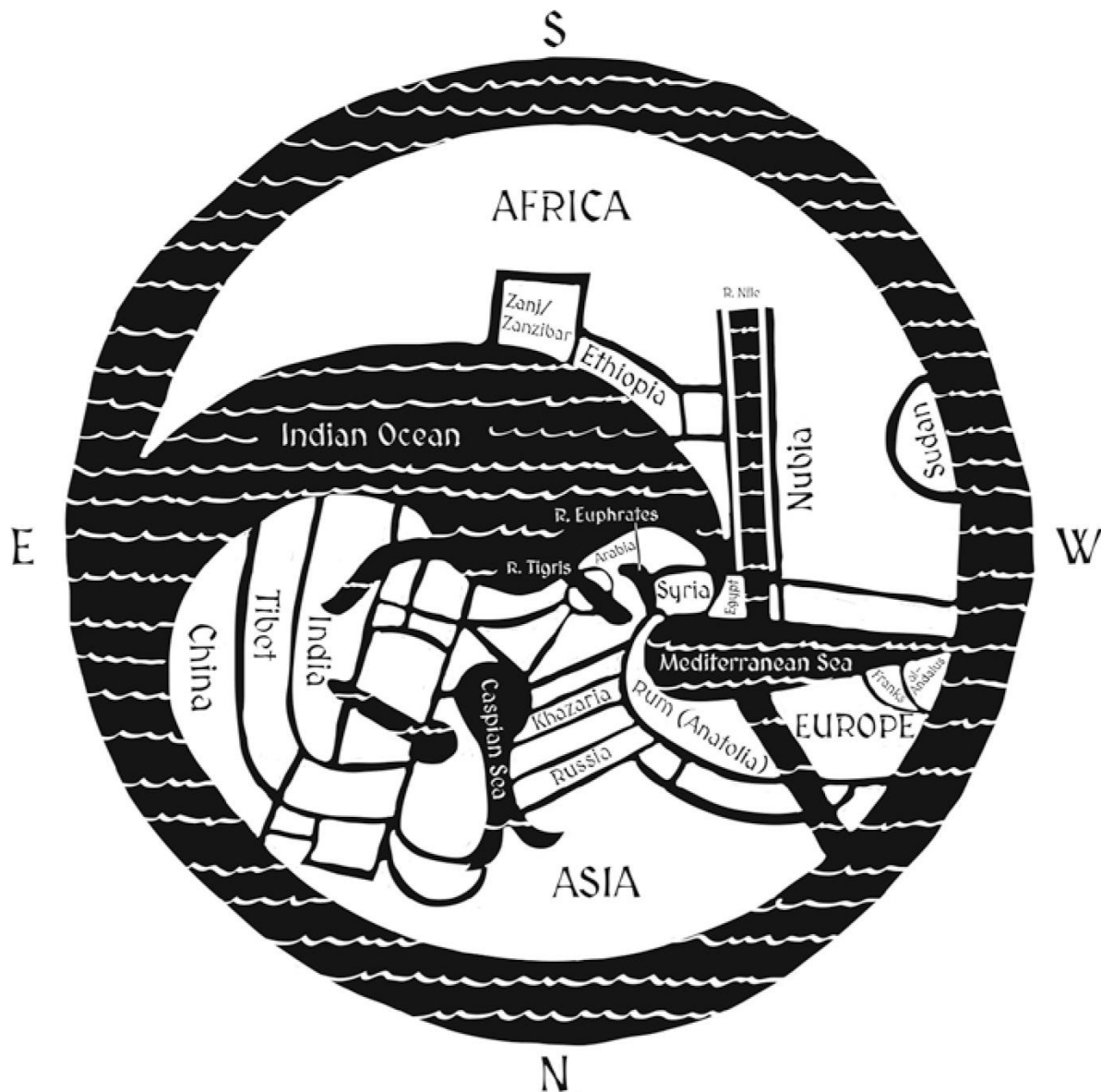
13. Visitando o Oeste

*Istambul 1470 – Ormuz e Jeddah 1413–15 – Peterborough 1393 – Jerusalém 1325–
7 – Poitiers 1307 – Bordéus e Paris 1288*

Muitas pessoas fora da Europa, se é que pensavam na Europa, pensavam nela como "a Terra dos Romanos", "a Terra dos Francos" ou "o império latino", longe dos principais centros da população mundial. No período de 1300 a 1400, as maiores cidades do mundo eram provavelmente Pequim e Nanquim, cada uma com mais de meio milhão de pessoas, em comparação com os 33.000 de Roma, os 50.000 de Londres e os 200.000 de Paris (todos esses números são aproximações). Até agora, este livro se concentrou amplamente no olhar turístico e no "eu" dos viajantes europeus que vão para o leste. Ele destacou sua curiosidade, seus preconceitos, seus desejos, sua tendência a exotizar e as maneiras como seus relatórios e opiniões moldaram seu mundo. Agora giramos o globo um pouco para considerar como o oeste parecia para os viajantes e visitantes do leste. Para fazer justiça a este tópico, seriam necessários muitos mais volumes. Aqui, ofereço algumas perspectivas como correção ao olhar dominante do Ocidente, um olhar que tanto contribuiu para construir a ideia de viagem com a qual vivemos hoje.

Começamos nossa jornada com o Globo de Behaim, que apresentou a visão do mundo de Nuremberg. Agora temos uma visão diferente, de Istambul, às vezes Constantinopla, às vezes Bizâncio, na década de 1470, cinquenta anos após a missão de Bertrandon de la Broquière lá. Desde 1453, a cidade estava sob o domínio do imperador otomano Mehmed II (também conhecido como Mehmed, o Conquistador); sua população, seu aspecto visual e sua orientação global haviam mudado fundamentalmente.

Mehmed II conquistou Constantinopla em maio de 1453; ele tinha apenas vinte e um anos na época. Suas forças mataram o imperador bizantino Constantino XI Dragases Paleólogo (1405–53), efetivamente encerrando um império cristão que poderia ser rastreado até a Roma antiga. Por toda a Europa, reis e clérigos reagiram com choque e horror ao que viam como uma vitória do islamismo sobre a cristandade. As tropas otomanas receberam o prêmio de três dias de saques. No terceiro dia, Mehmed realizou uma celebração da vitória, garantiu a segurança dos cristãos restantes e começou a transformar a cidade. A Basílica de Hagia Sophia se tornou uma mesquita e Mehmed rapidamente mudou sua capital de Edirne para Constantinopla (que começou a ser chamada de Istambul, seu nome turco popular, derivado do grego *eis ten polin*, 'para [ou "na"] cidade').



Em 1459, Mehmed começou a ter um palácio magnífico, Topkapı, construído para ele. De seus aposentos privados nos recintos sombreados no topo das colinas de Topkapı, o sultão podia olhar para o Corno de Ouro, seu olhar comandando as rotas marítimas a leste para o Mar Negro e a oeste para o Egeu e o Mediterrâneo. Mehmed não fez segredo de que desejava conquistar Roma, assim como havia tomado a "Nova Roma" de Constantinopla; de seu elaborado palácio em Topkapı, ele se declarou Kayseri Rum, literalmente um novo "César dos Romanos".

O sultão Mehmed tinha gostos cosmopolitas, unindo o leste e o oeste, parte *fatih islâmico* (conquistador), parte príncipe renascentista. Ele acumulou livros e obras de arte dos territórios que conquistou, e queria ver o mundo pelos olhos daqueles que havia vencido, os navegadores e mercadores venezianos que haviam dominado o Mediterrâneo

anteriormente. Ele encomendou uma ampla gama de mapas de diferentes perspectivas e abordagens geográficas.

Em particular, Mehmed parece ter feito cartógrafos turcos fazerem um grande número de mapas islâmicos, incluindo vários desenhados em cópias do *Kitab al-Masalik* (*As Rotas do Reino*) de Abu Ishaq al-Istakhri, uma obra geográfica do século X extremamente influente. Mehmed tinha esses mapas em sua posse pessoal e os colocou nas bibliotecas das mesquitas de Istambul também. Nesses mapas, o sul está no topo. O norte está na parte inferior. O que é agora o Iraque está no centro do mapa. Dois continentes principais dominam: África na metade sul (superior), Ásia na metade norte (inferior). Os mapas são divididos pelo Golfo Pérsico e pelo Oceano Índico.

O território otomano é marcado como a Terra do Rum, o império muçulmano da Anatólia, e a maior parte da Europa continental é marcada, otimistamente, como a Terra da Grande Bizâncio, uma Turquia maior. A Europa cristã é apenas uma pequena fatia do canto noroeste (canto inferior direito), onde um pequeno território é marcado como "Francos", Europa Ocidental). À sua direita (oeste) está al-Andalus (os emirados islâmicos do sul da Península Ibérica até a conquista de Granada por Castela em 1492). A Europa cristã é, de acordo com essa visão de mundo, um canto obscuro, carente de detalhes ou características notáveis. De Istambul, a Europa Ocidental era a borda do mundo. Em outras palavras, em alguns mapas da Istambul de Mehmed, os valores e as perspectivas dos mapas europeus são alterados: um mundo diferente, um mundo de diferença .

No verão de 1480, as forças turcas otomanas sitiaram a cidade de Otranto, no sul da Itália, então parte do reino de Nápoles. Os otomanos estavam fazendo incursões sem precedentes no oeste, incluindo o cerco de Rodes (no mesmo ano) e ataques e desembarques por todo o Mediterrâneo. Ao mesmo tempo, mapas de estilo europeu estavam sendo feitos para a corte otomana por um dos cartógrafos mais famosos da Europa Ocidental, Francesco Berlinghieri (1440–1501) de Florença. Berlinghieri usou a antiga *Geographica* de Ptolomeu (c. 150 EC), um tratado grego sobre cartografia mundial que foi amplamente traduzido para o latim por volta de 1400. A *Geographica* mapeou e descreveu o mundo das ilhas do Atlântico até a costa leste da China. Berlinghieri 'atualizou' Ptolomeu traduzindo a obra para poesia italiana e adicionando detalhes cartográficos. Os mapas de Berlinghieri, deslumbrantemente decorados em lápis-lazúli e folhas de ouro, mostram toda a Europa, suas costas, rios e cidades. Pode-se ver 'Canterborges' (Canterbury), 'Londra' (Londres) e 'Excestria' (Exeter) na Inglaterra, 'Rocelle' (La Rochelle), 'Bordeos' (Bordeaux) e 'Baiona' (Bayonne) na costa atlântica. Os nomes de lugares no mapa tendem a ser portos ou centros eclesiásticos. A Escandinávia está amplamente ausente, e o Báltico é esboçado de forma grosseira, mas os litorais do Atlântico e do Mediterrâneo são mostrados em grande detalhe e com precisão surpreendente.

O livro de Berlinghieri foi projetado para Mehmed, mas Mehmed morreu antes que pudesse ser concluído; uma cópia magnífica do livro com seus mapas pintados foi presenteada em 1482 ao filho de Mehmed, Bayezid II (r. 1481–1512). Crescentes islâmicos são marcados nas margens elegantes, onde outras cópias têm a cruz cristã. Este atlas era uma curiosa contrapartida a outros mapas na coleção otomana, a maioria dos quais colocava em primeiro plano os mundos do Oceano Persa e Índico. O mapa de Berlinghieri ampliou o conhecimento turco do oeste e permitiu que o novo sultão olhasse para o oeste com uma visão "ocidental", usando o mais recente conhecimento geográfico italiano

apresentado na poesia italiana. Assim como a Europa cristã gradualmente se interessou pelo mundo mais amplo, o mundo além da Europa desenvolveu um interesse pelo oeste.

Bom saber: Camelos são usados para viajar em muitas partes do mundo. Algumas pessoas dizem que há dois tipos de camelo: o bactriano e o árabe. O camelo árabe, ou dromedário, tem uma corcova nas costas, o bactriano tem duas (embora alguns digam que é o contrário). As pessoas montam, carregam e comem camelos, e pode-se usar pele de camelo ou usá-la para tendas de couro. 'Cameline' ou 'camlet' é uma lã asiática macia feita de pelo de camelo. O pastor de camelos é chamado de 'dromedarius' ou cameleer. Camelos e dromedários correm rápido. Eles têm sangue quente, ácido e ralo, então seu leite é mais ralo do que o de outros animais.

É claro que a China esteve por muito tempo conectada com o extremo oeste, tanto pelas rotas da seda quanto pelas rotas de comércio marítimo para a costa leste da África, o Chifre da África e a Península Arábica. Moedas chinesas medievais foram encontradas em lugares tão distantes quanto a Inglaterra e a Etiópia. Era bem sabido na década de 1470 que "homens de Catai viajaram para o leste", e houve até relatos de que dois chineses "estranhos e maravilhosos" apareceram em Galway, na Irlanda, refletindo a crença de que havia uma passagem marítima direta entre a China oriental e a Europa ocidental. Essas anedotas podem ser descartadas como rumores estranhos e mal-entendidos - talvez esses invasores na Irlanda fossem da Islândia, Groenlândia ou América do Norte? No entanto, temos registros muito mais detalhados e certos de viajantes chineses no extremo oeste do início do século XV, precisamente durante a época em que as viagens europeias também estavam se expandindo rapidamente.

Zheng He (Cheng Ho; 1371–1435) foi um eunuco de alta patente (um oficial castrado) na corte Ming. Entre 1405 e 1433, ele empreendeu sete grandes expedições marítimas, navegando pelos oceanos para trazer tesouros de volta – na forma de tributos, pilhagens, embaixadores, novas mercadorias e mulheres para a corte imperial. Cada uma das expedições lideradas por Zheng He compreendia milhares de marinheiros e atravessava a maior extensão do mundo chinês, do sudeste da Ásia ao leste da África. Sua frota, construída e mantida no enorme estaleiros imperiais em Nanquim, compreendiam embarcações estupidamente grandes, com pelo menos 90 metros de comprimento e nove mastros. Havia navios puxados por cavalos transportando a cavalaria, navios-tanque para armazenar água potável, navios de suprimentos cheios de comida e dezenas de embarcações menores.

Em três de suas viagens, Zheng He foi acompanhado por um tradutor volúvel e escritor de viagens chamado Ma Huan (pseudônimo 'Mountain Woodcutter'). Tanto Zheng He quanto Ma Huan eram muçulmanos, e suas viagens foram parcialmente enquadradas como peregrinações à 'terra do Quadrado Celestial', isto é, Meca. Ma Huan também era um escritor de viagens observador e curioso. Sua primeira viagem com Zheng He, em 1413-15, foi uma viagem notável, compreendendo sessenta e três navios e mais de 28.500 homens, que navegaram de Nanquim para Java, Sri Lanka, Costa de Malabar (incluindo Cochim e Calicute) e tão a oeste quanto Ormuz e Aden. Em seu prefácio (escrito em 1416) para seu relato dessa viagem, Ma Huan descreveu como sua curiosidade foi inicialmente despertada pela leitura de um texto geográfico do século XIV, *An Relato das Ilhas e seus Bárbaros*. Ele

escreveu que, após ler sobre os vários povos, topografias e climas do planeta, ele se perguntou: 'Como pode haver tantas diferenças no mundo?'

Como muitos escritores de viagens ocidentais, que partiram em suas jornadas tanto para pesquisar quanto para confirmar o que já haviam encontrado em relatos de outros sobre o mundo, Ma Huan usou a viagem massiva para ver com seus próprios olhos os lugares sobre os quais havia lido e para "andar por eles pessoalmente". E assim ele sabia que as descrições escritas do mundo "não eram invenções, e que maravilhas ainda maiores existiam". Ele falou pouco sobre os aspectos práticos da viagem. Em vez disso, seu método era coletar notas sobre a "feiura e a beleza" das pessoas que ele encontrava em cada país, sobre costumes locais, sobre produtos e mercadorias e sobre limites e jurisdições. Em seu prefácio, ele se descreveu como "um mero simplório", privilegiado como era por acompanhar o enviado imperial em tal jornada, e falou da viagem como "uma oportunidade maravilhosa", do tipo que ocorre apenas uma vez em mil anos. Ele terminou o prefácio com uma garantia ao leitor de que ele era "incapaz de elegâncias literárias" e, portanto, sua "caneta honesta" era confiável. Ma Huan surge através de seu relato como outrora preciso e curioso, ávido por registrar o mundo em detalhes, mas também cheio de desejo por novas maravilhas – uma oscilação entre o desejo do escritor de viagens de ser preciso no que via e seu desejo de transmitir as maravilhas do mundo.

Uma das tarefas da jornada era capturar um usurpador do trono de Semudera, um sultanato na ponta norte de Sumatra, mas Ma Huan diz pouco sobre a logística militar da empreitada. Seu olhar inquisitivo e gosto pelos detalhes das culturas locais estão em desacordo com o que deve ter sido a aparência chocantemente belicosa da frota com a qual ele navegou e a expansão assertiva que estava por trás das jornadas internacionais da dinastia Ming.

O extraordinário relato de Ma Huan sobre o mundo abrange muitas páginas e inclui uma grande quantidade de detalhes fascinantes, que vão desde um poema lírico sobre o progresso de seu grande navio "nas ondas rugindo do oceano sem limites" até um relato sobre os homens-tigres de Malaca (tigres que se transformam em homens) e listas de vinhos do Sri Lanka e os dez usos dos cocos indianos. [****](#)

O ponto mais a noroeste visitado por Ma Huan foi Jeddah, o porto de Meca, no lado ocidental da península Arábica. Ele também visitou vários portos no leste da África. Jeddah era um importante porto comercial por direito próprio e um terminal ocidental da maioria dos embarques indianos e chineses. Ma Huan deu apenas uma breve descrição da cidade e de seu povo "firme e de boa aparência", sua pele "roxa muito escura" e os costumes pacíficos e admiráveis dos moradores: "não há famílias pobres", escreveu ele, e "todos observam os preceitos de sua religião, e os infratores da lei são poucos." Admiravelmente, ele acrescentou, 'é na verdade um país muito feliz,' antes de fazer sua jornada para Meca e seu 'Salão Celestial', onde ele deu uma descrição da mesquita maravilhosamente construída. Suas paredes, ele relatou, eram 'formadas de argila misturada com água de rosas e âmbar cinza', exalando fragrância perpétua. Ele descreveu a 'Praça Celestial' de Meca nos termos familiares do Paraíso Terrestre, um lugar de engenhosidade arquitetônica, facilidade social e prazer natural.

O relato de Ma Huan sobre Ormuz reflete sua experiência de um dos principais lugares onde o leste encontrava o oeste. Ormuz, por seus cálculos, ficava a 25 dias com vento favorável da Costa Malabar da Índia: isso envolveria viajar cerca de 61 milhas náuticas

(113 quilômetros) por dia através do Mar Árabe. Assim como os viajantes ocidentais, Ma Huan definiu Ormuz por seu status como um entreposto global: "Navios estrangeiros de todos os lugares e comerciantes estrangeiros viajando por terra vêm a este país para atender ao mercado e negociar; portanto, o povo do país é todo rico." Ao contrário dos escritores de viagens ocidentais, que reclamavam do calor de Ormuz e comentavam sobre os testículos pendulares dos moradores, ele admirava a riqueza da cidade e a conduta religiosa e pessoal "reverente, meticulosa e sincera" de seus habitantes. Muçulmanos devotos, "refinados e justos", "robustos e de boa aparência", eles usavam roupas "bonitas, distintas e elegantes". Além disso, os oficiais civis e militares da cidade, e seus médicos e adivinhos, eram "decididamente superiores aos de outros lugares". Ele escreveu com aprovação que havia especialistas em todo tipo de arte e ofício. Ma Huan apresenta Hormuz como uma cidade mundial feliz e soberbamente governada, pura e honesta em seus costumes. De fato, se uma família caísse na pobreza, "todos lhes dariam roupas, comida e capital, e aliviariam sua aflição". Ele estava tão longe quanto viajaria da China, e no mais internacional e diverso dos portos, e foi aqui que ele encontrou uma imagem de uma sociedade urbana harmoniosa e desejável.

Em Ormuz, ele gostou muito de assistir à apresentação de um truque local, envolvendo um pequeno bode branco. Nessa apresentação, um homem batia num tambor, batia palmas e cantava uma canção para a qual o bode saltitava. A criatura então subia em um poste de madeira e ficava no topo deste poste e de outro, que estava a quase grande o suficiente para seus quatro cascos, e fez 'movimentos de postura como gestos de dança'. O homem adicionou postes e altura extras, e a pequena cabra continuou a se mover. O final foi para o homem empurrar os postes para longe e pegar a cabra em suas mãos.

Ma Huan também registrou uma série de truques em Ormuz envolvendo um grande macaco preto, que foi vendado e golpeado na cabeça por um membro aleatório da multidão. Quando a venda foi removida de seus olhos, o macaco ainda assim foi capaz de ir direto para quem o havia golpeado; "é muito estranho", exclamou Ma Huan.

Outra das maravilhas de Ormuz era um gato local chamado de "fly-o'er-the-grass", aparentemente um lince ou caracal, com orelhas pretas pontudas e uma pelagem de casco de tartaruga. Ma Huan descobriu que esse gato era "manso, não cruel" e tinha o poder de fazer com que animais ferozes, como leões ou leopardos, "se prostrassem no chão". O fly-o'er-the-grass era, de acordo com Ma Huan, "rei entre os animais". O lince de Ma Huan tem uma contrapartida intrigante nos relatos cristãos da pantera, um "animal gentil" com hálito doce e natureza pacífica, que simbolizava Cristo no bestiário medieval, o popular livro dos animais.

Os relatos do bode, do macaco e do lince revelam o olhar de Ma Huan para os curiosos, fora das ambições de lucro ou conquista de sua flotilha. Sua admiração por esses animais ecoa mais genericamente com seu elogio a Ormuz: um lugar de fartura barata, "todas as mercadorias preciosas de todos os países estrangeiros", de cenouras abundantes e melões muito grandes, romãs tão grandes quanto xícaras de chá e maçãs perfumadas tão grandes quanto um punho. Ao longo de seu relato de Ormuz, Ma Huan sugere a interação harmoniosa entre o homem e a natureza, na qual a riqueza do comércio derivava de uma disposição natural agradável e propícia.

Seu olhar curioso está em justaposição gritante aos propósitos da jornada da qual ele fazia parte: intimidar e dominar o mundo comercial da grande Ásia e cobrar tributos de

cada lugar. Quando os barcos chineses deixaram Ormuz, eles foram acompanhados por um navio no qual o rei de Ormuz havia carregado leões, girafas, cavalos, pérolas, pedras preciosas e outros presentes. Ele também enviou uma folha de ouro inscrita, evidentemente mostrando a insígnia e a linhagem do trono de Ormuz. Houve um significativo carga humana incluída também, de vários chefes e embaixadores. Muitos deles ficariam na China por anos: alguns dos que navegaram de Ormuz para Khanbaliq em 1415 só receberam permissão para serem conduzidos de volta para casa em 1421.

Zheng He sabia que as viagens que comandou eram excepcionais, pois deixou um legado de várias estelas de pedra monumentais. Duas delas, em Nanquim e Nanshan, agradecem a Mazu, "a Esposa Celestial", a deusa do mar chinesa e protetora dos marinheiros. Elas representam um monumento duradouro não apenas às viagens de Zheng He, mas também ao uso da navegação pela dinastia Ming para exibir sua riqueza e poder para o mundo todo.

Nós conhecemos Henrique de Derby anteriormente enquanto ele se preparava para embarcar em sua Cruzada-peregrinação-tour pela Prússia, Europa e Terra Santa no início da década de 1390. Henrique retornou de Jerusalém via Famagusta, Rodes e Veneza. Ele viajou com vários souvenirs. Estes incluíam um leopardo (provavelmente presenteado pelo Rei de Chipre) para o qual ele tinha um quarto feito na galera para Veneza. O leopardo e seu tratador assalariado parecem ter vivido seus dias tremendo no zoológico real da Torre de Londres. A bagagem de retorno de Henrique também incluía quatro xícaras feitas de ovos de avestruz, várias pontas de vinho, finas sedas e linhos venezianos, falcões (com uma luva milanesa) e um papagaio em uma gaiola pendurada em uma corda.

Mas sua lembrança mais preciosa foi um turco, pego em Rodes, convertido ao cristianismo e dado o nome de Henry, como seu mestre-patrono. Uma cama, uma capa de peregrino, uma 'toga' (uma capa) e vários pares de sapatos foram comprados para 'Henry Turk' no caminho para a Inglaterra. Em Troyes, o turco foi separado do grupo do conde Henry e enviado de volta para a Inglaterra, com o capelão Hugh e dois outros padres e um falcão, navegando ao longo do rio Sena. 'Henry Turk' é ouvido pela última vez na cidade inglesa de Peterborough, com sua imponente abadia gótica beneditina erguendo-se do pântano. Não temos registro de sua voz ou sentimentos, ou mesmo de seu nome original.

'Henry Turk' era uma figura incomum, mas não única. Por exemplo, um 'etíope' chamado 'Bartholomew', que possivelmente escapou da escravidão na Sicília, fugiu para a Inglaterra na década de 1250. Mais tarde, em 1470, o rico inglês John Paston escreveu uma carta se gabando de um "novo pequeno turco", um anão turco, que segundo relatos tinha um pênis tão longo quanto sua perna; esse turco parece ter sido um atendente na casa de Paston em Londres, possivelmente um soldado turco ou um cativo resgatado que tinha ido para a Inglaterra via Veneza ou Gênova. A presença fugaz de tais figuras no registro histórico nos lembra daquelas pessoas para quem a curiosidade ocidental não era um experimento de pensamento abstrato. Eles foram comprados, capturados e convertidos, então levados para praias remotas onde foram deixados para prosperar ou fracassar.

Het'um da Armênia (c. 1245–c. 1315), príncipe e prior, viveu uma vida nas interseções de lugar e identidade. Ele nasceu na família real da Cilícia ou Pequena Armênia no que é hoje o sudeste da Turquia, e seu pai era Senhor de Corycus (Kizkalesi), na costa ao norte de Chipre e na região do lendário local do Castelo Sparrowhawk. Quando jovem, Het'um foi feito

governador de Corycus e se casou com uma prima, Zabel, da família governante cipriota Ibelin. Seu tio era o Rei Het'um I da Armênia, que havia negociado com sucesso o lugar de seu reino dentro do mundo político mutável do Oriente Médio do século XIII; o Rei Het'um era um diplomata habilidoso que ganhou uma aliança com os mongóis para garantir a segurança de seu país. Mas a partir da década de 1260, os mamelucos dominaram com sucesso o pacto armênio-mongol e, ao longo dos cem anos seguintes, o reino foi devastado e, eventualmente, dissolvido. Het'um da Armênia parece ter participado de embaixadas entre a Inglaterra e a França. Por volta de 1299, ele pode ter feito uma peregrinação a Paris, e em 1305 ele certamente deixou a Armênia para se juntar à ordem monástica premonstratense em sua bela abadia na encosta de um penhasco em Bellapais, Chipre. Esta era uma maneira de se ausentar das lutas dinásticas cruéis que aconteciam na Armênia, o que levou dois reis, Het'um II e Leon III, a serem assassinados em dezembro de 1307. Neste ponto, Het'um havia se estabelecido na cidade francesa de Poitiers, onde se tornou prior na abadia e permaneceu por cerca de dezoito meses. Ele fez amizade com o Papa Clemente V (1264–1314), que estava frequentemente em Poitiers, e buscou alianças ocidentais para a coroa armênia e para seu parente Amalric Lusignan de Tiro (m. 1310), um requerente de Chipre. Ao mesmo tempo, e aparentemente a pedido do papa, Het'um compôs uma geografia da Ásia, uma das primeiras da Idade Média; ele ditou o texto em francês para um escriba, Nicholas Faucon, que então o traduziu para o latim. Foi chamado de *A Flor das Histórias do Oriente*, e se tornou um relato influente do mundo, como visto por um armênio no exílio. *A Flor das Histórias* logo se tornou um texto fundamental na comunicação à Europa Ocidental do conhecimento sobre a Armênia e sobre o mundo mongol.

Grande parte da narrativa de Het'um diz respeito à ascensão dos mongóis, histórias de Genghis Khan e os conflitos entre os governantes mongóis da grande região persa e os sultões do Egito. Het'um disse pouco sobre suas próprias viagens, embora tenha sido claramente uma testemunha ocular de muitos dos eventos que descreveu e tenha se mudado extensivamente entre Armênia, Chipre e França, e possivelmente muito mais longe (membros da corte armênia certamente estavam em Roma, no oeste, e em Khanbaliq, no leste, durante esse período). Ele resumiu as três maneiras pelas quais reuniu material para seu livro: primeiro, das "histórias dos tártaros"; segundo, do testemunho oral de seu tio, o rei Het'um, que foi então escrito; e terceiro, de suas próprias lembranças de testemunha ocular - "Falo como aquele que estava presente em pessoa, e o que vi, registrei verdadeiramente". Isso resume perfeitamente a abordagem medieval para escrever sobre viagens e geografia, como uma mistura de memórias passadas combinadas com a voz e a perspectiva do indivíduo.

O livro de Het'um abre com uma descrição dos reinos do leste, de Catai ao Turquestão, da Índia à Pérsia, passando pela Armênia e Geórgia até a Síria. Como nas geografias ocidentais, Jerusalém e seus arredores são o lugar onde o mundo culmina, mas para Het'um o reino de Catai, "o reino mais nobre e rico do mundo", era o ponto de partida necessário. Isso não se deu apenas por causa dos contornos do poder mongol, mas também porque os cataios eram, de acordo com Het'um, distinguidos por seu "trabalho sutil e artes engenhosas", sua inventividade na arte e no trabalho manual. Em seu globo, o centro de gravidade havia se deslocado conclusivamente para o Extremo Oriente e, finalmente, seu livro buscava encorajar os governantes europeus a se aliarem aos mongóis se eles quisessem retomar Jerusalém e a Terra Santa. .

Não é de surpreender que o tratado de Het'um termine com uma exortação aos seus leitores da Europa Ocidental para empreender uma 'passagem geral', uma expedição cruzada internacional de 'peregrinos' para recuperar a Terra Santa. Ele, portanto, procurou espalhar conhecimento sobre o leste para que fosse reconquistado, incitando um movimento em massa de pessoas por três rotas: primeiro, através da Barbária (que ele não recomendou, dado o conhecimento pobre da 'condição deste país'); segundo, via Constantinopla, a rota tomada pelos cruzados antigos, mas perigosa por causa dos turcos naquele país (Het'um acrescentou que, se essa rota fosse tomada, os mongóis teriam que ser usados para 'garantir o caminho', levando comida aos peregrinos e fornecendo cavalos a preços razoáveis). A terceira rota, 'o outro caminho que todos conhecem' e preferido por Het'um, era pelo mar. Esta rota, ele disse, precisaria que cada porto fosse totalmente abastecido para os peregrinos, e ele recomendou especialmente que todos eles viessem a Chipre 'para descansar a si mesmos e seus cavalos' após o trabalho de cruzar o mar. Alternativamente, ele recomendou que os peregrinos fossem pela Armênia, e eles poderiam permanecer ou mesmo passar o inverno na cidade de 'Tersot' (Tarso), a capital da Pequena Armênia, onde eles encontrariam 'muita água e pasto para seus cavalos', e de onde eles poderiam facilmente ocupar a cidade de Antioquia.

O desejo de Het'um era transparente: colocar Chipre e a Armênia no centro do mundo europeu em mudança, tanto 'para conquistar a cidade de Jerusalém com a ajuda de Deus' quanto para fazer uma aliança com os mongóis que garantiria a integridade de Chipre e da Armênia contra os turcos e os mamelucos. Sua esperança era que 'o poder dos inimigos', os mamelucos, fosse 'confundido antes por dois do que por um' – uma declaração inicial da necessidade de alianças.

Escrito em Poitiers na primeira década do século XIV, o manifesto de Het'um revelou-se nostálgico e ingênuo. Jerusalém não foi retomada pelos cristãos. Seu texto, no entanto, tornou-se amplamente lido e muito copiado, pois a praticidade das cruzadas foi abandonada em favor do romance de olhos marejados e fantasias de cavalheirismo. Enquanto o filho de Het'um, Oshin (m. 1329) se tornou Lorde de Corycus e desempenhou um papel ativo na política armênia como rei regente, a Pequena Armênia entrou em colapso em 1375, envolvida em intermináveis lutas de poder e disputas territoriais. guerras entre Chipre, Turquia, os tártaros e os mamelucos. O último rei da Pequena Armênia, Levon V (1342–93), foi um dos principais pacificadores entre ingleses e franceses em uma conferência em Amiens, esperando uni-los contra os turcos que devastaram seu reino e o enviaram ao exílio. Levon morreu no exílio em Paris em 1393, pedindo em vão por outra cruzada, conforme exortado por Het'um.

Como vimos, a corte mongol em Karakorum e depois em Khanbaliq era internacional, cosmopolita, diversa em natureza. Era centrípeta, atraindo pessoas de todo o mundo para ela como um centro de poder e riqueza. Era também centrífuga, enviando embaixadores, diplomatas, mensageiros e peregrinos para o mundo.

Um desses emissários mongóis foi Rabban Bar Sauma, um cristão mongol nascido perto de Khanbaliq, que registrou suas viagens extraordinárias. Na década de 1260, Bar Sauma partiu em peregrinação a Jerusalém com um de seus alunos, Markos. Eles fizeram seu caminho pela Ásia Central, chegando à cidade de Ani, na Rota da Seda Armênia: então uma cidade próspera, mas agora uma paisagem desolada de igrejas em ruínas e pontes

quebradas. Eles foram avisados de que sua rota pela Síria era muito perigosa, e então foram para a Pérsia e visitaram a corte mongol de Abaqa Khan em Hamadan. Durante essa jornada, Markos foi eleito bispo e depois patriarca, tomando o nome de Yahballaha III. Ele sugeriu ao sucessor de Abaqa Khan, Arghun Khan, que seu sábio e venerável professor e companheiro Bar Sauma poderia empreender uma missão mais a oeste, para construir uma aliança franco-mongol contra seu inimigo comum, os sultões mamelucos do Cairo, que então controlavam Jerusalém.

Em 1287, Bar Sauma, agora considerado de uma idade avançada (pelo menos em meados dos anos sessenta), partiu de Bagdá para a Europa. Arghun Khan deu a ele 2.000 peças de ouro, uma *paiza* (o touro-passaporte mongol) e trinta animais para transporte. O patriarca deu a ele permissão para partir e uma carta de apresentação. O relato de Bar Sauma sobre suas viagens é único e contém alguns detalhes maravilhosos. Aqui, veremos brevemente sua jornada pela Europa e suas impressões sobre ela.

Sua viagem o levou a Constantinopla, onde embarcou para a Itália. Navegando pelo Mediterrâneo, ele testemunhou a erupção de Monte Etna (em 18 de junho de 1287), 'uma montanha da qual a fumaça subia o dia todo', que queimava com fogo durante a noite e enchia o ar com o fedor de enxofre. Ecoando muitos que viajaram por essas águas, Bar Sauma disse que o 'Mar da Itália' era 'um mar terrível', no qual milhares de pessoas pereceram. Ele chegou a Napoli (Nápoles) 'após dois meses de trabalho duro, cansaço e exaustão', refletindo as péssimas condições da navegação medieval, especialmente terríveis para os mongóis desacostumados aos rigores da viagem marítima.

Em Nápoles, ele conheceu o monarca 'Shardalo' ('Charles le deux', Charles II, Rei de Nápoles, m. 1309) e foi bem recebido. Em 24 de junho de 1287, Bar Sauma descreveu seu prazer em sentar-se no telhado de sua mansão com vista para o Golfo de Nápoles; o prazer não estava na vista serena dos mares azuis, mas em admirar a maneira como as forças do Rei Charles atacaram as de seu inimigo, James II de Aragão e Valência (1267–1327). Ele se perguntou o quão precisa e direcionada foi a batalha, como os inimigos conseguiram matar apenas combatentes e não outras pessoas.

Ele então seguiu para Roma e dali para 'Ginoh' (Gênova), onde passou o inverno. Ele admirou o corpo de São João Batista em um caixão de prata na Igreja de 'Sinalornia' (a Catedral de San Lorenzo) e lhe foi mostrada uma patena de esmeralda que se dizia ser o próprio prato do qual Cristo havia comido a refeição da Páscoa com seus discípulos.

Ele foi para o norte através de 'Onbar' (Lombardia) para 'Pariz' (Paris), a capital do 'Frangestão' (França), onde conheceu o Rei Filipe IV, o Belo (1268–1314). Sua impressão de Paris é turística. Ele passou um mês lá e ele e seu grupo 'viram tudo o que havia nela'. Ele ficou particularmente impressionado com o número de estudantes - 30.000 - envolvidos no estudo de todos os tipos de livros, de comentários bíblicos e exegese, de filosofia, retórica, medicina, geometria, aritmética, astronomia. Esses estudantes estavam 'constantemente envolvidos na escrita' e todos eles recebiam bolsas para sua subsistência do rei. Ele visitou o mausoléu real em Saint-Denis, onde estátuas de ouro e prata de reis mortos decoravam seus túmulos e 500 monges cantavam por suas almas que partiram. Em suma, Bar Sauma sentiu que ele e seus companheiros 'viram tudo o que era esplêndido e renomado'.

Ele seguiu para o sudoeste até 'Kasonia' (Gasconha), uma possessão inglesa, onde conheceu o rei inglês, Edward I, provavelmente em Bordeaux, de onde os ingleses governavam. Ele retornou a Gênova, onde viu 'um jardim que parecia o Paraíso'. Era

temperado o ano todo, cheio de árvores frutíferas com folhas verdes em qualquer estação. E havia uma videira que produzia uma colheita de uvas sete vezes ao ano, embora os moradores locais não fizessem vinho dela.

A viagem de Bar Sauma pela Europa culminou em uma estadia em Roma, onde ele teve um encontro memorável com o papa recém-eleito, Nicolau IV (m. 1292). Bar Sauma relatou que ele havia se dirigido diretamente ao papa, com as palavras "Agora que vi seu rosto, meus olhos estão iluminados, e não irei embora de coração partido para os países do leste". O papa concedeu a ele uma "mansão" para ficar, com servos à disposição para mantê-lo bem abastecido. Bar Sauma assistiu às procissões da Páscoa em Roma, incluindo o Domingo de Ramos, quando "incontáveis milhares e dezenas de milhares" de pessoas se reuniram com ramos de oliveira. Ele viu o papa conduzir o serviço em vestes luxuosas, um traje vermelho com fios de ouro passando por ele, cravejado até suas sandálias com pedras preciosas, jacinto e pérola. A missão diplomática de Bar Sauma foi essencialmente malsucedida, pois ele não conseguiu reunir um exército contra os mamelucos. Mas o papa deu a ele relíquias das vestes de Cristo, o lenço de Maria e alguns pequenos fragmentos de santos não identificados (possivelmente não identificáveis) também. O papa também deu a ele 1.500 moedas de ouro para sua viagem de volta para casa.

De Roma, Bar Sauma viajou de volta pelo mar, do jeito que tinha vindo, para Bagdá, onde escreveu sobre suas viagens. Embora seu relato do oeste seja único, ele também é notavelmente similar aos relatos ocidentais do leste, uma narrativa sustentada pelos perigos da navegação, da guerra, de jardins paradisíacos e relíquias incomuns, de governantes poderosos e suas riquezas infinitas, de costumes observados que ficavam entre o estranho e o reconhecível. Para Bar Sauma, assim como para os escritores de viagens ocidentais medievais, entender o mundo significava descobrir que ele não era tudo o que parecia ser. Ao mesmo tempo, as viagens de Bar Sauma revelam a interação entre peregrinação, diplomacia, missão e curiosidade turística, e a maneira como o olhar do viajante pode ser direcionado de leste a oeste.

Como encontrar a Fonte da Juventude

A Fonte da Juventude, inspirada por descrições bíblicas dos rios do Paraíso e um "poço de águas vivas" fluindo do Líbano (Cânticos 4:12–16), foi procurada por muitos viajantes medievais. O mais famoso foi o explorador espanhol Juan Ponce de León, em 1512, que recebeu uma comissão do Sacro Imperador Romano Carlos V (1500–58) para capturar a ilha de Bimini perto de Hispaniola (Grandes Antilhas), onde se dizia que águas saudáveis fluíam. Aqui estão algumas das muitas descrições medievais da Fonte:

No épico *Huon de Bordeaux*, do século XIII, o herói Huon encontra uma Fonte da Juventude no Nilo, nos jardins do Emir da Babilônia:

No meio deste jardim havia uma bela fonte saindo do Rio Nilo que flui do Paraíso. Esta fonte era de tal virtude que se algum homem doente bebesse dela, ou lavasse suas mãos e rosto, o impuro deveria se tornar casto, e também se um homem tivesse idade avançada, ele deveria retornar novamente à idade de trinta anos, e uma mulher se tornaria tão fresca e vigorosa quanto uma donzela de quinze anos. (Esta fonte teve essa virtude por quarenta anos, mas dez anos depois que Huon foi até lá, ela foi destruída e quebrada pelos egípcios, que fizeram guerra ao Almirante então na Babilônia.)

E quando Huon lavou as mãos e o rosto em a fonte e bebeu sua água, ele contemplou o palácio e pensou que era maravilhosamente belo. E quando ele o observou por muito tempo, ele viu bem ao lado da fonte uma grande serpente que guardava a fonte, para que ninguém fosse tão resistente a beber ou tocar a fonte, pois se algum traidor ou herege a tocasse, ele não poderia escapar sem morrer. Mas quando a serpente viu Huon, ele se inclinou sem parecer lhe fazer mal algum.

Sir John Mandeville identificou o Poço da Juventude perto de Polombe (Colombo), na ilha de Serendip (Sri Lanka):

Ao sul da cidade de Polombe há uma colina que as pessoas chamam de Polombe, de onde a cidade tira seu nome. E no sopé desta colina há um belo poço que tem um sabor doce de todos os tipos de especiarias, e muda seu sabor de várias maneiras a cada hora do dia. E quem beber três vezes ao dia daquele poço será curado de qualquer tipo de doença que tenha. Pois eu bebi daquele poço, e acho que me sinto melhor por isso. Algumas pessoas o chamam de Poço da Juventude, porque aqueles que bebem dele parecem eternamente jovens e vivem sem doenças graves. E é dito que o poço vem do Paraíso, pois é cheio de virtudes.

O poeta e historiador Jean Froissart (m. 1405) em *The Pretty Bush of Youth* mostrou que nem todos acreditavam na Fonte da Juventude:

Ouvi falar da Fonte da Juventude e de pedras invisíveis também. Mas essas são coisas impossíveis, pois nunca, pela fé de São Marcelo, vi alguém que dissesse "Eu realmente estive lá".

**** Ou seja, de acordo com Ma Huan:

1. seiva doce, uma bebida
2. vinho fermentado a partir da seiva
3. óleo de coco, da polpa do coco
4. açúcar, do coco
5. comida, da carne
6. fibra de coco, para fazer cordas para construção naval
7. cascas de coco, para fazer tigelas e xícaras
8. cinza de coco, para incrustação de ouro ou prata
9. coqueiros, para construção
10. folhas de coco, para cobertura de casas

14.

Um guia aproximado para os antípodas e o fim do mundo

Os Antípodas – Sumatra – Java – Panten – O mar da morte – Fim da Terra

Viajantes medievais, astrônomos e mercadores estavam muito bem preparados para a ideia de novas massas de terra, novos continentes e novas civilizações aparecendo por todo o globo (novas no sentido de que eram desconhecidas, mas antigas no sentido de que precediam o conhecimento europeu). Costuma-se dizer que viajar abre a mente, permite que se tenha novas experiências. No entanto, na Europa medieval, a descoberta de 'novos' lugares não questionava necessariamente categorias fixas de conhecimento, pois a escrita de viagens já havia preparado todo viajante para esperar um mundo cheio de prodígios e maravilhas.

No século XIV, as pessoas contavam uma história sobre um jovem da Europa. Ela aparecia em guias de viagem, crônicas, sermões, geografias e poemas. Na história, o jovem partiu de casa porque queria ver o mundo. Ele era o filho inteligente e curioso de fazendeiros que nunca tinham viajado para muito longe de seu pequeno rebanho de gado. Ele foi até a Índia e então continuou. Usando barcos, burros, cavalos e seus próprios pés, ele viajou 5.000 milhas além da Índia, no leste, para a parte inferior do mundo. Ele estava tão longe de casa e viu tantas maravilhas que mal sabia onde estava.

A maior maravilha, no entanto, foi a terra que ele encontrou, onde encontrou pessoas falando sua própria língua e vivendo como as pessoas viviam em sua própria aldeia. Eles estavam até mesmo pastoreando vacas usando exatamente as mesmas palavras que seu próprio pai e sua própria mãe usavam. Parecia-lhe que não poderia viajar mais, então ele se virou, pretendendo viajar todo o caminho de volta para casa. Mas depois de um curto período, ele tropeçou em sua própria casa: sua mãe, seu pai, suas vacas, seus pastos, tudo ali, no fim do mundo. Ele tinha viajado para tão longe de casa quanto podia, mas, de alguma forma, tinha acabado em casa.

A princípio, o jovem pensou ter alcançado os Antípodas, o lado oposto exato do mundo: a região sul onde se pensava que as pessoas tinham os pés opostos aos do norte. Crucial para a teoria dos Antípodas — pé a pé, contrário ao contrário, polo a polo — era o potencial para os dois lados do mundo corresponderem, como opostos diretos, como radicalmente semelhantes em vez de diferentes.

O jovem viajante não era inculto; ele havia estudado alguns livros sobre os planetas e o firmamento, e sabia que o mundo inteiro tinha precisamente 20.425 milhas de circunferência (embora outros dissessem que eram 31.500 milhas romanas). Ocorreu ao jovem que ele tinha, de fato, viajado tanto que tinha dado a volta ao mundo inteiro, pela largura de tudo ou talvez por toda a sua altura, para cima e para baixo: de qualquer forma, ele tinha circunavegado o globo. Sua jornada o levou ao redor do mundo, por terra e mar, e o retornou ao seu próprio país.

Os pais do jovem, educados principalmente em cuidar de vacas, achavam que o mundo não tinha um lado inferior, nem fundo; se eles pensassem sobre isso, eles pensavam no

mundo como uma espécie de linha, levando a Jerusalém, e se alguém descesse, poderia perder o equilíbrio e cair, nas extensões desconhecidas do céu e das estrelas. Se eles tivessem visto um mapa do mundo, eles presumiam que o "verso" dele, o reverso do globo, estava cheio de mar, porque eles acreditavam que a única parte habitável do mundo estava na zona norte, a zona deles. E alguns dos pregadores da igreja acreditavam nisso também, e eles tinham lido em seus livros que era tolice acreditar em homens vivendo do outro lado do mundo. Se alguém acreditasse que o mundo tinha um topo (o Ártico), um centro (Jerusalém) e um fundo (a Antártida, *anti* -Ártico), e se alguém acreditasse que as Antípodas eram diretamente opostas à Europa, então alguém tinha que acreditar que as plantações e árvores poderiam crescer *para baixo*, ou chuva e neve poderiam cair *para cima*. Pessoas como os pais do jovem não conseguiam aceitar isso.

Mas o jovem sabia de outra coisa, e sua vasta viagem provou ser para ele: alguém poderia viajar ao redor do mundo sem cair no firmamento. Então agora ele sabia que havia pessoas no lado oposto da terra: assim como ele pensava nelas abaixo dele, elas pensavam nele como estando abaixo delas.

E ele pensou ter se lembrado de como Deus disse na Bíblia: "Não tenha medo de mim, que pendurei a terra do nada" (Jó 26:7). O jovem considerou o orbe redondo do planeta, seu povo e seus mares e suas cidades e suas montanhas, todos suspensos no ar, sustentados pela influência engenhosa e controle incompreensível de Deus.

A história do jovem que atravessou o mundo, por todos os lados, para cima e para baixo, tornou explícita a controversa proposição de que a área quente ao redor do equador, a zona tórrida fustigada por mares escaldantes, era evidentemente transitável. A sabedoria geográfica convencional há muito argumentava que essa zona tórrida era uma barreira para viajantes humanos. A certeza científica medieval posterior sobre a redondeza da Terra confirmou que tanto o mundo bíblico quanto o mundo conhecido de três continentes (África, Ásia e Europa) não poderiam preencher toda a sua superfície: tinha que haver mais, habitados ou não.

Fique atento aos cordeiros vegetais que crescem em árvores na ilha de Caldihe. Você pode ver um tipo de cabaça ou abóbora que pode ser cortada quando madura. Dentro, você encontrará uma pequena criatura feita de pele, osso e sangue como um cordeirinho, sem lã.

+++

No final da Idade Média, homens e mulheres navegavam frequentemente pela terra de um lado para o outro. De fato, os *Anais Malaio*s, compilados no século XV para contar a história do surgimento da monarquia malaia desde o século XI, começam com a história de 'Raja Iskander', uma versão muçulmana de Alexandre, o Grande, 'um romano do país da Macedônia' que 'partiu para visitar o leste' e alcançou 'senhorio sobre toda a terra de leste a oeste, de norte a sul'. Por fim, Iskander foi aclamado como o originador da dinastia coroada em Palembang (Indonésia), que fundou Cingapura e estabeleceu o sultanato de Melaka (Malaca). Java medieval, Sumatra e a península da Malásia ditavam a passagem marítima sobre uma área enorme, e sempre estiveram intimamente conectadas ao comércio global, mesmo que essas regiões fossem apenas hesitantemente apreendidas pelos europeus.

As ilhas de Lamuri (o nome dado tanto para o reino de Banda Aceh quanto para toda Sumatra) e Java eram o lugar mais próximo das Antípodas que os europeus visitavam na Idade Média. Essas ilhas eram centrais para o comércio de especiarias e estavam profundamente conectadas ao mundo do comércio e das viagens do Oceano Índico. O termo "Java" frequentemente cobria uma galáxia de ilhas no Mar de Java. Ibn Battuta, no início do século XIV, estabeleceu que "Java Menor" pode ser associado a Sumatra, enquanto "Java Maior" (ou "Djaouah") se referia ao que é hoje Java, Indonésia e/ou Bornéu e além. Descrições do território chamado Java Maior também podem ter abrangido a costa norte da Austrália. Tanto Marco Polo quanto o missionário franciscano Odoric de Pordenone descreveram Java Maior como "a maior ilha do mundo", com mais de 3.000 milhas de circunferência, uma descrição que não pode deixar de pressagiar a maneira como a Austrália seria evocada. Em qualquer caso, localizar a correspondência precisa entre as ideias medievais e a geografia moderna é menos importante do que entender que, muito antes da primeira chegada europeia registrada na Austrália (o comerciante holandês Willem Janszoon desembarcou lá em 1606), os Antípodas eram um ponto de especulação e investigação, prometendo um mundo de maravilhas e de semelhanças tentadoras.

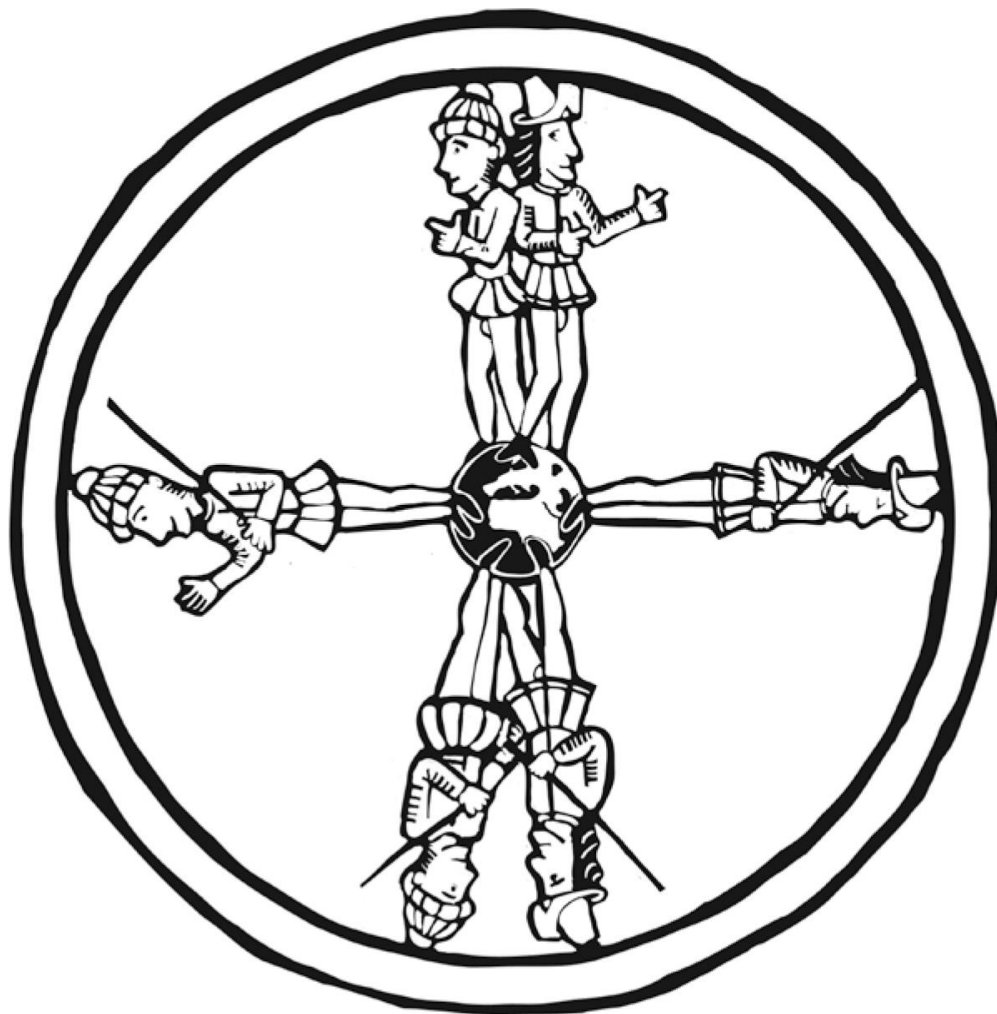
Relatos das terras dos Antípodas são poucos, mas mapas medievais frequentemente os apresentam, ainda que obliquamente. Assim como no Globo de Behaim, os mapas existiam em uma interação dinâmica com descobertas reais, enquanto sereias, ilhas míticas e locais bíblicos disputavam espaço com costas recém-visitadas e interiores recentemente explorados. Havia uma tradição heterogênea de mapeamento, incluindo diagramas, gráficos e suntuosos *mappae mundi*. Em muitos mapas, os Antípodas aparecem como um "espelho" ou contrapartida, em direção à parte inferior ou 'sul' do mapa, para o mundo conhecido na parte superior ou 'norte'. No Globo de Behaim, Java (e outras ilhas na região como 'Pentan' e 'Candyn') são acompanhadas por um pequeno texto sobre as Antípodas: estas estão, diz o Globo, situadas tão ao sul que a Estrela Polar é invisível e, em vez disso, a estrela Antártica se torna visível. O Globo continua a descrever como este país 'fica pé contra pé em relação à nossa terra, e quando é dia conosco eles têm noite, e quando o Sol se põe conosco eles têm seu dia'. Além disso, 'metade das estrelas, que estão abaixo de nós, e não visíveis para nós, são visíveis para eles'. E Behaim acrescenta sua fonte: 'Tudo isso é porque Deus criou o mundo junto com a água de uma forma redonda, conforme descrito por John Mandeville'. A leste de Java, o Globo de Behaim mostra uma enorme extensão de água, cravejada de ilhas multicoloridas, sobreposta com texto sobre o resto do mundo. O mundo aquático e "redondo" foi então completado no Globo, uma quarta parte do mundo (antes que a América se tornasse conhecida como tal) unindo Java à África através da extensão dos mares.

Outros mapas medievais variam muito em como eles apresentam o que estava além da Índia e Java. Alguns colocam os Antípodas na borda do que eles representam, geralmente na seção sudoeste ou sudeste do mapa. Em alguns casos, isso sugere que um "quarto continente" deve ser inferido como estando no "verso" ou "embaixo" do *ecúmeno* representado na "frente" do mapa. Outros mapas simplesmente colocam espaço em branco nos Antípodas, para representar seu status como desconhecidos e sugerir seu vazio. Os Antípodas medievais, portanto, surgiram como um lugar pouco visitado, mas conhecido por existir.

O Espelho do Mundo, uma releitura do século XV de uma enciclopédia do século XII, inclui uma imagem vívida de dois homens caminhando ao redor do mundo em direções opostas e se encontrando, pé a pé e cara a cara, 'abaixo' de seu ponto de partida. O texto que acompanha explica que, 'como uma mosca gira em torno de uma maçã redonda', um homem ou animal pode girar em torno de toda a extensão da Terra, ao redor dela, 'então ele deveria chegar abaixo de nós e lhe pareceria que estávamos abaixo dele.' E se ele continuasse, ele iria 'tão longe que ele deveria retornar novamente ao lugar de onde ele partiu pela primeira vez'. A essa altura, era claro que, *teoricamente* falando, a circunavegação do mundo era possível, em todas as direções, para cima e para baixo, leste e oeste, mesmo que os perigos e a falibilidade humana sempre atrapalhassem.

Em 1325, antes de chegar à China, Odoric de Pordonone navegou em um juncos da Índia para Sumatra. Ele visitou vários portos na costa norte da ilha e viajou pelo Arquipélago Malaio. Ele também visitou Java, Bornéu (e provavelmente Brunei) e o sudeste da Ásia através das Ilhas Nicobar.

Odoric entendeu que estava se aproximando dos Antípodas enquanto navegava para Lamuri, a ponta noroeste da ilha de Sumatra, então parte do sultanato Pasai, uma grande dinastia comercial. Foi uma maravilha para ele começar a perder de vista a Estrela do Norte (Polaris, a Estrela Polar), 'enquanto a Terra a interceptava'. Odoric não apenas ampliou seus horizontes por meio da viagem, mas também passou do horizonte. O mapa dos céus tornou-se desconhecido, à medida que a estrela-guia usada para navegação por marinheiros de todo o hemisfério norte se afastava, fixando-se em uma esfera diferente e distante.



Para Odoric, Lamuri em si era distinta em dois aspectos principais. Primeiro, as pessoas, tanto homens quanto mulheres, andavam completamente nuas. Não sem razão, e seguindo uma lógica que Odoric deve ter entendido, se não aceitado, eles lhe disseram que Deus havia feito Adão nu, então por que ir contra a vontade divina e usar roupas, especialmente em um calor tão assustador? Em segundo lugar, as pessoas de lá comiam carne humana assim como, disse Odoric, os italianos comem carne bovina. Eles até compravam crianças do exterior e as vendiam como carne para açougueiros no mercado de carne. Eles tinham trigo, arroz, cânfora, aloés e bananas em abundância, mas ainda amavam o sabor da carne humana.

O fascínio da Europa pelo canibalismo é certamente tão antigo quanto as viagens europeias; as fantasias dos viajantes confrontam o viajante com comportamentos dos quais eles não têm experiência pessoal, mas são levados a acreditar que são generalizados. Tornou-se uma observação autorreferencial que, além da Europa, o canibalismo era desenfreado e, portanto, os povos não cristãos não eram totalmente "civilizados". As acusações de canibalismo tendem a ocorrer em zonas de contato mal definidas, nos postos

avançados mais distantes do mundo conhecido e compreendido. Semelhante a costumes como sodomia e poligamia, o canibalismo era considerado profundamente vergonhoso e, ainda assim, notavelmente comum no exterior, e a escrita de viagens oferecia um espaço no qual ele poderia ser explorado (e lascivamente apreciado). O canibalismo medieval era uma categoria intrigantemente ampla, e as razões para o canibalismo eram várias: as pessoas eram comidas em virtude da religião, crueldade, fome e justiça. Odoric pode muito bem ter ouvido falar de canibais em Sumatra, mas, mesmo que não tivesse, ele esperaria encontrar canibalismo nas bordas do leste, e sua jornada para novas fronteiras teria sido mais convincente para seu público pela presença de canibais lá. Da mesma forma, Sinbad, o marinheiro de Bagdá, a figura do viajante islâmico consumado, teria encontrado canibais em suas terceira e quarta viagens para o leste. Na 'Montanha dos Macacos' (possivelmente uma versão de Sumatra, por conta de sua fauna semelhante à de orangotangos), a tripulação de Sinbad foi devorada por um gigante aterrorizante que assou os homens nas brasas. Em sua próxima viagem, o inquieto Sinbad naufragou em uma ilha oriental onde o macabro povo Magian esfregou os visitantes com um óleo especial que os fez ficar tolos e engordar enormemente; eles seriam então "abatidos, assados e dados ao rei". Histórias de Sinbad, ambientadas no século IX, mas circulando por toda a Idade Média, apontam similarmente para o canibalismo como um perigo fundamental que distinguia os viajantes civilizados da selvageria dos reinos insulares que visitavam.

Depois de Sumatra, Odoric descreveu Java como sendo uma grande ilha cujo rei tinha sete reis em seu domínio. Era, ele diz, bem povoada e tinha abundância de especiarias e alimentos, embora não de vinho.

No entanto, depois de chamar a atenção para esses produtos desejáveis, Odoric fez um relato de Java que soou familiar, nada exótico, até mesmo previsível. O rei vivia em um maravilhoso grande palácio, "o mais belo que existe", com paredes folheadas a ouro, decoradas com histórias de cavaleiros em batalha. Quase poderia ter sido uma corte real na França ou na Itália.

Além de Java, de acordo com Odoric, ficava a ilha de Panten, aparentemente uma versão da ilha de Bintan entre Sumatra e Cingapura ou talvez o reino hindu-budista de Banten no lado ocidental de Java. As árvores ali produziam uma farinha linda para fazer pão branco fino. Odoric disse que havia comido esse pão, "por todas essas coisas que vi com meus próprios olhos". Possivelmente lembrando da árvore de sagu, ele enfatizou a capacidade de Deus, mesmo aqui, de oferecer a natureza a serviço da humanidade, em uma maravilha mundana que sugeria a comunhão sagrada aparecendo como sustento natural.

Mas Panten também estava vivo com o perigo natural. Odoric relatou uma árvore terrível que produzia o veneno "mais mortal" do mundo. O único antídoto conhecido era merda humana diluída em água. Este era um mito muito repetido de uma árvore venenosa javanesa. Não deveria ter sido tão notável para Odoric, porque excrementos de animais eram comuns em remédios médicos ocidentais: excrementos de vaca e boi e excrementos de ganso e pombo eram frequentemente usados em emplastros e bebidas medicinais europeus.

A população local só conseguiu prosperar em Panten graças à enorme canas crescendo na praia, que frutificavam com pedras preciosas. Essas pedras preciosas, quando carregadas na pessoa, significavam que ela não poderia ser ferida por lâminas de ferro ou

aço, e seu sangue não poderia ser derramado. As pessoas até esculpiam feridas em seus braços para colocar essas pedras preciosas, como talismãs da natureza em um lugar perigoso.

Além de Panten, os oceanos corriam para o sul. Odoric descreveu um "mar morto", um mar de morte, "um corpo de água sem fundo". Ele alertou que se alguém tivesse o azar de cair neste mar, nunca mais seria encontrado. E se os marinheiros deixassem seus barcos se afastarem muito da costa, as águas deste mar terrível os levariam para baixo, para nunca mais retornarem. Odoric talvez estivesse repetindo o que os moradores locais lhe disseram, sobre o Mar de Java ou o Estreito de Sunda ou o Oceano Índico entre Java e a Austrália. Este era o ponto mais ao sul das viagens épicas de Odoric, o mais longe nas Antípodas que ele era capaz, ou ousava, ir. Ele havia viajado até a borda do conhecimento e até o limiar da morte.

Mapas europeus também sugeriram os perigos de se afastar muito em direção à borda do mundo. O *mapa mundi de Hereford* (c. 1300) tem as letras MORS (morte) circundando o mundo, quatro pontos na bússola de todo homem, um lembrete da mortalidade do viajante terrestre. O mapa veneziano de Fra Mauro de c. 1450 traz uma lenda a sudeste da Índia de que os navios que navegam para o sul serão levados pelas correntes "para a escuridão" onde, "através da densidade do ar e das águas tenazes, eles devem perecer". Da mesma forma, Mandeville e outros relataram "rochas adamantinas" nos oceanos orientais, que atraíam ferro em sua direção de forma violenta (os navios locais eram, portanto, feitos sem pregos ou outros utensílios de ferro). Algumas pessoas até disseram que tinham visto uma espécie de ilha longa e que os marinheiros tinham dito que eram os restos de todos os navios naufragados pela adamantina. Os grandes navios foram reduzidos a uma massa fatal de árvores e galhos brotando dos destroços. Se viajar é uma forma de se sentir vivo, talvez seja porque, ao viajar, flertamos com o perigo, antes que as ondas dos oceanos do esquecimento nos alcancem.

Os mares entorpecidos além de Panten marcavam os limites do conhecimento de Odoric, pois ele admitia que ninguém sabia para onde as pessoas levadas por as águas foram levadas ou o que aconteceu com elas. Além de Panten, a morte cercava o mundo, não importa o quão longe alguém fosse. Tudo no *ecúmeno* – seu ouro, suas especiarias, seus palácios deslumbrantes e templos solenes – seria varrido. Os mares antípodas se tornaram um rio Estige, fluindo com a morte, ou talvez um Lethe, as águas do esquecimento. Um vórtice, um labirinto aquático, um mar de problemas, o próprio oceano do Diabo.

O mar da morte de Odoric está inteiramente de acordo com a compreensão cristã medieval da criação de Deus como algo muito impressionante para um indivíduo apreender. O mar da morte marcou o ponto em que a única opção era voltar atrás. Foi nas margens de Panten que Odoric aceitou as limitações de sua investigação itinerante, curvando-se a paisagens e forças maiores do que ele. Ele pegou um barco para o norte, de Panten para Champa (hoje Vietnã), daí para Khanbaliq, para lugares mais acessíveis do que as perigosas margens de Panten.

De fato, muitos viajantes medievais voltaram seus pensamentos para os confins do mundo em vez de para o retorno ao lar. Marco Polo, como Odoric, descreveu mares fatais nas bordas do mundo conhecido: entre Java e as Ilhas Andaman, um mar tão profundo e turbulento que os navios não podiam ancorar ali nem navegar para longe, então eles eram varridos para sempre em seu golfo; e ao sul de Madagascar, um mar com uma corrente

continua para o sul, da qual qualquer marinheiro dificilmente retornaria. Viajar pode ampliar a mente não por meio de descobertas ilimitadas, mas nos ajudando a entender nossos limites e os limites do mundo.

Assim, lugares chamados Land's End aparecem por todo o globo, representando os limites do mundo atravessável. Outros lugares, como os Pilares de Hércules em Gibraltar, eram considerados os limites do oceano navegável. Os fins do mundo medieval incluíam a Fisterra galega (*Finis terrae* , 'fim da terra'), Finistère na Bretanha, Land's End (conhecido como *Inglendesende* , 'fim da Inglaterra', na extremidade sudoeste da Inglaterra), Pembroke (*Pen Bro* , 'fim da terra') no País de Gales e Ultima Thule ('Thule, o Mais Distante'), identificado de várias maneiras com Shetland, Islândia, Groenlândia ou algum lugar além. Johore, na ponta da península da Malásia, era conhecida na Idade Média como Ujong Medini ('fim da terra'), a ilha principal de Cingapura era chamada Pulau Ujong ('A Ilha no Fim') e o porto de Makassar em Sulawesi era conhecido como Ujong Pandang ('Fim do Horizonte'). Para os maoris, o Cabo Reinga ('Cabo do Submundo'), na ponta norte da Nova Zelândia, tornou-se o local espiritualmente mais significativo, onde se dizia que os espíritos deixavam este mundo para descer ao submundo. Esses eram os fins do mundo, como tentamos conhecê-los em um lugar.

Thule era uma espécie de contraparte do norte das Antípodas. O historiador e etnógrafo Adam de Bremen, escrevendo por volta de 1070, foi o primeiro europeu conhecido a escrever sobre a América do Norte, em seu relato do assentamento nórdico em Vinland (estabelecido por Leif Erikson por volta do ano 1000). Adam também escreveu sobre Thule, que ele disse estar situada a uma distância imensa de todas as outras ilhas e permaneceu "mal conhecida". Era chamada de Ultima Thule porque era a última de todas as ilhas no oceano. No solstício de verão nunca estava escuro lá, e no meio do inverno não havia luz do dia. Thule estava, disse Adam, a uma distância de seis dias de navegação da Grã-Bretanha.

Ele identificou Thule com a ilha vulcânica da Islândia. O gelo de Thule tornou o mar sólido. Esse gelo preto, seco e antigo queimaria se fosse incendiado. O povo de Thule vivia "em uma simplicidade sagrada" em fossos subterrâneos, com apenas gado para cultivar e roupas feitas de peles de animais. "Em vez de cidades, eles têm montanhas e fontes como seu leite", Adam cantou. Eles compartilhariam tudo o que tivessem com estrangeiros e moradores locais, um dos muitos costumes meritórios em sua cultura. Além de Thule, não havia mais nada.

Gabriel Tetzl, um patrício alemão que viajou de Nuremberg na década de 1460, cavalgou até Fisterra, na Galícia, após visitar Santiago de Compostela. Ele observou que os camponeses chamavam o lugar de "Finster Stern" ("Estrela Negra" em alemão), embora seu nome correto fosse Finis Terrae ("Fim da Terra"), mas ambos pareciam adequados. "Não se vê nada em lugar nenhum além do céu e da água", disse Tetzl. Foi-lhe dito que os mares ali se tornaram tão turbulentos que ninguém conseguia atravessá-los. Galeras e navios partiram para descobrir o que havia além desses mares, mas nenhum deles jamais retornou.

Mais para o sudoeste também havia outro limite para o mundo atravessável: Cabo Não ou Cabo No, um ponto terminal e um promontório na África Ocidental. De acordo com o relato de Alvise Cadamosto sobre a viagem do navegador e traficante de escravos Nuno Tristão à Mauritânia em 1443, o cabo ganhou esse nome porque quem o contornava nunca mais voltava. Esse era o limite que o Infante D. Henrique, o Navegador (1394–1460),

Infante de Portugal, ansiava por cruzar, e ele enviou frotas de suas melhores caravelas "para navegar com sucesso em todos os lugares", "para aprender coisas novas" e "para causar danos aos mouros" que viviam na região. Ele ficou fascinado pelo Preste João, mas também ficou intrigado com a possibilidade de aprofundar o comércio português dentro e além do Saara. Sua primeira frota que passou pelo Cabo No por 100 milhas encontrou apenas "terra arenosa e árida", "nem moradias nem pessoas", então voltou. Uma segunda frota passou pelo cabo por 150 milhas, mas também não encontrou nada. Ele continuou enviando suas caravelas, cheias de mantimentos, armas e munições, até que encontraram algo: eventualmente, os barcos portugueses encontraram 'homens morenos' de tribos berberes e então 'finalmente' eles 'descobriram... o país dos primeiros negros' e depois disso 'outras raças desses negros de línguas, costumes e crenças variadas'.

A curiosidade e a voracidade por terra e lucro levaram a melhor sobre esses viajantes. O desenvolvimento de caravelas de vela latina que podiam navegar em mar aberto, o mapeamento sistemático das costas do Atlântico e da África e o uso de métodos astronômicos de navegação mais precisos contribuíram para uma sensação de um mundo que poderia ser conquistado não por viajantes individuais, mas pelas nações que eles representavam. Ao passar pelo Cabo No, através dos desejos estranhamente alinhados de saber mais e de fazer guerra, essas caravelas portuguesas podem ser vistas como representativas de uma nova era de viagens: positivamente chamada de "Era dos Descobrimentos", mas talvez melhor chamada de era de conquista e expropriação, na qual os viajantes se recusavam a aceitar limites há muito mantidos sobre onde eles poderiam, ou deveriam, viajar.

†††† Caldihe é uma ilha distante, além de Tatory e Cathay, em algum lugar no caminho para a Índia e o Mar Cáspio. Esses cordeiros vegetais são, na verdade, como os gansos-cracas que supostamente crescem em troncos na Irlanda. Esses gansos-cracas inicialmente têm cascos moles, depois crescem e amadurecem, presos pelo bico ao tronco. Uma vez cobertos de penas, eles voam para longe. Ou assim as pessoas dizem.

15.

Coda: Fim da Jornada

A maioria dos viajantes sente em algum momento que já teve o suficiente, que anseia pelo familiar, que o tempo de viagem acabou. No entanto, enquanto muitos viajantes medievais escrevem sobre os momentos de partida e chegada, nem todos escrevem sobre a viagem de volta para casa. Para muitos viajantes, uma das primeiras coisas que fizeram ao chegar em casa foi começar a compor um relato da jornada que empreenderam. Aqueles que descrevem seu retorno nos dão um vislumbre dos sentimentos indefinidos do retorno ao lar e do momento de uma jornada chegando ao fim.

Ibn Battuta, por exemplo, correu para casa através da Ásia e norte da África em 1348 e 1349, enquanto a peste devastava as cidades do mundo. Em Damasco, ele viu milhares de pessoas morrendo de pestilência, vítimas cristãs, judias e muçulmanas chorando juntas nas ruas enquanto seguravam seus livros sagrados, implorando a Deus para acabar com seu sofrimento. Ibn Battuta chegou em casa na "terra gloriosa" do Marrocos em novembro de 1349, onde ele temporariamente depôs o "cajado da viagem". Ele descobriu, após suas viagens ao redor do mundo, que o Marrocos era a melhor das terras, com frutas abundantes, água fresca e nutrição. O sultão do Marrocos personificou e superou todas as virtudes dos governantes que Ibn Battuta havia encontrado de Java a Constantinopla. Em sua cidade natal, Tânger, Ibn Battuta visitou o túmulo de sua mãe, e então ele próprio adoeceu. Ele ficou confinado com uma doença por três meses. E então ele estava na estrada novamente, viajando para al-Andalus via Gibraltar para participar das guerras contra os cristãos.

Nosso velho amigo John Mandeville escreveu que voltou para casa via Roma para ter seu livro de viagens confirmado e ratificado como verdadeiro pelo papa e todos os sábios de Roma. Isso certamente não aconteceu (o papa estava em Avignon, para começar) e muito do material no *livro de Mandeville* é patentemente falso. É provável que a história do homecoming via Rome era uma piada monástica do autor de *Mandeville's Book*, zombando da ideia de que a viagem física confere algum tipo de vantagem experiencial ao viajante, rindo da noção de que vagar pelo mundo pode render conhecimento verdadeiro ou valioso. Como qualquer monge medieval enclausurado sabia, muitas vezes se entendia coisas que *não se tinha* visto, e se via coisas que não se podia entender. A verdade da viagem como ideia residia em sua capacidade de estimular a reflexão sobre os mistérios e maravilhas do mundo de Deus, e não era preciso deixar o claustro para isso.

No entanto, um dos leitores de Mandeville, o peregrino experiente William Wey, marcou seu retorno ao lar de uma forma radicalmente diferente. Após sua segunda visita a Jerusalém, em 1462, Wey retornou ao seu mosteiro na vila inglesa de Edington, na orla dos confins desolados da Planície de Salisbury. Aqui, ele construiu uma notável capela de Jerusalém, uma criação multimídia de edifícios, livros, mapas, vestimentas, imagens, souvenirs e relíquias. O edifício, construído no coro principal de sua igreja, incluía um pano pintado mostrando cenas de Jerusalém, o Monte das Oliveiras e Belém; um crucifixo de

papel que havia sido comprado em Jerusalém; algumas pedras de Jerusalém e Belém, trazidas de volta por Wey; e uma réplica do próprio Santo Sepulcro feita em tábuas ou tábuas. A instalação de Wey dá uma forte sensação de como o lugar era portátil – o peregrino podia trazer Jerusalém com ele – e quase infinitamente traduzível. O testamento escrito de Wey financiando a construção da capela estipulava que nada deveria ser removido dela, mas ela parece ter sido vítima da Reforma Inglesa, varrida pelos reformadores protestantes no século XVI. Eles não acreditavam na santidade da peregrinação, no valor das relíquias ou nos perdões e indulgências dispensados aos viajantes.

O sempre tagarela Felix Fabri incluiu um relato poético de seu retorno a Ulm em janeiro de 1484. Enquanto ele cavalgava pelo Vale Iller ao sul de Ulm, uma chuva torrencial o encharcou, e esse foi o pior momento de toda a sua jornada. Ele se sentiu triste, sem coragem, encolhido de frio, impaciente e ansioso: todos os sentimentos turvos de volta ao lar manifestados em uma tempestade. Mas quando ele viu Ulm em si, sentiu alegria, conforto e prazer por estar de volta em sua presença, alegria igual à miséria que ele sentiu por estar ausente. Ele mal reconheceu a cidade, pois seus esplêndidos novos muros tinham sido concluídos em sua ausência de nove meses.

Enquanto Fabri cruzava o Herdbrucker sobre o Danúbio, os moradores locais começaram a reconhecê-lo, e alguns correram para o convento em busca de uma recompensa por entregar as boas novas de seu retorno. Fabri chegou ao portão do convento, mas descobriu que os irmãos estavam nas vésperas, cantando alto e cantando suas orações noturnas; ele bateu na porta com força para ser ouvido, mas em vão. É sempre surpreendente para o viajante descobrir que a vida continua quando eles estão fora, que as rotinas dos outros permaneceram intactas. A cidade havia mudado, mas os ritmos e hábitos da vida cotidiana mantiveram sua forma confiável.

Por fim, o cão do convento, geralmente um animal latindo e furioso que guardava o portão, sentiu a presença de Fabri. No relato de Fabri, o cão começou a emitir "uivos incomuns e fungadas alegres", e arranhou o portão por dentro com suas patas e dentes como se tentasse quebrá-lo. Fabri abriu o portão, o cão impaciente pulou em seus braços, fungando, seu rabo abanando, e então correu pelo convento a toda velocidade, choramingando alegremente o tempo todo, anunciando a chegada de um amigo. Espelhando o cão, o prior de Fabri, Ludwig Fuchs, correu até Fabri e, esquecendo sua posição sênior e grande idade, pulou sobre ele como se tentasse apagar um incêndio, agarrando-se ao seu pescoço em um abraço amigável. O resto dos irmãos se reuniram e conduziram Fabri em uma procissão até o altar principal, todos caindo no chão em homenagem ao sacramento e recebendo uma bênção. Os irmãos puderam então passar o resto da noite conversando amigavelmente sobre as experiências de Fabri: descobriram que eles tinham recebido relatos falsos de que ele havia morrido no mar ou havia sido feito prisioneiro pelos turcos.

O retorno de Fabri é um retrato de reencontro alegre, completado por sua descrição final de finalmente, e relutantemente, raspar sua barba de muitos meses. Uma barba, ele disse, "é um ornamento natural que embeleza o rosto de um homem", mas ao retornar à sua profissão como frade, ele sentiu que deveria mais uma vez se conformar às expectativas de sua ordem e parecer "venerável" em vez de "forte e destemido". A barba havia marcado sua identidade temporária como um peregrino viajante; sua remoção

marcou sua reintrodução em sua vida diária e estática. No entanto, Fabri dá a entender que ele se sentia transformado interiormente e que, por meio de viagens, havia se tornado um frade melhor e um pregador superior.

Enquanto isso, o formidável Odorico de Pordenone não descreveu sua jornada para casa, mas encerrou seu relato de suas viagens em um vale terrível, em algum lugar nas profundezas da Ásia. Neste vale, com 7 ou 8 milhas de comprimento e esculpido por um "Rio das Delícias", estava o som horripelantemente ensurdecido de tambores e outras músicas. E no chão do vale estavam espalhados centenas de cadáveres, corpos de homens não cristãos que pereceram quase instantaneamente ao entrar naquele lugar assustador. Na rocha de um lado estava o rosto "muito grande e terrível" de um homem. Aqui Odorico diz que seu espírito morreu dentro dele. Ele começou a repetir para si mesmo as palavras *Verbum caro factum*, "o Verbo se fez carne" (João 1:14), um encantamento que o lembrava de que ele viajava com o espírito e a graça de Deus, e que todas as coisas criadas neste mundo eram parte de um plano divino. O sobrenatural era a contrapartida do milagroso, em um mundo que vibrava ao mesmo tempo com santidade onipresente e extrema impiedade.

Quando finalmente retornou à Europa e à familiaridade de seu mosteiro em Pádua, Odoric foi convidado por seu superior, Giudotto, a ditar um relato de suas viagens a um colega frade, Guglielmo de Solagna. Foi assim que em maio de 1330 Odoric descreveu onde esteve e o que testemunhou. Ele disse que incluiu apenas o que viu com seus próprios olhos ou que lhe foi contado por homens fiéis. Aqui, a maravilha da viagem foi transformada na narrativa da escrita de viagem. Odoric evitou linguagem ornamentada, falando em vez disso de forma caseira, para que seu relato pudesse ser compreendido tanto pelos letrados quanto pelos não-letrados.

Poucos meses depois, Odoric partiu para Avignon para visitar o papa. No entanto, ele não chegou ao seu destino: ele ficou doente e foi avisado por um velho sábio vestido de peregrino para voltar e seguir para sua província natal de Friuli. O velho disse a Odoric para se apressar, pois ele tinha apenas dez dias de vida. As pessoas diriam mais tarde que esse velho peregrino era o espírito do próprio São Francisco de Assis.

Odoric morreu dez dias depois em Udine, a capital da Friul, em janeiro de 1331. Ele tinha estado nos confins do mundo, à beira do abismo. conhecimento, mas foi em casa, perto de seu local de nascimento, que ele encontrou a morte. Nos meses após a morte de Odoric, milagres de cura foram relatados em seu túmulo. Dizem que uma mulher visitante tentou cortar seu dedo para levar consigo como uma lembrança piedosa, na esperança de que as bênçãos da viagem pudessem continuar a acompanhá-la.

A história de Odoric reforça a ideia de que no final de nossa exploração chegamos onde começamos, mas entendemos esse ponto de partida novamente. Ao retornar de sua jornada, o viajante está de alguma forma mudado, sábio de novas maneiras, tendo encontrado diferenças radicais e semelhanças maravilhosas, sua vida doméstica e conhecimento prévio lançados em um novo relevo. Viajar nos força a considerar o significado de nossas vidas e a encontrar a pequenez do humano em meio à variedade e incognoscibilidade do planeta.

Enquanto lutava para voltar para casa, o moribundo Odoric pode muito bem ter sentido que a terra que ele havia atravessado havia se tornado minúscula, nada mais do que uma série de pontos em uma pequena superfície, e que havia chegado a hora de se voltar das

coisas terrenas para as celestiais. Isso não era para parar de vagar, mas para procurar por outros mundos. Enquanto o sol se punha e o azul se aprofundava na noite, Odoric recebeu seu passaporte para os céus, para se juntar àqueles liberados de seus corpos e de viagens terrenas, nos círculos brilhantes em meio às estrelas brilhantes, onde a alma começaria sua misteriosa jornada incorpórea em direção ao horizonte do infinito.

Fontes

A melhor maneira de descobrir mais sobre viagens na Idade Média é ler os relatos dos próprios viajantes. Os viajantes estão listados aqui por seus nomes comuns, com uma breve biografia e as fontes consultadas.

- Adam de Bremen (fl. 1070). Cronista de Bremen, também passou um tempo na corte dinamarquesa; escreveu um relato inicial das ilhas do norte, incluindo Islândia, 'Thule' e Vinland. Adam de Bremen, *História dos Arcebispos de Hamburgo-Bremen*, ed. e trad. Francis J. Tschan (Nova York, 1959).
- Adornes, Anselm (m. 1483). Comerciante e político de Bruges, mais tarde diplomata na corte escocesa. Empreendeu uma peregrinação a Jerusalém em 1470, descrita em um relato escrito por seu filho Jan. *Itinéraire d'Anselme Adorno en Terre Sainte: 1470-1471*, ed. e trad. Jacques Heers e Georgette de Gröer (Paris, 1978).
- al-Istakhri, Abu Ishaq (m. 957). Geógrafo árabe-persa; autor de *The Routes of the Realms*, uma geografia ilustrada da região persa. *Kitab al-Masalik wa l-mamalik*, ed. MJ de Goeje (Lyons, 1870; Leiden, 2014).
- Anônimo [Inglês Anônimo] (fl. 1344–5). Inglês, autor de um relato de sua jornada pelo Mediterrâneo até a Terra Santa. Inglês Anônimo, *Pilgrimage to the Holy Land*, trad. Rosalind Lintott, <https://rememberedplaces.wordpress.com/anonymous-englishman/>
- Anônimo [franciscano espanhol] (c. 1350). Frade franciscano castelhano, que escreveu um compêndio geográfico com descrições incomuns, especialmente da Europa, África e Atlântico. *Livro do Conhecimento de Todos os Reinos ... Escrito por um franciscano espanhol*, ed. e trad. Clements Markham (Londres, 1912).
- Antônio de Cremona (fl. 1330). Frade franciscano, visitou a Terra Santa de 1327 a 1330. Antonius de Cremona, 'Itinerarium ad Sepulchrum Domini', ed. Reinhold Röhrich, *Zeitschrift des Deutschen Palästina-Vereins* 13 (1890), 153–74.
- Barbaro, Giosafat (1413–94). Comerciante, diplomata e peregrino de uma rica família veneziana. Viajou muito na Horda Dourada, Tataria, Pérsia e outros lugares. Mais tarde lutou contra os turcos e em 1472 foi enviado como embaixador para a Pérsia. *Travels to Tana and Persia*, ed. Lord Stanley (Londres, 1873), pp. 1–103.
- Battista de Imola (fl. 1480–84). Frade franciscano e mensageiro nascido na Itália, mais tarde do Convento do Monte Sião, Jerusalém. Ele foi um dos dois homens que fizeram uma viagem missionária de Jerusalém para a Etiópia no início da década de 1480, e mais tarde descreveu sua viagem para Francesco Suriano; está incluído em Suriano, *Il trattato di Terra Santa e dell'Oriente*, ed. Girolamo Golubovich (Milão, 1900).
- Benedykt da Polónia (fl. 1245–7). Frade franciscano polonês, acompanhou Giovanni de Plano Carpini em sua missão a Güyük Khan na década de 1240. Ele ditou crônicas de sua jornada após seu retorno. *Mission to Asia*, ed. e trad. Christopher Dawson (Nova York, 1966; rev. ed. Toronto, 1980), pp. 79–84.
- Benjamin de Tudela (1130–73). Peregrino e comerciante judeu, que viajou para a Terra Santa c. 1165. *The Itinerary of Benjamin of Tudela*, ed. e trad. Marcus Nathan Adler (Londres, 1907).
- Bertrandon de la Broquière (m. 1459). Diplomata e peregrino da Borgonha, que viajou para a Turquia e a Terra Santa no início da década de 1430. *Le Voyage d'Outremer*, ed. C. Schefer (Paris, 1892).
- Brasca, Santo (fl. 1480). Administrador e político do Ducado de Milão. Viajou para Veneza e para a Terra Santa em 1480 e escreveu um guia de viagem detalhado. *Viaggio in Terrasanta di Santo Brasca 1480 con l'itinerario di Gabriele Capodilista 1458*, ed. Anna Lepschy (Milão, 1966).
- Brewyn, William (fl. 1469). Monge de Canterbury que viajou para Roma em 1469. William Brewyn, *Um guia do século XV para as principais igrejas de Roma Compilado ca. 1470*, ed. e trad. C. Eveleigh Woodruff (Londres, 1933).
- Breydenbach, Bernhard von (m. 1497). Jurista e clérigo de Mainz; mais tarde, um peregrino célebre. Em 1483, Breydenbach viajou para Jerusalém e Egito, acompanhando o conde Johann zu Solms (que morreu em Alexandria na viagem de volta). O relato impresso de Breydenbach de sua viagem em 1486, com imagens de Erhard Reuwich, tornou-se um best-seller. *Les Saintes Pérégrinations de Bernard de Breydenbach: extratos relativos para o Egito seguinte l'édition de 1490*, ed. e trans. F. Larrivaz (Cairo, 1904); Bernhard de Breydenbach, *Peregrinatio in Terram Sanctam: Eine Pilgerreise ins Heilige Land*, ed. Isolde Mozer (Berlim, 2010).
- Brygg, Thomas (fl. 1392). Peregrino inglês, escudeiro de Thomas Swynburne, viajou pela Terra Santa em 1392. *Western Pilgrims (1322–1392)*, ed. e trad. Eugene Hoade (Jerusalém, 1952).
- Buondelmonti, Cristoforo (c. 1385–c. 1430). Sacerdote franciscano florentino e viajante, autor de uma influente descrição ilustrada do Mediterrâneo oriental e de um desenho muito copiado de Constantinopla. Cristoforo Buondelmonti, *Description of the Aegean and Other Islands*, ed. Evelyn Edson (Nova York, 2018).

Burchard do Monte Sião (fl. 1274–83). Frade dominicano, provavelmente de Magdeburg; passou muitos anos na Palestina, além de viajar muito pelo Mediterrâneo e Ásia Menor. Autor do guia mais detalhado e lido do século XIII para a Terra Santa. Burchard do Monte Sião, *Descriptio Terrae Sanctae*, ed. John R. Bartlett (Oxford, 2019).

Cadamosto, Alvise (m. 1488). Explorador e traficante de escravos veneziano, empreendeu expedições à África Ocidental para a coroa portuguesa. *The Voyages of Cadamosto*, ed. e trad. GR Crone (Londres, 1937).

Caldwell, Geoffrey, veja *Guia de viagem para o Oriente*

Capgrave, John (1393–1464). Monge agostiniano de Lynn, no leste da Inglaterra; além de escrever vidas de santos populares, Capgrave escreveu um guia de viagem para o Jubileu de Roma de 1450. John Capgrave, *The Solace of Pilgrimes: Rome 1450: Capgrave's Jubilee Guide*, ed. e trad. Peter J. Lucas (Turnhout, 2021).

Capodilista, Gabriele (falecido em 1477). Nobre e advogado paduano. Ele escreveu um relato de sua viagem de 1458 de Veneza à Terra Santa. *Viaggio in Terrasanta di Santo Brasca 1480 con l'itinerario di Gabriele Capodilista 1458*, ed. Anna Lepschy (Milão, 1966).

Casola, Pietro (1427–1507). Nobre milanês e embaixador milanês na corte papal em Roma. Viajou via Veneza para a Terra Santa em 1494. *Canon Pietro Casola's Pilgrimage to Jerusalem in the Year 1494*, ed. e trad. Margaret M. Newett (Manchester, 1907).

Clavijo, Ruy González de (m. 1412). Embaixador do Rei Enrique (Henrique) III de Castela na corte de Timur em Samarcanda. *Embaixada em Tamerlão, 1403–1406*, ed. e trad. Guy Le Strange (Londres, 1928).

Commines, Philip de (m. 1511). Diplomata e memorialista franco-borgonhese. *O Memórias de Philip de Commines, Lorde de Argenton*, ed. e trad. Andrew Richard Scoble, 2 vols. (Londres, 1855).

Contarini, Ambrogio (1429–99). Nobre e diplomata veneziano, enviado pela República de Veneza para fazer uma aliança anti-otomana com o canato Aq Qoyunlu na Pérsia. *Travels to Tana and Persia*, ed. Lord Stanley (Londres, 1873), pp. 105–73.

Conti, Nicolò (c. 1385–1469). Mercador veneziano, cuja família estava estabelecida no Egito e na Síria. Ele passou trinta e cinco anos viajando pela Ásia. 'The travels of Nicolò Conti in the East', em *India in the Fifteenth Century*, ed. e trad. Richard Henry Major (Cambridge, 1857; 2010), pp. 1–39.

Cucharmois, Jean de (c. 1465–c. 1531). Viajante e escritor nascido em Lyon; fez uma peregrinação a Jerusalém em 1490. 'S'ensuyt le saint voyage de Hierusalem', em *Le premier livre de Guerin Mesquin* (Lyon, 1530).

Daniil de Kiev (fl. 1107). Peregrino, primeiro escritor de viagens conhecido da Rus' de Kiev. Viajou pela Terra Santa logo após o sucesso da Primeira Cruzada. *Peregrinação a Jerusalém, 1099–1185*, eds. John Wilkinson, Joyce Hill e WF Ryan (Londres, 1988), pp. 126–39.

Doroteia de Montau (1347–94). Mística e visionária, nascida em Montau (Mątowy Wielkie) perto de Gdańsk; após uma vida de casada com muitos filhos, em 1391 ela se mudou para uma cela contra a parede da Catedral de Marienwerder (Kwidzyn), onde permaneceu pelo resto de sua vida. Canonizada em 1976. Johannes von Marienwerder, *The Life of Dorothea von Montau, a Fourteenth-Century Recluse*, ed. e trad. Ute Stargardt (Lewiston, NY, 1997).

Dürer, Albrecht (1471–1528). Celebrado pintor e mestre gravador. Albrecht Dürer, *Diário de sua Viagem à Holanda, 1520–21*, ed. e trad. WM Conway, JA Goris e G. Marlier (Nova York, 1971).

Eptingen, Hans Bernhard von (falecido em 1484). Nobre de Pratteln, perto de Basileia. Em 1460 ele empreendeu uma peregrinação à Terra Santa na comitiva de Otto II de Pfalz-Mosbach. 'Die Pilgerfahrt Hans Bernhards von Eptingen', *Beiträge zur vaterländischen Geschichte* 12 (1888), 13–75.

Fabri, Felix (c. 1438–1502). Frade nascido na Suíça, que passou a maior parte de sua vida adulta no priorado dominicano em Ulm. Viajou para a Terra Santa em 1483–4. *The Book of Wanderings in the Holy Land*, ed. e trad. Aubrey Stewart, 2 vols. (Londres, 1892); *Fratri F. Fabri Evagatorium in Terræ Sanctæ, Arabiæ et Egypti peregrinationem*, ed. Conrad Hassler, 3 vols. (Stuttgart, 1843).

da Gama, Vasco (m. 1524). Explorador português, considerado o primeiro europeu a chegar à Índia pelo Cabo da Boa Esperança por mar. Várias cartas escritas no retorno de da Gama a Portugal descreveram suas expedições em detalhes. *A Journal of the First Voyage of Vasco da Gama, 1497–99*, ed. EG Ravenstein (Londres, 1898); Gaspar Correia, *The Three Voyages of Vasco da Gama*, ed. e trad. Henry EJ Stanley (Londres, 1869).

van Ghistele, Joos (c. 1446–c. 1525). Nobre nascido em Ghent que passou vários anos viajando pela Terra Santa e pelo Mediterrâneo oriental, Aden e Síria. *Tvoyage van Mher Joos van Ghistele*, ed. RJGAA Gaspar (Hilversum, 1998).

Giovanni de Montecorvino (m. 1328). Nascido na Campânia. Missionário franciscano na Armênia, Pérsia, Índia e China, e primeiro arcebispo de Khanbaliq. *Mission to Asia*, ed. e trad. Christopher Dawson (Nova York, 1966; rev. ed. Toronto, 1980), pp. 224–31.

Giovanni de Plano Carpini (m. 1252). Nascido em ou perto de Perugia; companheiro e seguidor inicial de São Francisco de Assis. Escolhido pelo Papa Inocêncio IV para liderar uma missão a Güyük Khan, que rejeitou o convite do papa, entregue por Giovanni, para se tornar cristão. O relato de Giovanni sobre sua viagem é o mais antigo relato da Europa Ocidental sobre viagens aos mongóis. *Mission to Asia*, ed. e trad. Christopher Dawson (Nova York, 1966; rev. ed. Toronto, 1980), pp. 3–72.

Grünemberg, Konrad (m. 1494). Filho do prefeito de Constança; autor de livros de armoriais e, mais tarde, controlador da casa da moeda de Constança. Empreendeu uma peregrinação à Terra Santa em 1486. *The Story of Sir Konrad Grünemberg's Pilgrimage to the Holy Land in 1486*, ed. e trad. Kristiaan Aerccke (Moncalieri, 2004).

- Gucci, Giorgio (m. 1392). Comerciante de lã florentino; participou de uma peregrinação em grupo florentino e embaixada empresarial à Terra Santa 1384–5. *Visita aos Lugares Sagrados do Egito, Sinai, Palestina e Síria em 1384, por Frescobaldi, Gucci e Sigoli*, ed. e trad. T. Bellorini e E. Hoade (Jerusalém, 1948).
- Gumpfenberg, Georg von (falecido em 1515). Nobre bávaro escreveu um breve relato de sua peregrinação de 1483–4 à Terra Santa. *Deutsche Pilgerreisen nach dem heiligen Lande*, ed. Reinhold Röhrich e Heinrich Meisner (Berlim, 1880), pp.
- Guylforde, Richard (c.1450–1506). Cortesão inglês de Henrique VII. Viajou do porto inglês de Rye pela Europa até a Terra Santa em 1506; ele morreu logo após chegar a Jerusalém e foi enterrado lá. Um relato de suas viagens foi escrito por Thomas Larke, seu capelão. *The Pylgrymage of Sir Richard Guylforde to the Holy Land*, ed. Henry Ellis (Londres, 1851).
- Het'um [Hetoum] da Armênia (c. 1245–c. 1315). Estadista e general armênio cilício, membro da família real armênia. Tornou-se prior premonstratense na França mais tarde na vida. *Um Lytell Cronycle: Tradução de Richard Pynson (c. 1520) de La Fleur des histoires de la terre d'Orient (c. 1307)*, ed. Glenn Burger (Toronto, 1988).
- Hieronimo [Jeronimo] di Santo Stefano (fl. 1490s). Mercador genovês, viajou para a Ásia na década de 1490. 'The Journey of Hieronimo di Santo Stefano', na *Índia no século XV*, ed. e trad. Richard Henry Major (Londres, 1857).
- Ibn Battuta (1304–68/9). Estudioso e viajante berbere; viajou pela Ibéria e Eurásia por cerca de trinta anos, incluindo peregrinações a Meca e períodos como embaixador do sultanato de Déli na corte Yuan em Khanbaliq. *The Travels of Ibn Battuta, AD 1325–1354*, ed. e trad. HAR Gibb (Londres, 1929).
- Ibn Jubayr (1145–1217). Viajante e geógrafo, nascido em Valência, al-Andalus. Ele escreveu uma crônica de suas viagens na década de 1180 pela Terra Santa até Meca. *The Travels of Ibn Jubayr*, ed. e trad. Ronald Broadhurst (Londres, 1952).
- Jacopo de Verona (fl. 1335). Frade agostiniano e peregrino veronês à Terra Santa em 1335. *Liber peregrinationis di Jacopo da Verona*, ed. Ugo Monneret de Villard (Roma, 1950).
- Jean de Tournai (falecido em 1499). Mercador de Valenciennes. Empreendeu uma longa viagem à Terra Santa via Roma e Loreto em 1488–9. Lucie Polak, 'Un récit de pèlerinage de 1488–1489: Jean de Tournai', *Le Moyen Age* 87 (1981), 71–88.
- Jordan de Sévérac (fl. 1280–c. 1330). Dominicano catalão e missionário na Índia. Nomeado primeiro bispo de Kollam (Quilon); escreveu um relato das maravilhas da Índia. *Mirabilia Descripta: The Wonders of the East*, ed. e trad. Henry Yule (Londres, 1863).
- Kempe, Margery (c. 1373–c. 1439), empresária inglesa, mística e peregrina. Depois de ter quatorze filhos, Kempe embarcou em uma viagem para Jerusalém e Roma em 1413, e empreendeu muitas outras peregrinações. Suas devoções eram frequentemente acompanhadas por barulhentas chorando; ela teve sua história de vida escrita na década de 1430. *The Book of Margery Kempe*, ed. e trad. Anthony Bale (Oxford, 2015).
- Lannoy, Guillebert de (1386–1462). Nobre flamengo, tornou-se diplomata borgonheso na Inglaterra, Lituânia e Moscúvia, entre outras missões. Foi enviado por Henrique V da Inglaterra para a Terra Santa em 1421–2 para considerar reviver o reino cruzado de Jerusalém. *Œuvres de Ghillebert de Lannoy, voyageur, diplomate et moraliste*, ed. C. Potvin (Louvain, 1878).
- Leão de Rozmital (Jaroslav Lev de Rožmítal e Blatná; falecido em 1486). Nobre boêmio e diplomata viajante. *As Viagens de Leão de Rozmital*, ed. e trans. Malcolm Letts (Cambridge, 1957).
- Le Saige, Jacques (fl. 1518). Comerciante de seda de Douai, viajou para Jerusalém via Veneza e Loreto em 1518. *Voyage de Jacques Le Saige*, ed. HR Duthillœul (Douai, 1851).
- Ludolph de Suchem (Sudheim; fl. 1336–41). Um padre, provavelmente da Baixa Saxônia, que passou alguns anos na Terra Santa. Seu diário de viagem e relato da região após as Cruzadas foi muito lido e copiado na Europa. *Ludolph von Beschreibung der Terra Santa und des Cammines dahin*, ed. e tradução de Aubrey Stewart (Londres, 1895).
- Ma Huan (m. 1460). Viajante e tradutor que acompanhou as primeiras expedições navais da dinastia Ming. Em 1416, ele compôs um diário de viagem da expedição de 1413 a Java e Ormuz; ele posteriormente revisou e expandiu seu relato, para incluir relatos da expedição de 1421 a Sumatra e Ormuz e da viagem de 1431 a Calicute e Meca. *Ying-yai sheng-lan: The Overall Survey of the Ocean's Shores*, ed. e trad. JVG Mills e Chengjun Feng (Londres, 1970).
- Mandeville, John (fl. 1356). Autor pseudônimo de um diário de viagem muito comum da Inglaterra para Jerusalém e pela Ásia. Mandeville afirma ter sido um cavaleiro de St Albans na Inglaterra, mas é mais provável que tenha sido um monge flamengo ou francês; sua verdadeira identidade permanece obscura. Sir John Mandeville, *The Book of Marvels and Travels*, ed. e trad. Anthony Bale (Oxford, 2012).
- Marignolli, Giovanni de' (fl. 1338–53). Frade florentino; deixou Avignon em 1338 para viajar para a Índia e China; passou três ou quatro anos em Khanbaliq. *Cathay and the Way Thither*, ed. e trad. Henry Yule, 3 vols. (Londres, 1913–16), vol. 3, pp. 208–69.
- Martoni, Nicola de (fl. 1394–5). Notário de Carinola perto de Nápoles; fez uma peregrinação à Terra Santa em meados da década de 1390. 'Relation du pèlerinage a Jérusalem de Nicolas de Martoni, notaire italien (1394–5)', ed. Léon Legrand, *Revue de l'Orient Latin* 3 (1895), 566–669.
- Mauro, Fra (m. 1464). Viajou quando jovem pela Ásia, tornou-se um monge camaldulense de Murano e um importante cartógrafo veneziano. Seu mapa-múndi, encomendado pela coroa portuguesa, é um dos mapas sobreviventes mais

- completos e extensos. 'Fra Mauro's Globe', Museo Galileo, Florença, <https://mostre.museogalileo.it/framauro/it/introduzione.html>.
- Mergenthal, Hans von (fl. 1469–78). Peregrino aristocrático da Saxônia à Terra Santa, acompanhando Albrecht Duque da Saxônia em 1476. 'De peregrinatione in Palestinam Illustrissimi', em Balthasar Menz, *Itinera sexa diversis Saxoniae Ducibus et Electoribus ...* (Wittenberg, 1612).
- Meshullam de Volterra (m. 1507/8). Negociante de pedras preciosas e viajante nascido na Toscana; viajou pela Terra Santa e pelo Mediterrâneo oriental em 1481, frequentemente visitando comunidades judaicas. *Jewish Travellers*, ed. e trad. Elkan Adler (Londres, 1930), pp. 156–208.
- Niccolò da Poggibonsi (fl. 1345–50). Frade franciscano toscano. Viajou com um grupo de companheiros pela Terra Santa por cinco anos no final da década de 1340. Em seu retorno, ele escreveu um relato vívido e detalhado de suas viagens. Niccolò da Poggibonsi, *Livro d'oltramare*, ed. Alberto Bacchi della Lega, 2 vols. (Bolonha, 1881).
- Nikitin, [Afanasiy] Athanasius (m. 1472). Comerciante e viajante de Tver, no oeste da Rússia. Ele partiu em uma viagem comercial em 1466 e, após vários infortúnios, viveu por três anos no sultanato de Bahmani, na Índia central; ele parece ter se convertido ao menos em parte ao islamismo durante suas viagens. 'The Travels of Athanasius Nikitin', trad. Michael Wielhorsky, em *India in the Fifteenth Century*, ed. e trad. Richard Henry Major (Londres, 1857).
- Odoric de Pordenone (Odorico Mattiuzzi; 1286–1331). Frade franciscano friulano. Em 1318, Odoric foi enviado como missionário via Constantinopla para a Armênia e a Pérsia; ele então passou muitos anos na Índia, China e por toda a Ásia. Ele só retornou à Europa por volta de 1329 e morreu logo após ditar um relato de suas viagens. Seu texto foi extremamente popular e influente na Europa medieval. *Les Voyages au XIVe Siècle du Bienheureux Frère Odoric de Pordenone*, ed. Henri Cordier (Paris, 1891); Odoric of Pordenone, *The Travels of Friar Odoric*, ed. Paolo Chiesa, trad. Henry Yule (Grand Rapids, MI, 2002).
- Ogier d'Anglure (m. 1412). Cavaleiro e cortesão francês. Empreendeu uma peregrinação à Terra Santa em 1395 e escreveu um relato detalhado da jornada em seu retorno. *Le saint voyage de Jherusalem*, ed. F. Bonnardot e A. Longnon (Paris, 1878); *The Holy Jerusalem Voyage of Ogier VIII, Seigneur d'Anglure*, trad. RA Browne (Gainesville, FL, 1975).
- Pegolotti, Francesco (falecido em 1347). Comerciante florentino, representante da empresa Bardi. Escreveu um glossário padrão e um guia para as rotas comerciais na Europa e na Ásia. Francesco Balducci Pegolotti, *La pratica della mercatura*, ed. Allen Evans (Cambridge, MA, 1936).
- Polo, Marco (1254–1324). Celebrado mercador e viajante veneziano. Suas jornadas seguiram as de seu pai e tio, que viajaram para a corte de Kublai Khan na década de 1260. Polo deixou um relato detalhado de seu tempo na Ásia, ditado na prisão na década de 1290 para seu companheiro de prisão Rustichello da Pisa. Marco Polo, *O Viagens*, ed. e trad. Nigel Cliff (Londres, 2015).
- Poloner, John (fl. 1421). Peregrino, provavelmente da Prússia ou Polônia, que visitou a Terra Santa em 1422. *John Poloner's Description of the Holy Land*, ed. e trad. Aubrey Stewart (Londres, 1894).
- Richard of Lincoln (fl. 1454). Médico e peregrino, de Lincoln ou possivelmente Londres, que escreveu um relato em inglês médio de sua peregrinação à Terra Santa. *Richard of Lincoln: A Medieval Doctor Travels to Jerusalem*, ed. e trad. Francis Davey (Exeter, 2013).
- Robert de Clari (fl. 1202–4). Cavaleiro e cruzado de Picard. Escreveu uma crônica dos eventos da Quarta Cruzada (que incluem o saque e a conquista de Constantinopla). Robert de Clari, *La Conquête de Constantinople*, ed. e trad. Peter Noble (Edimburgo, 2005).
- Podridão, Peter (falecido em 1487). Burguês de Basileia. Empreendeu duas peregrinações à Terra Santa com seu pai Hans (falecido em 1452), cujos detalhes registraram em um pequeno livro manuscrito. 'Hans und Peter Rot's Pilgerreisen', *Beiträge zur vaterländischen Geschichte* 11 (1882), 331–408.
- Rubruck, William de (fl. 1248–55). Cruzado e missionário flamengo; foi enviado por Luís IX da França para converter os tártaros e empreendeu uma missão aos mongóis sob o comando do imperador Balduíno II. *Missão para a Ásia*, ed. e trad. Christopher Dawson (Nova York, 1966; edição rev. Toronto, 1980), pp. 89–223.
- Sanseverino, Roberto da (1418–87). Homem de armas e nobre, sobrinho de Francesco Sforza, duque de Milão. Ele escreveu um diário detalhado de sua peregrinação à Terra Santa em 1458. *Felice et divoto ad Terrasancta viagio facto per Roberto de Sancto Severino*, ed. M. Cavaglià e A. Rossebastiano (Alessandria, 1999).
- Sauma, Rabban Bar (m. 1294). Monge e embaixador. Na década de 1280 e no início da década de 1290, ele empreendeu uma peregrinação notável da China Yuan, visitando Paris, Roma e Constantinopla. *The Monks of Kublai Khan, Emperor of China*, ed. EA Wallis Budge (Londres, 1928).
- Schiltberger, Johann (1380–c. 1440). Nobre, de Hollern, perto de Munique. Feito prisioneiro em 1396, Schiltberger passou muitos anos como cativo e mercenário na Ásia Timúrida. Seu relato colorido de sua jornada e eventual fuga foi amplamente lido na Alemanha medieval. *The Bondage and Travels of Johann Schiltberger, a Native of Bavaria, in Europe, Asia, and Africa, 1396–1427*, ed. e trad. J. Telfer (Londres, 1879).
- Sigoli, Simone (fl. 1384–9). Mercador e peregrino florentino que viajou para a Terra Santa em 1384–5. *Visita aos Lugares Sagrados do Egito, Sinai, Palestina e Síria em 1384, por Frescobaldi, Gucci e Sigoli*, ed. e trad. T. Bellorini e E. Hoade (Jerusalém, 1948).
- Franciscano espanhol, veja Anônimo

- Suriano, Francesco (dc 1529). Frade e escriba franciscano nascido em Veneza, que passou um tempo nos conventos de Alexandria, Beirute e Jerusalém. Sua descrição detalhada e zelosa da Terra Santa, *A Tratado sobre a Terra Santa*, é muitas vezes estridentemente agressivo para com os não-cristãos. *Il trattato di Terra Santa e dell'Oriente di Frate Francesco Suriano*, ed. Girolamo Golubovich (Milão, 1900).
- Swynburne, Thomas (c. 1357–1412). Capitão militar inglês, diplomata e peregrino. Visitou a Terra Santa em 1392. Mais tarde capitão de Calais e prefeito de Bordeaux. *Western Pilgrims (1322–1392)*, ed. e trad. Eugene Hoade (Jerusalém, 1952).
- Tafur, Pero (c. 1410–c. 1484). Nascido em Córdoba, viajou como diplomata, soldado e peregrino entre 1436 e 1439. Visitou o norte da África e o Mar Negro, e viajou pela Europa. *Pero Tafur: Viagens e Aventuras, 1435–1439*, ed. e trad. Malcolm Letts (Londres, 1926).
- Tetzel, Gabriel (m. 1479). Patrício de Nuremberg, que viajou com Leo de Rozmital como parte de sua missão diplomática na década de 1460. *The Travels of Leo of Rozmital*, ed. e trad. Malcolm Letts (Cambridge, 1957).
- Guia de Viagem para o Leste*. Um guia de viagem do final do século XV, dando muitos detalhes sobre o que o viajante deve comprar em Veneza. Possivelmente escrito por um Geoffrey Caldwell de Londres. BL Cotton MS Apêndice VIII.
- Villehardouin, Geoffrey de (c. 1150–1213). Nobre de Champagne e participante da Quarta Cruzada (1199–1204); posteriormente escreveu uma crônica em francês. 'Crônica de Villehardouin da Quarta Cruzada e da Conquista de Constantinopla', em *Memoirs, ou Crônica da Quarta Cruzada e da Conquista de Constantinopla*, ed. e trad. Frank T. Marzials (Londres, 1908).
- Voisins, Philippe de (fl. 1490). Nobre, Senhor de Couffoulens no Languedoc e Montaut na Gasconha. Embarcou em uma viagem à Terra Santa em 1490. *Voyage à Jérusalem de Philippe de Voisins*, ed. Philippe Tamizey de Larroque (Paris, 1883).
- Walther [von Guglingen], Paul (fl. 1482–3). Frade franciscano de Heidelberg que viajou para a Terra Santa em 1482–4; ao retornar, ele criou um diário de viagem ilustrado, *Fratrís Pauli Walteri Gugliensis: Itinerário em Terram Sanctam et ad Sanctam Catharinam*, ed. Matthis Sollweck (Tübingen, 1892).
- Wey, William (m. 1476). Administrador e monge, empreendeu viagens a Santiago de Compostela (1456) e duas vezes a Jerusalém (1458, 1462). Ele escreveu um relato volumoso de suas viagens, *The Matter of Jerusalem*. *The Itineraries of William Wey*, ed. Bulkeley Bandinel (Edimburgo, 1857); *Itineraries*, ed. e trad. Francis Davey (Oxford, 2010).
- Zosima, o Diácono (fl. 1419–22). Monge-diácono do Mosteiro da Trindade de São Sérgio, perto de Moscou. Viajou muito por Kiev, Terra Santa e Constantinopla (1419–22) como peregrino e membro da comitiva real moscovita, registrado em seu *Xenos* ('Andarilho'), escrito em seu retorno. *Viajantes russos para Constantinopla nos séculos XIV e XV*, ed. e trad. George P. Majeska (Washington, DC, 1984), pp. 166–98.

Referências e leituras adicionais

Abreviações

BL = Biblioteca Britânica, Londres

DPR = Bartholomeus Anglicus, *De proprietatibus rerum*, de MC Seymour et al. (eds.), *Sobre as propriedades das coisas: a tradução de Bartholomaeus Anglicus de John Trevisa, De proprietatibus rerum*, 3 vols. (Oxford, 1975–88)

TNA = Arquivos Nacionais, Kew, Londres

As estimativas populacionais foram retiradas de Tertius Chandler, *Four Thousand Years of Urban History: An Historical Census* (Lewiston, NY, 1987).

Prefácio

Sobre a cultura da viagem medieval, recomendo Mary B. Campbell, *The Witness and the Other World: Exotic European Travel Writing, 400–1600* (Ithaca, NY, 1988); Michel Huynh et al., *Voyager au Moyen Age* (Paris, 2014); Shirin A. Khanmohamadi, *In Light of Another's Word: European Ethnography in the Middle Ages* (Filadélfia, 2013); Shayne Legassie, *The Medieval Invention of Travel* (Chicago, 2017); e, sobre viajantes de elite, Margaret Wade Labarge, *Medieval Travellers: The Rich and the Restless* (Londres, 1982). Para uma visão geral da escrita de viagem como gênero, veja Tim Youngs e Nandini Das (eds.), *The Cambridge History of Travel Writing* (Cambridge, 2019). Meus pensamentos sobre a natureza da viagem foram estimulados por Pierre Bayard, *How to Talk about Places You've Never Been*, trad. Michele Hutchison (Nova York, 2016); Alain de Botton, *The Art of Travel* (Londres, 2002; a citação de "parteiras do pensamento" na p. 57); Paul Fussell, *Abroad: British Literary Travelling between the Wars* (Oxford, 1980); e Emily Thomas, *The Meaning of Travel* (Oxford, 2020).

Para o *Codex Calixtinus*, veja Annie Shaver-Crandell, Paula Gerson e Alison Stones, *The Pilgrim's Guide to Santiago de Compostela: A Gazetteer* (Londres, 1995). 'Questions of Travel' de Elizabeth Bishop aparece em sua coleção *Questions of Travel* (Nova York, 1965).

Capítulo 1: A forma do mundo em 1491; ou, um preâmbulo com Martin Behaim

Sobre Behaim, veja o fac-símile em EG Ravenstein, *Martin Behaim: His Life and his Globe* (Londres, 1908), suplementado por Rui Manuel Loureiro, 'Searching the East by the West', *RiMe: Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea* 9 (2021), 105–25. Para um relato incisivo das ideias europeias sobre o mundo na época de Behaim, veja Valerie Flint, *The Imaginative Landscape of Christopher Columbus* (Princeton, 1992).

Sobre os Antípodas medievais, veja Alfred Hiatt, *Terra Incognita: Mapping the Antipodes before 1600* (Londres, 2008; a citação de Fillastre na p. 158). Sobre John of Holywood, veja Lynn Thorndike, *The Sphere of Sacrobosco e seus comentadores* (Chicago, 1949), incluindo uma tradução em inglês do tratado de Holywood (pp. 118–42). Para Cícero e Macróbio, veja Marcus Tullius Cicero, *Scipio's Dream* (Macróbio, *Commentary on the Dream on Scipio*, ed. e trad. William Harris Stahl (Nova York e Londres, 1966), VI. 1–3, pp. 74–5). Sobre a viagem e a Ilha de St Brendan, veja John R. Gillis, 'Taking history offshore: Atlantic islands in European minds, 1400–1800', em Rod Edmond e Vanessa Smith (eds.), *Islands in History and Representation* (Londres, 2003; 2020), pp. 19–31. A máxima de Egberto de Liège está em *The Well-Laden Ship*, ed. e trad. Robert Babcock (Cambridge, MA, 2013), pág. 223.

A tabela de câmbio foi retirada do guia de viagem de William Brewyn de c. 1470.

Capítulo 2: O ponto de partida, com Beatrice, Henry e Thomas

Sobre o fenômeno da peregrinação na Europa medieval, ver Diana Webb, *Pilgrims and Pilgrimage in the Medieval West* (Londres, 1999); Jonathan Sumption, *Pilgrimage: An Image of Medieval Religion* (Londres, 1975); e Simon Coleman e John Elsner, *Pilgrimage, Past and Present* (Londres, 1995).

Beatrice Luttrell, nascida Scrope, de Irnham (Lincolnshire), apresentou sua petição de peregrinação na segunda metade de 1350 (TNA SC 8/246/12265) e sua permissão foi concedida pela corte de Eduardo III em 18 de outubro de 1350; seus pertences refletem aqueles encontrados em testamentos medievais posteriores (veja *The Fifty Earliest English Wills in the Court of Probate, 1387–1439*, ed. FJ Furnivall (Londres, 1882)) e retratados no famoso livro de sua família, *The Luttrell Psalter* (BL Add. MS 42130), que também inclui uma foto dela. Veja também a discussão sobre seu sogro em Michael Camille, *Mirror in Parchment* (Londres, 1998), pp. 122–51, descrevendo as peregrinações e a religiosidade da

família. O anel dela é baseado em um anel francês no Museu Britânico (Londesborough #53). Veja também Janet Backhouse, *Medieval Rural Life in the Luttrell Psalter* (Londres, 2000).

Detalhes da jornada do conde Henry foram retirados de suas notáveis contas de despesas; Henry foi mais tarde Henrique IV, Rei da Inglaterra; veja *Expedições à Prússia e à Terra Santa*, ed. Lucy T. Smith (Londres, 1894).

Thomas Dane, subprior dos Austin Friars, Londres, solicitou uma licença de um ano para fazer uma peregrinação em 1440 (TNA C270/31/19). Seu guia de viagem é baseado no *Travel Guide to the East* em um manuscrito do século XV (BL Cotton MS Apêndice VIII). Para cenas contemporâneas de partida em uma peregrinação, veja *The Beauchamp Pageants* (BL Cotton MS Julius E IV/3), mostrando a jornada do Conde de Warwick da Inglaterra para Jerusalém via Veneza, em https://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Cotton_MS_Julius_E_IV/3

Sobre estalagens na Inglaterra medieval, veja John Hare, 'Inns, innkeepers and the society of later medieval England, 1350–1600', *Journal of Medieval History* 39 (2013), 477–97, e Martha Carlin, 'Why stay at the Tabard? Public inns and their amenities c. 1400', *Studies in the Age of Chaucer* 40 (2018), 413–21. Alguns dos detalhes dos meus viajantes são baseados nas evidências arqueológicas fornecidas pelo 'Worcester Pilgrim', um cadáver analisado na década de 1980; veja Katherine Lack, 'A dyer on the road to Saint James: an identity for "The Worcester Pilgrim"?', *Midland History* 30 (2005), 112–28.

Os interessados em saber mais sobre a realidade histórica do transporte marítimo medieval de Rye e portos semelhantes devem consultar Gillian Draper et al., *Rye: A History of a Sussex Cinque Port to 1660* (Chichester, 2009), e o site *The Merchant Fleet of Late Medieval and Tudor England* em <http://www.medievalandtudorships.org/>

O prognóstico e o feitiço foram editados de BL MS Sloane 965, ff. 6v–7v, uma miscelânea de c. 1450 incluindo textos sobre humores, elementos, urinas, complexões e lunares.

Capítulo 3: De Aachen a Bolzano

Para a estética da montanha de Petrarca, veja Petrarca, 'The ascent of Mont Ventoux', trad. Hans Nachod, em Ernst Cassirer, Paul Oskar Kristeller e John Herman Randall (eds.), *The Renaissance Philosophy of Man* (Chicago, 1948), pp. 36–46.

A vida de Dorothea de Montau é contada em *The Life of Dorothea von Montau, a Fourteenth-Century Recluse*, ed. e trad. Ute Stargardt (Lewiston, NY 1997).

Sobre Aachen, ver Walter Maas e Pit Siebigs, *Der Aachener Dom* (Regensburg, 2013); os números de peregrinos foram retirados de J. Stopford, 'Some approaches to the archaeology of Christian pilgrimage', *World Archaeology* 26 (1994), 57–72, p. 57.

Sobre St Ursula, veja Jane Cartwright (ed.), *The Cult of St Ursula and the 11,000 Virgins* (Cardiff, 2016). Sobre distintivos de peregrinos, veja Brian Spencer, *Pilgrim Souvenirs and Secular Badges* (Londres, 1988), e o excelente site kunera.nl.

Sobre Felix Fabri e seu contexto de Ulm, veja Kathryn Beebe, *Pilgrim & Preacher: The Audiências e Espiritualidade Observante de Frei Felix Fabri* (Oxford, 2014); Herbert Wiegandt, *Ulm: Geschichte einer Stadt* (Weissenhorn, 1977). Sobre a hospitalidade na Ulm medieval consulte Franz Müller, *Die Geschichte des Wirtsgewerbes in Ulm* (Ulm, 1930). Sobre Richental, ver *O Concílio de Constança*, ed. e trans. Louise Ropes Loomis (Nova York, 1961).

As instruções para boas maneiras à mesa foram retiradas de *John Russells Boke of Nurture*, ed. Frederick J. Furnivall (Londres, 1894), pp. 18–21, refletindo a etiqueta para o criado de um aristocrata de c. 1450.

Para informações sobre rotas medievais e pedágios, consulte o projeto Viabundus (<https://www.landesgeschichte.uni-goettingen.de/handelsstrassen/index.php>).

A conversa de ninar de *La Manière de langage* é minha tradução de Oxford, All Souls College MS 182, ff. 321r–v, um manuscrito datado de c. 1413.

Capítulo 4: Uma estadia em Veneza e depois para Roma

Para um relato histórico de aspectos da Veneza medieval, veja Joanne M. Ferraro, *Venice: History of the Floating City* (Cambridge, 2012). Achei os seguintes especialmente úteis em termos de Veneza e viagens: Franca Semi, *Gli 'Ospizi' di Venezia* (Veneza, 1983); Guido Ruggiero, *The Boundaries of Eros: Sex Crime and Sexuality in Renaissance Venice* (Oxford, 1985); Frederic C. Lane, *Venice: A Maritime Republic* (Baltimore, 1973); Paula C. Clarke, 'The business of prostitution in early Renaissance Venice', *Renaissance Quarterly* 68 (2015), 419–64; Jane L. Stevens Crawshaw, *Plague Hospitals: Public Health for the City in Early Modern Venice* (Aldershot, 2016). Florence Edler, *Glossário de termos comerciais medievais: série italiana, 1200–1600* (Cambridge, MA, 1934) continua sendo um recurso indispensável.

Sobre os patógenos dos esqueletos de Lazzaretto Vecchio, consulte Thi-Nguyen-Ny Tran et al., 'High throughput, multiplexed pathogen detection authenticates plague waves in medieval Venice, Italy', *PLoS One* 6 (2011), e16735, e para um relato mais geral da saúde pública na cidade, veja Jo Wheeler, 'Stench in Sixteenth-Century Venice', em Alexander Cowan e Jill Seward (eds.), *The City and the Senses* (Aldershot, 2007), pp. 25–38.

Peguei detalhes da paisagem veneziana em pinturas da Gallerie dell'Accademia di Venezia, especialmente *Procissão na Praça de São Marcos* (1496), de Bellini, e *Lenda de Santa Úrsula* (1497–8), de Carpaccio.

Sobre passaportes antigos, veja Valentin Gröbner, *Who Are You? Identification, Deception, and Surveillance in Early Modern Europe* (Nova York, 2007), e Patrick Bixby, *License to Travel: A Cultural History of the Passport* (Berkeley e Los Angeles, 2022).

Sobre Roma, ver C. David Benson, *Imagined Romes: The Ancient City and its Stories in Middle English Poetry* (University Park, PA, 2019); Hendrik Dey, *The Making of Medieval Roma: Um Novo Perfil da Cidade, 400–1420* (Cambridge, 2021). O retábulo de Giotto de São Pedro está agora no Museu do Vaticano.

As indulgências de Roma são de Capgrave, *The Solace of Pilgrimes*.

Capítulo 5: Através do Grande Mar: De Veneza a Chipre

As informações sobre sereias e sereias reúnem vários mitos medievais sobre elas, incluindo aqueles reunidos na *RPD*.

Uma pesquisa crucial sobre a experiência de estar em uma galera veneziana é Benjamin Arbel, 'Daily life on board Venetian Ships: The evidencia of Renaissance travelogues and diaries', em Gherardo Ortalli e Alessio Sopracasa (eds.), *Rapporti mediterranei, pratiche documentarie, presenze veneziane* (Veneza, 2017), pp. Ver também Renard Gluzman, *Venetian Shipping: From the Days of Glory to Decline, 1453–1571* (Leiden, 2021), e Antonio Musarra, *Medioevo marinaro: prendere il mare nell'Italia medievale* (Bolonha, 2021).

Sobre os locais devocionais que surgiram para servir aos viajantes, veja Michele Bacci et al., 'Sítios de culto mariano ao longo das rotas marítimas venezianas para a Terra Santa no final da Idade Média', em Maria Stella Calò Mariani e Anna Trono (eds.), *The Ways of Mercy: Arts, Culture, and Marian Routes between East and West* (Salento, 2017), pp. 81–106.

A citação de Machaut é de Guillaume de Machaut, *The Capture of Alexandria*, ed. e trad. Janet Shirley e Peter W. Edbury (Londres, 2001). Sobre Gilbert, o inglês, consulte Robin Ward, 'Conselhos medievais sobre a prevenção e o tratamento do enjoo marítimo', *The Northern Mariner/Le marin du nord* 14 (2004), 69–72.

Sobre *Cog Anne*, veja EM Carus-Wilson, 'Os aventureiros mercantes de Bristol no século XV', *Transactions of the Royal Historical Society* 11 (1928), 61–82.

Sobre as leis e regulamentação das colônias venezianas, ver Freddy Thiriet, *Délibérations des assemblées vénitiennes concernant la Roumanie, 1364–1463* (Paris, 1971). Sobre Venetian Modon estou em dívida com Panagiotis Foutakis, *I Methóni kai i istoría: i Venetía kai i exousía* (Atenas, 2017); também M. Mollat, *La Vie quotidienne des gens de mer en Atlantique, século IX–XVI* (Paris, 1983).

Sobre Famagusta medieval e brigas em bares, estou em dívida com Nicholas SH Coureas, 'Taverns in medieval Famagusta', em Michael Walsh, Peter Edbury e Nicholas Coureas (eds.), *Medieval and Renaissance Famagusta* (Farnham, 2012), pp. 72, e S. Bliznyuk, *Die Genuesen auf Zypern: Ende 14. e im 15. Jahrhundert* (Frankfurt, 2005).

Viajei por Chipre com *Monumentos Históricos de Chipre*, de George Jeffery (Nicosia, 1918), cuja desatualização se mostrou essencial na reconstrução dos lugares desaparecidos do passado de Chipre; da mesma forma, em Stavrovouni, John Hackett, *Uma História da Igreja Ortodoxa de Chipre* (Londres, 1918). 1901, págs. 442–52.

Para o poema original de Nicole Louve, ver Alain-Julien Surdel, 'Cinq semaines en galère', *Le Pays Lorrain* 100 (2019), 107–10; Consulte também o manuscrito original do poema (Épinal, Bibliothèque Municipale MS 59(217), ff. 89r–90v).

Capítulo 6: Um passeio a pé por Constantinopla

Para relatos gerais da Constantinopla bizantina, veja Jonathan Harris, *Constantinople: Capital of Byzantium* (Londres, 2007); Jonathan Harris, *The Lost World of Byzantium* (New Haven, 2015); Judith Herrin, *Byzantium: The Surprising Life of a Medieval Empire* (Londres, 2007); e Nike Koutrakou, 'Viajantes medievais para Constantinopla: maravilhas e maravilhas', em Sarah Bassett (ed.), *The Cambridge Companion to Constantinople* (Cambridge, 2022), pp. 295–309. Sobre a Quarta Cruzada, veja Thomas F. Madden, 'A versão veneziana da Quarta Cruzada: memória e a conquista de Constantinopla na Veneza medieval', *Speculum* 87 (2012), 311–44. Sobre a persistência da ideia de cruzada muito depois da Primeira Cruzada, veja Aziz Suryal Atiya, *The Crusade in the Later Middle Ages* (Londres, 1938).

Quanto à biografia de Bertrandon, estou particularmente grato a Jaroslav Svátek, *Prier, combattre et voir le monde* (Rennes, 2021), pp.

Sobre os animais do Hipódromo, incluindo as observações de al-Marwazi, veja Nancy Ševčenko, 'Animais selvagens no parque bizantino', em Antony Littlewood, Henry Maguire e Joachim Wolschke-Bulmahn (eds.), *Byzantine Garden Culture* (Washington, DC, 2002), pp. 69–86. Sobre a estátua do cavaleiro, veja sua recente e muito completa 'biografia' de Elena Boeck, *The Bronze Horseman of Justinian in Constantinople* (Cambridge, 2021). Sobre a ideia mutável das 'maravilhas de o mundo' ver Kai Brodersen, *Die sieben Weltwunder. Legendäre Kunst- und Bauwerke* (Munique, 1996; 2006).

O conselho para viajantes sobre como obter um guia e sobre a Hodegetria foi retirado da visita de Estêvão de Novgorod à cidade em 1348/9; veja Georg P. Majeska, *Russian Travelers to Constantinople in the Fourteenth and Fifteenth Centuries* (Washington, DC, 1984), pp. 15–47.

A lista de custos dos viajantes na Terra Santa foi retirada do relato de Thomas Brygg sobre sua peregrinação de 1392. Para uma lista comparativa de preços, veja 'Lista de preços de itens medievais' em <http://medieval.ucdavis.edu/120D/Money.html>, e Ugo Tucci, *Mercanti, navi, monete nel Cinquecento veneziano* (Bolonha,

1921), pp. 200–201, embora correspondências precisas em valor sejam difíceis de fazer, especialmente entre moedas estrangeiras.

Capítulo 7: Pela Terra Santa até a Babilônia

Sobre a Terra Santa medieval, especialmente em termos de vários tipos de viagem, veja Nicole Chareyron, *Pilgrims to Jerusalem in the Middle Ages*, trad. W. Donald Wilson (Nova York, Português 2005); Christopher MacEavitt, *As Cruzadas e os Mundos Cristãos do Oriente: Tolerância Bruta* (Filadélfia, 2008); Elizabeth Ross, *Retratando a Experiência no Primeiro Livro Impresso: Peregrinatio de Breydenbach de Veneza a Jerusalém* (University Park, PA, 2014); Sylvia Schein, *Fideles crucis: O Papado, o Ocidente e a Recuperação da Terra Santa, 1274–1314* (Oxford, 1991).

O rio Sabbathary é descrito por Mandeville e por muitos outros. Veja mais Daniel Stein Kokin, 'Toward the source of the Sambatyon: Shabbat speech and the origins of the Sabbatical river legend', *AJS Review* 37 (2013), 1–28.

Sobre Acre e viajantes medievais, veja Anthony Bale, 'Reading and writing in Outremer', em Anthony Bale (ed.), *The Cambridge Companion to the Literature of the Crusades* (Cambridge, 2018), pp. 85–101, e Laura Morreale, *Pilgrims and Writing in Crusader Acre*, <https://scalar.lauramorreale.com/pilgrims-and-writing-in-crusader-acre/dynamic-map-of-the-pardouns-dacre?path=pilgrimage-path>. O registro de bebedores judeus nas tavernas de Acre está em <https://rb.gy/35c3>.

Sobre o islamismo e Maomé na Europa medieval, veja Suzanne Conklin Akbari, *Idols in the East: European Representations of Islam and the Orient, 1100–1450* (Ithaca, NY, 2009); Nicholas Morton, *Encountering Islam on the First Crusade* (Cambridge, 2016); John Tolan, 'European accounts of Muhammad's life', em Jonathan E. Brockopp (ed.), *The Cambridge Companion to Muhammad* (Cambridge, 2010), pp. 226–50. Sobre Embrião de Mainz e o caixão voador de Maomé, veja John Tolan, *Faces of Muhammad: Western Perceptions of the Prophet of Islam from the Middle Ages to Today* (Princeton, NJ, 2019), pp. 69–72.

A melhor descrição do que os peregrinos medievais teriam encontrado no Sinai está em Denys Pringle, *The Churches of the Crusader Kingdom of Jerusalem: A Corpus*, 4 vols. (Cambridge, 1993–2009), vol. 2, pp. Os grafites dos visitantes no Sinai são descritos em Hyacinth Rabino, 'Le monastère de Sainte-Catherine (Mont-Sinaï)', *Bulletin de la Société Royale de Géographie d'Égypte* 19 (1935), 21–126. Sobre o bálsamo, ver Elly R. Truitt, 'As virtudes do bálsamo na literatura medieval tardia', *Early Science and Medicine* 14 (2009), 711–36, e no contexto das peregrinações medievais tardias, ver Marianne P. Ritsema van Eck, 'Encontros com o Levante: o diário de viagem ilustrado de Jerusalém, do final da Idade Média, de Paul Walter von Guglingen', *Mediterranean Historical Review* 32 (2017), 153–88.

O conselho sobre como atravessar o deserto foi retirado do relato de Meshullam de Volterra sobre o Sinai.

Capítulo 8: Um passeio a pé por Jerusalém

Para uma visão geral do status da Jerusalém medieval para viajantes, veja Chareyron, *Pilgrims to Jerusalem*. Dan Bahat, *The Illustrated Atlas of Jerusalem* (Nova York, 1990), pp. 108–17, fornece uma visão geral visual. Para entender o ambiente construído da Jerusalém medieval, veja os notáveis estudos arqueológicos de Denys Pringle, *Secular Buildings no Reino Cruzado de Jerusalém: Um Gazetteer Arqueológico* (Cambridge, 1997) e *As Igrejas do Reino Cruzado. O Túmulo de Cristo de Martin Biddle* (Stroud, 1999), pp. 28–40, fornece um relato completo do próprio Santo Sepulcro; Colin Morris, *O Sepulcro de Cristo e o Ocidente Medieval: Do Início a 1600* (Oxford, 2005) é uma história envolvente das muitas formas do túmulo.

Sobre a datação das oliveiras no Getsêmani, consulte Mauro Bernabei, 'A idade das oliveiras no Jardim do Getsêmani', *Journal of Archaeological Science* 53 (2015), 43–8.

Seguindo os passos sagrados em Jerusalém, recomendo Jean-Marie Fritz, 'Empreintes et vestiges dans les récits de pèlerinage: quand la pierre devient cire', *Le Moyen Age* 118 (2012), 9–40.

As frases em línguas estrangeiras foram retiradas de William Wey (grego), Arnold von Harff (albanês e árabe) e Anonymous/Wynkyn de Worde, *Information for Pilgrims* (turco) (Londres, c. 1498).

Capítulo 9: Um desvio para a Etiópia

Recomendo François-Xavier Fauvelle, *The Golden Rhinoceros: Histories of the African Middle Ages*, trad. Troy Tice (Princeton, 2018), para uma visão geral da África e sua relação com o mundo mais amplo na cultura medieval. Sobre o Chifre da África, o material reunido em Samantha Kelly (ed.), *A Companion to Medieval Ethiopia and Eritrea* (Leiden, 2020) é muito útil. Sobre a Etiópia e a escrita de viagens, veja *Ethiopia through Writers' Eyes*, ed. e trad. Yves-Marie Stranger (Londres, 2016). Sobre Lalibela, recomendo Jacques Mercier e Claude Lepage, *Lalibela: Wonder of Ethiopia; The Monolithic Churches and their Treasures*, trad. Jennifer White-Thévenot e Jane Degeorges (Londres, 2012).

A correspondência diplomática entre Roma e a Etiópia é publicada em Osvaldo Raineri, *Lettere tra i pontefici romani ei principi etiopici (secoli xii–xx)* (Vaticano, 2003), e o material relevante é pesquisado em Matteo Salvatore, *The African Prester John and the Birth of Relações Etiopes-Europeias, 1402–1555* (Londres, 2017), e Verena Krebs, *Realeza, Artesanato e Diplomacia Etíope Medieval com a Europa Latina* (Cham, 2021), sendo este último especialmente valioso em Battista de Imola (pp. 136–9). Sobre a localização de Barara, ver Hartwig Breternitz e Richard Pankhurst, 'Barara, a cidade real da Etiópia do século XV e início do século XVI', *Annales d'Éthiopie* 24 (2009), 209–49.

As fontes sobre Preste João estão utilmente reunidas em Keagan Brewer (ed.), *Prester John: The Legend and its Sources* (Farnham, 2015).

Sobre a localização móvel das montanhas Kong, veja Thomas J. Bassett e Phillip W. Porter, ' "Das melhores autoridades": As montanhas de Kong na cartografia da África Ocidental', *Journal of African History* 32 (1991), 367–413.

A mítica dieta etíope de madressilva defumada é retirada da *República Democrática do Congo*.

O conselho médico de John of Gaddesden é resumido em HP Cholmeley, *John of Gaddesden and the Rosa Medicinæ* (Oxford, 1912), pp. 52–5.

Capítulo 10: Nas Rotas da Seda

Para uma estimulante visão geral da história e cultura das Rotas da Seda, veja Peter Frankopan, *The Silk Roads: A New History of the World* (Londres, 2015). Sobre os caravanserai, veja Kate Franklin, *Everyday Cosmopolitanisms: Living the Silk Road in Medieval Armenia* (Berkeley e Los Angeles, 2021). A descrição de Geoffrey de Vinsauf de um caravanserai foi tirada de seu relato do saque de um comboio por Ricardo I da Inglaterra em 1192, em Roy C. Cave e Herbert H. Coulson, *A Source Book for Medieval Economic History* (Milwaukee, 1936; repr. Nova York, 1965), p. 155. Veja também Gül Asatekin e Georges Charlier et al., *Along Ancient Trade Routes: Seljuk Caravanserais and Landscapes in Central Anatolia* (Rekem-Lanaken, 1996). Sobre a escravidão europeia no contexto das Rotas da Seda, ver Hannah Barker, *That Most Precious Merchandise: The Mediterranean Trade in Black Sea Slaves, 1260–1500* (Filadélfia, 2019).

Sobre o contexto de Pegolotti, veja Lorenzo Publici, *Mongol Caucasia: Invasions, Conquests, and Government of a Frontier Region in Thirteenth-Century Eurasia (1204–1295)* (Londres, 2022).

Sobre o Velho da Montanha Dorothee Metlitzki, *The Matter of Araby in Medieval England* (New Haven, 1977), pp. 222–31 continua incisivo, e pode ser complementado pelo atmosférico *The Valley of the Assassins and Other Persian Travels* (Londres, 1934), de Freya Stark. A história islâmica do Velho é descrita em Shafique N. Virani, 'An old man, a garden, and an assembly of Assassins: Legends and realities of the Nizari Ismaili Muslims', *Irā: Journal of the British Institute of Persian Studies* (2021), <https://doi.org/10.1080/05786967.2021.1901062>

Sobre Cockayne, veja Herman Pleij, *Dreaming of Cockaigne: Medieval Fantasies of the Perfect Life*, trad. Diane Webb (Nova York, 2001). Relatos do poço de cura da lepra de Urfa (antigamente Edessa) aparecem em vários guias de viagem, aqui retirados do anônimo 'Travels of a Merchant in Persia' de 1507 em *Travels to Tana and Persia*, ed. Stanley, p. 144.

A citação de Arnold de Lübeck é de *The Chronicle of Arnold of Lübeck*, ed. Graham A. Loud (Londres, 1971), de I. de Rachewiltz, reúne relatos antigos de viajantes europeus nas Rotas da Seda em negócios religiosos. Para um exemplo de um salvo-conduto mongol (*paiza*), veja o de c. 1240, agora no Metropolitan Museum em Nova York: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/60006641>; as inscrições *paiza* fornecidas são deste espécime e de uma coleção particular. Para contexto, veja Bixby, *License to Travel*.

Sobre Gog & Magog, recomendo Victor I. Scherb, 'Assimilating giants: The appropriation of Gog & Magog in medieval and early modern England', *Journal of Estudos Medievais e Modernos* 32 (2002), 59–84; e Andrew Gow, *Os Judeus Vermelhos: Antissemitismo numa Era Apocalíptica, 1200–1600* (Leiden, 1995).

Sobre locais e representações medievais do Paraíso, incluindo a de Leardo, veja Alessandro Scafi, *Mapping Paradise: A History of Heaven on Earth* (Londres, 2006); para o paraíso perdido de Estrabão, veja *The Geography of Strabo*, ed. e trad. Duane W. Roller (Cambridge, 2014), p. 670.

Otia Imperialia, de Gervase de Tilbury, do início do século XIII, ed. e trad. SE Banks e JW Binns (Oxford, 2002), pp. 188–91.

Capítulo 11: Da Pérsia à Índia

Um resumo útil da história de Ormuz medieval é dado em Ralph Kauz e Roderich Ptak, 'Ormuz em fontes Yuan e Ming', *Bulletin de l'École Française d'Extrême-Orient* 88 (2001), 27–75.

Sobre a Índia e a escrita de viagens do final da Idade Média, veja Joan-Pau Rubiés, *Travel and Ethnology in the Renaissance: South India through European Eyes, 1250–1625* (Cambridge, 2002). Jagjeet Lally, *India and the Silk Roads: The History of a Trading World* (Londres, 2021), e Elizabeth A. Lambourn, *Abraham's Luggage: A Social Life of Things in the Medieval Indian Ocean World* (Cambridge, 2019) colocam os mundos mercantes eurásianos de Nikitin e Santo Stefano em perspectivas históricas úteis. Veja também o capítulo, 'The Indian subcontinent: on the way to everywhere', em Janet L. Abu-Lughod, *Before European Hegemony: The World System, AD 1250–1350* (Oxford, 1989), pp. 261–90.

Sobre Nikitin, veja especialmente Gail D. Lenhoff e Janet LB Martin, 'O contexto comercial e cultural da jornada de Afanasij Nikitin além dos três mares', *Jahrbücher für Geschichte Osteuropas* 37/3 (1989), 321–44; Mary Jane Maxwell, 'Afanasij Nikitin: a viagem espiritual de um russo ortodoxo no Dar al-Islam, 1468–1475', *Journal of World History* 17 (2006), 243–66; Gail Lenhoff, 'Além dos três mares: a jornada de Afanasij Nikitin da ortodoxia à apostasia', *East European Quarterly* 13 (1979), 431–47.

O relato de Thomas de Kent sobre Alexandre na Índia foi tirado de seu *The Anglo-Norman Alexander (The Roman de Toute Chevalerie)*, ed. Brian Foster e Ian Short (Londres, 1976). Sobre *sati*, recomendo Ania Loomba, 'Dead women tell no tales: Issues of female subjectivity, subaltern agency and tradition in colonial and post-colonial writings on widow immolation in India', *History Workshop* 36 (1993), 209–27.

As dicas para um viajante de negócios são retiradas de Pegolotti, *Pratica*.

Capítulo 12: Todos os caminhos levam a Khanbaliq

Para um relato crucial do mundo do comércio e do império mongol, veja Abu-Lughod, *Before European Hegemony*.

O manuscrito de York de Giovanni de Plano Carpini é agora Cambridge, Corpus Christi College MS 181 (que também contém partes do relato de viagem de William de Rubruck). Para Giovanni de Plano Carpini, Benedykt the Pole e William de Rubruck, veja Christopher Dawson, *Mission to Asia* (Toronto, 1980) originalmente publicado como *The Mongol Mission* (Londres, 1955) e de Rachewiltz, *Papal Envoys to the Great Khans*. Peter Jackson, *The Mongols and the West, 1221–1410* (Harlow, 2005), oferece um excelente resumo do conflito, comércio e missão entre a Europa e a China Mongol.

Sobre as circunstâncias históricas do desaparecimento de Karakorum, encontrei Jan Bemmann et al., 'Mapping Karakorum, the capital of the Mongol Empire', *Antiquity* 96 (2022), 159–78, e K. Sagaster, 'Die mongolische Hauptstadt Karakorum', *Beiträge zur Allgemeinen und Vergleichenden Archäologie* 19 (1999), 113–28, extremamente útil. Sobre Guillaume Boucher e outros cativos ocidentais na corte do câ, ver Leonardo Olschki, *Guillaume Boucher: A French Artist at the Court of the Khans* (Baltimore, 1946). Sobre a história da Cidade Imperial a partir de 1368, recomendo Geremie R. Barmé, *The Forbidden City* (Londres, 2008).

Sobre as lápides de Ilioni, veja Francis A. Rouleau, 'The Yangchow Latin tombstone as a landmark of medieval Christianity in China', *Harvard Journal of Asiatic Studies* 17 (1954), 346–65, e Jennifer Purtle, 'The far side: Expatriate medieval art and its languages in Sino-Mongol China', em Jill Caskey, Adam S. Cohen e Linda Safran (eds.), *Confronting the Borders of Medieval Art* (Leiden, 2011), pp. 167–97.

Sobre Marco Polo, veja John Larner, *Marco Polo and the Discovery of the World* (New Haven, 1999) e Simon Gaunt, *Marco Polo's Le Devisement du Monde: Narrative Voice, Language and Diversity* (Woodbridge, 2013). Para relatos convincentes da historicidade das viagens de Polo, veja Stephen G. Haw, *Marco Polo's China: A Venetian in the Realm of Khubilai Khan* (Londres, 2009) e Hans Ulrich Vogel, *Marco Polo Was in China* (Leiden, 2013). Veja também Kim Phillips, *Before Orientalism: Asian Peoples and Cultures in European Travel Writing, 1245–1510* (Filadélfia, 2013) para uma visão geral perspicaz da escrita de viagens medievais sobre o leste. Também encontrei muitas informações úteis em Jonathan Clements, *An Armchair Traveller's History of Beijing* (Londres, 2016).

Para relatos históricos da invasão mongol do Japão em 1281, veja Jung-pang Lo, *China as a Sea Power, 1127–1368*, ed. com comentários de Bruce A. Elleman (Singapura, 2012).

As informações sobre refeições na corte de Genghis Khan foram retiradas de VA Riasanovsky, *Princípios Fundamentais da Lei Mongol* (Tientsin (Tianjin), 1937) e Plano Carpini; a principal fonte do primeiro é a *Grande Lei de Genghis Khan* (*Yasa* ou *Ikh Yasag*), que abrange o comportamento dos súditos mongóis, inclui uma ampla gama de alimentos e bebidas mandamentos e tabus. O *Yasa* foi seguido por toda a Ásia, mas nenhum manuscrito original dele sobreviveu, então seu conteúdo é especulativo, parcialmente baseado em relatos de viajantes. *A História dos Mongóis de Plano Carpini* inclui informações sobre hábitos alimentares mongóis que tanto combinam quanto acrescentam às leis do *Yasa*.

Capítulo 13: Visitando o Oeste

Dois estudos cruciais sobre as compreensões islâmicas medievais da Europa, incluindo alguns relatos de viagens à Europa, são Bernard Lewis, *The Muslim Discovery of Europe* (Nova York, 1982) e Daniel König, *Arabic-Islamic Views of the Latin West* (Oxford, 2015). Também recomendo Nancy Bisaha, *Creating East and West: Renaissance Humanists and the Ottoman Turks* (Filadélfia, 2004), sobre a ideia mutável do turco na Europa por volta de 1453, e Giancarlo Casale, *The Ottoman Age of Exploration* (Oxford, 2010).

Os mapas de Mehmed são bem descritos e resumidos em Karen Pinto, 'The maps are the message: Mehmet II's patronage of an "Ottoman Cluster"', *Imago Mundi* 63 (2011), 155–79. Consultei os manuscritos em Topkapı no verão de 2017; a *Geographia* in *terza rima* de Francesco Berlinghieri é Topkapı MS GI (A84). Sobre Berlinghieri, recomendo Sean Roberts, 'Poet and "world painter": Francesco Berlinghieri's *Geographia* (1482)', *Imago Mundi* 62 (2010), 145–60.

A anedota sobre os chineses na Irlanda aparece em um manuscrito de Eneias Piccolomini (Papa Pio II), a *Historia Rerum Ihuque Gestarum*; a história era conhecida por Cristóvão Colombo. Veja Flint, *Imaginative Landscape of Christopher Columbus*, p. 59.

Sobre a deusa chinesa Mazu, veja Y. Zhang, 'A canonização estatal de Mazu: trazendo a noção de metáfora imperial para o diálogo com o modelo pessoal', *Religions* 10 (2019), 151–73.

Sobre os mundos interconectados da Europa medieval e do Oriente Próximo, veja Atiya, *The Crusade in the Later Middle Ages*. Sobre Bartolomeu, o Etíope, veja Michael Ray, 'A Black slave on the run in thirteenth-century England', *Nottingham Medieval Studies* 51 (2007), 111–19; O turco de Paston é mencionado em *Paston Letters & Papers*, ed. Norman Davis, 3 vols. (Oxford, 2004), vol. 1, p. 415.

As narrativas da Fonte da Juventude são de *The Ancient, Honorable, Famous, and Delightfull Historie of Huon of Bordeaux* (Londres, 1601); Mandeville; e Jean Froissart, *Le Joli Buisson de Jonece*, ed. Anthime Fourrier (Genebra, 1975), minhas traduções.

Capítulo 14: Um guia aproximado para os antípodas e o fim do mundo

Sobre os antípodas medievais, ver Hiatt, *Terra Incognita* ; Matthew Boyd Goldie, *The Idea of the Antipodes* (Londres, 2010); William D. McCready, 'Isidore, the Antipodeans, and a forma da terra', *Isis* 87 (1996), 108–27; e Marcia Kupfer, 'Mappaemundi: imagem, artefato, prática social', em PDA Harvey (ed.), *The Hereford World Map: Medieval World Maps and their Context* (Londres, 2006), pp. Várias versões circularam da história do homem que andou ao redor do mundo ou visitou um 'outro mundo' subterrâneo; as fornecidas aqui foram retiradas do *Book of Marvels and Travels de Mandeville* . Veja também o relato de Gervase of Tilbury sobre o 'Devil's Arse' (Castleton, Derbyshire), um ponto de entrada para os Antípodas, conforme narrado em seu *Otia Imperialia* , ed. Banks e Binns, pp. 642–5. A descrição dos Antípodas em Cícero é de *Scipio's Dream* , em Macrobius, *Commentary on the Dream of Scipio* , ed. e trad. Stahl, VI.3, p. 74; a citação de Agostinho é de *City of God* , ed. e trad. Henry Bettenson (Londres, 2003), p. 664.

Veja Abu-Lughod, 'The strait and narrow', em *Before European Hegemony* , pp. 291–315, para uma visão geral de Java medieval e seus arredores. Para as histórias de Sinbad, o Marinheiro, que repetidamente 'ansiava por viagens e tráfego', veja *The Annotated Arabian Nights* , ed. Paulo Lemos Horta, trad. Yasmine Seale (Nova York, 2021), pp. 201–62.

Para os *Anais Malaio*s, veja *Sejarah Melayu ou Anais Malaio*s , ed. e trad. CC Brown, rev. R. Roolvink (Londres, 1953; rev. Oxford, 1970).

O Espelho do Mundo (Westminster, 1481) está disponível em fac-símile digital em <https://dpul.princeton.edu/scheide/catalog/r781wk70m>.

Sobre árvores venenosas, ver Michael R. Dove, 'Plantas perigosas na imaginação colonial: Rumphius e a árvore venenosa', *Allertonia* 13 (2013), 29–46; Tim Hannigan, 'Além do controle: tensões orientalistas e a história do mito da "árvore upas"', *Journal of Commonwealth Literature* 55 (2020), 173–89.

Uma nota sobre citações

A escrita de viagens medievais combinava relatos de testemunhas oculares com "empréstimos", muitas vezes não atribuídos, de relatos anteriores. Em vários pontos deste livro, também pirateei frases de viajantes, reais e imaginários, medievais e pós-medievais. Alguns dos empréstimos mais óbvios são os seguintes:

- p. [12](#) 'A hospitalidade é implacável'. Beverley Nichols, *The Sun in My Eyes, Or, How Not to Go Around the World* (Londres, 1969), p. 24.
- pp. [13](#), [23](#) 'Ser turista é escapar da responsabilidade. Erros e falhas não se prendem a você do mesmo jeito que se prendem em casa. Você é capaz de vagar por continentes e línguas, suspendendo a operação do pensamento sadio.' Don DeLillo, *The Names* (Nova York, 1982), pp. 50–51.
- p. [13](#) 'Somos drogados para esquecer o quão pouco nossos passos carregam, por mais esticados que sejam; a posição real permanece quase inalterada, pois a medida é o infinito.' Freya Stark, *Ionia: A Quest* (Londres, 1954), p. 68.
- p. [19](#) 'a chuva, e os corvos, e os coelhos, e os veados, e as perdizes e faisões'. Charles Dickens, *Bleak House* (Londres, 1866), p. 9.
- p. [21](#) 'o fanatismo que se gasta com o trivial'. Dilys Powell, *An Affair of the Heart* (Londres, 2019), p. 130.
- pp. [27](#), [32](#) 'O que conta é o aceno, e não o clique da fechadura atrás de você: e durante toda a vida o momento real da emancipação ainda guarda aquele deleite, do mundo inteiro vindo ao seu encontro como uma onda.' Freya Stark, *Traveller's Prelude* (Londres, 1950), p. 37.
- p. [42](#) 'onda ininterrupta do piedoso carrilhão de vésperas'. Stefan Zweig, *Journeys*, trad. Will Stone (Londres, 2010), p. 8.
- p. [53](#) 'último e ininterrupto'. Patrick Leigh Fermor, *A Time of Gifts: On Foot to Constantinople* (Londres, 1977), p. 56.
- p. [62](#) 'não adianta fingir que a Veneza turística não é a Veneza real.' Mary McCarthy, *Venice Observed* (Lausanne, 1956), p. 15.
- p. [88](#) 'os horrores gritantes do tédio'. Evelyn Waugh, *Remote People* (Londres, 2011), p. 139.
- p. [88](#) 'O homem que cruzou todos os oceanos cruzou apenas a monotonia do seu eu.' Fernando Pessoa, *The Book of Disquiet*, trad. Iain Watson (Londres, 1988), p. 144.
- p. [92](#) 'bosques cinzentos e melancólicos, e torres de pedra selvagens'. Robert Louis Stevenson, *Treasure Island*, ed. Peter Hunt (Oxford, 2011), p. 71.
- p. [93](#) 'O ar se assentou em um silêncio agitado.' DeLillo, *The Names*, p. 121.
- p. [105](#) 'purlieus empoeirados'. Lawrence Durrell, *Bitter Lemons* (Londres, 1957), p. 153.
- p. [118](#) 'transformado em uma confusão de terraços, um jogo de luz e sombra.' Stark, *Ionia*, p. 174.
- p. [135](#) 'o sentimento de que a estranheza de alguém é o elemento crucial do seu caráter'. Vikram Seth, *From Heaven Lake: Travels through Sinkiang and Tibet* (Londres, 1983), p. 10.
- p. [157](#) 'Até a luz estava quente.' Geoff Dyer, *Out of Sheer Rage* (Edimburgo, 1997), p. 15.
- p. [159](#) 'Há cidades onde nunca se está presente pela primeira vez.' Zweig, *Journeys*, p. 30.
- p. [165](#) 'Quando você chega lá, você sente algo final. Há uma chegada.' DH Lawrence, 'Taos', em *Mornings in Mexico e outros ensaios*, ed. Virginia Crosswhite Hyde (Cambridge, 2009), p. 125.
- p. [165](#) 'uma atmosfera de bugangas cultas', Stark, *Traveller's Prelude*, p. 45.
- p. [174](#) 'a pegada do pé descalço de um homem'. Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, ed. John Richetti (Harmondsworth, 2001), p. 122.
- p. [182](#) 'alguma terra improvável de violência e piedade, cortesia e traição, esterilidade e fertilidade'. Dervla Murphy, *In Ethiopia with a Mule* (Londres, 1968), p. 1.
- p. [183](#) 'Às vezes cambaleávamos por uma trilha estreita com penhascos subindo de um lado e um precipício caindo do outro; às vezes seguíamos nosso caminho em saliências largas entre grandes pedras vulcânicas; às vezes nos arrastamos entre estreitas paredes de rocha.' Waugh, *Remote People*, p. 124.
- p. [188](#) 'A primeira entrada de alguém em um país devastado pela guerra como um observador neutro está fadada a ser onírica, irreal.' WH Auden e Christopher Isherwood, *Journey to a War* (Londres, 1939), p. 28.
- p. [216](#) 'O fascínio da consequência perdida e do poder desbotado está me seduzindo, a passagem do tempo, a morte de amigos, o desmantelamento de grandes navios!' Jan Morris, *Trieste and the Meaning of Nowhere* (Londres, 2001), p. 3.
- p. [231](#) 'Mas qual era o ponto? O que ele ganhou com toda essa comoção? O que ele tirou de sua jornada?' Júlio Verne, *Around the World in 80 Days*, ed. e trad. William Butcher (Oxford, 1995), p. 202.

- p. [261](#) 'o Yangtze é um rio de juncos e sampanas, alimentado pelo suor humano.' Paul Theroux, *Sailing through China* (Londres, 1983), p. 21.
- p. [261](#) 'flancos suavemente afilados'. Jan Morris, *Last Letters from Hav* (Londres, 1989), p. 96.
- p. [264](#) 'a tempestade que faz a popa subir e a proa cair, que mergulha mortais impotentes nas ondas ofuscantes de suas profundezas, que move o curso reto da frota para o caos por meio de uma vontade incontrolável'. Parafraseando Dante, *Divina Comédia*, *Inferno* V:28-40; *Paradiso* XXVII:122-49; *Purgatorio* V:109-30.
- p. [296](#) 'os palácios deslumbrantes. Os templos solenes'. William Shakespeare, *A Tempestade* IV.i.
- p. [296](#) 'um mar de problemas'. William Shakespeare, *Hamlet* III.i.
- p. [299](#) 'os sentimentos túrgidos e indefinidos do regresso a casa'. Evelyn Waugh, *Labels : A Mediterranean Journal* (Londres, 2011), p. 205.
- p. [303](#) 'Não cessaremos de explorar, / E o fim de toda a nossa exploração / Será chegar onde começamos / E conhecer o lugar pela primeira vez.' Parafraseando T. S. Eliot, 'Little Gidding'.
- p. [303](#) 'seu passaporte para o céu, para uma união com aqueles que terminaram suas vidas na terra'; 'a pequena terra que ele havia atravessado parecia recentemente minúscula, nada mais do que uma série de pontos em uma pequena superfície'; 'os círculos brilhantes em meio às estrelas flamejantes', parafraseando Cícero, *Scipio's Dream*, em Macrobius, *Commentary on the Dream of Scipio*, ed. e trad. Stahl, III.6-7, IV.1, pp. 72-3.

Uma nota sobre ilustrações

As ilustrações aqui são baseadas e inspiradas por fontes medievais. Como ilustrações em um manuscrito medieval, elas podem nem sempre retratar exatamente a imagem da fonte.

- [1.](#) Uma rosa dos ventos. Baseado em BL Royal MS 17.C.38, uma cópia inglesa de Mandeville; o proprietário (possivelmente um William Osborne) viajou da Inglaterra para Florença e escreveu seu itinerário em seu manuscrito.
- [2.](#) Globo de Behaim. Nuremberg, Museu Nacional Alemão, WI1826.
- [3.](#) O Menino Jesus de Fra Angélico, segurando o orbe do mundo. Da *Madonna della Ombra*, Florença, Museo di San Marco dell'Angelico.
- [4.](#) Catedral de Aachen, interior.
- [5.](#) Distintivos de peregrinos: Santa Úrsula com algumas das 11.000 virgens em um barco (Colônia, c. 1350–1400); baseado em um distintivo encontrado em Dordrecht; agora Roterdã, Museu Boijmans Van Beuningen, Collectie Familie van Beuningen 1682. Vulva ambulante com chapéu de peregrino, rosário e cajado fálico de peregrino (França, 1400–1500); baseado em um distintivo encontrado em Paris; agora Praga, Uměleckoprůmyslové muzeum v Praze, UPM5774(1894).
- [6.](#) Os pilares de São Marcos e São Teodoro em Veneza.
- [7.](#) Constantinopla, segundo os mapas de Buondelmonti da década de 1420.
- [8.](#) Os animais da Terra Santa, segundo a imagem de Erhard Reuwich em Bernhard von Breydenbach, *Peregrinatio in Terram Sanctam* (Mainz, 1486).
- [9.](#) Igreja do Santo Sepulcro, Jerusalém, segundo a imagem de uma tradução alemã do *Livro do Ultramar de Niccolò da Poggibonsi*, BL, Egerton MS 1900, f. 12v (Nuremberg, c. 1465).
- [10.](#) O poço frio da Etiópia e um ciápode. De um manuscrito do *Livro de Maravilhas e Viagens de Mandeville*, BL, Royal MS 17.C.38, f. 36v (sul da Inglaterra, c. 1400–25).
- [11.](#) A mesquita quiosque em Tuzhisar Sultanhan caravanserai, Turquia.
- [12.](#) A deusa Varahi, baseada em uma escultura de arenito, Mumbai, Chhatrapati Shivaji Maharaj Vastu Sangrahalaya S74.2 (Madhya Pradesh, c. 1000).
- [13.](#) O autômato e a fonte em Karakorum, com base na descrição dada por William de Rubruck.
- [14.](#) Mapa-múndi islâmico simplificado, seguindo os tipos de mapas árabes e persas lidos na corte otomana, segundo Istambul, Süleymaniye Kütüphanesi MS AS 2971a, f. 3r, e Topkapi Sarayı Müzesi Kütüphanesi MS A.2380, f. 4r.
- [15.](#) Os homens que andaram pelo mundo, depois de *O Espelho do Mundo* (Westminster, 1481).

Agradecimentos

Meu pai era geógrafo, e foi em seu estudo que aprendi a amar mapas e atlas. Foi a viagem de infância com minha família que abriu meus olhos para as possibilidades da geografia, para outros mundos e para a curiosidade sobre o lugar. Então é ao meu brilhante pai, o professor John Bale, que este livro é dedicado.

Gostaria de agradecer calorosamente aos meus editores; na Viking Penguin, Tom Killingbeck e Alpana Sajip, e Amy Cherry na Norton, por sua visão, encorajamento e contribuição; e também Daniel Crewe, Charlotte Daniels, Giles Herman e Peter James. Minha agente Veronique Baxter na David Higham Associates me ajudou a moldar o livro e sempre dá os melhores conselhos e suporte.

Agradeço especialmente a Roderick Bale, Ruth Bale, Annie Crombie, Barbara Davidson, James Francken, Molly Murray, Timothy Phillips, Vic Sowerby, Nikki Vousden e Harry Wallop pelo feedback imensamente útil sobre os rascunhos. Agradeço também a Heike Bauer, Mark Blacklock, Carolyn Burdett, Isabel Davis, Jonathan Fruoco, Daniela Giosuè, Claire Harman, Seda Ilter, Elliot Kendall, Joanne Leal, Lisa Liddy, Gudrun Litz, Nimrod Luz, Assaf Pinkus, Alison Pyatt, Marina Toumpouri, Marion Turner e equipe da Biblioteca de Londres. Robert Rouse, Jarrah Sastrawan, Soon-Tzu Speechley e Christopher Tan aumentaram meu conhecimento sobre os confins da Terra. Também sou grata pelo envolvimento atencioso de meus alunos em meu curso de mestrado em Birkbeck, Universidade de Londres, sobre "Mundos Medievais", co-ministrado com Kate Franklin. A tradução e transcrição do 'Anonymous Englishman of 1344–5' foi financiada pelo projeto 'Pilgrim Libraries' do Leverhulme Trust (IM-2015-041) e realizada por Rosalind Lintott, pela qual agradecemos calorosamente.

Fazendo trabalho de campo, beneficiei-me de muitas gentilezas ao redor do mundo, em hospitais alemães e lanchas rápidas das Maldivas, de Aachen a Zurique, de Acre a Pequim. Sou grato a uma série de apartamentos anfitriões, funcionários de companhias aéreas e hotéis, arquivistas e bibliotecários, taxistas e profissionais da área médica que me ajudaram durante minhas viagens, muitas vezes em circunstâncias muito difíceis, para pesquisar este livro.

Timothy Phillips tem sido meu apoio constante e amoroso, meu leitor ideal e companheiro de viagem favorito. Tanto ele quanto Benny, o gato preto sonolento, são o lembrete deste viajante em particular de que um dos prazeres da viagem é a alegria de voltar para casa.

Índice Locorum

Os números de página listados correspondem à edição impressa deste livro. Você pode usar a função de busca do seu dispositivo para localizar termos específicos no texto.

Aquisgrano, xi, 12, 37–43, 40, 44
Arhus, 183
Abassia. *Veja* [Abissínia](#)
Abissínia, 180, 188
Aceldama, 160
Acres, 102, 105, 132, 136, 137–8, 247, 255, 260
Adalia. *Veja* [Antália](#)
Adis Abeba, 188 *n*
Áden, 15, 233, 274
Adrianópolis. *Veja* [Edirne](#)
Mar Adriático, 75, 89, 90
Ilhas do mar Egeu, 99
Mar Egeu, 114, 271
Afeganistão, 223
África, xv, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 57, 179–90, 235, 273, 291, 311
Aghmat, 183–4
Akko. *Veja* [Acre](#)
Acrotír, 104
Montanhas Aladaglar, 208
Al-amegga. *Veja* [Meca](#)
Alamut, 214
al-Andalus, 271, 299, 308
Alepo, 194, 214
Alexandria, 64, 67, 93, 102, 129, 132, 151, 153, 311
Alpes, 36, 44, 47, 53, 58–9
Montanhas Altai, 248
América, 11, 16, 273
Amiens, 282
Anatólia, 247, 271
Ilhas Andaman, 233, 296
Ani, 282
Antália, 101, 205–6
Antártida, 8, 185, 212, 288
Antioquia, 117, 214, 281
Antípodas, xiv, 7, 8, 195, 287–98, 295, 297
Antuérpia, 3, 38, 47, 198
Canato de Aq Qoyunlu, 204, 307
Arábia, 6, 31, 221, 273, 275
Mar Arábico, 221, 223, 229, 276
Península Arábica. *Veja* [Arábia](#)
Mar de Aral, 247
Ártico, 6, 288
Passo Arlberg, 58
Arles, 174
Armênia, 65, 194, 195, 196, 198, 201–2, 209, 218, 221, 259, 279, 280, 281–2, 307, 310
Aruch, 201–2
Ascalão, 132, 137, 138
Ásia, xv, 6, 8, 9, 14, 15, 57, 65, 114, 115, 119, 186, 199, 233, 234, 280, 306, 308, 309, 310, 311

Astracã, 206, 228, 243
Oceano Atlântico, 14, 179, 272, 298
Montanhas Atlas, 179, 183
Augsburgo, 3
Austrália, 290, 295
Áustria, 58
Ava. *Veja* [Mianmar](#)
Avinhão, 56, 78, 79, 260, 302, 309
Ayas, 198, 202
Açores, 3, 4, 6, 184
Azov. *Veja* [Tana](#)

Babilônia (hoje Bagdá). *Veja* [Bagdá](#)
Bagdá, 149–54, 209, 239, 247, 282, 284, 293
Bago. *Veja* [Mianmar](#)
Bahamas, 16
Baiona. *Veja* [Baiona](#)
Ilhas Baleares, 6
Balcãs, 92, 93
Mar Báltico, 6, 23, 31, 36, 56
Banda Aceh, 290
Bangladesh, 22 3
Banten. *Veja* [Panten](#)
Barara, 188, 320 *anos*
Barbária, 23, 99, 281
Bari, 12, 89
Basileia, 44, 45, 47, 96, 307, 310
Batroun, 138
Batumi, 194
Baviera, 52, 53, 308
Baiona, 272
Pequim. *Veja* [Khanbaliq](#)
Beirute, 67, 206, 311
Belgrado, 249
Bengala, pessoas de, 235
Bengasi, 183
Berna, 145
Betânia, 175, 176
Belém, 44, 143, 144, 145, 300
Betpagã, 176
Beverly, 28 *anos*
Beyoğlu. *Veja* [Pêra](#)
Bidar, 230
Bimini, 285
Bintan. *Veja* [Panten](#)
Birkesdorf, 37
Bistrița, 41
Mar Negro, 6, 47, 77, 93, 112, 114, 118, 194, 199, 204, 207, 231, 255, 260, 271, 311
Blatzheim, 37
Lago Constança, 53
Bodrum, 99
Boêmia, 3, 17, 18, 56, 70, 212, 246, 309
Bojador, Cabo, 184
Bolonha, 50, 57
Bolzano, 36, 59
Bona, 37, 44
Bordéus, 31, 145, 272, 284, 311
Bornéu, 290, 292
Bósforo, 113, 114, 119
Brandemburgo, 43

Bremen, 305
Passo do Brenner, 36, 59
Bristol, 31
Ilhas Britânicas, 5, 183
Bretanha, 5, 296
Bruges, 3, 29, 38, 117, 145, 305
Bruges. *Veja* [Bruges](#)
Brunai, 292
Brzeg, 57
Burgos, 36
Borgonha, 115, 127, 189, 306, 307, 309
Bizâncio. *Veja* [Constantinopla](#)

Cabo Não. *Veja* [Cabo No.](#)
Cadom. *Veja* [Khanbaliq](#)
Cesareia, 137
Caffa, 67, 106, 116, 216, 231
Cairo, 15, 129, 138, 147, 150–1, 152, 215, 224, 231, 282
Calais, 29, 87, 311
Caldihe, 289, 289 *n*
Calicute, 225–6, 232, 274, 309
Calvário, 161, 165, 167–8, 169, 174, 179
Cambaluc. *Veja* [Khanbaliq](#)
Camboja, 237
Campânia, 307
Canaã, 53
Ilhas Canárias, 6, 184
Candyn, 8, 291
Canterborges. *Veja* [Cantuária](#)
Cantuária, 12, 17, 20, 28, 36, 272, 306
Cabo No, 297–8
Cabo da Boa Esperança, 16, 307
Cabo Reinga, 297
Cabo Verde, 4, 14
Carinola, 309
Montanhas Cáspias, 216
Mar Cáspio, 206, 217, 289 *n*
Castela, 271, 307
Catália. *Veja* [Antália](#)
Cathay. *Veja* China, 289 *n*
Montanhas do Cáucaso, 204, 216, 228
Ceuta, 183
Champa, 237, 296
Champagne, 311
Chiapeg, 188
China, 3, 5, 6, 65, 197, 199, 202, 209, 212, 216, 221, 222, 234–5, 243–4, 250, 253–4, 255, 259–67, 273–4, 276, 280, 307, 309, 310, 311
Chioggia, 75
Cilícia, 195, 279, 308
Cipangu. *Veja* [Japão](#)
Citeria. *Veja* [Cyriogo](#)
Clonmel, 63
Cochim, 225, 226–7, 233, 274
Cocanha. *Veja* [Cockayne](#)
Cockayne, 75, 213
Colônia, 3, 12, 37, 39, 44–7
Colombo, 286
Colombo. *Veja* [Coulão](#)
Constança, 47, 53–8, 59, 68, 71, 90, 308
Constança, Lago. *Veja* [Lago Constança](#)

Constantinopla, xi, 3, 11, 56, 71, 99, 101, 106, 112–28, 113, [113](#), 167, 186, 187, 194, 247, 262, 269–71, 281, 282–3, 299, 306, 310, 311, 312
Córdoba, 311
Corfu, 75, 84, 92
Costa de Coromandel, 232, 238
Córsega, 6
Córico, 195, 279, 281
Cremona, 305
Creta, 99, 102
Crimeia, 3, 65, 67, 106
Cuccagna. *Veja* [Cockayne](#)
Chipre, 6, 84, 89, 99, 101–4, 106, 116, 131, 136, 137, 141, 176, 179, 198, 202, 206, 278, 279, 280, 281, 282
Cyrito, 99

Dadu. *Veja* [Khanbaliq](#)
Dahlak, 179
Dalmácia, 67, 89, 91–2, 116, 246
Damasco, 116, 130, 138, 139, 143, 214, 299
Maldição, 195
Danúbio, Rio, 37, 47, 52, 115, 301
Danzig. *Veja* [Gdansk](#)
Mar Morto, 173, 176
Déli, 308
Dinamarca, 6, 183
Derbent, 206, 207, 216
desertos. *Veja* [Gobi](#); [Negev](#); [Saara](#); [Sinai](#)
Deventer, 17
Devon, 31
Deus-d'Amour. *Veja* [Cirênia](#)
Dijon, 115, 127
Djarun, 221
Dnieper, Rio, 246, 248
Don, Rio, 9, 248
Douai, 89, 309
Dover, 87
Dubrovnik, 75, 92
Durrës, 84
Dismas, 104

Oceano Oriental. *Veja* [Oceano Pacífico](#)
Índias Orientais, 15
Éden, Jardim de, 212
Edington, 300
Edirne, 128, 270
Egito, 6, 10, 51, 65, 98, 129, 130, 139, 146, 149, 150–4, 173, 176, 179, 183, 184, 186, 188, 197, 232, 247, 280, 306, 307
Unidades, 41
El Qoseir, 232
Emaús, 173
Inglaterra, 5, 19–20, 28, 31, 33, 45, 54–5, 56, 160, 198, 200, 245–6, 260, 273, 278–9, 282, 284, 300, 309
Canal da Mancha, 31, 87, 137
Linha Equatorial, 7
Etiópia, 55, 179–90, 181, 217, 273
Etna, Monte, 283
Eubeia, 84
Eufrates, Rio, 185
Europa, xv, 5–6, 8, 9, 14, 26, 36, 44, 100, 197, 234, 269–86, 308, 309, 310
Excestria. *Veja* [Exeter](#)
Exeter, 272

Faial, 3

Fé, Terra de, 240
Famagusta, 103, 105–7, 198, 278
Fasso. *Veja* [Poti](#)
Feodosia. *Veja* [Caffa](#)
Filastin. *Veja* [Palestina](#)
Finistère, 5, 296
Fisterra, 36, 296, 297
Flandres, 29, 31, 38
Florença, 3, 9, 68, 197, 198, 272, 306, 308, 309, 311
Fonte da Juventude, 252, 285–6
França, xv, 28, 31, 65, 183, 246, 279, 280, 282, 283, 294, 308, 310
Frankfurt, 3, 38
Friuli, 222, 302, 310
Fukuoka. *Veja* [Hakata](#)
Fustat, 47 *n*, 150; *ver também* [Cairo](#)

Gálata, 113, 116–17
Galiza, 296–7
Galway, 273
Ganges, Rio, 65
Garona, Rio, 115
Gasconha, 19, 198, 284, 311
Gaza, 129, 130, 132, 138–9, 144, 145
Gdansk, 38, 41, 43, 46, 87
Passo Geilinger, 47
Gênova, 235, 247, 255, 261, 262, 279, 283, 284
Alemanha, 4, 16, 29, 38, 49, 97, 160, 183
Getsêmani, 161, 172
Gante, 307
Gibraltar, 65, 296, 299
Giom, Rio, 185
Ginoh. *Veja* [Gênova](#)
Gizé, 152–4
Goa, 238
Deserto de Gobi, 260
Gogue e Magogue, 216–18
Ouro, Montanhas de, 184
Ouro, Rio. *Veja* [Rio del Oro](#)
Horda Dourada, 247–8, 247 *n*, 305
Chifre de Ouro, 113, 116, 117, 124, 271
Gólgota. *Veja* [calvário](#)
Gomorra, 102, 120, 176
Gotlândia, 46
Graça, 185
Granada, 271
Grandes Antilhas, 285
Grande Oceano, 9, 84–111
Grande Zimbábue, xiv
Grécia, xv, 84, 88, 92
Groenlândia, 273, 296
Güglingen, 51, 97
Guiné, 4, 184
Guisborough, 160
Gujarat, 221, 223, 235
Golfo de Nápoles, 283
Gyppe, 97–8

Hakata, 265
Halicarnasso. *Veja* [Bodrum](#)
Hamadã, 282

Hampi. *Veja* [Vijayanagar](#)
 Hangzhou, 261, 263, 265
 Hebrom, 145
 Heidelberg, 311
 Heraclião, 84, 99, 102
 Coração, 194
 Hispaniola, 285
 Holanda, 45
 Hollern, 311
 Horebe, Monte, 145
 Ormuz, 209, 221–3, 228–9, 233, 235, 260, 265, 274, 276–8, 309
 Chifre da África, 179, 273
 Hrodna, 36
 Casco, 31
 Hungria, 57, 246, 247

Ibéria, 308
 Península Ibérica, 5–6, 271
 Islândia, 4, 6, 31, 65, 273, 296, 297
 Vale Iller, 300–1
 Ímola, 187
 Índia, 4, 16, 65, 73, 105, 176, 186, 189, 197, 209, 212, 213, 219–20, 221, 223–33, 236–42, 253, 260, 274, 275, 276, 280, 287, 89n, 291, 292, 295, 307, 308, 309, 310
 Oceano Índico, 6, 8, 221, 223, 233–5, 271, 272, 290, 295
 Indonésia, 290
 Indo, rio, 223
 Inglês, 296
 Innsbruck, 36, 47, 53, 59
 Mar Jônico, xv
 Irã, 202, 204, 208, 214, 223
 Iraque, 202, 204
 Irlanda, 31, 55, 63, 273
 Irnham, 19 anos
 Isfahan, 195, 235
 Ilha dos Lobos, 184
 Ilha das Amazonas, xii
 Istambul. *Veja* [Constantinopla](#)
 Ístria, 89
 Itália, 6, 36, 41, 59, 68, 92, 253, 259, 262, 272, 282–3, 294

Jafa, 66, 72, 77, 84, 89, 132–6, 137, 138, 157, 176
 Jahrom, 228
 Japão, 6, 14, 15, 262–4, 265
 Java, 6, 7–8, 15, 225, 233, 274, 290–6, 299, 309
 Mar de Java, 290, 295
 Jidá, 275–6
 Jeosafá, Vale de. *Veja* [Josafá](#)
 Jersey, 5, 143
 Jerusalém, xi–xii, xiv, 10, 12, 25, 26, 28, 50, 51, 53, 54, 63, 66, 68, 71, 77, 81, 84, 85, 86, 89, 90–1, 95, 98–9, 122, 125, 129, 130, 134, 135, 136, 138, 145, 146, 154, 157–76, 166, 179, 189, 190, 197, 206, 278, 280–2, 288, 300, 305, 306, 307, 308, 309, 311
 Johore, 296
 Jordânia, 130, 173
 Jordânia, Rio, 129, 143, 176
 Josafat, Vale de, 172
 Junnar, 229

Kaliningrado. *Veja* [Königsberg](#)
 Canivete, 246
 Karacórum, 13, 246, 248–9, 250, 251, 254, 256, 282

Karaköy. *Veja* [Gálata](#)
Caxemira, 265
Kasonia. *Veja* [Gasconha](#)
Kastellorizo, ilha de, 99
Cazaquistão, 260
Kempten, 53
Khanbaliq, 243–4, 254, 254n, 255–60, 261, 263, 265, 269, 278, 280, 282, 296, 307, 308
Montanhas Khangai, 248
Khan Yunis, 139
Khorasan, 229
Khoy, 210
Cedrom, Rio, 173
Cedrom, Vale, 172
Estrada do Rei, 88
King's Lynn. *Veja* [Lynn](#)
Kinolhas, 234
Kızkalesi. *Veja* [Corycus](#)
Klösterle, 58
Coblença, 44
Kodungallur, 226
Coulão, 225, 240–1, 308
Kong, Montanhas de, 184
Königsberg, 41
Constança. *Veja* [Constança](#)
Coreia, 247
Coroni, 93, 95
Kosma, 252
Kozhikode. *Veja* [Calicut](#)
Cracóvia, 38
Kutaisi, 206
Kwidzyn. *Veja* [Marienwerder](#)
Kyiv, 36, 248, 312
Kiev Rus', 307
Quioto, 264, 265
Cirénia, 103
Kyushu, 265

Labroquere, 115
La Graciosa, 184
Lalibela, 179
Lamuri, 290, 292, 293; *veja também* [Sumatra](#)
Terra do Rum, 271
Fim da Terra, 296
Languedoc, 311
Lançarote, 184
Larnaca, 103, 104
La Rochelle, 272
Lazzaretto Novo, 75
Lazzaretto Velho, 75, 76
Líbano, 130, 132, 138, 235, 285
Líbano, Monte, 212
Lefkosia. *Veja* [Nicósia](#)
Legnica, 246
Leipzig, 36, 39
Leão, 36
Lethe, Rio, 195
o Levante, 64, 65, 105
Libourne, 198
Lido, 64, 75
Limassol, 103, 137

Lincoln, 20, 310
Lincolnshire, 19
Linköping, 41
Lisboa, 3, 4
Lituânia, 231
Pequena Armênia. *Veja* [Armênia](#)
Livorno, 68
Lodi, 58
Ilhas Lofoten, 65
Lombardia, 28 3
Londres, 3, 17, 20, 23–4, 28, 30, 198, 269, 272, 310
Londres. *Veja* [Londres](#)
Long Sutton, 20
Loreto, 308, 309
Baixa Saxônia, 309
Lübeck, 3
Lynn, 54, 306
Lyon, 47, 246, 307

Mosa, Rio, 44
Macedônia, 239, 289
Madagáscar, 296
Madeira, 184
Magdasor, 185
Magdeburgo, 39, 306
Magrebe, 234
Magog. *Veja* [Gog e Magogue](#)
Magog, Rio, 217
Mogúncia, 44, 144–5, 306
Macassar, 296–7
Costa de Malabar, 225, 226, 232, 237, 240–1, 260, 274, 276
Malaca, 275, 290
Arquipélago Malaio, 289–90, 292
Península da Malásia, 289–90, 296
Maldivas, xi, 233–5
Malé, 234
Mali, 185, 235
Malsa, 185
Manzi. *Veja* [China](#)
Mardin, 205
Marienwerder, 43, 307
Mármara, Mar de, 114, 118
Matera, 147–9
Mątowy Wielkie, 38, 54, 307
Mauritânia, 297–8
Maurício, 233
Meca, 141, 228, 274, 275, 276, 308, 309
Mechelen, 3
Medina, 141
Mar Mediterrâneo, 6, 9, 36, 66, 67, 77, 84, 87, 93, 114, 130, 136, 154, 179, 271, 272, 282–3, 306
Melaka. *Veja* [Malaca](#)
Memmingen, 52, 53
Methoni. *Veja* [Modon](#)
Metz, 108
Meuse, Rio. *Veja* [Mosa, Rio](#)
Milão, 44, 58, 65, 117, 159, 306, 311
Moab, Montanhas de, 173
Modon, 84, 88, 93, 94–9
Mödrath, 37
Mongólia, 250, 254

Montau. *Veja* [Małowy Wielkie](#)
Montaut, 311
Montmusard, 136
Lua, Montanhas da, 184
Morávia, 247
Moreia, 93, 96, 98, 101, 121
Moriah, Monte, 161
Marrocos, 183–4, 217, 299
Moscou, 36, 228, 312
Mossul, 209
montanhas. *Veja* [Alpes](#); [Altai](#); [Atlas](#); [Calvário](#); [Cáucaso](#); [Ouro](#); [Khangai](#); [Kong](#); [Lua](#); [Moriah](#); [Monte Joy](#); [Oliveiras](#); [Quarentena](#); [Sinai](#); [Alpes Suábios](#); [Ventoux](#); [Sião](#)
montanhas, travessia, 58–9
Monte Alegria, 158–9
Mrkan, 75
Bombaim, 225
Munique, 311
Murano, 71, 309
Moscóvia, 121
Mianmar, 223, 232
Mylapore, 260

Nabi Samwil. *Veja* [Monte Alegria](#)
Nafplio, 98
Nanquim, 254, 269, 274, 278
Nanshan, 278
Nápoles, 186, 272, 283
Nápoles da Romênia. *Veja* [Nafplio](#)
Naqada, 188
Nassereith, 59
Navarino, 95
Nazaré, 20, 143
Deserto de Negev, 130
Nepal, 223
Holanda, 37
Neucuran. *Veja* [Ilhas Nicobar](#)
Nova Ormuz, 22 1
Nova Zelândia, 297
Ilhas Nicobar, 4, 233, 292
Nicópolis, 115
Nicósia, 102–3, 104, 107
Nilo, Rio, 6, 9, 129, 147, 151, 179, 184, 186, 188, 285–6
Norfolk, 20
Normandia, 31
Mar do Norte, 44
Noruega, 46, 183
Novo Deus, xiv
Núbia, 185
Nuremberga, 1–16, 36, 37, 151, 297, 311

Oliveiras, Monte das Oliveiras, 173–4, 176, 300
Onbar. *Veja* [Lombardia](#)
Orelha, 184
Orleães, 127
Otranto, 272
Vale Ourika, 183
Ultramar, 130
Oxford, xi
Ozora, 57

Oceano Pacífico, 6
Pádua, 31, 50, 75, 77, 164, 302
Palembang, 290
Palestina, 130, 306
Pamplona, 140
Panten, 291, 294–5, 296
Pafos, 103
Paraíso, xii, 14, 142, 185, 212–16, 236, 284, 285
Parenzo, 90
Paris, 3, 120, 269, 279, 283, 311
Pavia, 36
Ilhas do Peloponeso, 88, 92, 97–9
Pembroke, 296
Caneta Bro. *Veja* [Pembroke](#)
Pera, 106, 113, 116–19, 124, 126, 186, 262
Pérsia, 3, 31, 65, 204, 208, 209, 213, 214, 223, 228, 261, 272, 280, 282, 305, 307, 310
Perúgia, 308
Peterborough, 278
Phison, Rio, 185
Picardia, 122, 310
Pirano, 90
Pisa, 56
Plano Carpini, 305
Po, Rio, 37
Poitiers, 174, 279, 281–2
Pola, 84, 89, 90
Polônia, 65, 246, 247, 310
Polombe. *Veja* [Colombo](#)
Pomerânia, 157, 160
Porec. *Veja* [Parenzo](#)
Portugal, 2, 3, 10, 14, 16, 65, 238, 307
Poti, 207, 208
Praga, 47
Prateleira, 307
Príncipe, 16
Terra Prometida do Santo, 14
Provença, 260
Prússia, 38, 43, 173, 278, 310
Pula. *Veja* [Pola](#)
Ilha Ujong, 296
Punjab, 223, 239
Pilos, 95
Pirâmides. *Veja* [Gizé](#)
Pirineus, 36, 115, 119
Pitan, 236

Qahira. *Veja* [Cairo](#)
Qom, 206
Quanzhou. *Veja* Zaytun
Quarentena, Monte, 143, 176
Quilon. *Veja* [Coulão](#)

Ragusa. *Veja* [Dubrovnik](#)
Rajastão, 223
Ramla, 133, 135, 160, 176
Rafaela, 135
Mar Vermelho, 6, 176, 179, 232
Reims, 36
Reno, Rio, 36–7, 44, 45, 47, 53, 56
Renânia, 47

Rodas, 89, 99–102, 139, 176, 272, 278
 Rio del Oro, 184
 rios. *Veja* [Danúbio](#); Delícias; [Dnieper](#); [Vestir](#); Eufrates; [Eufrates](#); [Ganges](#); [Garona](#); [Giom](#); [Indo](#); [Rio del Ouro](#); [Iordânia](#); [Cedron](#); [Maas](#); [Magogue](#); [Nilo](#); [Phison](#); [Pô](#); [Reno](#); [Rör](#); [Sabatório](#); [Sena](#); [Estige](#); [Tigre](#); [Volga um](#)
 Rocelle. *Veja* [La Rochelle](#)
 Romênia, 92, 93, 98, 244
 Roma, xi, xiv, 10, 12, 17, 19, 20, 21, 25, 26, 28, 36, 43, 54, 56, 76–81, 117, 118, 119, 120, 165, 190, 225, 269, 270, 271, 280, 283, 284, 299, 306, 308, 311
 Roque del Este, ilha de, 184
 Rör, Rio, 37
 Rovigno, 90
 Rovinj. *Veja* [Rovigno](#)
 Rozmital, 311
 Rússia, xiv, 6, 247, 310
 Centeio, 28, 29–30, 31, 32, 308

 Sabbatory, Rio, 135
 Saara, Deserto, 298
 Saidnaya, 143
 Saint-Denis, 283
 Salamanca, xiv
 Salamina, 103
 Salino. *Veja* Lanarca
 Planície de Salisbury, 300
 Samarcanda, xiv, 194, 210, 307
 Sambation, Rio. *Veja* [Sabatório](#)
 Samsun, 194–5
 Santa Marai di Nazaré. *Veja* [Lazzaretto Velho](#)
 Sant Brendan. *Veja* [São Brendan \(ilha\)](#)
 Santiago de Compostela, xiv, 12, 36, 46, 54, 81, 297, 311
 São Tomé, 16
 Sapienza, 88
 Sara. *Veja* [Zadar](#)
 Sarafand. *Veja* [Sarepta](#)
 Saray, 248, 260
 Sardenha, 6
 Sarepta, 138
 Satalia. *Veja* [Antália](#)
 Saxônia, 114, 309
 Escandinávia, 6, 272
 Schaffhausen, 168
 Schlaffonia, 90
 Escócia, 3, 5, 65
 Escutari, 113
 Seilan. *Veja* [Sri Lanka](#)
 Sena, Rio, 278
 Semudera, 275
 Senegal, 184, 235
 Serendip. *Veja* [Sri Lanka](#)
 Sevilha, 84, 88, 183
 Seicheles, 233
 Shalla, Lago, 179
 Xangai. *Veja* [Xanadu](#)
 Shetland, 296
 Shira Ordo, 251
 Sibéria, 194
 Sicília, xv, 6, 92, 278–9
 Sídon, 130, 138
 Silésia, 57, 246
 Sinai, Monte, 145, 147

Deserto do Sinai, 6, 51, 104, 116, 129, 130, 132, 139, 144, 145–6, 154–5, 179, 225, 227–8
Cingapura, 290, 294, 296
Sirte, 183
Eslavônia, 90
Smolensk, 231
Sodoma, 102, 120, 176
Sousse, 183
Espanha, 31, 36, 73, 92, 183
Castelo Sparrowhawk, 194–7, 279
Speyer, 44, 47
Ilhas das Especiarias, 16
Sri Lanka, 4, 6, 15, 223, 232, 234, 274, 275, 286
St Albans, 309
Stavrovouni, 104, 105, 141
St Brendan (ilha), 14–15
Sinai de Santa Catarina. *Veja* [Sinai, Monte](#)
St Jean d'Acre. *Veja* [Acre](#)
São João Pied de Port, 36
Estocolmo, 41, 183
Stralsund, 87
Estrasburgo, 44
Stromboli, 86
St Thomas's. *Veja* [Mylapore](#)
Estige, Rio, 195
Suakin, 188
Celebes, 296–7
Sumatra, 7, 15, 233, 275, 290, 292, 293, 294
Suábia, 47, 53, 55
Alpes Suábios, 47
Suécia, 65, 183
Suíça, 168
Síria, 31, 73, 116, 130, 176, 186, 214, 280, 282, 307

Tabriz, 202, 208–12, 259, 261, 262
Taidu. *Veja* [Khanbaliq](#)
Takashima, 265
Tana, XIV, 3, 67, 199, 204, 207, 208, 243–4, 260
Tânger, 217, 299
Taprobane. *Veja* [Sri Lanka](#)
Tarso, 281
Tashkent, 194
Tatário, 195, 199, 206, 217, 245, 254, 259, 289 *n*, 305
Teerã, 195
Tel Arqa, 135
Tenduque, 259
Tenerife, 184
Thane, 224–5
Thule, 296, 297
Tigre, Rio, 185
Toledo, xiv
Trabzon. *Veja* [Trebizonda](#)
Trebizonda, 195
Trípoli, 235
Trogir, 246
Tróia, 63
Troyes, 278
Turquestão, 280
Turquia, 122, 123, 194–5, 197, 202, 204, 271, 279, 282
Toscana, 198, 309
Tver, 228, 231, 310

Pneu, 239
Tzigania, 98

Údine, 302
Ujong Medini, 296
Ujong Pandang, 297
Ucrânia, 247
Ulm, xi, 47, 49, 50–1, 52, 53, 56, 151, 162, 300–1, 307
Ultima Thule. *Veja* [Thule](#)
Ulyungur, Lago, 247
Urfa, 199
Üsküdar. *Veja* [Escutari](#)
Uttar Pradesh, 223
Uzbequistão, 202

Valência, 308
Valenciennes, 308
Passo Vardenyats, 202
Vaticano, 78, 79, 190
Veneza, xv, 3, 15, 36, 47, 54, 59, 62–77, 65, 84, 85, 88, 89, 90, 94, 116, 124, 190, 247, 255, 278, 279, 306, 307, 309, 310, 311
Ventoux, Monte, 35
Viena, 41
Vietname. *Veja* [Champa](#)
Antigo Castelo, 115
Vijayanagar, 237
Vilach, 41 anos
Vinlândia, 297
Vipiteno, 59
Volga, Rio, 199, 228, 248, 260

País de Gales, 49–50, 296
Walsingham, 12, 20
Weiden, 37
Oceano Ocidental. *Veja* [Oceano Pacífico](#)
Westminster, 174–5
Wilsnack, 12
Windsor, 183
Wrocław, 246

Xanadu, 254
Xingzai. *Veja* [Hangzhou](#)

Yangchow. *Veja* [Yangzhou](#)
Yangtze, rio, 261
Yangzhou, 260–2
Yarmouth, 54
Yazd, 242
Iorque, 20, 28, 245–6
Yumurtalik. *Veja* [Ayas](#)

Zadar, 84, 91–2, 120
Zanzibar, xiv
Zayton, 253, 263
Jitomir, 206
Zierikzee, 54
São, Monte, 133, 160, 162, 164, 305
Zonchio. *Veja* [Pilos](#)

Índice Geral

Os números de página listados correspondem à edição impressa deste livro. Você pode usar a função de busca do seu dispositivo para localizar termos específicos no texto.

Viagem de Aachen , 37–43
Abaqa Khan, 282
Adão (personagem bíblico), 9
Adão de Bremen, 297, 305
Adornes, Anselmo, 96–7, 145, 305
Adorno, Jerônimo, 231–3, 236, 238
Era dos Descobrimentos, 298
Agostinho de Pavia, 211
Língua albanesa, 177–8
albergarie (casas de hospedagem), 70
Albuquerque, Duque de Goa, Afonso de, 238
álcool, 1, 72, 191, 206–7
 bordéis e, 69
 embriaguez e, 29, 59, 69, 141, 144, 180–1, 251, 268
 guias e, 29
 pousadas/tabernas e, 69
Mongóis e, 251
Muçulmanos e, 128, 141, 144, 251
Sultões otomanos e, 128
regulamentação de, 69
viagens marítimas e, 88, 108, 111
Alexandre, o Grande, 212–13, 216–17, 239, 240, 289–90
Califado Almóada, 183
al-Mu'tamid, Rei, 183
Amalrico Lusignan de Tiro, 279–80
Américas, descoberta de, 2
André de Perugia, 253
Anônimo (franciscano espanhol), 182–6, 189, 217, 305
Inglês anônimo de 1344–5, 144, 160, 305
Antártida (Estrela Polar Sul), 8
Antônio Abade, 262
antisemitismo, 218
Antônio de Cremona, 146, 305
Apolônia, 20
Árabe, 47 *n* , 67 *n* , 69 *n* , 136, 141, 149, 155, 214, 230, 231
 palavras para viajantes, 178
Língua árabe, 178, 214, 231
Árabes, 7, 147, 184, 256
Arakhan, 263, 264
Arghun Khan, 282
Aristóteles, 7
Arnold de Lübeck, 214
astronomia, 7, 287
Atanásio, 94
Agostinho, 8

Bago, Senhor de, 232–3
banana, 149

Bárbaro, Giosafat, 204–8, 210–11, 216, 281, 305
 pano *de barchent*, 47
 Batista de Ímola, 187–9, 305
 Batu Khan, 247–8
 Baybars, Sultão, 136
 Bayezid II, Sultão, 272
 Becket, São Tomás, 28
 Beda, 124
 Behaim, Elsbeth, 5
 Behaim, Joanna, 3
 Behaim, Madalena, 5
 Behaim, Martin, 1–16, 180, 186
 Família Behaim, 3
 Globo de Behaim, 1–16, 10, 180, 186, 262, 269, 290, 291
 Benedito da Polônia, 246–7, 248, 252, 253, 259, 305–6
 Benjamin de Tudela, 121, 306
 Berberes Almóadas, 183
 Berberes, 183
 Berlinghieri, Francisco, 272
 Bernardino, 208
 Bertrandon de la Broquière, 116, 120–8
 Beverley, São João de, 28
 Bíblia, 9, 44, 70, 80, 102, 103, 120, 124, 130, 132, 137, 140, 144, 145, 147, 150, 151, 152, 152–3, 158, 160, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 181, 185, 186, 202, 212, 216, 217, 218, 283, 285, 289–90
 cartas de salvo-conduto (*guidaticum* , ou cartas patentes), 68
 Bispo, Elizabeth, 'Questões de Viagem', xiii–xiv
 Mago Negro, 182
 barcos, xi, xiii, 12, 15, 30–2, 36, 43, 46, 47, 53, 62, 66, 67, 84–111, 85, 85–90, 92–4, 99, 103, 106, 107, 108–9, 131–4, 139, 184, 208, 228, 263, 264, 277, 278, 287, 295, 296, 298
bolletta del passaggio (documento multifuncional), 68
bolletta di sanità (atestado de saúde), 68
 Mapa mundial de Borgia, 212
 Botton, Alain de, xiii
 Boucher, Guilherme, 249
 Fonte de Boucher, 249–50
 Brabante, Duque de, 37
 Bracciolini, Poggio, 225, 227
 Brâmanes, 237, 239–42
 Branborken, senhor Jan, 160
 Brancalone, Nicolò, 189
 Brasca, Santo, 27, 159, 306
 Brendan, Rua, 14, 212
 Brewyn, William, 306
 Breydenbach, Bernhard von, 51, 144–5, 146, 147, 148–9, 150–4, 162, 164, 306
O Jardim da Saúde (*Gart der Gesundheit*), 149
Peregrinatio in Terram Sanctam (*Peregrinação à Terra Santa*), 145, 305
 Broquière, Bertrandon de la, 115–18, 119, 134, 163, 186–7, 269, 306
 bordéis, 59, 69, 74
 Brygg, Thomas, 145, 164, 306
 Budismo, 232, 234, 254, 260, 262
 Buondelmonti, Cristoforo, 114, 123, 306
 Burchard do Monte Sião, 136, 164, 169, 175, 306
 viajantes de negócios, 197–218
 viajantes de negócios, dicas para, 243–4

 Cadamosto, Alvise, 297–8, 306
 Caffa, Azar de, 106
 Caldwell, Geoffrey, 72, 306
 Cambio, Arnolfo di, 78
 camelo, 129, 139, 140, 152, 157–60, 176, 181, 184, 188, 201, 204, 273

Caminho Francês, 36
Canneto, Paolo de, 189
canibalismo, 228, 263, 293–394
Capgrave, John, 78, 306
Capodilista, Gabriele, 164, 306
caravana, 139, 228, 235
caravançarai, 200–6, 209–13, 262
caravelas, 298
Carmer, Bernardo, 117
Catarina de Alexandria, St, 103–4, 129, 145, 146, 147, 261
gatos, 12, 30, 94, 104, 202, 211, 224, 225, 229
cattaveri, 68
Carlos Magno, imperador, 38, 41
Carlos V, Sacro Imperador Romano, 285
encantos e prognósticos para viajantes cristãos, 33–4, 46, 47
Chaucer, Geoffrey, 239
Chekre, príncipe, 194
Crisógono, St, 91
Cícero, 'Sonho de Cipião', 8
circum-navegação, global, 292
Clavijo, Ruy González de, 86, 195, 209–10, 307
Clemente V, Papa, 279
zonas climáticas, 7
Códice Calixtino, xii
Cog Anne, 88 anos
Cogio, Antonio, 106
cunhagem, 17, 21, 22, 29, 33, 94, 126, 135, 198, 226, 229–30, 235, 273, 284
Colombo, Cristóvão, 16, 212
Commines, Philip de, 66, 307
Constança, Concílio de, 55–8
Constantino, imperador, 121, 164
Constantino Porfirogênito, Imperador, 121
Constantino XI Dragases Paleólogo, 270
Contarini, Ambrósio, 204, 206–8, 211–13, 307
Conti, Nicolò, 65, 223, 225–8, 237–8, 307
Correia, Gaspar, 226
Cosmas, St, 94, 172
custos, viajantes, 57–8, 129, 157
búzios, 234–5
criaturas, monstruosas, 219–20
Cruz do Bom Ladrão, 104
Cruzada de Nicópolis, 115
Cucharmois, Jean de, 98, 307
Moedas, 12, 17, 29, 129, 129 *n*, 198, 234, 235; *ver também* [cunhagem](#)
moeda, 17–18
taxas alfandegárias, 201

Damian, St, 94, 172
Dane, irmão Thomas, 25–32
d'Anglure, Ogier, 70, 167–8, 175, 310
Daniel de Kyiv, 104, 158, 307
David VI da Geórgia, 247
Dawit, Imperador, 190
calmaria total, 87–8
morte, 76, 88–9, 95
 execuções, 52, 56, 96, 97, 127, 262, 264, 265
 indulgências depois, 82
 Jerusalém como 'local de sepultamento para estrangeiros', 160
 peregrinação e, 89, 160
 durante a peste, 76

preparando a alma para, 104
 risco de, 86
sati, 237–8
 no mar, 88–9
 mar de, 295–6
 Derby, Henry Bolingbroke, Conde de (mais tarde Henrique IV), 23, 176, 278–9
 deserto, travessia, 155–6
 Dias, Bartolomeu, 16
 Diesbach, Wilhelm von, 145
 regras de alimentação e hospitalidade, China Mongol, 266–8
 cães, 4, 50, 60, 63, 64, 77, 94, 120, 147, 266, 301
 Doroteia de Montau, 38–9, 41, 42–3, 54, 307
 ducados, 17–18, 90, 94, 95, 129, 129 *n*, 133, 151, 164, 167, 176, 205, 232
 Dürer, Alberto, 37, 41, 307
 Dismas, 104

ecúmeno (comunidade do mundo habitado conhecido), 9, 182, 195, 291
 Eduardo I, Rei da Inglaterra, 284
 Egberto de Liège, *O Navio Bem Carregado*, 14
 elefantes, 187, 195, 211, 215, 219, 220, 221, 224, 227, 229, 257
 Embrico de Mainz, *Vida de Maomé*, 141
 Eptingen, Hans Bernhard von, 96, 307
 equador, 7, 185, 222, 289
 pedágios de escolta, 37
 Eskender ou Kwestantinos II, imperador, 188
 execuções, 52, 56, 96, 97, 127, 262, 264, 265, 267

 Fabri, Felix, 50–3, 59, 62–3, 67, 69, 77, 88–9, 104, 105, 139, 139–40, 145, 146, 146–7, 162–3, 164, 166, 167, 169, 300–2, 307
 Fã Wenhui, 263
 Faucon, Nicholas, 37, 280
 Fillastre, Guilherme, 8
 Primeira Cruzada (1096–99), 11, 118
 Fitzsimon, Simão, 63–4, 71
 Fitzsimons, Simon, 152
 'voar sobre a grama' (gato de Hormuz), 277
fondaco (complexo polivalente de comércio e hotelaria), 36, 69, 69 *n*, 70, 200, 205, 253
 comida, 252, 260
 Bertrandon em, 116, 126
 bordéis e, 69
 caravançarai e, 201, 205
 na China, viagens e, 254, 265–7
 custo de, 57–8, 129
 Concílio de Constança e, 57–8
 na Etiópia, viagens e, 182
 Henry Bolingbroke, Conde de Derby e, 23
 em Ormuz, viagens e, 223
 na Índia, viagens e, 225, 228, 229, 230
 em Java, viagens e, 294
 Jerusalém, viagem em e, 134, 136, 159, 163
 Nikitin e, 229–30
 envenenamento, xi
 preço de, 57–8
 viagens marítimas e, 72–3, 96
 na Rota da Seda, 206–7
 Fonte da Juventude, xii, 43, 252, 285–6
 Ordem Franciscana, 160, 163, 170–1, 187–8, 189, 217, 222, 244–5, 247, 253, 259, 260, 261, 290
 Francisco de Assis, St, 170, 302
 Frederico Barbarossa, imperador, 41–2
 Froissart, Jean, *O belo arbusto da juventude*, 286

Fuchs, Ludwig, 52-3, 301
funduq (pousada), 94, 139
furatole (cabines informais), 69
fustões, 4 7

galiotas (remadores de galé), 92
Gama, Vasco da, 226, 307
jardins, 52, 60, 66, 73, 75, 142, 147-9, 172, 208, 210, 212, 213-15, 223-4, 258, 284, 285
Gênesis, Livro de, 9, 120, 152, 185
Gengis Khan, 259, 265-6, 280
Geoffrey de Villeharouin, 112
Godofredo de Vinsauf, 201
geografia, 7-8, 16, 160, 180, 184, 218, 255, 274, 280, 287-9
Jorge, Rua, 70, 91, 133
Ghazan, Mahmud, 209
Ghistele, João de, 215, 307
Gilberto, o inglês, 87
Giotto, 79
João de Montecorvino, 253, 259-60, 307
João do Plano Carpini, 245-9, 250, 251-2, 253, 259, 260, 308
 História dos mongóis, 245-6
Giudotto, 302
Glockenthon, Jorge, 10
Horda Dourada, 247-8, 247 *n*
González Telmo, São Pedro, 86
Língua grega, 8 *n*, 69 *n*, 78, 96, 116-17, 131, 160, 180, 214, 236, 259, 270
 para viajantes, 177
Gregório de Tours, 124
Grünemberg, Konrad, 71, 72, 90, 91-2, 94, 98, 134-5, 140-3, 308
Gucci, Jorge, 153, 308
Guglielmo de Solagna, 302
guia, 68
guias, xi, xii, xii-xiii, xiii, 28-9, 31-2, 50, 72, 81, 98, 116, 136, 160, 170-1, 176, 197-9, 212, 218, 241-2, 250, 253, 265, 274-8, 284; veja também *o nome do guia individual*
guias, 63, 78, 116, 117, 122, 123, 145, 146, 147, 163, 170-1, 174, 222, 255, 287
 indulgências disponíveis em Roma, 82-3
 frases para viajantes, 177-8
 escrito, 28-9
Gumpfenberg, George von, 51, 308
Guyllforde, Sir Richard, 66, 98-9, 134, 160, 308
Guyuk, Khan, 246, 248-50, 251, 252

Habsberg, Dietpolt von, 160
al-Hakim, Califa, 164-5
Hanse, 36
Harff, Arnold von, 98, 139, 153
Helena, St, 104, 169
Henrique o Navegador, Príncipe, 298
Henry (noivo), 19, 20, 21, 77
Henrique III, Rei de Castela, 174-5, 209
Henrique IV, Rei da Inglaterra. *Veja* [Derby. Henry Bolingbroke. Conde de](#)
Henrique Turk, 278-9
Henrique V, Rei da Inglaterra, 176
Heráclio, imperador, 122-4
Herderviga, 168
Hereford, Arquidiácono de, 25
Mapa mundial de Hereford, 295
eremitas, 35
Palácio de Herodes, 161
Het'um, Rei da Armênia, 279-80, 308

A Flor das Histórias do Oriente, 280–2
 Het'um II, Rei da Armênia, 279
 Hinduísmo, 232, 237
 hipopótamo, 225
História dos mongóis, 245, 246
 Sacro Império Romano, 36, 41–2, 47, 49
 Holzschuher, Jorge, 10, 11
 regresso a casa, 296, 299–303
 Homero, 180
 madressilva, seca ao sol, defumada, 182
 'horizonte', 131–2, 131–2 *n*
hortus conclusus (jardim murado), 75, 149
 hospícios, 69
 hospitalidade, 266–8
 albergues, 205
 Hülegü, 213
 Hunos, 45
Huon de Bordéus, 285–6
 Hus, janeiro, 56

Ibn Batuta, 217, 234, 235, 290, 299, 308
 Ibn Jubayr, 136, 308
 Ilioni, Antonio, 261–2
 Ilioni, Caterina, 261, 262
 Ilioni, Domenico, 261–2
 Pousada indiana (*dharmasala*, *sarai* ou *sattra*), 229
 indulgência ou perdão, 78, 82–3, 157, 162
 Inocêncio IV, Papa, 246
 pousadas, 49–50, 69, 94, 229–30, 253
 Isidoro de Sevilha, 84
 Iskander, Rajá, 289–90
 Islã, 56, 137–8, 140–2, 150, 151, 161, 163, 170, 174, 208, 210, 228, 230, 234, 270
 al-Istakhri, Abu Ishaq, 271

Jacopo de Verona, 137, 308
 Jaime II de Aragão e Valência, 283
 Santiago de Compostela, St, 89
 James da Irlanda, 222
 Janszoon, Willem, 290
 Jesus, 9, 21, 26, 33, 34, 38, 41, 44, 53, 54, 70, 90, 104, 119, 120, 125, 131, 140, 143, 148, 157, 160, 162, 163, 164, 167, 170, 172–6, 182, 284
 Judeus, 74, 85, 97, 98, 103, 114, 116, 117, 121, 136, 150, 158, 161, 162, 164, 173, 217–18, 226
 Joan (empregada doméstica), 19, 20, 21, 77
 João II, Rei de Portugal, 1
 João I, Duque da Borgonha ('*Jean sans peur*' , 'João destemido'), 116
 João II Comneno, imperador, 119, 127
 João da Calábria, 187
 João de Gaddesden, *A Rosa da Medicina* , 191–3
 João de Holywood (Sacrobosco), *Tractatus de Sphaera* (*Tratado sobre a Esfera*), 7, 8
 João Batista, 41, 70, 91, 283
 João VIII Paleólogo, 118
 João XXIII, antipapa, 57, 58–9
 Jordânia de Sévérac, 224, 237, 253, 308
 José (personagem bíblico), 152–3
 Jubileu, Romano, 22, 77
 Junnar, Khan, 229
 Justiniano, imperador, 119, 123

Kayqubad I, sultão, 202
 Kempe, Margery, 54–7, 67, 87, 159, 308–9

Livro de Margery Kempe, 54, 309
 Khadija, Rainha das Maldivas, 234
 Cavaleiros Hospitalários, 89, 99–100, 136, 137, 163
 Cavaleiros Templários, 136, 161
kontore (complexo multiuso para comércio e hospitalidade), 36
 Kublai Khan, 200, 255, 256–9, 261, 263
kumiss (complexo multiuso para comércio e hospitalidade), 250, 254, 266

La Maière de langage, 60–1
 línguas, 4, 12–13, 63, 92, 103, 116, 119, 130, 131, 136, 152, 157, 198, 200, 206, 207 *n*, 211, 214, 217, 218, 231, 255, 259, 262, 274, 287, 302
 frases para viajantes, 177–8
 Lannoy, Guilherme de, 139, 176, 309
 Larke, Thomas, 66, 67, 134, 160, 166–7
 Lászai, János, 51
 Rua Lawrence, 120, 238
lazzaretti (ilhas de quarentena), 74, 75, 76
 Leardo, Giovanni, 212
 Leão, St, 94, 95
 León, Juan Ponce de, 285
 Leão III, Rei, 279
 leopardos, 121, 191, 277
 lepra, 199
 Le Saige, Jacques, 89, 309
 cartas de troca, 200
 cartas de apresentação, 200, 210, 248
 cartas de salvo-condutos, 200, 248
 cartas patentes, 68
 Levon V, Rei da Pequena Armênia, 282
locande (pousadas), 69
locus amoenus ('lugar agradável' idealizado de recreação e edificação), 149
 estrela-guia ou estrela polar, 8
 propriedade perdida, 47
 Luís II, Duque de Brzeg, 57
 Luís IX, Rei da França, 120
 Louve, senhor Nicole, 108–11
 Ludolfo de Suchem, 105, 106–7, 114–15, 161, 168, 309
 bagagem, 12, 20, 24, 26, 27, 57, 80, 146, 176, 228, 278
 Lucas, St, 126
 Dinastia Lusignan, 105
 Leão de Lusignan, 102
 Lusignan de Tiro, Amalric, 279–80
 Luttrell, senhor Andrew, 19–20
 Luttrell, Dama Beatriz, 19, 20–2, 25, 26–7, 77, 78, 79, 80–1
 Luttrell, Senhor Geoffrey, 20

 Machaut, Guilherme de, 87
 Macróbio, 7, 8
 Madalena, Maria, 91
 Madalena de Marselha, 8 9
 Pessoas mágicas, 294
 Ma Huan, *Um relato das ilhas e seus bárbaros*, 274–8, 309
de maidan, 36, 211
 Maimônides, Moisés, 136
 Mainer, Messer Giovan Jacobo, 235
*Anais Malaio*s, 289–90
 Mamelucos, 99, 104–6, 129, 130, 132, 133–40, 144, 150, 152, 153, 157, 161, 170, 176, 279, 281, 282, 284
 Mandeville, Sir John, *Livro de maravilhas e viagens*, 4–5, 8, 15, 120, 121, 123–4, 130–1, 132, 138, 152–3, 174, 180–1, 209, 212, 215, 217–18, 222, 223, 236–40, 258–9, 286, 291, 295, 299–300, 309
 Mansour, Antonio, 106

mapas mundi (mapas do mundo), xi, 290, 295
 Maria (Maria Megale Komnene), imperatriz, 120, 127
 Marignoli, Giovanni de', 309
 Marignolli, Giovanni de', 240–2, 253, 260
 Marino Sanudo, o Velho, 65
 mercados, 3, 64, 66, 71–2, 73, 74, 92, 94, 112, 126, 139, 151, 152, 159, 161, 162, 171, 191, 194, 197, 198, 199, 200, 209, 210, 211, 223, 225, 228, 265, 266, 276, 293
 São Marcos Evangelista, St, 64, 91
 Martoni, Nicola de, 86, 309
 al-Marwazi, Sharaf al-Zaman, 120
 Maria, Virgem, 6, 38, 43, 53, 70, 89, 92, 119, 125, 126, 143, 144, 145, 147–8, 284
 Maryam, Takla, imperador, 186
 Mauro, Fra, 180, 182, 295, 309
 aconselhamento médico para viajantes, 191–3
 remédios médicos, 159, 191–3, 294
 Medici, Jacopo de, 17
 Mehmed II, Imperador, 128, 269–71, 272
 comerciantes, 235, 241, 249, 287
 na África, 184
 Globo de Behaim e, 1–4, 10
 na China, 255, 261–2
 em Constantinopla, 116–17, 126, 127
 em Famagusta, 105
 na Índia, 229, 231–3
 em Modon, 93
 em Roma, 77
 em centeio, 30
 na Rota da Seda, 197–218, 247
 em Veneza, 65, 68, 74, 77
 Mergenthal, Hans von, 85, 309
 sereias e sereias, 30, 103
 Mesulão de Volterra, 97, 134, 139, 154–5, 162, 309
 migração, xii, 114, 119
 Mikhail, Grão-Príncipe de Tver, 228
 Dinastia Ming, 254, 273, 278
 Miran Shah, imperador, 210
Espelho do Mundo, 291–2
 Mongke Khan, 251
 Mongóis, 199, 200, 206, 208, 209, 213, 244–67, 279, 280, 281, 282; *ver também* [Tártaros](#)
 macacos, 224, 277
 ventos de monção, 233
 Moisés (personagem bíblico), 70, 140, 144, 145, 147, 151
 mosquitos, 224
 Maomé, profeta, 140, 141
 Murad II, sultão otomano, 128

 Nahmanides, Moisés, 136
 'novos' lugares, descoberta de, 287
 Nicolau IV, Papa, 284
 Nicolau de Bari, St, 89
 Nicodemos, Irmão, 147
 Nikitin, Afanasiy, 228–31, 236, 310
 Noé (personagem bíblico), 9, 102, 132

 Odorico de Pordenone, 65, 222, 224, 237, 253, 258, 261, 290, 292–6, 302–3, 310
 Velho da Montanha, 213–16
ordo peregrinationis (itinerário dos locais sagrados), 170
 Oshin, Senhor de Corycus, 281
ospedali (refúgios ou enfermarias), 68–9
ospizi (hospícios para peregrinos), 69

Império Otomano, 11, 92, 95, 97, 99–101, 115–16, 128, 194, 235, 270, 271, 272
Ovídio, Epístolas, 253

embalagem, 12, 19, 26, 27, 53

padrone (padroeiro do navio), 85

paiza ('passaporte'), 282

Paleólogo, Thomas, 121

panfilo (galera de dois mastros), 184

'maçãs do paraíso', 149

passaportes, 68, 200, 282

Paston, João, 279

Paulo, St, 80, 202

corpo de, 78–9

Pegolotti, Francesco Balducci, *Pratica della mercatura*, 197–9, 201–3, 310

penitência, 39

Peregrino, Bispo de Zaytun, 253

Perumpadappu Swaroopam, 226

Pedro, St, 80

Pedro I, Rei de Chipre e Jerusalém, 87

Petrarca, 35

Pfister, Fida, 56

Filipe II ('o Ousado'), Duque da Borgonha, 115–16, 117

Filipe III ('o Bom'), Duque da Borgonha, 115–16, 128

Filipe IV ('o Belo'), Rei da França, 283

frases para viajantes, 177–8

Piccolomini, Enéias Sylvius, 106

Pedro de Nápoles, 186–7, 189

Peregrinação, xi, 10, 31–2, 99, 175–6; veja também *destino de peregrinação individual nome*

Viagem de Aachen, 38–43

distintivo, peregrino, 20, 23, 42, 44, 46–7, 48, 68, 79, 103

Globo de Behaim e, 10

benção de, 78

comércio e, 157

em Constantinopla, 125

custos de, 129

através de Chipre, 102–5

morte e, 89, 160

definido, 11–13

surgimento de, 11

Fabri em, 50–2

Franciscanos e, 170–1

guias para, xi, xii–xiii, 63

curando a alma e, 26

imagens sagradas e, 20

na Terra Santa, 129, 131–3, 140–7, 149, 157–76

hospícios e, 69

hospitais e, 75, 89, 100

indulgências e, 82–3

para Jerusalém, 97, 99, 157–66

Kempe em diante, 54–7

turismo de massa e, 12

para Meca, 274

através de Modon, 95–6

ospizi (hospícios para peregrinos), 69

penitência como motivação para, 39

permissão para viajar, 22, 27–8, 54, 81, 129

praga e, 76–7

Restrições protestantes contra, 11

reliquias e. *Veja* [reliquias](#)

para Roma, 20–8, 77–81

Romweg (rota para Roma para peregrinos alemães), 10
 rotas, xiv, 10, 12, 36, 38–43, 46, 48, 54, 81, 112–28, 157–76, 297
 roteiro e, 22–3
 viagens marítimas e, 101–2
 autopunição e auto-reforma como ato de, 39, 43
 lembranças, 42, 46–7, 48, 122, 168, 169, 175, 176, 278, 300
 equipe ('bourdon'), 22–3
 turismo e, 12, 35–6, 57–8, 67–8, 98, 169, 176, 269, 284
 através de Veneza, 62–77, 84–5
 vigília e, 165–6
 torna-se uma viagem de curiosidade e exploração, xiv, 4
 no oeste, 278, 279, 281, 282, 284
 Pipo, Senhor de Ozora, 57
 piratas, 29, 99, 106, 241
 praga, 68, 73–7, 79, 299
 Plínio, 15
 Poggibonsi, Niccolò da, 62
 Estrela Polar, 8, 291, 292
 Polo, Maffeo, 255
 Polo, Marco, 15, 65, 180, 200, 208–9, 213, 221–2, 234–5, 253, 255–67, 290, 296, 310
 A Descrição do Mundo, 255
 Polo, Niccolò, 255
 Poloner, Johannes, 137–8, 173, 310
portolano, 15
 Preste João, Rei, 176, 182, 185–7, 188, 189, 190, 298
 prostituição, 57, 59, 74, 106–7, 229–30, 258
 Ptolomeu, Cláudio, 7, 15, 180
 Geográfica, 272

 Querini, Pietro, 65
 Alcorão, 140

 passas de Corinto (groselhas), 93
 ratos, 85, 88, 159
 'Judeus Vermelhos', 21 7
 relíquias, 91, 238
 em Aachen, 41, 42
 na Igreja dos Santos Apóstolos, 125
 em Colônia, 44–5
 em Constantinopla, 119–20, 122, 125
 em Chipre, 103
 Reforma Inglesa e, 300
 do dente de Golias, 70
 pegada sagrada, 174–5
 na Terra Santa, 133–4, 145, 147
 de Jesus, 80, 165, 174
 em Modon, 94, 96
 em Roma, 79–81, 83
 Santiago de Compostela e, xii
 de Santa Catarina, 145, 147
 'Prisão de Santa Catarina' (Túmulo de Santa Catarina), 103
 'Pedra da Unção', 125
 em Veneza, 70
 da Virgem Maria, 119
 Reuwich, Erhard, *Peregrinatio ad Terram Sanctam* (*Peregrinação à Terra Santa*), 145
 Ricardo II, Rei, 23
 Ricardo de Lincoln, 175, 310
 Richartingen, Leinhart, 194
 Richental, Ulrich von, 57
 Robert, irmão, 21

Roberto de Clari, 122–3, 125, 310
 Roberto de Ketton, 140
 Roch, St (Rocco), 76–7
Romweg (rota para Roma para peregrinos alemães), 10
 Podridão, Peter, 96, 310
 grosseria, 98, 137, 142
 Rustichello de Pisa, 255

Sabbah, Hassan Ibn, 213
 Saladino, 138–9, 150, 163, 214
 Samuel, profeta, 158
 Sanseverino, Roberto da, 88, 96, 310–11
sati (prática hindu de autoimolação da viúva na pira funerária do marido), 237–8
 Sauma, Rabban Bar, 282–3, 284, 311
 escasso, 29
 Schasek, Wenzel (Václav Šašek), 70
 Schiltberger, Johann, 194–5, 196–7, 311
 Schlafonia (Eslavônia), 90
 Schlitberger, Johann, 124
 ciápodes, 180, 181
 Escocês, 30–1
 roteiro, 22–3
 Scrope, Senhor, 20
 Portão do Mar de São Marcos, 94
 enjoo, 26, 86–7
 viagem marítima, xi, xiii, 12, 15, 30–2, 36, 43, 46, 47, 53, 62, 66, 67, 85–90, 92–4, 99, 106, 108–11, 131–4, 139, 184, 208, 228, 260, 263, 264, 277, 278, 287, 289, 292, 295, 296, 298
 calmaria total e, 88
 comida e, 72–3, 96
 enjoo, 26, 86–7
 autorreflexão, xiii
 autotransformação, 230–1
 Sempad, Condestável da Armênia, Príncipe, 247
 Sevenoke, Prior John, 26
 turismo sexual, 230
 'Shardalo' ('Charles le deux', Carlos II, Rei de Nápoles), 283
 Sabá, Rainha de, 181, 186
 Shirin, 251
 compras, 71–2, 73
Signori di Notte (Nightwatchmen ou 'Senhores da Noite'), 69, 207
 Sigoli, Simone, 86, 153, 311
 rotas da seda, 194–218, 208, 235, 247, 262, 282
 Simeão, St, 90–1
 Simão, o Leproso, 175
 Simão, o curtidor, 133
 Simbad, o Marinheiro, 293–4
 Sisto IV, Papa, 190
 escravidão, 64, 67, 105, 151, 207–8, 207 *n*, 249, 278, 297
 cobras, 104, 121, 135, 137, 152, 187, 194–5, 219, 224, 225, 236
 Sodoma e Gomorra, 102, 120, 176
 sodomia, 293
 Solms, Johann zu, 145
 Salomão, Rei, 181, 186
sopracomito (capitão), 85
 lembranças, 11, 42, 46, 121, 122, 168, 169, 175, 176, 278, 300, 303
 comércio de especiarias, 1, 3, 15, 16, 31, 50, 58, 73, 74, 93, 136, 137, 159, 181, 195, 197, 198, 201, 221, 224–6, 233, 262, 290
Sposalizio del Mare ('Casamento do Mar'), 66
 esquilos, 256
 equipe ('bourdon'), 22–3

stahlhöfe (complexo multiuso para comércio e hospitalidade), 36
 Museu Arqueológico do Estado, 53–4
 Estações da Via Sacra, 170, 171–2
 Stefaneschi, cardeal Giacomo Gaetani, 80 anos
 Stefano, Jerônimo di Santo, 231–6, 238
 Stein, Apolinário von, 52
 Stein, Georg von, 52
 Incêndio de Santo Elmo, 86
 tempestade ou temporal, 31, 86, 87, 90, 109, 228, 263, 264, 265, 300
 Estrabão, 15, 212–13
 Suriano, Francesco, *Tratado da Terra Santa*, 187, 311
 Swynburne, Thomas, 145, 311

Mapa 'T & O', 9
 Tabita, 133
 Tafur, Pero, 67, 73–4, 132–3, 134, 225, 227–8, 311
 Tártaros, 3, 67, 141, 195, 204, 206, 207, 217, 245–6, 254, 265, 280, 282
 tabernas, 50, 69, 106, 136
 impostos, 199
 Telmo, São Pedro González, 86
 Temür Khan, 259, 260
terra incógnita, 8
terra nula, 265
 Tetzl, Gabriel, 297, 311
 roubo, 27, 29, 69, 267
 Teodoro, St, 64
 Teodósio, imperador, 123
 Termo de Tana, 208
tholomarii (espécie de posto de turismo), 67, 68, 69
 Thomacellis, Giovanni de, 187
 Tomás de Kent, *Roman de toute chevalerie*, 240
 ondas gigantes, 102
 Timur ('Tamberlaine'), 209, 210
 pedágios, 37, 68
torneselli (moeda), 94
 zona tórrida, 7–8, 9, 180, 221–2, 289
 turismo, 12, 35–6, 67–8, 169, 176, 284

- juízo e, 98
 - ganhando dinheiro com, 57–8
 - vendo e, 35, 117, 123, 153, 159, 190, 230, 237
 - turismo sexual, 230
 - olhar turístico e 'eu', 269

Tournai, Jean de, 71, 308
 torneios, 127–8
 Torre de Davi, 161, 162
 Torre de Londres, 278
 comércio, 1, 3, 15, 16, 31, 50, 58, 73, 74, 93, 112, 136, 137, 159, 181, 182, 195, 197–218, 221, 224–6, 229, 231–3, 253, 262, 290

- comerciantes. *Vea [comerciantes](#)*
- rotas, 36, 194–218, 228, 235, 247, 262, 273, 282

tradutores, 157, 274
 viagem, 287

- sozinho, 54–5, 68
- antecipação e, 26, 27
- barreiras para, 35
- funções corporais e, 72
- ampliação da mente e, 296
- certificação e, 68
- formação de comunidade e, 55
- cosmopolitismo de, 30–1

custos de, 57–8, 129
como fenômeno cultural, xii
cultura de, xiv
definindo, 11–13
definição de, 11–13
como fuga da banalidade, 231
expectativas para, 27–8
estrangeirice e, 135
olhar e, 284
guias. *Véja guias*
pontos de viragem históricos em, 11–12
Jesus Cristo como protótipo de, 173–4
condições locais intervenientes, 188–9
aconselhamento médico para viajantes, 191–3
história medieval de, 11
motivação para, 112
narrativas de. *Véja guias*
redes de hospitalidade, 36
embalagem, 12, 19, 26, 27–8, 53
passividade e, 131
penitência como motivação para, 39
permissão para, 22, 27–8, 54, 81, 129
pontos de partida, 19–32
poder e, 15
preparativos para, 21–8
disposições e, 134
como representação de uma busca, 12–13
rotas, xiv, 10, 12, 36, 38–43, 46, 48, 54, 81, 112–28, 157–76, 297
por mar, 84–111
servidão e, 208
como excedente às exigências religiosas, 175–6
culturas de viagem, 218
sabedoria dos viajantes, 86
companheiros de viagem, 54–5, 56–7, 211
Desejo de viajar e, 35
mulheres. *Véja mulheres*
Guia de viagem para o Oriente Médio, 311
fonte de árvore, 249
Tribo de Judá, 130
Tribo de Naftali, 130
homenagens, 92, 129, 218, 248, 254, 273, 277
Tristão, Nuno, 297–8
Língua turca, 178, 200, 202, 231, 270
Tuzhisar Sultanhan, 202

Úrsula, St, 44–5, 47
Uzun Hassan, Xá, 204

Vahari, 227
cordeiros vegetais, 289, 289n
Verônica, St, 80, 172
vigília, 165–6
Vijayanagar (Hampi), Rei de, 237
Vicente, frade, 216
'Árvore da Virgem', 147–8
visibilia (lugares e símbolos visíveis, muitas vezes tangíveis, instalações que se referiam a milagres passados), 169
vista, 131, 158, 159, 173
Voisins, Philippe de, 98, 311

passeios a pé

- de Constantinopla, 112–128
- de Jerusalém, 157–76
- Walther de Gülingen, Paulo, 51, 97, 311
- wanderjahr* ('ano errante'), 3
- desejo de viajar*, 35
- 'viajante', xii
- clima, 7–8, 9, 16, 31, 86, 87, 90, 109, 180, 221–2, 224, 228, 233, 263, 264, 274, 300
- Tecelão, William, 56–7
- casamentos, 91, 127–8
- Wenhu, Ventilador, 265
- viajantes ocidentais e orientais visitam, 269–86
- Wey, William, 70, 71, 85, 100–1, 162, 300, 311–12
- Whitby, Prior John, 160
- Guilherme de Rubruck, 251, 253
- William de York, St, 20
- santuário de, 28
- rosa dos ventos, marinheiro medieval, xv
- vinho, 1, 21, 24, 31, 37, 50, 58, 67, 69, 72, 73, 75, 79, 88, 93, 96, 99, 106, 108, 111, 134, 139, 141, 144, 177, 189, 192, 197, 199, 207, 212, 215, 249, 251, 266, 267, 268, 275, 278
- mulheres
 - Bahmani, 229
 - na China, 258, 273
 - em Constantinopla, 128
 - na Dalmácia, 91–2
 - no Egito, 215
 - em Famagusta, 105–7
 - indulgências e, 83
 - no Japão, 264
 - em Jerusalém, 162
 - nas Maldivas, 234
 - em Modon, 97
 - freiras/conventos, 51, 75
 - permissão para viajar e, 54, 81
 - como peregrinos, 54–5, 133; veja também *mulheres específicas*
 - sati* (prática hindu de autoimolação da viúva na pira funerária do marido) e, 237–8
 - na Rota da Seda, 204, 210, 215
 - Tártaro, 195, 204, 245
 - viajando sozinho, 54–5
- Yahballaha III, Patriarca, 282
- Yaroslav, Grão-Duque de Vladimir Suzdal, 247
- Dinastia Yuan, 254
- Zacarias, St, 70
- Zheng He (Cheng Ho), 273–4, 278
- Zósima, o Diácono, 311–12

Mais elogios para *Um guia de viagem para a Idade Média*

“Uma combinação estimulante e erudita de aprendizado histórico e imaginação.... Uma jornada maravilhosa pelos mundos real e fantástico do final da Idade Média.”

—Elizabeth Boyle, autora de *Apetites Ferozes*

“Este livro infinitamente delicioso replica as promessas e prazeres de uma viagem real, quando esbarramos e perdemos de vista rostos familiares em lugares desconhecidos. Anthony Bale é um anfitrião hábil, sociável e sem julgamentos na estrada; ele usa seu profundo conhecimento de forma leve.”

—James Simpson, professor de inglês na Universidade de Harvard e autor de *Permanent Revolution*

“Vívido, emocionante e surpreendente, o mundo medieval de Anthony Bale é povoado por maravilhas e fantasias. A exploração de Bale é sempre informada por uma reflexão gentil e empática sobre o que significa ser um ser humano frágil em movimento por terras estranhas, tanto naquela época quanto agora.”

—John Arnold, professor de história medieval na Universidade de Cambridge e autor de *History: A Very Short Introduction*

Texto protegido por direitos autorais © 2023 por Anthony Bale
Ilustrações com direitos autorais © 2023 por Giles Herman
Primeira edição americana 2024

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2023 pela Viking, uma marca da Penguin Random House Books

Todos os direitos reservados

Para obter informações sobre permissão para reproduzir seleções deste livro, escreva para Permissions, WW Norton & Company, Inc., 500 Fifth Avenue, New York, NY 10110

Para obter informações sobre descontos especiais para compras em grandes quantidades, entre em contato com a WW Norton Special Sales em specialsales@wwnorton.com ou 800-233-4830

Design da capa: theBookDesigners

Arte da capa frontal: (sentido horário) Pictures from History / Bridgeman Images; © Giancarlo Costa / Bridgeman Images; Bridgeman Images; Mondadori Portfolio / Electa / Antonio Quattrone / Bridgeman Images; Bridgeman Images; PVDE / Bridgeman Images; Lebrecht History / Bridgeman Images; © Look and Learn / Bridgeman Images; © NPL - DeA Picture Library / Bridgeman Images; Tarker / Bridgeman Images; Pictures from History / Bridgeman Images; Bridgeman Images

Arte da lombada: © Fitzwilliam Museum / Bridgeman Images

Os dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso estão disponíveis

Número de série: 978-1-324-06457-2
ISBN 978-1-324-06458-9 (epub)

WW Norton & Company, Inc.
500 Quinta Avenida, Nova York, NY 10110
www.wwnorton.com

WW Norton & Company Ltda.
15 Carlisle Street, Londres W1D 3BS